POBRES CREANÇAS POLONAS

OS JAPONEZES E OS AUXILIOS QUE LHES PRESTARAM

Os bolschevistas levaram para a Siberia, em desterro inhospito, milhares de polonos, cujos filhos ficaram naquelle paiz quasi ao abandono. Famintas, doent's, semi núas as creanças de origem polona soffrêram alli torturas horrorosas. Uma commissão de salvamento organizada pelo governo polono, para repatriar esses infelizes innocentes, encontrou da parte da nobre nação japoneza um auxilio admiravel. E' o que os leitores saberão por este artigo.

As creanças polonas vindas da Siberia soccorridas pelos Japonezes.

Cada transporte de crianças vindo do Japão traz-nos mais noticias confirmando o excepcional cuidado com que os japonezes estão cercando as crianças polonas. E' difficil descrever tudo o que os japonezes estão fazendo para as infelizes crianças. Artigos que têm apparecido na imprensa dão a idéa, e muito fraca apenas, do enorme auxilio que o povo japonez já tem prestado e continúa a prestar á acção do salvamento dessas crianças. E' certo que, sem o auxilio japonez não seria possivel essa acção e nunca tantas crianças polonas teriam visto as praias americanas. Auxiliaram-nas não só no Japão, mas tambem na Siberia. Alli, na terra extranha, forneciam lhes automoveis e carros ferro-viarios para o seu transporte, sob a guarda de soldados japonezes, sem lembrarmos outros auxilios menores, mas igualmente importantes. E quando o Comité de Salvamento teve que se dirigir a Tokio pedindo auxilios maiores, no-

...amente se verificou ... nobreza ...ude dos japonezes.

Na Siberia, os militares ja... vendo com os proprios olhos ... graça e a tragica situação ... polona, agiam por affecto ... afflicção que essas lhes causav... na capital do Japão, longe da S... vio-se quão profunda foi a sympat... dos japonezes para com a Polonia ... quão illimitada é a sua compaixão par... com as crianças. Deram-lhes transp... gratuito de Vladivostok até ao Ja... a bordo dos navios de gue... em ... tiveram bôa e gratuita ...agem ... Cruz Vermelha Japoneza ... de ... prestar assistencia medica e ... dade de instituições de caridade e socie... dades beneficentes prestaram-lhes servi... ços innumeros, gastando nisto milhares de yens e tratando as crianças como si fossem japonezas legitimas.

Esse auxilio material, por mu... portante que fosse, entretanto, n... tudo o que fizeram em prol das crianças polonas, pois muito mais fizeram. E' simplesmente bello vêr esse povo, de raça completamente differente, essa nação que vive tão longe da Polon... nos confins de outro hemi...rio, ... trar tanta sympathia ... cordia... sentimentos para com as ...criancinhas aban... donadas. Com esse gesto ... conquistados para sempre os cor... de toda a humanidade, pois a cida... inteira de Tokio levava para as crianças: brinquedos, doces, gulodices e toda a especie de presentes. Todos visitavam-n'as: velhos, jovens e meninos japonezes, e cada um queria de qualquer maneira auxilial-as, cada um procurava fazel-as esquecer o inferno siberiano de onde haviam sido arrancadas; é preciso confessar que nessa atmosphera de sympathia, de cuidados e de bôa alimentação, ellas como que renasceram para a vida. Em dous mezes, de medrosas, andrajosas e emmagrecidas ficaram com ... faces não rosadas embora, mas ás vezes cheias, alegres e vivas. Para devidamente avaliar a attitude do... basta citar alguns exemplos: ... vezes crianças de pais abastad..., visitando a creançada abandonada, de... piam-se de melhores peças de roupa para vestil-as. Meninas tiravam de seus penteados pentes e fitas, meninos tiravam seus cintos e tudo entregavam a crianças polonas. Casos houve em que nem suas joias poupavam. Duas mocinhas de alta nobreza, de 15 ou 16 annos, vendo as de mesma idade lavar roupa quizeram auxilial-as, e como a administração do acampamento não queria permittir, retrucaram, dizendo que lavando a roupa as mocinhas polonas para ... para as demais crianças, ellas não ... diam ser privadas do direito de au... lial-as. E lavaram roupa juntamen... com ellas. Tendo, ademais, sabido que a lavagem da roupa se effectuava tres vezes por semana, vinham regularmente em dias de lavagem e ajudavam ness... tarefa as suas amiguinhas polonas.

Todos os japonezes, homens, mulheres e crianças, demonstravam ... passo as suas sympat... a sua cordialidade. Nada de admir... a criançada, não obstante te... a sua demora no Japão ...

...na sahida de Yo-... havia a bordo crianças japonezas ... choravam no ...ação se ti-...onados. ...stado pelos ja-...rovada sympa-...o polona, desper-...cimento e grat... ...ordial amizade

desejo de patentear esses sentimentos devidos com actos igual... e bellos, igualmente nobres. E ... igualmente não ha opportunidade pa... ...melhante acto, dia virá em que o... ...ozos, que são tambem uma naçã... ...erosa e por conseguinte reconhe... ...monstrará o seu agradecimento.

A Batalha de Grünvald

15 de Julho de 1410

Em 1225, Conrado, duque da Mazovia, premido pelos Prussianos e Lithuanos, introduziu nos confins do seu ducado, a Ordem Teutonica, na mesma epocha em que os Templarios eram expulsos do Oriente. A Ordem devia cuidar da conversão ao christianismo dos pagãos e defender das suas incursões as terras mazovianas; para tal fim, ella recebia todo o apoio e auxilio dos duques da Mazovia. E até 1270 a Ordem agiu, desempenhando a segunda parte da sua missão e augmentando sua força e poder.

os mais poderosos e os mais ricos em todo o nordeste da Europa, considerando a Polonia sua presa futura e deixando á Lithuania pagã a sua independencia e religião, para não perder a razão da propria existencia e para ter pretexto para os auxilios do Papa e da Europa christã.

Por isto o baptismo de Ladisláo, grão-duque da Lithuania e do seu povo, a elevação do mesmo Iagellão para o throno da Polonia, obrigaram a Ordem Teutonica a apressar sua acção tendente á conquista da Polonia. Optimos politicos, agindo de conformidade com as idéas da sua epocha, espalhavam por todo o Mundo que a conversão dos Lithuanios ao christianismo era apenas superficial e que o proprio Iagellão só esperava occasião opportuna para voltar ao paganismo, cujas praticas exercia em segredo. Como meio de propaganda, serviam-lhes as communidades religiosas masculinas e femininas, cujos membros, recrutados entre principes e na nobreza da Europa Central, apoiavam os Senhores da Prussia e os auxiliavam com dinheiro e tropas. Por outro lado, tentavam semeiar a discordia entre a Polonia e a Lithuania, aproveitando as ambições dos principes lithuanos da casa de Gedymin. D'este modo, durante os primeiros annos do seculo XV, a Ordem se apoderou da Samogitia, das regiões

Nos sessenta annos que se seguiram, a Ordem, aproveitando a precaria situação da Polonia, dilacerada por luctas intestinas entre os seus principes semi-independentes do grão duque de Cracovia, occupava-se mais em se apoderar das terras polonas do que em combater os infieis. Foi quando occupou a parte oriental da Pomerania Polona com Dansk e a região de Chelmno (Culm), as terras de Curavia, Dobrzyn e Michalow, installando-se, como dona do Baixo-Vistula, e pretendendo apossar-se da Posnania, no que foi impedida por Ladislão I, que conseguiu reunir de novo sob a sua auctoridade, a maior parte das terras polonas.

O meio seculo de 1330 até 1386 foi a epocha do maior poder e maior influencia da Ordem. Seus Grão-Mestres, estabelecidos em Mariemburg, no Nogat, um dos braços da emboccadura do Vistula, imperavam sobre o littoral do Baltico, desde o Oder até ao golpho da Finlandia, dominando os cursos inferiores do Vistula, do Niemen e do Dvina. Torn[illegible]ram-se, assim, principes secula[illegible]

de Dobriyn e da praça de Drerdenko se preparava á guerra decisiva com a Polonia, concluindo allianças para a sua partilha.

O perigo patente da invasão por parte da Ordem, fez com que a Lithuania se ligasse mais estreitamente á Polonia, e quando, em 1409, começou a guerra, os dous adversarios puzeram em campo forças então consideradas enormes: a Ordem Teutonica nada menos de 100.000 homens e pouco mais ós Polacos e Lithuanos.

Depois de algumas escaramuças, os dous exercitos, concentrando se, tiveram o decisivo encontro na pequena planicie entre as aldeias de Grünwald e de Tannenberg, na ac-

Berreguedengues

— Queres um pedaço, antes do café?
— Dessa coisa quadrada e preta?
— Sim.
— Que é isso?
— Isso é magnifico para derreter nagua e fazer refresco durante o calor, para adoçar o café de manhã ou a coalhada do sertão, para comer com queijo ou com farinha. E' excellente.
— Mas o que é, homem de Deus?
— E' o que os naturaes da Colombia, nossos visinhos do Norte, chamam *panela*, o que os mexicanos denominam *pilon* e que...
— Ora, desembuxa, creatura, diz logo que especie de coisa isso é!
— Como ignoras as coisas mais elementares do teu proprio paiz! Isto, menino, é o que os nossos rudes sertanejos chamam muito simplesmente *rapadura*.
— E o que é *rapadura*?
— O' ignorante! é assucar não refinado, é melado coagulado, é a *panela* colombiana, o *pilon* mexicano...
— Ora, vae-te para o diabo!

um dos continuadores da obra de Jan Hus, atacou de repente, surgindo dos bosques. Nisto, voltavam ao campo da batalha, os Lithuanos.

Foi quando a Ordem viu realizar-se a prophecia de Santa Brigida, que annos antes, bem conhecendo as verdadeiras intenções e o valor dos Senhores da Prussia, predissera que dia viria em que se lhes quebrariam os dentes, se lhes cortaria a mão direita, se lhes mutilaria o pé direito, para que ficassem com a vida e reconhecessem seus erros. Verificou-se então quão mentirosas eram as asserções dos Senhores da Prussia, sobre a sua justiça e equidade e sobre o amôr que lhes tinham os seus subditos, pois, ainda não consummada a derrota completa das suas tropas, as bandeiras de Culm passaram para o lado do rei Iagellão, vingando se da opressão que soffriam.

Vendo perdida a batalha, os irmãos

tual Prussia Oriental, ao norte de Dzialdowo (Soldau). O exercito do Grão-Mestre tinha 83.000 homens, o dos alliados, Polacos e Lithuanos, 90.000. Segundo a sua tactica habitual, os Cavalheiros da Cruz atacaram com todas as suas forças, deixando em reserva apenas um corpo do seu exercito, as tropas de Culm. Da outra parte entraram em combate primeiro os Lithuanos, que foram logo derrotados, fugindo quasi todos em desordem. Conservaram-se no campo apenas os regimentos de Smolensk, que se reuniram ás tropas da Polonia, continuaram o combate. Mas, com a entrada na lucta da reserva dos Teutonicos, a linha polona já começava a vergar, tanto que, o proprio rei Iagellão esteve por momentos em perigo imminente; ahi a terceira parte do exercito alliado, composta de voluntarios da Bohemia, sob o commando do celebre Zyska,

da Ordem demonstraram a sua bravura, morrendo valorosamente no campo. Cahiu o proprio Grão Mestre, Ulrich von Jungingen, com innumeros commendadores e cavalheiros. A derrota foi completa. Algumas centenas apenas conseguiram fugir e alcançar Marienburgo. Dos 83.000 homens do melhor exercito da Europa, metade ficou no campo, outra ficou prisioneira. O poderio da Ordem foi quebrado e sustado por seculos o movimento invasor allemão para o lado do Oriente. Foi em 15 de Julho de 1410, que teve lugar a batalha de Grünwald, tão magistralmente descripta por Henrique Sienkiewicz, nos *Cavalleiros da Cruz*. Outra vez, no mesmo campo de batalha, os herdeiros da Ordem Teutonica, as tropas do rei da Prussia e do imperador da Allemanha, enfrontaram com uma sorte diversa as forças da Russia tza-

rista, na grande guerra ultima. Porém o resultado definitivo foi identico: como depois da guerra de 1410, assim depois da ultima guerra foi sustado o *Drang nach Osten*, e a Polonia resuscitada conseguiu retomar o seu antigo patrimonio.

Em commemoração á batalha de Grünwald, foi no seu 500º centenario inaugurado em Cracovia o monumento do rei Iagellão. Esse monumento, executado pelo esculptor Wisoulski, foi doado á cidade de Cracovia, por Paderewski, que fez do seu bolso todas as despezas.

Os primeiros que aqui surgiram eram gallegos. Os actuaes ignoro o que sejam. Originaes do Brasil asseguro-te que nunca fôram. E não ha loja no mundo onde hoje não existam. Bonafonx o grande jornalista hespanhol que morreu, viu os nas mais elegantes praias de banhos do Norte da França. Por isso nada ha de mais que os vejas no Rio, mais parecido com as terras hespanholas do que as praias francezas.

Fon-Fon! - 22-Out.º-1921

Educação da Alma

Com o nobre fito de aconselhar os que soffrem, afim de livral-os o mais possivel das attribulações enfermiças creadas pela imaginação, Antorio Austregesilo acaba de publicar o seu novo e brilhante livro — *Educação da Alma*. O notavel escriptor e academico é um grande medico do corpo e se revela sempre nos seus escriptos um grande medico da alma. Este seu ultimo livro editado por Francisco Alves & Comp., vem augmentar o numero dos seus optimos trabalhos em favor d'aquelles que moralmente padecem.

E' todo elle versado em elegante linguagem e recheiado de conceitos mais do que louvaveis. A sua leitura prende, encanta e educa. Elle preenche perfeitamente os fins visados pelo seu autor com a sua dupla experiencia de lutador e de medico.

Tem razão o escriptor quando assegura que «a alegria espiritual é o caminho mais seguro para a relativa felicidade.» Não se cansa de apregoar a necessidade d'essa alegria e só isso bastaria para ter invejavel merito á obra, se lhe faltassem os altos caracteristicos da fama e da cultura basica, que, pelo contrario, lhe sobram.

Berreguedengues — Olha alli aquelle vendedor ambulante de sorvetes, empurrando a sua barquinha embandeiramente. Um typo especial do Rio de Janeiro. Originalissimo!..

— Enganas-te redondamente. Nunca foi original de nossa bôa terra esse guia de navios em secco.

— De onde é elle, então?

— Da Hespanha, meu caro. E' o celeberrimo *barquillero* das cidades hespanholas, amado pela creançada que adora os seus cartuchos de sorvete. Originaram-se lá na Peninsula e de lá se espalharam pelo mundo. Vieram ter ás republicas hispano-americanas e d'ellas passaram para o nosso meio.

"MORBUS INDECENS"

Ao meio do capitulo IV do seu delicioso romance "Candide ou Optimisme", Voltaire faz Pangloss queixar-se amargamente dum mal feroz que tivera o infortunio de apanhar e cuja origem vinha, segundo elle proprio o affirmava, dum dos companheiros de Christovam Colombo. Esse pequeno e espirituoso trecho de Voltaire tem a vantagem de nos lembrar que, durante muito tempo, se affirmou na Europa que a "enfermidade indecente" dos velhos chronistas era originaria do novo continente. E essa opinião fez escola, creou azas e voou pelos livros em fóra.

Ella nasceu, certamente, do facto de estarem já as nações occidentaes absolutamente cansadas de se atirarem em rosto umas ás outras a origem do vergonhoso mal. Diziam os italianos que elle era gaulez e o haviam trazido para a Peninsula as invasões francezas, desde o duque de Anjou talvez a Luiz XII. Juravam os francezes que os seus soldados o tinham apanhado na Italia, quando lá foram com Carlos VIII, e o appellidavam mal de Napoles. Os inglezes o attribuiam á França, e a França á Inglaterra.

Após annos e annos dessas accusações reciprocas, todos entenderam de procurar um "tertius gaudet" e accordaram que seria a America recentemente descoberta. Então, começou todo um cyclo de lendas em torno da origem americana da doença.

Todas ellas, pode-se dizer, basearam-se numa unica prova: a affirmação de Gonzalo Hernandez de Oviedo no seu "Sumario de la Historia de las Indias Occidentales", apresentado ao imperador Carlos V em 1825.

Nessa obra, affirmou que alguns hespanhóes, companheiros de Colombo, regressaram á patria contaminados pelo morbo indecente na ilha do Haiti. Passando, depois, á Italia, nos terços do grande capitão Gonçalo de Cordova, transmittiram o virus por intermedio das napolitanas ás tropas francezas. Mais ou menos a mesma coisa repete no capitulo XIV do livro 2º da sua "Historia General de las Indias", que está cheia de falsidades de todos os tamanhos. Esse historiador fala até dum dos companheiros de Colombo, tornados a Castella em 1496, dom Pedro Margarit, cavalheiro catalão, que endava "tan enfermo y se quejaba tanto, que creo sentia aquellos dolores que suelen sentir los que padecen aquella enfermedad, aunque yo no le vi nunca granos en el rósto. De allí a pocos meses, emprezó a sentir-se la enfermedad entre algunos cortesanos, pues a los principios sólo se vió entre la gente baja. Sucedió después que el Gran Capitán fue enviado a Italia con una fuerte y hermosa armada, y entre los espanoles que iban en ella algunos estaban inficionados y asi se comunicó..."

A imaginação dos escriptores, contemporaneos ou não, se agradou dessa origem americana da doença terrivel. Nicoláu Monardes, medico de Sevilha, inventou até que Colombo levou para Napoles uma sucia de indias propositadamente doentes, afim de passar o virus aos inimigos. Astruc, no capitulo XII, livro 1º, da sua obra "De morbis venereis", diz que a molestia veiu para a Europa da ilha Hespanhola, descoberta por Christovam Colombo: "in Hispanhiola exerceri..." E, finalmente, até um escriptor inglez, John Linder teve o desplante de affirmar que os descobridores do Novo Continente a apanharam dos macacos..

Se até hoje ainda se não poude estabelecer de onde em verdade veiu o mal venereo, já não padece a menor duvida que da America não o levaram para a Europa, porque lá já era conhecido antes do descobrimento de Colombo. O abbade Xavier Clavijero escreveu no 2º volumé da sua "Historia Antigua do Mexico" uma longa dissertação profundamente erudita, na qual aclara inteiramente a questão.

Conforme as suas citações, o cirurgião inglez Becket e Antonio Bivero Sanchez escreveram tres longas, documentadas dissertações negando que a molestia terrivel tivesse apparecido originariamente na America. Os medicos do Renascimento Coradino Gilini, italiano, e Gaspar Tovella, valenciano, estavam persuadidos que ella resultára da conjuncção do Sol com Jupiter, Saturno e Mercurio, no signo zodiacal da Libra.

"O Jornal" 19 - Outubro - 1921

em 1843. E o celebre Nicolo Leoniceno a explicava como epidemia resultante das chuvas abundantissimas no anno de 1525, que foi quando, segundo os historiadores, começou a grassar de modo notavel.

Um professor da Universidade de Ferrara, João Manardi o attribuiu ao commercio impuro dum leproso e de uma collareja. Paracelso assegurou a mesma coisa, accrescentando mais quẽ o leproso era francez. Gabriel Fallopio, medico de Modena, acha que resultou da peçonha que os hespanhóes puzeram nagua que os francezes bebiam, quando do cerco de Napoles. Um medico do papa, André Casalpino conta outra coisa: nessa mesma guerra, os hespanhóes misturaram sangue de leproso ao vinho que abandonaram no campo para as tropas francezas. Dahi veiu o mal. O bolonhez Fioravanti assegura que a enfermidade veiu do tempo da guerra referida; porque se comeram cadaveres humanos preparados em escabeche, como atuns.

Não ha duvidas de que foi durante a horrorosa luta dos francezes na Italia que o morbo se desenvolveu de maneira assustadora. Dahi todas essas preoccupações de achar para o seu apparecimento uma explicação plausivel. Mas tambem não pode haver duvidas de que elle é mais antigo e vem de longe com a velha humanidade, embora sem a virulencia com que se desencadeou na Renascença Italiana.

A sua força, ao tempo da guerra em Napoles, está perpetuada por quasi todos os que escreveram sobre o assumpto, como por exemplo pelo medico de Alexandre VI — Gaspar Torella, no seu famoso tratado "De Pudendagra", publicado em 1500; "Galris manum forti Italiam ingredientibus, et maxime regno Parthenopae occupato, et ibi commorantibus, hic morbus detectus finit". Entretanto no seu curioso livro "Aphrodysiacum" garantia que nascera na Auvernia, em França, no anno de 1493. E Fulgosio de Genova accrescentava no seu "Dicta, factaque memorabilia", impresso em 1509, que a enfermidade surgiu na Italia antes da chegada das tropas francezas de Carlos VIII.

O testemunho dos poetas da-lhe maior antiguidade. Pacifico Maximo de Florença publicou em 1479 poesias descrevendo as ulceras provenientes do amor. E sabem os que nessas coisas dos velhos livros se aprofundam que, em 1483, quasi dez annos antes do descobrimento da America, se vendiam na Italia as copias do celebre poema de Fracaber — "Morbo Gallico".

O morbo é tão velho quanto o mundo e parece que proprio a todas as raças. Houve, outrora, quem affirmasse que elle constava da Biblia e quem o chamasse mal de Job. O geographo francez Thevet o encontrou, em estado endemico, no interior do Senegal. O medico hollandez Cleyer o viu, espalhadissimo, em Java.

O chronista Herrera, descrevendo a viagem de circumnavegação de Magalhães, diz que elle existia communmente nas Molucas. O jesuita Fourean, que viveu annos na China, jura que os medicos do Celeste Imperio lhe garantiram existir ali aquella doença desde a mais remota antiguidade.

Entre os "huacos" dos antigos peruanos, incaicos ou pre-incaicos, recolhidos aos museus, se encontram os que representam de verdade o mal ignobil. E o abbade Clavijero repete, na sua erudita explanação do assumpto, que foram os portuguezes que o levaram da Africa para o Velho Mundo...

Não ha provas seguras desta ou daquella origem do virus, porém parece que se não erra, diante do que sobre elle se encontra e de certos testemunhos, em dizer que a sua patria tenha sido o mundo em geral e a sua victima a humanidade toda. O sertanejo do Nordeste é quem tem razão chamando-o "molestia do mundo". E a gente pode repetir, sem receio, as sabias palavras de Hysmans nas loucuras do "A Rebours":

"Et il eut la brusque vision d'une humanité travaillée por le virus des anciens âges. Depuis le commencement du monde, de péres en fils, toutes les creatures se transmittaient l'inusable heritage, l'eternelle maladie qui a ravagé les ancêtres de l'homme, qui a creusé jusqu'aux os maintenant exhumés des vieux fossiles! Elle avait couru, dans jamais s'epuiser á travers les siécles..."

João do NORTE.

America triumphante

Um grande sopro de vida e de progresso agita as bandeiras das nações livres da America. Se te em todo o Continente, cuja maior parte a raça latino iberica povoou, um impulso para as mais altas conquistas. E a gente se capacita de que as nações nascidas da expansão maritima dos povos peninsulares, cujas origem se perdem nos dias gloriosos da Loba Romana, cuja civilisação veio do Renascimento e da Revolução, se preparam para o dominio moral e intellectual da Humanidade no futuro.

A epoca da Europa morreu na sangueira da Grande Guerra, a da America do Norte passará talvez com este seculo e a da America do Sul, da America Latina, que vae do Mexico á Patagonia, encherá o porvir.

FON-FON 5 Nov. 921

Gymnastica socialista

Depois de haver obtido com o desmembramento do imperio Austro-Hungaro a sua independencia politica, a Republica Tcheco-Slovaca está paulatinamente organizando a sua vida economica e social. Nesse trabalho intenso em que se empenha de modo decisivo toda a nação, notam-se facilmente as duas tendencias que a dividem e que disputam a predominio na orientação geral da communidade, sem, entretanto, se guerrearem á outrance.

A nação bohemia apresenta-se ao mundo sob a forma democratica e nella a burguezia mantém em equilibrio os velhos principios economicos da sociedade que, parece, a guerra matou, emquanto o partido socialista, quasi tão numeroso e poderoso quanto ella, reclama com todas as forças a constituição dum Estado inteiramente socialista. E, segundo as publicações ultimamente feitas na Tcheco-Slovaquia, as proporções de forças dos dois campos em que se biparte a opinião publica nacional são tão identicas que o partido conservador ou burguez não póde governar sem o auxilio do socialista, nem este sem aquelle.

Entretanto, ainda a forma democratico-burgueza do Estado prevalece na sua direcção. E a gente vê, nessa novel e interessante nação, ao lado do exercito permanente o do serviço militar obrigatorio, a determinação do dia de 8 horas de trabalho para todos os operarios e empregados industriaes, commerciaes, agricolas e officiaes; ao lado do parlamento eleito pelo suffragio universal, o repouso de 32 horas por semana e a interdicção do trabalho nocturno para as mulheres e as crianças.

A lucta pacifica travada entre os dois campos em que se divide a população tcheque tem trazido á nação a vantagem della ir resolvendo aos poucos, com segurança e sem commoções perigosas, as suas questões sociaes. Por exemplo, já as leis da Bohemia impedem a hypertrophia da propriedade privada e restringem a acção accumuladora do capitalismo, especialmente em relação á propriedade territorial, fixando para cada individuo o direito de possuir terras na acquisição maxima de 250 hectares. E a crise provocada pela falta de salarios para os trabalhadores dispensados pela destruição das grandes explorações ruraes remedia-se com a entrega dos terrenos expropriados dos grandes proprietarios ás sociedades cooperativas subvencionadas pelo Estado. Limitado tambem está a propriedade das minas, cujos operarios têm direito a 10 ôlo dos lucros das empresas que as utilizam.

Outras conquistas admiraveis têm os operarios tcheco-slovacos obtido no seu paiz e de que se não pódem esquecer, pois mostram o grau de adeantamento dessa nação, que a guerra libertou de algemas seculares. Os seus caminhos de ferro estão hoje de tal maneira organizados e explorados, que se tornaram de empresas rendosas em simples serviço publico desinteressado. Todos os operarios gosam das vantagens dos seguros por accidentes no exercicio de seu mister. E o governo cogita dum systema geral de seguros publicos que livre da miseria todos os profissionaes e todos os velhos.

Raros são, na face actual do mundo, os paizes que estejam em tão francas condições de progresso material, social e moral. Todas ellas têm sido obtidas com habilidade, paciencia e tenacidade, sem o menor espirito reaccionario ou revolucionario. Não sei qual Estado apontar que tenha passado por tão profundas mudanças sem fazer correr uma gotta de sangue, o que é realmente digno de admiração, maxime quando se pensa

que, antes da guerra e da liberdade, a Bohemia, si bem que economicamente independente da Austria e da Allemanhá, trazia seu operariado em desfavoraveis condições de trabalho.

Nessa notavel lucta entre a democracia burgueza e o socialismo, é curioso verificar que tudo quanto a primeira organiza provoca, da parte contraria, uma organização similar ou approximada, destinada a combater a influencia adquirida pelo que fizeram os conservadores. Respondeu-se, assim, aos estabelecimentos de ensino com outros estabelecimentos de ensino, aos hospitaes com outros hospitaes, ás sociedades de soccorros ou beneficencia com outras sociedades semelhantes, o que importa em lucro para toda a nação, que obtem sempre dois progressos em logar de um.

Nada mais famoso na Europa e, talvez, no universo, do que a associação de escoteiros e gymnastas bohemios, intitulados sokols ou falcões, guardas do patriotismo, da energia physica e moral da raça, das tradições e do futuro da patria, sementeira fecunda de optimos soldados e de defensores das instituições em perigo. No fundo, essa sociedade de moços e moças era de origem burgueza e abraçava com os seus braços de polvo todo o paiz.

Resolveu o socialismo replicar-lhe da mesma maneira, armar-se com as mesmas armas, provadamente boas. E creou, mesmo quando a Tcheco-Slovaquia estava sob o guante da Austria-Hungria, em 1897, prevendo o futuro, as Uniões de Gymnastas Operarios, cujos optimos resultados têm sido constantes. Até na gymnastica o socialismo não desejava experimentar derrotas mais dia menos dia.

Foi em 1897 que, pela primeira vez, representantes socíaes-democratas conseguiram fazer parte do parlamento austro-hungaro, e que nasceu a idéa de contrapor uma União de Gymnastas Operarios aos celebres Sokols da burguezia, de cujo seio o proprio regulamento expellia todo e qualquer membro que professasse as idéas politicas socíaes-democratas.

Existiam aqui e alli, espalhadas pelo paiz todo, algumas associações de cultura physica; porém, todas ellas sómente gosavam de influencia local, assim mesmo restricta. Mas, desde que se fundou a União de Praga, tudo mudou.

Crearam-se uniões semelhantes pelas outras cidades do paiz, todas unidas á secção central, apesar de sua direcção independente. E, dentro de pouco tempo, onde havia uma sociedade de Sokols, surgia uma de operarios immediatamente.

Todo o operariado da nação logo annunciou sua cooperação gymnastica e as grandes cidades industriaes foram as primeiras a se manifestar em favor da idéa. Apesar das perseguições officiaes do governo austro-hungaro, ao começo, o movimento alastrou até generalizar-se de todo.

O mais interessante é que, emquanto os Sokols burguezes sómente se comprazem em exercicios physicos de toda a especie e em seguirem certas normas moraes de conducta, os grupos da Gymnastica Socialista emprehendem, além da cultura physica, a educação systematica, methodica, completa da juventude operaria, tanto moral como intellectual do ponto de vista do socialismo.

Por ahi se vê quanto a gymnastica burgueza é menos completa do que a socialista. Uma é a de quem digere o que já conquistou. Outra a de quem ainda precisa conquistar para digerir...

Descrevendo a maneira como se faz a educação dos membros das associações socialistas de Gymnastica, o sr. R. Silaba diz num trabalho seu sobre ellas:

"O pessoal docente reside na séde dos districtos e das regiões. Para a instrucção dos associados for-

necem-se os livros necessarios, organizam-se conferencias sobre assumptos varios, feitas na sala de gymnastica dos cursos pedagogicos regionaes. Para os pupillos, tão numerosos quanto os proprios membros das Uniões, fazem-se serões de crianças com representações de titeres ou excursões pelos campos, no verão e no inverno. Além dos seus exercicios physicos, que, principalmente, se compõem de jogos, sempre acompanhados de cantos, as Uniões tomam grande cuidado da sua educação intellectual. Moços e moças dedicam-se á patinação com os meninos.. Nas associações gymnasticas, as mulheres trabalham tanto quanto os homens e occupam identicas funcões technicas e administrativas..."

Depois de trechos explicativos dessa natureza, o referido autor demonstra-nos com algarismos a importancia inilludivel de gymnastica socialista no seu paiz:

"Em 1920, a Federação dos Gymnastas augmentou notavelmente. O numero de Uniões subiu a 1.500, com 221.000 membros... A actividade educacional manifestou-se no referido anno pela organização de 6.000 conferencias a proposito de cultura physica, de hygiene, de questões sociaes, etc. E as bibliothecas das associações contavam já 20.000 volumes de obras technicas, instructivas e recreativas".

Ora, estas ligeiras notas dão bem a idéa do valor da Federação dos Gymnastas Operarios, como força moral e material na vida publica da nacionalidade. E não seria descabido aconselhár ao operariado em geral que meditasse um pouco sobre o que fizeram na Tchecco-Slovaquia os grandes organizadores da Gymnastica Socialista contra a cultura physica burgueza. Talvez o proletariado brasileiro tivesse bastante a ganhar si fizesse um esforço para chegar a possuir organização semelhante. Certo estou de que não poderia medir os beneficios a receber.

João do NORTE

Bravatas Nós brasileiros herdamos da ascendencia peninsular a mania da bravata, que o vulgo appellida com espirito — *farofia*. Ninguem como os nossos patricios para serem capazes de engulir este mundo e outro, quando têm raiva, *de bôcca* sómente...

Ainda ha dias, numa casa de chá ouvi espanholadas terriveis dum meu visinho de mesa: elle quebrara a cara de tres ou quatro pessôas, dera tiros em outras tantas e facadas em meio mundo.

Sorri lentamente, como velho conhecedor *dessas coisas* e murmurei os versos bravateantes dum celebre troveiro sertanejo, a expressão maior que conheço do *panache* da roça:

«Subi em serras de fogo
Com alpragatas de algodão
E desci de là de riba
Com dez coriscos na mão!
Fedendo a chifre queimado
No pipocar do trovão!»

O Papa-Rabiscos A historia menciona um Papa Negro e a chronica garôta do Rio, um Papa Verde positivoide. Ha na lenda e no folklore uma centenas de Papa gaios... e agora um dos nossos collegas de redacção descobrio o Papa Rabiscos.

Sabem quem é? Não? *Horresco referens!* é o chefe aqui das nossas officinas, que tem cara de Pico da Mirandola, nariz de pico e meio, e vive pelas salas, escadas e corredores a gritar para as victimas indefesas da redacção:

— Preciso de originaes! Preciso de Rabiscos! Preciso de notas! Preciso de Berreguedengues!

Um nunca acabar! Não cria callos na lingua. E' peor que o gramophone da visinhança e que o piano da filha dum compadre meu. O redactor dos Rabiscos já o chamou tonel das Danaides. Eu já o comparára ha tempos com o Moloch carthaginez, devorador insaciavel. E' palavra de honra! supportal-o com a sua cantilena de *preciso originaes* é peor do que carregar agua em cesto ou rolar o rochedo de Sisypho.

Uma vez perguntei-lhe quando haveria um dia em que elle não me pedisse notas para a revista e o *damnado*, que é patricio de Dante, replicou-me com um sorriso infernal:

— *Lasciate ogni speranza!*

Berreguedengues — Sabes que falleceu hontem d'um ataque subitaneo e terrivel de uremia o Gastão Pires, nosso velho amigo e companheiro de infancia?

— Não o sabia. Pobrezinho!

— Ora, pipocas!

— Pipocas! Porque?

— Porque você cae n'essa odiosidade commum, de todos nós brasileiros fazermos o elogio funebre d'um amigo ou d'um parente com esse horrivel *pobrezinho!* Só os brasileiros têm esse vezo..

— Ah! Lá isso não. Protesto! Os hespanhoes o possuem tanto, senão mais do que nós. Ainda ha tempos li á primeira pagina do prefacio d'um curioso e original livro do grande escriptor inglez Cunnighanne-Graham que, n'uma viagem do autor, tendo suicidado um individuo, seu elogio funebre da parte dos hispano americanos de bordo fôra unicamente este: *Pobrecito!* Como dizer que é habito meramente brasileiro? Agora quem diz pipocas! Sou eu, meu caro.

— Pódes dizer as vezes que quizeres. Pódes ir buscar o pobrezinho! Até na China ou em Hawaï. Nada lhe tirará o caracter odioso...

— Para você.

— Para mim.

"Fon-Fon" 22 dez. 1921

A EMBAIXADA INGLEZA

A amizade tradicional da Grã-Bretanha e do Brasil teve, durante a Guerra Européa, occasião opportuna de se tornar maior. E o grande gesto do governo inglez, elevando a sua legação no Brasil á cathegoria de embaixada, dando-nos, assim, nas relações britannicas do continente, uma posição especial, fez de cada brasileiro um amigo maior da Inglaterra. Desde os tempos coloniaes, desde a monarchia, que essa grande amizade se vinha, dia a dia, cimentando, e hoje ella está, estamos certos, profundamente alicerçada nos corações dos inglezes e dos brasileiros.

Nenhuma nação do mundo, de resto, tem queixas da amizade ingleza. A pertinacia que a nação de Milton, de d'Israeli, de Shakespeare, de Wellington, de Ricardo Coração de Leão, de Macaulay e de Eduardo VII põe no defender as suas idéas é a mesma que emprega em manter os seus amigos. Nenhum povo mais teimoso nas suas pugnas, nenhum mais inalteravel na conservação dos seus amigos. E nenhum tambem mais ardoroso na defeza das grandes idéas: foi elle que povoou os mares de navios para terminar o trafico dos negros e que atirou sua luva á face da Allemanha, quando da violação da neutralidade belga.

Ademais, o mundo não poderá esquecer quanto deve á Grã Bretanha no esforço collectivo da civilização para vencer a *Kultur*. A sua esquadra, senhora dos mares, desafiou a insidia dos submarinos tudescos, impediu a acção da frota inimiga, levou do mar do Norte aos Dardanellos, as suas bandeiras gloriosas, deante das quaes, com assombro universal, os couraçados e cruzadores germanicos viram um dia arriar, sem combate, vergonhosamente, os seus pavilhões de guerra.

Durante toda a nossa vida politica internacional, nunca se desmentiu para comnosco a lealdade britannica, e as raras divergencias que tivemos com a Grã-Bretanha, foram resolvidas amigavelmente por arbitragem.

Hoje em dia, a representação de Sua Magestade o Rei do Reino Unido, no Brasil, está entregue a um diplomata de alto valor, *sir* John Tilley, que pelos seus altos dotes de espirito e de coração, contribuirá constantemente para a segurança absoluta da amizade e da confiança reciprocas que unem os dous paizes.

Culto, viajado, attrahente, d'uma captivante sollicitude no seu trato social, tendo ao seu lado, a auxilial-o, na vida mundana, a intelligencia e a irradiante sympathia de *lady* Tilley, o actual embaixador inglez verá sempre florir, de todos os lados do seu caminho no Brasil, a amizade profunda e a admiração respeitosa.

A embaixada ingleza no Rio de Janeiro está confortavelmente installada n'um ambiente tradicional brasileiro, n'um antigo e nobre palacete do pinturesco morro de Santa Thereza, verdadeiro museu de moveis curiosos do nosso passado. Ornam os seus salões as altas cadeiras de espaldar, de couro lavrado, com pregaria de bronze, em estylo D. João V; as commodas antigas com embutidos de marfim nas fechaduras; as mezas de jacarandá torneado; as velhas porcellanas da China; quadros antigos, de fundo escuro, no gosto da escola hollandeza; tapetes orientaes; bufetes do Renascimento; mobilias coloniaes *fouillés* de cinzeladuras a mão, trahindo o gosto hindú trazido para o Occidente pelos conquistadores lusitanos.

E o palacete se aninha entre arvores vetustas, e altas, esplendidas palmeiras imperiaes. Avista-se do seu eirado a toalha azul da Guanabara e o dorso revolto do mar, d'esse mar onde o bom senso politico, a intelligencia formidavel, a orientação continuada e firme, o « imperialismo liberal », gabado por Lord Rosebery, ergueram para gloria da humanidade esse admiravel Throno de Ouro de Albion, que Ruskin equiparou aos « aureos thronos » que elevaram outr'ora as Thalossocracias refulgentes de Tyro e de Veneza.

O embaixador inglez Sir John Tilley, com um dos seus secretarios, no seu gabinete de trabalho.

Berreguedengues — Que extranho, bizarro sujeito esse que acaba de conversar comtigo! Que olhos profundos e dum cinzento mysterioso! Quem é?

— Um russo.

— Logo vi. Só ha duas raças deante das quaes nós, occidentaes sentimos nitidamente a sensação do desconhecido, do inexplorado, do mysterio completo: a amarella e a slava.

— Da amarella pouco ou nada sei. Da outra conheço atravéz de observações pessoas e de leituras acuradas alguma coisa. Não muita, infelizmente.

— Então, diz me o que pessas do seu mysterio.

— Que não ha mysterio algum e simplesmente isto: Nós latinos ou germanos influenciados pelos latinos ou celtas latinisados, emfim occidentaes somos una raça trabalhada atravéz os seculos pelo espirito de analyse. Por isso, a logica moldou nossa alma; expremeu-a será melhor dito. Domina-nos a razão, a razão pura, como diria Kant. O slavo não. Esse ficou mais perto da natureza do que nós. Nunca a logica agio sobre elle. A sua sub consciencia domina-o inteiramente. E' o expontaneo. E nós somos para elle os mysteriosos...

Berreguedengues — Ha no mundo inteiro, agora que se constitue a Liga das Nações e se funda o Tribunal de Justiça Internacional, um tal desejo de paz que, creio, será difficil haver guerras.

— Ingenuidade! Eu, ao contrario, penso com Leonardo da Vinci que, emquanto existirem dois homens á face do planeta, haverá luta.

— Pessimista!

— Pessimista, não. Sigo a velha lição dos factos concretos. Tenho a experiencia do que ensina a ensanguentada historia dos homens.

— Como assim?

— Ora, como! Desde que o mundo é mundo, escreveu um dos mais eminentes pensadores contemporaneos, a humanidade almeja a paz e faz a guerra... Depois de Carlos Magno veio Carlos Quinto; depois deste, Napoleão; depois de Napoleão, o Kaiser; e depois do Kaiser, só Deus sabe qual o ambicioso que virá; mas que elle virá não tenho duvidas...

Berreguedengues — Tudo no mundo se faz pela palavra. Desde o *Genesis*: *In principium erat verbo*...

— A força vale mais do que a palavra.

— Não acceito o postulado. Eu sou como os antigos povos slavos que se derramaram da Scythria pela Europa Central: nego aos meus inimigos o dom da palavra vencedora...

— E como faziam elles isso?

— Diziam-se Slavos, filhos de Slavo, a Palavra, e de Slava, a Gloria. Que admiravel genealogia! E aos allemães, aos germanos, que os guerreavam, denominavam Nemtsi, os Mudos!

— Ora, entretanto, sempre deante d'esses *mudos*, os *palavrosos* fugiram.

— Não, porque os fallantes francezes os detiveram e os venceram; não, porque os slavos nunca se aterrorizavam deante d'elles e elles hoje temem o Bolshevismo detencadeado pela palavra slava. Pódes arranjares os argumentos que quizeres, não te responderei mais e ficarei de accôrdo com a phrase luminosa de Adam Michiewicz: « O verbo é mais poderoso que a espada! »

Mangin Detive me o outro dia deante delle, numa recepção. Um homem de corpo regular, com o queixo voluntarioso e uns mysteriosos, profundos e dominadores olhos cinzento esverdeados, semeados de palhotas de ouro.

Olhei-lhe as cinco estrellas de prata pregadas na manga da farda azul horizonte, indicadoras de que commandára durante a guerra um grupo de exercitos, e meditei na immensa responsabilidade que os seus fortes hombros tinham carregado.

Fôra elle um dos mais intrepidos defensores das linhas de frente, o heróe de Verdun, o calmo organisador das tropas negras que arremeçava sem poupança contra as linhas tudescas.

Mais tarde, vio o no *buffet*. Quasi não comeu. Levou á bôcca um *sandwich* de *paté* e osculou ligeiramente uma taça de *champagne*. Mangin Mangeur, como o chamavam os pelus, fô a só nente na guerra um *mangeur d'armés* e um intrepido *mangeur de gloire*...

Ao som da viola

E' o titulo de um novo livro de Gustavo Barroso, ou melhor de João do Norte, o nosso prezado companheiro de redacção, que com o prestigio do seu pseudonymo, ao apparecer no no Rio, com a *Terra de Sol* firmou a reputação de um forte e legitimo escriptor regional. Dizemos acima que o livro é mais de João do Norte que de Gustavo Barroso porque hoje ha nelle duas personalidades distinctas: á primeira pertencem *Terra de Sol*, *Praias e Varzeas*, *Heroes e Bandidos*, *Casa de Maribondos*, *Mula sem cabeça*, *Ao som da viola* e os proximos *Rei do Sertão* e *Almas de lama e de aço*, á segunda cabem *Idéas e Palavras*, *A Ronda dos Seculos*, e os futuros *Pergaminhos*, *O Ramo de Oliveira*, *Relicario Bysantino*, *Quasi*, *Capacete de Minerva*, *Livro dos Milagres* e *Vida e alma de Claudio França*. Quer dizer: na sua figura litteraria ha duas tendencias — uma, a da «alma saudosa do nortista exilado» a que elle se refere no fim desse bello trabalho de investigação e *folk lore*; outra, a do espirito culto e requintado, brunido ao contacto dos grandes centros de civilisação, embebido na torrente caudalosa dos sentimentos universaes, atravez dos livros e dos homens. Naquella, a palavra que se ouve é a do seu coração; nesta, a voz que falla é da sua intelligencia.

Por isso, *Ao Som da Viola* é mais um trabalho de João do Norte que de Gustavo Barroso, porque a fonte desses admiraveis estudos é todo o cancioneiro tradiccional do nordeste. Quem o dictou foi a alma do cearense, que não morreu ainda e não morrerá certamente, no escriptor. Mas por outro lado, tambem Gustavo Barroso nelle contribuio, porque a intelligencia que investiga, selecciona e analysa tem ahi a sua parte apreciavel, juntando ao sabor daquelles versos rusticos, daquellas historias, fabulas, lendas e superstições do norte brasileiro o gosto do commentario, o imprevisto das apreciações subtis, o criterio das differenciações e a visão critica dos periodos troveiros, na exposição clara e suggestiva dos cyclos sertanejos da nossa poesia popular.

Talvez dahi é que o seu autor tenha querido emprestar ao bello trabalho, conjunctamente, a responsabilidade do seu nome e a gloria do seu pseudonymo, pondo-lhe no alto: Gustavo Barroso (João do Norte).

Que um e outro continuem a dar ás nossas lettras livros como esse em que palpita o sentimento nacional, já orientado por um raciocinio humano.

C. G.

"Fon-Fon" - 22 - Out. - 1921

Berreguedengues — Penso que duas pessôas antes de se casarem deviam viver juntas algum tempo, afim de experimentar se os seus temperamentos se dariam um com o outro.

— Certamente, e os selvagens de varias partes do mundo procedem dessa maneira, mostrando-se mais ajuizados do que muitos civilisados.

— E' que elles raciocinam logicamente. Acham que o casamento é um compromisso serio que se não deve tomar levianamente, do pé para a mão. A reflexão deve decidir mais da escolha da esposa do que qualquer outra impressão. E os paes que dão as filhas aos noivos para as experiencias anteriores ás nupcias de verdade estão certos de que não devem fazêl-as comprar por um momento de irreflexão o arrependimento ou o desespero para largos annos.

— Tens razão. No emtanto, aconselho-te a não apregoares com muito entono essas arrazoadas idéas para não ires parar na cadeia, que é o que espera os homens de juizo, de bom senso, nesta nossa sociedade barbara...

— Barbara, não: selvagem, mais que selvagem!...

Berreguedengues — Porque a gente do Ceará chama sempre e toda a carne secca, quer venha do Prata, quer venha do Rio Grande do Sul, *carne do Ceará?*

— Porque o primeiro lugar do Brasil em que se preparou a carne d'essa maneira, foi no Aracaty, localidade cearense, e o habito adquirido ficou na linguagem usual.

— E de onde vem o nome de xarque?

— Da Argentina E' a gente do pampa que a chama xarque ou melhor charqui. De resto, não ha comida que possua maior numero de denominações. Os colombianos dizem *carne do vento;* os mexicanos, *tasajo ;* nós, *carne secca, carne do Ceará, carne velha ;* e os boers e outros mil africanos, *biltong.*

— Deviam antes appellidal-a petisco dos ricos...

— Porque?

— Ora, porque? Porque um kilo de tal cousa parece que custa hoje ahi uns cem mil réis, senão mais...

Um mestre da mocidade mexicana

DON ANTONIO CASO

O governo da Republica, vencedor do imperio ephemero de Maximiliano, fundou uma instituição importante na historia da cultura mexicana: a Escola Preparatoria, com um amplo, encyclopedico e harmonico programma. A alma dessa escola foi don Galino Barreda, fervente admirador e dedicado discipulo de Augusto Comte.

O positivismo substituiu o catholicismo como religião official.

De então por deante, tudo se pesaria, se mederia e se contaria. Implantaram-se nos seus laboratorios os mais rigorosos methodos de investigação scientifica.

Fecharam-se ao espirito as janellas que antigamente lhe mostravam illimitadas perspectivas feitas da claridade, do céo e de pó de ouro do sol. Em troca, os telescopios furaram os telhados...

Acabou-se a poesia vaga das coisas incomprehensiveis e eternas. Como apregoava um dos mestres da escola, a saraiva do materialismo do egoismo e do intellectualismo terra a terra devastou as bellas flores da crença. Foram desterrados das aulas o latim e o grego; o Direito Romano claudicou na cadeira de Jurisprudencia; a philosophia, redigida á logica, á psychologia experimental e á moral spenceriana vegetava nas cathedras, mutilladas as nobres azas que lhe tinham servido para voar bem alto. O ensino integral e humano perdêra seu equilibrio.

Roto a tradição da Universidade Pontificia, estabelecimento fundado em 1553 e seminario de sabios do Vice-Reinado, que decorria do proprio seio da historia universitaria hespanhola, Salamanca, Alcalá, Valladolid, dedicaram-se professores e alumnos a cultivar a sciencia exclusivamente, desdenhando as outras disciplinas que dão ao espirito alentos para triumphar. O axioma indiscutivel teve primazia sobre a interrogação audaz das coisas ignoradas do céo e da terra.

A Escola Preparatoria preparou homens praticos, habeis planejadores de negocios, financeiros astutos, mathematicos insignes. Por ella passaram todos os homens que mais se distinguiram no Mexico, nos ultimos quarenta annos, por seu talento e cultura.

Della sairam especialmente os que, agrupados em torno do general Diaz como conselheiros, funccionarios dos amigos encheram o paiz de vias ferreas, levantaram primorosos edificios, introduziram soberbas melhoras materiaes, sem preoccupar-se do aperfeiçoamento intellectual e social das multidões que tinham fome e sêde de justiça. Não houve idealismo...

Espiritos ambiciosos e juvenis mal se acostumavam ao carcere de ouro em que os seus mestres os prendiam. E, além do axioma e da prova meramente experimental, entreviam amplos horizontes virgens para as intelligencias costumeiras a rastejar na terra.

Inquietação vaga, poderoso desejo de cortar lames, doutrinas trazidas pelos novos livros européos, tudo

"O Jornal" - 21 - Out. 1921 - 1ª Secção mista

isso foi o preludio de uma renovação de methodos e de ideas que teria por theatro a mesma Escola Preparatoria.

O momento era propicio.

Uma mocidade nervosa, agil e intelligente, um grupo homogeneo, talvez unico na historia litteraria do Mexico, abandonava nesse instante as aulas e dispunha-se a fundar, primeiro a Sociedade de Conferencias depois o Atheneu da Juventude. Não eram só poétas e escriptores como os que outr'ora se reuniram em torno da "Revista Azul", de Gutierrez Nájara, ou da "Revista Moderna", de Valenzuela y Neno, illustrada pelo genio torturado do grande desenhista Julio Ruelas.

No grupo do Atheneu havia até desess literatos que não sómente escrevem, confórme faz notar Remy de Gourmont, e influem poderosamente sobre seus contemporaneos.

Abundavam, entretanto, os pensadores: Antonio Caso, o mestre da Mocidade de hoje, como da de hontem foram Ignacio M. Altamirano e Justo Sierra; Alfonso Reyes, mestre da doutrina e da fórma de expressal-a, que agora colhe triumphos em Madrid; Pedro e Max Henriquez Ureña, o primeiro e quiçá, o melhor professor da litteratura da Universidade do Mexico, influencia real na cultura e nas idéas de seus discipulos; Alfonso Cravioto, critico de arte, intelligente e sagaz; Alberto J. Pani e Alfonso Pruneda, engenheiro um, medico o outro, que traziam ao Atheneu uma caudal de sciencia pacientemente adquirida e augmentada por estudos e observações pessoaes; Carlos Gonzalez Peña, o novellista da geração; Jesus Acevedo conversador admiravel; Luiz Castillo Ledon; Julio Torri, Mariano Silva Martins Luiz Gustaman, contribuiram todos á obra commum, que foi da sociedade, estudo e audacia.

A esses se incorporaram os que, embóra da geração precedente, conservavam ás suas alma a perpetua juventude que abre sempre remotas perspectivas ao horizonte: Jesus Urueta, que electrizava as multidões com seu verbo calido e surprehendente; Luiz Urbina, poéta da suavidade de seda e da matiz crepuscular.

Lógo, quem teve todo o enthusiasmo de mocidade, todo o seu amor, foi don Antonio Caso, homem physicamente robusto como seu pensamento. Distingue-se facilmente pelo seu maxillar pronunciado e voluntarioso, por sua cabelleira revolta que fluctu'a sobre a cathedra como glorioso pennacho. E' de uma cortezia gentil e cavalheiresca, dessa cortezia que é patrimonio muito querido dos mexicanos e que Vicente Espinel já notava no "Siglo de Oro". Seus habitos são simples e modestos; seu tempo é todo consagrado ao estudo, á cathedra, aos discipulos e á familia. Sua vida é de austeridade exemplar e de inflexivel rectidão. Sobrepõe toda e qualquer conveniencia pesosal aos seus deveres de amigo e varias vezes tem renunciado invejaveis posições para não prejudicar a um amigo. E' mestre indiscutivel em tudo pelo seu pensamento rigoroso, pela calida eloquencia que mostra na sua cadeira e nas suas conferencias, pela profundez, não isenta de graça e de suave ironia, de alegre evoaçar que dá ás suas lições, e pelo amor que dedica aos seus alumnos. Sua obra no magisterio tem sido um apostolado. Combatem, apenas saido das aulas, o positivismo, ajudado efficazmente por José Vasconcellos.

A campanha foi frutuosa e o campo da Philosophia, no Mexico, se alargou. Defende a autonomia da Universidade Nacional e essa autonomia está para ser obtida. Na sua vida existe uma devoção e um amor que dia a dia mais lhe augmentam o estudo e a recordação. Essa devoção e esse amor se vinculam á figura de um mestre — Dom Justo Sierra, de grande transcendencia na historia do pensamento mexicano. Caso e Sierra foram pensadores e artistas ao mesmo tempo. Caso occupa na Faculdade de Altos Estudos que dirige as cadeiras de Philosophia e Esthetica; na de jurisprudencia, a de Sociologia.

E' claro, na exposição convincente no raciocinio, colorido nas immagens e elegante no gesto. E' o conferencista mais notavel do Mexico, actualmente. Depois de Urueta, é o orador mais nobre que já houve no Mexico. Sabe, ademais, escutar e transmittir todas as insinuações do mundo — murmurios, sons, idéas.

Curioso meditador de todos os problemas que agitam a consciencia universal, pensa, trabalha e instrue.

Reuniu sua obra em varios volumes que a juventude mexicana lê e estuda com nobre afinco. E' o mais sério expositor de systemas que tem tido a Universidade Mexicana.

Bergson e Bontroux felicitam-n'o pelos seus trabalhos e autorizam as traducções. Publicou a partir da "Philosophia da intuição", exposta do ponto de vista bergsoniano, solidos volumes nos quaes ha, além do vigor do raciocinio, uma amavel e attraente amenidade que os faz ler com prazer: "Problemas philosophicos, philosophos e doutrinas moraes", judiciosos estudos sobre homens e idéas da Europa e da America, dignamente incorporados á historia do pensamento universal pelas figuras de Eugenio Maria de Hostos e Justo Sierra. "A existencia como economia, como desinteresse e como caridade", interpretação original chistã da vida. "Doutrinas e idéas", commentarios de problemas actuaes. "Dramma per musica", constituido por bellas monographias sobre Beethoven, Wagner, Verdi e Debussy. E prepara "El concepto de la historia universal", que, a julgar pelos capitulos conhecidos já, será um bello timbre de gloria para o pensamento hispano-americano.

Como é insuspeito mentor, seus discipulos já seguem suas pegadas, educados na mais absoluta honradez e na mais severa disciplina. Se che-

garem a governar o paiz, será possivel o ideal gloriosamente defendido por E. Rodó, de uma democracia de selecção, de uma Republica atheniense, uma terra até agora convulsa e calumniada.

Julio JIMENEZ RUEDA.

(De "La Nacion", de Buenos Aires.)

Uma anonyma escreveu uma feita a um homem de lettras esta quadra provocadora:

«Se amar-te é peccado,
Que offenda o Deus paterno
Meu coração, coitado,
Merece o fogo eterno!»

Isto foi ha muito, muito tempo... E, numa conversa entre amigos, contando o caso, curioso de saber quem seria a provocante pessôa, elle, dizem, recitára uma quadra sertaneja:

Ai! menina, pede a Deus,
Que eu peço a S. Vicente,
Que Deus nos junte nós ambos
Numa casinha sem gente...

A grande musa dos violeiros tem reinado com Catulo da Paixão Cearense, de quem Julio Dantas disse que éra o primeiro homéride do sertão brasileiro. A caravana estudiosa da verdadeira poesia, dos riquissimos thesouros da alma do povo, caravana, onde tantos nomes avultam, — Euclides da Cunha, João Ribeiro, Coelho Netto, Osorio Duque Estrada, Afranio Peixoto, Goulart d'Andrade, Rodrigues de Carvalho, Viriato Corrêa, Gustavo Barroso, Mello Moraes, Affonso Arinos,

"A Poesia dos Violas". folheto de Melchiades Fagundes - Rio - 1921. paginas 7 e 8.

O desafio é realmente a parte mais seductora da poesia do sertão. Assenta no repentismo. Gustavo Barroso e Rodrigues de Carvalho estudaram detalhadamente, — pacientemente, brilhantemente, um em *Cancioneiro do Norte*, outro em *Terra de Sol*, os desafios na sua forma, na sua technica, nos seus arrojos de inspiração.

Fon Fon 29-Out 1921 / "Correio Paulistano" - 26 - Outubro - 1921

MYSTICISMO SERTANEJO

Durante decadas e decadas, os nossos governos, monarchicos ou republicanos, deixaram em completo abandono o sertão. Ao nosso vasto **hinterland**, especialmente na grande região que se convencionou chamar o Nordeste, e que vai do norte da Bahia ao sul do Maranhão, faltam sobretudo caminhos de ferro e escolas. Isto não quer dizer que não faltem outras cousas. Faltam tambem; porém, as duas que citamos são as de mais urgente necessidade e aquellas que mais influencia exercem sobre a alma das populações. E, na carencia quasi completa de meios de communicação e transporte, de educação e de direcção social para um fim elevado, as gentes sertanejas ainda hoje se apresentam no mappa demographico da nossa nacionalidade como um grande elemento de atrazo, pois a sua mentalidade não evoluiu e está hoje, como era na época das primeiras bandeiras audazes, das primeiras mestiçagens dos colonizadores com os indios, retardada de quasi tres seculos.

Entretanto, a população desse immenso paiz nordestino é, relativamente, a mais densa do Brasil inteiro. Mas, devido ás durezas do seu clima e ao desprezo que tem sido votado ao seu desenvolvimento, não póde acompanhar, á excepção de certas localidades, o progresso geral da nação. E o interior de seis ou sete Estados do Brasil se alonga, sob a soalheira tropical, quasi deserto como no tempo em que espantou os primeiros povoadores lusitanos, perdidos no seu esplendor de luz, que o acharam ás vezes parecido com o centro da Africa e lhe chamaram Mombaça, como no Ceará, e, de outras vezes, deante da sua immensidade mysteriosa, o denominaram **Desertão**, o Grande Deserto.

Além da facilidade de communicações e do ensino do a b c, falta sobretudo ao sertão quem lhe congregue as energias e as impulsione num sentido util e progressista. Os governos estaduaes preoccupam-se geralmente mais com a politica do que com os bons effei-

tos da administração. O governo central está muito afastado da vida sertaneja e delle lá só chegam as noticias odiosas: impostos e sorteio militar. Ha no mundo sertanejo uma immensa anarchia espiritual e é della que nasce o perigoso mysticismo dos Contestados, dos Canudos e dos Joazeiros do padre Cicero, que quasi sempre a politicagem explora para fins menos nobres.

Faltando-lhe a confiança nos poderes publicos, o amor ás instituições, dominada pela ignorancia, insulada na vastidão das terras que as sêccas de annos em annos calcinam, a infeliz gente sertaneja se arrima ao unico poder centralizador e director de consciencias e energias que conhece: a religião. Essa é representada directamente pelos vigarios das povoações. E onde esses vigarios, por um prestigio pessoal qualquer, assumem uma posição dominante, ou onde apparece um mystico qualquer, prégador e virtuoso, obreiro de milagres mal provados, um Conselheiro, um Monge, um padre Roma, um padre Cicero Romão Baptista, desencadeia-se uma onda de mysticismo avassallador, que se apodera de todas as almas.

Nessas opportunidades, nascem aquellas **Troyas de Palha**, na phrase feliz de Euclydes da Cunha, onde os fanaticos morrem até ao ultimo lutando contra as forças do governo, heroicamente, no furor sectarista daquelles hereticos que outróra pullulavam nos Themas Byzantinos da Asia Menor e provocavam horriveis rebeldias. O governo, que os não educará, que jámais pensara em dirigir as consciencias anarchicas daquella sociedade primitiva, revolta e abandonada para bons fins, esse se acha com o direito de ensanguentar as mãos na chacina da gente de cuja selvatiqueza elle é o maior culpado. Certamente, o que despendera com as expedições militares teria bastado para evangelizar aquelles povos, ensinando-os e dirig'ndo-os, si a visão dos estadistas tivesse lobrigado o perigo de deixal-os entregues á ambição dos fanatizadores ou mesmo ao mysticismo doentio de pretensos santos. E das reducções dos jagunços ou fanaticos pela artilharia e pela degolla só um resultado fica — esse mesmo não é glorioso: o medo no sertão do poder federal. Não seria melhor, ao envez do medo, obter o respeito e o amor?

Faço estas reflexões lendo o curioso livro do escriptor inglez, já celebre hoje em dia no mundo inteiro, o sr. R. B. Cunnighame-Graham publicado ha pouco tempo sobre a vida e os milagres de Antonio Conselheiro, sob o titulo expressivo de "A Brazilian Mystic".

O actor é um apaixonado das cousas sul-americanas. Tenho lido delle volumes a respeito doutros assumptos, romances como **Faith** ou trabalhos diversos como **Brought Forward**. Entretanto, verifico que a sua personalidade de escriptor avulta mais quando elle enveréda por uma seára de motivos das populações latino-americanas e das terras do nosso bello continente. E quando nos lindos parques inglezes, onde se ostenta o luxo da mais requintada equitação no mundo, o publico vê passar um alto senhor de barba alourada, montando um cavallo semelhante aos do nosso interior, arreado á americana, estribões, sella de arção mexicano, já sabe que ali vai o escriptor inglez que mais tem amado e melhor tem descripto a vida americana o evocador poderoso do morto emporio de Cartagena das Indias, o vulgarizador no seu paiz do rude mysticismo dos sertões do Brasil.

A' sua erudição de chronistas religiosos ou leigos da historia antiga das conquistas hespanholas no Continente, que, em varias obras, mostra ser assombrosa, o sr. Cunnighame-Graham allia uma notavel illustração de cousas brasileiras. E' manuseador de Euclydes; conhecedor dos trabalhos de do-

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Patrimônio 63.813
Origem
Nº Registro 782/2005

cumentação e raconto de velhos factos cearenses de João Brigido dos Santos; ledor assiduo das interessantes viagens de Koster, das nossas historias escriptas por Henderson e Southey; folheador dos Annaes da nossa Bibliotheca Nacional e das publicações do Instituto Historico Brasileiro; intimo das paginas de João Ribeiro, Araripe Junior e outros muitos dos nossos historiadores, folk-loristas e regionalistas.

O livro do escriptor inglez é uma admiravel obra de vulgarização de conhecimentos do meio sertanejo brasileiro para os extrangeiros, um esplendido resumo da historia de Canudos, desde seu inicio até ao seu desastroso fim. Não ha nas suas 238 paginas, magnificamente impressas por Dodd, Mead and Company, de Nova York, em 1920, uma palavra contra o nosso paiz ou contra os seus governos, nem mesmo uma leve ironia, ambas as cousas mais do que communs nas laudas daquelles que escrevem a nosso respeito. Nesse ponto, o sr. Graham seguiu o luminoso exemplo dos Henry Koster e dos Saint Hilaire. Pôz-se de alto, olhou os factos, documentou-os e descreveu-os com imparcialidade.

Seu volume não tem os arroubos do estylo tropical de Euclydes da Cunha; é pausado, medido; porém não esquece nenhuma das grandes figuras de sertanejos selvagens que deram o melhor de suas energias ou mesmo a sua propria vida em prôl da causa pela qual se fanatizaram. Lá estão todos elles: o Taramella, o Beatinho, João Abbade, Pagehu', Macambira, Manuel Quadrado, os que defenderam até ao ultimo instante a Troya de Palha que foi nos nossos dias o que fôra, na éra colonial, o Quilombo dos Palmares, destruido tambem até á ultima cabana com o seu Zumby immortal.

No emtanto, quando um Delmiro de Gouveia, com o seu extraordinario valor de homem de emprehendimentos, aproveita um braço de Paulo Affonso e monta a assombrosa fabrica de linhas da Pedra, as energias do sertão ali se congregam para o bem, provadamente. Por que não agem os governos como Delmiro agiu, evitando desta sorte para sempre o que se passou em Canudos e fatalmente se passará no Joazeiro, salvo si antes a estrada de ferro, que já attingiu além de Iguatu', chegar lá? "Onde vai o vapô de ferro, diz o sertanejo, se acaba o cangaço".

Depois de uma rapida e bem feita descripção do habitat sertanejo, o autor do "A Brazilian Mystic" descreve o seu povoador. Tem para o sertanejo nordestino estas lisongeiras palavras: :No race in all America is betler fitted to cope with wilderness. The "sertanejo" is emphatically what the French call a "male". His Indian blood has given him endurance and a superhuman patience in adversity". Descriptos o meio e o homem, estuda o phenomeno religioso na região. Eis alguns dos seus conceitos a proposito: "Their religion neither consoles nor softens. A fitting faith for a hard land, it has produced a people hard itself. Faithful indeed to the shedding of blood, their own or that of others, they look up to their priests, or to the varions religions leaders who have from time and time arisen amongst them, as something superhuman and in direct communication wirth the Deity". Passa para as luctas celebres entre familias sertanejas, as mesmas que há em todas as sociedades de formação identica, no mesmo periodo evolutivo, na alta Escocia, na Calabria, na Hespanha, na Argentina, na Italia dos Montecchi e Capuletti, no Texas, no Kentucky ou na Ukrania. Esmiuça as origens dos Macieis, familia do Conselheiro; faz a sua biographia succinta; allude aos habitos do sertão, ao seu folk-lore, ás suas tradições vindas da Peninsula Iberica, como as "Encamisadas", dos Mouros e Christãos, e outros folguedos

populares; e a tudo se refere com a maior verdade possivel para um escriptor extrangeiro que não tenha demorado muito tempo entre nós. Raramente se encontram nas suas paginas pequenos enganos ou cousas que não sejam convenientemente explicadas, como esta, por exemplo:

Diz que os Jagunços chamavam á Republica Lei do Cão. Traduz desta sorte "the law of dog". Si soubesse que cão, na linguagem rude dos sertões, nunca é o cachorro (dog) e sim sempre o demonio, o diabo (devil), teria escripto — "Devil's law".

Afóra nequicias desta especie, não ha nada de grave a **retrancher.** E o livro agrada profundamente, valendo para nós como uma grande e sympathica divulgação das nossas cousas. A parte em que o autor conscienciosamente estuda o mysticismo sertanejo é sobremaneira curiosa. Inteiramente nova. Elle aprecia o phenomeno da religiosidade da gente do Nordeste do ponto de vista comparativo com as antigas seitas christãs, com todas as seitas que fugiam ao poder centralizador da Egreja, por acreditarem que os seus chefes emanavam directamente de Deus.

Esse é o maior perigo que para a religião póde advir do mysticismo sertanejo. E advém, pois o Conselheiro e sua gente nunca obedeceram aos enviados do arcebispo da Bahia.

Elles se acreditavam de accôrdo com o céo, sem precisão do interferencia da Egreja. O sr. Cunnighame-Graham compara o mysticismo provindo do fanatizador de Canudos com as antigas seitas Gnosticas, Montanistas e Carpocraticas.

Descreve fielmente as varias expedições contra o arraial de Canudos e, por fim, sua destruição pela artilharia, pelo fogo e pela arma branca. E termina o livro com estas palavras sobre o Conselheiro, quando o acharam morto: "His body lay upon a ragged piece of matting, and both his eyes were full of sand".

Este bello livro do sr. Cunnighame-Graham, nos demonstra mais uma vez como é séria e, posso dizer, mesmo fundamental para a nacionalidade, a resolução definitiva do problema dos sertões do Nordeste, que com tanta boa vontade iniciou energicamente, apesar da grita desarrazoada dos jornaes, o presidente Epitacio Pessoa. Si a sua obra chegar ao fim, o que temos razões de sobra para esperar que aconteça, elle terá prestado ao paiz um inestimavel serviço, poupando-lhe para o futuro os Canudos e os Joazeiros do Crato, que fatalmente se reproduziriam si as energias brutas e anarchicas do sertão não tivessem sido, pela sua mão, desviadas para o bem, com as possibilidades de vida mais facil e de transportes regulares, offerecidos ao sertanejo abandonado pelas obras realizadas contra as sêccas.

João do NORTE

"Fon-Fon" — 29 outubro 1921

Bolchevismo — **Que é o Bolchevismo, polvo russo que ameaça subverter a organisação social presente? Esta interrogação cáe da bôcca de todos quantos se interessam pelas questões mundiaes. Difficilimo respondel-a, por causa da propria complexidade da resposta.**

Somente um sabio, um grande homem de estudo, de gabinete, poderia dar á humanidade a descripção cabal do Bolchevismo, das suas raizes, dos seus feitos e das suas consequencias. Foi isso o que magistralmente fez na «Revue de Genêve» o eminente homem de saber que ora preside os destinos da republica Tcheco-Slovaca. O seu estudo apparecido nessa revista de reputação mundial foi, posteriormente, editado em volume especial pela Sociedade Sonor de Genebra. Divide se em tres partes principaes, cujas epigraphes dão bem uma idéa geral do valor da obra: *a)* O Bolchevismo e os Operarios; *b)* A Revolução e os Bolchevistas; *c)* A pseudo dictadura do Bolchevismo.

O mais interessante nesse opusculo é que o presidente Masaryk se não dirige á classe media ou ás altas classes, afim de explicar-lhes o que seja o Bolchevismo, sim aos operarios, áquelles que mais directa e profundamente são em verdade ameaçados pela onda anarchica despejada da Russia infeliz. E o eminente pensador tcheque irrefutavelmente demonstra que, deante do socialismo scientifico vencedor no mundo, o Bolchevismo nada póde ter de scientifico, pois surge num paiz onde quasi ninguem sabe lêr e escrever.

Consola ouvir uma condemnação formal dessas dos labios de tão grande individualidade, respeitada no Universo pela austeridade de sua vida e pela profundez da sua sciencia, especialmente quando se reflecte que o presidente Masaryk é um *leaaer* de idéas avançadas e já se declarou em uma mensagem publica ao Congresso do seu paiz pela socialisação realisada pelo trabalho, de accordo com um plano serio e não pelo sangue e pela anarchia.

"Correio da Manhã" 29-Out.º 1921

LIVROS NOVOS

"Ao som das violas", de Gustavo Barroso.

Ao sr. Gustavo Barroso, talvez o estudioso mais interessante, no momento que passa, da natureza e dos costuumes do "interland" barbaro do meio-norte, não faltam qualidades de observação, nem talento descriptivo. Elle é um pintor forte e commovido da alma rude e heroica dos matutos de sua terra. Os seus livros estão sempre banhados de sol, e nelles se respira o ar puro e o aroma selvagem daquelles logares, que a imaginação do caboclo povoou de tantas lendas formosas.

Afranio Peixoto achou mesmo que elle era o successor natural de Euclydes da Cunha, para o que lhe sobrava, disse, não só o conhecimento do meio, como o amor pela terra e pela gente que a habita. Os seus ensaios sobre *folk-lore* — acabamos de ler *Ao som da viola*, que a Livraria Editora Leite Ribeiro lançou, ha pouco, no mercado — os seus ensaios sobre *folk-lore*, repetimos, valem com effeito, por uma nobre tentativa, digna dos maiores applausos, de trazer ao coração do sul um pouco dos soluços tristes e das ingenuas alegrias do norte abandonado e desconhecido.

Não exaggeramos dizendo que *Ao som das violas* é, no genero, um primoroso livro.

Gustavo Barroso, seguindo o methodo applicado por Andrew Lang á poesia popular ingleza, dividiu a nossa em cinco cyclos, que denominou — *cyclo dos bandeirantes, cyclo do Natal, cyclo dos vaqueiros, cyclo heroico* e *cyclo dos caboclos*.

Ao primeiro, elle filiou as creações "tristes, mesmo ás vezes sombrias, lugubres", dos conquistadores da terra, os heroes obscuros das "bandeiras", symbolos fortes de uma raça em que o lyrismo piegas se casava, numa paradoxal harmonia, á audacia sem fronteira e á fé sem limite.

Além de creadores de lendas, escreve Barroso, foram elles "os propagadores de todas as que encontravam, especialmente das que lhes legou o indio vencido."

No segundo, o autor reuniu os bailes, janeiras, chegaças e reisadas tão famosos no norte, como os da *Lavadeira*, dos *Marujos*, da *Borboleta*, do *Bumba meu boi* (que é o *Boi Bumbá* da Amazonia), e os autos do *Rei dos Mouros*, dos *Fandangos*, das *Pastorinhas*, da *Porfia dos Florões*, dos *Congos*, o mais popular de todos, depois do *Bumba meu boi*, etc., em que o sentimento de religiosidade se une, no coração do povo simples, ás expanções do mais puro lyrismo.

A *Canção da Janeira*, que Barroso filiou a esse cyclo, é deliciosa de ingenuidade:

Janeiro vae,
Janeiro foi,
Feliz daquelle
Que tem seu boi!

Ao terceiro cyclo subordinou o illustre polygrapho "as canções que perpetuam, desta ou daquella forma, os factos pricipaes da aspera vida dos criadores de gado e especialmente daquelles que têm por habito e profissão cuidar e pastorear as manadas e os rebanhos". São as *vaquejadas*, em que os matutos se exhibem em verdadeiras façanhas de montaria. As canções desse cyclo assemelham-se ás xacaras gaúchas do *Boi Barroso* e outras originarias dos pampas.

Ao quarto cyclo pertencem as trovas em que o sertanejo celebra os feitos dos cangaceiros, "muitos delles typos de revoltados contra as prepotencias locaes e as injustiças do meio."

Como exemplo, transcrevemos a seguinte quadra, de Antonio Silvino e Desiderio:

Se não me mandarem logo
De presente ao cemiterio,
Ou Desiderio me mata,
Ou eu mato Desiderio!

No quinto e ultimo cyclo apparecem as satyras aos caboclos, feitas por elles proprios, e a defeza de alguns trovadores dos sertões contra os ataques á sua raça.

O livro de Gustavo Barroso é, em summa, um trabalho original e perfeito, unico talvez no Brasil, sobre o *folk-lore* do nordeste.

A emdição do autor elucida, a cada passo, o estudioso da alma feita só de doçura e de bondade, do matuto cearense.

Encerrando este rapido commentario, que não tem geito de critica, repetimos com Barroso o conceito de Saint Victor.

A alma dos povos se resume — tens razão, meu bello artista! — nos seus cantos, alegres ou tristonhos.

Ao som da viola tem o poder de tingir-nos de perfeição, elevando-nos acima de nós mesmos.

Porque só da contemplação das coisas simples é que nós nos attingimos o ideal da belleza, que fica muito além do convencionalismo dos *rastas* e do artificialismo dos *blasés*.

"Fon-Fon" - 29-Out.º 1921

Washington e o Negro

Lendo o profundo, singelo e original livro do escriptor negro-americano Booker Tagliaferro Washington, encontro numa pagina este lindo episodio, que traduzo, não porque seja desconhecido, sim porque o applicam a varios altos personagens da historia

"Gazeta de Noticias"
28 - out - 1924

yankee, quando elle em verdade occorreu com o Libertador dos Estados Unidos em pessoa:

« Um bello exemplo é o da historia que se passou com Jorge Washington. Encontrando este um homem de côr na rua, que o cumprimentou, respondeu-lhe attenciosamente á saudação, tirando-lhe o chapéu. Alguns amigos seus, todos brancos, criticaram-lhe a acção. Jorge Washington respondeu-lhes: — Pensam vocês que eu consinta que um pobre e ignorante homem de côr seja mais delicado do que eu? »

Felizmente, essa anecdota não seria possivel neste nosso admiravel paiz, onde não ha nem haverá nunca preconceitos de casta, de familia ou de raça.

O LIVRO DO DIA

"Ao Som da Viola" (Folklore), de Gustavo Barroso

Recebemos o novo livro de João do Norte, editado pela Livraria Leite Ribeiro — "Do som da viola" (Folk-lore).

Os assumptos referentes aos costumes e ás bellezas do Brasil e ás maravilhas de sua musa anonyma estão em plena vóga.

O folk-lorismo interessa hoje mais que nunca; a poesia popular constitue uma das novidades mais empolgantes da nossa literatura, assignalando, no theatro, na poesia e na prosa, quiçá nas artes, uma reacção ao urbanismo, saturado de exotismos sediços.

O apparecimento de uma nova producção literaria de João do Norte, nome consagrado por outras obras de valor, é, por isso, um acontecimento digno de relevo, mórmente em se tratando de um thema que neste momento empolga a intelligencia brasileira, levada, por certo, pelo impulso de um nacionalismo sadio e forte.

O ultimo livro do illustre escriptor está, portanto, destinado a um successo literario.

Limitamo-nos, por emquanto, a este simples registo, reservando para mais tarde as nossas impressões de leitura.

O palacio da Justiça Passando outro dia com um amigo pela frente do paço do Supremo Tribunal, eu lhe disse que aquelle edificio fôra construido para moradia do cardeal arcebispo e, depois, arranjado para o Supremo Tribunal. E acrescentei que no Rio havia muito edificio assim, feito para certos fins e servindo para outros bem diversos. Dahi a sua impropriedade flagrante.

O meu amigo respondeu me que isso era commum nas republicas sul-americanas. Numa dellas, lêra uma feita, não se lembrava onde, tinham feito duma egreja, que o governo tomára á força aos padres, palacio da Justiça. A' noite alguem escrevera numa parede esta quadra deliciosa:

«Con refinada malicia
Dice en letrero dorado,
El palacio de Justicia,
Y el edificio es robado. . . »

Felizmente, concluimos nós dois, que o palacio do nosso Supremo não foi tão mal adquirido. A quadra poderia serlhe applicada, porém com o *robado* substituido por comprado.

Berreguedengues — Sabes a quanto chegou hoje a corôa austriaca?

— Não me preoccupo com o cambio. Não sei.

— Tens curiosidade em sabêl-o?

— Alguma.

— Pois bem, a moeda do Imperio dos Habsburgo, cuja pomposa divisa dizia em latin ou em allemão «Austria est imperare orbe universo» ou «Alles Erdlich Ist Oesterreich Unthertann», chegou hoje ao miseravel valor de cinco reis nossos.

— Que grande castigo sobre essa nação e sobre a mais orgulhosa casa reinante da Europa!

— Castigo justo!

— E's italiano irredento, tchéque ou jugo-slavo para pensares assim.

— Nem uma das tres coisas. Sou brasileiro. Porém sempre pensei que a existencia da Austria era insustentavel, que elle era, segundo disse o leader tcheque Stransky, corajosamente, em pleno Reichsrath da Monarchia Dual, um crime secular commettido contra a humanidade!

Farias Brito De certo tempo a esta parte o grande philosopho cearense Farias Brito, tão cedo roubado ao seu paiz, tem despertado o interesse dos estudiosos. A sua obra está sendo continuamente analysada deste ou daquelle ponto de vista e na sua *finalidade* moral ha muita alma sceptica que já vae buscar consôlo.

O ultimo trabalho de exegese e critica da philosophia de Farias Brito publicado entre nós é o do capitão Albino Monteiro, um theosopho eminente. Lemos com real prazer a sua pequena brochura sobre o sabio patricio, no qual elle o estuda á luz do seu criterio theosophico.

«Farias Brito á luz da Theosophia» é o titulo do opusculo do Sr. Albino Monteiro, escripto com clareza e em bôa lingua, no qual o autor dá-nos mostra duma somma de conhecimentos litterarios e scientificos fóra da craveira commum. Muitos poderão discordar do aspecto pelo qual o critico encara a philosophia de Farias Brito; no emtanto, eatamos certos que ninguem negará ao trabalho os seus grandes meritos intrinsecos.

"O Jornal" - 29 - Outubro 1921

A RESSURREIÇÃO DA BOHEMIA

Desde as origens nebulosas das primeiras tribus slavas que acamparam no coração da Europa Central, entre os Karpathos, o Danubio e os montes dos Gigantes, pode-se seguir a evolução do povo tcheque ou bohemio por uma linha recta, apezar das bruscas metamorphoses de sua historia, na direcção da realização definitiva das suas aspirações nacionaes. Diminuido depois do brilho imperialista da Grande-Moravia, ameaçado após a morte de Jorge de Podebrad, ensanguentado pelas guerras hussitas, enfraquecido posteriormente á batalha da Montanha Branca, sujeito á oppressão austro-hungara, jamais deixou de affirmar, por todos os meios ao seu alcance, sua inabalavel fé no futuro e no restabelecimento dos seus direitos tantas vezes postergados. E nada do que os inimigos da nação puzeram em pratica — devastações e perseguições, supplicios e banimentos, guerra á lingua e aos livros, fez com que a Bohemia se deixasse vencer.

Devotados á causa do progresso humano e do direito, os tchecques tenaz e corajosamente reconstituiram através o tempo a sua lingua, dando-lhe vida nova, refizeram a sua arte e a sua literatura, impediram a germanização do seu paiz e levaram por deante a perseverante campanha que haveria de ter como resultado a Ressurreição da Bohemia, tal qual a haviam reconhecido como paiz soberano os antigos imperadores do Santo Imperio Romano Germanico. E hoje sob o barrete phrygio da democracia, ella ostenta o leão de prata arremetente em campo de gúles, que, á sombra da corôa dos Ottokases e dos Przemyslidas, gloriosamente viu fugirem, derrotados, os hungaros e os allemães.

Desde que começou a conflagração européa, os estadistas e intellectuaes tchecoslovacos comprehenderam que era chegada a opportunidade de agir para obter a libertação da sua patria.

Não perderam um momento. Agitaram nas varias capitaes alliadas, especialmente em Paris, a questão da dissolução da colcha de retalhos austro-hungara. Demonstraram, insophismavelmente, quanto, em todos os tempos, o seu povo tinha resistido á germanização, mantendo-se com a maior constancia o amigo indefectivel das nações occidentaes, principalmente da França. Organizaram corpos de voluntarios que tomaram parte brilhante na acção militar dos alliados. Auxiliaram economica e moralmente os paizes em luta contra os Imperios Centraes. E acabaram por constituir o governo da sua nação fóra della, porém reconhecido de braços abertos pelas maiores potencias mundiaes.

A' frente dessa obra extraordinaria estiveram as maiores capacidades politicas, scientificas e literarias da nação tchecoslovaca, entre as quaes o eminente professor Masaryk, que é hoje o seu chefe de Estado, e o sr. E. Benés, actualmente presidente do seu Conselho de Ministros.

A Republica Tchecoslovaca, realidade politica hoje em dia, foi proclamada a 14 de outubro de 1918 pelo manifesto do seu governo provisorio com séde em Paris e pelo discurso do Dr. Kramar, em Praga, que teve a applaudil-o o enthusiasmo delirante da multidão.

Logo após essa proclamação do governo provisorio, as grandes nações da Entente se apressavam em reconhecel-o como belligerante alliado. Alguns dias mais tarde, a resposta de Wilson á nota austro-hungara de 18 de outubro precipitava a solução da questão. Houve ainda varias conferencias entre delegados do Conselho Nacional de Praga e do governo provisorio de Paris, em Genebra. E, emfim, no dia 28 de outubro de 1918, instituia-se, definitivamente, na capital da Tchecoslovaquia o seu governo nacional. Estava feita a obra da ressurreição da Bohemia, após uma longa e torturante sujeição.

E a nova democracia, o coração da Europa, estendia as suas mãos amigas a todos os paizes que tinham desta ou daquella fórma, dado combate ao imperialismo kaiseriano, salvando a civilisação mediterranea, todo o grande patrimonio greco-latino ameaçado de morte pelo peso esmagador da "kultur".

Apezar de ainda não estar livre e de ver o governo austriaco enviar seus filhos, na pujança da vida, como despresivel "chair á canon" para os matadouros das varias frentes de batalha, a nação tchecoslovaca desde o começo da guerra claramente exprimiu para que lado iam os seus desejos de victoria, as suas sympathias e os seus esforços.

Ella teve o grande merecimento de demonstrar desde logo, eloquente e claramente, a sua dedicação á causa alliada, affirmando em alto e bom som que simente esperava a sua liberdade das mãos da Entente, nesse immenso e horroroso conflicto que durou quatro incansaveis annos, consumindo a vitalidade das maiores nações da terra conflicto em que se chocaram de modo feroz todas as forças do Direito contra todos os direitos da Força..

Logo que o enfraquecimento dos Imperios Centraes começou a ser presentido, a acção tchecoslovaca pela sua emancipação se intensificou. Desenrolaram-se importantissimos acontecimentos em Paris e Genebra, em Washington e em Londres, em Roma e em Praga. Ao mesmo tempo que o Conselho Nacional constituido na capital da Bohemia assumia a administração dos paizes tchecoslovacos, o governo provisorio da nação se estabelecia na capital da França sob o beneplacito das Gran-

des Potencias Alliadas e Associadas.

Assim, a nação tchecoslovaca poude abrir os olhos cheios de lumes de esperanças para ver raiar o sol da sua tão almejada liberdade, podendo affirmar solemne e categoricamente á face do Universo que, entre ella e a casa de Habsburgo não existia e nunca mais existiria o menor traço de união.

Embora o regimen austro-hungaro e a guerra tivessem esgotado todos os recursos do paiz, que precisou do concurso e do auxilio dos alliados para fazer frente á crise decorrente da situação anormal que atravessara. Hoje a Bohemia, a Moravia, a Silesia, a Slovaquia e a Ruthenia, já se acham, pelos seus proprios esforços e pela sua admiravel organização agraria e economica, em situação folgada, produzindo abundantemente materias primas e alimenticias, objectos manufacturados, etc., o que permitte ao paiz tomar o logar que merece nos mercados internacionaes, competindo com a industria e o commercio allemães, principalmente.

Os paizes tchecoslovacos são ricos e povoados por gente eminentemente activa e economica.

Logo que definitivamente se esboçou a sua situação politica e social, a sua acção na balança economica da Europa Central se fez sentir, bem como se mostraram as qualidades de ordem, organização e creação do povo tcheque um dos baluartes oppostos pela civilização occidental á influencia avassalladora, destruidora e anarchica do louco bolchevismo moscovita.

Ressurrecta, dona dos seus destinos, a Republica Tchecoslovaca procurou na mentalidade dos seus filhos os maiores esteios do seu progresso. Emquanto outras nações afastam por todos os meios da politica militante aquelles de seus filhos que estudam e têm idéas, especialmente os que demonstram sua capacidade em livros, ostentando o mais desbragado "culto da incompetencia", a Bohemia procurou os seus ministros e os seus diplomatas, os seus deputados e os seus administradores, sobretudo entre os que escrevem, tornando-se uma nação de intellectuaes. Entre esses, é justo que se não esqueça o notavel escriptor Jan Havlasa, ministro da Tchecoslovaquia no Rio de Janeiro, cuja actividade e cuja intelligencia têm chamado toda a attenção e toda a sympathia brasileira para o seu joven e glorioso paiz, que hoje completa o terceiro anniversario da sua ressurreição.

João do NORTE.

"FON-FON" - 29-Out. 1921

Os Mamelucos e os ciganos

Outróra, os povos esclavões vendiam muitos de seus filhos aos povos visinhos. Saladino, sultão do Egypto, querendo organisar no seculo XII uma milicia semelhante á dos Janizaros, para sua guarda pessoal, comprou grande quantidade de creanças slavas, fél-as educar na religião mahometana e ensinou-lhes profundamente toda a arte militar.

Deram a esses soldados, no Egypto, o nome de Mameluco, escravo comprado, do verbo *malak* — comprar.

Esses Mamelucos, verdadeiros slavos, tchéques ou czighi. pouco e pouco se apoderaram do poder e dominaram o paiz. Segundo Bergeron na sua «Histoire des Sarrasins et des Mahometans»; segundo Etienne Pasquier nas suas «Recherches sur la France»; segundo o erudito Scherer nas suas «Recherches sur le Nouveau Monde», desses Mamelucos ou czighi se originaram as dominações modernas de *zig ner*, *zingari* e ciganos, applicadas aos mysteriosos nomadas que percorrem todo o mundo e que tambem se chamam Bohemios ou Egypcios...

"For-For" 25 - Outubro 1921

BANZAI !

Desde Marco Polo, que nos contou maravilhas do Cipango mysterioso, até Fernão Mendes Pinto, que nos falou da bizarria da terra e do «bem natural da gente», desde os mais antigos chronistas de viagens até ás paginas admiraveis de Lafcadio Hearn, a imaginação occidental se tem voltado para o Japão longinquo e curioso, na ancia de estudal-o e de admiral-o. E hoje, quando a historia toda do archipelago japonez nos é conhecida, não podemos esconder o quanto apreciamos o valor desse povo interessante, que tantas paginas de gloria tem escripto.

Sua Magestade Hiroshito, Imperador do Japão.

O Japão surgio para as lutas do seu progresso com as figuras extraordinarias dos seus Mikados-Zimmu-tennó, vencedor dos Ainos, e Suzin, instituidos dos shoguns ou generaes, especies de duques feudaes, que mais tarde haveriam de dominar o Imperio do Sol Nascente.

E' um prazer magnifico percorrer nas paginas da sua vida nacional a lista gloriosa dos seus chefes de Estado, cada um dos quaes construiu a sua parte da obra geral da formação da grande nacionalidade asiatica: Ozintennó, o fundador de Kioto: Nintoku, que recusou receber impostos para alevantar a agricultura; Yuriaku, o plantador de amoreiras; Keitai, o introductor do Budhismo; Kinmei e Ninmei, os pacificadores e organisadores das forças vivas da nação.

Depois desses Imperadores, o feudalismo dominou as ilhas nipponicas, tão

O Sr. Ministro Horigoutchi e S. Excellentissima esposa, no jardim da Legação nipponica nesta capital.

Sua Magestade a Imperatriz do Japão

fortemente quanto o feudalismo occidental dominou a Europa. Foi a epoca dos samurais cobertos de aço, com annas de ouro no capacete, os «lagostas de ferro», de tento e katana á cintura, batalhadores audazes, que, vencidos, não pediam quartel e terminavam a vida com o golpe ligeiro do *harakiri*. Então, as grandes familias solarengas se degladiaram em lutas espantosas. Os Taira guerrearam os Minamoto até que o chefe supremo destes, o heroico Shogum Yoritomo, vencedor da invasão mongolica, dominou o paiz do seu castello senhorial de Kamakura, emquanto o Mikado sem prestigio se refugiava no fundo dum palacio. Depois, foi a estirpe dos Hojo que commandou, á qual succederam os Ashikaga e os Togukawa.

A tolerancia de Nabunaga permittio a evangelisação de São Francisco Xavier, e logo após, a energia de Hideyoshi restabeleceu todo o prestigio do culto nacional, expulsando missionarios e traficantes estrangeiros. Por sua morte, as facções se agitaram. Travou-se a sangrenta batalha de Sekigahara e por fim Iyeyas fundou Yedo, onde estabeleceu a capital do paiz.

No meiado do ultimo seculo, subio ao throno o Mikado Mutsuhito, uma das maiores figuras da humanidade nos ultimos tempos, realisador duma obra immensa. A elle deve o Japão tudo o seu progresso formidavel e todo o seu formidavel prestigio. Intelligencia extraordinaria, energia ferrea, cultura immensa, esse grande estadista venceu as rebeldias dos ultimos estertores do feudalismo, esmagou sedições poderosas como a de Satsuma, implantou a ordem, reformou a administração, creou um dos melhores exercitos e uma das melhores marinhas do universo, dando logo na guerra sino-japoneza as provas da pujança nipponica. Mais tarde, acabou gloriosamente no Extremo Oriente a hegemonia moscovita. E, por fim, deu ao seu povo uma bella Constituição.

Senta-se hoje no throno do Imperio do Sol Nascente Sua Magestade o Imperador Yoshi-hito, seu terceiro filho, 122° Mikado, que continúa brilhantemente as tradições do seu glorioso antecessor. A 31 deste mez passa o anniversario natalicio de Sua Magestade, que nasceu em 1878, que foi solennemente declarado herdeiro da corôa a 3 de Novembro de 1888 e coroado Imperador a 10 de Novembro de 1914.

Publicando as photographias de Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz, bem como as da Legação Japoneza nesta capital, as do Ministro Plenipotenciario Sr. Kouma Horigouchi e sua distincta familia, o qual tem prestado relevantes serviços ao estreitamento das relações nipponico-brasileiras, nós rendemos a nossa modesta homenagem ao nobre soberano da grande Nação amiga.

J. N.

Cutrucos

Dessa maneira o poviléu do Nordeste brasileiro chama os syrio-libanezes, que commerciam em todo o interior e littoral do Brasil, vulgarmente conhecidos pela antonomasia impropria de turcos. Mas não se vá pensar que essa raça semita, herdeira da habilidade phenicia para a pequena mercancia, encha unicamente o Brasil, onde os seus representantes são encontrados nas mais longinquas e inhospitas regiões. Ella já está estabelecida commercialmente em todas as republicas irmãs do continente. Leio, por exemplo, numa pagina do famoso livro de Cunnighame Graham sobre o velho emporio columbiano de Cartagena das Indias estas observações:

«As usual in Colombia, their owners were all Syrians, called by the natives of the country «Turcos», a cruel name enough give to Syrians ha those who geve it comprehended its full irony. Both in Colombia and Venezuela, Syrians seem to have monopolised stores.»

E' ou não a mesma coisa neste nosso immenso Brasil?

Os Queirozes

Quando o general Clarindo de Queiroz foi presidente do Ceará nos primeiros tempos da Republica, appareceram-lhe tantos parentes que o folk-lore se apoderou do caso e o povo começou a cantar pelas ruas uma cantiga satyrica, cujo estribilho era este:

«Todos nós somos Queirozes...
Duma banda só...»

As leis folkloricas esboçadas por Andrew Lang e sua escola, modernamente, asseguram que, não importa em quaes regiões, as mesmas circumstancias produzem manifestações identicas nos cantos e lendas do povo. Verificamos a exactidão da affirmativa, encontrando nas tradições da Colombia a mesma coisa que no Ceará.

Conta o Sr. Cunnighame Graham num seu bello volume sobre Cartagena das Indias que Popayan é uma velha e nobre cidade colombiana nos Andes, onde existem muitas egrejas e conventos. A sua notabilidade vem do facto curioso de se originarem de lá as maiores e mais nobres familias colombianas. Isso deu origem a um curiosissimo brocardo popular, expressivo do facto de todos quererem ser afidalgados: «Todo el mondo es Popayan».

Novellas Doidas

Viriato Corrêa não é sómente hoje em dia um dos nossos grandes escriptores. E' tambem um dos mais fecundos. O autor consagrado dos «Contos do Sertão» e «Historias de nossa Historia» acaba de publicar, numa bem cuidada edição da Livraria Castilho, as novellas singulares que escreveu no *Correio da Manhã* durante algum tempo e que tanta attenção despertaram do publico carioca. Deu lhe o titulo bizarro de «Novellas Doidas», porque nellas as scenas se alvoroçam em lances inesperados e os corações sangram em tragedias horriveis. Viriato approxima-se, assim, um tanto de Poë e de Villiers de l'Isle Adam, mas deu á fabulação admiravel dos seus contos um ambiente inteiramente brasileiro. E é essa nacionalisação da sua arte que torna o autor dos «Minaretes» e do «Era uma vez» um escriptor profundamente nosso. Sobram lhe muitas outras, porém esta só já lhe bastaria, se, por acaso, as outras lhe faltassem.

Destacamos nesse bello livre as seguintes novellas, que nos enchem de fremitos ao lêl as: O Matador de Creanças, Gigi, Manduca Cantador e Olhos Verdes. Entretanto, pôr em relevo qualquer pagina do livro é commetter injustiça, porquanto todas as suas paginas merecem essa honra.

OS SLAVOS DO ADRIATICO

Quem são e onde habitam os slavos do Sul, os famosos yugo-slavos de hoje reunidos em torno da corôa do energico Alexandre Karageorgevitch? Certamente, a maioria daquelles que, no nosso paiz, não estão de todo ao par das questões historicas da peninsula Balkanica resolvidas pela Conferencia da Paz, fazem muitas vezes a si proprios essa pergunta, quando lêm ou ouvem falar dos Yugo-Slavos.

São elles os povos que constituiram outróra a Grande Servia talhada nos Themas septentrionaes do Imperio Bysantino, o reino glorioso dos Grandes Jupans, que pereceu deante da invasão turca na ultima batalha de Kossovo. São os povos que habitam o famoso triangulo dinarico, que comprehende o Montenegro, a Dalmacia, a Bosnia, a Herzegovina, a Istria, a Carniolia, o sul da Carynthia e da Styria, a Croacia, a Slavonia e a Sirmia. Toda essa vasta região é magnificamente servida pelo valle do Sava e cortada pela cadeia dos Alpes Dinaricos. Nas suas costas abrem-se os portos excellentes de Ragusa, de Sebenico, de Spoleto e de Cattaro.

Numa maravilhosa conferencia que a respeito desse paiz fez na Real Sociedade Geographica de Londres, em 1916, *Sir* Arthur Evans estudou completamente o seu meio physico e a raça que o habita, desde as ribas do mar, onde nasce a palmeira e a oliveira, onde ás vezes chega o halito calido do *sirocco* africano, do *mezzogiorno*, até o seu vasto hinterland, por onde passa o melhor caminho continental para a cobiçada Constantinopla. E a sua descripção admiravel casada ás paginas leves que sobre o mesmo assumpto escreveu Carlos Yriarte, quando por alli viajou, são a melhor leitura que até hoje encontrámos a respeito dessa zona magnifica e fadada a grandes destinos na politica continental européa.

Todo o littoral yugo-slavo devido á sua conformação, ás ilhas innumeras que o abrigam, desde a mais remota antiguidade tem servido ao commercio do Adriatico. Foi mesmo entreposto de productos do Norte da Europa, que vinham até seus portos por terra, como o ambar do Baltico. Alli houve colonias gregas e sicilianas de Dionysio de Syracusa. Alli se fundou com a famosa rainha Teuta o reino da Illyria. E por fim

O Rei Alexandre da Servia

os romanos a conquistaram. Entretanto, as suas populações mais fortes refugiadas nas montanhas asperas como as de Tcherna-Gora desafiaram as phalanges macedonicas e as legiões capitolinas, mantendo impavidas a sua liberdade.

Mais tarde, quando as alluviões de barbaros desceram do Septentrião, os slavos se apoderaram de todo o paiz e os restos de populações latinas se refugiaram no littoral sob a protecção das armadas romanas, bysantinas ou venezianas. Veneza no correr dos seculos se apoderara de quasi todos os portos, menos do da Republica heroica de Ragusa. Mas, apezar dessas conquistas e dominios, sempre o elemento slavo alli se mostrou com extraordinaria pujança, chegando mesmo a predominar nas cidades de fundo greco-latino. Artistas e historiadores, politicos e guerreiros de origem slava estiveram sempre á frente desses povos, mesmo quando escreviam em latim ou em italiano. A continuidade historica do estabelecimento definitivo dos slavos nunca foi quebrada nem sob a oppressão ottomana. E a Dalmacia sobretudo, máu grado os seus vestigios de cultura veneziana, jamais poude ser separada do interior dinarico, profundamente slavo.

Sir Arthur Evans prova brilhantemente com documentos e factos historicos esses postulados. E o genio de Napoleão, quando creou no começo do seculo passado o reino da Illyria, não pensou em separar nenhuma parte da região de outra e sim as manteve na sua unidade historica secular.

O dominio ethnico dos slavos em todos os paizes que formam hoje o reino *serbo-croata-sloveno* é manifesto. Elles formam a maioria absoluta da população entre o Adriatico e o Drava. Os elementos mixtos, compostos de italianos, allemães, romenos e magyares apresentam-se numa minoria extraordinaria. E, entre os proprios slavos, o dominio cabe aos serbo-croatas, ou yugo-slavos propriamente ditos, sobre os slovenos.

Os servios e croatas são duas partes do mesmo povo. Ha entre elles a mesma unidade de sangue e de aspirações que a existente outróra entre os anglos e saxões que formaram o povo inglez. A lingua de ambos é sensivelmente identica e as suas pequenas divergencias de religião e cultura nasceram das direcções que tomaram as suas migrações. Os croatas enchem a Bosnia de Noroeste, o Norte da Dalmacia, a antiga Illyria occidental romana. Dahi o seu credo catholico. Os servios se espalharam mais para Leste e para o Sul. Foi maior o seu contacto com os bysantinos e se filiaram, assim, á egreja orthodoxa. Elles occupam a Bosnia central e meridional, a antiga Servia, o sul da Dalmacia, a Herzegovina e o Montenegro. Os servios avançam mesmo até certas regiões da propria Hungria.

Na Bosnia existe uma certa quantidade de elementos musulmanos devidos á conversão ao islamismo dos adeptos da antiga seita Bogumil, sahida dos Manicheus, quando da invasão turca e quando esses sectarios precisaram fugir ás perseguições religiosas dos soberanos catholicos e dos feudatarios hungaros. Entretanto, todos elles são de raça serbo-croata.

O elemento sloveno compõe-se das gentes slavas vindas nas mais remotas migrações, ligado, no emtanto, estreitamente, pelas qualidades ethnicas e pelo idioma, aos serbo-croatas. Antigamente, elle viveu numa vasta zona entre o Tyrol e os arredores de Vienna. Baixou mais tarde para o Sul e habita em maioria a antiga Esclavonia.

Pode-se dizer que o nacionalismo yugo-slavo começou, após o tratado de Presburgo, com a creação napoleonica do reino da Illyria, cuja capital foi Zagreb. A libertação da Servia do jugo ottomano; sua erecção a reino, posteriormente, depois de haver sido um principado tributario da Porta, ajudou a recrudescencia desse fogo sagrado e serviu de signal de reunião aos slavos meridionaes divididos pelos acontecimentos historicos.

A annexação pela Austria da Bosnia e Herzegovina, as tentativas falhadas de magyarisação do paiz e as reacções croatas contra as perseguições hungaras augmentaram o nacionalismo yugo-slavo.

As guerras balkanicas, ha alguns annos, aureolaram a Servia com um prestigio militar admiravel. Seus heroicos soldados mostraram-se os descendentes dignos dos antigos guarreiros esclavões que tantos serviços prestaram aos Doges de Veneza e que espalharam pela Europa toda a valentia dos celebres *estradiotas* armados com as terriveis *schiavonas*. Depois, veio o caso sangrento de Serajevo. O heroismo servio se oppôz as pretenções austro-hungaras alicerçadas na ambição allemã. Desencadeou-se a guerra européa. A Servia bateu-se como um leão contra germanos, magyares e bulgaros ferozes. Soffreu horrores. Escreveu nos annaes da humanidade as mais bellas paginas de gloria, de patriotismo e de heroicidade. E sahio unida, resoluta e forte dessa convulsão mundial.

Foi nesse admiravel cadinho de dôres e de lutas que se formou a moderna nação yugo-slava, o reino dos serbo-croatas-slovenos, a patria de Marko Kraliewitch e do poeta Vodnik, a terra mãe do voivode Putnik, os heroes das duas grandes batalhas de Kossovo e das resistencias de Bregalnitza e de Prilep! E hoje, conscios da sua grande funcção historica, os povos slavos meridionaes que guardam a grande róta continental do Oriente, formam uma barreira poderosa contra as ambições germanicas para aquelle lado, reunidos sob o sceptro da figura extraordinaria do seu novo rei Alexandre Karageorgevitch, filho de Pedro I, descendente do grande Jorge o Negro, o Batalhador!

J. N.

Como nos contos de fadas

Em todas as historias para creanças se vêm os reis, quando se regozijam com acontecimentos felizes, ou os principes, quando se casam, darem grandes festas publicas, nas quaes se distribuem manjares ao povo e das fontes e chafarizes jorra vinho em logar de agua. Não se pense que tal só aconteça nessas lendas maravilhosas. Agora nos nossos dias acaba de passar-se facto identico.

Temos em mãos o admiravel programma das festas realisadas na capital do Mexico por occasião do centenario de sua emancipação politica. Ha nelle, além de torneios e jogos, recepções e bailes, desfiles e paradas, conferencias e sessões solemnes, inaugurações de estradas e de escolas, visitas a ruinas tradicionas e loterias, festas varias e uteis ás creanças, campeonatos e banquetes, espectaculos de gala, picsnics e consagracões de arvores, festas de arte e erecções de monumentos, esta noticia enternecedora que nos faz pensar longamente naquelle episodio a que alludimos dos contos de fadas:

« Distribución gratuita de diez mil enaguas, diez mil blusas, diez mil rebozos, veinte mil pantalones, veinte mil camisas, veinte mil sombreros y veinte mil pares de huarachos a los pobres de la Ciudad de Mexico. *Apertura de ocho comedores publicos en la ciudad de Mexico*».

Bemdita a nação que ao completar cem annos não esqueceu os seus pobres!

Une femme passa...

Passou por mim, indifferente e calma, atrozmente calma. Outróra, o seu olhar, ao avistar me, rebrilhava. Hoje fica embaciado e dormente. *Tout casse, tout lasse, tout passe*, diz o francez. E uma vez que, ao sentil-a esfriar, lhe disse essa phrase, ella accrescentou:

— *Et tout se remplace...*

Não é verdadeiro este final. Ha multa coisa insubstituivel, com cuja falta a gente se resigna, porque não tem outro remedio, mas não se consola. Certas faltas nunca se deixam de sentir. Infelizmente!

Ella passou e eu, fingindo indifferentismo, murmurei entre dentes os versos suaves de Olegario:

« Nessa poeira de luz ephemera e intangivel,
Vive o meu sonho, pobre sonho de impossivel,
Amor de um dia, poeira de ouro... Brilha e passa
Como o sorriso... como o luar... como a fumaça...»

E conclui commigo mesmo:

— O della passou, o meu não.

29-Out°-1921

SELECTA

NOTAS DIPLOMATICAS E LITTERARIAS

ENRIQUE BUSTAMANTE Y BALLIVIAN, secretario da legação do Perú nesta capital, e hoje Encarregado de Negocios do seu paiz, é um admiravel poeta. Temos sobre nossa banca de trabalho o seu ultimo interessante volume *Autoctonas,* collecção de fortes e sonoras odes americanas, em que a pureza da lingua castelhana se casa a um novo e bello rythmo poetico. Esse poeta da America unida e livre não se deixou levar pelas europeizações fulgentes das cidades e foi buscar a força e a grandeza dos seus versos na grande alma da natureza e da vida do nosso continente. Elle não canta as epopéas do Velho Mundo nem as paysagens nevoentas das terras septentrionaes, nem nas suas poesias se sente a nostalgia dos climas estrangeiros. Elle canta a paysagem americana, a fauna americana, a alma americana e as glorias americanas. Ha no que escreve o sol das planuras tostadas e a neve dos altos cimos andinos.

Nas suas paginas o condor abre o vôo magestoso, o puma escancara as fauces uivantes, os milharaes de esmeralda e ouro sussurram ao vento, as fachadas coloniaes se altêam, as visões do passado desfilam e o lago Titicaca espera o orvalho do céu como uma grande taça quasi cheia. E as evocações dos primeiros dias do continente, quando dos abysmos do mar as primeiras montanhas surgiam, nos maravilham e nos assombram com o seu profundo mysterio.

Em tudo o grande passado da Raça se manifesta pela alma do poeta, como nos milharaes viçosos:

« Pancas verdes, granos de oro,
choclos frescos, melada chicha embriagante,
cantar de la cosecha, sonoro
y sollozante
como la roza que le diera voz. »

Ou no Destino das Ilhas;

« Salve, raza fêcunda: consciencia
en Marti, brazo en Maceo,
y en el pueblo potencia
firme arrolladora
que hizo porvenir y libertad! »

Ou ainda no Kaiser:

« . . . Cahuide se estrelló en la peña,
nunca fué esclavo Canpolicán
y Guatemoc sonriendo puso en la hoguera la mano . . . »

Vibra mais que todas as outras cordas da alma a do orgulho epico da America e da Raça no coração poetico de Ballivian. E o seu livro se nos apresenta como um novo élo que pelo enthusiasmado que nos desperta mais nos prende á grande terra americana.

"A Patria" - 29 out° 1921

AO SOM DA VIOLA

Numa alentada edição da Livraria Leite Ribeiro dá-nos Gustavo Barroso, o festejado João do Norte, um interessante livro de "Folk-lore" sob o titulo suggestivo de "Ao som da viola".

Desta feita o autor de "A ronda dos seculos", nem tanto nos apparece como literato quanto como um meticuloso commentador e um collecionador valorosissimo das bellezas e das originalidades do nosso "Folk-lore". Desde a sua estréa nas letras com "Terra de sol", elle se tem dedicado com interesse louvavel ao estudo do nosso sertanismo.

"Ao som da viola" agora vem collocal-o vantajosamente entre os mais brilhantes estudiosos das coisas bizarras dos nossos sertões notadamente do nordeste do Brasil.

E na lista de commentadores sertanistas como Mello Moraes, Affonso Arinos, Aluizio Azevedo e outros de igual valor, Gustavo Barroso vem enfileirar-se com o maior direito e justiça.

"Ao som da viola" é um livro curioso que se lê com prazer e interesse. O autor de "Praias e varzeas", que como escriptor se tem imposto sempre pelo methodo e nitidez dos seus trabalhos desta vez não desmerece destes conceitos.

Dividiu o seu livro com cuidadosa minucia em partes distinctas, ou cyclos destacados, que facilitam e amenizam a leitura de obra, assáz volumosa.

Nestes cyclos elle encerra as lendas, as historias, as orações, as canções e os "desafios" que caracterisam cada um desses periodos, por assim dizer, historicos, do "Folk-lore".

Iniciando os cyclos pelo dos "Bandeirantes" elle estuda a seguir o do "Natal", dos "Vaqueiros", o "Cyclo heroico", dos "Cablocos" etc. Descreve e commenta as: Emboladas, Fabulas e Superstições a authologia sertanista e tudo isto com uma grande mésse de exemplos e um vasto cabedal de dados authenticos.

Lendo o livro encontramos muitas vezes paginas admiraveis de suavidade de graça e de belleza, que bem demonstram a alma encantadora do sertão brasileiro:

Leiam por exemplo esta "Canção de Janeiro". E reparem na sua simpleza risonha, de ingenuidade e de graça: —

Janeiro Vae.
Janeiro vem.
Feliz daquelle
A quem Deus quer bem

Janeiro Vae.
Janeiro vem.
Feliz daquelle
Que têm seu pae!

Janeiro foi
Janeiro vem.
Feliz daquelle
Que tem seu boi!

Janeiro foi
Janeiro era.
Feliz daquelle
Que tem sua terra!

Janeiro ia.
Janeiro vinha.
Feliz daquelle
Que tem gallinha!

Janeiro vinha.
Janeiro ia.
Deus nos proteja
E a virgem Maria!

Ou então esta quadrinha, inclusa no "Cyclo heroico", talvez a parte melhor do livro, em que o famoso bandido Antonio Silvino, numa contenda, com um outro diz com muito chiste pela bocca de um cantador qualquer:

"Se não me mandarem logo
De presente ao cemiterio,
Ou Desiderio me mata
Ou eu mato Desiderio!"

Ou ainda o que um poeta matuto põe na bocca do mesmo bandido:

"Admira todo o mundo
Quando passo num logar
Os mattos affastam os ramos,
Deixa o vento de soprar,
Se perfilam os passarinhos,
Os montes dizem aos caminhos:
— Deixae Silvino passar!"

Repare o leitor na belleza da imagem, que estes versos encerram e ha de concordar no talento poetico do seu rude autor.

No "Cyclo dos caboclos", outra parte muito interessante do livro, não podemos deixar sem destaque um desafio entre um negro e um caboclo. Pouca gente talvez saiba que o caboclo e o negro se odeiam ferozmente e quando acontece de se encontrarem dois cantadores um de cada raça, este odio extrava em quadras plenas de satyras pesadissimas. Vou transcrever algumas quadras de um desses desafios. Começa o negro:

Caboclo não vae ao céo
Nem que seja rezador,
Que tem o cabello duro
Espeta Nosso Senhor!

E responde o caboclo:

O negro não vae ao céo,
Nem que seja rezador,
Que o negro catinga muito,
Offende Nosso Senhor!

E prosegue o desafio:

Dizem, quando o negro morre,
Que Jesus Christo o levou:
Mas, quando caboclo morre,
Foi caxaça que o matou!

P'ra fumar, fumo da terra;
P'ra mascar, só mapinguim.
Mais vale um caboclo bom
Do que dez negros ruins!

Tenho visto muito negro
No altar dizendo missa
E caboclo ao mais que chega
E' a official de Justiça!...

Mas se começamos a fazer citações acabaremos por transcrever o livro todo, o que não é muito facil, principalmente se repararmos que elle tem apenas 740 paginas...

Em resumo: "Ao som da viola" é um excellente livro e merece ser lido por todos aquelles que amam e estimam as coisas do nosso "Folk-love".

PAULO DE MAGALHÃES

Propaganda justa Nenhum paiz soffreu mais com a guerra do que a pequena e heroica Servia. Elle foi pasto da rapina e da crueldade dos bulgaros ferozes. Passou por todas as torturas a que uma nação póde ser sujeita.

Para se verificar qual foi a extensão e a intensidade de seu soffrimento, basta lêr se a serie de publicações admiraveis que a revista slavo-buonairense «Jadran», encabecando o movimento da justa propaganda que o comité Yugo Slavo do Atlantico Sul, está realisando afim de mostrar ao mundo quanto padeceram os servios dos seus terriveis inimigos.

No excellente livro de Balcanicus — «La Bulgarie, ses ambitions et sa trahison», está completamente documentada a ferocidade das tropas do czar Fernando e a covardia de sua politica nos Balkans em favor da Allemanha. A *enquéte* de R. A. Reiss, na frente macedonica, agora publicada officialmente, apoia esse quadro negro com a inilludivel demonstração das infracções ás leis da guerra e da humanidade commettidas pelo exercito bulgaro.

Nada mais justo, portanto, do que a propaganda que faz a brilhante revista «Jadran».

Dois symbolos A estrada era larga e se perdia entre morros verdes. A sua brancura sob a soalheira dará na vista, E por ella rodava um carro de bois, lenta e pesadamente, chiando alto.

Eu vinha em sentido contrario, fazendo o meu exercicio semanal de pedestrianismo, que me impede, nesta idade em que se começa a descer a ladeira da vida, de criar barriga. Apreciava a vagarosa marcha da viatura poetica, mas deselegante, quando um rumor de machina encheu os ares. Alevantei os olhos e vi, perdido como uma ave, no azul diaphano do céu um aeroplano militar. E assim, cheio dos pensamentos que aquelles dois meios de locomoção me despertavam, tão afastados no tempo e no espaço, fui andando. Um me recordava as migrações barbaras, vindas das estepes ou rolando pelas longas estradas romanas. Outro me apontava a febricidade do progresso e esse dizia como se viajaria no futuro.

Tive, nessa manhã clara, a sensação de contemplar dois grandes symbolos...

"Fon-Fon" 5 Nov. 1921

Desafios na China

por João do Norte

NENHUM brasileiro desconhece que é um velho costume sertanejo o de dois cantadores se pegarem num desafio em versos, horas e horas, até que um se considere vencido. Ha no *folk-lore* nacional, com abundancia, os mais interessantes exemplos desse habito arraigado entre os troveiros do nosso immenso sertão.

Os que lêem e estudam as questões folkloristas sabem tambem que o desafio não é fruto especial do nosso meio, que elle existe nas aldeias européas dos paizes occidentaes, que elle na idade media floresceu nas *tensons* dos trovadores provençaes, que era mesmo uso cantarem em desafio os bufões romanos, durante os lascivos banquetes dos seus senhores. Porém mais interessante é saber como no velho e mysterioso Oriente o desafio tem existido, é estudar as suas manifestações na China antiga, onde attingiu um desenvolvimento muito maior do que na Europa e, posteriormente, na America. Ha um capitulo curiosissimo a esse respeito no livro do Sr. Marcel Granet, "Fêtes et Chansons Anciennes de la Chine". A elle recorremos muito, para as nossas notas.

As fórmas de desafio são multiplas no Imperio do Meio e affectam uma feição a que não attingiram no interior do Brasil e á qual mal chegaram nas *tensons* provençaes: a expressão amorosa. Essas justas ou torneios de amor á maneira chineza se encontram na Indo-China, no Thibet, na Mongolia e no proprio Japão antigo. As suas manifestações são as seguintes:

1ª — Canções de amor, em córos alternados de rapazes e raparigas. São os versos chamados pelo especialista Eitel *Responsorium*. Denominam-se *man* no Tonkin. Bonifacy os registrou ahi em quadras, como os dos nossos sertões. No Japão, esse desafio se realisa por pares de moços e moças, uns contra os outros, segundo a obra a respeito, de Beauvais. No Thibet, narra Grenard no seu livro, uma fileira de homens avança ou recúa deante duma fileira de mulheres, que faz o mesmo, em cadencia, e ambas as filas cantam os seus desafios amorosos.

2ª — Rapazes e raparigas lançam-se uns aos outros versos de amor em desafio, interrompendo os coros da festa, que cantam e bailam. Assim se dava no Japão antigo, conforme registra a traducção Chamberlain de Kojiki, á pagina 279: "um individuo sae de um dos grupos e improvisa uma canção, á qual um individuo sahido do outro grupo responde." No Thibet, essa fórma de desafiar só é usada nas festas que terminam os casamentos, e o cantador que tem de improvisar a sua quadra é multado se não conseguir ou se a fizer mal feita. No reino do Yunan, entre os barbaros submettidos ao governo chinez, os Tchong-Kia-Tsen, assegura Roux, que os observou, quando dois grupos, um de mulheres e outro de homens, dansando e cantando á luz das fogueiras, sob o céo estrellado, agradam á assistencia com os seus versos amorosos, têm licença dos chefes de irem se unir, amorosamente, durante o resto da noite, no escuro dos valles ou no recesso dos bosques, como uma ronda pagã de nymphas e de faunos.

3ª — Os desafios de amor se realisam nas commemorações agricolas das estações, quando a assistencia é numerosa, mesclados de ritos sexuaes e considerados festas de noivado e de casamento. Os thibetanos as realisam na primavera, com a maior solemnidade, depois de abluções e outras purificações religiosas. Os barbaros do Yunan as celebram no Anno Novo. Na peninsula de Tho-yen (os pormenores são fornecidos pela obra de Colquhoun), tudo se passa perto de um pagode cheio de divindades veneraveis. Após os desafios, cada mancebo escolhe a sua preferida e vae com ella *esconder-se* nas grandes moitas de bambus. Antes de se occultarem, os dois ficam, encostados um no outro, de dorso, cantando coplas de amor. Ao anoitecer, todos os pares escondidos reapparecem e se reunem em duas theorias, que bailam e dansam. Cada rapaz atira á sua bella uma bola na ponta dum cordel. Se ella acceita, ficam noivos. Se não a quer receber, é que o parceiro, apezar das horas de esconderijo, não lhe agradou...

4ª — O duello de cantos de amor é realisado por moços e moças de tribus ou de aldeias differentes. Até aqui todas as manifestações do desafio chinez se passam entre pessoas da mesma tribu ou da mesma aldeia. Nesta ultima dá-se justamente o contrario. Segundo o coronel Bonifacy faz notar, isso é uma reminiscencia da exogamia primitiva, quando cada homem era obrigado a ir buscar, fóra da sua gente e ás vezes da sua raça, uma companheira para a sua vida. Porque o fim desse desafio ainda é, tanto na China como no Tonkin, ou na Coréa, o noivado, o casamento ou mesmo a simples saturnal semi-religiosa de uniões sexuaes em plena natureza.

ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA - Set.º 1921

Tudo na China tem o dom de ser complicado, até mesmo o desafio em verso, tão simples e tão curioso no nosso interior. E' que no Oriente se guardaram melhor as lembranças dos primeiros passos da velha humanidade. O desafio de lá ainda mantém a pureza primitiva de suas fórmas symbolicas e amorosas, que illustraram as primeiras festas das civilisações incipientes, e o nosso, drenado através da cultura greco-latina, da idade media e das influencias peninsulares, desabrocha de novo no sertão immenso e pobre, perfumado pela simplicidade do seu povo, pela espontaneidade da sua verve ignorante e pela franqueza brutal do seu coração:

— Vou lhe fazer uma pergunta,
P'ra você me arresponde:
Em riba daquelle morro
Quantos capins póde ter?

— Se a secca não matou,
Se o gado não comeu,
Em riba daquelle morro
Tem os capins que nasceu.

O Bicho!

Um dos nossos companheiros que se tornado notavel pela escassez da sua collaboração, escreveu ha dias uma nota (isto é, rabiscou), chamando a attenção para certas expressões populares, como *fulano é um bicho*, e applicando-as aos seus collegas de trabalho. Disse que um era o *bicho* para fazer vales, outro para falar ao telephone, outro para isto, outro para aquillo.

Quando essa nota chegou ao conhecimento da redacção, houve uma exclamação collectiva, cuja justiça é completa:

— E elle, o Sodré, que é o *bicho* para não dar collaboração...

Razão de sobra tem o povo: macaco não olha para o seu rabo (delle)...

Gouina

Bernice e a Herzegovina

—Por Gustavo Barroso—

ESTES dois paizes, que hoje fazem parte do reino Yugo-Slavo ou Servio-Croata-Sloveno, como é officialmente denominado, têm passado por tantas vicissitudes historicas e são em si proprios tão curiosos, que não deixa de ser interessante fazer delles uma descripção mais ou menos pormenorisada. Não se infira que pretendamos pintal-os com a finura, a argucia e a minuciosidade de Carlos Yriarte, pois simplesmente pretendemos traçar as linhas principaes de sua historia, como simples elucidação áquelles ouja curiosidade se preoccupa com as regiões menos banaes da terra.

A Bosnia é um paiz montanhoso, a Suissa dos Balkans, disse Eliseu Reclus. A Herzegovina é uma região de montanhas tambem, regada por varios pequenos rios.

Entre os valles bosniacos o mais importante é o de Novi-Bazar, do ponto de vista estrategico, porquanto por elle se communicam a Romelia e a Bosnia. Esta ainda tem alguns logares cobertos de florestas, emquanto a Herzegovina está inteiramente devastada.

Todos os habitantes dessas duas partes componentes do actual Estado dos slavos do sul, que o publicista Gay sonhou ha tantos annos e que o poeta Vodnik cantou ha um seculo, quando Napoleão creou o reino de Illyria, são de raça servia e desejavam unir-se á mãe commum. Na maioria, devido á dominação turca, que pesa sobre elles desde o tempo de Bajazet II, em 1483, são de religião musulmana. E isto faz com que na referida nação, que surgiu com a Grande Guerra, coexistam tres religiões: os croatas são catholicos, os servios são orthodoxos e os bosniacos mahometanos.

A conquista da Bosnia foi realisada pelos turcos no anno citado, sob o commando do pachá Mohammed Falhi. Pouco depois dessa data, a Herzegovina era tambem tomada e reduzida a um *sandjak* ou prefeitura ottomana.

Após as invasões slavas da peninsula balkanica, quando o imperio bysantino se debatia nos ultimos estertores, a Bosnia constituiu-se em reino, e a elle pagava tributo o ducado da Herzegovina, que fôra instituido feudo pelo rei Estevam, da Servia.

Antes disso, porém, aquellas regiões pertenceram aos romanos, enquadradas na provincia da Dalmacia Superior. As cidades romanas ainda hoje vivem sob denominações locaes: Mostar é a antiga Andevim, como Trebigué foi Terbunium e Gobella, Bistuae Veteres. Quando o imperio romano foi dividido em imperio do Oriente e do Occidente, a Bosnia e Herzegovina passaram a fazer parte do primeiro, sendo comprehendidas na Diocese da Illyria.

As hordas barbaras vêm contra o imperio e os povos slavos se fixam em varias regiões da peninsula balkanica. O imperador Heraclius encarrega até os servios e os croatas de defenderem as fronteiras contra os ávaros. E, segundo Luiz Leger, no seu livro "Le monde slave", todo o territorio que occupam hoje os yugo-slavos constituiu assim uma verdadeira *marca*, um paiz tampão entre o imperio e os barbaros.

Depois da morte de Heraclius, os imperadores de Bysancio reduziram as duas *jupas* ou provincias da Bosnia e da Herzegovina a dependencias directas do seu governo. Dessa designação de *jupa* se origina o nome de *jupan*, governador, de *grande jupan*, titulo que usaram varios soberanos servios, entre os quaes os celebres Kroliewitch e Brankowitch.

Mais tarde, essas provincias oscillam na sua dependencia, pois Bysancio perdia cada dia o seu prestigio entre os reis slavos da Croacia e de Rascia, até que no decimo seculo Ladisláo, rei da Hungria, se apodera do primeiro desses reinos e delega a um dos seus partidarios o governo das duas *jupas*.

A dominação hungara se prolonga até 1165, quando Estevam Nemanja, rei da Servia, as conquista para dois de seus irmãos. Com o correr dos tempos, a Bosnia cáe nas mãos dos *bans*, ou chefes populares, que acabam por conquistar a Herzegovina aos descendentes dos feudatarios instituidos pelo soberano servio. E' um periodo turbulento, anarchico, em que invasões e pilhagens se succedem.

Em 1389, a Grande Servia de Marko Kroliewitch succumbe sob o poder turco, na terrivel batalha de Kossovo, e o primeiro corpo de exercito ottomano atravessa as fronteiras bosniacas. E' repellido. Ilranitch, o *voivode*, ou general do rei da Bosnia, Tvartko, que derrotou o pachá turco, é recompensado com o titulo de duque de Herzegovina.

Em 1483, os ottomanos, afinal, se apoderam das duas provincias e reduzem-n'as a *sandjaks* seus, mantendo nellas uma nobreza semi-feudal, que logo, a bem de seus interesses, adoptou a religião dos conquistadores, opprimindo os *raias*, ou camponios da raça slava, cuja terça parte, mais ou menos, se manteve fiel á religião grega. Esta situação se prolongou durante muito tempo, entrecortada de rebeldias terrivelmente reprimidas, até que no fim do seculo passado a politica austriaca, afastada da Italia, teve de se voltar para o Oriente. Então, o governo de Vienna, cujas fronteiras militares davam para a Bosnia e a Herzegovina, interveiu na questão e occupou as duas divisões territoriaes turcas, ficando com ellas cedidas a *bail*, mas consideradas sob a suze-

rania do sultão. Mais tarde, os austriacos, de subito, proclamaram a annexação daquellas terras á colcha de retalhos do seu curioso imperio.

Nesta situação as encontrou a guerra européa, e della ambas sahiram com o seu destino ligado ao dos povos irmãos da peninsula: esclavões, croatas, servios, montenegrinos e dalmatas.

Hoje a Dalmacia, a Rascia, a Servia propriamente dita, a Bosnia, a Herzegovina, a Croacia e a Esclavonia formam um reino de mais de 15 milhões de almas unidas pelo sangue e pela lingua, somente differentes em religião.

Foi na capital da Bosnia, em Serajevo, que foi assassinado, victima certamente dum *complot* da propria côrte viennense, o archiduque herdeiro da coróa austriaca, Francisco Fernando, facto de que resultou a guerra maior da historia dos homens.

Mas a maior gloria da Bosnia e Herzegovina não póde ser essa e antes será a de terem nascido do seu povo o grande imperador Justiniano, o Upravda dos antigos slavos balkanicos, na sua terra, calcurriada por invasores ferozes e devastada por tyrannos, regada pelo sangue dos camponios insurrectos, o grande São Jeronymo, cujos olhos se abriram em Strzjai, na comarca ou parochia de Chonitza.

A curiosa sciencia da Falcoaria..

por João do Norte

«Illustração Brasileira» Out.º 1921

HOJE, que tantos seculos nos separam da Idade Media e que o espirito pratico e o scepticismo do tempo nos seccaram todas as fibras da alma, não podemos bem avaliar quanto foi interessante, profunda, extraordinariamente social naquella época a paixão da caça. Dessa paixão era base principal uma arte hoje morta, porém que foi das primeiras da humanidade e dominou a vida da alta roda durante seculos: a falcoaria ou, como dizem alguns dos nossos classicos, a rolateria. Ainda ha outros que a appellidam de cetraria. Mas com esta ou aquella denominação ella foi simplesmente a arte de caçar por meio de falcões ou de outras aves de presa da mesma especie, devidamente e pacientemente amestradas.

Essa arte ou sciencia da falcoaria, como rezam certos velhos manuscriptos, data da mais alta antiguidade. Sua origem se perde na noite das idades mythologicas. Essa arte ou sciencia complicada e refinada fez as delicias de todos os grandes senhores da Idade Media e da Renascença. Nenhum delles, em certas épocas, era capaz de se apresentar em publico sem o seu falcão tordilho, ou o seu gerifalte branco no punho erguido, calçada a mão por um guante grosso de couro de gamo, afim de evitar o aperto forte das garras. O falcão foi desta sorte como que um emblema rico da suzerania feudal. Os proprios prelados o possuiam e entravam com elles na egreja. E por lei canonica especial, emquanto o fidalgo ouvia missa, a sua nobre ave de presa era posta sobre a toalha branca do altar, onde o sacerdote officiava, do lado do Evangelho, que é o lado do poder espiritual, mais vasto que o poder temporal.

Como a espada, as esporas e o brazão, o passaro guerreiro era um dos signaes distinctivos dos varões feudaes, que ás vezes o levavam para a guerra. Assim o fizeram Ricardo Coração de Leão e Philippe Augusto, de França. E, quando cahiam prisioneiros, as leis do feudalismo cavalheiresco ordenavam-lhes logo por em liberdade o companheiro de azas, para que o animal nobre não participasse do captiveiro.

Os usos da falcoaria davam aos falcões nobreza propria. Toda ave de rapina que podia ser

educada e treinada para a caça passava a ser considerada "ave nobre". Todas as outras eram "aves ignobeis". Mesmo a aguia não tinha a significação moral dos gaviões caçadores.

A conservação e o tratamento de taes bichos demandava grande despeza. Somente os gentis-homens ricos poderiam ter uma equipagem de volateria capaz de dar-lhes todos os vôos das regras: os altos vôos como o da garça e do milhano ou os baixos como o da lebre e da perdiz. Os senhores pobres possuiam somente um ou dois falcões.

Esses caçadores de azas, quando eram exemplares raros de paizes distantes, custavam fortunas. Os mais afamados eram os da Escandinavia, da Islandia e de Marrocos. As miniaturas celebres do "Livro do Rey Modus", manuscripto francez do decimo quarto seculo, os pintam em todas as posições, de todas as especies e aprendendo todos os segredos da arte de caçar e de trazer a presa ensanguentada ao dono.

O falcão deveria obedecer ao apito, á voz, ao grito do falcoeiro, e isto custava uma demorada e paciente trabalheira. Os machos, os treços, eram preferidos ás primas ou femeas, do mesmo modo que os sáfaros ou pegados já crescidos davam melhores resultados que os ninhêgos ou apanhados no ninho. Nos primeiros a ferocidade era compensada pelas grandes qualidades nativas de caça, emquanto nos segundos, mais mansos, essas qualidades se tinham embotado com a vida domestica.

Os falcões se dividiam em aves de punho e aves de ról. Os primeiros voltavam ao punho, chamados pelo dono, depois de terem caçado; eram o astureo, o esparavél, o gerifalte e o esmerilhão. Os segundos, educados a caçar primeiro um passaro de panno com pennas, chamado rol — corruptela de rôla, somente regressavam vendo essa isca fingida; eram o lanario, o gavião e o sacre.

Mesmo pegado adulto, o falcão, com um capuz ou capirote á cabeça, para não ver, era posto continuamente no meio de homens, cães e cavallos, de maneira a perder qualquer receio, preso pela pata por meio duma correia chamada pioz, ligada ao seu poleiro ou alcandóra. Dava-se-lhe comida, obrigando-o a caçar o tal rol de panno, dentro do qual encontrava carne de passaros. Assim se ia acostumando a caçar, a trazer a caça e a esperar que o dono lhe desse a ração. Depois, os falcoeiros faziam-no perseguir aves de pennas arrancadas nas azas, que não podiam voar muito. Por outros meios tão industriosos e pacientes educavam-no a caçar lebres, patos, garças, milhafres ou grous.

Vê-se bem que trabalho e que meios eram precisos para se poder ter uma grande falcoaria. Demais, os bons falcões custavam carissimo. Por um que fugira para os turcos em São João d'Acre, Philippe Augusto offereceu milhares de libras tornezas. Carlos V cedeu a ilha de Malta aos cavalheiros de Rhodes pelo tributo annual dum gerifalte branco. O abbade de Santo Huberto dava de tributo, por anno, ao rei de França, seis sacres de caça.

Na côrte franceza, os falcões com que era presenteado o rei se recebiam em audiencia publica, especialmente os que costumava lhe mandar graciosamente o rei da Dinamarca. Luiz XI mandou roubar numa emboscada os falcões especiaes que vinham da Turquia para o duque de Borgonha. O sultão Bajazet possuia sete mil falcões e acceitou doze inteiramente brancos pelo resgate de Philippe, o Ousado, de Borgonha. Os facoeiros em todos os paizes eram de condição livre e o seu officio passava de paes a filhos.

O guante ou luva em que as damas e cavalheiros traziam os seus alétos e alfaneques eram quasi sempre incrustados de pedraria e as piozes e outros instrumentos dum falcão nunca podiam servir para outro. Nas suas pernas se punham guizos, ás vezes de prata ou de ouro, com o escudo do dono, que serviam para se saber onde parava quando subia tão alto que se perdia de vista o seu pequeno vulto. A propriedade desses pequenos rapinantes era, pelas leis barbaras do tempo, considerada sagrada e inviolavel. O ladrão dum falcão era punido de modo atroz: a ave roubada devia arrancar-lhe do peito, a bicaradas, seis onças de carne, se elle não pudesse pagar a multa de dez soldos de prata.

Um imperador da Allemanha, Henrique I, foi alcunhado o Passarinheiro, tanto gostava de colateria. Os nobres faziam questão de falar a linguagem technica de arte. Os poetas rimavam em sua honra. Os soberanos tinham em alta conta o cargo de Grande Falcoeiro, que era disputadissimo. Luiz XII e Luiz XIII de França eram loucos pela cetraria e faziam benzer com agua benta os seus passaros, ao partirem para a caça.

De toda essa pompa e de toda essa importancia nada mais resta. A falcoaria veiu morrendo lentamente pelos seculos em fóra. Divertimento semi-barbaro, mais proprio de homens fortes e rudes, cahiu em desuso nas épocas de elegancia e pó de arroz, que se estenderam do decimo sexto ao decimo oitavo seculo. Por fim vegetou na Hollanda e hoje em dia em raros castellos da Europa um ou outro ricaço original e desoccupado caça com amestrados falcões. Mas a velha sciencia, a velha arte brilhante e nobre morreu sob o clarão da Renascença, para nunca mais resuscitar. E somente provoca os eruditos e os curiosos com o seu sabor original, que é um dos caracteristicos mais interessantes da Idade Media.

No meu tempo...

Desde que o mundo é mundo, as pessoas de idade, torcendo o nariz aos costumes e defeitos que presenciam, dizem com segurança:

— No meu tempo não era assim... E desfiam um rosario de bôas obras que *no seu tempo* se praticavam. Se se der credito ao que asseguram, *no seu tempo* a sociedade era constituida de santos e de santas.

Os allemães por isso crearam a expressão ironica: *die alten gutten zeit*.

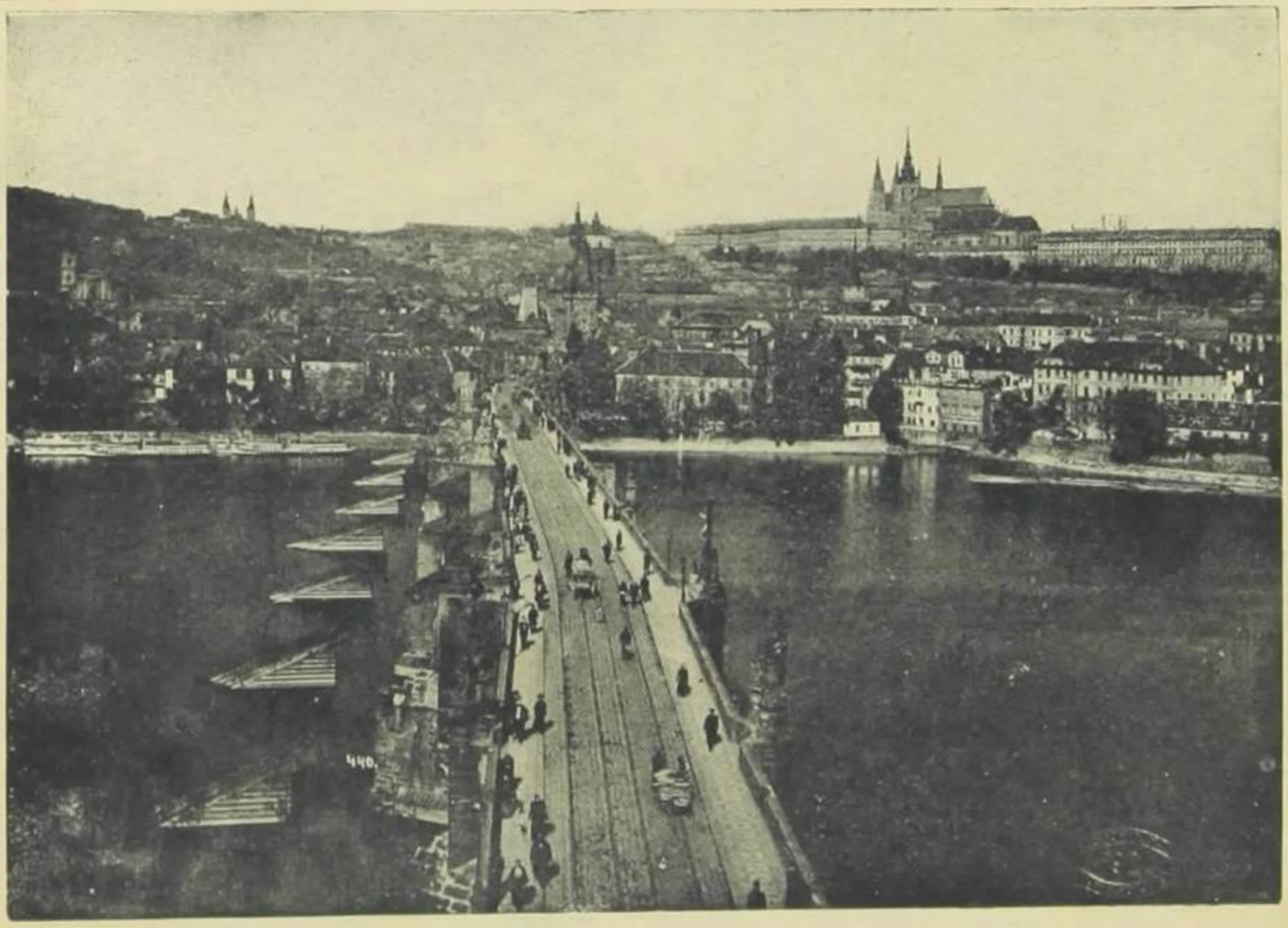
Tudo isso não passa de palavreado. Pode-se em verdade affirmar que em materia de sentimentos e acções individuaes todos os tempos têm sido identicos. Essa historia de dizer que antigamente era melhor é pura conversa fiada. Em todas as epocas da atribulada, suja e triste historia dos homens, os costumes se mantiveram quasi os mesmos. O resto não passa de illusão, que cada um crêa para seu uso pessoal, porque o passado deu distancia aos actos praticados ou presenceados e alisou-os, azulou-os como a distancia azula e alisa os vultos rugosos e brutos das montanhas.

Illustração brasileira
Out.º 1924

Uma pagina

por Gustavo Barroso.

vermelha da historia da Bohemia



A PONTE DE CARLOS, VENDO-SE AO FUNDO AS TORRES DA CATHEDRAL E O CELEBRE PALACIO DE WALDSTEIN, EM PRAGA.

Os primeiros tempos do decimo setimo seculo foram cheios, na Europa Central, pelas consequencias das guerras hussitas, das lutas religiosas entre a Allemanha Imperial e os tcheques ou bohemios. Estes foram vencidos pelos catholicos na grande batalha da Montanha Branca. Por isso, em Vienna, as igrejas se encheram de gritos de alegria e de vingança. Desejos de matança enchiam todas as almas. Havia no ar um rumor semelhante ao que precedera a chacina de S. Bartholomeu, em França.

O principe de Liechtenstein começou, então, a tomar medidas decisivas, sequestrando os bens dos chefes hussitas comprometti-

dos, afastando todos os protestantes dos Conselhos Municipaes. A 6 de Fevereiro de 1621 prendeu, por ordem imperial, uns cincoenta dos principaes rebeldes, levou-os perante uma commissão extraordinaria, afim de serem julgados, violando as leis por todas as maneiras, dando o primeiro passo para a obra de centralisação que a casa de Habsburgo proseguiria pelos centenarios em fóra até nossos dias. Emquanto a commissão julgava os réos, elle confiscava os bens dos revoltosos mortos na luta.

A commissão julgadora principiou, logo após o inquerito, a sua terrivel faina, condemnando dezenas de bohemios á morte e cobrindo de infamia os que haviam perecido na guerra. Entre essas victimas havia juristas eminentes, politicos notaveis, escriptores celebres. Apezar da sua piedade mystica e do valor dessas personagens, Fernando II de Habsburgo assignou as sentenças de morte. E os jesuitas procuraram, por todos os meios, penetrando nas prisões, abalar a fé dos condemnados para obter conversões á ultima hora. Nada, porém, conseguiram de hussitas e calvinistas. Wenceslão Budovec, senhor de Budova, repelliu-os, rindo das suas promessas de perdão.

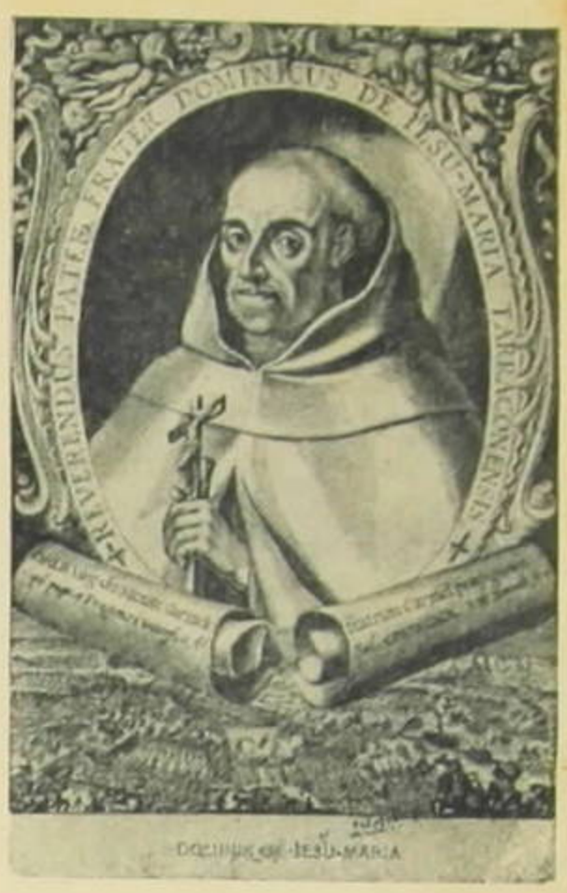
O cadafalso foi levantado na praça de Tyn, em Praga, perto da velha igreja hussita, junto á Prefeitura Municipal. Descia se para elle duma das janellas do primeiro andar, coberta de panno encarnado. A cavallaria fechava, nas ruas proximas, o accesso da praça e tres filas de lanceiros e arcabuzeiros rodeavam o patibulo. A artilharia occupava as posições dominantes dos arredores. Previa-se qualquer movimento.

Foi justiçado em primeiro logar Schlick; depois o velho Budo-

vec, heroico e crente ; seguiram-se-lhe: Christovam Harants de Polzic, soldado e escriptor, autor das curiosas viagens na Palestina e na Arabia; um velho de 86 annos! Gaspar Kaplir, reitor de Sulevic, cuja cabeça consagrada ao culto rolou sobre o tapete vermelho; o grande medico Jessenius.

A execução durou do romper da manhã ao meio dia, e as cabeças das victimas foram expostas ás portas da cidade de Praga, de onde mais tarde as retirou e lhes deu sepultura digna um exercito protestante vencedor dos imperiaes.

Assim se exerceu a vingança austriaca sobre os chefes espirituaes e moraes do povo Tcheque, que nessa época queria ter o direito de professar a religião que melhor lhe calava aos sentimentos honestos. O beato e covarde Fernando II fez escrever na historia, por Liechtenstein, essa pagina de sangue. O castigo tardou, mas veiu sempre. E hoje a Austria, abatida, humilhada, recorre, para viver, á caridade internacional. Entretanto, a Bohemia, cuja alma se temperou na escola da dôr e da injustiça, através os seculos, fórma com os seus irmãos da Moravia e da Russia Sub-Carpathica a florescente, nobre e futurosa Republica Tcheco-slovaca.



Somente a adversidade dá força ás nações, eternisando-as. Nenhum povo soffreu mais no passado do que o Bohemio. Dahi a sua força no presente e sobretudo a sua confiança, porque elle sente que o sangue das suas mais nobres victimas, como essas de 1621, regou a arvore da sua liberdade, permittindo-lhe attingir um desenvolvimento tal que é impossivel hoje em dia destruil-a.

Independente economicamente, pelo seu labor economico de centenarios, o povo Tcheco-slovaco sabe quanto custa a liberdade e quanto vale a sua soberania.

Saberá defendel-as com toda a alma e isto é uma garantia para o mundo, pois essa sympathica nação será na *Mittel Europe* intransponivel barreira á união dos povos allemães seus vizinhos.

As nações, como a Bohemia, perdidas, confundidas na grandeza arrogante dos paizes mais fortes materialmente, guardam, para quem as estuda, procurando comprehendel-as, um encanto de lenda, doloroso, que lhes põe, na evocação da vida, o resplendor dos santos e o prestigio dos heróes...

FERDINANDUS III D.G. ROM. IMP. SEMP. AUG. GERM.
HUNG. BOH. DAL. CR. SCL. REX. ARCHID. AUST.
DUX BURG. ST. CARI. CAES. WIRSUP. ET SILES.
MARCH. MORET. SUP. ET INF. LUTZ. ET BARR. COMES TYROL. COMES

ILLVST: DNO DNO CASPARO KAPLERO
A SOLEWITZ IN NEVESTVPOW MILLIT:
ZIN, WOTTITZ ET BRODZE, S. C. M.TIS
CONSILIABIO ET DIRECTORI BOHÆMICÆ
CAMERÆ ETC: DNO SVO GRATIOSO

"Correio Paulistano" 31 out° 1921

A LINGUA PORTUGUEZA NA INDIA

Sob essa epigraphe, o brilhante escriptor João do Norte publicou no "Correio Paulistano", de 15 de setembro p. passado, um artigo sobre a existencia de nomes de familia portuguezes na India, isto é, sobre a sua adopção por parte dos naturaes do paiz.

Tratou ainda o A. de vocabulos portuguezes que passaram para diversas linguas faladas pelas populações hindostanicas e, inversamente, de vocabulos de origem indiana que penetraram em nosso vocabulario e que delle fazem parte até hoje.

Foi-lhe base de estudo, conforme declaração propria, o romance indiano "Kim", da lavra do escriptor inglez Rudyard Kipling, o qual, por fornecer muitas palavras de cunho regional e que têm correspondentes em nossa lingua, põe em evidencia o alto grau de importancia a que attingiram outrora as relações entre a heroica gente lusitana e as populações indigenas de que tratamos.

O assumpto é devéras interessante e nós, a despeito de pouca competencia, não resistimos ao desejo de fazer sobre elle algumas considerações, que, pensamos, vêm muito a proposito.

Para isso, buscaremos auxilios, não só nos valiosos estudos que, sobre a India e suas relações com Portugal, tem publicado ultimamente o eminente philologo orientalista monsenhor Sebastião Rodolph Dalgado, membro da Academia de Sciencias de Lisboa e antigo vigario geral da Ceylão, como em trabalhos aproveitaveis de outros cultores da sciencia da linguagem, glottologos e etymologos.

Procuraremos tambem, de nossa parte, esclarecer alguma cousa porque, embora como curioso, costumamos olhar com especial attenção para tudo que diz respeito á philologia comparada ou que envolve questão de ordem etymologica.

Isto posto, passamos a tratar dos diversos topicos do artigo de João do Norte, ordenando-os como melhor convier á clareza do estudo.

Referindo-se aos appellidos de familia que os lusos deixaram na India, o A. cita o trecho seguinte, que se lê á pagina 168 do romance "Kim": "Alguns eram descendentes de velhas casas euro-asiaticas solidamente implantadas no Dhurrumtollah (quarteirão de Calcuttá) — Pereiras, de Sousas e da Silvas".

Ora, na "Introducção" ao "Dialecto Indo-Portuguez de Ceylão" (Lisboa, 1900), por monsenhor Dalgado ha alguns trechos que confirmam as observações Kipling, pois o A., após lamentar que tivesse sido de pouca duração o dominio portuguez em diversas regiões da India (Bombaim, Malabar, Costa de Coromandel, Ilha de Ceylão, etc), nota, todavia, que — os appellidos portuguezes que nellas resoam attestam a passagem luminosa de tal dominio.

Entretanto, logo adeante, prevendo o desapparecimento de muita cousa que, na India, é obra dos lusitanos, diz: "Os mesmos appellidos passarão, por conveniencia politica ou social, por diversas transformações, e, como eu vi, com meus proprios olhos, em Bengala, os Correias

serão Currie, os Coutos serão Cout (proll. Caut), e os Soares, e Gomes serão Swarees e Gomeesso."

Vê-se, pois, que, espalhados por toda a India, ha muitos nomes de familia portuguezes; e até em Ceylão, diz ainda Dalgado, ha alguns Silvas, Dias, Fernandes, Gonçalves etc.

Assim sendo, por amor ao lusitanismo, que não póde ser indifferente a nós brasileiros, devemos desejar que, sob a influencia da lingua dos actuaes dominadores do Hindostão, não venham a transformar-se em Currie, Cout, Swarees e Gomeesso, os de Dalgado, nem em Perers, Souseas e Silvess os do Kipling...

* * *

Num outro topico de seu bello artigo diz o apreciado collaborador do "Correio Paulistano": "Da India, onde mais tempo estiveram os lusitanos, emigraram algumas palavras para a nossa lingua e outras, vindas desta penetraram na lingua corrente da gente do Hindostão, a qual possue tambem, por causa da conquista arabe, palavras de origem commum a varios vocabulos portuguezes".

Assim, das palavras **verandah, charoot** e **conjee**, consideradas regionaes ou de origem indiana, e que constantemente apparecem no romance "Kim", terão vindo, na opinião do A. do artigo, os nossos vocabulos varanda charuto e canja: e, ao contrario, **ayah**, que tambem apparece no referido romance, será uma transformação da palavra portugueza aia, pois é empregada com o sentido que esta tem em nossa lingua.

Pois bem, considerando que em questões desta natureza todo e qualquer esclarecimento é aproveitavel, passaremos a examinar diversas opiniões que ha sobre os etymos dessas palavras, commentando-as em alguns casos e ampliando-as em outros.

Varanda — Ha grande controversia a respeito da origem dessa palavra.

Alguns etymologos acceitam a sua procedencia asiatica, derivando-a, uns do sanscrito e outros do persa: outros, por fim, têm-na como originaria de peninsula iberica.

Entre os ultimos está Gonçalves Vianna que, em sua **Ortografia Nacional** (Lisboa, 1904), á pag. 223 tratando de antigas palavras portuguezas, que já foram graphadas a nosso módo, mas que agora têm resurgido com fórmas extrangeiradas, diz: "Si até o portuguezissimo **varanda** nos reapparece inglezado em **verandah**, com o pretexto de côr local, fingindo-se que o vocabulo é indio. Está averiguado que é hispanico, e affim de varão, vara. Foram os portuguezes que o levaram para a India".

Essa opinião não fica isolada porque monsenhor Dalgado tenda a apoial-a em seu interessante trabalho intitulado **Influencia do Vocabulario Portuguez em Linguas Asiaticas** (Coimbra, 1913), tanto que, tratando dessa palavra, entre outras cousas diz que — "Yule e Burnell (autores do **Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words**. London, 1886), foram os primeiros que suggeriram ter existido em portuguez e hespanhol a palavra varanda, independentemente do **varanda** indiano, com o mesmo ou muito analogo sentido..."; e mais que — si bem que seja incontestavel a existencia do **varanda** em sanscrito e a sua transmissão a muitos pracritos actuaes, parece que o significado de "galeria de columnas", que apparece em alguns destes, não é indiano, mas portuguez, modernamente infiltrado.

Mostra-nos ainda Delgado as diversas fórmas que a palavra portugueza tomou ao ser adoptada em varios vernaculos indianos e bem assim no indo-inglez (**veranda** e **verandah**) e no indo-francez (**véranda** e **vérandah**), e conclue observando que "a fórma ingleza **verandah** denuncia claramente a procedencia portugueza, e não a indigena, que deveria dar **warand**".

Nós, a titulo de novos esclarecimentos, lembramos que Duarte Nunes do Lião, inclue "varanda" entre "os vocabulos que os portuguezes têm seus nativos" ou "que não tomarão de outras gentes".

Quanto á aypothese, lançada por alguns etymologos de vir varanda do persa **baramada**, composto de **bar**, "para cima", e **amada**, "vindo" — sahido para fóra, saliente, — é ella a menos provavel. Yule julga que os persas tenham assim procurado artificiosamente, explicar por composição vernacula a significação do vocabulo extrangeiro que adoptaram.

Então, **verandah** que se encontra na obra literaria de R. Kipling, é uma transformação da palavra portugueza ou provem, como esta, dum etymo sanscrito commum?

Não temos autoridade para resolvel-o; tiveramol-a, entretanto, e penderiamos para os que abraçam a primeira hypothese.

H. Stappers em seu Dictionnaire Synoptique d'Etymologie Française, trata dessa palavra, mas a inclue no capitulo "Etymologie douteuse", onde se vê: **véranda**, der. de l'esp. "baranda" Port. varanda, mot d'origine orientale".

Acceitando-a como de origem oriental, Stappers admitte que ella penetrou no francez por via do hespanhol.- Parece, porém, que melhor seria derival-a do portuguez, pois **véranda** se approxima mais da nossa fórma do que de "baranda".

Neste caso o vocabulo portuguez teria passado, como acima se disse, para o indo-francez e deste para o rancez continental. E o que fica dito com relação a esta lingua é, **mutatis mutandis**, applicavel ao inglez.

Aia — Relativamente á palavra **ayah**, empregada na mesma accepção da nossa aia, que João do Norte encontrou no romance "Kim", como por exemplo, no trecho — "Kile (o menino Todd), escapava totalmente á fiscalização de sua **ayah**" parece fóra de duvida que se trata de um outro caso de palavra portugueza introduzida em linguas neo-indicas.

Dalgado, na **Influencia**, tratando de aia, dá a nossa palavra como adoptada, não só em indo-ingl. com a mesma fórma com que ella apparece na obra de Kipling, como em diversas linguas da peninsula quer aricas, quer dravidicas. **ayá** em marahtta, gujarati, hindustani, singalez e telugu; **áya** em tulu e malayala, **alyá** em bengali, etc.

A adopção tão generalizada da palavra portugueza deve attribuir-se ao facto de não haver vocabulos correspondentes nas referidas linguas.

Canja — Quanto á palavra portugueza canja diz o A. do artigo: "O mais curioso é que a palavra exotica **canja**, sopa de gallinha e arroz, de que no Brasil tanto se gosta, parece vir em linha recta da India. Nas paginas do "Durante a fome", de Kipling, lá está ella: "Teria dado um mez de ordenado para vel-o alimentar as crianças esfaimadas. Eu mesmo alimentei algumas com o **conjee** (caldo de arroz)..."

— Das copiosas e bem fundamentadas informações que, sobre essa palavra, nos presta monsennor Dalgado em seu importante **Glossario Luso-Asiatico**, de publicação muito recente (Coimbra, 1919), resulta que "canja" é palavra indiana aportuguezada.

Depois de dizer que no sanscrito e nos pracritos modernos **kañji**, significando "arroz muito diluido e azedado", não tem, como se vê o mesmo sentido com que se emprega a palavra em Portugal (e nós diremos, no Brasil tambem), isto é "caldo ou sopa de arroz com gallinha", o A. observa que, todavia, em malayala (lingua dravidica falada no Malabar), **kañji** tem a significação especial de "arroz com agua"; e dahi, provavelmente a dicção portugueza.

Foi, com certeza, baseado nisso, que na **Influencia** incluiu "canja" do vocabulario de nossa lingua e deu-a como adoptada no indo-ingl. sob as fórmas **congee** e **conjee**, e no indo-fr., com a fórma **cange**.

O trecho seguinte termina as suas investigações: "Yule diz que os inglezes receberam o vocabulo dos portuguezes, talvez pela identidade do significado, posto que **congee** se approxime mais da palavra indiana.

Charuto — Sobre a etymologia de nossa palavra charuto ha no artigo de João do Norte o seguinte periodo: "De onde vem o vocabulo especial charuto, até agora não achei quem me o dissesse. No emtanto no conto anglo-hindu' de Rodyard Kipling "George Porgie", leio este trecho: "A recem-casada e o recem-casado sahiram á varanda, afim de que a fumaça dos **cheroots** de George Porgie não ficasse enchendo as cortinas novas do salão".

Para esclarecimento, vejamos o que diz Dalgado no já referido **Glossario: Charuto.** Rolo de tabaco, preparado para fumar. Nós recebemos o vocabulo dos inglezes **(cheroot)** que o trouxeram da India, tamul-malayala **churuttu**, que significa o mesmo, e como verbo, "envolver, enrolar".

Gonçalves Vianna tambem é de opinião que o termo passou da India á lingua ingleza e desta ao portuguez.

Accrescentaremos, por fim, que no **American Dictionary of the English Language**, (Springfield, Mass., 1854), por N. Webster, encontramos, sobre charuto, o seguinte: **Cheroot**, n. A Kind of cigar. The genuine **cheroot** is from Manilla, in the Filippine Island, and is highly prized for the delicacy of its flavor"

* * *

Concluiremos, em proximo artigo, tratando de palavras de origem arabe, communs a Portugal e á India que o A. encontrou na obra de Kipling, e tambem de algumas palavras nossas, da mesma origem, que com toda a probabi-

lidade, passaram para diversas linguas européas através da India Britannica e da India Franceza.

JOSE' B. D'OLIVEIRA CHINA.

"Correio Paulistano"
3 Novembro 1921

AS TRIBUS PERDIDAS DE ISRAEL

Num velho livro que pertenceu á bibliotheca do saudoso Eduardo Prado, segundo o attesta o exlibris pregado na parte interna da sua capa de couro, encontrei uma noticia interessante. Chama-se essa obra "Recherches Historiques et Geographiques sur le Nouveau Monde". Foi escripta em francez por João Bento Scherer, pensionista do rei de França, ex-jurisconsulto imperial em S. Petersburgo, e publicada no anno de 1777, em Paris, por Brunet, na rua des Ecrivains. Eis o que elle diz:

"... c'est ainsi que Salmenazar ayant emmené les juifs en captilvté, ceux-ci, aprés un voyage d'un an et demi, vinrent dans un pays inhabité, nommé Arfareth.

Azra signifie un cédre dans la langue chaldéenne et arabe, et Arfareth, le pays des cédres. Les mongoles donnent encore aujourdhui le nom d'Ars á un arbre singuller qui croit chez eux.

Ce passage peut faire soupgonner que ceux qui cherchent ailleurs, en Amerique par exemple, les Tribus juives qui se sont perdues, sont dans l'erreur."

Então, perguntará certamente o leitor, houve tribus israelitas que se perderam?

Parece que sim. Os livros dos rabbinos falam de numerosas familias judias, que, fugindo ao captiveiro da Babylonia, partiram para os lados do Oriente e nunca mais se souberam noticias dellas. I. Bedarride, advogado no Tribunal Imperial de Montpellier, cavalleiro da Legião de Honra, que em 1867 publicou, na Livraria Nova, de Miguel Levy, em Paris, o seu admiravel livro "Les Juifs en France, en Italie et en Espagne", assim se expressa logo á primeira pagina:

"Avant la ruine de Jérusalem, les Juifs n'habitaient pas exclusivement la Judée.

Leur dispersion, bien antérieure á la naissance de Jesus-Christ, ne date pas de l'ére chrétienne... Depuis la captivité d'Egypte, les rois assyriens avaient envahi plusieurs fois la Terre-Sainte; Salmanazar avait amené les dix tribus captives et avait repeuplé la Judée par des colonies. Les Juifs dispersés s'étaient repandus chez les Médes, les Parthes et dans toute l'Asie; ils avaint penetré dans la Chine."

A dispersão das tribus dos Beni-Israel, feita pelo braço cruel do ser babylonico, foi a peor que no decurso da sua historia esse povo soffreu. Quando Esdras tornou á terra judaica, sómente repatriou quarenta mil individuos, a terça parte da população, sómente de Jerusalém, talvez, ao tempo em que Salmanazar amarrou a nação ao seu triumphante carro de guerra. Por isso, está escripto no livro de Tobias:

"Quoniam Deus dispersit vos inter gentes quae ignorant eum, ut vos enarretis mirabilia ejus et faciatis scire eis quia non est alius Deus omnipotens praeter eum."

Foi, mais ou menos nesse tempo da primeira dispersão, que varias tribus fugiram ao captiveiro, dirigindo-se para o Oriente e desapparecendo. Consoante o velho habito dos despotas antigos, que cambiavam as populações de varias provincias, afim de desenraizal-as do seu meio proprio, evitando sublevações constantes, Salmanazar po-

voou a Judéa deserta com gentes arrancadas á Persia e atirou a maior parte dos hebreus no coração desse paiz.

Foi dahi que alguns delles conseguiram desertar para o lado do sol levante.

Onde foram parar essas tribus perdidas? Alguns já affirmaram, como lembra Scherer, que no Novo Mundo. A supposição é esdruxula, inacceitavel. Na China, diz Bedarride, é verdade. Prova-o, ademais, sobejamente.

Affirma que explorações recentes feitas no territorio da Celeste Republica constataram ahi a existencia de familias hebréas, estabelecidas ha mais de setecentos annos antes do baptismo da nossa éra. Já os primeiros missionarios christãos enviados á China tiveram conhecimento de uma colonia israelita, que vivia em Kai-Fong-Fu', no Honan. Em 1704, o padre Cozani visitou-a, entrou na sua synagoga e examinou tanto os manuscriptos como as inscripções que ahi encontrou. Devido ás suas indicações, a missão religiosa da China mandou dois padres jesuitas, conhecedores da lingua hebraica, afim de estudarem o caso. Elles apresentaram um trabalho comprobatorio minucioso, que serviu de base a uma interessantissima memoria, a qual terminou por assegurar que os judeus ali estavam estabelecidos desde a data já acima citada.

Sabe-se que o captiveiro da Babylonia occorreu no anno de 740 antes de Christo. Ora, não póde haver duvidas de que as tribus escapas ao dominio do vencedor em territorio persa, e que desappareceram procurando o nascer do sol, são as que foram, na mesma época, parar no Imperio do Meio, atravessando montanhas e terras desertas. A sua resistencia comprovada não se apoucava diante dos obstaculos naturaes. E por certo nessa travessia deixaram esses mongóes vocabulos perdidos como elles, entre os quaes aquelle citado por Scherer nas suas curiosas Recherches.

O padre Gaubil escreveu, á pagina 267 da sua "Chronologie Chinoise", que esses emigrados da Persia, refugiados na terra chineza, ahi deram na vista pelas suas doutrinas desconhecidas e mesmo pelo seu saber. Dentre elles, assegura, alguns foram aproveitados em altos cargos militares, outros obtiveram os gráus de bacharel e de doutor, mesmo outros chegaram a ser governadores e ministros.

O padre Sionnet, no seu bello trabalho "Essai sur les Juifs de la Chine et sur l'influence qu'ils ont eu sur la littérature de ce vaste Empire pendant l'ére chrétienne", accrescenta que, por elles, os sabios chinezes conheceram os livros de Moysés, que Confucio nelles se inspirou e que o Judaismo, fonte do Christianismo e do Islamismo, inspirou tambem — e não pouco — o Confucionismo.

Bedarride, a proposito dessa affirmativa, escreve isto numa erudita nota do seu livro: "O "Tsot-Chuen", — commentario ao "Tchun-Tsieu", obra dum discipulo de Confucio, — está escripto que o historiador do reino de Tchu' conhecia livros antigos com caracteres que os sabios não podiam decifrar e que sómente esse historiador comprehendia. Esses livros tinham tres divisões: cinco livros, oito pedras preciosas e novo descripções"

Bedarride adeanta mais que, por causa desse symbolismo de livros, descripção e pedras do final, o padre Siamet acredita tratar-se dos livros santos dos hebreus: os cinco seriam o de Moysés e dos Prophetas; os nove, os dos hagiographos.

Porém, ha mais ainda: o citado sacerdote falla dum livro muito respeitado pelos chins, que contém preceitos religiosos e de moral, em versos, o "Chi-King", que o padre Lacharune traduziu em latim. No começo do seculo passado, essa traducção foi publicada. Elle cita grande quantidade de trechos dessa obra, que são nada mais nada me-

los, do que a traducção absolutamente litoral de versiculos da Escriptura.

O sr. Abel Remusat, na sua "Memoire sur Lão Tsiu", mostra que o tetragramma symbolico dos judeus está perfeitamente indicado por esse philosopho: "Celui que vous regardez et que vous ne souez pas se nomme I; celui que vous acoutez et que vous n'entendez pas se nomme Hi; celui que votre main cherche et ne peut saisir se nomme Wei..." Essas tres syllabas formam o vocabulo **I-hi-wei**, que o sr. Remusat affirma ser o nome ineffavel de Deus, originario da Syria, da Palestina — Ichvé. Continuando as suas judiciosas considerações, o mesmo sabio acha, mas não garante, que Lão Tsiu só poderia ter sabido esse nome por intermedio dos judeus, "que nesse tempo se espalharam pela Asia em consequencia da dispersão das tribus e puderam chegar até á China..."

A ethnographia moderna allimpou as duvidas do sr. Remusat, verificando a existencia real da velhissima colonia hebréa de Kai-Fong-Fu e mesmo já entreviu traços de origem semita em certos e determinados typos japonezes. E, assim, está definitivamente aclarado o rumo que levaram as tribus de Israel que se julgavam perdidas. Ellas foram incançaveis, inassimilaveis e fortes levar o seu esforço, a sua lingua, os seus livros religiosos e o proprio nome de Jehovah, seu Deus, no meio daquella civilização oriental dos Filhos do Céo, tão diversa por tudo da delles, que não conheciam esse Deus e a quem elles ensinaram seu nome, de accôrdo com as palavras verdadeiras do livro de Tobias:

"Deus vos dispersou entre as nações que a ignoravam, afim de que vós lhes contasseis suas maravilhas e lhes fizesseis saber que elle é o unico Deus todo-poderoso".

João do NORTE

Litterarias

Juca Mulato. Appareceu agora, com um sonoro e rutilante prefacio de julio Dantas, a 3ª edição do poema sonoro, cheio de sol e vida, de Menotti del Picchia, que hoje em S. Paulo desfralda o pendão audaz da bandeira futurista». Essa terceira edição é a prova inconcussa de quanto agrada ao publico essa forte ecloga do sertão paulista.

A poesia das violas. Paginas de saudade do longinquo e aspero, poetico e dolorido sertão nordestino as que Adelmar Tavares pronunciou numa conferencia em casa de Angela Vargas e agora enfeixou em pequena *plaquette*. E' um gracioso commentario de poemas e quadros sertanejos cheios de suavidades, de enthusiasmo e de amor, que recorda os violeiros inspirados e as noites de luar nas fazendas, quando os instrumentos de corda gemem e a voz dos cantadores se perde no silencio da amplidão...

Agua Marinha. São uma silva de leves versos de Orestes Barbosa, uma pequena edição *separata* da «Revista do Brasil». Todos esses versos são subtis, delicados e bem feitos.

Revelação. Umas duas dezenas de sonetos escolhidos de Ganaliel de Mendonça, todos elles demonstrando alto cunho artistico, formam este livro e agradam o leitor pela pureza de sua forma e pela belleza de suas imagens.

O homem sem mascara Esta é a edição brasileira do romance singular de Vinicio da Veiga «Der Mensch ohne Maske», bem escripto e cheio de paginas palpitantes de naturalismo. Esse livro, cujas primeiras edições fôram em allemão obteve optimos julgamentos dos criticos litterarios da imprensa berlinense, que o acharam extranho e diabolico ...

FON-FON - 5 Nov° 921

O horror ao bello

Ha na nossa principal arteria urbana um bello palacio, cuja fachada até á altura do primeiro andar é construida de marmore lióz branco, esculpido á mão. O edificio deve ter uns quinze annos de idade e justamente agora começava a ficar bello, pois ia perdendo a sua aceiada physicnomia de casa nova e adquirindo a pátina de ouro que só o tempo dá á pedra e que a cobre de rara belleza, pondo em maior destaque a sua ornamentação.

Pois bem, ao invés de se conservar esse discreto mugre, esse tom de marfim velho, de ouro usado, que é a maior belleza duma fachada, os proprietarios ou arrendatarios do predio em questão mandaram lixar toda a frontaria, pedra por pedra, ornato por ornato, tornando-a branquinha, novinha em fôlha, horrivel!

Ha, em verdade, no Rio de Janeiro o horror do bello. E', em fim de contas, a terra onde se lavam estatuas...

"Fon-Fon" - 14-11-921

Paradoxos

Ha muito tempo não via o meu amigo Claudio França, que fôra fazer uma calma e silenciosa estação de aguas. Sabendo que chegára, telephonei-lhe e convidei-o para almoçar no Jockey Club. Depois do café, fumando no salão de leitura, emquanto pelo asphalto trotavam as carroças de barro da demolição do Castello, conversamos a respeito do nosso estado de espirito. Affirmei que ainda andava á procura de qualquer clarão de verdade, perdido no meu scepticismo, sem todavia encontral-o.

Claudio disse-me, lentamente:

— Eu penso como um dos mais brilhantes espiritos francezes contemporaneos: é tão absurdo procurar a verdade como seria encontral-a e só poderá valer alguma cousa procurar a mentira... Sou justamente o contrario do que és: procuro a mentira...

— Sempre paradoxal!

— Nunca. Serás capaz de negar que achar a verdade das cousas não seria ahsurdo?

Repliquei lhe:

— Tu, Claudio, és como Pierre Bayle, sem tirar nem pôr teu *metier* é o do semeador de duvidas.

E sahimos para um cinema...

"O Jornal" 9 novembro 1921

CARTAGENA DAS INDIAS

Tenho a obsessão das cidades mortas. Ha nas emanações do Passado que perduram nos aspectos das ruas desertas e das ruinas, qualquer coisa de mysterioso que enche a minha alma de suggestões. Prefiro passeiar por Avinhão, San Gemigniano, Avila de los Cavalleros, Aigues-Mortes, Bruges, Orvieto, Sienna, a ficar na movimentosa estupidez das capitaes sem interesse. As cidades só têm alma quando têm passado. Nenhum espirito pensador ou contemplativo achará encantos em Nova York ou em Baltimore. Mas todos elles adorarão de joelhos aquellas povoações medievaes mortas, que aos olhos da nossa alma desfilam no curioso livro de Camillo Enlart: Hesdin e Térouanne, no Norte da França, a primeira com os restos do seu castello roqueiro, a segunda com as suas inscripções romanas de Gordiano III; Magnelone, no Sul da França, com os portaes romano-bysantinos de sua cathedral; Aleria, fundada pelos phocenses, Marianna, construida por Mario, Nebbio, emporio pisano, todas na Corsega. Outras, esquecidas na vasta Campanha de Roma: Porto sobre o canal de Trajano, Nympha que Constantino deu ao papa Zacharias, Galera onde se encerrou o anti-papa Benedicto X. As que se elevam nas ilhas-gothicas do Baltico e foram "comptoirs" da liga Hanseatica, como Wisby. As que ainda existem na ilha de Chypre, gregas como Amathonte, romanas como Constantia, bysantinas como Afendrika, greco-latino-medievaes como Paphos, gothicas como Famagusta, toda cheia de maravilhas. E no Brasil prefiro, pelas tendencias do meu espirito, visitar o silencio expressivo de Ouro Preto ou de Olinda, a metter-me no bulicio inexpressivo das cidades mais adeantadas.

Dessa minha tendencia o prazer com que recebi, com expressiva dedicatoria, do escriptor inglez R. B. Cunnighame-Graham o seu ultimo livro "Cartagena ande the banks of the Sinu'. Essa é uma das raras cidades mortas do nosso continente, onde dormem as mais bellas recordações da conquista hespanhola. E o autor citado evoca-as com admiravel maestria.

O sr. Cunnighame-Graham conhece bem a lingua hespanhola e entende perfeitamente a portugueza. Auxiliado por esses conhecimentos, não communs entre os escriptores inglezes, têm-se dedicado a estudar a vida latino-americana na America, tanto nos paizes de origem castelhana como no nosso. E' já autor de um bello volume sobre Hernando de Soto e de outro sobre o mystico Antonio Conselheiro.

Tem-se afundado no estudo dos classicos que escreveram em hespanhol sobre a America. Conhece o Herrera da Historia General de España" e o Oviedo da "Historia Natural de las Nedias", o Juan y Ullôa de "Viaje a la America Meridional e o Frei Francisco de Gomara da "Historia General de las Indias", o Piedralista da "Historia de la Conquista del Nuevo Reyno de Granada" e o Castellanos da "Elegia de varones illustres de las Indias", o padre Simon da "Historia de la Conquista de Tierra Firme" e o padre Ribadenyra do "Flos Sanctorum", o Bacharel Enciso, Pedro Cieza de Leon e Bernal Diaz del Castillo.

Ajudado dos bons livros que lê e das observações pessoaes feitas em viagens repetidas aos logares que descreve o sr. Cunningham-Gralam escreve os seus bellos livros, realizando uma admiravel propaganda da America Latina nos paizes onde se fala inglez.

Ha nos homens de letras o amor da Saudade. Dahi o encanto que elles encontram nas cidades mortas que ainda guardam os vestigios do seu esplendor apagado. José Maria de Heredia, quando quiz escrever um soneto sobre uma cidade americana, não escolheu uma bulhenta

"urbs" yankee nem mesmo a sua taful Havana, porém, foi acordar a velha Cartagena das Indias do seu somno secular "sous les palmiérs, au long frémissement des palmes". Graham explica desta sorte por que a preferiu:

"Of all the towns of the department of Bolivar, Cartagena is the most old-world town of the department, but of the whole continent of ment, but of the whole continente of South America. Mexico and L.ma have, of the course, the air of capitals. Their fine positions and the tradi tions that hang about them make them interesting and beautiful. Quito and Bogotá, La Paz and Sucre are strange old-world places that tions Ihat hang alout them make have got into a backwater, as it were, of Time. Santiago de Chile looks towards the Andes, and in the middle of the town rises a hill like those of Edimburgh and Prague. Of Buenos Aires nobody need speak. It is the Paris of New-World. Montevidéo is a city set upon a hill, sunwarmed and wind-swind-swept, ever increasing, but still spanish to the core, with its wide streets and "plazas" full of flowers. Rio, Bahia, Santos, Pernambuco, and the Brazilian ports in general ore marvels of the tropics, yet Cartagena still holds its own as a thing nique in the New World. No wonder that its citizens call it affectionately Cartagenita, or El Corralito de Piedras, in allusion to its ring of walls."

Entretanto, seja dito de passagem, essa cercadura de antigos muros de pedra, que dá á cidade um "cachet" admiravel, custou ao governo de Hespanha os olhos da cara. Custou tamanho preço que, uma feita, o Duque d'Alba, encontrando o rei de Castella com os olhos perdidos no espaço, perguntou-lhe:

— Que olha Vossa Majestade?

E o soberano retrucou-lhe:

— Procuro ver daqui as muralhas de Cartagena. Custaram tão caro que devem ser vistas de longe...

O sr. Cunnighame-Grahm, baseado em solida documentação, narra a vida desse emporio colonial. desde a sua fundação em 1533 por Don Pedro de Heredia, um dos capitães de maior experiencia da época, até os dias de hoje, quando a sua vida morreu e á sombra dos seus velhos edificios dormem a sesta os mestiços preguicentos. A proposito desses naturaes do paiz. o autor faz uma curiosa observação que se póde applicar, por sua generalidade, aos nossos homens do povo: "Troughout the continent, in all the varying republics, a South American, even though quite untettered, is a gentleman — That is, a man who without servility can talk to any other human being on an equality."

Cartagena teve existencia famosa, bulhenta, tumultoria e rica, quando foi o emporio do dominio colonial hespanhol. Ella era o porto em que se encontravam as frotas que transportavam para a Metropole a prata e o ouro americanos; era o "rendez-vous" obrigatorio dos celebres e pesados galeões das Indias, e a sua fortuna desafiava a cobiça torva dos mais ferozes corsarios francezes e inglezes, dos terriveis piratas lucaneiros, cuja historia Oexmelin escreveu com as tintas da verdade.

Cartagena resôa de tradições e a força do seu glorioso passado é tão grande, que, como no nosso retardado sertão, o espirito dos seus habitantes vive ainda em remotas eras. O sr. Cunnighame-Graham annotou essa observação: "Old customs were preserved, old forms of speech, and, in the main, old ways of thought".

No seu bello livro de historia e de observação pessoal, o notavel escriptor inglez evoca, emocionadamente, como Caid Ben Cherifé evocou as velhas cidades santas do Islam, a morta e tradicional Cartagena das Indias, com os seus aventureiros e freiras, os seus marujos e caçadores de indios, os seus capitães e os seus ouvidores, os seus feitos e as ruas desfeitas; com os seus castellos heroicos de San Fernando e de San José, crivados de balas pelos canhões de Frolisher, de Drake e de Pointis; com a sua immensa e mysteriosa alma adormecida deante do mar que ameaça tragal-as, devastando a costa colombiana. E nas paginas de Graham a gente vê a desolação que palpita num dos sonetos de Heredia:

"Carthagéne etouffant sous le torri-
[de azur,
Avec ses noirs palais voit s'ecrouler
[son mur
Dans l'Océan fievreux que devore
[sa gréve..."

João do NORTE.

"Correio Paulistano" 10 Novembro 1921

Zito Basileus!

Sempre entendi que se não atacam nações ou homens sem valor. A indifferença é o premio justo dos que nada valem. E só desperta paixões favoraveis ou contrarias quem tem merito para isso.

Eis ahi por que o livro de Edmond About contra a Grecia moderna me tornou um philelleno enragé. A leitura dos mananciaes classicos dera-me um grande amor pela Grecia de Homero, de Thucydides, de Platão, de Aristoteles e de Xenophonte. Mas sómente continuára a amar a Hellade até Luciano de Samosata. Depois, não pensára mais no Hellenismo. Elle morrera para a minha curiosidade. Um dia caiu-me ás mãos a obra denegridora de About. Li todas aquellas paginas de propaganda contra a Grecia e contra os gregos contemporaneos. Ellas tiveram a virtude de chamar a minha attenção para o Hellenismo renascente, após seculos de oppressão. Comecei, então, a ler prosadores e poetas que se occupavam da Grecia, tanto hellenos como extrangeiros; comecei a estudar a epopéa da independencia, a guerra de 1897 e a campanha balkanica; comecei a meditar os versos de Sutzo, de Rangabé e de João Moréas; comecei, portanto, a amar a Grecia dos nossos dias, ultima encarnação palpitante do Hellenismo eternamente vivo. E, assim, a minha profunda sympathia pela Grecia veiu não sómente do facto de naver lido um livro injurioso e de ter pensado com o povo "que se não atiram pedras a arvores sem fructo".

O mesmo me aconteceu relativamente a Byzancio. Desde os mais tenros annos ouvi sempre dizer a palavra **byzantinismo** no sentido pejorativo de decadencia, a expressão **discussões byzantinas** para significar discussões estereis sobre futilidades, e na escola me ensinaram a historia do chamado Baixo Imperio com côres tristes: segundo o resumo falso dos livros, a sociedade byzantina nada dera de grande e se arrastára seculos a fóra num apodrecimento horrivel, até que os turcos lhe deram o golpe de misericordia. Quando meu espirito se libertou de tutelas e procurei livros e li, tangido pela curiosidade, que essa malquerença contra Byzancio acarrava, verifiquei, especialmente nas obras francezas, de Marrart e Rambaud a Diehl e Schlumberger de Mabillon e Du Cange a Brehier e Lenormant, ou nos allemães, de Gfroerer a Meyer, de Van Millingen a Fischer ou ainda nos velhos chronistas de dentro e de fóra do Imperio, Raul Glaber e Skylitzés, o Anonymo Grego e o Anonymo Siciliano, Matheus de Edessa e Ramon Muntaner, que Byzancio fôra grande como o mundo. A vox populi, amammentada nesse caso pelo ciume religioso e politico do Occidente, não era a vox Dei, porém a voz do demonio da calumnia. Eu li, então, Pselos e Xiphilin; conheci as razões da existencia das facções apaixonadas de Verdes e Azues, no Hippodromo; vi os basileus hieraticos, cobertos de ouro, ao lado das despoinas pallidas, de pé no Kathisma; conheci os Stratigos, os Catepanos e os Grandes Domesticos, vencedores de avaros, turcos, bulgaros, persas, slavos e arabes; vi as epopéas escriptas com as espadas de Tzimiscés, do Kalaphate e de Basilio, o Bulgaroethonc; apprendi como o Imperio foi grande nas armas, nas letras, nas artes, na politica, quantas renascenças admiraveis teve emquanto toda a Europa se cobria com a treva da Edade Média, e como a sua historia foi uma rutilação quasi constante até ao dia em

que a sociedade helladica, exgottada pelo esforço para attingir tão alta cultura, foi abgemada pelos ottomanos.

Da mesma maneira, a minha attenção se voltou para o actual rei dos hellenos — Constantino I, que foi á frente das forças gregas na guerra balkanica e agora está á frente dessas mesmas forças nas linhas da Asia Menor. Desde quando fiz parte da delegação brasileira á Conferencia da Paz e, nos meus poucos ocios de Paris, procurava livros pelas livrarias ou pelos pequenos sêbos dos caes, que encontrava brochuras pequenas, folhetos ou livros, falando mal desse rei que a força das circumstancias fez descer do throno grego e que a força do seu prestigio pessoal e politico fez nelle novamente subir, quasi ao mesmo tempo que, nas urnas, os partidos contrarios eram derrotados completamente, numa grande e celebre eleição. Lendo o que se dizia de mal do soberano que, nessa occasião, já estava fóra da realeza e do seu paiz; lendo as paginas em que se punha uma insistencia demasiada em procurar demonstrar que não era patriota e não tinha prestigio na nação sobre que reinava, comecei a interessar-me por essa personalidade, que tanto despeito despertava. Não se medem pela craveira commum os homens contra os quaes se escrevem séries e séries de volumes. Devem ser superiores áquelles contra quem nada se escreve. Cada um desses pretende ser uma picareta demolidora. Não ha necessidade de picaretas contra ruinas... E o numero desses instrumentos é proporcional á resistencia, ao tamanho e á força do edificio que se quer pôr abaixo.

Nessa bibliotheca curiosa de propaganda anti-constantina, foi que eu consegui conhecer a pessoa desse soberano distante, que nunca vi e que, talvez, nunca veja; mas para o qual não posso deixar de ter uma sympathia profunda, tanto do homem de letras como do philelleno, porque elle — na minha modesta opinião — encarna o ideal da reconquista de Byzancio, pelo seu nome prophetico e pelos seus actos, ideal que me sentiria feliz, apesar de brasileiro e não de grego, si visse realizado.

Consegui conhecer o rei Constantino, procurando na ganga desses livros as pepitas reluzentes de verdade que os autores inconscientemente esqueceram.

Vejamos um exemplo. Abramos o volume L'ex-Roi Constantin", edição parisiense de Payot. Seu autor é o sr. Jorge Melas, do exercito grego, que eu conheci em Paris, no anno de 1919, de vista, num hotel onde morei uma quinzena. Chamou-me a attenção o seu uniforme kaki-esverdeado, que não conhecia. Alguém me disse o seu nome e accrescentou que era addido militar ou cousa que o valha da delegação hellenica. Esse homem foi secretario do rei durante annos, amigo e favorito de sua majestade; no emtanto, professava uma grande fé politica pelo presidente Venizelos. Até ahi nada de mal. Podia ter a opinião que quizesse, mórmente em politica. Mas, escrever uma obra, com documentos particulares, contra o rei de que fôra secretario e amigo, é, em verdade, um acto que nem merece commentarios...

Resalta em primeiro logar das paginas desse livro que o soberano é de uma affabilidade verdadeiramente superior. O proprio prefaciador da obra, René Puaux, a reconhece: "Tous ceux qui ont approché le Roi Constantin ont eté trés naturellement séduits par cette qualité si rare chez un souverain: le bon-garçonnisme. Il y avait dans son regard comme dans ses propos une franchise joyeuse et bien-veillante". Jorge Melas apoia essa opinião: "Deux hommes seulement, parmi les personalités de marque de passage á Athénes pendant la guerre, ont echappé á ce charme de la royauté... le general Sarrail e le general Roques..." (pg. 29). "Le Roi

était, et tous ceux qui l'ont connu seront unanimes á le dire, sympathique d'aspect et ayant même parfois, le prestige royal aidant, du charme" (pag. 53).

Esse rei tão atacado pela imprensa de certos paizes e pelos cogumelos das brochuras tem um grande coração. Dil-o o mesmo sr. Melas á pg. 44, nestes termos: "Le Roi Constantin avait très bon coeur. Il se laissait émouvoir; il était sensible á la douleur des autres; il n'a jamais refusé ni pensions ni autres recours que des personnes dans le malheur lui demandaient par mon entremise. Il surenchérissait même presque chaque fois que je lui soumettais de telles petitions, au point que souvent le trésorier de la cour poussait les hauts cris, declarant que de ce train la liste civile ne suffirait bientôt plus".

Todas as grandes qualidades pessoaes do soberano resaltam assim, desse livro, apesar das restricções, das injustiças, das inverdades e, ás vezes, mesmo de faltas de respeito. Na mesma pagina ha um exemplo: "L'ex Roi avait le respect, je dirai même le culte de la parole donnée". A' pagina 47: "Constantin, tout en faisant la grinace devant les verités souvent bien dures qu'il entendait, estimait, dans son for intérieur, celui qui avait le courage de les lui dire en toute franchise" Não ha maior elogio para um soberano

Desse livro se verifica que a culpa da não entrada da Grecia do rei Constantino na guerra mundial cabe aos proprios alliados e não ao chefe de Estado. Eis as palavras insuspeitas do autor á pg. 362: "je conserverai toujours la conviction que Constantin aurait marché, si, dés le debut, l'Entente avait ne le prendre". E á pag. 149: "Au lieu de se declarer nettement en faveur des grandes revendications helleniques l'Entente tergiversait continuellement, tatonnait sans cesse, essayait de réconcilier l'irréconciliable, louvoyait sans jamais prendre aucune décision; tantôt menaçant ou priant la Gréce, tantôt flattant les Bulgares, laissant la flotte turque se fortifier du **Goeben** et du **Breslau** — a nos depens naturellement, — jusqu'á laisser dire, enfin, que même le sort de Salonique aprés la guerre sérait douteux!" O testemunho deste venizelista **enragé**, é preciso repetir, é insuspeito!

Seria um nunca acabar procurar nas quasi trezentas paginas do livro em questão as verdades desta ordem, pode-se dizer — involuntariamente escapas á penna do autor pela sua propria força expansiva; commentar as pequeninas injurias e os pequeninos despeitos; verificar as inexactidões, as inverosimilhanças e sobretudo as contradicções que eivam essa brochura, na qual não ha justificativas para acto algum do rei, porém se arranjam todas as justificações, bases ou desculpas para todos os actos de Venizelos, mesmo a guerra civil! Bastará uma vez por todas affirmar que taes obras fazem nos espiritos esclarecidos justamente o effeito contrario ao que pretendiam. A gente põe as paginas suspeitas ou insidiosas contra o sol, mesmo contra a luz de uma lampada qualquer: e a verdade resalta em filigrana. E o rei dos hellenos, cheio hoje em dia do Grande Sonho da Expulsão dos Turcos, responde a essas diatribes com a sua digna attitude patriotica, no seu quartel-general de Kordelio, na Asia Menor, lançando as baionetas hellenicas victoriosamente contra as posições kemalistas, ao som das acclamações das tropas, no meio das quaes elle é o Rei-Soldado e o Rei-Amigo, a quem o voto da nação inteira deu de novo a corôa:

Zito Basileus Constantinos!

João do NORTE

Ha coisas novas para o romanceiro nacional neste precioso livro de Leonardo da Motta, a — Cantiga do Villela — por exemplo e a — "Cantiga do Navio".

Esta ultima pode ser estudada desde a sua origem européa e successivas diffusões, por um folklorista apparelhado de erudição ethnographica geral, como João do Norte que (entre os mais jovens) se tem dedicado á pesquizas taes nos ultimos tempos com estudo conscienciosa.

"Jornal"
22 Nov. 1921
(Artigo de crítica litteraria de João Ribeiro)

"O Jornal" - 11 novembro 1924

OS FRANCEZES DO NORTE

Durante mais ou menos dez seculos, existiu, entre a Allemanha e as esteppes da Moscovia immensa, um grande Estado christão, culto, guerreiro, leal e cavalheiresco, que uma historia admiravel, refulgente de heroismo e de nobreza, fizera digno da admiração e do respeito da humanidade. Essa nação foi a Polonia, republica aristocratica, cujo chefe era um rei electivo e cujo patriotismo enraizado e vibrante a fizeram viver sob o despotismo durante mais de um seculo, prompta a resurgir na primeira occasião opportuna.

Nos mil annos da sua gloriosa historia, a Polonia representou um importante papel na politica geral da Europa e a sua acção, apreciada no desenrolar dos acontecimentos, na generalidade, pondo de parte os pormenores, visou continuamente os seguintes fins: quebrar o ardor da germanisação no Oriente européo; proteger o Occidente das grandes e perigosas invasões asiaticas; e insular na Russia a influencia religiosa, social e artistica do Oriente e de Bysancio, absorvendo na sua alma a influencia latina e servindo, assim, de anteparo á marcha para veste das idéas extranhas á indole da latinidade.

Ademais, pelo seu espirito de liberdade, que degenerou em anarchia, e pelo seu espirito de tolerancia, que chegou ao extremo, pela sua benevolencia e pela sua expansibilidade, pela vastidão da sua intelligencia e pela clareza do seu pensamento, o povo polono teve a gloria de ver brilhar na sua côrte e nas suas grandes cidades uma alta cultura espiritual, nobres e finos costumes; de sentir o influxo dos movimentos mentaes e artisticos; sendo uma excepção luminosa entre a selvageria moscovita e a barbaria germanica E, por isso, a voz geral appellidou os polonos: francezes do Norte.

As raças teutonicas da velha Germania Magna de Tacito tinham por "habitat" natural a região comprehendida entre o Rheno e o Elba; porém, sempre procuraram extravasar numa e noutra fronteira, ameaçando as Gallias ou os slavos do Oriente. Além do Rheno, os francos tinham fundado a monarchia de Clovis e sido absorvidos pela civilisação galloromana. Além do Elba, os saxões haviam avançado para léste do Oder, expulsando as tribus slavas que pacificamente habitavam o Mecklemburgo, o Brandeburgo e a Lusacia, onde ainda hoje existem os seus descendentes, os celebres servios da Lusacia. O "drang nach Osten" não é uma theoria kaiseriana moderna; é uma velha aspiração racial dos tudescos. Mais tarde, após os saxões, vieram os cavalleiros teutonicos, fundadores da Prussia, que pretenderam ir além do Vistula, como os antepassados tinham conseguido passar além do Oder.

No começo do decimo primeiro seculo, Bolesláu, o Grande, rei da Polonia, repelliu o avanço allemão adeante do Elba, obrigando os invasores de raça saxonica a recuar para aquem desse rio. No seculo seguinte, em Hundsfeld, Boleslau, Bocca Torta, esmagou de novo os tedescos teimosos. Dois centenarios depois, em Plonce, os polacos eram obrigados a bater a Ordem Teutonica ameaçadora, e meio seculo mais tarde a derrotal-a completamente nos campos de Grunwald.

Se desta sorte, de espada desembainhada, a nação polona se oppôz durante quatrocentos annos ao "Drang nach Osten", aspiração nacional pan-germanica, não foi menor, nem menos glorioso o seu esforço na defesa constante da civilisação européa ameaçada pelo perigo asiatico. Todas as invasões, as maiores, as mais ferozes, não vieram até o Occidente no delirio da sua conquista sanguinaria, porque encontraram a recebel-as a valentia dos polonos, encarnada nos seus cavalheiros cobertos de aço e armados de martellos pesados ou nos seus hussares de azas de archanjos espalmadas nas costas luzentes das couraças.

Foi a Polonia que no seculo XIII salvou a Europa da grande invasão tartara.

Os asiaticos incendiaram Kiev, aniquilaram a pequena Russia, devastaram a Ukrania, reduziram a Moravia, a Hungria e a Silesia a desertos, quasi destruiram Cracovia; mas os polonos lhes offereceram batalha em Liegnitz, bateram-nos e fizeram-nos fugir para o fundo das esteppes immensas de onde tinham vindo.

E, assim, a civilisação occidental prestes a succumbir creou alma nova.

Depois de Liegnitz, emquanto os grã principes da Moscovia, de Kiev, ou de Wladimir, os futuros Czares de todas as russias, pagam vergonhosamente tributo aos orgulhosos e barbaros Khans ou Precons da Horda de Ouro do Kaptchak, nas orilhas do mar de Azof, a nobresa polona não embainha a espada e durante tres longos seculos repelle, umas após outras, as tentativas de invasões mongolicas.

Mal o poder dos tartaros diminue e suas arrancadas se tornam mais fracas e mais espaçadas as suas incursões de pilhagem e guerra, um outro perigo asiatico ameaça de novo a Europa. A christandade começa a tremer deante dos turcos. Esse povo feroz e bruto, de raça fiuneza, se espalhava pela península balkanica, rodeando cobiçosamente a radiosa capital do Imperio Bysantino, a sagrada Constantinopla, prestes a se apoderar della. Entretanto, de quando a quando atravessava o Danubio e ameaçava as fronteiras polonas do sul. Ladislão, rei da Polonia e da Hungria, derrotou-o em Varna, dez annos antes delle tomar Constantinopla. Emfim, os ottomanos são senhores da Bysancia lendaria e dois seculos mais tarde já avançam além do Triangulo Dinarico. Vienna sente-se perdida. A Europa Central treme, amedrontada. E o Occidente vê desenhar-se no horizonte uma nuvem negra que vae cobrir a rutilação secular da cultura mediterranea!

Mas Solieski correu pelas planicies hungaras, de espada nu'a, á frente dos seus "hethmans", dos seus hussares de azas e veiu derrotar os alluviões de janizaros e de oghlans turcos, deante dos muros de Vienna.

A Polonia salvára outra vez o Mundo e desde esse dia o imperio dos osmanlis começou a apodrecer...

Christã desde o inicio da sua vida nacional, catholica romana desde o berço, a Polonia se viu sempre deante da Russia bysantinisada, evangelisada pela egreja orthodoxa e professando o rito grego. A religião fel-a social e mentalmente prender-se á civilisação occidental, repellindo as influencias do bysantinismo através da Russia. Dahi as caracteristicas absolutamente occidentaes da cultura e da civilisação polonas, nas quaes não se nota o menor traço do orientalismo. A Russia por sempre e sempre ficou semi-asiatica; a Polonia nunca deixou de ser, pela alma, embóra não pela raça, semi-latina. E, quando o lutheranismo dominou a Allemanha totalmente, mais a Polonia catholica e latinisada, fugindo de Moscovia orthodoxa, asiatica e bysantinisada, repellindo a Germania protestante, egoista e ambiciosa, se approximou das nações néo-latinas do Mediterraneo

Seu papel desinteressado na historia, como batalhadora de causas nobres, sua tolerancia, seu espirito, seu brilho, sua liberdade, despertaram o ciume, o odio e a inveja dos despotismos que a rodeavam: a cynica ambição prussiana, a cobiça sordida dos austro-hungaros e a tyramnia esfaimada da Russia

Duas partilhas successivas entre essas tres aves de rapina, tres aguias negras unicephalas ou bicephalas, decidiram da sórte da nação de Kopernico e de Kosciusko, retalharam o corpo enfraquecido da aguia branca da Polonia. Mas o seu povo não era cognominado sem causas sérias os "francezes do norte". Seu patriotismo adormeceu, porém não morreu. E, quando a civilisação occidental venceu a Kultur prussiana, quando o occidente obrigou a Mittel Europe a refrear a sua desmedida ambição, logo os vencedores se lembraram de que era necessario fazer a Polonia despertar do seu prolongado lethargo.

A 11 de novembro de 918, logo que foi assignado o armisticio na frente occidental, a administração da Polonia passou a ser feita pelos seus filhos e o Conselho da Regencia entregou o poder militar ao generalissimo José Pilsudski, actual presidente da Republica.

Assim, na data de hoje, esses "francezes do norte", que Victor Hugo reconhecia serem os desinteressados defensores da Europa contra a Barbaria, foram reintegrados no seu posto de sacrificio e de gloria.

Lá estão elles na sua Polonia resurrecta, oppondo barreiras ao germanismo sempre ameaçador e impedindo que da Russia passem para o occidente as invasões dos barbaros ou das idéas asiaticas, de mysterioso fundo oriental, como o bolchevismo, que os soldados de Pilsudski gloriosamente derrotaram um dia ás portas de Varsovia.

João DO NORTE.

A DERROTA DOS KEMALISTAS

Armado de ponto em branco, cavalheirescamente, o hellenismo disputa presentemente aos turcos de Kemal Pachá o dominio das antigas provincias bysantinas da Asia Menor, derrotando em todos os encontros as desmoralisadas forças dos ottomanos decadentes. Descrevemos neste artigo uma das paginas dessa luta brilhante em que a Hellade resignada e enthusiasta se vinga da cruel oppressão das invasões turcas.

Depois que, organizadas e reforçadas, as tropas hellenicas infligiram ao exercito turco a dura e sangrenta licção de Tulu-Bunar, o estado-maior ottomano preparou linhas terrivelmente fortificadas na região de Eskissehir a Kiutaia, certo de quebrar alli a força da arremettida grega. Emquanto os Kemalistas assim agiam, as forças hellenicas se preparavam e se concentravam em Nicomedia e Brussa, de maneira que, quando Sua Magestade o Rei Constantino, o Rei-Soldado, cujo *bon-garçonnisme* e cujo prestigio advindo do seu nobre coração no seio da tropa seus proprios inimigos não podem negar, desembarcou na antiga Ionia, tudo estava prompto para uma luta.

Como um ataque de frente custaria ao exercito libertador da Asia hellenica perdas horriveis, o Estado-Maior preferiu manobrar de modo a envolver as posições inimigas, — plano que a capacidade militar indiscutivel do soberano approvou em todas as suas minucias. Varios meios astuciosos foram postos em pratica para esconder da vigilante aviação turca as concentrações de forças nos extremos das suas linhas e, afinal, a gigantesca manobra envolvente, apezar das difficuldades de execução e distancias collossaes, foi realizada com exito surprehendente. As divisões dos generaes gregos Polymenacos partiram dos seus pontos de concentração, em Brussa; as do general Tricupis, de Timbos, ao Norte, avançando velozmente no seu movimento admiravel de cêrco. Afinal Karahissar foi occupada sem um tiro por uma divisão, que ahi ficou garantindo o flanco direito do exercito, de qualquer surpreza. As outras continuaram a marcha. Kara-Bughin-Ruklu foi tomado a bayoneta. O centro helleno entrou em Elmali Dag. A esquerda avançou até Tsairi. E, mau grado o ataque da divisão ottomana de Ismid, que cortou a communicação das columnas gregas, á esquerda, o arco de circulo dos hellenos, em redor de Kiutaia, começou a diminuir paulatinamente.

O Estado-Maior Kemalista sentiu que ia ser envolvido e concentrou muita tropa á esquerda para retardar o avanço da ala direita grega ou separal-a do centro. Mas suas tentativas foram infructiferas. Os gregos occuparam, apezar de sua resistencia, Tchaúch, Tchiflik, Haimané Kalé, Hezar-Taussan, emquanto a divisão que ficára em Afium Karahissar repellia ataques formidaveis a sul e a leste d'aquelle lugar, fazendo grande numero de prisioneiros e apoderando-se de abundante material de guerra de proveniencia russa.

O cêrco dos gregos em torno de Kiutaia apertou-se cada vez mais, só lhe faltando a distancia correspondente a um dia de marcha para ser completo. Os ottomanos prepararam a retirada para Eskissehir. Os combates n'essa occasião foram terriveis e só d'uma vez, em uma refrega, os turcos deixaram ás mãos dos seus vencedores, 4 canhões, 11 metralhadoras, tendo perdido mais de dez mil homens! E, se a retirada turca não se tivesse operado com a maior presteza, os Kemalistas teriam perdido todo o seu material de guerra. Entretanto, não puderam livrar as suas forças de grande desmoralização.

Apezar de não ter superioridade numerica que lhe permittisse certas e determinadas audacias nas manobras, os gregos perseguiram infatigavelmente os vencidos nas direcções de Leste e Nordeste. E, emquanto o Estado-Maior hellenico entrava victorioso na cidade de Kiutaia, um avião grego bombardeava a gare de Eskissehir, onde os Kemalistas embarcavam o seu grosso material de guerra.

A perseguição geral continuou. Mau grado as fadigas dos ultimos dias de combate, as divisões hellenicas lançaram-se no piso dos inimigos, apoderando-se de homens e de canhões. Aqui, alli, retirando, os turcos resistiam, travando-se, então, sanguinolentos combates. Porém a ala esquerda do exercito grego avançou sem obstaculo até Eskissehir, que occupou.

A ala direita continuou a perseguição, emquanto o centro se concentrava em Tchillannar Dagh. O inimigo escapo ao envolvimento de Kiutaia esforçava-se desesperadamente para salvar a maior quantidade possivel, de homens e material de guerra. O governo Kemalista de Angora via-se em difficil situação e firmava se na idéa de tentar um ataque geral contra os gregos victorio-

sos, afim de pôr um paradeiro á fuga vertiginosa das suas tropas.

O alto commando turco tentou esse golpe. Parando a retirada, concentrou dezeseis divisões, das quaes duas de cavallaria, e assaltou violentamente a linha hellenica, dirigindo sete divisões contra o seu centro. O exercito grego procurou logo guardar a iniciativa da acção e passou da defensiva á offensiva, imme-

diatamente. Seu terrivel contra-ataque quebrou a violencia inimiga. Os turcos fugiram, perdendo muita gente e muito material, emquanto a cavallaria grega cortava a sabre os inimigos retardatarios. Assim, o ataque desesperado dos turcos teve de dar resultados contrarios aos esperados. E, afinal, apoz essa fuga desmoralizada dos Kemalistas, o exercito grego, senhor de Kiutaia e Eskissehir, ganhava bem merecido repouso.

J. N.

"Revista da Semana" 22 outubro 921

AO SOM DA VIOLA (FOLK-LORE)

PELO SR. GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

Livraria Editora Leite Ribeiro.

O novellista de *Terra de Sol*, que já enriquecera a nossa historia regional com a série de monographias esplendidas dedicadas ao estudo dos cangaceiros do Nordeste, com o titulo de *Heroes e Bandidos*, traz-nos agora mais uma pesada pedra para a edificação dos alicerces da historia patria. O *folk-lore* methodicamente reunido neste grande volume de 740 paginas compactas foi pacientemente colhido nos sertões do Nordeste, abrigados do contagio de novos factores ethnicos, e em cujas populações insuladas sobrevivem as reminiscencias de remotas tradições oraes, transmittidas pela canção. Esse material de *folk-lore* actua como uma lente poderosa e ampliadora no estudo da formação das populações, desvendando-a até os sedimentos mais intimos. O estudo notavel, penetrante e exhaustivo, que o escriptor illustre emprehendeu, não pode ser devidamente encarecido nesta notas avulsas, que não levam pretenções de ser mais do que um modesto registro bibliographico. A contribuição vultuosa que o sr. Gustavo Barroso carreia para o edificio em construcção do *folk-lore* nacional merece attenções especiaes, e tanto maiores quanto o illustre escriptor não se satisfaz em reunir esse material precioso, mas o classifica e lhe extrahe em commentarios sagazes a significação historica. A sua classificação do material reproduz a que Gaston Paris e outros especialistas consagrados organisaram. Essa submissão consciente a um processo já classico tem a vantagem de facilitar os estudos de confronto e de salientar as analogias.

Obra indispensavel a quantos pretendam adquirir uma fundada opinião sobre a formação ethnica e moral das populações do Brasil, ella offerece, com numerosas e saborosas surpresas, um interesse devéras empolgador de leitura. Não só o erudito, mas até o leitor que procura mais entretenimento do que instrucção na litteratura, encontrará neste livro materia de sobra para recreio e agradavel passatempo.

Não nos despedimos com esta singella nota do dever que nos impomos de mais extensa referencia a uma obra que representa investigações laboriosas e que incorpora o seu autor entre as sumidades nacionaes especialisadas no estudo das nossas origens e evolução.

As lições que contem este manual de *folk-lore* precisam de ser vulgarisadas como correctivo ás heresias em que procura fundar-se um nacionalismo interpretado ás avessas, corruptor de quasi todas os nossos titulos legitimos no dominio das sciencias ethnographicas e historicas.

"Alvorada - Guaratinguetá - Paraizo 14 outubro 1921

Ao Som da viola

Gustavo Barroso, o admiravel folklorista do «Terra de Sol», tem no prelo, prestes a sahir á luz, mais um livro que virá em breve assignalar com traços fundos os seus conhecimentos no campo das indagações folklo-

ricas. Litterato de lyncea visão, o laureado autor do «Ronda dos Seculos» mergulha no agitado mar da alma popular e traz de lá, para os seus leitores, verdadeiras perolas, quer como expressão de sentimentos quer com documentação dos estadios culturaes da nacionalidade.

«Ao Som da viola» será pois uma antologia das poesias do povo e sem nenhuma duvida um livro encantador e altamente expressivo da nossa nova literatura.

Polonia Restituta

Num discurso celebre, que pronunciou em favor da Polonia, em 1848, na tribuna da Assembléa da Segunda Republica Franceza, Victor *Hugo* disse as seguintes palavras, cheias de enthusiasmo, de fé e sobretudo de verdade:

«Entre todas as nações da Europa somente duas desempenharam na Civilisação um papel desinteressado: a França e a Polonia. A França dissipou as trevas; a Polonia repelliu a barbaria. O povo francez foi o missionario da civilisação na Europa; o povo polono foi o batalhador. Se o povo polono não tivesse realisado a sua obra, o povo francez não teria podido effectuar a sua missão.»

A Polonia teve, com effeito, nos dez brilhantes centenarios da sua radiosa historia como nação independente, um grande papel a desempenhar.

Ella foi pelas suas condições moraes e mentaes, e pela sua situação geographica, a *Marca*, a *Frontaria*, segundo diziam os nossos classicos, da Civilisação mediterranea ou occidental mais avançada para o lado de Leste. Coube-lhe defender a Europa das idéas vindas do oriente, asiaticas, moscovitas ou bysantinas, como das invasões dos ultimos barbaros que ameaçaram por espaço de meio milhar de annos o patrimonio moral, intellectual e material de toda a Christandade.

Durante trezentos annos, sem um momento de repouso, sem uma hesitação, a sua heroica e tumultuaria nobreza á frente, combateu os tartaros das esteppas ou das praias do mar de Azof; durante dous seculos derrotou os turcos, toda a vez que estes toparam em campo razo as tropas dos seus "hetmans". Da pugna de Varna em 1444 á de Vienna em 1683, as hordas ottomanas fugiram derrotadas sempre deante da cavallaria de Zolkiewski, de Chodkiewicz e de Sobieski.

Abstrahindo mesmo todas as ligações religiosas, moraes, litterarias e artisticas, que sempre ligaram a Polonia, slava pela raça e quasi latina pelo sentimento, aos povos occidentaes, tornando-a uma irmã distante da França e uma prima afastada da Italia e da Iberia; abstrahindo todos os valiosissimos serviços prestados ao mundo inteiro pela sua nobre coragem, detendo no Oriente a expansão germanica e insulando as influencias bysantino-orientaes drenadas atravez da Russia; abstrahindo esses e outros meritos iguaes, senão maiores talvez, que aureolam a gloriosa historia da Polonia, todos os homens de intelligencia e de coração, não importa de que raça ou de que nacionalidade, devem profundamente amar a Polonia, porque ella foi a batalhadora infatigavel que continuamente regou com o seu generoso sangue os campos de batalha, defendendo a civilisação europea das ameaças implacaveis da Barbaria.

Se lhe faltassem outras glorias, se ella não fosse a patria de Koperniko e de Paderewski, se ella não tivesse sido sempre o paiz da liberdade, do cavalheirismo e da tolerancia benevolente, bastar-lhe-ia a luta a que se consagrou durante meio milhar de annos, na estacada, repellindo os extravasamentos das hordas amarellas: tartaras, finnezas, mongolicas, turcas, para que ella merecesse da humanidade inteira a mais carinhosa amizade.

E' verdade que, se a politica sem entranhas das nações européas, se a fraqueza da França de Luiz XV ou a desvairada revolta da França de 1795, permitiram que a rapinagem cruel e infame, da quadrilha internacional austro-prusso-moscovita, realisasse as duas partilhas successivas da Polonia, o coração da humanidade inteira

O Brazil-Polonia 1/15 novembro 1924

"Fon-Fon" 12-11-921

acc[illegible]panhou, com a sua sympathia de melhor com a sua veneração, a vida horrivel sob tres tyrannias da patria que Kosciuszko nunca acreditára morta em Maciejowice.

Mas um dia os Imperialismos sanguinarios e cúpidos da Europa foram vencidos pelos exercitos das nações livres ou pelas revoltas dos povos opprimidos. Então, a Polonia, acordada, pelo rumor colossal da maior guerra da Historia, levantou-se do seu somno já secular, quebrou os seus grilhões torturantes e vio, tremulando sobre sua cabeça, ao rijo vento da Liberdade, a bandeira tradicional e orgulhosa da Aguia Branca de azas heraldicamente espalmadas.

Despertada e prompta para novas lutas formidaveis, a *Polonia Restituta* continuou a desempenhar o seu grande e nobre papel de defensora da Civilisação no Oriente europeu. Mal a nação dos Jagellões fruia os primeiros prazeres da sua independencia, as hordas vermelhas dos bolschevistas, trazendo para espalhar sobre a face do Occidente anemiado pela guerra a palavra destruidora das suas idéas immensas, mysteriosas e razas como as suas esteppas, marcharam para o lado onde se põe o sol. A Polonia Restituta lembrou-se dos tartaros batidos no espaço de tres centenarios e dos ottomanos derrotados durante duzentos annos, desembainhou a espada gloriosa do Rei Ladislau, vencedor em Varna, e repellio o Bolchevismo. Pilsudski nesse dia, junto aos muros de Varsovia, tornou-se igual a Sobieski, junto aos muros de Vienna. Elle foi um novo Aecio nos Campos Catalaunicos e um novo Joffre no Marne. Assim, a Polonia recomeçou a viver salvando a Civilisação! Como pagar-lhe as velhas e a nova? — Amando-a e defendendo-a tambem!

JOÃO DO NORTE

Pela Avenida — Cada vez que me ausento e que volto, quando passo por esta Avenida verifico que nenhum paiz muda mais de aspecto e de costumes do que o Brasil. As mutações que constato nas ruas da capital são rapidas; as do interior, em certas zonas, tambem; em outras, menores, mais vagarosas, menos sensiveis á primeira vista; e só nos altos sertões asperos ou inhospitos a sociedade brasileira consegue manter-se estacionaria como a China o esteve dentro da sua muralha celebre.

Quando Claudio acabou de me dizer isto, em frente a uma joalheria resplandecente, a noite cahia e os focos electricos começavam a palpitar. Passavam por nós mulheres admiraveis. Indaguei:

— Admiras-te que um paiz novo como o nosso mude tanto, de dia para dia?

— Não, porque recebe quasi diariamente quantidade e qualidades de elementos estrangeiros. E quanto mais receber mais se transformará até o dia em que de todo esteja entregue ao cosmopolitismo ou em que se integre num espirito nacional novo.

O pocker assassino!

Lemos num jornal de Nova York uma noticia curiosa, que certamente deve interessar aos jogadores de pocker e por isso resumimos nesta nota.

Um modesto alfaiate retirado dos negocios Philip Brenner, morador na Avenida Carnegie naquella immensa *urbs* yankee estava jogando numa casa visinha, em companhia do seu genro Benjamin Levy e do seu sobrinho Max Kantrowitz um modesto pocker, cujas apostas maximas eram de dez centavos, mais ou menos oitocentos réis. Numa das jogadas, os parceiros do velho alfaiate, tendo bom jogo, elevaram suas apostas até trinta centavos. E elle, de olhos fitos nas suas cinco cartas, sem pedir nada, declarou que elles não tinham jogo para vêr o delle...

De olhos fitos nas cartas ficou algum tempo; depois, os dedos as soltaram sobre a mesa e elle inclinando o corpo, cahio redondamente no chão!

Chamou-se um medico ás pressas, o dr. William Nammack, que constatou a morte, cuja causa fôra syncope do coração devido a uma emoção forte. Então, olharam as cinco cartas que tinha deixado cahir. O velho alfaiate recebera de mão um Royal Flush de copas, de coração: e o seu deante dos outros deixára de bater!...

Que tenham cuidado os jogadores de pocker doentes do coração. Podem morrer com o jogo na mão...

Lixandre Conheci um cearense ignorante camado Alexandre de Oliveira Lima, que assignava o seu nome desta sorte: Lixandre Liveira Lima,

A forma que elle deu ao appellido Alexandre não me causa a menor admiração. Lixandre é muito mais regularmente formado do que outros derivados do nome do conquistador macedonico espalhados por ahi a fora e que chegaram aos nossos dias através do baixo latim como Lysandro, por exemplo. Neste o ypsilon ahi mettido pela pretenciosidade dum copista medieval de manuscriptos dá-lhe uns ares de nobreza, inteiramente falsa e profundamente ridicula.

Eu prefiro ainda o Lixandre nordestino á decadencia a que chegou o Alessandro italiano, nos dias de Boticcelli: Sandro. E creio que ninguem negará ao primeiro mais proximo parentesco com Alexandre do que tem o degenerado nome em voga na Romenia: Lisindru...

"Fon-Fon" 19-11-921

A VIDA ACCIDENTADA

DOS NOMES PROPRIOS

Commentando certas passagens de varias obras literarias do escriptor inglez Rudyard Kipling sobre a India, fiz um dos meus artigos do "Correio Paulistano" a respeito de curiosos termos de origem indú que passaram para a lingua portugueza, de interessantes palavras lusitanas que foram parar nas linguas do Hindostão, de expressões arabes communs a Portugal e á India e de nomes de familia portuguezes que, para documentar a grande influencia que outróra os lusos tiveram na peninsula hindustanica, ali ficaram até aos nossos dias.

Meu despretencioso e desvalioso artigo, embora resentindo-se da falta de estudos especiaes do assumpto e simplesmente baseado em observações decorrentes da leitura dos livros de Kipling, teve a felicidade de chamar a attenção do sr. Oliveira China para as palavras ali apontadas. S. s. publicou nestas columnas um longo, bem documentado, interessantissimo estudo, commentando, completando e elucidando as observações que eu, por falta do material glottologico que lhe sobra, deixára simplesmente esboçadas.

Escreveu o sr. Oliveira China, de accôrdo com o orientalista Dolgado que em varias regiões da India os appellidos portuguezes, que attestam a passagem gloriosa da raça, como Correias, Coutos, Soares e Gomes, resoam hoje adulterados pela pronuncia ingleza, cada dia mais dominante: Currles, Couts, Swarees e Gomees...

Este facto é mais um testemunho de que nada mais facil de alterar-se ao influxo das linguas extranhas do que os nomes proprios de pessoas ou de regiões. Basta meio seculo para tornar irreconhecivel a denominação geographica origina de um paiz. Basta um trimestre para transmudar completamente o appellido de um individuo Raros são hoje, por exemplo, os que sabem que a colonia africana da costa do Atlantico, que os inglezes denominam Cameroun e os allemaes diziam Kamerun, é simplesmente a velha praia que os pescadores e navegadores de Portugal baptizaram como Costa do Camarão! E, em poucos mezes, os descendentes da estirpe britannica dos Lancaster tornavam-se na sociedade lusitana os Alencastros...

As modificações que soffrem os nomes proprios, passando da sua lingua de origem para outras, são tão profundas, que, ás vezes, o mesmo nome acaba por se bifurcar ou trifurcar, produzindo varios appellidos, que á primeira vista parecem diversos, porém no fundo são os mesmos. Vejamos o exemplo mais caracteristico de todos: o nome do patriarcha biblico Jacob: Iakub, em hebraico; Iacobus em latim; Iago, em velho italiano, Giacomo em italiano actual; Jacques, em francez, Jack e James, em inglez; Gemes, em portuguez antigo (o classico D. Gemes, o liberal, duque de Bragança), e Jayme na nossa linguagem usual.

Ligando o t do santo, cujo o caiu, para se poder fazer a ligação a Iago, os hespanhóes crearam a expressão Sant'Iago e Santiago, depois o nome Tiago. Na nossa lingua vamos encontrar as tres fórmas: a do latim, vinda do hebraico — Jacob; a da formação natural portugueza — Jayme; a provinda do castelhano, que se escreve com esta horrivel e inexplicavel graphia — Thiago. E quantos são

"Correio Paulistano" 16 novembro 1924

capazes de dizer que Jacob, Thiago e Jayme são um só e mesmo nome?

Desta sorte, drenados através do latim e dos augmentos ou erros dos copistas medievaes, inimigos terriveis dos nomes proprios aos quaes accrescentavam letras ou dos quaes diminuiam syllabas inteiras, a seu bel prazer, quando se não enganavam nas transcripções por ignorancia, os nomes de origem gothica nos chegaram aos ouvidos e aos olhos profundamente estropiados e divididos em fórmas differentes, como o que acabamos de vêr. Exemplifiquemos:

O Adelheid teutonico deu, com o correr dos tempos, todas estas variações: Atéla, Adélia, Aldia, Adelisa Adelagida, Adelaria, Athelasia e Adelaide. O germanico Hlod-wig, cuja etymologia Augustin Thierry explica admiravelmente como a de varios appellidos da mesma origem nas "Lettres sur l'histoire de France", apparece nos documentos semi-barbaros como Hlodoveh, Chlodowig e Clodowig. O latim apoderou-se dessas formas e fel-as evoluir para Chlodovisus, Lhodovisus, Clodoveus, Ludovicus, Lodoiso, Lodois e Aloysio; mas nos manuscriptos medievos acham-se outras formas curiosas do mesmo nome: Lodoiu e Luduiu.

Os francezes acabaram essa evolução em Clovis e Louis; nós, em Luiz.

E hoje, quando conhecemos dezenas de pessoas chamadas Clodoveu, Clovis e Luiz, não é preciso ter certa coragem para assegurar que esses tres appellidos são um só?

O Wenilo das gestas dos francos carlovingios não é o Ganelo dos italianos, o Ganelon francez moderno e o nosso Ganelão? O Merry dos anglo-normandos é o nosso Mederico, o Medreich teuto. O Fadrique dos cancioneiros peninsulares, o Fradique dos foraes lusos é o mesmo Frederico actual, nesto legitimo do Friedreich allemão.

Ha nome que mais se tenha transmudado através os seculos do que esse de Theodorico, que hoje se nos apresenta com uma physionomia hellenizada por esse Theo?

Pois bem, elle nada mais é do que o Teudreich gothico, que alguns escreviam Theudreich e que tem sido Diedreich, Theoderik e Thierry, este ultimo bem francez. Da mesma maneira, Theotonio resultou do bem teutonico Theotonico, Theutonico, Theutonic.

Raul e Rodolfo, que erradamente se escreve com ph. como si fosse grego, quando vem de **wulf**, lobo, em allemão, parecem dois nomes absolutamente sem parentesco. São, no emtanto, o mesmo nome: Radwulf bifurcou-se desde que sahiu da Germania Magna até hoje — para um lado deu Radolfo e Rodolfo; para outro deu Radulf e Raul.

Ruy nasceu de Rodrigo, este de Roderico e este de Rodreich.

O nosso Bermudo, tão do sabor dos classicos, brotou de Veremudo, que veiu de Beremuth, Beremund ou Berimund, no alto-allemão. E' dispensavel estar a indicar leis de semantica que presidem a essas mutações. Nosso intuito é sómente registar as observações das transformações successivas desses nomes, sem preoccupações eruditas.

E algumas etymologias e formas originaes poderão ser facilmente verificadas nas obras de Jornandès edição Garnier, pags. 207, 224, 235, 252, 263, 304 e 322, na "Bible d'Amiens", de Ruskin, traducção de Proust, edição do "Mercure de France", pags. 185 e 186, ou nas "Lettres", já citadas, de Thierry, edição Garnier, pag. 196 e notas finaes.

Os appellidos tudescos que terminavam em **helm** capacete chegaram á nossa lingua acabando em **erme** e **elmo**: Wilhelm e Anshelm — Guilherme e Anselmo. Ha em vernaculo tres formas para Edward, a escolher:

Odoardo, Eduardo e Duarte. Ha tres para Albrecht: Oberto, Adalberto e Alberto. De Hrodlant sahiu

Rodlant e deste, para o francez — Roland, para o italiano — Orlando, para o hespanhol — Rolando, para o portuguez — Roldão.

E, do mesmo modo que Hlodwig evoluiu ou adulterou-se até Luiz o feminino germanico Hlod-hilde. Clotilde, chegou a ser Aloysia, Heloisa e Luiza! Dentro mesmo da nossa lingua podemos achar, ás vezes, meia duzia de fórmas diversas de um unico nome: Aanor, Alienor, Eleonora, Leonora, Leanor e Leonor; Alix, Aliz, Alicia e Alice.

Não só com os nomes germanicos tem isso acontecido. Os de toda e qualquer procedencia degradam-se da mesma maneira. O titulo phenicio da deusa do amor e das navegações Ishtar, ou Achtoreth Astoreth, Astaroth, (nomes escriptos conforme os traduziam os ouvidos extranhos á lingua punica, que se resumiram no de Astarté, grego), é a fonte de onde surgiu o Esther actual filtrado pelas traducções biblicas. E o latino Augustinus produziu Augustino e Agostinho, chegando no inglez moderno a estas duas syllabas: Austin...

Essa transformação de nomes vem de velhos tempos. Nas notas ao "Stratagematicon", de Sextus Julius Frontinus, edição Firmin Didot, Paris 1885, o sr. Nisard aponta um exemplo curioso das variantes de um nome proprio grego, pelo tempo e pelas linguas além: Leutychides, que se encontra nos manuscriptos de varias edades com estes aspectos: Leotychidas Euthidas, Eutides, Clitidas e Curtidas!... O exemplo é eloquentissimo.

Deante dessas transfigurações, parece não haverá motivos de espanto ao saber-se que os anglos-indus mudam os Soares em Swarees e os Cabraes Mesquitas em Gabrais Misquittas (segundo Kipling este ultimo exemplo). O mesmo praticam os francezes. São hoje absolutamente irreconheciveis os appellidos de familia, aliás bem portuguezes, dos judeus usos que, perseguidos pela Inquisição, emigraram para Bordéos e outras cidades do sul da França. Os Mendes passaram a ser os Mendés, dos quaes nasceu Catulle Mendés. O presidente do Sanhedrin israelita convocado por Napoleão foi um judeu de origem lusa Monsieur Furtado. E a Madame de Souza, da obra celebre de Maricourt, morreu Madame de Souza. Na Hollanda, tiraram o e inicial de Spinosa; e eu conheci em Bruxellas um negociante de moveis, de olhos e cabellos pretos, que os punham em relevo entre a alourada populaçãc flamenga, chamado Van-Tura. Conversei com elle. Era de origem iberica, descendente de algum soldado ou funccionario do duque d'Alba, nos Paizes Baixos Originariamente, o seu nome deveria ser por força Ventura, mas elle tivera a ventura de vêl-o transformado ao genio e gosto do paiz. Os Costas e Bastos de Portugal que foram parar em Amsterdam são hoje em dia Costen e Basten.

Afim de evitar talvez essas modificações nominaes, os antigos sabios, eruditos, juristas ou escriptores costumavam adoptar logo uma fórma latina para o seu nome proprio, especie de pseudonymo que os universalizava. Assim, um Hugo de Groot apparecia aos letrados como Hugo de Grotius.

No nosso interior, especialmente no Nordeste, onde o elemento nacional conserva a sua força nacionalizadora livre de influencias cosmopolitas, ás vezes os nomes proprios extrangeiros não logram viver. Todos os nomes de familia, de difficil prosodia ou complicada graphia, deixados no littoral ou no sertão, da Bahia ao Ceará, pelos hollandezes, durante o seu dominio colonial ali, desappareceram, apagaram-se sob a rubrica geral de Hollanda. O sertanejo resolveu a questão da pronuncia ou escripta desses appellidos exoticos chamando quem os possua Fulano de Hollanda

Henry Koster, inglez, que percorreu parte dessa região na primeira decada do ultimo seculo, affirma, na sua curiosa obra, a respeito dessa viagem, que, poucos mezes depois de sua permanencia por ali, já todo o mundo o chamava Henrique da Costa. Um commerciante de origem austriaca, que mora no Piauhy, cujo nome de familia é Liebmann, passou, segundo me disse pessoalmente, a ser Lima. Um seu tio assim meu, filho de Carlsbad, engenheiro, que deixou varias obras no Ceará, chamava-se Seifert (pron. Saifert) e morreu sendo Safé. Ainda hoje o povo conhece entre as villas de Mecejana e Aquiraz a **ponte do Safé**, segundo uns, do Seifer, segundo outros. Houve em Fortaleza um negociante que pôz á porta da sua casa de negocios uma taboleta em inglez: "Shipchandler". Pois, alguns annos após, toda a população o connecia por Xico-Pixane (Pixane, no Nordeste, é o gato, corruptéla de pichano!). Conheço pessoalmente no Ceará um escossez, homem habil e activo, que vive nos sertões, construindo pontes, açudes e estradas. Chama-se John Myles e é geralmente tratado por Mister Myles; porém o povo lá o appellidou definitivamente Mestre Maia...

Deante desse exemplo e dos de mutações vocabulares que Remy de Gourmont aponta no "Le Problème du Style", verifica-se que é verdadeiramente admiravel se encontrarem ainda appellidos portuguezes na media actual, mesmo estando os Corrêas mascarados em Curries e os Coutos em Couts...

João do NORTE

Uma distincção do sr. Gustavo Barroso

Gustavo Barroso (João do Norte), nosso collaborador, recebeu do sr. Alexandre Conty, embaixador da Republica Franceza, no Brasil, o seguinte telegramma:

"Je suis heureux vous annoncer votre nomination au grade de chevalier de la Legion d'Honneur. — Alexandre Conty."

"Fon Fon" 12 novembro 1921

Sentimento e arte

Entre os poetas, falo com toda a franqueza, prefiro aquelles que são, em verdade, mais artistas do que poetas.

Por que?

Porque a esse ponto me levam as predisposições naturaes do meu espirito, porque esses me agradam mais.

Na poesia não admiro o sentimento. Absolutamente não. O que mais admiro é a forma. Aliás, isso se dá commigo em materia de arte. Em quasi todas penso da mesma maneira, menos na musica, porque não a conheço sufficientemente para distinguir as bellezas de forma e só experimento emoções, ouvindo trechos musicaes, pelos sentimentos que exprimem.

Nas outras, cujas formas me são accessiveis, tenho a opinião dos homens frios e calmos. Prefiro as bellas paginas e os bellos versos aos sentimentos que encerram. A arte pura está acima do coração. E as emoções que ella dá são somente as de ordem esthetica, que não chegam para todos, emquanto que o sentimento agrada á maioria.

Tudo que agrada á maioria é detestavel!...

Madame de Sevigné

Procurava nas minhas estantes á noite, antes de ir deitar-me, um livro para lêr. E, como desejasse dormir depressa, queria um livro escripto por uma mulher...

Peguei na «Petite Fadette» de George Sand e deixei-a no seu *rayon* tranquillo. Estendi a mão para as lendas de Selma Lagerlof e arrependi-me a meio caminho. Olhei a lombada das obras de Madame de Stael e não tive coragem de escolher uma entre «Corina» e a «Allemanha». Não me detive em frente aos titulos dos romances de Greville e de Ardel e sorri perversamente ao pensar que possuia numa prateleira esquecida as «Memorias de Margarida de Valois» e o «Heptaméron» da Rainha de Navarra...

O relogio da sala de jantar deu doze horas: menos um dia de vida. Tomei um volume de Madame de Sevigné, certo de ir dormir depressa, pensando no que della disse Rémy de Gourmont: «précieuse charmante que n'a jamais exprimé un sentiment qu'enjolivé de mignardises...»

O mediocre

Todo o mundo elogia os livros delle que quasi ninguem lê. Todo o mundo elogia os discursos delle que quasi ninguem ouvio. E, estribado nessas vozes elogiosas, elle vae galgar dos posições: deputado, senador, ministro. Por fim, seus olhos hão de namorar a presidencia da Republica. Talvez mesmo a attinja e nella se assente para atrapalhar durante quatro annos a vida attribulada do paiz.

Este exordio não se refere a este ou aquelle individuo neste ou naquelle paiz. Elle visa a maioria dos individuos que nas democracias conseguem fazer esplendidas carreiras e que são justamente os mediocres.

Prefiro lhes os de todo ignorantes ou burros de todo. O mediocre é o producto mais perigoso das horriveis civilisações democraticas. E' talvez mesmo o mais desprezivel. Porque elle tem illimitada vaidade e pensa que tudo deve ao seu valor ou á sua tenacidade intelligente e nada á sua estrella. — quando foi esta que fez tudo...

A arte e o povo

Naquelle jantar elegante e protocollar em que as mulheres exhibiam seios e costas, em que os homens ostentavam commendas e crachás, a conversa no lado da mesa onde me sentára foi de principio a fim sobre arte. Todos achavam que qualquer individuo está apto a contemplar a belleza e que o povo não a ama, porque, em vez de exhibil-a nas praças publicas, encerram-n'a nas pinacothecas e nos museus. Eu sustentei o principio contrario: que a arte é feita para as *elites*, para certas pessôas de certas classes. e só.

Ao sahirmos da sala, percorrendo o corredor que levava ao terraço, onde iamos tomar café e fumar, Claudio França, que fôra meu visinho fronteiro na mesa e se mantivera calado todo o tempo, passando seu braço pelas minhas costas, disse me quasi ao ouvido:

— São pedantes ou hypocritas. Tu tens toda a razão. E lembra-te sempre das palavras de Remy de Gourmont: «l'art est, par essence, absolumeut inintélligible au peuple..: l'art c'est le désinteressement...»

"O Jornal" 13 novembro 1921

VIDA LITERARIA

GUSTAVO BARROSO — "Ao som da viola" — Ed. Leite Ribeiro. — Rio, 1921.

Continuemos com a literatura do povo, que occupára a nossa ultima chronica. Vimòl-a então em suas manifestações pessoaes, que em nada excluiam o caracter popular: ora capitosa e inculta, na bocca inspirada desses "cantadores" do sertão, ouvidos e transmittidos, com tanto amor, pelo sr. Leonardo Motta; ora, transfigurada e polida na lyra luminosa do Catullo. Temol-a hoje mais impessoal, estudada com criterio systematico pelo sr. Gustavo Barroso, nos mesmos sertões do nordéste.

O interesse por essa literatura popular, symptoma caracteristico das sociedades modernas, prolonga suas raizes até o seculo XVIII. Foi esse um seculo de libertações, iniciado no dominio das idéas, e passando, no fim, ao dominio da acção. Seculo de individualismo philosophico e activo, preparou o seculo da cultura, que foi o seculo XIX. Essa nova entidade — povo, cujos direitos e cujo poder se haviam revelado no seculo anterior, começou a interessar todos os espiritos. A literatura, que vivia encerrada na torre de marfim dos dogmas academicos, começava o seu grande movimento de integração philosophica e social, clamando por sua liberdade. Ao mesmo tempo que a fantasia e o sentimento transpunham limites até então vedados, dava-se a renovação dos themas, procurando os artistas explorar o novo veio que se abria á sua curiosidade — a alma e as creações populares. E, emquanto a arte começava a desvendar esse novo campo de sua inspiração, punha-se a sciencia a estudal-o.

Já não era o povo aquelle animal quasi inconfundivel com a terra, que La Bruyére mostrára numa pagina pungente, — nem essa terrivel força social que se impunha brutalmente á luz das novas correntes de idéas. Começava a ser estudado scientificamente, com o fito na investigação de sua psychologia. Creou-se uma sciencia para as creações populares, que em 1846 recebia, na Inglaterra, o baptismo de "Folk-Lore". Mas emquanto, com o romantismo, via a arte nesse filão, um meio de differenciação nacional — como se deu, por exemplo, na Allemanha com a fortuna do "lied" —, tendia cada vez mais a sciencia a mostrar a identidade humana fundamental de todos esses caractéres, apparentemente diversos, — ou de todas as origens, que segundo o unigenismo de Benfey, iam encontrar-se todas no remoto Oriente Indiano.

Como sempre, ao mesmo resultado divergente chegou, entre nós, o estudo da alma popular.

No velho mundo, foi a revolução philosophica e social que chamou a attenção de artistas e criticos para a literatura do povo. Entre nós, foi a revolução politica e logo o espirito patriotico que determinaram a revelação desse novo campo de estudos e de inspirações. O Brasil, em 1822, conquistava sem grande esforço a sua independencia, mas faltava-lhe a effectiva justificação dessa quebra de laços politicos. Na literatura, podemos dizer que toda a grande critica do seculo XIX, girou em torno dessa idéa: a investigação do espirito nacional. Só começou essa critica depois do meiado do seculo, e quanto ás creações populares, depois da guerra do Paraguay, quando se encerrou o cyclo do primeira consolidação nacional. Foram Celso de Magalhães, em 1873, e logo no anno immediato José de Alencar, que começaram a desvendar, com mais methodo, essa nova e opulenta região literaria, até então cruzada de passagem e sem mais demora.

Nesse mesmo decennio, porém, iam começar os estudos systematicos da materia com Sylvio Romero, que, com criterio scientifico e admiravel esforço recolheu e classificou a grande messe ignota da alma popular. Não duvido que esses estudos de Sylvio Romero sejam o que ha de mais duradoiro em sua obra formidavel de demolição e construcção, que representa para a nossa critica no seculo XIX o mesmo que para a ficção a obra de Alencar: todas as correntes respectivas da mentalidade nacional passam por uma ou outra dessas duas personalidades, antes de se lançarem a novos rumos.

Preoccupado sempre com a nossa ethnologia, adoptou Sylvio Romero o criterio das raças formadoras para classificar os frutos da fantazia popular. Foi a classificação geralmente seguida, depois delle, sendo que os estudos se orientavam de preferencia no sentido horizontal, isto é, a collecta de novo material de accordo com os differentes meios, — do que no sentido vertical, isto é, na investigação das origens — daquelle caracter têm participado geralmente os estudos de literatura popular posteriores a Sylvio Romero, e que em vez de tentarem a consideração de toda a materia, como procurou fazer o autor dos "Estudos de Poesia Popular no Brasil", se restringiram a determinadas regiões, como o barão de Studart ou o sr. Leonardo Motta, no Ceará, Pereira da Costa, em Pernambuco, Valle Cabral na Bahia, Rodrigues de Carvalho no Norte em geral, ou Carlos de Kosentz no Rio Grande do Sul. Appareciam tambem alguns repositorios de poesia geral popular, como os dos srs. Affranio Peixoto e Carlos Góes, este

especialmente em Minas, ao mesmo tempo que apontava uma nova orientação de estudos, naquelle sentido vertical a que me referi. Foi a contribuição original que trouxeram os srs. João Ribeiro e Alberto Faria, que com erudição muito superior a todos os seus antecessores, não se contentaram com recolher material, estudal-o em sua historia local, ou observal-o em sua origem immediata para fins de classificação, — mas partiram dali, segundo as idéas dos grandes folk-loristas inglezes, francezes e allemães, para investigar scientificamente as origens remotas dos phenomenos e estudal-os em sua significação psychologica. O resultado a que chegou essa investigação da literatura popular, estudada no tempo, em sua evolução, e no espaço, em seus caracteres comparados, — foi o de uma identidade fundamental da natureza humana, expressa em seus elementos mais simples e expontaneos, isto é, na alma popular.

Esta alma, por sua vez, perdia aos poucos o prestigio sagrado do anonymato, tendo o sr. Afranio Peixoto, no prefacio de suas "Trovas Brasileiras", reivindicado o factor individual da poesia popular, muito facilmente esquecido pelas correntes de pensamento que viam apenas no povo a alma collectiva e impessoal.

Emquanto a sciencia estudando a verdade essencial das coisas, quanto é possivel fazel-o, chegar assim a essa unidade fundamental de caracteres, — alcançava a arte objectivo opposto, pela diversidade apparente delles. Todo o regionalismo contemporaneo, em nossa literatura, se funda nesse elemento espontaneo da alma popular, como nesta propria chronica é possivel ver com o livro do sr. Cornelio Pires, de caipirismo paulista.

A arte, quando se universalisa, isto é, no seu apogeu de intensidade e repercussão, chega, como a sciencia, a essa unidade essencial dos espiritos, que creou a "welt-literatur" de Gœthe. Não é possivel, porém, esse apogeu sem passar pelo localismo, que será sempre, ainda no mais elevado universalismo, como que o fio que prende as perolas do collar. E as fontes mais ricas do localismo nasceu justamente da alma popular.

A literatura popular, portanto, liga os povos e os differencia, conforme a encaramos com criterio scientifico ou artistico. E' que os caracteres elementares dessa literatura são os mesmos, mas outros são os seus elementos physionomicos.

Podemos verifical-o na mais recente contribuição systematica ao "folk-lore" brasileiro, que é este "Ao som da viola", do sr. Gustavo Barroso. Ha no livro tres trabalhos distinctos, que nos revelam as tres considerações possiveis do "folk-lore" — o aspecto empirico, o artistico e o scientifico. O elemento empirico do "folk-lore" é a collecta de materiaes, é o trabalho do botanico que vae ao campo buscar plantas para seus estudos. Nesse ponto é muito valiosa a contribuição do sr. Gustavo Barroso. Nesse grosso volume de impressão e mal nomeado, pois as lendas, tradições, superstições ou proverbios que estuda, além da poesia, nada têm com o "Som da viola", caracteristica apenas desta poesia popular — nesse volume, digo, só ha ineditos, pois assim se póde chamar uma ou outra coisa apparecida tambem no livro do sr. Leonardo Motta, publicado ao mesmo tempo que o do nosso autor e por este, portanto, até então desconhecido. E' realmente consideravel a contribuição do autor, que se limitou aos sertões do Nordeste, justamente os mais explorados nesse ponto, mas tambem os mais ricos.

O elemento artistico, como viamos, é o que revela o caracter dessa poesia e a sua differenciação. O melhor meio de o destacar é a classificação. A de Sylvio Romero era até hoje a unica que apresentava caracter systematico. Propõe outra o sr. Gustavo Barroso; á maneira de como tem sido estudado o "folk-lore" europeu: — "Sylvio Romero faz derivar todo o nosso "folk-lore" das tres raças basicas da nossa ethnographia, annotando as variações e mutações trazidas pelos mestiços. Mas, considerando as relações de parentesco que ligam todos os "folk-lores", na maioria originarios de um fundo commum de tradições de toda a humanidade, e considerando as difficuldades que se antolham a qualquer estudioso no escalpelar essas origens africanas, indigenas e portuguezas, já hoje tão baralhadas, tão confundidas, parece melhor dividir o "folk-lore" sertanejo em cyclos mais ou menos thematicos, que lhe possam dar maior facilidade de classificação e de organisação". Em vez da origem, sempre incerta, destaca-se dessa fórma o assumpto. Essa classificação tem a vantagem de pôr mais em destaque a contribuição original do meio e do sangue novo, deixando, portanto, em relevo o elemento artistico que é a differenciação. Nessa muza sertaneja mostra o sr. Gustavo Barroso primeiramente os dois caracteres geraes que póde revestir, — quando é improvisada e quando transmittida ou escripta. Este ultimo é o que chama de "folk-lore tradicional" e que divide em differentes "cyclos": o dos Bandeirantes, o do Natal, o dos Vaqueiros, o Heroico ou dos Cangaceiros e o dos Caboclos. Entre essas poesias tradicionaes, de que muitas vezes indica a origem individual, inclue ainda as "poesias mnemonicas", que são os famosos "A B C" e "Pelos Signaes". Na segunda parte, — o "folk-lore repentista", — dá-nos varios desafios inéditos e umas cem "trovas de amor e de amigo". A ultima parte do livro não se occupa de poesia, senão de "historias, fabulas, lendas e superstições".

Como se vê, é diminuta, na massa geral dessa literatura popular do sertão a contribuição de quadrinhas e de poesias amorosas. O mesmo observamos na collecta do sr. Leonardo Motta e é facil verificar nos cancioneiros de Sylvio Romero, Rodrigues de Carvalho ou Pereira da Costa. A quadrinha popular não me parece a fórma mais

trario do que se pensa, representando, muito ao invés, pela sua fórma determinada e consagrada, um elemento mais culto e menos espontaneo. Nossa poesia popular colligida directamente nas fontes, nesses incomparaveis, "cantadores" do sertão, apresenta a maior variedade de fórmas, que podem ser reduzidas a algumas especies, mas que nunca se repetem com regularidade. E' tão extraordinario o folego poetico de alguns desses menestreis incultos, que não se poderia conter nos limites de uma quadra. Cita o sr. Gustavo Barroso treze estrophes de um "martello" (desafio em toada rapida) entre Joaquim Francisco e Antonio da Cruz, todo elle em "obras" (estrophes) de dez versos decasyllabos, o que chamam no Nordeste "gabinete". De alguns desses generos nos falava o sr. Leonardo Motta. "Os generos poeticos de que geralmente se soccorrem os cantadores são as "obras de seis", "sete" ou "oito pés", o moirão, o martello, a obra de "novo poesias", a ligeira, o quadrão, o gabinete, o galope, a embolada, e o "dez pés em quadrão". A inspiração popular, crystalizada nesse comprimido poetico das quadras, representa um esforço de technica e uma concentração, difficeis de encontrar nos rudes engenhos do povo, especialmente do Nordeste, cuja assombrosa fertilidade geralmente se derrama em longas composições de estrophes longas. A quadra popular, — ou tem origem culta, ou provém de um engenho popular mais perfeito, ou então, o que é mais commum, é extrahida de poemas longos ou de desafios entre cantadores. Talvez por imitação dos portuguezes, consideramos geralmente a quadra, como sendo a fórma elementar da poesia popular. Sempre que se colhe, porém, essa poesia em sua fonte authentica, verifica-se que a quadra existe, naturalmente, mas apenas como "uma" das fórmas poeticas sertanejas. Leia a mais encantadora, pela sua saborosa concisão, mas não a mais authentica e expressiva. A espontaneidade é quasi sempre prolixa.

A relativa pobreza dos themas de amor é outra sorpresa para quem consulta esses cancioneiros authenticos do Nordeste. A predominancia da luta e da satira é patente. Dahi o caracter varonil dessa poesia. Descobrindo, com justeza, nas trovas brasileiras mais sensualismo e nas portuguezas mais sentimentalismo, escreve o sr. Afranio Peixoto no alludido prefacio: — "A razão me parece da origem mesma dessas trovas populares, explicada por uma condição demographica. Em Portugal, pequeno paiz, cujos homens erravam pelo mundo nas aventuras da guerra ou das empresas, sempre sobraram mulheres... No Brasil, não: aqui sobraram sempre homens... Por onde ha conta, sabe-se que são, em numeros, 57 homens para 43 mulheres". Faz aliás excepção para a região que aqui nos occupa: — "Só no nordeste, no Ceará e adjacencias, o exodo para o trabalho assassino da Amazonia faz mudança na proporção". Mas no proprio Ceará é que vamos encontrar mais latente a varonilidade dessa poesia, cuja differenciação se deve, sobretudo ao meio peculiar, em que ver-

Em chronica anterior já rebatêramos tambem outro preconceito, que apresenta a nossa poesia popular como triste. São tres, portanto, os que devem ser modificados, particularmente com referencia ao Nordeste: nem é o amor o thema principal dessa poesia, nem é a tristeza o seu caracter differencial, nem representa a "quadra" a mais pura das suas fórmas poeticas.

A terceira face pela qual encarou o sr. Gustavo Barroso a poesia popular do nordeste, — a face critica ou scientifica, — levou-o ás mesmas conclusões dos modernos folk-loristas, representados entre nós, pelos srs. João Ribeiro ou Alberto Faria, e apenas mais superficialmente que elles, chamando a attenção para a fundamental de todos os folk-lores. "Todos os folk-lores são semelhantes. As suas fórmas variam ao espirito de paiz a paiz. O seu fundo continua o mesmo desde a Arya longinqua até ás terras americanas. Raros os cantos, as lendas ou as fabulas que se não encontram em todos os povos, em variantes as mais diversas".

E' portanto, este livro do sr. Gustavo Barroso, obra particularmente valiosa de literatura popular, colligida e estudada no seu "habitat" mais opulento e expressivo, e encarada systematicamente em suas tres faces essenciaes — empirica, artistica e scientifica.

E' uma verdadeira anthologia de coisas do sertão, que vem augmentar consideravelmente os nossos materiaes de estudo e as nossas fontes de inspiração, apresentando nova classificação muito justa dessas creações populares do Nordeste e revelando que de facto, como diz o autor — "nelle ha muito da minha alma saudosa do nortista exilado".

Tristão de ATHAYDE.

"Fon-Fon" 12 Novembro 1921

Poetas O Brasil é o paiz dos poetas. Todo o mundo está cançado de ouvir repetir esta frase. E nós só a tornamos a dizer para frisar bem a existencia duma grande verdade.

Elles, os versejadores, pullulam por ahi em fóra, nos Estados, nos sertões mais longinquos e especialmente nas ruas do Rio de Janeiro. Querer contal-os seria loucura, seria querer contar as areias das praias ou da Sahara!

Em todos os jornaes e revistas enxertam sonetos, poemas, quadras, odes, balladas. Em todas as livrarias arranjam meios e modos de impingir livros. Uma praga!

Entretanto, desse alude de vates quasi nenhuns se salvam em qualquer cousa de original, de vibrante, de forte. Porque? Porque todos elles esquecem o que insinuava Racine:

— «Quand je fais des vers, je songe toujours a dire ce qui ne s'est point encore dit dans notre langue.»

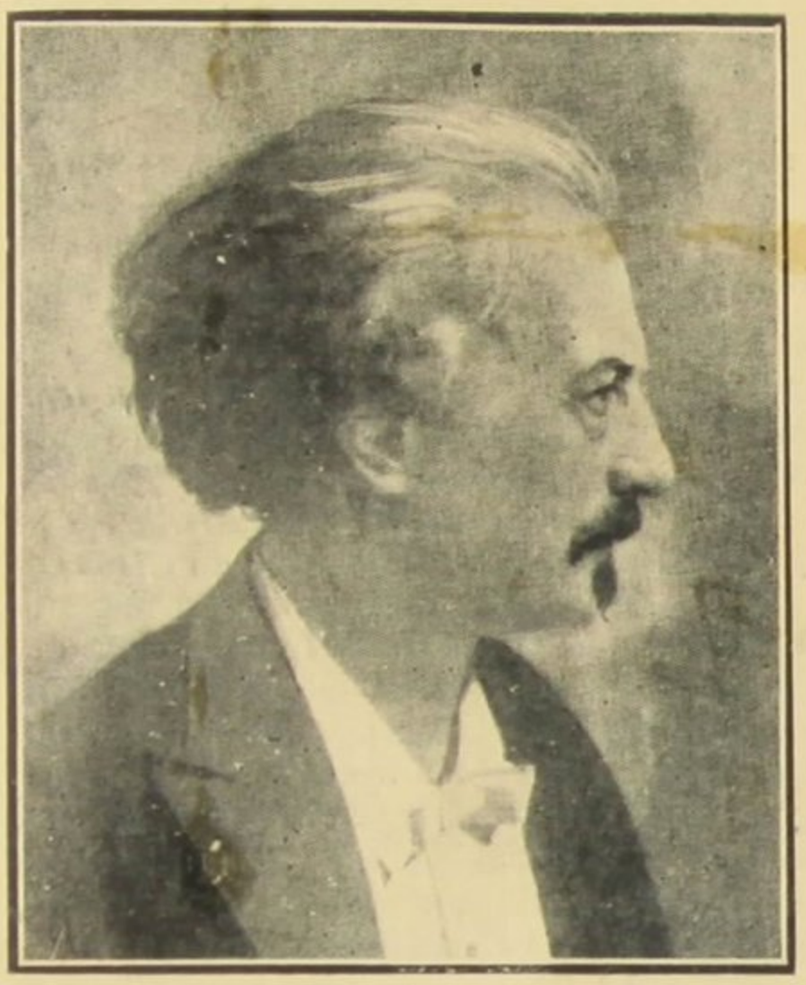
Elles esquecem isto e todos, quasi sem excepção, unicamente se limitam a uma mesma cousa:

— Repetir!

"Fon-Fon" — 12-11-921

RENASCIMENTO DA POLONIA

Depois de um seculo e meio de captiveiro e de tortura, a nação polona renasceu e recomeçou a vi-



Ignacio João Paderewski, o grande musicista nacional da Polonia e o seu primeiro chefe de Estado.

ver a sua vida politica independente. As palavras de descrença que Kosciusko pronunciou tombando em Maciejowice apagaram-se com o tempo e, morta a orgulhosa organisação do Imperio Teutonico, a Polonia resurgio viva e forte para o seu esplendido destino.

Dividida por tres potencias crueis, ella parecia sugada, absorvida pelos seus formidaveis usurpadores. E no mundo só aquelles que eram, por sympathia intellectual e moral, seus verdadeiros amigos tinham fé na sua ressurreição.

A vida particular e especial da nação polona, seus caracteristicos de vitalidade intellectual, social e politica, as riquezas naturaes do seu solo, sua força economica, tudo existia, pode se dizer de maneira latente, porque não figurava nos mappas, não constava das geographias. Falava-se de provincias polonas sob o dominio austro-russo-prussiano, englobadas, desapparecidas no corpo do reino dos Hoheuzollern, do imperio dos Czares ou da colxa de retalhos dos Habsburgo. E para a maioria das pessôas a Polonia passára até ao rol das lendas.

Entretanto, a nação vivia, tanto assim que bastou a derrocada do militarismo kaiseriano e o sôpro forte do vento libertador que a quéda dos Imperios Centraes deixou soprasse sobre a Europa, para que a Polonia resurgisse e se apresentasse ao mundo como um organismo politico novo e completo.

Desde os mais remotos tempos da sua origem que ella assumio o difficil papel de defender a Europa das invasões barbaras do oriente. Foi ella quem deteve, no passado, as incursões tartaras, quem impedio o avanço das grandes invasões mongolicas; foi ella quem, com Sobieski á frente, deteve as portas de Vienna o sinistro avanço dos conquistadores turcos. E foi ella, ultimamente, que á margem do Vistula deu a terceira batalha do Marne da historia dos homens. A primeira foi travada por Aecio e Theodorico contra Attila e livrou a humanidade do flagello hunico. A segunda foi commandada por Joffre contra os allemães e salvou o mundo da kultur. A terceira offereceram os polonos de Pilsudsky aos bolschevistas e, derrotando-os, libertaram o Occidente da horrivel ameaça moscovita.

Nação qne conseguio nas lettras, nas artes e nas scsencias um esplendido patrimonio, que se cobrio de gloria no passado e por todos os motivos é digna de viver livre da tyrannia estrangeira, se por outras razões não merecesse o apoio de toda a humanidade, merecel-o-ia tão sómente por ter sempre defendido o mundo da barbaria asiatica: hordas de mongóes, exercitos de turcos ou idéas bolschevistas.

Assim, no dia do anniversario do seu renascimento, ha jubilo em todas as almas e alegria em todos os corações. 19-11-921

Contos da historia do Brasil...

Este ultimo e precioso livro que Viriato Corrêa organisou para o uso das nossas escolas, principalmente, é uma leitura agradabilissima para a gente de qualquer idade, porque nelle passa um sópro patriotico e nacionalista apaixonado. Poder-se-ia este bello livro chamar-se «Patria Brasileira», porque seu autor usou o mesmo processo de Julio Dantas na «Patría Portugueza», tirando da historia nacional os motivos das suas admiraveis narrações.

Os contos de Viriato são, assim, uma como summula litteraria e florida da nossa historia. Nos seus periodos vibrantes passam as maiores figuras da nossa vida historica: os descobridores e os apostolos, os capitães móres e os heróes da guerra hollandeza, Borba Gato, os Inconfidentes e o Padre Mororó, os valentes do Riachuelo e os proclamadores da Republica.

AS BELLAS ARTES NA POLONIA

O presente artigo estuda o desenvolvimento das Bellas Artes na Polonia, nação heroica que acaba de reviver das suas proprias cinzas. Certamente, aos leitores de "Selecta" agradará saber quaes as causas do florescimento de Arte nesse paiz tão coberto de soffrimentos, cuja historia é uma das mais bellas do mundo e que hontem viu passar a data gloriosa do seu resurgimento para a vida soberana e internacional.

Os cento e cincoenta annos de escravidão, sob cujo peso vergava a nação polona, trouxeram-lhe desusado florescimento das bellas artes. Evidentemente, as forças vitaes da Polonia, não encontrando applicação normal na livre vida politica, levantaram este edificio de espirito — mais uma affirmação do imperecivel direito da Nação a ser livre.

De todas as bellas artes na Polonia a que mais se desenvolveu foi a pintura. Os polonos possuem gosto innato da côr—nenhum povo europeu tem trajes e ornatos populares tão coloridos como o polono. Na Polonia ha centenas de pintores; as exposições das mais importantes cidades: Varsovia, Cracovia, Posnania, Leopol, têm ficado repletas de quadros de alto valor artistico; nas exposições internacionaes de Paris, Veneza, Munich, nunca faltam numerosas obras de artistas polonos.

O mais celebre pintor polono da segunda metade do seculo passado foi incontestavelmente Jan Matejko. Suas telas, em que predominam assumptos historicos, têm alguma affinidade com as de mestres francezes e allemães da epocha de romantismo, porém são mais intensivas na expressão, mais vivas e mais violentas. Querendo melhor precisar a sua individualidade, comparando-o com algum dos poderosos da arte, deve se recorrer á comparação com Tintoretto.

Mais cahótico na composição, mais vivo no colorido assemelha-se Matejko ao seu antecessor italiano nos seus quadros cheios de tensão dramatica e de vida effervescente e bruta. E' incontestavelmente Matejko um dos melhores, um dos mais fortes mestres da pintura do seculo passado e seus quadros deviam ser encontrados em todas as galerias mundiaes de arte. Além d'isto, foi Matejko mestre na arte decorativa, ornando a antiga egreja da Virgem Santissima em Cracovia (Marjacki) com suas pinturas a fresco muito originaes e entretanto harmonizadas com a architectura gothica.

Embora tivesse muitos discipulos e imitadores, a escola historica representada por Matejko não teve mestres excelsos. Porém os dois melhores artistas decorativos da Polonia são descendentes directos na arte de Matejko. Um d'elles é Estanisláo Wyspianski, tambem poeta genial e reformador do theatro. Sobre este aspecto da sua individualidade artistica foi publicado um interessante livro de Gordon Craig, em inglez, um pintor poderoso, talvez o mais differente e original de todos os artistas.

Seus vitraes, pinturas a fresco, e quadros têm alguma, embora muito longinqua affinidade com a antiquissima pintura chineza e persa, ás vezes com os preraphaelistas italianos e com Gaugin; são porém echos distantissimos.

Possue Wyspianski um excepcional sentido do rythmo e da expressão das linhas, usa da côr sómente para obter a harmonia, marcando apenas as luzes e sombras. Parece o frequente sacrificio da luz e da sombra e da modelação feito em favor das côres, ser traço caracteristico de toda a pintura polona.

A sua arte, formada na arte occidental, tem como que uma predilecção innata para os principios da arte oriental. A muito interessante arte decorativa popular polona, pintura sobre vidro e toda a ornamentação mais, se approxima da arte persa. Quadros polonos de todas as tendencias podem sempre ser distinguidos pela propensão a côres lisas e pelo desenho distincto das manchas coloridas.

Todas estas particularidades possue Wyspianski em gráo supremo: é por esta razão que todos os artistas com tendencias para o estylo propriamente polono, encontram n'elle o seu ponto de apoio.

Outro notavel discipulo de Matejko, Mehoffer, compõe vitraes e decorações, esplendidamente trabalhadas e concebidas. São celebres seus vitraes na Cathedral de Friburgo, na Suissa. Numericamente, são mais importantes na Polonia os pintores de paysagens; é o atavismo do povo de agricultores que os impelle aos campos e bosques. Ha poucos annos falleceu o melhor dos paysagistas polonos, José Chelmonski. Esplendidas, cheias de vida, pintadas com precisão, são suas scenas popu-

"Selecta" - 12-11-921

lares, e optimos são os seus cavallos; porém era a paysagem o que mais o impressionava. As reproducções da natureza, pintou as já na idade madura. Elle sabia pelos mais simples meios suggerir a poesia das aldeias e campos da sua patria e é esta suggestão que faz a sua força.

Realistas fervorosos, os irmãos Gierymski deixaram obras cuidadosamente concebidas, detalhadamente desenhadas, cheias de ar e de sol.

Outro paysagista, Stanislawski, já fallecido, tambem se approxima dos impressionistas francezes; differe delles, entretanto, pela sua tendencia caracteristica dos polonos, para a synthetica mancha colorida. Toda a mais velha geração dos paysagistas polonos encontra a sua expressão maxima nos nomes citados. Agrupando-se junto á associação *A Arte*, que com successo apresentava obras dos seus socios nas exposições internacionaes —ultimamente em Veneza— ha muitas vezes artistas de grande talento e ousados nas suas concepções. São do seu numero o aquarelista Falat e artistas directamente ligados ao impressionismo e postimpressionismo: por exemplo. Pankiewicz, Weiss, pintores elegantes, de muita arte, bons coloristas.

Entre os retratistas, merecem especial menção, Estanisláo Lentz, que aliás se modelava por Hals, o esplendido *virtuose* do retrato, Conrado Krzyzanowski. Originaes e bellas são tambem algumas télas de Malczewski, que realiza as suas symbolicas composições por meio do desenho academico e do colorido impressionista.

Talvez os melhores batalhistas da Europa sejam Julio e Wojcieck Kossack; seus quadros são cheios da vida e de movimento; seus cavallos são inexcediveis.

Os pintores polonos da novissima geração, estão se agrupando em torno da sociedade dos *Formistas*. Entre elles ha duas tendencias distinctas: uma é a do cubismo e impressionismo, proveniente do Occidente; outra — o mais fundo instincto nacional, que procura encarnar-se na arte puramente polona—correspondente aos verdadeiros gostos e intuitos do paiz e baseada nas creações populares.

Dentre os gravadores polonos, muito menos numerosos do que os pintores, distinguem se alguns artistas excellentes: Wyczolkowski, que é tambem aquarelista e pastelista esplendido, trabalha em lytographias de um desenho impeccavel que só póde ser comparado aos melhores desenhos japonezes; Ikocrylas, tomando seus motivos na arte popular das montanhas dos Carpathos, produz *xylographias* simples e patheticas; Pankiewicz, finalmente, exquisitas aguafortes, lembrando as de Whistler.

A esculptura polona desenvolvia-se em condições difficillimas; faltavam naturalmente encommendas officiaes, além d'isto, os governos oppressores difficultavam a erecção de monumentos por iniciativa privada, razão porque são pouquissimos os monumentos nas cidades da Polonia. D'entre os esculptores merecem menção especial Eduardo Wittig, que compõe esculpturas syntheticas de muita harmonia; Dunikowski, creador nervoso de bustos vivos e expressivos, e Lancrka. A' geração mais velha pertence Pio Welonski, um tanto academico nas suas maneiras.

O septennio de guerra enfraqueceu um tanto a actividade artistica na Polonia; muitos artistas tiveram que servir nos exercitos; alguns d'elles pereceram. Entretanto já estão se concentrando esforços solidos para a creação do estylo proprio e da arte nacional.

As evidencias

Nada mais commum do que ouvir os eternos conversadores de rua e de bondes, no ardor das discussões tôlas, exclamar:

— Ah! mas isto é evidente.

— Ah! mas contra a evidencia não ha argumentos!

E' bôa essa historia de evidencia, porém tão sómente para os papalvos, porque os imbecis ficam boquiabertos deante dessa palavra

— A evidencia!

E ninguem tuge nem muge. Tudo se curva á evidencia.

Entretanto, a tal evidencia ou as taes evidencias são as cousas mais prejudiciaes da vida. Ellas nada de bom produzem e encerram os espiritos como dentro de dogmas.

Eu, por principio, não creio em evidencia de especie alguma e *cordealmente* detesto as evidencias de todas as especies... Pudera não! Felizmente para mim, penso como o grande espirito de Rémy de Gourmont:

«Toute vieille évidence est destinée à s'effacer devant une évidence nouvelle».

Assim, espero sempre e sempre as evidencias recemnascidas que hão de substituir as evidencias mortas...

O duque da Limonada...

Uma gloriosa manhã de sol. Minhas mãos seguravam pregnicentamente no volante da «barata», que lentamente deslisava sobre o asphalto da nobre rua de São Clemente.

Em sentido contrario passou, repotreado no fundo acolchoado da sua admiravel limosina Roll-Royce, um dos magnos titulares desta Republica de titulos papalinos.

— Quem é? perguntou displicentemente Claudio França, endireitando o corpo no banquinho incommodo ao lado da direcção.

— Soltei lhe o nome sonoro dum barão que ostenta brazões.

Claudio deu uma gargalhada clara e natural como um alto chilrear de passaros. Depois, com a mais profunda maldade accrescentou, como se recordasse assumpto differente:

— Houve no Haiti um imperador, Faustino Soulouque, negro imbecil e presumpçoso, que creou uma nobreza para rodeal o no seu throno de papelão dourado. Um dos mais prestigiosos membros della era o Duque da Limonada...

"Selecta" — 19 - Novembro - 1921

60

A NOVA GIGANTOMACHIA

A luta travada nos dias que correm, nas planicies da Asia Menor, onde outr'ora os exercitos bysantinos resistiram ás consecutivas invasões dos barbaros orientaes, até que lhes cederam o terreno, quando de todo exhaustos, é uma epopéa formidavel. Um combate de gigantes, como nos tempos heroicos dos titans, dos centauros, das amazonas, da Illiada ou dos doze trabalhos de Alcides! Gregos e turcos, os descendentes dos guerreiros de Themistocles e de Xenophonte, dos buccellarios de Tzimiscés e de Constantino V, e os filhos espurios das hordas traidoras e infieis que destruiram o Imperio Bysantino, batem-se dia e noite, uns em defeza do ideal sagrado do Hellenismo renascente, outros para salvar algumas provincias que ainda lhes restam das terras valiosas que pela ferocidade conquistaram e que conservaram pela tyrannia e pela crueldade.

Esplendidamente victoriosos em Eskissehir, em Brussa e em Afium-Karahissar, os gregos do Rei Constantino avançaram contra os nacionalistas turcos, velozmente, até além do rio Sakaria, o Sangarios dos antigos, onde se travou uma das pugnas mais terriveis da historia. A batalha do Sangarios foi, em verdade, uma gigantomachia. Ella durou mais ou menos 21 dias! E o exercito do Basileus da Grecia moderna n'ella praticou os mais altos feitos de heroicidade.

Após essa batalha, que começou nos ultimos dias de Agosto e se prolongou até á primeira quinzena de Setembro, o general Papoulas, commandante do exercito grego, ordenou, em vista de se acharem as suas tropas muito afastadas das bases de operações um recúo em ordem de toda a linha até ás posições admiraveis e basicas de Afium-Karahissar e Eskissehir. O movimento foi feito de accôrdo com todas as regras da estrategia e as forças, que tinham diante de si um deserto salino, antes de attingir Angora, capital dos Kemalistas de Mustapha Kemal, e nada lhes adiantaria um novo avanço, estabeleceram-se nas suas linhas anteriores, após terem inflingido aos turcos sérios revezes e as mais sérias perdas.

Mas, a turcalhada não se conteve deante d'essa volta ás bases de operações e logo espalhou aos quatro ventos que derrotára as forças hellenicas. Uma proclamação singela e verdadeira do Rei Constantino ao seu exercito e á sua nação restabeleceu. porém, a verdade em toda a sua plenitude, affirmando que, depois de ter batido os Kemalistas, o alto commando grego reflectidamente achára dever interromper as operações contra Angora e fazer voltar as divisões victoriosas á sua primitiva base de operações, da qual se tinham afastado mais do que deviam no ardor dos primeiros triumphos alcançados.

Os criticos e correspondentes de jornaes francezes, verdadeiramente insuspeitos, porque a França favorece mais os nacionalistas ottomanos do que os hellenos, especialmente o correspondente da *Illustration*, estão de accôrdo com o que proclamou o Soberano grego, e negam aos Turcos os successos que elles espalharam ter alcançado.

A campanha da Asia Menor na região árida e ardente do rio Sangarios, tem custado aos hellenos sacrificios penosos. As communicações são em extremo difficeis n'essa zona que nada vale e de importancia secundaria para as operações militares De maneira que, quanto mais os gregos se afastavam das suas bases, mais problematicas se tornavam as condições de abastecimento de viveres e de supprimento de munições. Basta pensar que. nas áridas planicies cortadas de pêcos fios de agua perdidos em fossos profundos onde os hellenos combatiam. elles estavam a 600 kilometros das suas bases de operações e eram obrigados a transportar por via ferrea do littoral, de Smyrna, até os pontões para atravessar os rios. Ademais, a extensão de sua frente de batalha obrigava-os a uma grande divisão de forças e o grande movimento envolvente que executavam punha em perigo as communicações de sua ala direita.

Assim, o exercito hellenico recuou até ás suas posições seguras da linha de Eskissehir e os turcos derrotados no Sangarios, não se atreveram mais a se approximar d'ellas.

A situação militar é inteiramente favoravel ás tropas do Rei Constantino e, se as potencias não crearem difficuldades á acção sagrada do Hellenismo, os ottomanos invasores, hordas tartaras, diante das quaes durante seculos a Europa tremeu até os dias de gloria de Sobieski em Vienna e de D. João d'Austria em Lepanto, serão repellidos para as esteppas de onde sómente sahiram para desolação do mundo civilizado. Não ha um coração bem formado, christão ou simplesmente cheio de amôr á civilização mediterraneana que, n'essa nova Gigantomachia, não faça os mais sinceros votos pela victoria do Hellenismo, do qual sahiu toda a belleza e toda a grandeza da nossa cultura, contra os turcos selvagens que nunca deram ao patrimonio mundial da humanidade, um grande espirito, um grande coração, um grande livro ou uma grande obra de arte.

J. N.

"Fon-Fon" - 19-11-921

Contra os credores.

Tendo lido nos jornaes a noticia da fallencia duma importantissima firma commercial de nossa praça, commentei o facto. Alguem já me falára dessa quebra commercial, assegurando me que a casa em questão era insolvavel para com os seus credores, porque, fornecedora do governo, não recebia deste nem um ceitil dos milhares de contos que lhe devia o Thesouro. E a proposito disso falei contra a administração publica de modo terrivel.

Foi quando Claudio França me disse:

— Se eu fôsse jornalista como você, aconselharia ao governo da Republica contra os seus credores o remedio de Miguel o Bravo, principe da Valachia no seculo dezeseis. Esse despota balkanico convocou no dia 13 de Novembro de 1594 ao paço do Thesouro todos os credores do Estado. Pilhando-os lá dentro, mandou fechar as portas e tocar fogo no edificio. Nem um dos *cadaveres* escapou: todos fôram reduzidos a cadaveres de verdade. Bem podia o Presidente do Brasil fazer o mesmo...

"*Ao Som da Viola*", por Gustavo Barroso.

E' um longo trabalho (728 paginas) acerca do *folk-lore* sertanejo, especialmente o que concerne ás populações do nordeste do paiz, tanto no ramo repentista como no tradicional.

Gustavo Barroso é dos tres ou quatro unicos autores que têm ventilado com criterio e competencia as questões relativas ao nosso *folk-lore*.

Ainda agora, este volume tem, pelo menos, o merito da originalidade, porque, deixando a rota seguida por Sylvio Roméro, que faz derivar toda a nossa producção folk-lorista das tres raças basicas da nacionalidade brasileira, segue o Autor rumo diverso e, não podendo distinguir nitidamente as origens portuguezas, africanas e indigenas, prefere adoptar uma nova divisão: a dos *cyclos thematicos*, adoptada já pelos escriptores europeus e da America do Norte. Com os subsidios ministrados por Sylvio, Mello Móraes, Rodrigues de Carvalho, Pereira da Costa e raros outros, conseguiu Gustavo Barroso organizar alguns cyclos racionaes e verdadeiros: o dos *Bandeirantes*, *o do Natal*, os dos *Vaqueiros*, o dos *Cangaceiros* e o dos *Cabôclos*, alem de um *romance da Raposa*.

O volume contem ainda: *poesia, mnemonicas, Pelos Signaes, Orações, desafios, historias de gente e de animaes, fabulas, lendas, superstições*, etc.

Pode não haver, ás vezes, grande fidelidade na transcripção de alguns desses productos caracteristicos da alma popular sertaneja; ha, porem, no volume agora dado á publicidade, larga copia de exemplares colligidos nas proprias fontes. *Ao Som da Viola* é, pois, farto manancial para o estudo de assumptos relativos ao *folk-lore* nacional, e recommenda, como outras muitas producções do Autor, não só a bella intelligencia e a vasta cultura como a grande capacidade de trabalho de Gustavo Barroso. O livro foi editado pela conhecida e acreditada casa de Leite Ribeiro & C.

"Jornal do Brasil" 22-11-921

("Revista Litteraria" do Orgão Duque Estrada)

JOÃO DO NORTE, Casa de Marimbondo, contos, edição de Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1921.

João do Norte é um dos nossos mais fecundos escriptores e um dos mais brilhantes. Moço ainda, pois, parece, pouco mais tem que trinta annos, já publicou quasi uma trintena de volumes sobre os mais varios assumptos. "Casa de Marimbondo" é uma collecção de contos regionaes cuja acção se passa no Ceará. Todos elles são interessantissimos, prendendo de prompto a attenção dos leitores e entretendo-a atravez da narração.

A edição dos srs. Monteiro Lobato & Comp. é, como todas, muito cuidada, recommendando-se pela excellencia do papel, pela nitidez da impressão, pela elegancia do volume e, o que mais é, pela commodidade do preço.

"Revista Feminina" - S. Paulo - Nov. - 1921

VARIAS

O Dr. Gustavo Barroso (João do Norte), nosso collega de imprensa, acaba de ser agraciado pelo Governo francez com a cruz da Legião de Honra. A proposta desta distincção, recebeu do Embaixador da França no Brasil o seguinte telegramma: "Je suis heureux vous annoncer votre nomination au grade de Chevalier de la Legion d'Honneur. Alexander Conty."

"Jornal do Commercio" 7-12-921

"O Jornal" 24 Novembro 1924

Os Hunos Nephtalitas

Noticias de procedencia suspeita publicadas ha muitos dias pelos jornaes contaram que um "destroyer" grego bombardeára algumas aldeias turcas das costas do Mar Negro, na provincia de Ponto, e que o Exercito hellenico incendiara uma meia duzia de povoados semelhantes.

Quem lér isso e não estiver inteiramente ao par das complexas questões orientaes, não conhecer qual a acção do hellenismo desde a quéda de Bysancio até hoje, acção que nunca perdeu os seus caracteristicos de elemento de progresso e de civilisação, certamente cuidará que as forças hellenicas põem em pratica, embóra como represalia, o que não é verdade os **processos turcos**.

Os **processos turcos**, digo bem, porque desde que os Seldjukidas fizeram sua irrupção nos Themas bysantinos da Asia Menor, até á chegada e dominio dos ottomanos, todos os processos de barbaria foram postos em pratica contra os habitantes christãos e gregos, tanto durante a guerra como durante a paz. As violações de todas as leis da guerra e da humanidade sempre foram apanagio dos guerreiros turcos, muito embóra o neguem quantos Pierre Lotis appareçam no mundo. A historia ahi está para documental-os através os seculos, seguindo o rasto de sangue deixado por esses conquistadores ferozes, das estirpes de Tartaria aos muros de Vienna, de Toghrul-beg a Mustaphá Kemal. E, infelizmente, nem todos aquelles que ouvem falar ou tem descripções dos recentes morticinios de christãos pelos turcos na Armenia e na Anatolia sabem que desde o decimo primeiro seculo, ha dez centenarios, portanto, elles são continuamente praticados!

Para se verificar como já é antiga, á face das provincias gregas e nações christãs da Asia, a desolação trazida pelo turco, basta uma rapida leitura das melhores paginas dos antigos chronistas da Armenia e do Imperio Bysantino, referentes ás horrendas invasões seldjukidas, no começo do decimo primeiro seculo da nossa era. Nunca se commetteram, mesmo entre os povos selvagens, maiores horrores. O turco mostrou-se digno irmão do huno, que Amimiano Marcellino e o velho Jornandés nos pintaram com côres negras.

Ás vezes até os excedem! As chronicas a respeito de Arisdagués de Ladverd, historiador georgiano, de Matheus de Edessa, chronista armenio, de Skylitzés, narrador bysantino, enchem o espirito do leitor de profunda piedade e de immensa desolação.

Quando, ao amanhecer do seculo onze, os exercitos de Constantino Monomaco lutavam contra a potencia secular da grande Armenia real, cujos reis da estirpe dos Pagratidas desafiavam do esplendor de Ani, sua capital, as coleras do Imperio Romano do Oriente, Toghrul-beg, sultão dos turcos seldjukidas, que conquistára a Persia e lançava olhares de ambição para Bagdad e o valle rico da Mesopotamia, mandou invadir as fronteiras de Rum, no Vaspuraçan, pelas hordas de Ibrahim e de Kethelmusch. Os invasores devastaram tudo, chacinando as populações indefesas. Não eram numerosas as forças bysantinas da região. Entretanto, o "catepano" Stephanos Likhudés offereceu batalha aos inimigos, perto de Ardjisch. Foi vencido e feito prisioneiro. Levaram-no os Seldjukidas para Her, sua capital, onde lentamente o esfolaram vivo. Depois, encheram a sua pelle com palha e penduraram na muralha da cidade esse horrivel manequim!

Dahi por deante, nunca mais tiveram descanso as terras e as populações da Armenia, a "Nação Oriental" dos chronistas, e das provincias limitrophes do Imperio Bysantino. Cada invasão Seldjukida era acompanhada de horrendas scenas de selvageria, de crueldades que se não pódem repetir. Tudo o que se puder imaginar de cruel e de espantoso praticaram os cavalleiros turcos, que, com grande propriedade de expressão, as antigas chronicas appellidam "Hunos Nephtalitas". São elles que violam as virgens e estupram as mulheres, que queimam as colheitas e saqueiam povoações e capitaes, que matam os velhos, as crianças, os homens validos e os prisioneiros de guerra,

que deportam populações inteiras sob o chicóte para regiões inhospitas, que encurralam os habitantes das cidades abertas dentro das suas casas e, depois, tocam fogo no casario, gargalhando em redor da immensa fogueira onde milhares de pessôas morrem assadas, como o fizeram em Arzeń, a Erzerum, de nossos dias!!!

Julgarão muitos que os turcos sómente agiram assim ha dez seculos. Não é verdade. Nunca agiram de outra maneira. E nos dias que correm, sob o olhar indifferente das potencias, continuam a praticar, com Mustaphá Kemal á testa, o que fizeram outr'ora, debaixo da chefia de Toghrul-beg, de Othman, de Mahomet, de Bajazet e de Annorat. Se ha differenças no modo de proceder, ellas são para peor!

Vejamos como. Em primeiro logar, um communicado insuspeito da Agencia do Oriente, orgão quasi official do governo Kemalista de Angora, diz isto, datado de Constantinopla: "Póde-se proclamar que o governo de Mustaphá Kemal, sob a égide das potencias christãs, mata os seus prisioneiros de guerra e attenta contra todas as leis humanas deante da Europa civilisada." O "Atlantis", importante jornal da colonia hellenica de Nova York, accrescenta, após essa nota, uma pagina do seu correspondente em Constantinopla, em pormenores verdadeiramente pavorosos a proposito das crueldades turcas, dando provas insophismaveis de sua veracidade. Os modernos Seldjukidas despem as mulheres e as creanças de raça hellenica nas aldeias e cidades que occupam, mutilando-as horrivelmente; torturam de maneira que se não póde quasi contar as mulheres gravidas, ao som de sonoras gargalhadas da bruta soldadesca; crucificam os "popes" orthodoxos no narthex das basilicas; transformam os altares em sentinas, o que é habito antigo desses figadaes inimigos da religião christã.

Os documentos officiaes publicados pela imprensa grega revelam ao mundo crueldades fantasticas, delirantes. O sangue impera. As casas das povoações occupadas são invadidas e seus objectos roubados. Em toda a zona occupada pelo exercito kemallsta, o sortimento dos armazens e vendas de individuos de raça grega é vendido em hasta publica e o producto logo recolhido á caixa das tropas. Os relatorios officiaes mencionam nome por nome das victimas desse roubo officialmente organisado. De setecentas e vinte aldeias greco-asiaticas, quatrocentas foram totalmente destruidas pelos turcos e as restantes ficaram terrivelmente damnificadas. Os habitantes de Kadikioy e de Eleskioy foram obrigados a abandonar os seus lares e a dirigirem-se para Amyssos.

A meio caminho, os ottomanos violentaram-lhes as filhas e esposas, degolando-os todos, depois. Mil e quinhentas pessoas perderam a vida nessa occasião!

Em Amyssos, era prohibido sair á rua. Quem sahia era fuzilado pela tropa. Nessa localidade, a população é mixta: ha turcos e gregos. O governo de Angora ordenou que estes ultimos evacuassem a localidade; porém a propria população turca intercedeu em seu favor, porque, quando os russos ali tinham chegado, por occasião da grande guerra, elles haviam protegido os ottomanos do furor dos cossacos, e porque eram gente tranquilla, bôa e trabalhadora, que não merecia perseguições.

Os turcos encheram Amyssos de bandidos, que ahi praticaram toda a especie de arbitrariedades, e, depois, mandaram que as populações das aldeias gregas da redondeza, refugiados nessa cidade, recolhessem ás suas casas. Todos os hellenos partiram e foram chacinados pelas estradas, por grupos de soldados e assassinos apostados nos logares propicios. Salvaram-se alguns que já haviam estado refugiados na Russia, ao tempo das matanças do começo da grande guerra, porque o consul bolchevista de Amyssos os reclamou como cidadãos moscovitas.

Em Inembolis, na costa, que a esquadra grega bombardeou, os turcos, temendo que a população local se unisse á maruja hellenica, se esta desembarcasse, determinaram que todos os gregos deveriam partir para Amassia, no interior, e

prepararam a sua matança a meio caminho. Sabendo a sorte que a esperava, a população entregou-se ao maior desespero possivel. Houve paes de familia que mataram os seus filhos e suicidaram-se em seguida, afim de evitar as torturas das chacinas turcas, nas quaes os entes queridos são suppliciados deante dos olhos das victimas amar-

radas duas a duas para serem degoladas!

Agóra mesmo, uma commissão internacional vae proceder a sérias investigações desses horrores na zona do Pontos.

O fim dessas barbaridades kemalistas é o mesmo das crueldades ottomanas ou das ferocidades seldjukidas: exterminar os christãos, para evitar concorrencias de toda a sórte aos turcos, que, assim, serão senhores incontestes no interior da Asia Menor; exterminar os gregos para extirpar o hellenismo, o maior inimigo da barbaria oriental.

Contra esse hellenismo não prevalecerão as selvagerias turcas. Oito seculos os mouros dominaram a Hespanha, com um dominio mais adeantado, melhor, e foram por fim totalmente expulsos. Os turcos occupam as terras verdadeiramente helladicas ha menos de cinco seculos. O dia da sua espulsão chegará. Do dominio arabe na Iberia ficaram altos monumentos da arte e da cultura; do dominio ottomano ficará a memoria das mais espantosas crueldades da Historia.

Foi essa ferocidade de animo o eterno apanagio dos "Hunos Nephtalitas", do Toghrul-beg e dos hunos nephtalitas de Mustaphá Kemal. A alma da raça continua a mesma.

João DO NORTE.

"Jornal do Commercio" (Varias) 25-11-921

O Dr. Gustavo Barroso (João do Norte), nosso confrade de imprensa, recebeu do Exmo. Sr. Stamati Ghiouzés Pézas, Ministro da Grecia no Brasil, o seguinte officio:

"Monsieur. J'ai l'honneur de vous transmettre ci-joint le diplôme et les insignes de Commandeur de l'Ordre Royal du Sauveur que Sa Majesté le Roi, mon Auguste Souverain, a daigné vous conférer en reconnaissance de vos sentiments philheleniques, que vous avez montré à plusieurs reprises. En vous félicitant chaleureusement de cette marque de distinction honorifique, je vous prie d'agréer avec mes remerciements l'assurance de ma haute considération. — Le Ministre de Grèce: *S. G. Pezas.*"

Acompanhavam esse diploma a cruz e a "cravate" de Commendador da Ordem Real do Salvador e um diploma, com a assignatura autographa do Rei dos Hellenos, concebido nestes termos:

"Constantino. Rei dos Hellenos. Outorgamos ao Sr. Gustavo Barroso, ex-Secretario de Estado, ex-Deputado, a cruz de Commendador da nossa Ordem Real do Salvador. Nós lhe damos, como prova, este diploma assignado por nós e pelo nosso Ministro de Relações Exteriores. Em Kordelio, segunda-feira, 2 de Julho de 1921. — *Constantino R.* — O Ministro de Relações Exteriores, *G. Baltazis.*"

Em Korfelio, de onde está datado o diploma que publicamos, se achava, no mez de Julho deste anno, o Quartel General de Sua Magestade, o Rei Constantino da Grecia, nas linhas de batalha contra os Turcos, na Asia Menor.

UMA HOMENAGEM GREGA

Nosso companheiro Gustavo Barroso (João do Norte) acaba de receber de S. M. Constantino I, rei dos Hellenos, uma significativa distincção honorifica em recompensa de seus trabalhos jornalisticos e litterarios em favor do Hellenismo. O soberano grego enviou-lhe de Kordelio, na linha de batalha hellenica da Asia Menor, a cruz de Commendador da Ordem Real do Salvador. Communicando lhe o facto e enviando-lhe as insignias, o Sr. Stamati G. Pezas, Ministro Plenipotenciario da Grecia no Brasil dirigiu-lhe o seguinte officio:

«Monsieur. J'ai l'honneur de vous transmettre ci-joint le diplôme et les insignes de Commandeur de l'Ordre Royal du Sauveur que Sa Majesté le Roi, mon Auguste Souverain, a daigné vous conférer en reconnaissance de vos sentiments philhelleniques, que vous avez montrés á plusieurs reprises. En vous felicitant chaleurensement de cette marque de distinction honorifique je vous prie de vouloir bien agréer avec mes remerciements l'assurance de ma haute considération.»

Completando esta noticia, temos o prazer de publicar a reproducção do Decreto Real, com a assignatura autographa do Rei, que agraciou o nosso companheiro e cuja traducção é a seguinte:

«Constantino, Rei dos Hellenos. Outorgamos ao Sr. Gustavo Barroso, ex-Secretario de Estado e ex Deputado, a cruz de Commendador da Nossa Ordem do Salvador. Nós lhe damos como prova este diploma assignado por Nós e tambem pelo Nosso Ministro das Relações Exteriores. Em Kordelio, segunda-feira, 2 de Julho de 1921. *Constantino R.* O Ministro das Relações Exteriores: *G. Baltazis.*»

Ao lado, o *fac-simile* do decreto real:

ΚΩΝΣΤΑΝΤΙΝΟΣ

ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΤΩΝ ΕΛΛΗΝΩΝ

ΑΠΟΝΕΜΟΜΕΝ ΤΩι κ Gustavo Barroso
ΑΡΧΟΝΤΙ ΥΠΟΥΡΓΩ ΤΩΝ ΒΟΡΑΖΗΛΙΑΣ
ΤΟΥ ΣΤΑΥΡΟΥ ΤΩΝ ΒΑΣΙΛΕΩΝ
ΤΟΥ ΗΜΕΤΕΡΟΥ ΤΑΓΜΑΤΟΣ
ΤΟΥ ΣΩΤΗΡΟΣ ΚΑΙ ΠΑΡΕΧΟΜΕΝ ΑΥΤΩι ΕΙΣ ΠΙΣΤΩΣΙΝ
ΤΟ ΔΙΠΛΩΜΑ ΤΟΥΤΟ ΥΠΟΓΕΓΡΑΜΜΕΝΟΝ ΠΑΡ ΗΜΩΝ
ΚΑΙ ΠΡΟΣΥΠΟΓΕΓΡΑΜΜΕΝΟΝ ΠΑΡΑ ΤΟΥ ΗΜΕΤΕΡΟΥ ΕΠΙ
ΤΩΝ ΕΞΩΤΕΡΙΚΩΝ ΥΠΟΥΡΓΟΥ
ΕΝ ~~ΑΘΗΝΑΙΣ~~ ΤΗι Κοσμήτω Δευτέρα ΤΟΥ ΜΗΝΟΣ
Ιουλίου ΤΟΥ ΧΙΛΙΟΣΤΟΥ ΕΝΑΚΟΣΙΟΣΤΟΥ εἰκοστοῦ
πρώτου ΣΩΤΗΡΙΟΥ ΕΤΟΥΣ

Ο ΥΠΟΥΡΓΟΣ
ΤΩΝ ΕΞΩΤΕΡΙΚΩΝ

"Fon-Fon". - 26-Nov°-1921

"Correio Paulistano" 25 Novembro 1924

O SERTÃO E A SERVIA

Quando se estuda o folk-lore de varios paizes ou regiões do mundo chega-se á conclusão de que entre todos ha analogias mais ou menos profundas. Onde a razão dessas interessantes semelhanças? Duas escolas procuram explical-as hoje em dia e uma terceira desappareceu batida por ellas. Esta queria que tudo viesse de mythos religiosos e as que a venceram affirmam que as manifestações folk-loristas sáem de um tronco commum, de onde se irradiaram para todos os povos, assumindo um criterio historico, ou que ellas são produzidas com maior ou menor identidade de forma sempre que occorrem circumstancias da mesma ordem, adoptando o ponto de vista anthropologico. Dessas duas ultimas escolas modernas de folk-lore a ultima tem mais adeptos do que a primeira. E eu, na minha modesta opinião de simples leitor desses assumptos, estou que a explicação das analogias póde ser dada pelas tres escolas, pois num caso a lenda ou canção poderá provir de um mytho antigo; noutro, de uma fonte historica commum; noutro, da existencia de circumstancias identicas em mais de um paiz. Entretanto, acho muitas vezes preferivel, quando encontro parentescos entre o folk-lore do sertão de nordeste, que particularmente me preoccupa, e os de povos afastados, bizarros e sem nenhuma ligação com os habitantes do sertão, registar essas similitudes sem muito me aprofundar na indagação das suas fontes. Em primeiro logar, falta-me de todo a necessaria competencia para arrancar essas profundas e complicadas raizes.

Ainda agora acabo de encontrar nas planicies da Servia, que os austro-germano-bulgaros devastaram cruelmente durante a guerra, um uso absolutamente identico ao que se pratica no sertão cearense nas alegres e festivas noites de São João Nessa festa do fogo, das fogueiras, commemoração pagã do solsticio do verão, habilmente aproveitada pela Egreja catholica, o sertanejo sapateia nos sambas, solta foguetes, bombas e rojões, bebe o aluá e a aguardente com mel, mexida com uma vela de carnaúba, a "meladinha" terrivel e arranja os compadres ou comadres de São João.

No terreiro de cada casa brilha uma grande fogueira. Em torno della passeiam tres vezes, um para um lado, outro para outro, dando-se as mãos quando se encontram, os dois compadres, as duas comadres ou o compadre e a comadre de São João. As duas pessoas que fazem isso, são dahi por deante consideradas ligadas por um forte laço de auxilio mutuo e de amizade sagrada. Ha um accôrdo tacito entre ambos. Nenhuma regra fixa o estatúe. Mas os costumes locaes inhibem um de fazer mal ao outro, obrigando-os a se auxiliarem e a se estimarem.

Geralmente, quando os individuos mutuamente se convidam á cerimonia do compadresco da fogueira, já entre elles existia antiga e forte amizade que o ritual singello veiu sómente consagrar deante de testemunhas. Assim, é raro que os compadres de S. João quebrem esses vinculos tornando-se inimigos. Dahi o respeito do sertanejo por essa velha e curiosa instituição popular.

Ella nos foi trazida pelo colonizador luso, que certamente a recebera doutras gentes, e ainda hoje perdura na vida campezina de varios paizes europeus, especialmente dos orientaes. Lendo o livro de Philéas Lebesgue, "Chants feminins serbes", encontro no ca-

pitulo **Chants mythologiques** o poemeto "La mort d'Omer et de Merima". São dois jovens apaixonados cujo casamento os interesses de familia impedem. Omer é forçado a unir-se a uma moça rica e morre daquillo que o sertanejo chama "paixão arrecolhida". Merima, tendo o presentimento de sua morte, corre como louca pelas ruas da aldeia onde mora. Encontra dois aldeões que lhe dão a noticia do trespasse do bem-amado. São dois **pobratimes** a quem ella supplica que lhe tragam o corpo de Omer desta sorte:

"Fréres en Dieu, ô pobratimes,
Deposez-le par devant ma maison..."

Deixemos agora o camponez morto, fechemos os ouvidos aos gritos de desespero da camponeza e procuremos saber o que são esses **pobratimes**, "irmãos por parte de Deus" São simples e unicamente pessoas ligadas por um vinculo de amizade e de parentesco espiritual adquirido solennemente em certas occasiões; são sem mais nem menos nem pôr os nossos compadres de S. João.

Na ultima nota dos seus interessantissimos commentarios aos contos mythologicos do folk-lore servio, que traduz com a maior fidelidade no seu livro, segundo o affirma o sr. Miodrag Ibrovac, professor servio, no seu prefacio o autor diz o seguinte a respeito dos **pobratimes**:

"Tomamos emprestada ao sr. Dozon a definição do que seja pobratime. E' o mesmo que o vlam dos abanezes e o adelphopoitos dos gregos. A palavra **pobratimo** deriva-se de **brat**, irmão. Ella exprime a existencia dum laço de amizade entre pessoas dum mesmo sexo ou de sexo differente, com um certo caracter sagrado e religioso, porque impede entre ellas o casamento. Outróra, muitas vezes o sacerdote abençoava a creação desse vinculo. Mas geralmente elle era contrahido por um pedido de soccorro num momento de grave perigo ou de doença, mesmo por meio dum sonho. A formula ordinariamente empregada, mesmo pelos turcos ou pelos vilas, é esta: **Bogom braté (ou sestro) i svetim Yovanon** (Meu irmão ou minha irmã em Deus e em S. João)."

A analogia é perfeita. Não póde haver duvida de que os **pobratimes** da Servia são os mesmos compadres de S. João sertanejos, um tanto mais complicados em materia de acquisição do vinculo de amizade e da sua manutenção.

E' que no heroico paiz slavo a religião orthodoxa deve ter mantido mais fortemente as cerimonias e obrigações antigas que acompanhavam o compadresco, emquanto que, no nosso interior, o tempo e a anarchia geral dessa sociedade sem controle administrativo ou religioso, onde o banditismo e o fanatismo se dão as mãos, pouco e pouco foram diluindo a severidade da ligação antiga, que hoje vemos reduzida a esse laço simples, creado por um passeio tres vezes repetido em redor da fogueira.

Ademais, dum modo geral, embora crangida por causas diversas, a alma do camponez servio se retrahiu dentro do seu folk-lore como a do sertanejo nordestino. Lá foi a oppressão turca que agiu com a sua crueldade horrorosa. Aqui foram a miseria das seccas e o abandono completo a que os estadistas da monarchia e da Republica votaram o nosso infeliz e immenso **interland**. Mas, tanto lá como cá, o folk-lore commum, impessoal, o acervo de poemas de amor ou de lucta, nascido espontaneamente do genio collectivo da população, impregnado dos seus sentimentos bons ou maus, das suas paixões dominantes, das suas aspirações incontidas, das suas dores profundas, do seu mysticismo infinito e das suas crenças e ideaes, foi o unico refugio e a unica consolação da sua alma, aqui abandonada e soffredora, na Servia opprimida e torturada.

Por essa razão, aquelles tres versos que o sr. Miodrag Ibrovac cita no

prefacio dos "Chants feminins":

"Si o servio vive sempre,
Apesar dos soffrimentos,
E' a canção que o faz viver."

E por isso o grito do coração do troveiro sertanejo, ao dedilhar a sua viola, no enluarado pateo da fazenda, deante da noite clara, que se extende á face immensa do sertão agreste:

"O som da minha viola
Parece com o céo aberto..."

João do NORTE

Litterarias

Oração aos moços. Esta formidavel e formosa oração de Ruy Barbosa aos moços pronunciada pelo Maior dos Brasileiros na Faculdade de Direito de S. Paulo acaba de ser editada numa artistica *plaquette* pela casa editora paulista «O Livro», dirigida por Jacyntho Silva.

Noticiando o apparecimento desse trabalho, não temos senão o intuito de chamar a attenção do publico para o facto, porque a critica da mesma já está feita pela fama mundlal de que goza o seu genial autor.

Na cidade da paz. Armando Braga publica com este titulo uma fantasia em verso num episodio. Nesse livro admiravelmente impresso, o autor se mostra um poeta impeccavel, de requintado gosto, cujas rimas e cujas imagens encantam o leitor Pela forma e pelas idéas, a fantasia de Armando Braga merece bem os applausos que sinceramente aqui lhe deixamos.

Gente Nova

Mario Linhares, que é um excellente poeta, publicou no Ceará um bonito livro de prosa a respeito de varios escriptores das ultimas gerações litterarias de varias cidades do Brasil, pouco conhecidos na capital do paiz. Prestou assim relevante serviço, tornando publico de maneira geral o valor d'esses talentosos trabalhadores espirituaes, alguns de grande merito mesmo como Mario Sette.

Mario Linhares em uma prosa leve, simples, com scintillações, descreve nos Araujo Filho, o poeta da Belleza; Augusto dos Anjos, o morto cantor bizarro do *Eu;* Costa Rego Junior, autor das *Evocações e Panoramas;* Clovis de Hollanda, rimador suave e cheio de aspirações; Rodovalho Neves, lutador incançavel; Gothardo Netto, cuja obra posthuma mostra a clareza do seu espirito; Marianno Lemos, estheta das *Resteas;* Rosalia Sandoval, a poetiza das *Alvoradas;* Julio Maciel, o honesto burilador da *Terra Martyr;* Heliodoro Pires, padre e escriptor; Frederico Codeceira, de grande intelligencia e grande sentimento; Fernando Griz, lyrico enthusiasta; Ulysses Sampaio, doentio e impressionavel; Alpheu Rosas, rhetorico e complicado; Oliveira e Silva, symbolista e phantastico; Palmyra Wanderley, rimadora das *Esmeraldas;* Altamirando Requião, matinal e meditativo; Lizá Diniz, musicista eximia; Agrippino da Silva, Salles Campos e Raul Monteiro.

Ha tambem no volume paginas de critica justa e forte como a sobre Virgilio Mauricio e paginas de amizade e de saudade como a sobre José Gil Aurora, um dos mais peregrinos talentos cearenses, que o vicio da bohemia estragou, ajudado de predisposições naturaes, de inclinações psychicas e de influencias do meio, fazendo-o morrer antes de ter vivido.

Geographia dorsal

Em torno duma mesa elegante, onde o brilho das chammas das velas perfumadas se reflectia nos crystaes lavrados da Bohemia. Os creados serviam o champagne e as senhoras tinham accendidos os cigarros turcos. Um diplomata de meia idade, concertando ao pescoço, rapidamente, o laço de seda azul da sua *cravate* de commendador, disse com displicencia:

— As duas coisas que mais aprecio no mundo são o *homard á la mayonnaise* e a musica de Wagner...

Uma das damas, a que lançou a pergunta — quaes são as duas coisas de que mais gostava? — pergunta atirada a todo o mundo, indagou, maldosa:

— A lagosta de preferencia á musica, não, ministro?

Elle sorrio e replicou:

— Creio que sim. E' mais substancial.

Um homem de lettras, então, exclamou com sinceridade:

— As duas coisas de que gosto mais são simplesmente estas: que me cocem a cabeça e que me cocem as costas...

Houve uma gargalhada geral. Só um dos diplomatas presentes não riu e disse, sorridente:

— Eu tambem gosto das mesmas duas coisas, mas prefiro a segunda. Não é verdade, Irma?

Uma senhora loura, muito decotada, acudio a essa perguta:

— Ah! minha gente, é verdade! Meu marido já creou até para meu uso, porque sou eu que lhe coço as costas, uma geographia dorsal: a espadua, direita é léste, a esquerda, oeste; a nuca, norte; o meio das costas, centro; mais abaixo, sul. E, conforme as indicações que me dá, eu o vou coçando..

Todo o mundo rio e o diplomata, vexado pela indiscreção domestica, exclamou:

— Não acreditem. Isso é uma vingança della...

Andrada

Ha no Brasil e em Portugal muita gente chamada Andrada e muita gente chamada Andrade. Parece que esses dois appellidos são simplesmente duas fórmas do mesmo nome

Até hoje não encontramos em nenhum documento a sua origem. De onde terá elle vindo para Portugal? Dos antigos habitantes da peninsula iberica? dos Suevos? dos Vandalos? dos Visigodos? dos Latinos? dos Arabes ou Mouros? De nenhum d'esses; mas com certeza dos povos da Dacia, atravez dos Latinos. E porque de tão longe?

Porque n'uma antiga inscripção latina da provincia da Dacia Trajana, que é hoje a Transylvania, citada pelo erudito Xenopol na sua *Histoire des Roumains de la Dacie Trajane*, figura entre os appellidos de pessôas, absolutamente não latinos e sim originarios das populações locaes, esse nome de familias portugueza e brasileira Lá estão gravados na pedra vetusta: Aia Naudonis, Bituvantis, Bricena, Bedarus e Andrada...

O EXERCITO DOS INCAS

SELECTA - 26 - NOV° - 1921

O artigo que se vae lêr é da lavra do escriptor peruano Horacio Urteaga e traça de modo brilhante o que foi a extraordinaria organisação militar dos antigos Incas, que durante seculos governaram o Perú, levando-o a uma alta civilisação que a conquista hespanhola de Pizarro destruio. Esta notavel peça de erudição historica e archeologica foi especialmente traduzida para* Selecta *pelo nosso redactor João do Norte.

O antigo imperio dos Incas deveu o seu surprehendente progresso, a estabilidade de suas instituiçoes e a manutenção de sua soberania sobre os extensos dominios que conquistou, não só á energia da raça quichua e á intelligencia de seus soberanos, mas sobretudo á instrucção de suas forças militares e á qualidade superior do seu armamento em relação á época de sua existencia. Como os romanos, os peruanos souberam aproveitar a sua habilidade em aperfeiçoar as armas legadas pelo passado de sua raça discip inada e em melhorar os instrumentos de guerra que decobria entre os povos conquistados.

Era obrigação de todo homem nascido sob o poder divino dos Incas servir no exercito imperial, o qual estava organisado segundo uma ordem hierarchica. Não ha dados certos a respeito dos seus mais altos gráus, porém se sabe que ella estava de accordo com o systema adoptado no funccionalismo civil.

Dez homens de guerra formavam a primeira unidade de conjuncto, commandados por um inferior, especie de sargento, que era responsavel pela disciplina do seu grupo, fiscalizando suas roupas, armas e viveres nas campanhas; servindo-lhe de guia nas marchas; organisando-o do melhor modo possivel para a luta; prevenindo os chefes das baixas verificadas, em tempo opportuno, afim de se preencherem as vagas; obedecendo ás ordens do commando superior immediato. Esse sargento intitulava-se Chunca-camayoc e suas funcções se assemelhavam ás do decurião romano.

Cinco dessas decurias formavam um grupo de 50 homens sob a vigilancia e direcção dum chefe, que, commandando dirigir as marchas. Assignalados por uma insignia especial, chamavam-se Rumancha, palavra composta de runa, *homem*, e unancha, *signal*. Os trombeteiros que atroavam os ares, principalmente no mais acoezo dos combates, eram os quepaycamoc, e os tambores, os huancarcaymoc.

O estandarte real era um panno preso a uma haste adornada, o Suntur-pancar. O panno tinha as côres do iris e o Suntur-pancar, ornado de prata e ouro, era rematado por um plumacho no meio do qual surgia o *totem* ou signo animal dos ancestres illustres: condor, serpente, puma, onça ou falcão.

As marchas eram regulares e o exercito acampava, quando não havia precipitação nos *tambos* que se elevavam pe as estradas de quatro em quatro leguas. A construcção desses depositos militares em distancias certas prova que o espaço percorrido numa marcha sem precipitação nem contratempos era regularmente o que ia dnm a outro; esse espaço podia ser cado nas marchas apressadas, diu ou nocturnas, até mesmo tr plicado para o avanço rapido de pequenos destacamentos ou correios.

Os *tambos* estavam estabelecidos tanto nas grandes estradas reaes que, partindo de Cuzco, levavam a Chuquiano, ao sul, e a Janja, Cajamarca e Quito, ao norte, como no grande caminho do littoral, de Atacamac a Puerto Viejo, e como em todas as vias transversaes que cruzavam o paiz, formando verdadeira rêde de communicações.

Se quizermos fazer uma idéa das multiplas e variadas rotas militares do antigo imperio, poderemos reconstituir o mappa dos caminhos imperiaes, seguindo as indicações dos *tambos* reaes citados na famosa ordenança de Vaca de Castro.

Os decuriões, por sua vez obedecia ao chefe de Centuria, ao commandante de dois grupos de 50 homens. O chefe de meia centuria chamava-se Pichca-chunca-camayoc. O commandante da centuria, que recebia ordens superiores e ouvia os conselhos dos chefes inferiores, denominava-se Pachaca-camayoc.

Elevando se cada vez mais em commando, inspecção de soldados e execução de ordens, havia:

O Guaranga-camayoc, commandante de mil homens. O Natun-apu (Grande-senhor), especie de sargento mór, que governava cinco mil homens, tendo sob sua direcção um segundo chefe, o Natun-apu-ratin, seu substituto nos casos de ausencia e de molestia. O Apu mandava dois mil e quinhentos homens, tendo sob suas ordens o Apu-ratin; especie de capitão, o primeiro, de tenente, o segundo.

O general em chefe dos exercitos sahia sempre da familia imperial ou da classe aristocratica, tio, irmão do Inca ou, ás vezes, o proprio principe herdeiro, e não dividia o seu poder com pessôa alguma, apezar do que o historiador Velasco affirma em contrario.

Quando sahia da classe aristocratica, era preciso que fôsse militar conhecido por acções famosas. Esses chefes não exerciam a autoridade de modo arbitrario. Seguiam o plano de campanha resolvido pelo Inca e pelo seu Conselho Supremo, comopsto dos tios e irmãos do soberano. Esse plano podia ser modificado segundo as circumstancias ou incidentes da campanha, conforme os exitos ou desastres. O general em chefe era intitulado Apus-quipay e tinha uma especie de ajudante de ordens — o Apus-quipratin.

Não f am ao exercito guias para

Os *tambos* estavam sempre providos de uniformes para os soldados: de roupa grossa, *anasca*, para as campanhas nos Andes, nos das serras; de vestes leves de algodão, sapatos de pitaya ou alpercatas de couro e de cabaya, com correôas, nos do littoral. Nesses depositos tambem se guardavam armas e viveres em tal abundancia que, a julgar pelo que dizem os chronistas, o que havia num delles daria para equipar um exercito. Cuidavam dos *tambos* superintendentes, tendo ás suas ordens uma pequena tropa de indigenas, que se occupavam de reparos locaes e do abastecimento. Esses superintendentes eram os Coptra camayoc.

Semelhante previsão governamental impedia que a marcha dum exercito, por mais numeroso que fosse, causasse prejuizo ás provincias. Os povos amigos, em vez de temer sua chegada, alegravam-se com ella, pois era quasi sempre annuncio de victorias e vantagens. As mais ligeiras faltas commettidas pela força contra a propriedade e a honra alheias eram punidas eom a morte.

Embora os soldados se alistassem para uma campanha inteira, quando essa se prolongava, davam-se licenças aos enfermos e aos debilitados, que se substituiam por novos recrutas depois de tres mezes de serviço.

Os Incas aperfeiçoaram o seu systema militar, baseando-o no serviço obrigatorio dos varões. A organisação do seu exercito reflectia o impulso da sua preoccupação religiosa, que os impellia a civilisar as nações barbaras e a levar a outras terras o culto de Uiracocha e do Sol. «Fizeram suas guerras—diz Roberson — não para destruir ou exterminar, como outras nações barbaras do continente, nem para fartar, como os mexicanos, os seus deuses sedentos de sangue humano, sim para instruir e civilisar os vencidos, para espalhar o conhecimento de suas instituições e de sua arte. Viam como impiedade qualquer homenagem a outros objectos que não as potencias celestes que adoravam, e esforçavam-se em ganhar adeptos ao seu systema».

Realisaram, assim, no Novo Mundo, sob a influencia de seus proprios sentimentos e de seus proprios estimulos o grande apostolado que sua tradição attribuia ao fundador do Imperio: civilisar os homens.

"Brasil-Portugal" 26-Nov°-1921

Architectura no Brasil

De certo tempo a esta parte, felizmente, se vem notando no nosso paiz um certo interesse pelas questões de architectura. E parece que ha mais cuidado em entregar a pessôas competentes a construcção de edificios do que outróra, quando isso era monopolio dos mestres de obra. Ao par desses dois factos, tambem se nota a preoccupação de procurar motivos architectonicos nossos no nosso proprio passado, ligando, assim, a alma nacional do futuro e do presente á dos tempos que se fôram.

A prova evidente desse movimento symptomatico de progresso, de cultura e — podemos dizel-o — de nacionalismo é a bella revista «Architectura no Brasil», que um grupo de jovens e futurosos architectos fundou no Rio de Janeiro e que promette ter vida longa e utilissima. Temos á vista o seu primeiro numero com um summario variado e interessante, collaborado por architectos novos e por velhos professores, cheio de excellentes plantas e gravuras, capaz de despertar o interesse até dos proprios mestres de obra.

Digna de parabens a iniciativa. Digna de parabens e de auxilios em seu favor de toda a gente.

"O Jornal" - 26 - Novembro - 1921

O rei da Grecia condecora um escriptor brasileiro

O dr. Gustavo Barroso (João do Norte), nosso confrade de imprensa, recebeu do exmo. sr. Stamati Ghiouzés Pezas, ministro da Grecia no Brasil, o seguinte officio:

"Monsieur. — J'ai l'honneur de vous transmettre ci-joint le diplôme et les insignes de commandeur de l'Ordre Royal du Sauveur que Sa Majesté le Roi, mon Auguste Souverain, a daigné vous conférer en reconnaissance de vos sentiments philhelleniques, que vous avez montrés á plusieurs reprises. En vous felicitant chaleureusement de cette marque de distinction honorifique, je vous prie d'agréer avec mes remerciements l'assurance de ma haute considération. Le Ministre de Gréce, S. G. Pezas".

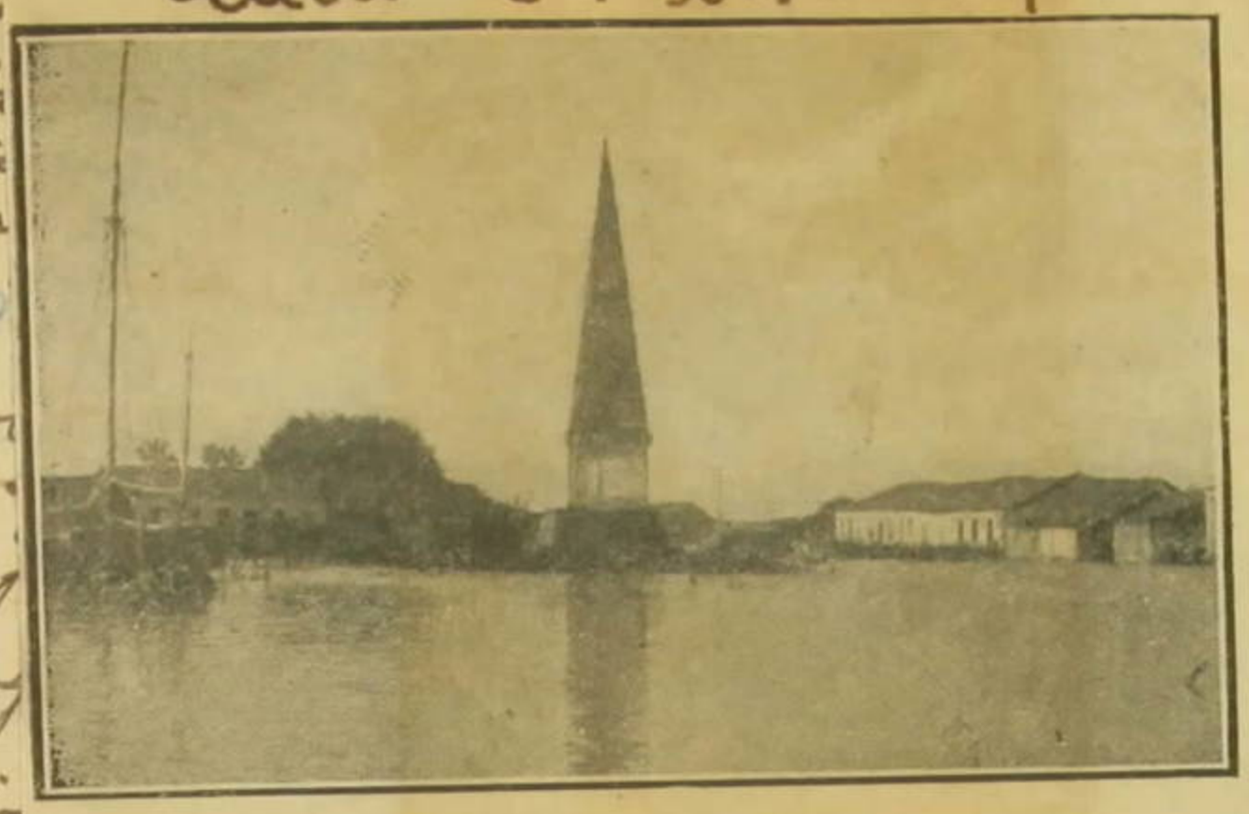
Acompanhavam esse diploma a cruz e a "cravate" de commendador da Ordem Real do Salvador, e um diploma, com a assignatura autographa do rei dos Hellenos, concebido nestes termos:

"Constantino, rei dos Hellenos. Outorgamos ao sr. Gustavo Barroso, ex-secretario de Estado, ex-deputado, a cruz de Commendador da Nossa Ordem Real do Salvador. Nós lhe damos, como prova, este diploma assignado por nós e pelo nosso ministro de Relações Exteriores. Em Kordelio, segunda-feira, 2 de julho de 1921. — Constantino, R. O ministro de Relações Exteriores, G. Baltazis".

Em Kordelio, de onde está datado o diploma que publicamos, se achava no mez de julho deste anno o quartel general de Sua Majestade, o rei Constantino da Grecia, nas linhas de batalha contra os turcos, na Asia Menor.

INUNDAÇÃO NA TERRA DE SOL

"Selecta" 29-Nov.-1924



Uma praça. Ao fundo o monumento commemorativo da passagem do 1º Bispo no Ceará.

O Ceará é a terra dos paradoxos, dos contrastes violentos. E' a terra onde ás sêccas terriveis que matam gados e gente se succedem os invernos desmedidos, terriveis tambem, que causam quasi tanto prejuizo quanto as primeiras crises climaticas e que, espirituosamente e propriamente, o matuto appellida *sêcca d'agua*.

Quando a sêcca campeia feroz, a abobada do céo alto e impassivel parece uma calote de aço aquecida emborcada sobre as rechãs esterilisadas por onde caminham os retirantes famintos e onde turbam os judas esqueleticos.

Quando a *sêcca d'agua* vem, as grandes narinas, que os rios do Ceará não são perennes, não são rios, enchem e entornam logo, seccando dias depois, as grandes narinas, portanto, correm rumorosos e avolumados para o mar, innundando campos e as mesmas cidades.

Entre essas narinas incertas, a de maior vulto é aquella que os indigenas chamavam a das Onças, o Jaguaribe, que desce dos altos sertões até o oceano, banhando o valle maior e um dos mais ferteis do Estado. A's suas margens se vêm muitas cidades, das mais antigas do Ceará, entre as quaes a de S. Bernardo das Russas, cujo juiz, o illustre Dr. Euzebio de Queiroz, nos enviou as photographias juntas, e a do Aracaty, que fica na embocadura.

Esta é uma victima constante das innundações formidaveis do Jaguaribe, que lhe causam prejuizos consideraveis, roubando-lhes mesmo vidas algumas vezes. As nossas gravuras representam varios aspectos da cidade do Aracaty, a segunda do Estado, centro industrial e commercial, coberta com as aguas da grande enchente que houve este anno, durante o inverno.

Não deixa de ser muito e muito curioso vêr uma cidade cearense assim coberta d'agua, quando se sabe que ella fica na ardente Terra de Sol, que o destino implacavel castiga de tantos em tantos annos com a mais completa falta de chuvas.

"Jornal do Commercio"
(Apensos)
27-Novembro-1924

O meu jornal

Illmo. e Exmo. Sr. Rei da Grecia.

Não sou invejoso; ao contrario — regosijo-me quando vejo o proximo galardoado pela fortuna, sobretudo se esse proximo é parente meu. Tive na vida um grande prazer: foi quando a minha prima Innocencia Candida da Pureza tirou a sorte grande. O meu contentamento foi tal que me casei com ella; e ella, coitadinha, foi tão boa para mim que morreu no fim de tres mezes.

O meu peccado é o odio, peccado mortal provocado pelos outros; e quasi sempre porque essas outros apanham aquillo que eu mais desejo.

Não calcula V. M. o meu odio contra o João do Norte quando li nos jornaes ter sido elle agraciado com a commenda da Ordem de S. Salvador, por ter escripto cousas que soaram muito bem aos reaes ouvidos de V. M.

Mas tambem eu já disse neste "Meu Jornal" que a Grecia está prestando excellente serviço á humanidade com essa surra que toca toda a tropa turca tremente

através trecho a trecho, tomando trens, trinquevaes e mais trophéos que serão a g'oria vossa.

Creio eu, se não falham as estatisticas da Sociedade de Imprensa Brasileira, que sou o unico jornalista carioca que ainda não foi condecorado; e macacos me mordam se ha cousa que mais almeje este pobre jornalista do que uma condecoração, ainda que não seja para tirar o retrato com o peito armado.

Viva a Grecia!

E saiba V. M. que estou aqui cantando o *Hymno Hellenico*.

Sul—70.

"Jornal do Commercio" - 28. de Março
Gazetilha - 14 - Nov° 1921

A TCHECO-SLOVAQUIA E A SUA VIDA ECONOMICA, INTELLECTUAL E SOCIAL

UM LIVRO BRASILEIRO SOBRE O NOVO ESTADO EUROPEU

O esclptor patricio Sr. Gustavo Barroso (João do Norte) acaba de concluir um livro sobre a Tcheco-Slovaquia, o bello e rico paiz da Europa Central, tão caracteristico de costumes, de tradições e de vida, com uma arte tão sua como as suas paizagens, os seus castellos e os seus campos fertilissimos.

A Tcheco-Slovaquia é um dos Estados mais prosperos e que mais elementos de futuro possue dentre os novos Estados, constituidos pelas antigas nacionalidades opprimidas e que o Tratado de Paz restituio á liberdade e plena soberania.

O livro a que nos referimos estuda o novo Estado europeu em todos os seus multiplos e interessantes aspectos, economico, politico, intellectual e social, e é intitulado "O Coração da Europa". Delle extrahimos um interessante trecho relativo á agricultura da Tcheco-Slovaquia:

"O clima da Tcheco-Slovaquia, de transição entre o verdaderiamente maritimo e o inteiramente continental, a distribuição favoravel das chuvas devido á influencia das florestas e das montanhas, embora a quantidade dágua cahida seja menor que a da Allemanha e da França, a temperatura, mais fria no inverno e mais quente no verão do que a da Inglaterra, e a grande fertilidade de quasi todo o solo, permittem nas planicies a cultura da beterraba, das batatas, do centeio, da cevada, da aveia e do trigo. A beterraba e as batatas dão normente em certos districtos do Norte da Bohemia, no territorio de Tchen ou Tesin no Centro e Sul da Moravia, no Sul da Silesia. O Centro e o Sul da Bohemia, o Norte da Moravia, todo o Sul da Slovaquia e da Russia Sub-Karpathica produzem os cereaes. E em todas essas regiões, mais ou menos, o trigo é cultivado. Nas partes altas do Norte, Oeste e Sul da Bohemia, do Norte da Moravia, da Silesia, da Slovaquia e da Ruthenia, acima de 650 metros de altitude, existem excellentes pastagens e grandes plantações de forragens.

A Tchecoslovaquia, numa superficie total de 14.275.000 kilometros quadrados possue 45 °/° de terras araveis, fertilissimas, 33 °/° de florestas, 18 °/° de pastagens e prados e 4 °/° de terrenos improductivos. Essas condições lhe dão uma posição agricola superior, em absoluto, á da Grã Bretanha, e, relativamente, á da propria França.

As consequencias das condições historicas da Bohemia ainda se projectam sobre a situação agricola actual do paiz. Os privilegios da antiga nobreza e os confiscos da tyrannia após as guerras hussitas, fizeram chegar até os nossos dias as grandes propriedades, embora as difficuldades de sua exploração houvessem obrigado seus proprietarios a arrendar muitas de suas partes, começando assim a divisão desses latifundios.

Essa situação exigia uma reforma agraria completa. Por isso o parlamento da actual Republico votou uma excellente lei de expropriação, permittindo ao governo expropriar as terras que excederem de mais de 500 hectares dum unico proprietario e que estiverem occupadas com parques, prados ou jardins, entregando-as áquelles que pretendam cultival-as, mediante aluguer. As novas leis permittem mais aos Poderes Publicos a fiscalisação do emprego das terras pelos grandes proprietarios e a applicação do principio legal da sua divisão pelos que precizam semear e não têm onde.

Além desses remedios legislativos, o parlamento votou mais uma lei de credito, que permitte aos que desejam possuir terras adquiril-as sem dinheiro, pagando-as a prestações, e uma de indemnisações aos donos das terras expropriadas, por utilidade publica. Tambem permittio a compra pelos pequenos cultivadores das terras que havia muito tempo os grandes proprietarios lhes arrendavam.

Essa reforma do systema agrario conservado sob o governo dos Habsburgos permittio a passagem para a mão dos camponezes de mais ou menos um milhão e meio de hectares de terras pertencentes aos antigos e inuteis latifundios. Essa area já é um grande auxilio á *fome da terra* de que soffre a população tchecoslovaca, da quel 41 % são agricultores.

A agricultura na Tchecoslovaquia tem attingido esse alto grão de progresso devido sobretudo aos esforços do cooperativismo dos cultivadores. Ha mais de trinta annos existem disseminados por todo o paiz, Conselhos Agricolas, centros de iniciativa e de mutuo auxilio. Ao lado desses centros se multiplicaram nessas tres decadas as sociedades cooperativas e as sociedades de credito rural. Não ha actualmente uma aldeia por menor que seja que não possua os seus institutos desse genero. Durante a dominação hungara, a Slovaquia não poude acompanhar a Bohemia a Moravia e a Silesia nesse movimento progressista, porque a oppressão lhe tolhia os movimentos. Mas logo que se vio independente, fundou cerca de mil sociedades semelhantes. Em todo o territorio da Republica existem hoje em dia 10.000 instituições similares, que abonam os creditos necessarios aos cultivadores, ajudam-nos nas crises, fornecem-lhes terras, material, mão de obra, sementes, todas agrupadas sob a intelligente direcção da grande "União Agricola da Tchecoslovaquia", cuja directoria é um viveiro de homens praticos e de sabios theoricos. Além disso, desde 1900, os cultivadores estão organizados em forte partido politico independente, que age

junto da administração publica em favor da sua classe e influencia as deliberações parlamentares a respeito da agricultura, tornando-se um dos mais importantes factores da politica interna da nação, do ponto de vista da direcção economico-financeira como do proprio ponto de vista inteiramente politico.

Accresce que o ensino agricola é uma realidade na nação de João Huss. O governo propaga o ensino de todas as sciencias agricolas, activamente. E os resultados são optimos.

Além da Escola de Altos Estudos Agricolas, ligada á grande Escola Technica Superior de Praga, o paiz possúe duas Escolas Superiores de Agricultura, com secções de sylvicultura, duas Academias Agricolas, 14 Escolas Secundarias de Agricultura, 5 Escolas Secundarias de Sylvicultura, 27 Escolas Elementares de Agricultura, 6 Escolas Elementares de Sylvicultura, 72 Cursos de Inverno, 18 Escolas Technicas Especiaes e 31 Cursos de Economia Domestica.

Ao todo, são 180 estabelecimentos de educação agricola, auxiliados por 133 Cursos Populares de Agricultura, especies de escolas primarias agricolas. E 50 jornaes e revistas agricolas levam a todas as casas o seu conselho e o seu ensinamento.

Por isso, emquanto a Allemanha cultiva em 15 % das suas terras araveis o trigo, a Tchecoslovaquia o semeia em 25 % das suas.

Dahi a sua cultura intensiva da beterraba, do trigo, da cevada, e do milho, e a sua cultura extensiva, menor do que a primeira, da aveia, do centeio e das forragens. E' ainda devido a isso tudo a Tchecoslovaquia produz mais trigo, mais cevada e mais centeio, relativamente a cada habitante, do que a França!

Ella dá 15 % da producção mundial de assucar da beterraba e está logo após as maiores e mais importantes nações do mundo em quantidade da producção do trigo, de cevada, de aveia, de batatas, de centeio e de forragens.

O homem e a humanidade

Meu caminho pela vida em fóra, entre rosas ou espinhos, adquirindo certas e determinadas, eu o tenho feito sempre, como um dos personagens do romance de Dostoievsky: *Os Irmãos Karamazov*, amando a humanidade em geral e detestando cada homem em particular. E, da mesma maneira que esse personagem citado, quanto mais augmenta meu amôr pela humanidade, mais cresce meu odio pelos individuos.

Creio que seria capaz d'um acto de devotamento, mesmo d'um grande sacrificio em pról da grei humana; mas sinto me absolutamente incapaz de dar metade do meu lençol para cobrir um meu semelhante que esteja tiritando de frio...

Parecerá tudo isso um exaggero. Não é. O individuo em geral nos choca por pequenos vicios ou por defeitos horriveis. Na massa geral dos homens, a sua nota dominante se apaga. Tudo fica da mesma nuança, póde ser visto do alto, como um aspecto geral. D'ahi eu prefirir a humanidade ao homem.

"Fon-Fon" 3 Dezembro 1921

As religiões e as politicas

Lembrando que, quando estava na França, via sempre as egrejas cheias de tantos homens quantas mulheres, commentei ligeiramente o facto, que qualquer pode observar, de entre nós sómente haver mulheres nas egrejas.

— Parece que os brasileiros não têm religião e só as brasileiras a conservam, terminei.

Claudio França reapondeu me:

— As religiões, meu caro, correspondem de maneira absoluta ao estado social do grupo humano que as professa. O pantheismo industanico da decadencia brahmanica correspondia logicamente ao systema social das castas. O monotheismo corresponde perfeitamente á monarchia. E o polytheismo necessariamente se prende á republica, á democracia. Esta, a opinião dos grandes sociologos. Baseado nella, verifico que no Brasil a falta de espirito religioso da parte dos homens, portanto a anarchia moral no seu mais lato sentido, é a correspondente exacta e inilludivel da anarchia social e governativa da nossa politica...

"Correio Paulistano" 1º Dezembro 1924

Soror Martha de Santa Genoveva

O trem corria para São Paulo através o grande deserto ondulado que vai da Serra do Mar a São José dos Campos. Por ali, tudo, outróra os immensos cafezaes se extendeiam sob o manto luminoso do sol, mattas e capoeirões sombreiam o dorso bonançado das collinas, e as fachadas claras das fazendas sorriam entre os laranjaes carregados de pomos de ouro. Hoje se desdobra por essa vasta zona o triste véo da desolação. A imprevidencia e a ignorancia destruiram as florestas, e o systema primitivo de cultivar o café exgottou os terrenos. No meio do enorme deserto creado pelo homem, raras arvores agora dão frescura e sombra aos pequenos campos e quintalejos: poucas fileiras sussurrantes de bambu's marcam os rumos das posses de terras, emquanto á beira dos rios barrentos, tortuosos e tristonhos, batujando espumas sujas de encontro aos pedroucos negros nas corredeiras, se erguem no azul desmaiado do céo as torres das egrejas das cidades mortas...

Olhava a paizagem pela vidraça larga, cotovellos fincados na mesa do vagão-restaurante, á espera do café que o criado custava a trazer-me e eu de antemão sabia ser horrivel e frio. O homem gordo e edoso face commum de caixeiro viajante antigo meu vis-a-vis de poltrona no carro-salão, pedira li

cença e sentará-se á minha mesa com certa satisfacção, dizendo-me:

— "O senhor todo o mundo sabe quem é. Eu, não. Permitta, portanto que me apresente. Chamo-me Basilio Antunes, tenho mais de sessenta annos no costado e sou socio da firma Freitas Mendes e Cia., de São Paulo. Emfim, um seu admirador - criado".

Entremeámos os pratos com pedaços de palestra. Falámos da valorização do café do cambio da carestia da vida, da successão presidencial e de outras. Eu estudava o homem a pouco e pouco. Parecia-me um simples commerciante, preoccupado com lucros, perdas a baixa do café e a alta do dollar, o coração reseccado por trinta annos de caixeirice do começo da existencia e quinze de mais alta mercancia do meio para o fim. Entretanto, talvez na sua alma houvesse qualquer fibra mais interessante que vibrasse a um toque meu.

— "E' portuguez"? perguntei.

— "Não meu caro senhor. Tenho um pouco de sotaque por causa do contacto diario com os socios que são lisboetas porêm, sou brasileiro da gemma, nascido em Macahé no Estado do Rio, numa casa velha de fazenda, de onde se avistava o mar..."

Seu olhar perdeu-se no espaço como si estivesse vendo, através a distancia, a casa velha e o mar ao longe. Fiquei a pensar nessa ligeira reminiscencia da mansão natal que atravessara a alma do meu interlocutor. Que fibras vibrariam ainda naquella organização que me parecera ao começo defumado pelos negocios? O criado trouxe o café. Tomei-o dum trago, frio e horrivel como o esperava. Accendi um charuto e fiquei, então, vendo a paizagem. O vento açoutava um banhual revolto bracejante no alto dum cerro, e as aguas encrespadas do rio, que se perdia ao longe, entre serras, num valle estreito e escuro, onde alveiava o oitão duma casa de fazenda. O trem diminuiu um pouco a marcha e dois meninos que levavam cavallos ao bebedouro montados em pêlo, galopavam pela estrada de rodagem, parallela á via-ferrea procurando acompanhar a locomotiva vagarosa. Olhei-os sorrindo; depois, voltando-me para o negociante indaguei:

— "Tem filhos"?

— "Infelizmente nunca me casei"! E soltou, naturalmente, um discreto e profundo suspiro.

Julguei-o, como muitos da sua classe, um sentimental, piégas, á custa de romances baratos. Ficou de olhos baixos, pensativo, sem dar palavra. Fiz-lhe outra pergunta sem reflectir que poderia achal-a intempestiva:

— "Gosta muito de lêr"?

"Muito!"

— "Romances de amor ou simplesmente de aventuras? Dumas Pae? Ponson du Terrail? Zevaco?"

Nos seus olhos passou uma fagulha, seus labios se franziram num sorriso ironico e replicou:

— "Prefiro Dostoievsky, Flaubert e Anatole France".

Não pude reprimir um movimento de espanto e fixei toda a minha attenção nesse curioso typo, esquecendo o charuto entre os dedos paralysados. Elle extendeu a mão, apontando qualquer cousa através o vidro!

— "Olhe!"

Olhei. O comboio descrevera uma grande curva e agora passava pelo meio do valle estreito onde antes eu vira o rio perder-se. E o oitão alvo duma casa de fazenda que de longe avistara, visto de perto, era uma unica parede de rebôco chagado, entre montões de velhos tijolos e velhas telhas, rodeada de vegetações esplendidas. Pousei nos olhos de Basilio Antunes as minhas pupillas interrogadoras. Elle me comprehendeu e falou:

— "Aquella parede é tudo quanto resta da antiga fazenda de Santa Genoveva, que pertenceu ao coronel Bento Fagundes. Conheci-a no tempo da escravidão, ha quasi quarenta annos, quando tudo isto por aqui era um oceano de café. Tempo bom!... Pois esta casa se

arruinou por causa desses romances que o senhor pensava que eu lia..."

— "Póde contar-me esta historia?"

— "Pois não. Ahi morava nessa época, como disse, o coronel Bento Fagundes, homem rico, influente na politica, viuvo, pae duma filha que era uma verdadeiro encanto. Conheci-a e admirei-a. Chamava-se Martha, era muito clara, com olhos e cabellos negros, dum negro luzidio, azulado, de jaboticaba, que eu nunca vira em ninguem. Porque vivia só e muito precisava duma companhia, o pae tirou-a cedo do collegio interno onde se educava e trouxe-a para Santa Genoveva. Ella acabava de completar treze annos de edade. E o pobre velho, um ignorantão, para a filha divertir-se dava-lhe, sem pensar no mal que lhe fazia, livros de Escrich, de Eugéne Sue, de Dumas, enchendo aquella cabecinha de idéas da vida differentes do que a vida em verdade é..."

Fez uma pausa. Seus olhos demoradamente se fixaram no velho oitão que já se ia perdendo ao longe; depois, atirou fóra o cigarro apagado e proseguiu:

— "No tempo a que me refiro, frequentava a miude a fazenda o caixeiro-viajante duma casa paulista que tinha bons negocios com o coronel. Chegava alli quasi sempre á tardinha, jantava, fazia suas contas com o fazendeiro, dormia e partia de manhã cedo. Muito raramente passava mais de um dia no casarão que o riso de Martha alegrava. Era o unico homem moço bem apessoado e bem vestido que a pobre menina via nesse desterro. Algumas vezes notou que ella tinha para a sua pessoa attenções especiaes. Mas nunca a olhou com a menor malicia. Via nella tão sómente uma formosa menina e moça, um tanto desenvolvida, demasiadamente para a sua edade, filha dum freguez amigo, que se póde achar bonita e interessante, porém para a qual só se olha com o maior respeito.

Pois bem, meu caro senhor, uma noite, estando no seu quarto a preparar-se para dormir, ouviu passos miudos e ligeiros pelo corredor da casa silenciosa. Prestou ouvidos. Dahi a pouco, tres ou quatro pancadas leves á porta do seu aposento. Abriu-a. Entrou depressa, linda no seu desalinho nocturno, uma vela accesa na mão, a filha do coronel! Instinctivamente, com espanto, o rapaz recuou. Sua primeira impressão foi dum acto de somnambulismo. Mas ella, deixando o castiçal sobre a mesa, dirigiu-se para elle, abraçou-o, aconchegou-se ao seu peito forte e fez-lhe, emocionadamente, uma daquellas extensas e loucas declarações de amor dos taes romances baratos...

Adorava-o! Não poderia viver nem mais um dia longe delle! Seria capaz de matar-se! Vinha entregar-se ao seu bem-amado! E, a disse entregar-se sem mesmo saber o que dizia... Pobre menina!... E o rapaz do commercio, sem letras e sem philosophia, mas com experiencia e honesto, não teve coragem de provocar naquella criança nem mesmo a vergonha da acção que ella inconscientemente praticava. Resistiu tambem heroicamente aos aguilhões da carne, mais fortes do que nunca ao contacto daquelle corpo em flôr, na noite e na solidão! Elle não sabia manchar a casa que o hospedava. Respeitou-a!"

A physionomia do homem gordo transformara-se. Na sua placidez havia qualquer cousa de luminoso. Fiquei com os olhos pregados nelle. Após uma pequena pausa, continuou:

— "Respeitou-a, sim! Entretanto, fez como si recebesse a sua dadiva, com medo de que aquelle cerebro aquecido pelas leituras levasse a pobrezinha a uma crise de choro deante duma decepção terrivel. Poderiam ouvil-os e que diriam si a encontrassem no seu quarto áquella hora? Como justificar-se, nesse caso? Passaria por um deslavado seductor. Esses pensam en-

tos o encouraçaram contra os desejos. Animou-a, afagou-a, dizendo-lhe que acceitava aquella exaltada paixão, mesmo dando a entender que lhe correspondia. Ella, então, lhe contou que o amava com loucura, desde a primeira vez em que o vira, como não sei quaes heroinas amavam não sei quaes heróes de não sei quaes romances.

Com carinho, elle a levou até seu leito. Deitou-a e delicadamente a cobriu com os lençóes e a manta de lã, como si ella fosse sua filha. Sentou-se, então, á beira da cama, e, segurando as suas pequeninas mãos começou a contar-lhe a historia de Paulo e Virginia, que lêra num almanach de Lembranças. Martha ouvia-o embevecida; pouco a pouco, foi fechando os olhos e adormeceu. Elle ficou ali absorto, de olhos abertos, quasi sem vêr, de ouvidos attentos, quasi sem ouvir. A vela do castiçal bruxoleou e morreu. Logo após, o kerozene da candeia acabou-se e a chamma do pavio extinguiu-se. Na escuridão, o morrão acceso — olho de braza perdido na tréva densa — viveu instantes. Elle sentia uma a uma as palpitações de suas temporas e ouvia, tão regularmente como a respiração regular da menina adormecida, o bater do seu coração. Um grillo estridulou duas vezes num canto do aposento, chamando-o á realidade. Mais uns momentos, e

flos de luz entraram pelas frinchas das janellas. Os gallos cantavam pelo campo em fóra.

Ergueu-se, distendeu os musculos entorpecidos da posição durante uma noite em claro. Debruçou-se sobre a cama, tomou nos braços o corpo quente, formoso e immovel. Levou-o, assim, pé ante pé, pelo corredor, indo depositál-o no leito sihgello, branco e puro, com cortinas de rendas, entre velhos moveis de jacarandá entalhado, no seu quarto de solteira. E, quando a depoz sobre as alvas fronhas, deu-lhe um beijo na testa...

Meia hora mais tarde, sem esperar que o fazendeiro acordasse, conforme seu costume, partia a cavallo. Quando o animal se poz a passo, na subida da primeira serrota, accendeu um cigarro, murmurando:

— "Criancice! Pensará que teve um sonho e em pouco tempo me esquecerá, si eu por acaso deixar de apparecer..."

O criado estava de pé ao meu lado, com as contas do almoço na pequena bandeja de metal. Não o viramos chegar. Paguei a despesa, detendo com um gesto o meu companheiro, que não insistiu. Quando o criado partiu, elle me agradeceu e accrescentou:

— "Não pense que acabou assim. O fim foi muito triste: Quiz a sorte que a casa commercial a que servia nunca mais o enviasse a Santa Genoveva, dando-lhe melhor encargo. Passaram-se sete annos e o moço quasi esquecera aquelle facto. Mas uma feita, viajando entre Mogy das Cruzes e a Paulicéa, reconheceu num velho alto e triste que entrou no trem, o coronel Fagundes. Foi falar-lhe. O fazendeiro contou-lhe que sem motivo plausivel, as filhas de a para entristecer. Mais ou menos depois que elle deixára de ir á fazenda lhe viera essa tristeza. Durante dois annos tudo tentára para alegral-a: livros, joias, passeios ao Rio, viagens á Europa. Nada conseguira. E, tanto ella lhe pedira, tanto lhe supplicara, que consentira na sua entrada para um convento. E a freira de são Bento e chamava-se soror Martha de Santa Genoveva. Contando-lhe isso o coronel chorava como uma criança.

Desde esse encontro, nunca mais o caixeiro-viajante soube noticias do seu antigo freguez, a não ser a de que deixára a fazenda entregue a um feitor não tendo animo para vendel-a, indo morar na pequena cidade da França em cujo convento de Benedictinas a filha amada se sepultára em vida.

Um dia, mais ou menos cinco annos após esse encontro leu num jornal paulista esta curta e triste noticia:

"Por carta particular que nos foi gentilmente mostrada, soubemos ter fallecido pobre, na Europa, o velho e outróra abastado fazendeiro paulista coronel Bento Fagundes, que foi membro influente do Partido Conservador, ao tempo do Imperio. O nosso estimado patricio succumbiu ao saber, no hospital onde estava recolhido, da morte de sua unica filha, por tuberculose pulmonar, na abbadia benedictina de Notre Dame de Jouarre, onde era monja"

O homem gordo recitára machinalmente essa tirada, como cousa que lhe tivesse feito profunda impressão e lhe tivesse ficado gravada na memoria para sempre. A sua face descahiu com uma grande impressão de tristeza. Fingindo ignorancia, perguntou-lhe:

— "Como se chamava esse rapaz, causa involuntaria dessa ruina?"

— "Chamia-se... Para que dizer-lhe o nome si o senhor por força deve ter comprehendido de quem se trata?.. Posso no emtanto accrescentar-lhe que elle, si lastimou não lhe ter o destino dado por mulher criatura tão capaz de amal-o, jámais se arrependeu de tel-a respeitado naquella noite inacabavel, em que elle se sentiu superior a si proprio!"

Levantamo-nos. Elle tinha os olhos humidos. Instinctivamente lhe extendi a minha mão, que apertou commovido.

João do NORTE

"Fon-Fon" 3-12-921

5

Definição de Deus

N'um dos mais velhos livros sagrados da humanidade, no *Baghavad Gita* da antiquissima philosophia brahmanica, encontra-se uma maravilhosa definição da divindade. Ella não será perfeita, porque o homem não póde conceber de modo completo a immensidade de Deus; porém é admiravel do ponto de vista artistico, como concepção e maneira de dizer, do ponto de vista religioso, como comprehensão da força divina. O *Baghavad Gita* põe á bocca de Deus estas luminosas palavras:

« Eu sou a origem e a dissolução do universo. Nada é maior do que eu. De mim dependem todas as cousas, como perolas enfiadas n'um cordel. Eu sou a humidade das aguas, o esplendor do sol e da lua, a palavra sagrada dos Vedas, a força viril do homem. Eu sou o perfume da terra, o brilho da chamma, a intelligencia dos intelligentes, a força dos fortes. Eu conheço os sêres passados, presentes e futuros; entretanto nenhum d'elles me conhece. Encho o universo de calor, retenho e derramo a chuva. Eu sou a morte e a immortalidade. Eu sou o ser e o não ser. Eu sou o gerador de todas as cousas; de mim se desenvolve o universo. Eu sou o espirito que reside no seio de todos os sêres. Eu sou o começo, o meio e o fim! »

"Fon-Fon" 3-12-1921

Creados quebra-louça

Não ha dona de casa que se não queixe constantemente dos prejuizos que lhe dá a creadagem com a sua falta de cuidado, quebrando diariamente a louça ou os objectos de arte da casa.

Outrodia, uma senhora, depois de lamentar-se por causa disso, perguntou-me:

— O senhor acha que os creados sempre fôram assim ou houve tempo em que tinham mais cuidados com os objectos dos patrões?

— Sempre fôram assim, minha senhora; da mais remota antiguidade, nos tempos das mais crueis escravidões, servos e domesticos sempre fôram assim. Creio que este é o unico consolo que deve restar ás donas de casa. O Imperador Romano, o Todo Poderoso Adriano, numa carta citada por Vopiscus, diz o seguinte a um intimo: «Mando-te vasos irisados de diversas côres que me fôram offerecidos pelo sacerdote do templo; são especialmente destinados a ti e á minha irmã, para as refeições dos dias de gala; é bom tomar cuidado para que Africanus não os quebre». Africanus, minha senhora, era o escravo-copeiro da familia imperial...

A noite de Isis

Eu ia silencioso e solitario pela larga estrada em fóra, lentamente, fumando e olhando a cupola negra do ceu, pregueada de estrellas palpitantes. Pensava n'uma das *Lettres de mon moulin* de Daudet, em que elle descreve as constellações do ceu provençal, maravilhosamente. E de repente me vieram á memoria estas palavras antigas da deusa egypcia Isis ao seu filho Horus:

« Todas as coisas do mundo inferior gemeram cheias de medo deante da maravilhosa belleza e da eterna permanencia do mundo superior. Porque é um espectaculo digno de contemplação e de desejo as magnificencias do firmamento, revelações do Deus desconhecido, essa sumptuosa magestade da noite, que uma luz penetrante, embora inferior á do sol, illumina, e todos esses mysterios que se movem no ceu periodica e harmonicamente, regulando e conservando as cousas cá de baixo por meio de suas occultas influencias. »

E, emquanto eu fallava commigo mesmo, os véos da noite de Isis me envolviam na sua influencia mysteriosa...

O pensamento e Deus

Nada mais sublime do que o pensamento. Se por elle o homem, unico animal que talvez o possúa na sua plenitude, póde abaixar se até ficar de rastos, ventre no chão, como os reptis, tambem por elle póde ascender até o azul immenso do céu, approximando-se um pouco de Deus.

Tudo na vida do homem vem do pensamento. E' elle que o guia por entre todos os escolhos; é o seu unico amigo fiel; o companheiro eterno de todas as dôres e de todas as suas alegrias. E, se nem todos os homens têm grande intelligencia, a nenhum falta o pensamento. Menos os loucos, todos os outros, mesmo os mais estupidos, pensam.

Por isso, nos antigos livros sybillinos e nas vetustas paginas do occultismo se repetia que «o pensamento differe da intelligencia como a divindade differe de Deus, pois a divindade nasce de Dens e o pensamento nasce da intelligencia». No homem as sensações são materiaes e os pensamentos *essenciaes*. Assim, os homens que têm mais pensamentos do que sensações estão mais proximos de Deus do que aquelles que têm mais sensações do que pensamentos.

"O Jornal" 2 de Dezembro de 1921

A fôlha do pica-páu

Num dos mais interessantes capitulos do seu curioso e erudito livro "O Folk-Lore", o meu querido amigo e eminente mestre João Ribeiro, sob o titulo "Um culto proto-historico", estuda profundamente as origens da nossa superstição popular sobre a celebre "folha do pica-páo". Dizem entre o povo que quem consegue apoderar-se de uma certa folha mysteriosa, que o pica-páo vae buscar para com ella abrir o buraco onde mora, quando o encontra fechado, obtem um poderosissimo talisman para a consecução de todas as vantagens e felicidades na vida. Dahi a phrase corriqueira a proposito dos felizardos: "Fulano tem fôlha de pica-páo".

Essa crendice popular, muito commum sobretudo no nordeste do Brasil, foi registrada por Gualter R. Silva e pelo barão de Studart, em trabalhos avulsos. João Ribeiro estudou-o nas suas fontes mais recuadas e nas suas variações, com uma formidavel erudição. O grande mestre do nosso folk-lore analyzou o vetusto culto dos animaes na Grecia prehistorica, quando, segundo a facecia de Aristophanes, o pica-páo foi Zéus; esmiuçou o que, acerca do poder de uma herva desconhecida, que o pica-páo arranja para forçar a entrada do seu ninho tapado por mão maldosa, dizem Plinio no "Peri zöön idiotêtos", Eliano na "Historia dos animaes", e Albertus Magnus, no "De mirab Mundi".

João Ribeiro estuda completamente esse culto proto-historico, com suas variantes e suas fórmas as mais diversas, exhaurindo completamente o assumpto sob esse aspecto.

Como, no emtanto, até hoje nenhum dos que colligiram a superstição referida narrou a maneira como um individuo se apodera da tal folha magica, segundo acreditam os sertanejos, vou tentar descrevel-a neste artigo, ajudado das lembranças que me ficaram de tel-a ouvido contar na meninice, na alpendrada da casa da fazenda ou sob o telheiro das casas de farinha, pelos cabôclos velhos, conhecedores profundos da rude vida dos habitantes da Terra de Sol.

A velha crença humana na virtude da folha do pica-páo assegura que, quando elle a trás no bico, afim de abrir o buraco que arrolharam com uma pedra, póde-se obrigal-o a deixal-a cair. Desta sórte, um individuo della facilmente se apodera.

Vejamos, pormenorisadamente, qual o processo indicado pelo sertanejo, mesmo pelo homem do littoral, do Ceará, para a obtenção do grande talisman:

Um sujeito "disposto", valente, vae, na noite de S. João (alguns tambem dizem na noite de Natal), ao pé de uma arvore onde haja um buraco de pica-páo, não abandonado, mas com os filhos do passaro lá dentro, e ali estende sobre as hervas e folhiços séccos do chão um panno branco. Depois, tapa a bôca do buraco com uma velha fechadura de bróca. Outra coisa não serve. Uma pedra resiste menos ao effeito da fôlha magica do que o ferro dessa fechadura antiga. Tendo executado isso tudo, o sertanejo esconde-se por trás do tronco, de faca nu'a na mão, prompto para arrostar qualquer luta.

A' meia-noite em ponto, o pica-páo vem para o seu ninho. Encontra-o tapado e não póde entrar. Após ter tentado remover o obstaculo com o forte bico, vôa e vae buscar "muito longe" a fôlha que ha de ser o seu "Sesamo". Quando volta com ella no bico e vae encostal-a á fechadura resistente, para forçal-a, o homem sáe do seu esconderijo e assusta-o com gritos, erguendo os braços, fazendo relampear a faca nu'a. A ave deixa cair a fôlha, abrindo o bico para defender-se. E' o que o individuo desejava. Abaixa-se para apanhal-a sobre o panno branco, porém não póde fazel-o. O pica-páo transformou-se de subito num bicho fantastico! Tem o sertanejo deante de si um monstro, uma especie de lobishomem de poupa escarlate no alto da cabeça. Por isso é que é necessario ter "disposição", ter coragem, para tentar o feito.

Trava-se a luta, que dura muito tempo. A faca, a "parnahyba" do Cariry, por melhor temperada que seja, arranha, mas não rompe o couro do tal bicho!

Felizmente, já a manhã vem perto. Ao primeiro canto do gallo, o monstro, voltando á primitiva fórma de pica-páo, vôa como louco

pelo silencio da matta em fóra. E o homem, apanhando a folha caida sobre o panno branco, fatigado da luta, regressa á sua casa, conduzindo comsigo a Felicidade.

João Ribeiro encontrou fórma, variações e raizes dessa superstição nos escriptos de sabios, theologos ou simplesmente annalistas pertencentes ou ligados á civilisação aryana. Como subsidio á questão, venho trazer, além da explanação do curioso "processus" de acquisição da folha, uma nota da virtude que tem o pica-páo de abrir o que estiver fechado, que acabo de encontrar localizado no meio das raças do continente africano.

Abramos o capitulo IV — "Fetichisme-animaux Guinnés" — do interessantissimo livro do sr. Blaise Cendrars sobre o folk-lore das varias populações negras, mestiças de negro e arabe ou negroides da Africa, a "Anthologie Négre", edição de "La Siréne", Paris, 921. Ahi encontraremos um conto bem africano, colhido entre tribus da raça Subirjá, no qual o bico do pica-páo exerce as mais altas funcções.

Em resumo, a narração é esta: Um animal formidavel, monstruoso, immenso, chamado Séédimivé, que era muito malvado, tendo-se aborrecido um dia, porque os homens descobriram uma de suas astucias, abriu a bocarra e engoliu uma aldeia inteirinha: casas, cercados, animaes domesticos e todos os habitantes. Sómente escapou a essa catastrophe uma lebre, amiga dos homens, que se escondeu num buraco.

De barriga cheia, o fabuloso animal Séédimivé partiu pela terra afóra. Lógo que desappareceu, a lebre saiu do seu esconderijo e deu o alarma. Todos os animaes accorreram e resolveram seguir o bicho devastador. O leão, o leopardo, o alce, o buffalo e o antilope seguem-no pelo rasto, avistam a poeira que elle levanta, andando; no emtanto, não pódem attingil-o. Felizmente, o cão selvagem e a hyena o perseguem e o matam a frechadas.

(Um parenthesis: nesta parte do conto em que os animaes, da maneira descripta, perseguem o monstro Séédimivé, parece haver simplesmente indicações lotemicas de individuos. Cada um delles deveria ter o appellido de um animal-totem. Dahi, talvez, as frechas da hyena e do cão selvagem.)

Morto o Séédimivé, é preciso abrir-lhe o ventre, afim de salvar a população engulida. A hyena e o cão chamam todas as aves de bico forte para tentar a empresa. A aguia é a primeira a bicar o couro da barriga do monstro. Quebra o bico e canta, tristemente:

"Tjolô ntjô, ntjô, ntjô, ntjô.
Meu bico quebrou-se,
O bico que me deu Samokungá
Samokungá de Léza."

Depois, o martinho-pescador, a garça e o abutre quebram os bicos e cantam a mesma copla. Chega o pequeno passaro katuitui, que, apezar dos remoques dos outros ao seu tamanho, lança-se ao trabalho e consegue fazer na pelle coriacea da bêsta morta, depois de longo esforço, um buraquinho redondo, quasi imperceptivel. Então, a bicharada presente cáe na gargalhada. Ora, tanto trabalho para aquelle buraquinho! O pequeno e pretencioso katuitui é corrido debaixo de vaia. O grou, que fôra o primeiro a afastal-o com um repellão de aza, mette o bico no couro de Séédimivé e quebra-o. Immediatamente, o buraquinho redondo feito pelo katuitui fecha-se por si, completamente. Todas as aves o chamam de novo. Elle volta e se põe a cantar, infindavelmente:

"Tueré! tuentué! ntuentué!"

Martella com o bico forte a armadura do animal morto: o buraquinho redondo torna a abrir-se. Elle continu'a a bicar e a cantar:

"Tueré! tuentué! ntuentué!"

A abertura vae augmentando, augmentando, augmentando, até que fica immensa e por ella saem gados, homens e casas engolidas...

Quem é esse passaro pequeno, o katuitui, que abriu magnificamente o que nenhum outro mais possante poude abrir? Responda o sr. M. Delafosse, no seu "Vocabulaire comparatif de plus de 60 langues de la Côte Ivoire": é o "picus" de Plinio, o nosso conhecido pica-páo...

João DO NORTE.

"Fon-Fon" - 3-Dez°-1921

Como se muda Quando se passam muitos annos e durante elles não vemos uma pessôa amiga, conservamos guardada a lembrança do seu aspecto physico tal qual o conhecemos. De maneira que, logo que revemos o individuo, temos a decepção de encontral-o sempre differente do que o deixamos. E' que não acompanhamos de perto, constantemente, as suas transformações, e as occorridas durante o longo periodo de ausencia nos enchem de espanto.

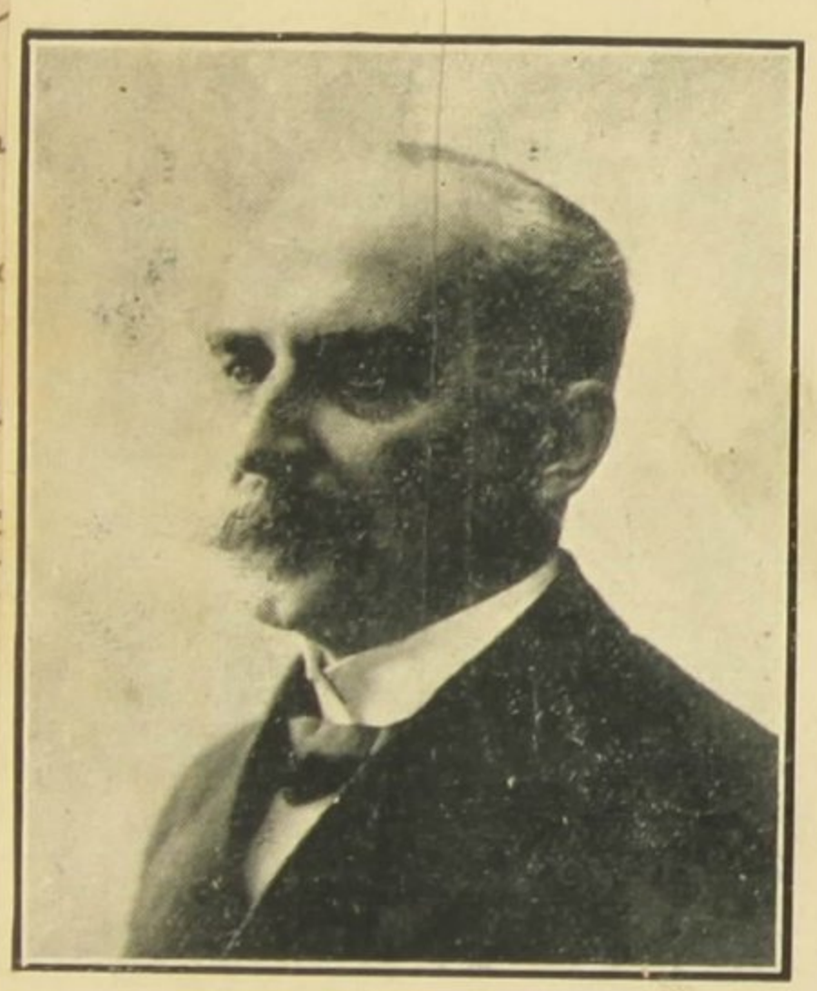
Deviamos, no emtanto, ter sempre presente ao espirito o

ensinamento das mais velhas philosophias humanas: «o homem é simples apparencia e suprema mentira».

Com effeito, nenhum homem se mantém identico toda a vida. Muda physicamente e moralmente, para peor ou para melhor. E deante do eterno e do justo, deante da divindade immutavel, que essas velhas philosophias estenderam sobre a eternidade do universo, a successão de apparencias diversas que é o homem não nos parece mais uma mentira do que outra cousa?

O PAIZ DO KALEVALA

Entre o Oriente e o Occidente, dividindo-os um do outro, ha na parte septentrional da Europa um paiz curioso e nobre, que teve a gloria de saber manter sempre, através todos os regimens e todas as épocas a sua autonomia nacional. E' a Finlandia, habitada por uma laboriosa e sympathica população de raça finneza e escandinava ou mestiça de ambas. Os que não estavam antes da guerra mundial bem familiarisados com a geographia politica européa, conhecendo lhe os mais infimos pormenores, acreditavam que esse paiz



K. J. Stahlberg, Presidente da Republica Finlandia.

fôsse uma simples provincia do Imperio Moscovita. Entretanto, a Finlandia teve sempre sua vida economica e politica propria, sendo mais ou menos senhora dos seus destinos, tanto quando fez parte da monarchia sueca como quando foi unida á Russia imperial.

Falando o finnez ou o sueco, o seu povo que produzira a maravilhosa epopéa do Kalevála, guardada na memoria collectiva ou escripta em caractéres runicos, na qual se eternisou a memoria do talisman magico Sampo e do grande heróe Wainamoinen, manteve pelos seculos trevosos da edade media em fóra o amor das suas instituições liberaes que jamais fôram postergadas. Constante, fiel, respeitadora da lei, essa população ordeira e simples de quasi quatro milhões de almas prestou um valisoso serviço á humanidade inteira ha bem pouco tempo ainda. Emquanto a Polonia deteve á margem do Vistula, numa Segunda Batalha do Marne, a invasão bolschevista, a Finlandia impedio-a de passar no Norte da Europa, isolando a na Moscovia. Fôram os seus heroicos soldados, descendentes dos guerreiros que formavam dois terços do exercito da Suecia, na Guerra dos Trinta Annos, que detiveram o alude dos bolsehevistas em direcção ao Occidente pela porta de sahida do Baltico.

Unida á Suecia, a Finlandia viveu o maior tempo da sua vida, pacifica e livremente, até que essa nação escandinava desempenhou, embora durante pouco tempo, o papel de grande potencia européa, procurando deter a hegemonia politica do Norte, que as armas de Pedro I roubaram ao temerario Carlos XII em renhida batalha.

Diminuida a influencia sueca, a Russia começou a avançar para a Finlandia até que a reunio á sua corôa, após *generis* não diminuio as liberdades finlandezas. Contra ellas tambem não prevaleceu a autocracia de Nicoláu I nem a tortuosa politica de Nicoláu II.

De todos esses perigos escapou intacta, apezar das difficuldades, a alma nacional da Finlandia. E as suas armas, quando da dissolução da monarchia moscovita, repelliram a invasão do Bolschevismo.

A 6 de Dezembro de 1917, a Dieta da Finlandia proclamou a independencia e soberania do Estado Finlandez, constituido em republica democratica, tendo á frente de seus destinos os seus melhores homens de governo. E a sua independencia foi reconhecida *de jure* por todas as nações do Universo, entre as quaes a Finlandia só merece respeito e admiração pela liberalidade da sua politica e pela honestidade do seu trabalho fecundo.

J. N.

"Selecta" - 3-12-94

O ASSOMBROSO TEMPLO DE MADURA

Raros os viajantes que têm a curiosidade de ir até os paizes mais recuados do oriente, á India, por exemplo. Mais raros ainda os que, indo á India, vão até ás regiões da Indo China vêr as maravilhas de Angkor-Wat; á ilha de Elephanta, vêr o sanctuario de Ellora, ou ao Dekkan, á terra dos Dravidas, á India meridional, contemplar o templo extraordinario de que damos aqui duas photographias.

Na vasta região do sul da India, onde as communicações são difficeis e se mantêm as mais velhas tradições brahmanicas, encontram-se os mais raros thesouros da arte magnifica dos antigos indús. Esse immenso paiz foi cantado pelo grande poeta Valmiki nos versos bronzeos do «Ramayana» e do «Mahabarata». Ahi ficaram os mais fortes vestigios da velha religião da Trimurti, da divina trindade de Brahma, Shiva e Wischnú, avó das outras mythologias e antepassada do Christianismo. Ahi estão os templos imponentes de Madura, de Kurivukarré e de Trichinopoly, diante dos quaes a imaginação occidental fica absorta e ás vezes arripiada de incontida admiração.

São gigantescos, maravilhosos, portentosos templos, de pedra rendilhada, erguendo-se no céu azul, entre os bosques de palmeiras, immensos, variados, paradoxaes, faulhantes de ornamentação, parecendo o sonho dum cerebro doentio.

Das tres religiões da India actual — musulmana, budhista e brahmanista, com suas mesquitas, pagodes e templos, sómente a ultima de verdade passa acima das outras pela imponencia, exhuberancia e grandeza de sua architectura. Seus templos são de pedra trabalhada, ascendendo para o céu em fórma de pyramide truncada, pejados de esculpturas e florões, edificios dos mais interessantes e imponentes do mundo inteiro.

Este que está nas photographias juntas, mirando-se no tanque de agua pura e sagrada das abluções rituaes, como Janaidar, a cidade dos Deuses, dos Immortaes, segundo as velhas tradições, se mirava na tremulina doirada dos lagos celestes, é o magestoso templo de Madura, o mais bello da India depois do «Gopurams» de Trichinopoly.

Sua construcção data de quinze seculos, quando florescia a sua antiquissima cidade, governada por uma dynastia de reis batalhadores. Comprehende tres recintos, um dentro do outro, divididos por jardins e habitado por uma população de religiosos de differentes gráus e funcções: «pundits» (sabios), «fakirs» (prégadores) «saniassis» (peregrinos), «bayaderas» (virgens), «devadassi» (dansarinas sagradas), «jogi» (meditadores), «poromhumgse» (padres interiores).

Dentro do terceiro recinto elevam-se cinco torres consagradas a cinco divindades. Sobre as paredes externas vê se esculpida a historia das infinitas encarnações e transfigurações de Wischnú a quem é dedicado o templo.

O que se vê nas nossas photographias é sómente uma das torres em duas posições.

Presentemente Sua Alteza Real o Principe de Galles visita demoradamente essa grande maravilha architectural.

Os criminosos Encontrei outro dia, n'uma barca de Nictheroy, um assassino que conheço de vista e que o nosso jury inqualificavel deixa que perambule por ahi. Senti me perto d'elle, com a intenção de observal o, de estudal-o, curiosamente.

Ao meio da bahia, elle abriu um jornal e começou a ler. De repente, vi lhe os olhos marejados de lagrimas. Limpou as com o lenço, disfarçadamente. Eu tinha o mesmo jornal que elle. Abri o na pagina que lia e procurei qual a noticia que o emocionára. Achei a. Era a d'uma familia

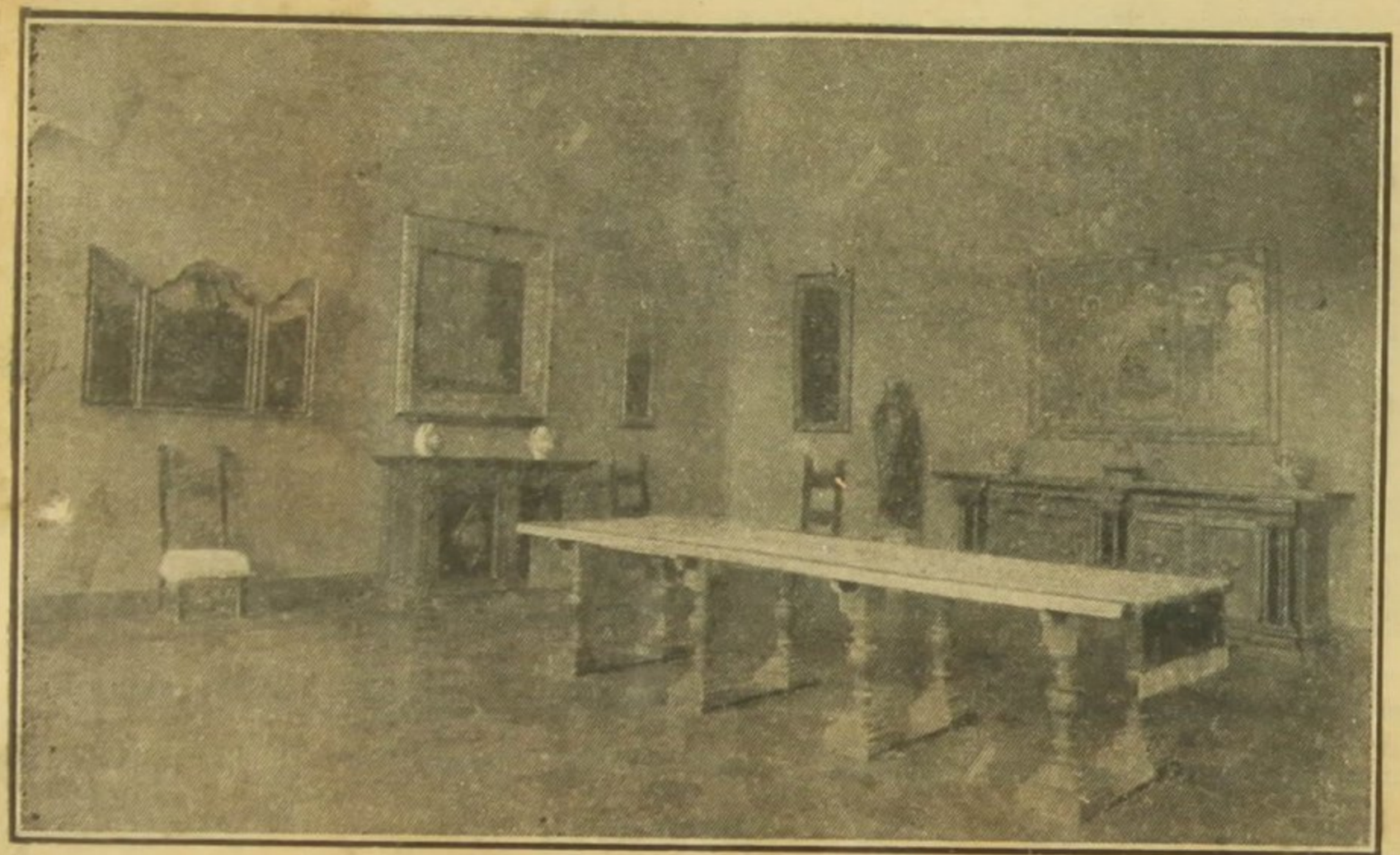
encontrada no morro de São Carlos, na mais profunda miseria. Uma scena horrivel! E aquelle sujeito que perversamente, segundo os jornaes, já matára outro homem, «seu semelhante, seu irmão», ficára de olhos razes de agua, deante da descripção mal feita por um reporter atôa d'uma scena de miseria commum no Rio de Janeiro.

Pensei algum tempo e por fim murmurei:

— Talvez Dostoiewsky tenha razão: «a maior parte dos scelerados é melhor do que geralmente se pensa»...

"Selecta"
3-Dez°-1921

O "PALAZZO VENEZIA"



Sala dos Paramentos do papa Paulo II, no Palazzo Venezia.

O antigo palacio Venezia, que pertencia á Austria e hoje é da Italia, obra sumptuosa no estylo do Renascimento, construido em 1455 pelo cardeal Pietro Balbo, que depois subio ao solio pontificio da christandade com o nome de Paulo II teve recentemente algumas salas e aposentos restaurados no seu antigo esplendor. Entre ellas, mui especialmente, a parte que habitou outróra o referido Papa.

No decorrer de varios seculos muitas das suas riquezas—moveis, razes, quadros e armas fôram vendidos a diversas pessôas e passaram a ornar os solares da aristocracia italiana.

A Directoria Geral de Bellas Artes da Italia, após grandes esforços e despezas, conseguio rehaver a maioria dos objectos dispersados, todos elles do mais puro estylo Renascença. Os quadros são dos mais illustres pintores. As armas dos melhores armigeros. Os pannos de Arraz dos mais celebres tapeceiros.

Entre os aposentos reconstituidos estão os que as nossas gravuras representam. A sala dos paramentos do papa Paulo II, que data do periodo de 1455 a 1476, com moveis lavrados e triptycos admiraveis. O aposento particular do mesmo pontifice, com quadros e marmores, tapeçarias e estollas, archibancos e baixo relevos de alto valor. Emfim, a Sala d'Armas, verdadeiro museu militar da época, em cujos muros se enfileiram lanças e piques, ascúmas e azeumas, javelinas e dardos, partazanas e bisarmas, alabardas e facas de brecha, cutellos e linguas de boi, de cujos trophéos pendem espadas e claymores, custilhas e braquenastes, cinquedéas e sicas, floretes e lansquenetas, onde se vêm salavas, bacinetas, cascos e morriões, armaduras, rodelas e broqueis, estandartes, pendões e bandeiras que o vento dos combates açoitou, bestas, montantes, maças, arcabuzes, escopetas e pistolas, todo um arsenal de historia militar.

"Selecta" 3 - Dezembro - 1921

DANÇAS GREGAS NA AMERICA

De certo tempo a esta parte pegou a moda das dansas artisticas classicas. E artistas de notoriedade mundial como Isadora Duncan contribuiram fortemente para o triumpho social dessa choreographia.

Então, imitaram-se os modelos que nos legou a Hellade antiga, patria da Belleza e sobretudo da Harmonia. E por todo o mundo se começa a apreciar com enthusiasmo as dansas classicas que o esquecimento sepultára e que os requintes do bom gosto moderno fizeram ressuscitar, mantendo os nos seus eternos cánones estheticos.

O mais interessante, porém, é que um dos povos mais jovens da terra foi justamente aquelle que logo mais preferencia demonstrou pe as dansas classicas. E, de norte a sul, todos os Estados Unidos começaram a amar profundamente a choreographia maravilhosa da Hellenia.

Não ha, com effeito, festa alguma na America do Norte, especialmente na alta roda da Plutocracia, que não conte no seu programma pelo menos um numero de dansas gregas. Nos parques das sumptuosas vivendas dos grandes millionarios, á luz dos fócos electricos ou do luar mesmo, as nymphas, musas e bacchantes yankees, bailam esplendidamente. Theorias de jovens seivosas e lindas, vestidas como as antigas auletridas athenienses, dão-se as mãos fidalgas nas rondas deliciosas, pés nús agilmente deslisando sobre os soberbos gramados. E os ephebos musculosos, enrolados em pelles de animaes selvagens, as perseguem ao som dôce das frautas magicas dos deuses florestaes ressuscitados..

A Legião de Honra

Em recompensa de seus serviços á grande causa dos Alliados, no Parlamento Brasileiro e na Imprensa, durante e após a guerra européa, nosso querido companheiro Gustavo Barroso (João do Norte) acaba de ser agraciado pelo governo francez com a Cruz da Legião de Honra.

O Embaixador da Republica Franceza no Brasil communicou lhe o auspicioso facto por meio do seguinte despacho : « Petropolis 5 — Je suis heureux vous annuncier votre nomination au grade de Chevalier de la Légion d'Honneur. *Alexandre Conty*

"Fon-Fon" 10-12-921

"Revista da Semana" 3 Dezembro 1921

OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

Gustavo Barroso, quando representante do Ceará na Camara dos Deputados, redigiu um projecto de lei denominando o 1° Regimento de Cavallaria *Dragões da Independencia*, ao mesmo tempo que lhe dava o uniforme tradicional, com o qual figurou no grito do Ypiranga. O projecto foi victorioso na Camara, porém desappareceu em qualquer pasta no Senado.

O momento é agora mais que opportuno para reviver a idéa do elegante escriptor. Dentro de um anno commemoraremos o nosso Centenario.

Em todos os ramos da nossa actividade, procura-se, em todo o Brasil, saber o que fomos e o que fizemos. E a tradição, assim pesquizada e estudada, ha de manter a Nação no caminho da sua continuidade historica.

O Exercito deve ser o guarda das nossas mais legitimas tradições. E dentre as unidades que figuraram em nossas forças de terra nenhuma tem fóros de mais nobreza e maiores serviços prestados ao Brasil que o Regimento aquartelado na avenida Pedro Ivo.

O 1°. Regimento é mais velho que a Nação independente. Organizado em 1808, nunca mudou de numero, nem guarnição.

Foi em todos os tempos o regimento da guarda dos nossos successivos governos. Escoltou, por isso, o Rei, os dois Imperadores, e todos os nossos Presidentes de Republica. Mas nunca deixou, nos grandes momentos da nossa Historia, de acompanhar o sentimento geral da Nação.

Em 1822 cavalgou com o principe regente para S. Paulo. Nas margens do Ypiranga, conforme se vê no celebre quadro de Pedro Americo, lá estava o Regimento, envergando os seus capacetes, as suas fardas brancas com paramentos escarlates, as suas botas couraceiras, com os sabres alçados como prestando o juramento sagrado: *Independencia ou Morte*.

Depois, bateu-se heroicamente em Ituzaingo; formou, ao lado do povo, no 7 de Abril; e, finalmente, foi o mais poderoso factor armado para a proclamação da Republica, em 15 de Novembro de 1889.

A administração da Guerra parece desinteressar-se das nossas tradições. Por isso surgiu agora, na imprensa paulista, a idéa da Policia adoptar os uniformes dos Dragões da Independencia.

Em 7 de Setembro de 1922 um esquadrão da Força Publica de S. Paulo, envergando o uniforme tradicional, daria guarda de honra ao grandioso monumento que o governo de S. Paulo mandou erigir na collina historica. E dahi em deante tal esquadrão continuaria, com o mesmo uniforme, a formar a escolta official do Presidente do Estado de S. Paulo.

Não acreditamos que isso aconteça. O 1° Regimento de Cavallaria é o unico que tem o direito de vestir o uniforme memoravel. Um dos seus esquadrões deve, em 7 de Setembro de 1922, assistir á inauguração do monumento, vestindo o mesmo uniforme que, cem annos antes, era envergado pela escolta de Pedro I.

83

"Revista da Semana" 1ª quinz. de Dezembro - 1924

Os bandeirantes no "folk-lore" brasileiro

GUSTAVO BARROSO

(Do livro AO SOM DA VIOLA, estudo admiravel do *folk-lore* brasileiro nas suas diversas phases historicas, segundo as divisões regionaes do Brasil).

AS lendas oriundas dos colonisadores, lendas de penetração, quer sob forma de *historias*, quer sob a de poesias, que symbolisam os perigos das florestas virgens, as agruras das serranias immensas, o deserto das planuras, o desconhecido das chapadas, com as feras a vagar famintas, uivando, podem todas ser reunidas num cyclo unico, porque todas tendem para o mesmo fim, vêm da mesma origem, nasceram com o caminhar das explorações do littoral para o interior. E a denominação desse cyclo não pode ser outra senão a de cyclo dos Bandeirantes, visto como sob esse titulo glorioso se comprehendem não só os destemidos paulistas que varejaram os sertões, como todo e qualquer outro conquistador, explorador ou aventureiro do mesmo estofo—um Duarte Coelho Pereira, da Parahyba, um Pero Coelho ou um Martim Soares Moreno, do Ceará.

Foram elles, esses homens affeitos á dura vida dos campos sertanejos, que romperam as florestas seculares, lutando contra o aborigene, o clima e as bestas ferozes, que atravessaram geraes, pampas e taboleirões ao galope ligeiro dos cavallos magros ou a passo moroso, seguro, paciente e incansavel. Foram elles que exploraram a aspereza das montanhas, subiram as rampas resvaladias, grimparam de rastos pelos alcantis, dormiram á beira dos precipicios, passaram os largos rios a nado, e em pontes pensis de cipós, que balouçavam ao vento, as torrentes estreitas, espumejantes, roncando raivosamente entre parecdes ingremes de gargantas esconsas Escalaram as ribanceiras com os punhaes nos dentes, os punhos sangrando, o rosto avermelhado pelas urtigas. Atravessaram as catingas e varzeas de chilfarotes nús, rasgados pelos espinhos, olhos afusilando , á espera das lutas !

A' noite, quando fechavam as palpebras lassas, enrodilhados nas mantas remendadas, ao pé das fogueiras, um ficava atalaiando o denso negrume do sertão hostil. Subito, um grito esganiçado cortava a treva. Logo, as corujas caladas se afastavam em vôo rasteiro, os uivos de raposa diminuiam ao longe. E tiniam as armas, borborinhava a bandeira. Os homens agachavam-se ás pressas por traz das moitas e das pedras. Estrondava a mosquetaria. E a tribu, que rastejara quasi até junto da sentinella, não logrando a chacina da surpresa, escoava-se em fuga sorrateira. Depois, os bandeirantes heroicos reatavam o somno.

Além de creadores de lendas e de cançôes consubstanciadoras dos perigos atravessados, da hostilidade do meio em que pelejaram, foram os propagadores de todas as que encontravam, especialmente das que lhe legou o indio vencido.

As suas creações no dominio do « *folk-lore* » são tristes, mesmo ás vezes sombrias, lugubres. Representam a natureza selvagem, hispida, inimiga, que tiveram de dominar. São cheias de medos e de espantos, quasi sempre perfumadas por uma saudade immensa. Têm a tristeza da solidão em que se estiram as leguas ermas dos campos geraes, do eterno gemido dos burytizaes imponentes, do sussurro perenne e melancolico dos vastos carnahubaes, das sombras magestosas das cordilheiras se espreguiçando sobre o tapete verde dos plainos, das negras terras revolvidas das grupiáras, da côr barrenta dos rios enormes que não reflectem o azul do ceo. Têm a tristeza impressionadora das florestas gigantes, onde o homem, amesquinhado ante a natureza portentosa, procura com os olhos a cupola das arvores altissimas. Cerca-o uma multidão de folhas, irrompendo do sólo e dos ramos em brutal explosão de vida — arredondadas, lanceoladas, rendilhadas, finas, pontudas, rebrilhantes como laminas, viscosas como cobras, adversarias de quem passa, atacando-o pelos espinhos, pelas secreções, pelas serrilhas e pela jussára. Lianas pendem em fios tristes, reunem arvores como lios grossos, abraçam-se aos troncos musgosos, sobem pelos galhos, galgam os cumes dos gigantes vegetaes, das perobas, dos jequitibás, das samaúmas, dos ipês, enrodilham-se entrecruzam-se, entrelaçam-se. Nas tronqueiras vetustas, carcomidas, as orchideas, as jytiranas desatam os cachos arroxeados. Cobrem o chão a relva basta, as moitas crespas, galhos e folhas mortas. Aqui, alli alumiam marneis, onde as folhiças apodrecem entre a espuma dos sapos e o lento mexer das cobras d'agua.

Naquella magestade de cathedral, os ruidos são mais tristes que o silencio completo. Geme um galho roçando n'outro. O martellar isochrono do picapáu enerva. Ha mil silvos quasi imperceptiveis, de insectos, de passarinhos, de punarés. O vulto leve dos caxinguelês, dos saguis, dos micos, das mucuras passa de ramo em ramo. Sussurrejam jandahyras, abelhas-canudo, maribondos. Ao longe, contrastando com a obscuridade dos intrincados da selva, orladas de palmeiras novas e de fétos vistosos, rebrilham as manchas de ouro das clareiras.

As lendas e as cantigas representam esse meio selvatico, imponente, perigoso. A sua psyché apprehensiva é a da gente lutadora que as imaginou em combates e perigos, que as colligiu, que as transformou ou que as propagou.

Em primeiro logar, nesse cyclo vêm as lendas que recordam os combates com as cabildas tapuias tupininquins, aymorés, botocudas ou paiacús, á luz da lua ou sob o esplendor do sol, entre silvos de frechas e roucos sibilos das palanquetas e pregos dos cabuzes, o retinir dos aços nos tacapes e o resfolegar dos homens abraçados, rolando pelo capinzal, hoje quasi esquecidas ; e as que lembram as primeiras mestiçagens, os primeiros amores entre os homens brancos invasores e as mulheres côr de bronze, das quais a de Iracema é o expoente litterario. Depois, as das florestas e das aguas, dos despenhadeiros e dos paus em cujo meio se podem incluir as varias herdadas do indio, symbolisadoras dos perigos do mattagal e do rio — a do caipora, a do batatão, a do sacy e a da yara ou mãe d'agua. Nesta segunda categoria ainda se podem incluir a dos gigantes que devoram os passageiros, a dos pescadores mysteriosos que pescam á noite sem que ninguem os veja, as das arvores que sugam os aventureiros como polvos, segurando-os ao passar com as pontas dos galhos, e a das serpentes que nem o fogo chamusca ou que voam pelo ar, como a Caninana.

As lendas da mãe d'agua, do sacy-pererê e do caipora ou *currupira*, como dizem alguns sertanejos de Nordeste, são por demais conhecidas, não valendo a pena reedital-as. A seu respeito corre mundo uma série de versos populares, que têm até influenciado producções litterarias de maior alcance. A esse respeito pode-se consultar o « Cancioneiro do Norte » de Rodrigues de Carvalho, pags. 54 e 61. Infelizmente não houve quem recolhesse todas as historias e versos relativos ás primeiras lutas e ás primeiras mestiçagens com o indio. Ellas perderam-se já na memoria dos sertões e será quasi impossivel determinar hoje em dia os primeiros limites desse cyclo admiravel. As lendas adaptadas do indio pelo contacto que com elles teve o bandeirante viveram melhor até nossos dias. Ha livros sobre o sacy endemoniado. Todo o mundo conhece o poder do caipora sobre os caçadores e as caças, o mesmo poder do salmão encantado dos Hupas da California sobre os pescadores e as pescarias.

"CORREIO - PAULISTANO" - 8 - Dezembro - 1921

A ALMA DOS PROVERBIOS

Nas literaturas oraes e tradicionaes de todos os povos, communs, impessoaes e espontaneos, reflexo da alma collectiva da raça, os proverbios, rifões, dictados ou anexins representam saliente papel. Tanto é grande o seu valor nessas manifestações folk-loricas, que geralmente se chama "sabedoria popular" ou "sabedoria das nações" á infinita collecção desses brocardos. Elles são, em todos os povos, um dos mais primitivos monumentos da lingua e do espirito nacional. Surgiram antes das epopéas e das satiras. São contemporaneos das primeiras poesias. Muitas vezes se apresentam em fórma de verso, o que é reminiscencia das primeiras rimas e ao mesmo tempo um meio mnemonico para se não perderem pelos seculos em fóra.

A proposito dos proverbios, Paul Lacroix disse estas palavras no seu admiravel livro "Sciences et Lettres au Moyen Age et á l'Epoque de la Renaissance" (edição illustrada de Firmin Didot — Paris — 1877):

"Cada povo imprime desta ou daquella maneira aos seus proverbios familiares um caracter proprio e distincto, que accusa a sua nacionalidade.

Entre os italianos, é espirituoso e fino. Entre os hespanhóes, é orgulhoso e ousado: emprega de preferencia expressões elevadas e pertence aos nobres. Entre os francezes, é sobretudo incisivo e zombeteiro; nasceu nas classes baixas e não tem receio de atacar os grandes e os ricos, affectando uma liberdade de linguagem que vai até á licença. Na Inglaterra, na Allemanha, entre os povos septentrionaes, é severo, frio, compassado e pedante. Por tudo e em tudo o empregam, em todas as classes sociaes, para caracterizar acto individual, facto particular ou de ordem geral. Não o explicam nunca e comprehendem-no sempre."

Os proverbios vêm da mais remota antiguidade.

Na Biblia, nós encontramos o livro dos Proverbios de Salomão.

E, durante a Edade Média, houve grande celebridade o livro intitulado "Dictz de Salomon et de Marcol". Este ultimo representava a razão humana e pedia explicações praticas da vida ao primeiro, que era a razão divina e lh'as dava sob a fórma pittoresca dos rifões. Tal obra existiu em quasi todas as linguas européas nos tempos medievaes: florentim, provençal, catalão, castelhano, flamengo, francez e teutão. Seu estylo era mais ou menos este:

"Qui sages hom sera
Ici trop ne parlera."
Ce dist Salomon.

"Qui ja mot ne dira
Grand noise ne fera."
Marcol lui respont.

Os proverbios rimados, vindos de tempos antiquissimos, passados do latim para as linguas barbaras ou filhas degeneradas do latim, augmentados, modificados, arranjados ao sabor dos povos que delles se apoderavam, tiveram na Média Edade e na Renascença uma voga formidavel. O povo de França os estimou mais do que qualquer outro. Foi entre elle que surgiram os "Motz dorés du grand et saige Caton", de Pierre Grosnet, o anonymo livro de dictados "Grand Chaton", ambos os quaes demonstram que vêm de Marcus Catão, indigitado autor do livro "Disticho de Moribus", apparecido no setimo seculo em latim barbaro; a selecta apocrypha de "Proverbes aux Philosophes", os "Dits des Philosophes", em quadrinhas como esta:

"Tan vaut amour comme argent duce:
Quant argent fault, amour est

nule.

Qui despent le sien folement,
Si n'est amés de nule gent";

outro tomo de "Dits des Philosophes" do preboste Guilherme de Tignonville; o "Petit traictie moult proffitable intitulé des dicts moraux des philosophes"; o "Proverbes, adages, etc.", do condestavel de Bourbon; o tambem anonymo "Proverbes aux vilains; o "Proverbes communs", do prior do Clairvaux; o "Dit de l'Apostolle" (o papa); emfim, todas as paremias por que se iniciavam os Rimances de Perceval, de Erec e Enide, de "Baudoin de Sebourc troisieme roy de Jérusalem", a velha "Chronique de Rains"; toda essa bibliotheca vultuosa e sobremodo curiosa demonstra que importancia gosava nessas priscas éras o proverbio popular.

A civilização medieval hispano-portugueza desabrocha mais tarde do que a franceza, por causa da conquista arabe. Portugal se erige em nação no seculo XII e nós vemos que já no VII seculo o "Distticho de Moribus" dava aos clerigos da França noticia dos velhos dictados da latinidade. Assim, certamente, foi de França que elles emigraram para a Hespanha e dahi para a Lusitania, de onde vieram para o Brasil. Aqui, conforme as regiões em que se localizaram, consoante á lei apontada no inicio desse estudo, se adaptaram á alma do habitante e se enfeitaram com a sua maneira original de dizer.

Uma das faces do folk-lore que parece á primeira vista mais original no sertão nordestino é a dos anexins. Entretanto, não é. Elles se apresentam á sertaneja; mas no fundo são os antigos brocardos da "sabedoria popular" communs a todos os povos e em todos espontaneos — porque a experiencia humana em qualquer parte só póde ser sempre a mesma.

Encontramos, nos livros medievaes gauliezes de proverbios, alguns que nem a nossa lingua nem o tempo decorrido conseguiram transformar. Por exemplo: "Borne est roy entre avengles" — Em terra de cegos quem tem um olho é rei. "Ce n'est pas or tout ce qui luit" — Nem tudo que luz é ouro. "La nuit porte conseil" — A noite é boa conselheira.

"Tout vray n'est pas bon á dire" — Nem todas as verdades se dizem.

No Nordeste do Brasil, o dictado emigrado da velha civilização occidental através a Peninsula Iberica tomou, em muitos casos, forma accentuadamente sertaneja, ficando logo de accôrdo com o pensamento do habitante e o meio physico em que elle se move, embora guardando o mesmo fundo moral com que o poderemos encontrar numa pagina de Cervantes ou no "Grand Chaton" medieval.

O **vieux vaut em tien que deux tu l'auras** dos "Proverbes vulgaux et Moraux" é o ancestre do "mais vale um passaro na mão do que dois voando", e este é o pae legitimo do dicto sertanejo: **mais vale um ovo no ninho do que dois no interior da gallinha**... "Querer abarcar o mundo com as pernas como vaqueiro abarca o vazio do cavallo" nasceu do "quem mais tem mais quer", que veiu do **ki plus a plus convoite**. E de brocardos de feição inteiramente sertaneja como estes dois: "sombra de pau não mata cobra" e "praga de urubu' não mata cavallo", estou que facilmente se encontrarão os avós nos seculos passados, com outra vestimenta de palavras.

Esta é justamente o que mais muda na vida das paremias populares. Vejamos um exemplo classico. Duma phrase do "Velho Testamento", tirou-se um proverbio celebre: **Margaritas ante porcos**. Podemos encontral-o no seculo XV, em França, assim transformado:

"Belles raisons qui sont mal entendues
Ressemblent fleuis á pourceaux estendues."

Em portuguez, fazemos o mote voltar á primitiva forma: "lançar perolas a porcos". E o homem do sertão é mais rude no seu dizer:

"passar manteiga em focinho de cachorro".

Mas a alma dos proverbios na antiguidade classica, na Edade Média, no sertão, na nossa lingua ou em outros idiomas mantem-se sempre identica sob as multiplas variações das fórmas, porque ellas representam espontaneamente a opinião commum e universal dos povos.

João do NORTE

Ás moças do passado...

« As moças do passado estão sentadas num bosquesinho, entre as flôres.

Ellas dizem :

Julgamos que estamos velhos, que nossos cabellos são brancos e que nossos olhos não têm mais o brilho da lua nova. Nada disso é exacto. O unico culpado de tudo é o nosso espelho embaciado pelo inverno. Elle é que põe neve sobre nossos cabellos e deforma os nossos traços! O inverno máu que se apoderou de todo o nosso espelho ! »

(Do «La Flûte de Jade» de Franz Toussaint, traduzido do poeta chinez Tsáo Chang Lang.)

"Fon-Fon" 10 Dez. 1921

Os homens e as mulheres

harmonia hocial, parecerá paradoxo, mas é verdade, é feita do dissidio constante entre os homens e as mulheres. A sua luta minaz e silenciosa não para um instante e é della, da sua differença de pensar e de agir, que resulta a paz e o progresso da terra.

E porque não ha mais profunda união entre os homens e as mulheres? Em primeiro logar, porque seria nocivo, absolutamente nocivo. Em segundo, porque, conforme a opinião de Saint Yves d'Alveydre, « a Mulher é para o Homem, no Estado Social, o que a Natureza é para Deus, no Universo, o que uma faculdade é para um principio... »

Schuré diz mais : « O homem com a sua força creadora tem a tendencia de tyrannides e opprimir a mulhe. A mulher com o seu poder receptivo e plastico naturalmente se esforça para captar e absorver o homem. » E é dessa luta perpetua que sae, por uma comprehensão sub consciente e reciproca dos seus papeis, a harmonia da sociedade...

"O Jornal" - 8 Setembro 1924

A TÈIA DE PENÈLOPE DOS CONTOS

No meu pequeno livro de anecdotas populares cearenses "Casa de Maribondos", inclui um episodio, com o titulo "A Beata", que toda a gente de Nordeste sabe de cór. E' a historia da solteirona e do menino Deus. Eis o seu resumo. Uma beata frequentava todas as tardes a egreja e, ajoelhada diante da imagem de Nossa Senhora, pedia-lhe que lhe arranjasse um marido. Como não déra nunca uma gorgeta ao sacristão do templo, esse resolvera pregar-lhe uma boa peça. Descobrira que o menino Deus ao collo da Virgem Mãe tinha a cabeça movel. Nella amarrou a ponta dum cordel e com a outra na mão foi esconder-se no varandim das tribunas. Veiu a beata e fez a supplica costumeira. Elle puxou o cordel: o pequeno Jesus moveu a cabeça para um lado e outro, fazendo que não. A solteirona sorpresa e indignada ergueu-se, exclamando:

— "Eu não estou pedindo nada a você, seu intromettido! Estou pedindo á sua mãe que é mulher como eu e sabe as "necessidades" que a gente soffre quando não se casa! ..."

Fazendo generosa critica desse volume, o brilhante Tristão de Athayde disse, textualmente:

"A Beata", tirado de Anatole France." Tristão de Athayde leu com certeza uma variante dessa historieta, que pertence a todos os folk-lores do mundo, no "Sur la Pierre Blanche" Com effeito, nesse tomo do mestre, á pagina 11, pode-se ver isto:

"Les Italiens ne demandaient á leurs dieux que des lieus terrestres et des avantages solides. A cet égard, en dépit des terreurs asiatiques qui ont envahi l'Europe, leur sentiment religieux n'a pas changé. Ce qu'ils exigeaient autrefois de leurs Dieux et de leurs Genies, ils l'attendent aujourdhui de la Madone te des saints Chaque parvisse a son lienheureux, qu'on charge de commissions, comme un deputé. Il y a des saints pour la vigne, pour

les céréales, pour les bestiaux, pour la alolique et pour le mal de dents. L'imagination latine a repeuplé le ciel d'une multitude de figures animées, et fait du monotheisme juif un nouveau polytheisme Elle a engajé l'evangile d'une riche mythologie; elle a rétabli un commerce familier entre le monde divin et le monde terrestre. Les paysans exigent des miracles de leurs saints protecteurs et les convrent d'invectives si le miracle tarde á venir. Le paysan, qui avait solicité inutilement une faveur du Bambino, retourne á la chapelle et, s'adressant cette fois á l'Incoronata:

— Ce n'est pas á toi... que je parle, c'est á ta sainte mére".

A historieta é, "mutatis mutandis", a que se repete no Ceará. Entretanto, ella não é de Anatole France, como Tristão de Athayde escreveu.

Ella pertence ao folk-lore italiano e o autor do "Sur la pierre" mostra que nelle a foi buscar. Se ella faz parte das tradições populares italianas, tambem faz das francezas e ibericas, pois quasi sempre são essas mais ou menos communs, e dahi foi que veiu para ás nossas plagas nordestinas. Anatole France dá essa variante e o visconde de Puymaigre publica outra mais approximada do raconto cearense do que a primeira. E foi justamente por ser essa anecdota uma manifestação do folk-lore commum a muitos povos e apresentada com caracteristicos distinctos e especiaes em cada um delles que eu o inclui na "Casa de Maribondos", sem indicação de procedencia, aliás, desnecessaria. De resto, se tivesse de indicar sua fonte de origem, não indicaria o romancista do "Le lys rouge", porém de preferencia ás fórmas desse conto primeiramente apparecidas, com o desenvolvimento do culto catholico dos santos, na Italia, na Provença e na França central.

No remontar essas origens, a gente se não pode deter tão sómente em Anatole. Quem busca na vida dos homens o rastro do sapatinho de vidro ou de veiros da Gata Borralheira peregrina até o Egypto de Amasis e entra no poço da cortezã Rhodope.

Anatole France foi buscar talvez a sua "boutade" do camponio contra o filho da Incoronata no "Novellaja fiorentina" d'Imbriani, nas "Novelle popolari" de Pitré, nos "Novelline popolari" de Comparetti ou nos "Canti e racconti del popolo italiano" de Giuseppe Ferraro, se o não caviu pessoalmente d'alguem, numa de suas viagens ao Vale d'Arno.

Joseph Bédier, que acaba de ser recebido pela Academia Franceza e é talvez o mais erudito dos modernos folkloristas do seu paiz, explica muito bem a força da vida e transformação dos racontos populares, nesta sua simples phrase do bello livro "Les Fabliaux": "Les contes sont des organismes vivants dont un caractére remarquable est la longevité: le secret di cette longevité reside dans la perfection de leur charpent essentielle..."

Ora, nenhuma anecdota popular possue esqueleto mais admiravel do que essa da Beata furiosa contra o Bambino, cujas variantes mudam o sexo dos personagens, mas nunca o tecido gracioso do enredo.

Nada caminha mais depressa duma civilisação para outra, nada se transporta mais rapidamente da alma dum povo para a de outro, logo se adaptando á feição do seu novo meio, do que o conto popular.

Jacob Grimm dizia, na sua "Deutsche Mythologie": "o conto tem azas". E é um difficil problema verificar onde os contos populares, que achamos no sertão do Brasil ou no planalto aryano, no Occidente europeu ou nas regiões da Africa, nasceram. Mesmo os modernos folkloristas mais abalizados são já de opinião que essas narrações de traços quasi identicos não têm sempre origens communs. Ouçamos Bédier:

"... nous trouvons, á une epoque quelconque, ces contes indifféremment répandus sur la face de la terre, et nous constatons seulement des modes littéraires qui les font recueillir et mettre en œuvre par des lettres tantôt dans l'Inde, tantôt en Arabie, tantôt en France".

Foi a isso que Tristão de Athayde não prestou attenção, quando affirmou que a Beata saira de Anatole France. Absolutamente não. O escriptor de Sylvestre Bonnard achou o assumpto no povo italiano e eu o achei na gente do Nordeste do Brasil, como Etienne de Bourbon já o achara entre os villões da edade média. Na generalidade, essas historietas são ingenuas e velhas como o mundo, e sáem do esquecimento de quando a quando, pela penna dum escriptor, que não é obrigado a esc ar suas raizes historicas.

Falando dos contos de Perrault para crianças, que esse magico fôra buscar no folk-lore de todos os povos, Sainte-Beuve, escreveu com justiça: "Ou n'inventerait plus aujourdhui de ces choses, si elles n'aivaient

eté imaginées depuis longtemps". Apezar de estar certo da antiguidade de sua existencia, o critico das "Causeries du Lundi" não deixou de louvar fortemente Perrault, que nos deu, sob a forma nova da Cendrillon, a lenda vetusta da sandalia da amante dum Pharaó! E o proprio Anatole Franco numa de suas mais interessantes paginas, diz, a proposito do sempre encantador Gato de Botas: "il se peut que le Chat Botlé, descende de ces chats qui traînérent le char de Freya, la Venus Scandinave".

Edmond Pilon, que carinhosamente recolheu e publicou todos os velhos contos septentrionaes da Europa — russos, finlandezes, samoyedas, islandezes, lapões, suecos e norueguezes, exclamou: "Os contos se assemelham á teia de Penelope: têm sido feitos e refeitos muitas vezes. Cada povo, cada nação borda-os de novo ao seu gosto; entretanto, o tecido basico ficou sempre o mesmo". E' este o phenomeno que se deu raconto cearense que arranjei ao gosto da cidade, como Anatole France preparou ao sabor parisiense a historieta anecdotica do camponez italiano. Eu não precisava ir buscar a idéa-mãe do conto no "Sur la pierre blanche", conforme Tristão de Athayde suppoz, porque tinha á mão o tecido grosseiro sobre que Anatole bordou as suas palavras e sobre o qual eu estampei as minhas phrases: a narração popular, mais de minha propriedade na sua feição brasileira do que a fórma italiana em relação a elle, que é francez.

João do NORTE.

O castigo da amante

Até hoje quem melhor se cingiu duma amante infiel foi um grande pintor da Renascença Italiana, o celebre Tintoreto.

Esse artista de primeira ordem gostava loucamente de uma linda mulher, que lhe correspondia aos apaixonados transportes. Querendo eternizar a sua bella face e o seu divino corpo, quando pintou o seu grande quadro o Paraiso, elle a pôz entre as theorias de bemaventurados, sob o candido olhar dos anjos e á luz emanada do do throno excelso do Pae Celestial.

Tempos depois ella o trahio e o abandonou. Elle estava, nessa occasião, pintando outro grande quadro o Inferno. E não hesitou, deixou lhe a physionomia perpetuada entre os eternos condemnados, ao meio dos demonios horriveis, clareada pelas chammas infernaes.

Infelizmente, nem todos os homens são pintores como o Tintoreto, para poderem castigar dessa maneira artistica e gloriosa suas amantes infieis...

O presente de Momo

Quando Hermés acabou de fazer o homem, segundo os velhos livros das sciencias occultas, Momo, deus da galhofa, fez-lhe este discurso:

— « O' gerador, achas que deva ser livre de cuidados esse futuro explorador dos bellos mysterios da natureza? Queres deixar exempto de penas esse, cujo pensamento attingirá os limites do mundo? Os homens arrancarão as raizes das plantas, estudarão as propriedades dos succos naturaes, observarão a natureza das pedras, dissecarão não sómente os animaes, porém, elles proprios, afim de saber como são formados. Estenderão suas ousadas mãos até mesmo sobre o mar e, cortando as madeiras das florestas expontaneas, passarão d'uma costa á outra opposta, procurando se uns aos outros. Elles perseguirão os mais intimos segredos da natureza, até ás alturas e estudarão os segredos do céo. Ainda não é tudo; falta-lhes conhecer as extremidades da terra: quererão ir até á ultima extremidade da noite. Se elles não encontrarem obstaculos, se viverem livres de dôres, ao abrigo dos cuidados e dos temores, o proprio céo não deterá a sua audacia e pretenderão estender o seu poder sobre os elementos. »

Momo calou-se e Hermés Trimegisto quedou-se pensativo. Seus olhos divinos viram os homens, segundo lhe descrevêra o deus galhofeiro, estudando a intimidade das plantas, dos animaes e dos mineraes, atravessando os mares e achando as terras nunca vistas e encontrando humanidades novas perdidas no segredo do desconhecido, calculando a marcha dos planetas e analysando a sua face nos telescopios, voando pelo céo e caminhando por debaixo d'agua, indo á noite semestral dos pólos e ao calor ardente dos desertos. Então, Hermés estendeu a mão esquerda sobre a figura do primeiro homem e brindou toda a raça que d'elle iria sahir com o medo e a dôr...

Momo teve pena e soprou ao ouvido da figura ainda immovel, estas palavras:

— Toma, para contrabalançar a dôr que por causa de minhas palavras Hermés te deu, o meu presente.

E Momo déra ao homem a gargalhada...

Uma pagina classica

Abramos um volume das «Eclogas physicas» de Stobeu. Encontramos um trecho em verso dos livros de Hermes Trimegisto, que é uma pagina classica admiravel. São versos orphicos, legados pelos antigos mysterios de Orpheu ás seitas relígiosas e philosophicas de Alexandria, que se approximam pelo pensamento das «Apotélesmaticas» do padre egypcio Manethon.

Leiamos a pagina:

« Sete astros errantes circulam nos caminhos do Olympo e com elles se fia a tela da Eternidade. A Lua, que brilha á noite, o lugubre Kronos, o bemfazejo Sol, a Paphia pro-

tectora do hymeneu, Ares o corajoso, Hermes o fecundo e Zeús, principio do nascimento, fonte da natureza. Todos elles receberam partilhada a raça dos homens; ha por isso em nós pontos da Lua, de Saturno, do Sol, de Venus, de Marte, de Mercurio e de jupiter. Assim, tiramos do ethereo fluido as lagrimas, o riso, a colera, a palavra, a geração, o somno e o desejo. Kronos ou Saturno dá as lagrimas; Jupiter ou Zeús, a faculdade de gosar; Mercurio ou Hermés, a palavra; Marte ou Arés, a coragem; a Lua dá o somno como Venus Cytherea dá o desejo e o Sol dá o riso, por que é elle que alegra o pensamento humano e o infinito.»

As touradas e o Centenario

Não póde haver mais triste idéa do que essa de realizar touradas durante as festas do nosso Centenario. Tal divertimento, sanguinario e feroz, foi legado aos espanhóes pelo Circo Romano e nada tem a vêr com a alma da nossa raça. Em Portugal, a tourada nunca se acclimou bem e a ultima que officialmente se realisou foi a de Salvaterra, quando do reinado de D. José I. O marquez de Pombal prohibio as.

Não ha razões historicas, tradicionaes e muito menos estheticas que militem em pról desse espectaculo em setembro de 1922. E custa a crêr que alguem se tenha lembrado de fazêl-as.

A tourada é uma reminiscencia das idades barbaras e não está de accordo com a indole sensivel dos brasileiros. Nada mais inutilmente cruel do que essa tortura de pobres animaes para divertir homens. E' verdadeiramente horrivel.

A sociedade protectora dos animaes se movimenta afim de impedir tal cousa e é de crêr que os poderes publicos lhe darão mão forte. Não poderiamos dar aos corações bem formados do mundo mais triste exemplo de falta de sensibilidade humana do que torturando os animaes nas festas do Centenario de nossa Emancipação Politica.

JUICIOS HISTORICOS

O illustre Ministro actual de Venezuela no nosso paiz, dr. Diego Carbonell, medico e escriptor notavel, acaba de publicar mais um bello livro, editado pela conhecida empreza do «Annuario do Brasil». Nesse volume de duzentas paginas, magnificamente impresso, o autor da «Psicopatologia de Bolivar» enfeixou varios estudos seus sobre personagens historicas, nos quaes não se sabe o que mais admirar, se a analyse scientifica que demonstra a excepcional cultura do autor, se o seu estylo claro e elegante que dá á lingua castelhana um encanto novo e original.

O leitor encontra no livro do dr. Carbonell o que saciar a sua curiosidade sobre Darwin, Luiz Lelut, Taine, Littré, Renan, Nordau, Juan Vicente Gonzalez, Carlos Pereyra e Artigas, estudados esplendidamente pelo medico-eccriptor, além de magnifica parte a respeito da Philosophia da Historia.

E' um livro em verdade admiravel pela profundez dos seus conceitos, pela logiça dos seus raciocinios, pela exactidão de suas conclusões, pela vivacidade do seu estylo e sobretudo pelo brilho da sua erudição.

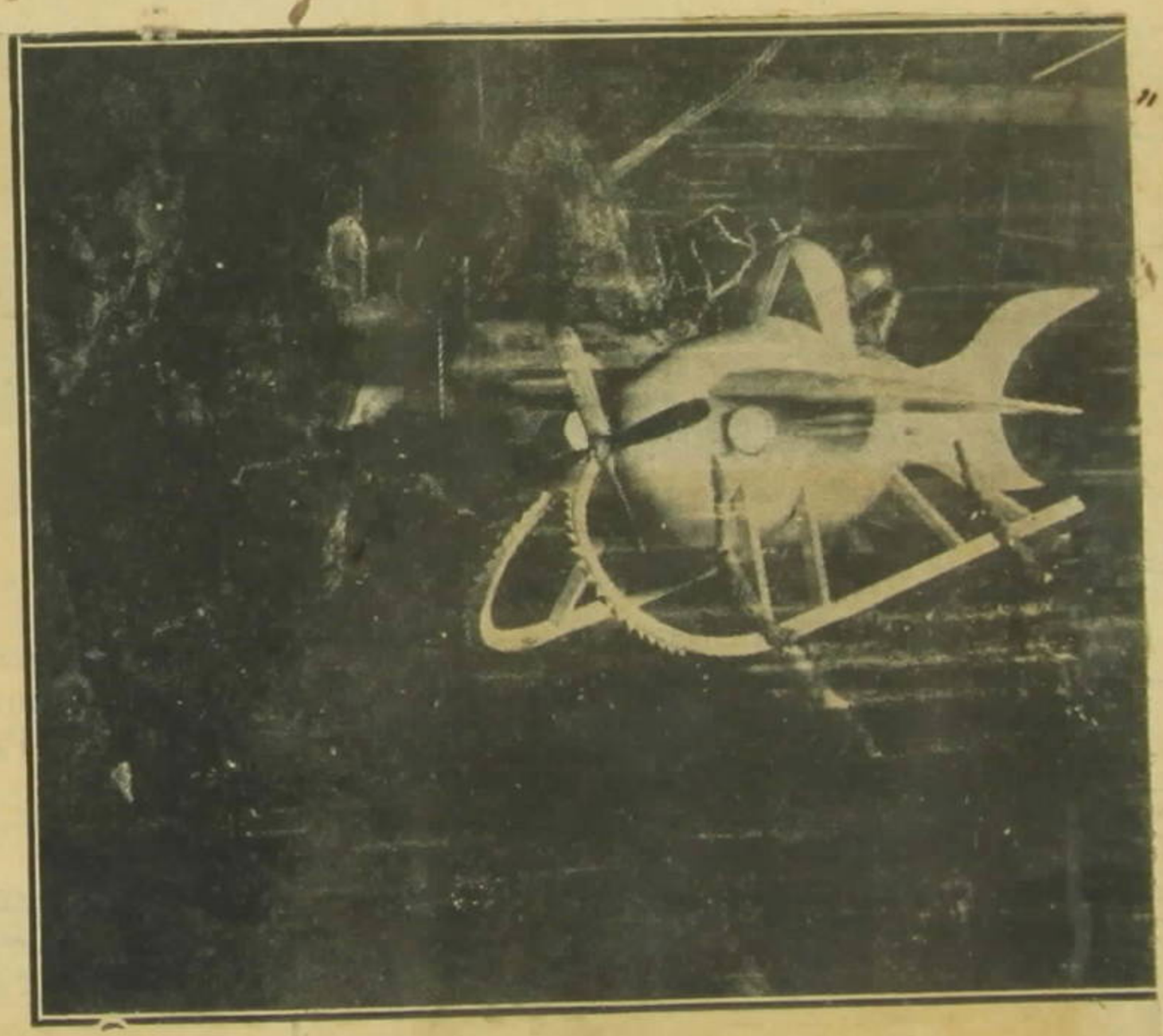
Nesta ligeira noticia nada mais podemos fazer do que enviar de coração ao eminente diplomata, nosso amigo, os mais sinceros parabens pela sua obra, verdadeiramente digna de ser lida, commentada e admirada.

"Selecto" - 10 - dezembro - 1921

Trenó Submarino

Nossas photographias representam uma das ultimas invenções feitas na Allemanha. E' um curioso apparelho denominado *Trenó Submarino*, dentro do qual um escaphandrista póde descer a grande profundidade no oceano e fazel-o caminhar pelo fundo do mar como um trenó anda na face lisa dos gelos.

Esse apparelho está destinado a prestar relevantes serviços á sciencia nos estudos de oceanographia, ao mesmo tempo que poderá tambem servir para a salvação de navios encalhados ou afundados.



Trenó submarino em acção

"Correio Paulistano" 16-12-924

"A Patria" - 12-Dezembro-1924

"Ao Som da Viola" é mais um trabalho notavel do meu querido amigo Gustavo Barroso, que todo o mundo applaude e admira sob o pseudonymo triumphante de João do Norte. Fecundissimo e erudito escriptor este, que dia a dia reaffirma a sua justa fama com obras de pulso, onde o paciente estudioso verte, em prosa de ouro, maravilhas de erudição e de estudo.

Não quero ir mais além, para deixar ao critico da casa o prazer de revelar o miolo dessas tres obras que, ultimamente, me chegaram ás mãos e cujo apparecimento sau'do.

Fica, porém, ao René Thiollier — que é do meu coração e de S Paulo — o maior abraço. Não que Benjamin e Gustavo não os mereçam, e grandes. E' que René, para mim, representa uma estréa séria no mundo das letras. Os outros dois já estão callejados no triumpho... E uma estréa, em literatura, é uma cousa commocional!

HELIOS

AS MULHERES E AS CABEÇAS DOS HOMENS

(Palestra litteraria realizada, no Trianon, pelo escriptor João do Norte)

Não sei porque ha uma estranha e mysteriosa attracção entre a alma das mulheres e as cabeças decepadas dos que ellas odeiam ou amam.

Não existe para o facto explicação plausivel, mas a historia e a lenda de mãos dadas nos affirmam que elle é verdadeiro. Sobremaneira interessante essa volupia das creaturas femininas deante do tão sangrentos trophéus! Essa sensualidade infernal é tão poderosa que a ella se não podem esquivar e a procuram, pondo em jogo todos os meios possiveis para obtél-a.

Dá-nos a Biblia um exemplar admiravel. A morena e formosa Judith vae á tenda de Holophernes, que feitiara a sua cidade, e capitosamente envolve o lar assyrio na sua deslumbrante tentação voluptuosa. Embebeda-o com os vinhos raros das krateras dos rhytons; embebeda-o ainda mais com a luz estonteante dos seus olhos. O chefe inimigo adormece no leito revolto, a cuja cabeceira pende do boldrió o seu gladio nu'. Logo ella lhe decepa a cabeça, cujos olhos confiantemente se fecharam á musica dos seus beijos, aperta-a ainda quente sobre o seio e corre para as muralhas de seu povo. Não ha nesse episodio sómente patriotismo feminino dotado de um pouco de ferocidade. Ha, em alta percentagem essa profunda, mysteriosa attracção das mulheres pelas cabeças decepadas, documentada atravez dezenas de seculos, desde o Oriente rutilante e lendario até a praça da Gréve, em Paris, onde, durante o Terror, as megeras "lambedeiras" de guilhotina insultavam as cabeças dos aristocratas que os carrascos mostravam do alto do taboado vermelho.

São duas mulheres ligadas intimamente á historia de Israel cujas figuras se immortalizaram por causa da cabeça de Iokanan, o Baptista. Herodiade, cheia de odio, assoprou á filha a idéa de pedil-a.

Salomé dansa semi-nua, deliciosamente, perante o Tetrarcha e os romanos, para conseguil-a. E o odio da concubina de Herodes projecta-se pelos seculos além, na memoria dos homens, como o sensualismo ardente e magnifico da dansarina sem par. A cabeça sem vida de S. João deu vida a essas figuras femininas sinistras e ao mesmo tempo attrahentes. A Salomé da

téla de Regnault e a das paginas de Oscar Wilde dão-nos ás vezes mesmo o desejo de termos um dia as nossas frias cabeças entre mãos assim,quentes, errantes e deliciosas. . .

As judias e gallileas não são as unicas que tiveram o privilegio de amar o gelido contacto das cabeças degoladas. Essa inclinação é propria de todas as mulheres, que muito amem ou muito odeiem, em qualquer parte do mundo. E se presentemente factos semelhantes se não repetem a miude, é que os serviços de policia e o receio das punições os impedem. Porque a historia faz o nosso pessimismo acreditar que em cada mulher amante ou inimiga existe uma alma de degoladora. . .

Os historiadores antigos narram que Cyro o Grande, rei da Persia, fazendo guerra aos scythas, foi derrotado, e morto no campo de batalha. Os guerreiros inimigos apanharam seu corpo e o levaram á sua rainha, a bella e valente Thomyris.

Esta logo ordenou que cortassem a cabeça do Rei dos Reis. Segurou-a pelos cabellos, dizendo-lhe injurias crueis; depois mergulhou-a num ôdre de sangue, para que se fartasse moito do liquido que tanto gostava de derramar quando vivo!E não a mandou jogar fora: guardou-a á cabeceira do leito toda a vida.

A historia da Persia registra seculos mais tarde uma outra degolação, mas essa por amor. Conta o grego Ctésias que a rainha Parysatis, tendo conseguido apoderar-se da cabeça de Cyro o Moço, seu filho, morto em combate contra seu irmão Artaxerxes, á frente dos soldados de Xenophonte, piedosamente levou essa reliquia, embrulhada no seu manto, perfumando-a diariamente e nutrindo-a de beijos, do local da batalha á capital do reino.

Quando o consul romano Manlio fez a accidentada campanha da Syria, derrotou completamente os Gallo-gregos, os celebres galatas, descendentes degenerados dos gaulezes dos brenns que saquearam Italia e Grecia, e, após os acontecimentos de Epheso, se fixaram na Asia Menor, amollentando-se ao contacto da deleitosa civilisação oriental. Um dos centuriões de Manlio, segundo diz Valerio Maximo, fez prisioneira a mulher de Ortiagon, rei desse povo, que se chamava Chiomara e era sumptuosamente bella. Não se conteve á espera do avultado resgate que por ella pedira desrespeitou-a, violentamente.

Os galatas trouxeram a um logar esquivo o ouro do resgate. O centurião, prevenido, alli a levou, para recebêl-o! Então, ella ordenou aos seus patricios que o matassem e lhe decepassem a cabeça. Della se apoderou e, apertando-a de encontro ao peito, como Judith fizera á de Holophernes, subio as altas montanhas onde seu esposo e rei estva refugiado, indo depositar-lhe aos pés o ensaguentado trophéu.

O historiador Florus resume o facto no curto periodo final do paragrapho XI do seu livro II: "Nan Orgiaguntis regis uxor, a centurionis strupum passa, memorabili exemplo custodiam evasit, revulsumque militis caput ad maritum suum retulit".

Os cantos heroicos e barbaros dos Niebelungen mostram-nos Krienhilda ou Cremilda tiesembainhando a espada de Siegefried, decepando as cabeças dos guerreiros burgundos e levando-as, a sorrir, penduradas pelos cabellos!

Os chronistas orientaes da epopéa do Islam narram outro caso comprobatorio da proverbial paixão feminina pelas cabeças separadas do tronco. Na grande e cruenta guerra entre os persas e os arabes, entre os adoradores do fogo, sectarios de Zoroastro e os devots de Allah, fanaticos de Mahomet, a amazona persa Homai corta a cabeça dum grande emir sarraceno, põe-n'a dentro de um sacco, galega pelos arredores do deserto com ella pendurada assim ao arção da sella, como uma provisão de guerra. Osol a reseeca e mumifica desta sorte, com o correr do tempo.

Nas noites enluaradas e serenas a cavalleira deita-se, repousando a sua cabeça sobre esse travesseiro sinistro, e devotes de Allah, fanaticos, contrellada do céu. E dorme serenamente, guardando nas pupillas a palpitação longinqua das constellações.

Até na Hagiographia christã nas formosas lendas da creação dos santos e dos milagres, as mulheres surgem demonstrando essa mysteriosa e profunda attracção. O chefe normando Hauk, um dos primeiros descendentes dos conquistadores escandinavos do norte da França, irritado, segundo narra Schuré, com os milagres realisados pela cabeça de

93

Santo Hildeberto, que se acha no relicario da egreja de Gournay, ordenou que a queimassem. Preparou-se a fogueira. O soberano pagão e sua esposa, uma loura filha de Vikings, sentaram-se defronte da pyra. As labaredas ondéam no ar e ao meio dellas os brutos soldados atiram a cabeça do santo. Logo, deante do assombro de todos, a cabeça fica suspensa no espaço e vae lentamente pousar sobre os joelhos da mulher do chefe norueguez, que se converte e converte seu marido e seu povo, qual uma outra Clotilde.

Mais curioso e delicado é o exemplo offerecido pela Novella V do Quarto Dia do "Decaméron" de Boccacio. Os irmãos de uma moça matam o seu seductor. Ella descobre o logar onde o sepultaram, desenterra-o, corta-lhe a cabeça, leva-a para casa, escondeu-a na terra de um vaso em que semeia flôres e que pôe á janella do seu quarto de dormir.

Caindo gravemente enferma, exige que o vaso fique sempre á sua cabeceira, deleitando-se em respirar o aroma das flôres. Os irmãos, desconfiados, quebram o jarro e encontram a caveira. Indignados, atiram-na fóra. Ella morre de dôr!

Xenopol conta na sua "Historia dos Romenos" que a princeza moldava Kiajna mandou cortar a cabeça do principe Demetrio Toucha, seu inimigo, fazendo della o centro-de-mesa do grande banquete que offereceu aos amigos e parentes, em commemoração de seu triumpho. Ao terminar a festa, levantou-se, pronunciou inflammado discurso insultando o morto, e depois escarrou sobre a cabeça ensanguentada!

Apezar das mulheres odiarem mais ás suas inimigas ou rivaes do que aos homens, ellas gostam mais das cabeças destes do que das daquellas. Certo é que são muito mais raros os casos semelhantes acontecidos com cabeças de mulher.

A historia antiga só registra um. Tacito o descreve nos "Annaes", historiando o reinado enlameado e ensanguentado de Nero. Depois de a terem morto, cortando-lhe as veias e afogando-a num banho quente, os assassinos de Octavia, que o imperador repudiára, decepam-lhe a cabeça e levaram-n'a a Popéa, que a recebeu no seu jardim, calmamente sentada á sombra amavel dos myrtos e dos lentiscos, sorrindo de prazer...

No Brasil já occorreu quasi a mesma cousa. Dizem que a celebre Xica da Silva, amante do contratador de minas dos tempos coloniaes, João Fernandes, foi uma verdadeira Salomé do sertão. Pela sua dansa lasciva conquistou aquelle magnate matuto e uma feita mandou cortar a cabeça de uma judia, sua rival, conservando-a salgada dentro de uma mala de couro!

A' excepção desses dois exemplos, sempre se viram mulheres guardando por odio ou por amor cabeças de homens. E os casos tão amiudadamente se repetem que a gente no intimo pergunta a si mesmo se no fundo da alma de cada mulher não ha umas fagulhas de Thomyris, de Homaï ou de Salomé.

Cousa curiosa: os homens nunca apreciaram desta sorte a cabeça das mulheres odiadas ou amadas. Um poeta, um iniciado nos mysterios divinos pôz sobre a sua lyra, para cantar a sua saudade immensa, a cabeça daquella que procurára em cima e em baixo da terra, descendo ao proprio inferno, como Dante, cheio de amor e desconforto. Mas os olhos vivos de Orpheu, quando fitavam os olhos mortos de Eurydice, não fuzilavam de odio nem de sensualismo, porque se enchiam de lagrimas.

Tambem Perseu cortou a cabeça de Meduza para que o brilho dos seus olhos não continuasse a transformar homens em pedras, porém, não a guardou para si, deu-a á divina Athena, que a pregou no seu manto.

Não ha duvida que os homens são, em verdade, um pouco menos crueis do que as mulheres, no seu odio. Em compensação, se elles não sabem odiar como ellas odeiam, tambem não sabem amar como ellas

O amor

Eu sahira d'uma conferencia, em que eminente litterato gabára a preciosa virtude do amor immaterial, sublime, livre de todas as peias do sensualismo. Fui com Claudio França pela Beira Mar estrellejada de luzes em fóra, lentamente, fumando em silencio. Na grande volta do Russell, o meu amigo me perguntou:

— Estás de accordo com as altas idéas do conferencista?

— Absolutamente não.

— Por que?

— Meu caro, desculpe a franqueza, porém em materia de amor eu penso como o austero e santo senhor de Buffon: « Amour, pourquoi fais tu l'état heureux de tous les êtres et le malheur de l'homme? C'est qu'il n'y a dans cette passion que le *physique* qui soit bon, et que le moral n'en vaut rien. »

— Caspité! exclamou Claudio França, que horrivel materialista que és!

— Hypocrita! respondi, sorrindo, que bons materialistas que somos!

"O Jornal" - 14 - Dezembro - 1921

94

MULA PEPERIT

Jean France

Na sua eterna, immutavel sabedoria, a natureza, afim de evitar a anarchia das formas e a balburdia dos caractéres, condemnou á degenerescencia rapida ou á esterilidade os productos hybridos, tanto entre as raças humanas como entre as raças animaes. Facil se torna verificar que quanto mais differentes são os individuos productores tanto mais difficil se torna a reproducção daquelles que produziram, e mais notaveis se apresentam os seus caracteristicos de inferioridade.

Nessa lei geral se funda o facto apreciado através os tempos da infecundidade dos mulatos. Emprego esta palavra aqui simplesmente no seu absoluto sentido classico, que só se refere a animaes e não a gentes. Esta sua ultima significação lhe veiu por extensão. Quem quizer póde verificar no "Elucidario" de Viterbo, á pagina 115, esta definição: "Mulato", macho asneiro, filho de cavallo e burra." Numa nota á essa mesma pagina, accrescenta J. P. Ribeiro: "A palavra "mulato" comprehendia tambem a cria da egua e jumento." Viterbo apoia o que define com esta referencia: "Por uma lei de 1538, se determinava que nenhuma pessoa d'Entre Douro e Minho pudesse criar mais que "hum mulato para seu serviço", sob pena de um anno de degredo para um dos cantos fóra da dita comarca, e de perdimento dos "mulatos", que criasse, metade para quem o accusasse, e a outra parte para a Camara de sua Majestade."

Dado este cavaco a proposito da expressão "mulato" applicada a animaes de quatro pés, mais corriqueira outr'ora que hoje a de "mulas", podemos assegurar que é coisa assente, definitivamente apoiada pela sciencia, que esses mestiços solipedes são quasi absolutamente infecundos e só por muito rara excepção poderão conceber.

A raridade da fecundação de uma mula é tão grande que quasi todos os povos a tomam como extraordinario prodigio e os annalistas ou historiadores logo a registram, para que se não perca a memoria do caso excepcional. Aristoteles fala na sua "Historia dos animaes", de mulatos da Syria que engendraram alguns filhos. Não se refere, no emtanto, a nada de fóra do commum que nessa época tenha acontecido. Mas Herodoto, em "Thalia", conta: — logo que Dario, rei da Persia, sitiou Babylonia, os adivinhos lhe affirmaram que sómente se apoderaria da cidade "quando as mulas tivessem filhos". O assédio durava já havia vinte mezes, quando uma das mulas do seu amigo Zopyro deu á luz um poldrinno. E pouco tempo depois, devido a um estratagema deste amigo, a grande cidade foi tomada.

Julio Obsequens, que viveu em Roma, na ultima metade do quarto seculo da era christã, ao tempo do imperador Honorio, sendo contemporaneo de Orose, deixou no seu interessante "Liber de Prodigiis" uma quantidade de exemplos da fecundidade das mulas, todos elles tomados pelos supersticiosos romanos como prenunciadores de glorias ou fortunas, de males ou desastres. Obsequens não os commenta e limita-se a indical-os.

Segundo esse historiador, no consulado de L. Scipião e C. Leius, annos de Roma de 563 a 564, em Reate, uma mula teve um poldro ("mula peperit"). Nesse tempo, Antiocho, rei da Syria, caiu ás mãos dos romanos. Meio seculo mais tarde, quando foram consules Appius Claudius e Perpenna, nessa mesma localidade de Reate, nasceu uma mula com cinco pés. E Publius Crassus pereceu num combate contra Aristonicus! Passam-se dois annos, se tanto, e ainda em Reate outra mula produz. Houve guerras e perturbações civis na Syria, no Egypto, na Parthia, e Ptolomeu Evergete fugiu para Chypre, tendo visto seu palacio incendiado pelos romanos. Ao mesmo tempo nascera em Ceré um gallo com cinco pernas! Não era possivel deixar de haver tanta coisa... No anno de Roma de 704, uma mula seguiu o exemplo das suas antecessoras de Reate. "Mula pariens" — "discordiam civium", diz textualmente Obsequens. Foi depois desse prodigio que começou a terrivel guerra entre Cesar e Pompeu. "Mula Romae ad duodeium portas peperit": este ultimo caso se deu ao tempo do consul M. Lepidus e após elle pereceram Cassio e Bruto!

Os sabios modernos não deram mais o menor valor sobrenatural a esses partos excepcionaes e simples-

" pg. 151

mente o estudaram com cuidado, para chegar á conclusão de Buffon: que a mula é de todo esteril; á de Brehm: que a sua fecundidade é sobremodo restricta e inteiramente excepcional; ou a do sr. de Bomare: que ellas são fecundas e capazes de produzir prole tambem fecunda.

E' com feição scientifica que o referido Brehm conta que, em 1527, se repetiu o phenomeno transformado em prodigio por Obsequens, na propria Roma; em 1762, em Valencia, na Hespanha, onde uma mula teve potros durante quatro annos seguidos; e em 1759, nos arredores de Oettingen. Neste ultimo caso, os camponezes amedrontados, sentindo despertar os seus supersticiosos terrores ancestraes, mataram o producto apparecido, afim de que não acontecessem as desgraças que elle prenunciava. Não morrera de todo ainda a velha crença que Herodoto registrára no Oriente classico, entre os persas de Dario.

O abbade Xavier Clavijero conta na sua monumental "Historia contigua de Mexico", o seguinte: "Entre otros ejemplos es digno de particular mencion el parto repetido de mula engendrada por asno y yegua, que se vio en la gran hacienda llamada Salto de Zurita, junto a la ciudad de Lagos, perteneciente a don Fulgencio González Rubulcaba. Esta mula concibió de un asno, y parió un muleto en 1762 y otro en 1763."

Infelizmente, o grande historiador mexicano nada nos relata do que pensou e fez a gente dessa fazenda deante do extranho acontecimento.

Ha perto de trinta annos, mais ou menos, o bom successo das mulas se repetiu numa aldeia argelina e os jornaes francezes de então mostraram que se não apagára entre os habitantes da antiga Numidia a superstição que o povo romano certamente herdára dos povos orientaes. Tanto assim que houve grande agitação entre os indigenas desejosos de espostejar o pobre poldro, salvo pelas autoridades francezas, que desejavam vel-o estudado scientificamente.

Em 1899, uma mula teve um filho, na ribeira do Choró, sertão de Cascavel, no Ceará. Houve um reboliço pelos arredores. Todo o mundo queria ver o bicho exquisito e muitos aconselharam ao dono que o matasse, para evitar a desgraça. O crime não foi commettido, porque o animal morreu com alguns dias de nascido. Mas a noticia do seu nascimento emocionou o sertão inteiro.

Não houve matuto que nesse caso raro não visse o annuncio desagradavel da peste, da secca ou da guerra. E o accaso parece que decidiu dar-lhes toda a razão. No anno vindouro, um incendio devorou as mattas do Choró e a secca terrivel de 1900 caiu como um negro, espesso véo de desolação sobre a face da terra cearense.

A superstição que faz o sertanejo amedrontar-se deante da noticia do que uma mula teve, excepcionalmente, um potro, tem, assim, dezenas de seculos de edade.

João DO NORTE.

"Rn-Fm"-17-12-921

A questão da Alta Silesia

Não faltam no Brasil espiritos verdadeiramente amigos da nação polona. Entre elles se tem distinguido o sr. dr. Ubaldo Soares que não poupa esforços em pról da causa da Polonia no Brasil. Agora mesmo acaba de publicar um bello volume a respeito da questão da Alta Silesia, que tanto tem preoccupado ultimamente os diplomatas e politicos da Europa.

E' um livro de explicação cabal desse caso silesiano tão debatido, escripto em bôa e attrahente linguagem, demonstrativo do profundo conhecimento que tem o autor do assumpto tratado.

A primeira parte consta duma exposição geral: geographia, historia, origem da questão, plebiscito, motivos da maioria allemã. A segunda trata dos argumentos polonos e allemães sobre a materia: principio das nacionalidades, questão economica, divisibilidade da região agricola e da região industrial. A terceira parte é das considerações geraes a proposito da Polonia em relação á politica européa.

O sr. Ubaldo Soares esgota magnificamente o assumpto e prova de modo insophismavel os grandes, sagrados direitos que assistem á terra de Pilsudsky para a reivindicação por que se bate. A sua obra merece francos encomios pela clareza da sua exposição, verdade e logica de seus conceitos, valor real dos seus elementos de prova e erudição historica e politica do caso silesiano.

24-12-921-

O Aleijadinho

Entre as obras commemorativas do centenario da nossa independencia deveria figurar uma herma ou cousa que o valha que perpetuasse a memoria daquelle extraordinario artista mineiro que foi Antonio Francisco Lisbôa, o Aleijadinho, cujas obras enchem de admiração os que conhecem as velhas cidades de Minas Geraes. Não se devia esquecer um preito do Brasil republicano, aos cem annos de idade, a esse pobre e esplendido artista do Brasil colonial, entalhador, esculptor e architecto. Seus trabalhos em Ouro Preto, Congonhas, S. João d'El Rey, Sabará, Santa Luzia e Marianna ainda hoje attestam aos brasileiros a potencialidade desse genio nacional.

"Correio Paulistano" - 15 - Dez.º - 1921

96

A acção obscura dos Phanariotas

No seu grande poema patriotico "A vigilia", Rangabe faz dois dos seus personagens terem, a proposito da necessidade de livrar a Grecia do dominio ottomano, um dialogo incisivo, em que ha phrases desta ordem:

"Kalipatis — Toda loucura audaciosa acarreta desastres.

Floros — A audacia é a mãe dos heróes".

Kalipatis representa o patriota prudente, aquelle que, consoante nosso dizer popular, "não dá murros em faca de ponta", o que aconselha esperar as opportunidades para ferir fortemente o inimigo, não se arriscando a ser por elle esmagado sem proveito. Floros é o patriota exaltado, aquelle que tem sêde do martyrio e não sabe esperar. Esses dois vultos do poema celebre de Rangabe symbolizam as duas feições que tomou o nacionalismo grego sob a cruel oppressão turca, depois que Mahomet II entrou a cavallo na nave dourada de Santa Sophia.

O ideal da lucta peito a peito, da revolta contra o invasor, da guerra de morte, esse illuminou sempre os gregos de Achaia.

Elles muitas vezes se revoltaram contra as exacções dos pachás e regaram com seu generoso sangue a terra natal. Elles, de armas na mão, combateram como grandes heróes, em 1821, até que readquiriram a independencia. Elles guerrearam nobremente em 1897. Elles luctaram sem desfallecimento em 1912. E elles continuam a pugna secular nos dias que correm, em plena Asia Menor.

Mas, ao lado da sua coragem reconstructora da velha nação hellenica, não se póde esquecer a acção obscura, tenaz, incançavel e, por isso mesmo, gloriosa dos gregos que preferiram o ideal aconselhado pelas palavras prudentes de Kalipatis. Foram elles os que fingiram acceitar, sorridentes, o jugo do extrangeiro, que afivelaram ao rosto a mascara da hypocrisia, para servir á patria amada; os que ganharam a confiança ottomana e chegaram a influir nos negocios internos e externos desse imperio militar construido sobre a ferocidade do janizaro, que era o christão roubado ao berço, imperio que, apesar de ter attingido alto grau de esplendor e de poderio, nunca produziu um artista ou um sabio, imperio impotente para realizar a belleza ou a bondade. Foram os que guiaram, com o sorriso nos labios e o odio no coração, a monarchia dos Osmanlis á sua horrorosa decadencia.

A maioria desses gregos acceitára a dominação ottomana desde o dia em que as hordas asiaticas haviam penetrado na cidade sagrada do ultimo Paleologo. Recolhidos ao bairro do Phanar, elles choraram em silencio a morte da patria e juraram trabalhar pela sua resurreição infatigavelmente E as gerações de phanariotas, que lhes succederam, nunca esqueceram o seu juramento. Através os centenarios, sem um instante de esmorecimento, esses phanariotas trabalharam pelo ideal da reconquista de Byzancio. Quando a gente grega escreveu as paginas de Missolonghi, a sua rebeldia fôra possivel, porque durante seculos os phanariotas tinham minado o imperio ottomano. A sua ruina será terminada pelas armas hellenicas, mas foi obscuramente effectuada por aquelles obscuros patriotas, cuja intelligencia e cujo coração tudo fizeram para matar a organização politica creada pelos sultões.

Póde-se dizer que os gregos opprimidos foram os pilotos que levaram o grande nau dos turcos ao

naufragio. Este povo mongol, rude e perverso, que só sabia matar e morrer, quando se apanhou senhor de Constantinopla, teve de recorrer ao grego vencido, para obter legisladores e financistas, diplomatas e conselheiros, mestres e artistas. Os phanariotas prestaram-se a auxiliar os oppressores, mostrando rostos de boa fé. No emtanto, todo o seu continuo esforço visou enfraquecer o imperio que se entregara ás suas mãos, tornando-o uma podridão ao meio da Europa progressista.

E' preciso não esquecer, para gloria do hellenismo renascente, que a decadencia ottomana foi obra de suas mãos, o que demonstra que uma nação barbara subverte uma civilização, cahindo sobre ella como um alude, porém não a vence, nem moralmente a domina, e, por fim, vem a morrer, envenenada pela intelligencia vencida, que a sua força bruta desprezou.

O testemunho dos mais abalisados historiadores da Questão do Oriente assegura que os gregos-phanariotas prestavam serviços aos turcos sem argucia, sempre com o pensamento fixo de expulsal-os das terras do antigo Imperio Byzantino.

Tratando desse assumpto, Xenopol, na sua "Histoire des Romains de la Dacie Trajane", escreve textualmente: "On comprend parfaitement que les Grecs, en général, ne pouvaient que désirer la ruine des Turcs et qu'ils étaient toujours enclins á les trahir. Ce que l'on saisit plus difficilement, c'est l'aveuglement avec lequel, les Turcs leur confiaient l'existence même de leur empire."

Assim se deu em todos os tempos. Numa carta ao general Brune, agente diplomatico-militar da França junto á Sublime Porta, em 1802, Napoleão dizia-lhe, entre varias instrucções de alta relevancia: "le devouement d'une grande partie de la nation grecque á la Russie, a procuré á cette puissance des avantages dont elle a su tirer le plus grand parti dans les vicissitudes de la guerre et dans les intrigues de la paix: de sorte qu'une grande partie des humiliations que l'empire turc a essuyées dans ces derniers temps, peut-être imputée, sans injustice, á la connivence secréte des Grecs avec ses ennemis."

A constatação dessa obra obscura, solapadora, dos phanariotas principalmente, poderia ser documentada quasi dia a dia, desde 1453 até á época contemporanea.

Com esse desideratum, agiram os gregos opprimidos individualmente ou agrupados em associações secretas, cuja mais importante foi a celebre Hetaira, fomentadora de revoltas e de luctas contra o Imperio Ottomano. Além da Hetaira, outras sociedades secretas trabalhavam para os mesmos fins, como a "Sociedade dos Amigos", cujas ramificações se extendiam por toda a Peninsula Balkanica, na Valachia, na Moldavia, na Servia. E fôra sob os auspicios de agremiações mais ou menos semelhantes que estalara a rebellião de 1744, que os turcos afogaram em sangue.

Durante toda a historia dos Osmanlis nas terras européas, encontraremos sempre os gregos-phanariotas dominando e dirigindo, pela intelligencia e pelo saber, os destinos da monarchia dos sultões. São elles os Grandes-Dragomans que fazem a politica exterior do paiz, os embaixadores que preparam os tratados de alliança ou de paz, os governadores das cidades das provincias e dos principados tributarios, os agentes financeiros, os interpretes dos Divans, os monopolizadores da direcção politica geral interna e externa da nação. De todos os povos pertencentes ou sujeitos aos Padischahs, sómente os gregos tinham verdadeira intelligencia, finura de espirito, elegancia de maneiras, gosto artistico e cultura. Naturalmente, tiveram de occupar certos cargos para os quaes os ottomanos não tinham homens adequados. E, de posse del-

les, como sabiam que não eram amados, como sentiam que eram os descendentes dos byzantinos vencidos e escravizados, como no seu coração palpitava o vibrante, poderoso sentimento do amor da patria e a recordação saudosa da sua independencia nacional, tudo faziam para causar mal ao Imperio Tureo, cegamente entregue ás suas mãos. Panaiote Nicusia, Alexandre Maurocordato, o Exaporita, Alexandre Ghica, Alexandre Callimaco, João Maurocordato, Demetrio Muruzi, Brancorano, Miguel Racovitza e outros phanariotas causaram á monarchia dos descendentes de Ottoman maiores perdas do que muitos exercitos christãos.

Essas victorias da intelligencia subtil dos gregos do bairro de Phanar prepararam a eclosão da independencia hellenica, que surgiu tambem, como tudo na Grecia, dum movimento intellectual. E, si um dia as tropas gregas penetrarem nas ruas da capital dos Constantinos, aquelles que pelas armas, pela penna e pela palavra se têm batido pelo ideal de Anastasis, á luz meridiana, não devem esquecer a acção obscura e pertinaz dos phanariotas, que, validos sómente da sua argucia, nos tempos da mais negra oppressão, prepararam o terreno para as victorias do futuro, envenenando lentamente o organismo da monarchia dos Osmanlis.

João do NORTE

Um grande livro de historia, de documentação formidavel e de arte elevada esse de Elysio de Carvalho, o magico evocador de Brava Gente Brasileira.

O gatinho

Ao passar por aquella rua silenciosa onde o capim cresce á vontade, longe da enxada da limpeza publica um pobre gatinho cinzentos agonizando de fome e sêde, ao sol. Tão, só, tão abandonado, entregue á indifferença cruel da natureza que me fez pensar longamente. Por que a vida ha de ser tecida de tanto soffrimento ignorado?

Para que veio ao mundo aquelle pobre animal? Que mal fez elle para soffrer assim antes mesmo de um mez de nascido? Qual teria sido o peccado original dos gatos no seu paraiso para essa longa penitencia atravéz das idades?

E o meu espirito perdeu-se silenciosamente nessas irrespondiveis interrogações.

As mulheres e os homens

Quebrando com vagar a branca cinza do charuto na borda azul do cinzeiro do velho Delft, eu me insurgi contra a mania insolita que têm as mulheres de dominar os homens. Era, a proposito duma pessoa desse sexo que, desejando falar me, pedia-me insistentemente um encontro para certa hora, e, como eu lhe dissera estar então occupadissimo, exigia que deixase tudo para satisfazel-a.

Claudio França que me ouvira em silencio, falou, quando me calei, repetindo esta frase dum escriptor celebre, dirigido ás mulheres: «Vós, mulheres, só tendes um sonho; sómente uma idéa vos preoccupa: fazer com que vossa fraqueza quebre a força masculina e que a vossa futilidade governe a sua intelligencia!»

Eu dei uma risada e exclamei:

—Se ellas te ouvissem, Claudio!...

BRAVA GENTE

Um grande livro acaba de ser publicado por esse notavel escriptor e historiographo que é Elysio de Carvalho. Um grande livro, não só porque foi vasado em solido, attico e esplendido estylo, em lidima linguagem, floreado de ideas altas, mas sobretudo porque nelle se eleva o culto da Raça e o vulto da Patria. Do talento polymorpho de Elysio é essa talvez a mais luminosa faceta. Elle é o evocador artistico e enthusiasta do nosso passado, que Ronald de Carvalho appellidou «interprete clarividente da Historia, rehabilitador da Tradição e embellezador do Patriotismo. De mais altos titulos não carece um escriptor para passar a posteridade.

Neste novo volume, o autor do *Brasil, potencia mundial*, canta as epopéas dos nossos avós guerreiros nas lutas heroicas em Pernambuco contra os bátavos e nas pelejas cruentas dos Pampas sulinos, quando das guerras civis. Elle nos conta a ressurreição do Leonidas que foi Pedro de Albuquerque; o regresso do Moyses que foi Luiz Barbalho; e a morte do Lidador, que foi o Rebellinho. Fala nos mais no *Brava Gente* do *suave milagre* de D. Paulo de Moura; do motim entre os bandeirantes de D. Rodrigo Castello Branco e de Borba Gato; e da figura immensa de Bento Gonçalves. Em todas essas paginas passa um sogno ardente de patriotismo são que vivifica a alma; porém os dois estudos mais curiosos do livro são os que se referem ao celebre aventureiro Nicoláu I, Imperador do Paraguay, e á tentativa que os revolucionarios pernambucanos encetaram para fazer evadir Napoleão de Santa Helena. Porque a respeito desses dois assumptos Elysio de Carvalho reunio a maior somma de documentos possivel, sendo talvez *unica* no mundo a sua collecção de livros, monographias e outros trechos acerca dessas interessantes questões.

"Correio Paulistano" - 22 - Dez° - 1921

99

UMA NOBRE NAÇÃO LATINA

Judeus
pg. 245?
"Succession
pgs 225,
Desmaze
Historia d

Para nós, néo-latinos da America, um paiz interessante se apresenta em relevo na colcha de retalhos **politicos e ethnographicos da Peninsula Balkanica, chamando sobre a sua historia e a sua acção politico-social toda a nossa attenção. Isso porque nelle ainda se fala uma lingua que, apesar das misturas trazidas pelas** invasões e pelos contactos **doutros povos, é uma das bellas filhas do idioma sonoro e admiravel que foi uma das glorias de Roma; porque a sua gente, mau grado as conquistas e as oppressões, ainda guarda os traços ethnicos dos colonos que a Cidade Eterna enviou para aquellas paragens. E, assim, a nós brasileiros, que somos o mais forte grupo da latinidade na America Meridional, a Romenia apparece com um aspecto sympathico e attrahente por todos os titulos.**

A historia dessa nação, que foi na **guerra européa uma das victimas da desenfreada violencia germano-tartara que desabou sobre o mundo, é uma das mais interessantes, das mais cheias de vicissitudes e de imprevistos do mundo inteiro. E as virtudes nacionaes da Romenia se acrisolaram no cadinho de inenarraveis soffrimentos** através os seculos.

Desenfreada violencia germano-tartara dissemos e com toda a razão. Pleiteia este titulo a alliança de nações que formou o bloco central da Europa em lucta. De um lado, os allemães de todas as raças e procedencias, inclusivé os austriacos; do [illegible] descendentes tão sómente de [illegible] mongolicos: hungaros, bulgaros e turcos ottomanos.

Xenopol, na sua bella obra "Histoire des Roumains de la Dacie Trajane", traça as linhas geraes que dividem a historia desse povo latino, insulado na Europa sul-oriental e guardando quasi intacto o seu patrimonio ancestral de cultura latina.

Primeiro, vem a **historia antiga**, caracterizada pela formação da nacionalidade, que começa nos mais recuados tempos mencionados nas fontes verdadeiramente historicas e que vai até aos dias em que os romenos, premidos pelos ferozes invasores hungaros, são obrigados a deixar a Transylvania, onde os localizára o imperador Trajano, seu primitivo habitat, ainda hoje contando immensa maioria de gente da sua raça e da sua lingua, afim de fundar, nas planicies comprehendidas entre o Danubio e o Dniester, os dois Estados da Moldavia e da Valachia. Em segundo logar, vem a **historia média**; nessa época o slavonismo se esforça por influenciar os destinos nacionaes dos dois principados; por fim, quando no decimo setimo seculo Basilio o Lobo se sentava no throno moldavo e Matheus Bassarabe no valacho, o grecismo dirigido pelos phanariotas de Constantinopla derrota o slavonismo e assume a direcção politico-mental de todo o paiz. Durante toda a **historia moderna** dos romenos, o espirito grego é poderoso e a oppressão turca insupportavel; a revolução hellenica de 1821 termina esse periodo. Então se inicia o verdadeiro romenismo com a **historia contemporanea**; a mentalidade romena se desenvolve com liberdade, o espirito nacional de união do paiz chega ao seu apogeu e nós vemos a nacionalidade romena feita pela cohesão dos dois principados, o valacho e o moldavo, caminhar de olhos abertos e sorrindo para um esplendido futuro. Depois da guerra, a justiça historica lhe entregou as terras daco-romenas da Transylvania habitadas pelo seu povo e onde se fala o seu idioma claro e bello, de maneira que a Romenia de hoje se compõe de um triangulo de montanhas circumscripto por um triangulo de rios. No centro, a

k-lore",
Formol
Eglises"
elé.
403, 456.

Transylvania rodeada nos tres lados pelos Karpathos. Cercando-a, a Bessarabia, a Moldavia, a Bukovina a Valachia, o Banato de Temichvaro (Temesvar) e a Crichiana, emmolduradas pelo Dniester, o Theiss e o Danubio.

No primeiro desses triangulos, o das montanhas karpathicas, o imperador Trajano estabelecera uma forte colonia romana. Ao mesmo tempo que elle commettia grave erro politico nessa occasião, augmentando assim as fronteiras do imperio que as legiões já não eram sufficientes para proteger com efficacia das alluviões de barbaros que as ameaçavam por toda a parte ao mesmo tempo, fez obra duradoura e magnifica, deixando na Dacia "uma nova fórma ethnica de caracter romano, de energia sem egual, que conservou seus traços particulares, não obstante o alude dos elementos extrangeiros, que, com a furia propria da barbaria primitiva, se atiraram durante seculos e seculos sobre a sua natureza de granito, sem poder ao menos rasgar-lhe a superficie, sem atacar seu coração e suas entranhas, mal podendo deixar o signal das suas garras possantes na sua casca resistente."

E o grande historiador Xenopol accrescenta: "Eis ahi por que vemos sahir do cháos da invasão em que tudo parecia sossobrar, ao mesmo tempo que o grande todo, do qual a Dacia era simples parte, uma nacionalidade de caracter romano, que, como ilha impulsionada pelas forças telluricas á face das aguas mostrasse primeiro emergindo um pico de terra firme, depois outro até que, coberta de vegetação e tornada habitavel, continuamente augmentasse, tomando cada vez mais o seu logar ao sol."

Rapido exame das paginas da historia romena mostrará a verdade da comparação brilhante do illustre professor da Universidade de Jassy. Trajano realiza duas expedições consecutivas ao paiz dos geto-dacios e coloniza-o á romana. Essa colonia se organiza com o correr do tempo, perfeitamente, dos pontos de vista provincial, municipal, religioso e militar, vivendo tranquilla á sombra das azas de ouro das aguias imperiaes. Os barbaros avançam innumeraveis e ferozes contra o imperio decadente. Ao tempo de Aureliano resolve-se o abandono da Dacia. As legiões retiram-se; mas grande parte da população fica. Succedem-se dois periodos de invasões.

No primeiro, apparecem os godos, os avaros, os slavos, os gépidas e os bulgaros. Os daco-romenos escondem-se nas montanhas transylvanas. No segundo, surgem os hungaros, os petschenegues, os cumanos e os tartaros propriamente ditos. Por fim se fórma o grande Imperio Valacho-Bulgaro.

Posteriormente, a população romena vai aos poucos descendo das montanhas. Como a oppressão hungara era feroz na planicie transylvana, ella se derrama ás margens do Danubio e do Dniester. Formam-se ahi os dois principados da Moldavia e da Valachia. Surgem os boyardos nobres ou funccionarios do principe e uma organização social nova, que dura até á chegada dos turcos ottomanos ás terras européas. Antes de tomar Byzancio, esses conquistadores asiaticos se apoderaram da Thracia e de Andrinopia razziando pelas terras ribeirinhas do Danubio. Nesse periodo de incertezas e perigos, a região moldo-valacha produz homens extraordinarios á altura da situação. A gloria aureóla as faces rudes e heroicas de Mirtschea o Grande, principe da Valachia, adversario dos filhos de Bajaret; de João Corvino de Hunyade, um dos combatentes de Kossovo, o heróe nacional da Transylvania; de Estevam o Grande da Moldavia, o batalhador de

Racova e de Rasboieni, que ideou uma liga das nações orientaes contra os turcos.

Emfim os ottomanos dominam pelo terror, sobretudo na Moldavia. Mas a grande raça romena ergue um dia o estandarte da revolta, que o braço potente de João o Terrivel faz fluctuar ao vento dos combates. E, depois delle, Miguel o Bravo conquista aos Osmanlis a Transylvania e cai após a revolta dos hungaros contra o seu poder.

Todas essas figuras, ao mesmo tempo tragicas e sublimes, não ficam abaixo dos politicos e guerreiros de outras nações, antes os superam, porque, no seio das difficuldades ingentes com que se moveram e agiram, tinham de ser extraordinariamente fortes de alma e de corpo para poder triumphar.

Insidiosamente, á sombra do poderio turco, os gregos phanariotas se apoderam dos principados. Nelles se estabelece o regimen da corrupção completa. Ao principio, ainda se elevam na vida tributaria da Moldavia e da Valachia, sujeitas aos Padischahs, vultos imponentes como Brancovano. Mais tarde, com os Maurocordato, os Ghica, os Cantacuzéne, os Ipsilanti, os Sontzo, os Mouronzi, os Callimacos, os dois thronos são uma fonte de renda para a Turquia.

Dá-se em Constantinopla a investidura da corôa a quem mais paga e depõe-se o principe reinante para se obter dinheiro delle, afim de voltar ao throno, e dos competidores que neste desejam subir. Compram-se os vizires, as sultanas favoritas e os dragomans da Porta, as consciencias e os caracteres. As sommas saem da bolsa dos banqueiros judeus, que, depois, vão exigil-as do soberano installado no seu paiz. Este, para pagal-as, expreme os habitantes. Toda a riqueza publica vai nessas negociatas. A vida na Moldo-Valachia é simplesmente horrorosa! E, por fim, os turcos chegam ao ponto de trocar, de tempos em tempos, os principes reinantes na Moldavia e na Valachia, fazendo o da primeira reinar na segunda alguns mezes e depois vice-versa, como aconteceu com Gregorio Ghica e Constantino Maurocordato.

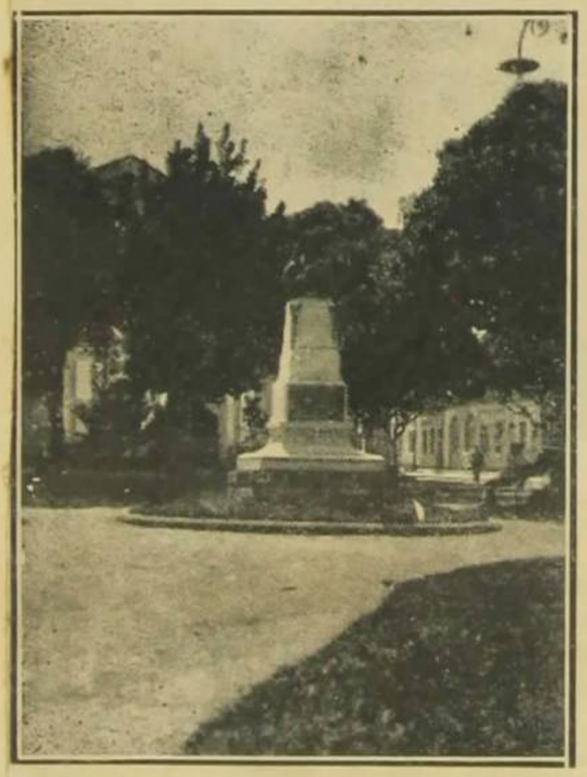
Cançados de exacções e de vexames, os romenos revoltam-se contra os seus oppressores directos, os seus principes impostos pelo extrangeiro e mais tarde contra os proprios turcos. Dessa revolta surge o espirito de união dos dois principados na Romenia actual. Com a independencia floresce um grande movimento intellectual que auxilia o prodigioso desenvolvimento do espirito nacional romeno. Da guerra da Criméa e da guerra balkanica as consequencias favorecem o progresso da nacionalidade de Carmen Sylva. E os dias da Grande Guerra Européa a encontram forte e impavida ao lado da latinidade que o pan-germanismo ameaçava tragar. A lucta em que tomou parte deu-lhe o direito de completar as suas fronteiras, fazendo voltar ao seu seio os irredentos da Transylvania, que anciavam por se libertar do jugo magyar e que já em 1848, ao tempo de Simão Barnutz, luctaram para se unir aos principados danubianos.

Quando se conhece a accidentada vida do grande povo romeno, comprehende-se o que diz Xenopol: "Não é de espantar vêr, durante o decorrer da sua longa historia, o povo romeno luctar com inabalavel constancia contra todos os elementos extrangeiros que o quizeram absorver, conservando, mesmo quando esteve prestes a succumbir, sua nacionalidade intacta, esforçando-se nos nossos dias para prender sua existencia ao fio, cortado desde o começo, da vida occidental de que sahiu". Por isso, nenhuma nação que sinta correr nas suas veias o sangue latino e fale lingua sahida do idioma vencedor do Lacio deixará de olhar para a distante, nobre, soffredora, paciente e gloriosa irmã balkanica com profundo interesse e cordial sympathia.

João do NORTE

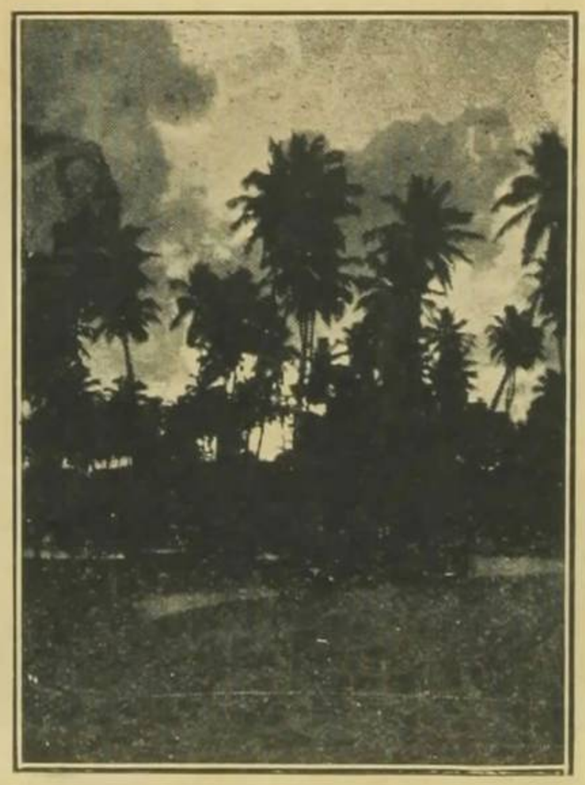
NA TERRA DE PEDRO AMERICO

O grande pintor brasileiro do Grito da Independencia, da batalha de Avahy e da batalha de Campo Grande, que é uma das mais legitimas glorias brasileiras, nasceu na Parahyba e alli foi se-



Busto de Pedro Americo na Parahyba do Norte.

pultado. As nossas gravuras, de accordo com as photographias que nos enviou o Sr. Oswaldo Gouveia, mostram como o Brasil é por toda a parte *um paiz de fachadas...*

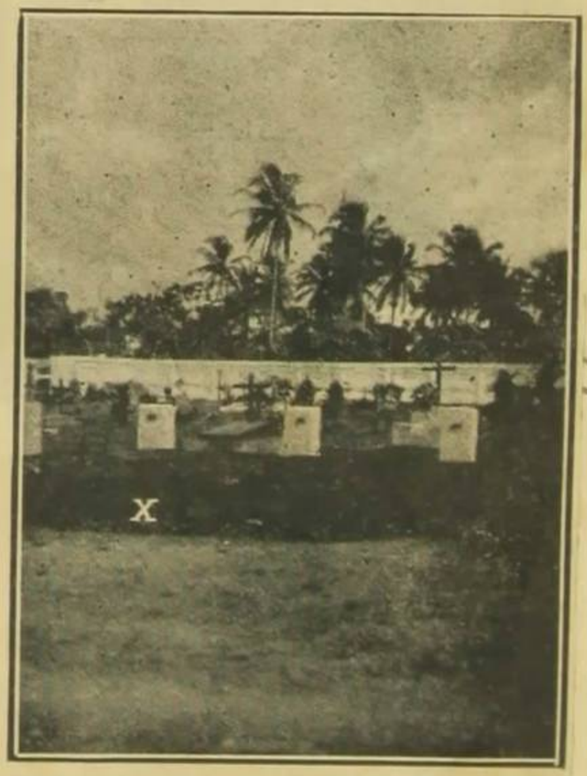


Praia de Tambaú, Parahyba do Norte.

Em uma das bellas praças da capital parahybana, cidade das mais limpas, gentis e hospitaleiras do Nordeste brasileiro, toda encerrada numa virente moldura de coqueiraes, se ergue o busto em bronze do maravilhoso artista. Entretanto, no cemiterio de Nossa Senhora da Bôa Sentença, na mesma cidade, o tumulo do brasileiro notavel é uma simples calçada de pedra quasi abandonada.

Bôa sentença será a do Governo da Parahyba ou do povo parahybano elevando ao pintor celebre, honra daquella terra pequena, encantadora e bôa, uma sepultura digna de contrastar com o monumento da praça publica.

Estamos certos que toda a gloriosa Parahyba, num grande movi-

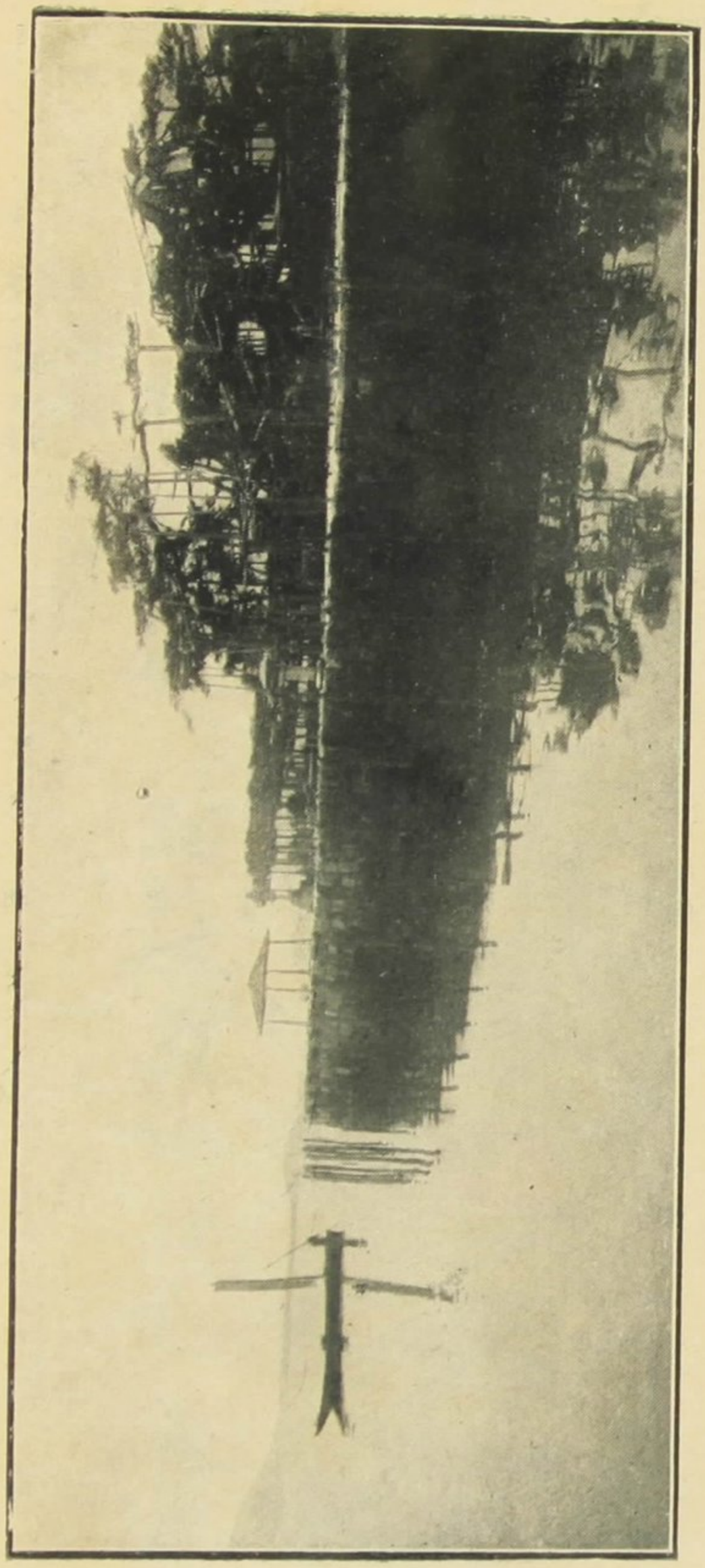


Tumulo de Pedro Americo (a calçada) no Cemiterio de N. S. da Bôa Sentença, Parahyba do Norte.

mento expontaneo, se apressará em lavrar o mais cedo possivel essa, não sómente *bôa*, sobretudo justa *sentença*.

103

24-12-921 "Fm-Fm" - Natal -



O lago de Biwa, visto de Karasahi.

NO PAIZ DOS CHRYSANTHEMOS

O velho Nippon, que Marco Polo chamou Cipango e que Fernão Mendes Pinto visitou, é um dos mais curiosos e bellos paizes do mundo. Cada uma das suas ilhas vulcanicas, semeadas em pinturescos archipelagos no oceano Pacifico, encerra paysagens admiraveis, logares em que a linha das montanhas, a frescura dos valles, a tranquilidade das aguas e o matiz dos prados floridos se casaram para produzir as mais suaves impressões de belleza natural.

Berço duma raça forte e activa, apta a apprehender e applicar todas as conquistas do progresso, os seus milhares de ilhas e ilhotas attrahem os viajantes sequiosos de sensações de belleza, como outras tantas joias buriladas pela mão inegualavel da Natureza.

Paiz dos chrysanthemos, flôres symbolicas do Sol Nascente, cujos raios o beijam antes das outras terras orientaes, o seu meio physico differente de todos os outros paizes, com arvores, rochas,

"Fm-Fm" 24-Dez.º - 1921

As artes populares no Mexico

O governo mexicano patrioticamente patrocinou, durante a commemoração do centenario da Independencia da grande nação dos Aztecas, a publicação de excellentes monographias acerca das artes populares naquelle paiz. Ellas fôram entregues a litteratos e sabios que lhe imprimiram um admiravel cunho scientifico e nacionalista. Versam sobre folk-lore, architectura matuta, ceramica primitiva, tecidos, ornatos, poesia, cartazes e *tutti quanti*. A nossa *celebre* commissão do centenario nada ainda a esse respeito pensou. E se nós tivermos no nosso centenario publicações acerca de costumes, artes e outras manifestações populares nossos, devel-os-emos a esforços particulares, ao Instituto Historico, á Academia de Lettras ou á Sociedade de Geographia. Mas aos poderes publicos... nada...

montes, ravinas, de forma bizarra e original, deu ao seu povo paciente e tenaz uma arte original e extranha, que é um encanto para os olhos fatigados da mesmice do Occidente ultra civilisado.

O Japão é ainda um dos logares do mundo que guarda fielmente suas tradições, seus usos, seus costumes e completamente a sua alma extraordinaria. Raros os paizes que assim conservam preciosamente a feição caracteristica da sua civilisação e da sua paysagem.

Aqui damos aos nossos leitores algumas amostras das bellezas do Japão: aguas de prata, raios de sol doirando as serras, escachoar de corredeiras, porticos de templos budhistas reflectindo-se na pureza transparente dos lagos, tudo quanto faz o encanto dessa nobre terra longinqua e attrahente, que inspirou Lafcadio Hearn, Pierre Loti e quantos outros artistas a têm procurado bem ou mal interpretar.

Mas interpretar a alma da paysagem ou da gente japoneza é impossivel aos espiritos occidentaes. Ellas nos dão qualquer coisa de tão profundo, de tão dóce e de tão imprevisto que podemos ficar maravilhados, porém que não podemos explicar.

Um romeiro, a caminho dos templos de Nikko.

Litterarias

Rito Pagão. Admiravelmente impresso, acaba de apparecer o bello livro de versos de Rosalina Coelho Lisbôa Rademaker, sob o esplendido titulo: *Rito Pagão*. E' um pequeno volume de poesias, na maioria parnasianas, que lembram Leconte e que na sua linda feição oriental por vezes fazem pensar em Omar Kn yvan Lendo-o, a gente pensa n'aquelle verso do autor do *Rubayiát*, em que uma pedra branca cahe na taça da vida, porque na nossa alma o pedra branca cahe na taça da dos cultos versos da poetisa cahiam com uma pepita de ouro que, além de ficar reluzindo continuamente, formou circulos concentricos de emoções na agua tranquilla da nossa psyché, que se vão alargando, indefinidamente...

Um dos mais admiraveis livros de versos da nossa litteratura, pela fórma e pela idéa!

NO PAIZ DE CARLOS XII

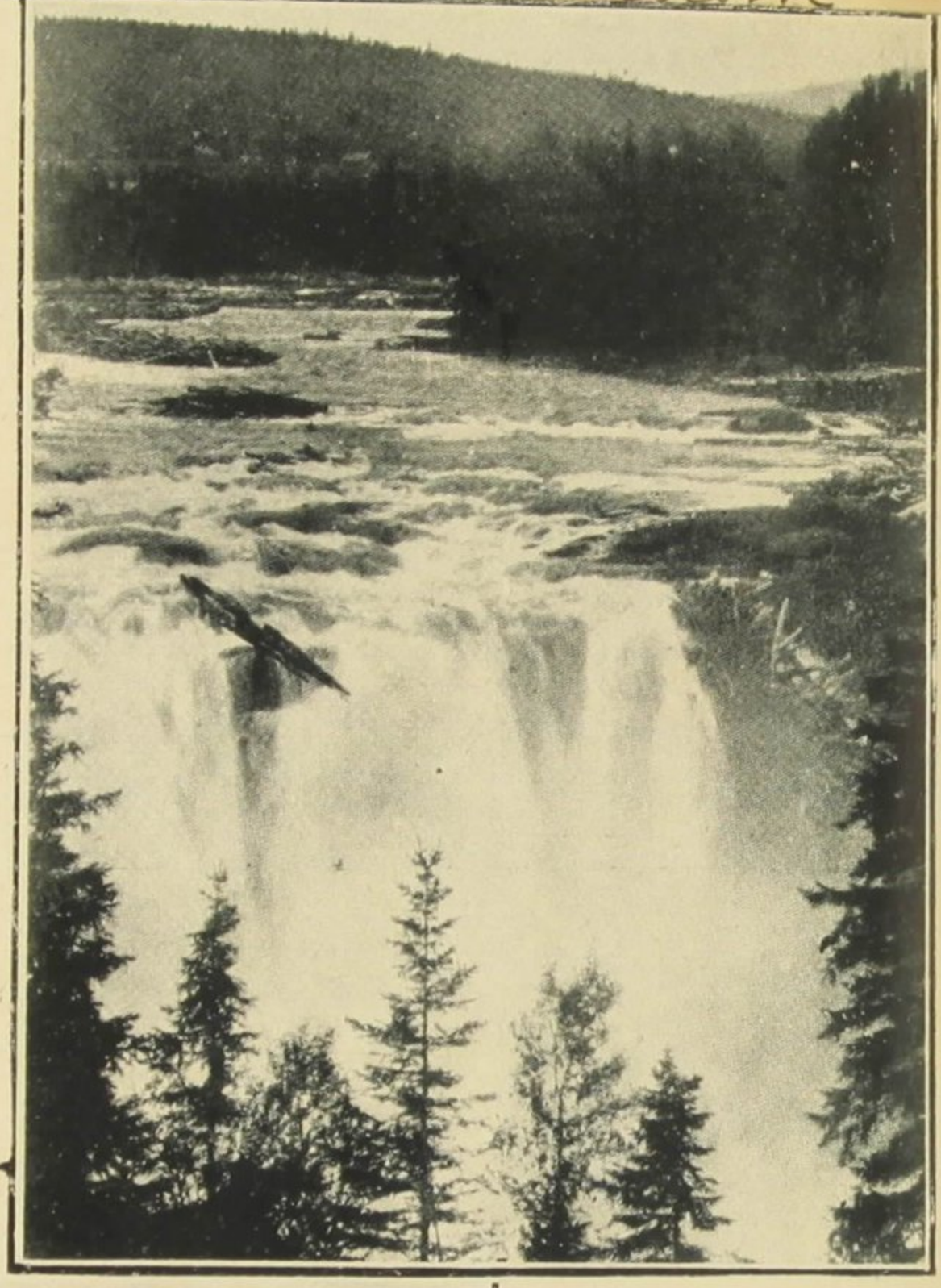
No hymno nacional brasileiro nós celebramos o esplendor do nosso céu estrellado e o vigor da nossa natureza tropical. Não somos, porém, o unico paiz cujo canto patriotico eleva e exalta as maravilhas naturaes. A gloriosa Suecia faz o mesmo. Ao som da musica patriotica, o seu povo canta:

«Du gamla, du friska, du fjell Nord. . .»

«O' velho, frio e montanhoso Norte, silencioso, alegre e bello Norte, eu te saúdo, porque és o mais delicioso paiz da terra, eu saúdo o teu céu e os teus prados verdes! . .»

Com effeito, os suecos têm toda a razão de assim gabar o seu tão sympathico paiz, porque elle é, em verdade, um dos mais bellos do mundo, com as suas montanhas pinturescas e as suas immensas florestas de pinheiros, com os seus milhares de lagos tranquillos, espelhando entre a verdura das campinas ou os cumes das serranias, com os seus rios saltitantes, «elfs» ligeiros, cujas aguas se vão perder nos «fjords» tortuosos e adormecidos, com os seus «asars» insulados ao meio das planicies floridas, com o seu céu de faiança dourado pelo sol nos bellos mezes de verão.

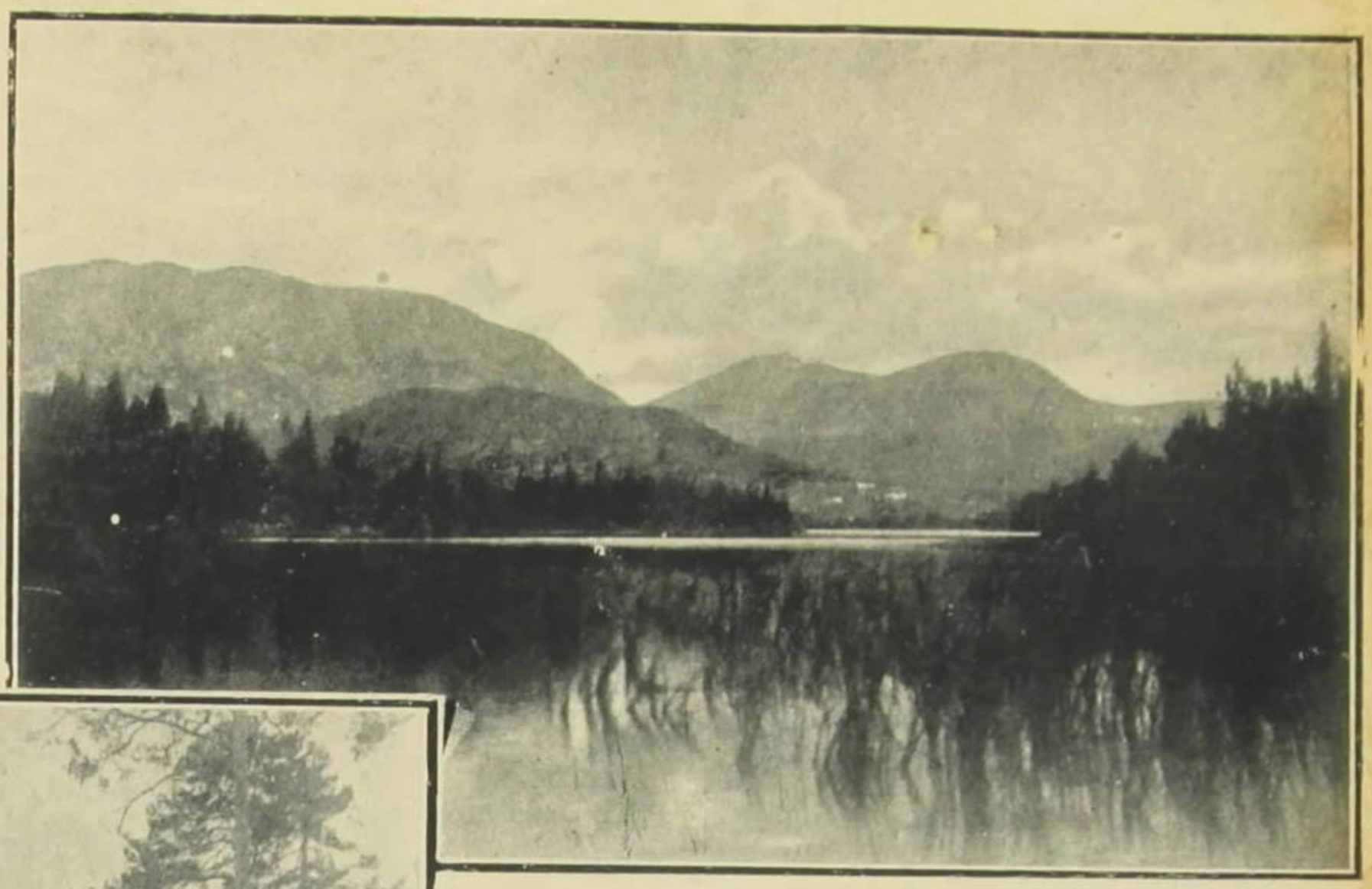
Foi dessa antiga e bella região europea que os descendentes dos Gotar e dos Svear, os vikings normandos, impellindo para as ondas do Baltico, de dentro das sinuosidades do seu curioso littoral, os *drakkars* ligeiros, empavezados e faulhantes de lanças, partiram para as conquistas esplendidas que os espalharam á face da Europa, do estuario do Neva á Sicilia e da



Calabria ao Imperio Byzantino. Foi ahi que se fundou o velhissimo episcopado de Upsal e que Santo Erico prégou a grande cruzada contra o paganismo brutal dos finlandezes. Foi ahi que nasceu no texto das leis do «Vestgötalag» e nas paginas do «Euphemiarisor» ou da «Cronica Regni Gottorum» de Erico Olaf uma das mais interessantes litteraturas do mundo, que hoje se expande em livros estupendos como «A Fome», usando uma lingua descendente do velho Nordico, o mais sonoro e mais formoso idioma escandinavo. Foi

ahi que se desenrolou uma historia gloriosa com um Gustavo Adolfo, morrendo no campo de batalha, com um Carlos XII, cujas virtudes eram tão exaggeradas que se tornaram defeitos, com uma Christina, que annotava o «Principe» de Machiavel e cujas «Memoria» ainda hoje nos enchem de admiração.

Nessa Suecia progressista, trabalhadora, pacifica, cheia de bellezas naturaes, nos ultimos seculos se tem desenvolvido constantemente uma cultura e uma civilisação maravilhosas. Antes de muitos outros paizes, ella attingio um alto gráu de perfeição em materia de serviços publicos, de administração governamental, de politica parlamentar, de legislação civil e criminal,



de economia politica e particular, de finanças officiaes, offerecendo áquelles que a visitavam a completa visão duma nação feliz. E todos os que passaram pela Suecia nunca mais esquecerão a sensação de conforto moral e physico experimentada, bem como a belleza quasi sem par dos seus aspectos naturaes e da aceiada e encantadora Stockolmo, a mais bella capital do Norte da Europa.

Mirando-se no espelho dos seus lagos suaves, onde se reflectem os mantos verdes dos pinhaes e o dorso pinturesco das cordilheiras, coberta com as flôres da primavera ou dourada pelo sol do estio, a Suecia feliz acolhe sorrindo aquelles que a vão visitar, cheios do desejo de conhecel-a bem. Quando o inverno vem e os ventos frios da Laponia sopram, todo o paiz se cobre de neve. As montanhas são, então, picos alvissimos perfilados no céu gris, manchados pelos pinheiraes ennegrecidos. E os lagos são grandes placas de gelo luzidio. Mas, apezar do rigor do clima, toda a Suecia continúa a sorrir, porque o seu povo alegre, sadio, robusto, se entrega, então, aos grandes *sports* da estação fria.

De tal maneira, a patria do liberal Oscar I se tem imposto á sympathia e á amizade leal dos outros povos pelo seu valor moral e mental, pela rectidão da sua conducta internacional, pela força da sua organisação interna, pelo desprendimento da sua politica, que todos os corações bem formados da humanidade desejam que a alegria da Suecia seja constante e eterna [illegible] seu querido «gamla, friska, fjell Nord».

O casamento

Falava-se [illegible] casamento naquella roda elegante, após um almoço, em Petropolis. Emquanto o ouro do sol fulgia sobre a face verde da serrania, as senhoras diziam-se a favor do matrimonio e os homens manifestaram se contrarios. Perguntaram ao meu silencio risonho, envolto no fumo branco do charuto, o que pensava. Respondi assim (que as mulheres me perdôem):

« Penso como Heine. O casamento é um mysterio que se deveria desvendar antes de penetrar lhe os humbraes. Como outr'ora o Doge de Veneza esposava a onda do Adriatico do seu alto e aureo «Bucentaro», cada homem que se cada repete o mesmo acto. Quem casa com a onda: não sabe se dentro nem a perola ou o tubarão...

Uma das senhoras exclamou:

— E o que dirá a onda?

Não respondi e mudei de assumpto prudentemente...

"Fon-Fon" — 24 - Dezembro - 1921 - Natal

A MORTE DO DELPHIM

O pequeno Delphim está doente, o pequeno Delphim vae morrer... Em todas as egrejas do reino, o Santo Sacramento se acha exposto noite e dia, e grandes cirios ardem para que fique bôa a creança real. As ruas da velha capital estão tristes e islenciosas, os sinos não badalam, as carruagens vão devagarinho... Nos arredores do palacio, os burguezes curiosos olham, atravez as grades, os suissos de faixas douradas, que conversam no pateo com um ar de importancia.

Todo o castello está em reboliço... Camaristas e mordomos sobem e descem, correndo, as escadarias de marmore... As galerias estão cheias de pagens e cortezãos com roupas de sêda, que vão de grupo em grupo pedir noticias, ciciando... Nos largos vestibulos, as damas de honor, emocionadas, fazem umas ás outras grandes reverencias, enxugando os olhos em lindos lencinhos bordados.

Na estufa do Laranjal, ha numeroso concilio de medicos togados. Atravéz as vidraças, a gente os vê, agitando as longas mangas negras e inclinando doctoralmente as cabelleiras frisadas... O aio e o escudeiro do pequeno Delphim passeiam deante da porta fechada, esperando as decisões da Faculdade. Bichos de cosinha passam ao lado delles, sem os saudar. O senhor escudeiro oragueja como um pagão, o senhor aio recita versos de Horacio... E, durante esse tempo, longe, do lado das estrebarias, se ouve um longo relincho queixoso. E' o alazão do pequeno Delphim que os palafreneiros esqueceram e que tristemente os chama, junto a mangedoura vasia.

E o rei? Onde está Sua Magestade o rei?... O rei encerrou-se sosinho, numa camara, no fundo do castello... As Magestades não gostam que as vejam chorar... Quanto á rainha, o caso é differente... Sentada á cabeceira do pequeno Delphim, ella mostra o lindo rosto banhado de lagrimas, e soluça alto como se fôsse uma simples burgueza.

No seu leito de rendas, o pequeno Delphim, mais branco que os travesseiros sobre que está deitado, repousa de olhos fechados. Parece que dorme; mas não! O pequeno Delphim não dorme... Elle volta-se para a mãe e, vendo-a chorar, diz-lhe:

— Senhora Rainha, por que choraes? Acreditaes porventura que vou morrer?

A rainha quer responder e os soluços lhe embargam a voz.

— Não choreis, senhora Rainha; esqueceis que sou o Delphim, e que os Delphins não podem morrer assim...

A rainha chora mais fortemente ainda e o pequeno Delphim começa a se amedrontar.

— Oh! diz elle, não quero que a morte venha buscar-me e saberei impedil-a de chegar até aqui... Mandem vir já quarenta lansquenetes dos mais fortes para montarem guarda em redor do nosso leito!... Que cem grandes canhões estejam dia e noite sob nossas janellas, de morrões accezos! E coitada da morte, se ousar approximar-se de nós!...

Para agradar ao real menino, a rainha faz um gesto. Logo se ouvem os grandes canhões rolando pelo pateo; e quarenta altos lansquenetes, de partazana em punho, vêm alinhar-se em volta do quarto. São velhos soldados de bigodes grisalhos. O pequeno Delphim bate palmas de contentamento, avistando-os. Reconhece um delles e chama-o:

— Loreno! Loreno!

O veterano dá um passo para o leito.

— Gosto tanto de ti, meu velho Loreno... Mostra-me um pouco o teu grande sabre... Se a morte quizer levar-me, é preciso matal-a, não?

Loreno responde:

— Sim, meu Senhor...

E duas grossas lagrimas rolam pelas suas faces curtidas.

Nesse momento, o capellão se approxima do pequeno Delphim e fala-lhe muito tempo, em voz baixa. O pequeno Delphim o escuta muito e muito espantado; depois, de repente, o interrompe:

— Comprehendo bem o que me dizeis, senhor cura; mas não seria possivel que o meu amiguinho Beppo morresse em meu logar, para ganhar muito dinheiro?...

O capellão continúa a fallar-lhe baixinho e cada vez mais o pequeno Delphim se mostra assombrado.

Quando acaba, o pequeno Delphim responde com um grande suspiro:

— Tudo quanto me dizeis é bem triste, senhor Cura; porém uma cousa me consola: é que lá em cima, no paraiso das estrellas, eu vou ser ainda o Delphim... Sei que o Bom Deus é meu primo e não deixará de me tratar de accordo com a minha posição.

Depois, accrescenta, virando-se para sua mãe:

— Tragam-me meus mais bellos trajes, meu perpunto de arminho alvo e meus escarpins de velludo! Quero fazer-me bello para os anjos me vêrem e entrar no céu vestido de Delphim.

Terceira vez o capellão lhe fala em voz baixa, longamente, curvado para elle... Ao meio do que diz, o real menino o interpella, encolerisado:

— Então, grita, não vale cousa alguma ser Delphim?!

E, sem querer ouvir mais nada, o pequeno Delphim volta-se para a parede e chora amargamente.

AFFONSO DAUDET

Ella... Claudio França fallou-me outro dia, enthusiasmado, da mulher que ama. Disse-me que ella é loura como a Chrysis da *Aphrodite* de Pierre Louys, e mais bem modelada do que aquella Thaïs, por quem o monge Paphnucio se entregou ao inferno.

Comparou a com muita gente bella e gabou-me a sua admiravel intelligencia. Perguntei lhe como se chamava. Elle sorriu e condemnou a minha indiscripção. Depois, me disse:

— Não é difficil conhecel-a. Quando andares pela rua e encontrares uma mulher loura e formosa, elegante e sympathica, d'essas que, como de Victoria Accoramboni, dizia Stendhal, para não a adorar, é necessario não a ter nunca visto, já sabes: é ella!

Pensarão acaso que tenho procurado ver essa pessôa? Absolutamente não Por não acreditar no que dizem os namorados? Não. Para livrar-me do risco de ficar apaixonado...

PERDIÇÃO DE BYZANCIO!

« Nenny, beau sire, en bonne foi
Amours n'en ont gardée,
Mieux vaut avoir ami
Qu'être mal mariée ».

(Canção franceza do XVº seculo)

THEODORO Kalipatis, taverneiro á porta de São Romão, em Byzancio, casára com linda mulher em quem batia, quando se embriagava. Os pais de Dámalis sordidamente lhe haviam sacrificado a vida, unindo-a áquelle bruto e malvesado senhor. Sempre tivéra diante de si a sala fumarenta da tasca com o fôrro breado de sujeira, onde se succediam disputas, rixas e até mortes.

A melhor gente que a frequentava era a maruja das galés e fustas de guerra surtas nas taracenas do Corno de Oiro, e essa vivia bebeda. Não faltavam tambem piratas, que em cócas, barchas, carrácas e sacolevas roubavam os galeões grossos de Veneza e as tartanas da turcalhada.

Dámalis, que jamais folgára em festas e feiras, despejava vinho á torpe freguezia, escutando diariamente historias de corrupções e harens, de sangrentas abordagens e combates em que no chapitéu das náus se escorregava em sangue ou fugiam as caravellas rôtas pelas bombardas dos basiliscos e dos falcões.

Raramente, uma patrulha de archeiros vinha alli beber uma conca de vinho ou comer entoucinhado manjar. Logo, diante dos esbeltos soldados de brilhantes couraças, o marido enciumado trancava-a raivosamente na adéga.

Os turcos, senhores de Andrinopla, preparavam o ataque de Byzancio, forrejando já pelas immediações. Corriam novas más. Retirava-se muita gente da cidade. As tropas imperiaes esperavam a luta. Todos os corações sentiam-se opressos, porque desde certo tempo o abutre negro dos Osmanlis vencia a cruz dos Paleologos! O imperio entrava em agonia: perdêra a Asia e perdia a Europa. Repetiam um versiculo dos antigos livros persas que o sultão ottomano disséra: « A aranha fia sua teia no palacio dos imperadores e a coruja ensaia o canto agoureiro nas torres de Efrasiab! »

O povo amolentado mal cuidava da defesa, quando um dia se trancaram com fragor todas as portas e tropas coroaram as muralhas. O exercito sarraceno apparecia. Dentro em pouco, estrondavam os primeiros tiros dos camelos e berços.

Emquanto o Santo Synodo discutia se os anjos eram do sexo feminino ou do masculino, officiaes de Constantino Paléologo, conscios do perigo, bradavam pelas casas a carencia de homens nas portas e brechas. Poucos apparecêram. Kalipatis foi um destes. Na porta de São Romão, onde batia, rebatia o ariete mussulmano, a sua acha pesada cortava as cabeças que assomavam ao fim das longas escadas de assalto. Um pampilho derrubou-o. Quiz levantar-se. Pés de combatentes o fizeram rolar pela escaleira do bailéu. Despedaçou a cabeça nos degráus.

Dentro da cidade, no ultimo dia da resistencia, apregoavam com alvoroço que algumas portas estavam forçadas, os venezianos de Justiniani fraquejavam, naves turcas entravam nos canáes, os fossos até ás bermas se atupiam de cadaveres, o Imperador perecêra lutando e só um milagre salvaria Byzancio!

Velhos e enfermos, mulheres e creanças correram as tontas, gritando, pelas ruas, refugiando-se na basilica de Santa Sophia. As tropas mussulmanas já se precipitavam em balburdia dentro de Constantinopla. Troços de peonagem corriam aos berros, saqueando e chacinando. Tártaros passavam, galopando, com esvoaçantes estandartes e tongues avermelhados. Rostos triguenhos de janizaros e timariotas sorriam ao sol. As suas cabeladuras escapavam do cobre-nuca dos cascos e nas pontas das armas, altas no ar, formigava a luz.

Em a nave da igreja, nuvens de incenso e poeira ensolada adensavam-se, esfumando doiraduras, ebanisados ribêtes, recamos garneados, frisos de onix e madreperola, fimbrias de porphiro carminado, aureos grifos saltantes, cruzes de dois e tres braços, brazões arruelados de oiro ou cotiados de prata. Das balaustradas dos córos e tribunas caíam côlxas côr de vinho com orlas e bandas azúes, franjadas de canutilhos doirados.

No altar, palmas e vasos de esmalte separavam os cirios acesos. Ao topo de doze degráus estofados de almadraquexas se erguia, recoberta por um manto de purpura em que os rubis sangravam entre olhos de saphiras e pupillas de esmeraldas, a imagem de Ágia Sophia, a Sabedoria Divina, Infallivel e Sempre Venerada padroeira do imperio e defensora dos homens, cujas cáligas deauradas esmagavam o mal e o olhar claro espalhava o bem!

Um velho bispo com os paramentos de ceremonia cheios de oiros e safres oficiava rodeado pela colegiada de padres. O povo ajoelhado soluçava. O sol entrava pelos vitráes, estirando as sombras das columnas com boceis de côr, riscadas de caneluras e ornadas de chimeras de bifidas linguas nas entrelaçadas ramagens dos capiteis. Os padres tiravam uma antiphona. Os chantres respondiam e a multidão psalmodiava preces. Os queixumes do orgão subiam com as espiráes do fumo odorante dos thuribulos. Quando os cantos esmoreciam e a musica sacra frautava, se ouvia o tropear da cavallaria, detonações de trons e o berreiro da soldadesca rapinando.

Dámalis abandonára a taverna e recolhera á cathedral. Encostada a uma pilastra da archinave, dizia ás mulheres chorosas palavras de conforto, quando, fóra, o alarido das hordas conquistadoras atroou e, de encontro ás almofadas das portas, achas d'armas, maças, clavas pregueadas, bórdas, pontas de garrochas e quadrelos rechinaram. Depois dum assombro, o povaréu gritou, remoinhando. Retumbou o vai-vem acompanhado por barbara canção. As portadas estralejaram. Rebentou a ferragem das trancas e visagras. Ferros de azagaias palitaram as madeiras fendidas. Mulheres desmaiavam. Outras rolavam em convulções. Mães apertavam os filhos de mama ao seio. Moças gritavam e tinham espasmos e trismos. Figuras silenciosas e sinistras arregalavam os olhos com pavor. Doentes gemiam, arrastando-se. Velhos pediam alto a morte. Crianças choravam. Amortecêram os psalmos e parou a voz queixosa do orgão.

Voaram hastilhas de taboas, guincharam dobradiças torcidas e desabaram as portas. Os turcos sobrestiveram-se no patamar, um instante. Depois, brandiram os alfanges, coroando-se de raios sob o oiro do sol, premêram-se entre os batentes escancellados e penetraram na igreja, aos rugidos, golpeando velhos, calcando enfermos, arrancando tontos da carnagem e fumagem do assalto,

ornamentos de metal e pratéis de lampadas na gana do oiro. Arremetêram para as mulheres, despedaçando-lhe as roupagens, apertando-as ao peito e roçando as negras, ásperas barbas pelos seios e rostos.

Um agá, cujo pontudo capacete o turbante amarello circulava, poz aos hombros a mulher do taverneiro, que, acostumada a máus tratos e de animo forte, aceitou com indiferença o seu destino.

Deitada sobre o dorso do guerreiro, via-lhe o caftán pregueado nas costas pela cinta de aço e o boldrié incrustado de pedrinhas amarellas e azúes. Sentindo um quebramento da posição, deu ao corpo outro geito, que lhe arrancou um suspiro. Logo, elle a tomou nos braços, perguntando por que soffria, e os olhos tinham um lume de bondade. A bzyantina, espantada, não respondeu.

Subitamente, os sarracenos baixaram as pontas dos alfanges até os rubros mosaicos. Mafoma II entrava no templo, a cavallo, rodeado de vizires, com facêtas de topazios reluzindo no turbante. Parou ao meio da nave, molhou a mão num capacete cheio de sangue e estampando-a sobre o marmore da parede, bradou:

— « Deus é Deus e Mafamede o seu propheta ! »

O agá, dias depois, levou Dámalis para Andrinopla, atravessando numa arába os campos talados pela guerra, de onde os corvos levantavam o vôo e vinham áflatos de podridões. Velho camponio escravisado, com a longa aguilhada ao hombro, guiava os bois fulvos. O mussulmano cantarolava monotona ballada asiatica, que descrevia os dois anjos Monkir e Nekir pesando as almas numa balança de oiro. A grega não cessava de pensar em como um inimigo a tratava com ternura e paixão, quando do seu marido tivera somente asperezas.

Entre cyprestes, os tekkés, onde moravam derviches, riam á luz. Ao fim dum prado, surgiram pontas doiradas de minaretes. As rodas da viatura chiavam numa ladeira e o seu peso sobre as peças que prendiam o temão á canga do cingél forçava a junta de bois a diminuir o passo. O turco beijou Dámalis, longamente, na bôca.

O cingeleiro, voltando-se para annunciar Andrinopla, vio aquelle beijo e murmurou com desalento:

« Perdição de Byzancio ! Os homens não souberam defender a patria e as mulheres se entregam aos conquistadores infieis ! »

GUSTAVO BARROSO

"Fon-Fon" 7-1-922

NOTAS LITTERARIAS

A illustre esposa do grande juriconsulto patricio Clovis Bevilacqua, D. Amelia de Freitas Bevilacqua, escriptora de renome no nosso paiz, acaba de publicar mais um livro, para gaudio daquelles que amam as bôas obras. E' um romance, genero que não é commum no nosso pais, cujas paginas não se sabe o que mais admirar, se a sua bella concepção esthetica ou se a sua profunda lição moral. *Açucena* é a historia, escripta com elegancia de estylo, toda feita de simplicidade e de suavidade, sempre joven que surge para a vida pura como a flôr que lhe deu o nome e pelo meio das lutas possa sempre envolta na tunica incombustivel de rectidão de sua consciencia.

Este novo volume da distincta belletrista tem traços empolgantes e mostra muito bem a sua personalidade incomprendivel de artista, cujo maior merito é não procurar effeitos de artificios communs e sim tiral-os de sua propria maneira de ver. Por elle á illustre romancista nossos parabens.

A Infelicidade Outro dia gabei a felicidade d'um joven immensamente rico, que póde ter tudo quanto deseja com uma facilidade magica. Repetiram-lhe as minhas palavras. E elle, n'uma recepção em que nos encontramos, commentou-as d'esta fórma:

— Meu caro, amigo, você não deve *absolutamente* invejar a minha fortuna, que você pensa ser felicidade. Porque, na verdade, son muito e muito infeliz ! No mundo, segundo a philosophia de Pierre Louys, só ha dois modos de ter a infelicidade como companheira: desejar o que se não tem e obter tudo quanto se deseja Você deve ter sempre presente ao espirito que eu estou n'um d'esses extremos. Se os immensamente pobres desejam tudo quanto não podem ter, eu, que sou immensamente rico, tenho tudo quanto desejo. Creio que esta é a peior das duas fórmas de infelicidade!

E o meu amigo afastou se tristemente pensativo...

"Fon-Fon" 7-1-922

Lua de mel Meu amigo Christovam chegou da sua longinqua e pobre cidade natal, perdida nos cafundós do sertão brasileiro, com um immenso desejo de estudar desenho e pintura, aries para as quaes se julga com bastante inclinação e que ama, affirma elle, mais do que a propria vida.

Arranjei-lhe matricula na nossa inefavel Escola de Bellas Artes e um dos tes dias fui visital-o no seu quarto de solteiro, numa pensão modesta dos lados da rua Barão de Mesquita. Encontrei o seu aposento arranjado como *atelier* com gravuras nas paredes, cabeças e braços modelados em gêsso, cortinas de cretonne berrante, cavallete, palhetas, tellas felizmente ainda em branco, tubos de tintas, raspadeiras e pinceis. Conversamos algum tempo e notei lhe um ardente enthusiasmo pela arte. Só me falou da pintura e dos pintores.

Quando regressei a cidade vim pensando como Henri Murger que, como o amor, a arte tem tambem a sua lua de mel...

As rêdes Quando faz calor, quasi sempre durmo numa rêde branca, de «panno inteiro», isto é, sem costuras, *natural* do Ceará. Verifico, então, que para os paizes quentes não ha melhor leito do que esse que se póde suspender no terraço duma casa ou debaixo duma arvore, que o vaqueiro póde conduzir á garupa do cavallo e que facilmente o emigrante póde levar sob o braço.

Outrodia, lia balançando-me na minha bôa rêde, quando recebi a visita intima dum amigo medico. E elle fez um longo discurso, entremeiado de difficeis termos scientificos contra o meu leito suspenso, que qualificou desprezivelmente como *fiango* ou *maca*...

— Respondi-lhe desta sorte:

— Meu caro, á tua opinião prefiro calmamente a de Raspail, cujo nome se perpetua num dos bellos boulevards de Paris, o qual preconisava o emprego da maca para dormir —como sendo o leito mais hygienico, que realisa ao mesmo tempo, «pour le riche et pour le pauvre, l'egalité devant le sommeil «

"O Jornal" - 30 - Dezembro - 1921

Hermés Trimegisto e Lavoisier

Antes da theoria de Einstein e do apregoado "rien ne se crée, tout se perd", de Gustave Le Bon, o mundo dos phenomenos era governado pelo grande principio, cujo melhor enunciado se devia a Lavoisier: "na Natureza nada se cria e nada se destróe; tudo se transforma". Esse dogma fundamental da indestructibilidade da materia regia a sciencia havia muitos seculos e alguns sabios, por exemplo, o ultimo scientista citado, o foram desentranhar de autores latinos antigos — como Lucrecio, que mais ou menos o deixou exposto nas paginas do "De Natura Rerum". E Lavoisier não fez mais do que resumir numa phrase o que já estava de ha muito codificado entre as leis geraes scientificas do universo.

Por que nos autores antigos se encontra essa lei que parece relativamente tão moderna? Porque ella é uma das que estão, desde os primeiros tempos da historia da humanidade, definitivamente catalogadas pela velha sciencia religiosa das primitivas iniciações rituaes dos grandes templos, por essa "sabedoria antiga", que o genio de Annie Besant tem percorrido em todos os sentidos e que, como a Agia Sophia dos bysantinos, esmagava o Mal com as douradas cáligas.

O principio de Lavoisier, cujos fundamentos scientificos não podemos nem queremos discutir, por nos faltar competencia para tão alto feito, vem desta sorte, da mais remota antiguidade. E é simplesmente a demonstração dessa sua velhice que nos leva a tratar do assumpto, do ponto de vista historico e não do scientifico, onde nossa ignorancia encontra todas as portas fechadas.

"

Entre os documentos nos quaes se póde fiar, que nos ficaram da velha sabedoria dos antigos templos egypcios e indu's, das antigas iniciações orphicas, isiacas, brahmanicas, estão na primeira plaina os celebres livros de Hermés Trimegisto, que, nos primeiros seculos da Egreja, gozaram de alta autoridade entre os doutores christãos, que invocavam o seu testemunho e o das Sibyllas, para mostrar que o mundo pagão advinhára e annunciára pela sua bocca a vinda do Messias. E por isso, entre o povo, de estatuas das cathedraes gothicas se erguem, com os seus attributos pagãos, as figuras das grandes Sybillas de Cumes, de Delphus, do Hellesponto, da Erythréa.

Lactancio achava que Hermés Trimegisto descobrira (e não sabia explicar como, confessava o doutor ecclesiastico) toda a verdade! Uma explicação cabal sobre a personalidade e a obra de Hermes Trimegisto tomaria livros, tão discutidas ambas têm sido pelos eruditos, desde Ficino e Patrizzi, na Renascença italiana, até Creuzer e Guigniant, nos nossos dias. A obra total compõe-se do seguinte: livro I, o Pimandro ou Poimandro, do grego Poimandrés; o Discurso universal de Hermés a Asklepios; o Discurso Sagrado de Hermés Trimegisto; a Kratera ou a Mónada (Hermés Trimegisto a seu filho Tat); o Deus invisivel é muito apparente, discurso de Hermés a seu filho Tat; o Bem está somente em Deus e mais em parte alguma; o Maior Mal dos Homens é ignorar Deus; "Nada se perde e é um erro chamar ás transformações morte e destruição"; do Pensamento e da Sensação; a Chave (Hermés a Tat): do Renascimento e da regra

do Silencio, sermão secreto sobre a montanha; a Intelligencia a Hermés; a Intelligencia commum; e Hermés Trimegisto a Asklepios, a Sabedoria. Livro II, Discurso de iniciação ou Asklepios (Esculapio). Livro III, fragmentos do livro sagrado, intitulado "A virgem ou a pupilla do mundo". Livro IV, fragmentos dos livros de Hermés a seu filho Tat; fragmentos dos livros de Hermés a Ammon; fragmentos diversos; as Definições. Asklepios ao rei Ammon, do sol e dos demonios, das difficuldades que as paixões do corpo cream á alma, louvores ao Ente Supremo e elogio do Rei.

Todos os fragmentos dos livros desapparecedios foram apanhados nas paginas das "Eclogas Physicas" e do "Florilegium, de Seneca, e do "Contra Juliano", de Cyrillo. Sobre a origem e a data de apparecimento dos trabalhos intitulados de Hermés Trimegisto, de Mercurio — tres vezes — grande, os especialistas allemães, francezes e italianos no assumpto ainda não chegaram a accordo. Se o seu estylo e certas de suas idéas o fazem parecer nascido na decadencia alexandrina, o fundo geral de suas theorias, que vêm de Platão, de Orpheu e de mysterios mais velhos, o "homem ideal" do seu Poimandrés, que se prende ao Kadmon da Kabbala e ao Osiris do "Ritual Funerario" egypcio, prolongam sua vida até á sombra das mais antigas religiões. E a sua feição de explicação geral da vida debaixo de qualquer dos seus multiplos aspectos dá a essa obra mysteriosa o cunho das vetustas iniciações religiosas e scientificas daquellas grandes sociedades secretas que prosperavam nos templos da antiguidade. Casaubon a attribue a um judeu e Jablonski a um gnostico. Vacherot acha que deve ter saido da escola de Philon. E nesse acervo de pensamentos profundos os estudiosos têm posto em relevo pontos de contacto com o "Genesis", o "Evangelho" e o "Apocalypse", de S. João, com o "Pastor", de S. Hermas, o "Baghavad Gita" da India, o "Banquete" e o "Timeu" de Platão, todos, é preciso notar, livros que se ligam á Theosophia antiga.

Em 1910, tudo quanto os antigos conheciam sob a rubrica geral de obras de Hermés Trimegisto, tanto o que havia em manuscriptos especiaes, como o que foi conservado pelas citações de Euzebio, Suidas, Lactancio, Cyrillo e Stobeu, o sr. Luiz Ménard, erudito autor do "Polytheisme Hellenique", traduziu e reuniu num volume de 280 paginas, além de 99 de excellente prefacio, contendo exhaustivo estudo sobre os livros hermeticos. Esse livro foi coroado pelo Instituto de França e editado pela Livraria Academica de Perrin & C. E' a elle que recorremos para apontar o principio de Lavoisier, repetido de quando a quando por Hermés Trimegisto, que a elle dedica o capitulo — "Nada se perde e é um erro chamar ás transformações morte e destruição". Se os livros hermeticos são effectivamente antiquissimos, esse principio scientifico, está visto, já estava em voga na "sabedoria antiga" dos templos e dos collegios sacerdotaes. Se datam unicamente da época do néoplatonicismo alexandrino, foi abeberar-se nessa fontes vetustas e expõe as theorias theosophicas. Uma das provas é o seu elogio final ao Rei. Para aquelles que sabem quanto, na organização das antigas sociedades theocraticas a pessôa do rei, sujeita ao prestigio moral do grão-sacerdote local, ambos ligados ao Rei dos Reis e sob a egide do Grande-Lama ou Papa das federações theocratico-politicas, era importante esse simples elogio ao Basileus e á sua virtude de garantidor da Ordem e da Paz basta para indicar as idéas fundamentaes de quem o escreveu. Ademais, nessa curiosa obra se podem encontrar pensamentos de ordem philosophica geral que as grandes intelligencias humanas têm tido a seculos e seculos de distancia. Por exemplo, no "Pimandro", Hermés chama Deus o Motor, repetindo o que pensára Anaxagoras e antecedendo o "Primo Motore" de Leonardo da Vinci.

Nesse mesmo capitulo, á pagina 6, escreveu: "Porque onde tudo acaba tudo começa eternamente". A' pagina 12, repete o pensamento: "Primeiro, disse Poimandrés, a dissolução do corpo material entrega seus elementos ás metamorphoses". O capitulo VIII desse livro trata todo elle do mesmo assumpto. Já repetimos o seu titulo, que é em outras palavras o enunciado celebre de Lavoisier, base unica da chimica moderna até certo tempo. Logo ás primeiras linhas se lê: "a palavra "mortal" não quer dizer coisa alguma... A morte seria a destruição e nada se destroe neste mundo". A' pagina 52 ha esta explicação: "O mundo só tem um sentimento e um pensamento: crear todas as coisas e fazel-as voltar a elle proprio. Elle é o instrumento

"Diario de Pernambuco"
23 - Dezembro - 1921

da vontade de Deus e seu papel é o de receber as sementes divinas, de conserval-as, de produzir todas as coisas, "dissolvendo-as" e "renovando-as". Na 67: "As energias de Deus são intelligencia e alma; de eternidade, permanencia e immortalidade; do mundo, "composição" e "decomposição..." Na 72: "A morte não é a destruição do que estava unido, porém a ruptura dessa união... Os povos chamam morte á transformação, porque o corpo se decompõe e a vida "deixa de ser apparente". Na 83: "nada morre, porém o que estava composto se divide. Essa divisão não é morte, é analyse duma combinação, comtudo, o fim dessa analyse não é a destruição e sim a renovação". E por fim, na 214: "As energias não agem unicamente nos corpos animados; tambem agem nos inanimados, como as madeiras, as rochas e outras coisas semelhantes. Ellas os augmentam, os fazem frutificar, os decompõem, dissolvem, putrefazem, reduzem a pó, fazendo-os passar por todas as transformações a que estão sujeitos. Porque se chama energia o que produz a mudança, o "vir a ser". Ora o "vir a ser" é multiplo, ou melhor, universal. Jamais nada do que nasce faltará ao mundo, que incessantemente engendra de si proprio os sêres que destróe. Toda energia é, portanto, immortal, de qualquer natureza que seja e em qualquer corpo que se produza".

A linguagem hermetica, apezar da sua feição symbolica, ás vezes, abre de quando a quando os mais largos horizontes á theoria de Lavoisier, e a gente ao ler a sente que, no fundo da historia humana, paira o mesmo mysterio que envolve o Kosmos e que os antigos corporizavam no véo de Isis, no zaimph de Tanit, no pallio de Athena e na ampla cortina do Templo de Salomão. Quem a levantará, um dia? Se a sciencia no sentido pratico applicado tem avançado extraordinariamente nos nossos dias, parece que no sentido philosophico propriamente dito não andou muito. E talvez seja melhor que não ande, porque o Mysterio das Coisas, uma vez descoberto, talvez seja como todos os mysterios que se descobrem — simples desillusão. Talvez mesmo o encanto da vida esteja em se não poder responder ás eternas perguntas: — De onde? Por que? Para onde? Para que?

João do NORTE.

De uns e de outros...

João do Norte é hoje um dos mais fecundos e brilhantes escriptores nacionaes. E quando digo nacionaes quero realçar sobretudo na sua obra o caracter genuinamente brasileiro. Porque ha escriptores nossos que o são no nome. Ha muito no sr. Coelho Netto que tem mais de portuguez que de brasileiro. O sr. João do Norte, não. Elle reflecte bem o seu ambiente, é o producto do seu meio. E como só ha arte verdadeira quando emana directamente da natureza, não tenho duvida em dizer que o sr. João do Norte é um artista de raça.

Naturalmente que explorando á larga a chronica, o sr. João do Norte, nos apparece, ultimamente, um pouco "internacionalisado", mas isso é culpa do jornalismo que o absorveu a elle como absorve a todos os homens de letras no Brasil. O jornalismo é o deus—Molock—deante do qual todos teem de sacrificar.

Explica-se essa absorpção, porem, quando se vê que o jornal é o melhor meio de se pôr em contacto com o publico. O livro é de difficil accesso. O jornal, a revista, o magazine, não: estão ao alcance de todo o mundo, e constituem o que os criticos militares chamariam um agente de ligação. O pensamento central da obra de João do Norte, contudo, é fundamentalmente brasilico. Os seus melhores livros são os de observação directa e pessoal, como, "Terra de Sol", "Praias e "Varzeas", "Heroes e bandidos". E tendo no prelo varios trabalhos de erudição literaria, sociologica, philosophica e historica, é ainda nos costumes locaes e na terra natal que elle vae buscar elementos para novos estudos. Assim é que estão para sahir "Rei do Sertão", sobre fanatismo sertanejo, "Almas de lama e de aço", historias de bandidos "Tamboeiros", serie de contos.

"Fon-Fon" 7-1-922

A livraria Leite Ribeiro acaba de editar agora mesmo o seu annunciado volume de folk-lore "Ao som da viola". Valendo-se dos preciosos contingentes de Mello Moraes, Sylvio Romero, Rodrigues de Carvalho e do nosso Pereira da Costa, João do Norte fez entretanto um trabalho que não deixa de ser original para nós, porque estabelece, a exemplo dos especialistas europeus e americanos, uma classificação do "folk-lore" indigena por cyclos, como o dos Bandeirantes, reunindo as lendas da penetração, o do Natal, o dos Vaqueiros, o dos Cangaceiros e o dos Caboclos. O seu livro tem assim a vantagem da methodisação e da clareza, dividindo-o em duas partes, conforme a poesia sertaneja: a repentista e a tradicional.

Na introducção elle explica como surgiu essa poesia expontanea, cheia de ingenuidade e de uma belleza selvagem:

"Mal sabendo lêr ou não o sabendo de todo, não tendo nenhum outro meio de communicação do pensamento o povo creou canções. A ausencia do habito de leitura deu a essas producções ás mais das vezes, formas que permittem ser facilmente guardadas; recitadas ou cantadas. O seu acompanhamento musical é composto de melodias muito simples como toda musica primitiva. Outr'ora as executava nas cordas da viola as velhas "vielles" dos troveiros. Depois, adoptou o violão. Agora, prefere infelizmente, a semsaboria das sanfonas".

Reunindo lendas, dictos, canções, poesias mnemonicas, orações, desafios, historias, fabulas e superstições, João do Norte faz uma obra tanto quanto possivel completa e que despertará a attenção tanto do grande publico como dos eruditos e dos estudiosos das cousas, da nossa terra e da nossa gente.

A. FERNANDES.

Gondolas e andorinhas

Ha uns dez ou doze annos ainda se viam no Rio de Janeiro duas especies de pequeninos omnibus, montados sobre rodas muito altas, que serviam para o transporte de trabalhadores e operarios e que se chamavam *gondolas*. E todo o mundo conhece hoje as *andorinhas* ou caminhões fechados, que fazem os serviços de mudanças.

As gondolas desappareceram. As andorinhas continuam a *vôar*.

Ora, até bem pouco tempo pensava que essas appellações de viaturas fôssem proprias da nossa cidade, fôssem verdadeiramente cariocas. Mas, percorrendo as notas de Ginisty ao «Pays Latin» de Henri Murger, verifico que são de pura origem franceza. Eis o que ellas dizem: «En dehors des Messageries Royales il y avait quantité d'entreprises qui assuraient le service des voyageurs dans un rayon peu eloigné de Paris et qui partaient, selon leur direction, de tel ou tel quartier. Ces entreprises avaient des noms et des surnoms. Il y avait les *hirondelles* pour Montereau, les *celeriféres* pour Fontainebleau, les *gondoles* pour Versailles...»

Ahi estão as nossas gondolas e andorinhas...

Liszt o Malcreado

O grande musico Liszt, cujas rhapsodias ainda hoje nos enlevam, quando estava na época dos seus maiores triumphos era um malcreado de truz. A menor desattenção o feria como um insulto e elle demonstrava o seu desagrado de modo brutal, mesmo para com os testas coroadas, não respeitando conveniencias de especie alguma.

Dando um concerto em presença da côrte imperial, em Petersburgo, vio o czar Nicoláu I trocar algumas palavras com uma das damas de honor. Parou de tocar, levantou se e desceu do estrado do piano. O imperador, espantado, approximou-se delle e delicadamente lhe perguntou:

— Por que paraste de tocar, Mestre?

Liszt respondeu mal humorado:

— Quando o soberano fala, todos devem fazer silencio.

Noutro concerto em Londres, ao qual comparecêra a Rainha Victoria, deixou de tocar e retirou-se por ter visto a soberana pedir um copo de agua. Fôram perguntar-lhe porque interrompera a execução do seu trecho no piano e retrucou intempestivamente:

— Não quiz importunar Sua Magestade que tinha ordens a dar.

A princeza de Metternich, o celebre estadista e diplomata, perguntou-lhe um dia se na sua profissão fazia bons negocios. Deu-lhe as costas, dizendo:

— Só os banqueiros e os diplomatas fazem bons negocios. Os artistas não!

Num concerto nas Tulherias, o rei Luiz Philippe, dirigindo-se ao celebre compositor, disse-lhe com amavel intenção:

— A primeira vez que vos ouvi, Mestre, não ereis ainda celebre e eu era simplesmente o duque de Orleans. Não acha que as coisas mudaram muito?

— Mas não para melhor! explodio o malcreado artista.

Luiz Philippe mordeu os labios e não lhe deu a commenda da Legião de Honra, que trazia no bolso para elle.

O calor

Fazia calor de rachar. Nunca menos de 38 gráus á sombra! Tomei o bonde para casa e o aca o fez sentar se junto a mim, dum lado, uma senhora gorda, que suava sempre, do outro, um conhecido de rua, desses que grudam na gente, silenciosos, quando a gente quer ficar sósinho...

Quiz falar lhe da paysagem que os nossos olhos viam ao subir para Santa Thereza e não obtive palestra que prestasse. Tentei outros assumptos, até mesmo o da successão presidencial: nada! Ia já perdendo a esperança de ao menos passar o tempo falando e exclamei:

— Uff! que calor!

O homem desandou uma catilinaria contra o calor.

Ao menos para assumpto de conversa, onde não o ha, o calor serve...

"A Imprensa" - Natal - 21. Dezembro 1924

AO SOM DA VIOLA

Lindo nome. Ao som da viola traduz e lembra as scenas sertanejas do trovar. E' na sésta, no quente meio dia, quando a terra adormece no fôgo palpitante da luz viva, param as folhas, e na calma das latadas, trina a viola nas cantigas serenas. Então, a noite de luar; o luar sertanejo dos versos de Catullo, estala no pateo a fogueira aquecedora e amiga, sôam n'um murmurio de lôas, endeixas, as formas rusticas de solaus e rimances toscos, e toda a alma do Sertão se evola e ascende para o ceu, entre o sussurro dos bordões e o perfume embriagador dos juremaes floridos. E' do ambiente romantico, irreal, cheio de estranhesas, scenario abrupto e rude de drama wagneriano, onde a Lua põe toalhas de neve e prata nos torreões medievos das serras longiquas, onde um silencio abafado e morno esparge tons de mysterio e de lenda ácada arvore esgalhada, que o espirito de Gustavo Barroso foi construir o seu ultimo livro. E' um livro de carinho, de lenta saudade as terras do Nordeste; paginas que valem muito de emoção, um trabalho paciente, erudito. sentido; cantando, annotando, descrevendo, a triste alegria das gentes nordestina. Sua alma forte d'artista enamorado da sua terra, segue em amor e estudo os cyclos evolutivos o folk-lore sertanejo. O cyclo dos Bandeirantes, semi-esquecido na tradição oral dos matutos, o cyclo do Natal, expresso pelos autos do Pastoril. Rei dos Mouros, Fandangos, Congos, Boi; o cyclo dos Vaqueiros, traduzido pelas longas narrativas das façanhas, das lides no campo; a afoiteza, a valentia e forças das onças, novilhos e toiros que immortalizaram os boeiros e crearam xacaras humildes de louvor; cyclo o heroico, que se deteve na figura angulosa do cangaceiro, o heroe-bandido; o cyclo dos Cabôclos a eterna victima das historietas sertanejas, a cultura de Gustavo Barroso não esqueceu a menor modalidade do espirito glorificador ou satyrico dos nordestinos. Desta forma reuniu elle a admiravel Anthologia, os cantares de amigo, as orações, repentes, historias de gente e de animaes, as fabulas, as lendas, as superstições. *Ao som da Viola* è bem nosso, substitue em parte o descaso dos intellectuaes Norte-Rio-grandenses pelo folk-lore. Muitas historias. crendices e descantos são communs a todo o Norte. Fizessemos nós o confronto, as annotações, as variantes, e Gustavo Barroso seria o prioneiro, o iniciador deste sentimento patriotico da vulgarização do nosso povo, nas folhas dos livros de folk-lore. Sei que muitos espiritos illustres, sapientes mystagogos, reputariam frivolo e banal, inutil e meneneiro, o esforço expendido n'um trabalho, n'um artigo, n'um ensaio que estudasse lubis homens e mulas sem cabeça.

Não val que se aponte entre os demologos brasileiros os nomes de João Ribeiro, Araripe Junior, Alberto Faria, Sylvio Roméro, Barão de Studart, Rodrigues de Carvalho, João Brigido, Pereira da Costa, toda uma brilhante pleyade de cultos; mas a esta myopia convencional, a verdade é a mais relativa das cousas,

Quando li *Ao Som da Viola* lembrei-me de Fabião das Queimadas, o menestrel negro, o octogenario menino e amoroso de cantar, a ultima encarnação de alegria viva de uma raça. Fabião desaparecendo, perderemos a messe interessante das suas remenicencias, versos, emboladas e martellos, satyras, motejos e racontos, louvações e narrativas, tudo se apagará com a verve do velho vaqueiro e não teremos, n'um livro de arte, este symbolo admiravel do sertão soffredor e paciente.

Para nós que nada temos feito neste genero de cultura litteraria- cientifica, o livro de Gustavo Barroso é um exemplo e uma sugestão. "Ao Som da Viola" é um repositorio, um receptaculo natural, onde convergiram as multiplas manifestações d'alma sertaneja. Para uma obra de merito rasoavel e ultilissimo serviço não é precizo a *diaria ablucion libresca*, como diz Rodó. Bastaria um pouco de vontade e de observação; methodo que o instinto indica; rythmo que a alma de patricio patenteia e aclara.

Ao Folk-lore tradicional e repentista, Gustavo Barroso prestou um grande auxilio. A isto, a lembrança do *nortista exilado*, escreve ajudado pela memoria. Formado no ambiente das lutas dos agouros, das crendices, a sua creação litteraria trouxe para as linhas da forma, os typos que via. Desta maneira, o vaqueiro, lidador encourado e bronco, vencendo mattagaes e espinheiros, o cantador de viola enfeitado de fitas e ramos de alecrim, o cangaçeiro, guerreiro conduzido pelo empulso desordenado da coragem destemida e louca, quer nos dominios da fé religiosa, quer nos ambitos das rezas-fortes e feitiços, o meio actúou naturalmente, sobre o inslincto esthetico de Gustavo Barroso; assim se explicando a sincera fixação das figuras sertanejas nos livros que trabalha com verdade e esperança. Differe o cunho de sensibilidade, de justiça, de sentimento, entre o observador que viaja e o que viveu a vida monotona das cidadesinhas provincianas. Para o primeiro o lemma é *"sguarda e passa"*; o segundo conserva no coração, a devisa dolorosa; *remenber*.

No "Ao Som da Viola" com as suas setecentos e trinta e trez paginas, poucos traços relebram o auctor. Notações, commentos, corrigendas, esboços de cyclos analogos em folk-lore extrangeiro, nisto se resume a tarefa do cordenador. O mais, è o proprio sertão cheio de sol, de rumor, de alegria; sertão das feiras, dos bailes, dos desafios; o livro é uma nota viva de alegria no *ralentando* tristissimo dos aboiados...

Luiz da Camara Cascudo.

"Correio Paulistano" - 29-Dez°-1924

NOTAS DE FOLK-LORE

CHORO DE PAGÃO

Em todo o Brasil, tanto na zona littoraneana, onde ha um verdadeiro chaos de tradições e mythos populares, como em pleno sertão, onde os elementos mistos das tres raças basicas se perpetuam relativamente mais puros, acredita-se que o logar onde se enterrou uma criança morta sem baptismo fica para sempre mal assombrado. O menino-pagão vem ali todas as noites chorar a sua desventura de estar atirado ao limbo, sem esperanças de salvação. Na calada da noite, ouvem-se os seus gemidos, o seu choro debil e inconstante. E ninguem se atreve mais a se approximar de tal paragem.

Quando, sob uma arvore, nas ruinas de uma casa, ao pé de um cercado, se começa insistentemente a ouvir o choro do pagãozinho, affirma o povo, basta cavar o sólo para encontrar o seu pequeno esqueleto.

Essa crendice nos veiu da Europa. Foi o christianismo que a desenvolveu entre os povos occidentaes. Por meio della se procura explicar certos rumores nocturnos. Todos esses ruidos causados pelo vento no arvoredo, nos muros, tectos e vigamentos das casas eram, entre os povos pagãos da Europa, attribuidos a caçadas nocturnas de genios e phantasmas, ou a cavalgadas de familias feudaes desapparecidas, isto no começo dos seculos medievaes. Dahi as lendas germanicas das correrias do demonio Paphos, da caça do senhor de Falkenberg; a lenda catholica de Santo Huberto nocturno; a dos caçadores bretões do rei Arthur e a dos caçadores da Touraine, do rei Hugon; a da montaria do rei Otto, na floresta de Fontainebleau; a do cortejo de Holda, na Thuringia; a da eterna dança nos ares de Herodiades, na Catalunha; a da cavalgada da familia Herlequin, ou Arlequin, em certos logares da França.

Entre os rumores que se ouvem á noite, os mais communs são aquelles que imitam o choro e os gemidos. Basta o roçar de um galho noutro para produzil-os. Entretanto, sómente forte ventania poderá fazer barulhos que recordem o galopar das cavalgaduras, o vozear das trompas e o alarido das matilhas.

Esses choros e gemidos são as queixas dos espiritos errantes das antigas crenças que o christianismo transformou nos lamentos das almas penadas e no choro das crianças pagãs. De accôrdo com o livro de Richard, "Traditions populaires, usages et contumes de l'ancienne Lorraine", o visconde de Puymaiga regista na França a mesma abusão corrente nos sertões brasileiros, especialmente nos de Nordeste, a propósito do choro dos meninos enterrados sem baptismo: "l'on croit dans certains endroits de cette province (Lorraine) que ces rumeurs mystérieuses sont les cris des enfants morts sans baptême."

O CACHO DOS CANGACEIROS

Todo o cangaceiro que se preza usa nos rudes sertões cearenses, pernambucanos, alagoanos e parahybanos uma mecha de cabellos, o celebre **cacho**, cahido sobre a testa, entre os dois olhos. E' um signal de bravura adoptado por quasi todos os povos primitivos. Numa nossa nota, ha tempos, mostramol-o, com documentos, entre os guerreiros do antigo Egypto. Agora, inesperadamente, vamos encontral-

o na Judéa. Cá está elle á pagina 346 do excellente livro do padre José Maria Lagrange "Le Messianisme chez les prifs", edição Gabalda, Paris, 1909: "... d'autres auteurs racontent les mêmes faits du celébre Dhou-Nowas le persécuteur des chrétiens. Son nom était, dit-on, Zurá; en se convertissan au judaisme ou en montant sur le thrône il prit le non de Iousouf; Dhou-Nowas est un surnom qui fait allusion aux mêches de cheveux pendantes qu'il portait..." E' preciso fazer notar que esse Dhou-Nowas era um guerreiro, um batalhador terrivel contra as tribus hymiaritas, e que a superstição dos cabellos como symbolos de força, valentia ou consagração a Deus era velha na terra de David. Basta lembrar Sansão e os Nazarenos.

AS LIBELLULAS NO SERTÃO E NO JAPÃO

Entre os insector cujo aspecto mais tem impressionado a imaginação dos povos, não se póde deixar de citar as libellulas de vôo elegante, de corpo agil, nervoso e colorido brilhantemente como as pedras preciosas, de azas delicadas, transparentes como a mais fina gaze, através de cujas nervuras a luz do dia se irisa.

A nossa gente as denomina nas praias e no interior nordestino Cavallos do Cão. Ha nessa denominação meio mysteriosa uma reminiscencia talvez de antiga lenda hoje desapparecida, pois ninguem sabe explicar qual a razão por que tão interessante e ligeiro bicho serve de montaria ao diabo... E' preciso não esquecer que, na linguagem popular, do Pará á Bahia, cão significa simplesmente o demonio.

O mais curioso é que não sómente a nossa mythographia dá ás libellulas o papel de transportadoras de espiritos nas suas pequeninas costas rutilantes. No Japão existe a mesma manifestação demologica. Lafcadio Hearn diz o seguinte ("Kotlô", traducção franceza de Joseph de Smet, edição do Mercure de France, Paris, 1912, pg. 182): "les libellules sont les chevaux des morts".

OS MONTES DE PEDRAS

Quem viaja pelo interior do Brasil encontra quasi sempre, ao pé das cruzes que assignalam o logar onde morreu, mataram ou sepultaram um individuo, pequenos montes de seixos. Cada um destes, sabe-se, representa uma oração. O viajante que por ali passa reza em favor da pobre alma do morto um padre-nosso ou uma ave-maria e depois lança uma pedra ao pé da cruz, de maneira que dentro de algum tempo um monte de seixos se ergue sobre a humilde sepultura.

O facto póde ser observado entre varios povos europeus; porém o que é verdadeiramente curioso é encontral-o no interior da Africa escaldante, perpetuado numa lenda religiosa. Eil-a tal qual foi recolhida por Blaise Cendrars e catalogada com a epigraphe de conto de origem **Fan**, no capitulo das lendas cosmogonicas da "Anthologia Negra": "Depois disso, lançaram-se as cinzas sobre o corpo de Ndun (rei dos primeiros homens), e, quando a cóva estava cheia, o Creador accrescentou: — Ide procurar pedras. — Foram buscar pedras e puzeram-nas sobre a sepultura. As pedras elevaram-se alto, muito alto. O Creador disse: — Eis ahi o Signal. Quando em viagem virdes o logar onde repousa um homem, lançai-lhe uma pedra, um ramo ou uma folha. Deveis fazer assim! — E os homens lhe responderam: — Sim, faremos assim!"

Na formação ethno-psychologica da demologia brasileira, para a erecção dos monticulos de pedras que bordam as margens dos caminhos do sertão, qual seria a tradição que superou; a que veiu com o europeu pela Peninsula Iberica ou a que nos trouxe o escravo africano?

João do NORTE

UM JARDIM DE HISTORIA

O titulo gebhartiano deste artigo exprime bem o que é na nossa literatura, as mais das vezes apressada e impensada, o novo livro de Elysio de Carvalho, feito de paginas floridas da nossa historia.

Nas quasi trezentas laudas do "Brava Gente" só uma nobre preoccupação palpita constantemente: a do preito, de accordo com a verdade dos factos, a alma extraordinaria da Raça, da gente que fundou, alargou, defendeu e conservou a Patria. Cada um de seus capitulos é uma admiravel lição de verdade, de patriotismo, de heroismo e de dedicação.

A historia dos vultos principaes da "Brava Gente", contada por Elysio de Carvalho em paginas de estylo vibrante, alicerçadas na profunda verdade duma documentação solida e talvez unica, não comporta desanimos nem tibiezas, que elles, na guerra flamenga, no investir das bandeiras sertões a dentro, no pelejar dos pampas, não os conheceram nunca.

E, portanto, esse livro vale por um exemplo admiravel aos descendentes dos Rebellinhos, dos Borbas Gatos e dos Bento Gonçalves, para que na hora presente saibam affrontar e vencer os perigos de tôda a especie que se avolumam no nosso caminho.

O livro do notavel escriptor nacional mostra-nos uma faceta lampejante do seu espirito: sua viva, faulhante curiosidade intellectual, servida por vasta cultura, que o faz catalogar, numa das mais interessantes bibliothecas do Brasil, uma rica collecção de velhos livros sobre o nosso paiz que a maioria dos nossos patricios desconhece por completo e dos quaes elle extrae a formidavel documentação dos seus assumptos.

"Brava Gente" contem unicamente capitulos de alto interesse para a nossa historia. Em primeiro logar, "A resurreição de Leonidas", em que Pernambuco nos apparece, o que é absolutamente verdade, como "a terra classica do heroismo nacional", onde os filhos e netos das mais nobres e antigas familias portuguezas deixaram uma luminosa tradição de abnegação patriotica "quasi mystica", de energia e de formidanda impetuosidade. Leonidas é ahi Pedro de Albuquerque, o famoso defensor do forte do Rio Formoso, o guerreiro "engrinaldado de louros", que escreveu nos nossos annaes uma pagina maior que a do general Barbanegra, em Huninga.

A' frente de vinte homens, elle resistiu a seiscentos hollandezes, e, quando estes, após luta titanica, conseguem penetrar no pequeno forte, o encontram ferido no meio de dezenove cadaveres.

Em segundo logar, o "Brava Gente" nos relata um episodio até agora nunca narrado com desenvolvimento e riqueza de pormenores por nenhum escriptor. Elysio de Carvalho tirou esse ouro puro duma ganga complexa de alfarrabios e papelorios, e fel-o brilhar ao sol. E' o raconto do "Regresso de Ulysses". Chama Ulysses ao valente Luiz de Barbalho Bezerra, outro heróe da guerra hollandeza, talvez a pagina maior, mais esplendida da vida brasileira, em que a colonia pela alma verdadeiramente brava da sua gente se affirmou digna de ser nação por todos os titulos.

Após annos de cruenta e constan-

"O Jornal" 11-1-922

te combater, Barbalho, sitiado pelos bátavos no forte de Nazareth, é obrigado a capitular. A sua guarnição vae para as Antilhas hespanholas, saindo da cidadella com todas as honras da guerra.

Levam-n'o para os Paizes Baixos, onde o cercam de admiração.

Mas nenhuma Circé e nenhuma Calypso teve o poder de retel-o na Hollanda. Mal recupera a liberdade, pensa somente na sua Ithaca pernambucana, gemente sob o tacão flamengo. Corre a Lisboa, organiza um terço de bons soldados e vem desembarcar na Bahia, que defende de ataques inimigos. Mas, posteriormente ao revés da expedição do conde de Torre, Barbalho resolve de Porto dos Touros, no Rio Grande, onde chegára, varar o sertão, a despeito de todas as difficuldades e perigos, ora soffrendo fome e sede, ora repellindo partidas contrarias, até chegar ao seio dos acampamentos pernambucanos. E realiza com surprehendente heroismo essa maravilhosa "Anabasis".

Conta-nos mais o provecto historiador dos altos feitos da "Brava Gente" a morte de Francisco Rebello, o Rebellinho, que chama com toda a razão o Lidador; o lindo "Suave Milagre" de D. Paulo de Moura; a morte de D. Rodrigo de Castello Branco pelos pagens do bandeirante Borba Gato, no caminho do paiz do ouro e das turmalinas verdes; e o duello cavalheiresco entre os centauros gaúchos Bento Gonçalves e Onofre Pires.

Completam o grande livro de Elysio de Carvalho dois capitulos de subido interesse, contendo pesquizas historicas de alto valor, a que até agora ninguem se entregára com esse real proveito. Esses dois estudos são de tanto interesse e despertam tal curiosidade que somente elles bastariam para dar ao livro da "Brava Gente" na nossa Brava Terra uma grande valia. Num, o escriptor estabelece, fundado em provas irrecusaveis, a fabula dum pretenso aventureiro Nicoláu I, que tivesse sido rei do Paraguay e Imperador dos Mamelucos, deixando essa questão absolutamente em pratos limpos. Noutro, elle apresenta grande cópia de documentos authenticos e sobre ella reconstróe os planos que se pretenderam realizar ao tempo da Revolução pernambucana de 1817, para facilitar a evasão de Napoleão preso em Santa Helena e nos quaes, com os Leões do nosso Norte, se envolveram aventureiros francezes.

A historia do Brasil, diversa, como a formação da nacionalidade, de toda a historia hispano-americana. caracteristica, rutilante de feitos nacionaes como os da guerra hollandeza, emquanto nos outros paizes do continente o espirito da grei e da patria ainda se não manifestara é uma floresta virgem, trançada de juremaes espinhentos, de cardeiros, de ramarias formidaveis, de troncos immensos e de lianas resistentes. E' preciso varal-a, alimpal-a, civilizal-a, transformando-a em virente jardim, no qual as gerações futuras possam facilmente colher as flores rubras do heroismo e da intrepidez, as flores esplendidas do patriotismo, as flores singelas da bondade e as flores perfumadas da gloria da Raça.

E' este trabalho herculeo que Elysio de Carvalho inicia neste jardim da nossa historia que é o "Brava Gente".

João do NORTE.

"Fon-Fon" - 7 - 1 - 922

A obra de Santa Ignez **Ha dias, perante escolhido auditorio, no Theatro Municipal de Bello Horisonte, com a presença do Preidente e Secretarios de Estado, altas autoridades federaes estadoaes, associações catholicas e muitas senhoras, Ezequiel Ubatuba fez uma interessante conferencia em beneficio da Casa de Santa Ignez, do Rio de Janeiro, e da Santa Casa de Minas.**

O illustre publicista falou sobre as obras e a historia de Santa Ignez, a padroeira da casa hospitalar para moças pobres, fundada aqui por tniciativa da Sra. Epitacio Pessôa e que já está produzindo os melhores resultados.

"Correio Paulistano" 12-1-922

120

A SORTE FATAL DAS ILHAS

Cada accidente geographico trouxe do rhythmo millenar da formação das cousas o seu destino fatal. Os grandes rios correram para banhar as grandes civilizações. As altas montanhas se ergueram para separar os povos e encerrar mysterios. Os vastos mares se alargaram para dividir os continentes e tentar os homens aventureiros. As planicies e desertos se extenderam para o vaguear das tribus nomades e pastoras. E ás ilhas coube mais o papel de encerrar os perseguidos e os proscriptos do que o de occultar os amores e de esconder monstros e thesouros.

Entretanto, grandes obras se têm realizado no mundo por causa das ilhas. Foi a Sicilia o traço de união entre a Grecia e a Italia. Por ella a civilização hellenica passou do seu habitat primitivo para a peninsula latina. Milhares de annos mais tarde, a Sicilia ligara a cultura greco-oriental novamente ao mundo occidental, quando, ao tempo sumptuoso de Frederico II de Hohenstanffen, ella foi o primeiro fóco do Renascimento.

Quando os deuses perseguiam os mortaes ou mesmo os immortaes, os perseguidos procuravam o esconderijo propicio das ilhas. No lago de Buto, no velho Egypto, fluctuava uma ilha que caminhava á face azul das aguas, tocada pelo vento. Era a ilha de Chemmis, que ali surgira para esconder Horus, furiosamente procurado por Typhon. Herodoto, que nos dá noticia dessa maravilha, affirma prudentemente que não viu... Na mythologia grega, já se contava que Delos nascera das aguas para abrigar Latona, perseguida por Juno.

As lendas da antiguidade são ferteis em ilhas que bolam á flor dos lagos, dos rios e dos oceanos. Jasão navegou pelo meio do entrechocar brutal das Cyanéas, as "Planctoe" de Strabão, talvez os gelos errantes das regiões arcticas, cuja caricatura Rabelais fez nas suas paginas deliciosas. Pomponius Mela fala-nos da ilha de Antros, no Garonna, que não vagava ao sabor dos ventos e das correntes, como a Chemmis de Buto, porém subia ou descia conforme se elevavam ou se abaixavam as aguas tumultuosas do rio.

E ha ilhas que têm morrido! Conta Strabão que, quando Titus Flaminius era pretor da Sicilia romanizada, brotou á face do Tyrrhenio uma ilhota. O magistrado romano mandou tomar posse della e sobre o seu dorso fazer um sacrificio aos deuses vulcanicos e marinhos. Tempos depois, a ilhota desappareceu.

O mesmo se deu com a celebre ilha Julia, que surgiu um bello dia do seio do Mediterraneo, cobriu-se com o tempo de vegetação, foi habitada e por fim, de surpresa, tornou a mergulhar nas aguas de onde sahira.

Toda a historia da humanidade resôa de nomes de ilhas celebres. Todas as que fizeram a gloria eterna do hellenismo pela sua civilização, pelos seus vinhos, pelos seus deuses ou pelas suas mulheres: Creta, com Minos, o Minotauro e Pasiphaé; Cerigo ou Cythera, onde esvoaçavam as pombas de Venus; Chypre, em cujas aguas nascera Cypris, a divina Anadyomera, a Peribasia e a Callipygia; Cós, Samos, Mytilena, Imbros, Karpathos, Samothracia, com os Dioscuros, e Lesbos, á dos amores femininos.

Outras evocam mysterios de paragens desconhecidas ou de "mares nunca dantes navegados".

A Hespera de Deodoro da Sicilia,

morada das Amazonas, perdida nas brumas azuladas do lago Tritonis. A Taprobana, que os indu's chamavam Simundu'; os velhos classicos greco-romanos, Salice, Serendiva ou Sielendiva; as "Mil e uma noites", Serendib; os mahometanos, Pritam ou Serendib-Zeilam; e nós chamamos Ceylão. A do Ouro, para os lados de Çamatra, que tentava os aventureiros de Portugal.

Muitas e muitas têm penetrado na historia universal pela mão da Gloria ou pelo braço da Infamia. Entre as primeiras, a do Philae coberta de assombrosas construcções; a de Sein, na mysteriosa costa da Bretanha, onde se reuniam as druidezas; a dos **Falsões**, no Bidassoã, onde terminou a lucta entre Hespanha e França; a Corsega, que Schuré chama "ilha da Vendetta e de Napoleão".

Entre as segundas, a de Capreia, esconderijo da lubricidade senil e da crueldade morbida de Tiberio.

A's vezes, o destino dos grandes homens tem como marcos principaes as ilhas. O primeiro exemplo é o de Ulysses. Rei da ilha de Ithaca, passa pela de Aiaé, onde a magica Circé procura retel-o, perde seus companheiros na de Polyphemo, fica preso pelo amor, longamente, na de Ogigya. E retorna a Ithaca. O segundo é o de Napoleão. Nasce na Corsega, é desterrado á primeira vez na de Elba e morre captivo na de Santa Helena.

O terceiro é o do covarde kaiser germanico Guilherme II. Adquire na de Corfu' o maravilhoso Achilleion, onde passa os maiores dias de gloria, e recebe a reclusão da de Ammerongen, quando fugiu do seu imperio, por não saber morrer na hora do desastre.

Ao lado da historia, a poesia eterniza as ilhas. O Ariosto canta a ilha de Alcina e Camões a dos Amores. A hagiographia christã pinta com as ridentes côres que Platão dava á ilha da Atlantida a que São Brandão, depois de viajar no dorso de uma baleia, encontrou no meio do oceano. A imaginação de um narrador inglez lançou Robinson Crusoé ás praias da de Juan Fernandez. Alexandre Dumas escondeu o thesouro dos Spada na de Monte Christo. E povos primitivos — os Zulu's, por exemplo — localizam seu Paraiso **numa ilha.**

Mas a verdadeira sorte das ilhas é servir de prisão e de desterro. Ammiano Marcellino chama o banimento ou o exilio **pœna insularis** e Tacito escreve — **plenum exilis mares.** Orientaes, gregos e romanos desterravam os criminosos e as victimas das perseguições nas ilhas distantes. Os byzantinos encerravam na de Prinkipo as suas princezas decahidas, **obrigando-as a fiar para viver.** O monte São Miguel é uma senda gothica sobre uma horrivel prisão insular. No ilhéo de If, foi preso o Mascara de Ferro. O genio de Victor Hugo scismou exilado nas falesias de Guernesey. O vulto imperial de Napoleão ainda se perfila sobre Santa Helena.

E para a Madeira as nações que venceram a grande guerra enviam o ultimo Habsburgo. Tacito tinha razão: **plenum exilis mares.**

João do NORTE

Riqueza e miseria

Ao sahirmos do theatro sob a chuvinha miuda e impertinente e ao entrarmos no automovel debaixo da *marquise* cheia de movimento, um velho remendado e triste lamuriou um pedido de esmola. O hei o com espanto e atirei lhe no fundo do chapéu esbeiçado uma moeda de prata. Quando a limosina rolava pelo asphalto espelhante da Avenida, indaguei de Claudio França:

— Conheceste aquelle velho que esmolava á sahida do Municipel?

— Nio reparei. Vi sómente que lhe atiraste uma prata. Quem era?

— O Jóca Wilkinson, o grande industrial, o grande capitalista, o grande mundano, que conhecemos ha poucos lustros nesta cidade, lançando dinheiro ás manchelas pelas janellas do seu nobre palacete da Gavea!

Tendo dito isto esperei um signal de espanto do meu amigo. Elle, porém sorrindo calmamente, disse com a maior calma:

— A miseria é mais vezes do que se pensa o castigo dos ricos.

"Fon-Fon" - 7-1-922

"Ao Som da Viola"

"A Luz" Guarabira
Parahyba 1-1-922

João do Norte (Gustavo Barroso) *ed. Leite Ribeiro & Maurillo.*
Rio--1921

O estudo do folk-lore é, em nosso paiz, principalmente, por estarmos á mingua das classificações determinantes, ou seja dos methodos especulativos inherentes ao mesmo estudo, um dos mais exigentemente trabalhosos e complexos!

Depois daquella falha e insufficiente classificação originaria e geral, adoptada pelo mais arguto dos nossos criticos, que o foi Sylvio Romero, classificação que incorre naquelle mesmo peccado por que os pesquisadores da literatura portugueza accusam Theophilo Braga, e está longe de attingir cabalmente o ponto collimado; tivemos achegas bem valiosas como as de Pereira da Costa, R. de Carvalho, Alberto de Faria e, acima de todos, o paciente e criterioso trabalho do insigne mestre João Ribeiro; nenhum, porém, logrou penetrar o ámago do assumpto como essa valiosa contribuição «*Ao Som da Viola*», devida á admiravel penna de João do Norte.

O mestre João Ribeiro despresou, talvez por julgar de somenos importancia, o liame da classificação e alçou o vôo sobre a messe comparativa, campo mais largo e selva mais umbrosa, porem menos adaptavel ao estadio das nossas indagações folk-loricas.

João do Norte, pelo contrario, timbrou em permanecer no campo nativo, gyrando nos cyclos psychologicos do systema especulativo da sua construcção classificadora.

Bello tentame e admiravel organização de resistencia cultural, em que o seu espirito, despresando o canto fascinante das sereias, proprio do caracter do estudo, seduzindo-o para altaneiros vôos, ficou terra a terra, de elmo e escudo em riste...

Ao Som da Viola é um repositorio meticuloso, no qual o sr. João do Norte dividiu a poetica em dois grandes cyclos — o tradicional e o repentista,—que servem de polos para as diversas subdivisões geographicas dos conhecimentos e manifestações da cultura da nossa gente.

O terceiro e ultimo cyclo, o das lendas, historias, fabulas e superstições é, talvez, de todos o mais profundo e o que mais fere o cerne dessa alluvião cahotica e amorpha em que consiste a alma duma subraça que ainda bem se não esteia e ja se quer alçar a remigios de independencia literaria definitiva...

Livro admiravel esse por todos os titulos e mais ainda pelo seu aprimorado e intrinseco amor ás coisas nativas, mórmente pelo desabrochar balbuciante de manifestações da vida psychica e mental da gente nordestina.

Trabalhador incansavel, o sr. João do Norte, se não veio, como o sr. Leonardo Motta, colher *in loco* as espigas para o seu celleiro, se "ficou na avenida limitando-se a aproveitar o que lá lhe levaram," soube, sem o cabotinismo tão em moda na literatice das egrejinhas enfeixar, nesse maravilhoso conjuncto, 740 paginas, que dão gosto ler e onde não se enfada a gente e nem se esforça o espirito com aquella desenxabida e triste deturpação da lingua, condemnada por Sylvio Romero, repugnada pelos espiritos sãos, embora endeusada pelos Catullos, Waldomiros da Silveira, C. Pires e quejandos imbuidos desse falso nativismo que anda por ahi espalhado no livro e no jornal.

Falso nativismo, digo bem, e outro nome não merece esse forcejar de neo-escriptores que a todo empenho teimam em dar foros de cidade ao falar deturpado dos ser-

tanejos, dos matutos e ao calão rude dos capoeiras.

Ao Som da Viola não é passivel dessa censura; o Sr. João do Norte soube, com louvavel cuidado, limpa-lo, deixando apenas certas expressões que em si mesmas caracterizassem mais exactamente as condições psychologicas do meio.

O estudo da parte poetica, do *Cyclo do Natal*, por exemplo, está um encanto de suavidade.

Aquella preoccupação, aquelle carinho no registar e tratar dos "autos", "bailes", "cheganças", "reizados", "loas" e "cantigas" fazem lembrar Renan nas suas peregrinações e pesquisas em torno das origens do christianismo.

De todos os subcylos do livro, nenhum, como este, pelo seu caracter impessoal e pelo seu mesmo modo de ser exigia do autor uma tamanha e precisa dose de conhecimentos e qualidades de observador.

O appello com que o autor fecha o seu livro, implorando ao Destino, para elle, a sorte das pedras de corisco, que, segundo a crença sertaneja, se enterram sete braças no chão e levam, depois, o espaço de sete annos vencendo uma cada anno, para virem á tona, não se realizará, estou certo, porque a sua obra é das que se não olvidam! Pedra, será elle d'ora em diante, na literatura brasileira, pedra angular para os estudos mnemonicos feitos sobre a vastissima obra dos nossos rhapsodos. Pedra, marcará precisa e sobriamente uma phase encantadora do evolucionismo mental da nossa nacionalidade.

Poderá elle não ser jamais popularizado; quem, porem, bastante intelligente não desdenha das popularidades futeis?

Como nordestano e estudioso apaixonado pelas nossas coisas, dou parabens a João do Norte pelo seu valioso trabalho.

Pedro Baptista

"Fon-Fon" 31-Dez.-1921

O Modelo O meu amigo X não gosta das mulheres. Pelo menos todas as apparencias affirmam que elle não gosta dellas. Nunca teve um *flirt*, nunca se soube duma ligação sua, nunca ninguem o vio *dando em cima* de mulher alguma. Depois de ter estudado alguns annos as suas attitudes de indifferença para com o Bello-Sexo, eu lhe perguntei outro dia, numa opportunidade intima, naturalmente:

— Porque não gostas das mulheres?

— Porque não gosto.

Ao dar me esta resposta laconica, incisiva e restringidora do assumpto, o seu rosto continuava tranquillo, impassivel.

Sorri e accrescentei:

— A mulher, então, não existe para o teu pensamento e o teu desejo, na vida?

Elle tornou:

— Eu sou, apezar de poeta e de esculptor ou pintor, como um artista dum romance celebre do Romantismo: a mulher só existe para mim como modelo..

Allemanha e França A Allemanha, dizem os jornaes, depois de muitas tergiversações, resolveu-se afinal, a pagar em Janeiro uma das prestações de sua grande divida.

— Já não é sem tempo. Entretanto, quanto odio, por causa disso, não têm vomitado contra a França os jornaes do Reich!

— Mas porque sempre, antes e depois de 1870, antes e depois da Grande Guerra que passou, essa raiva incontida, feroz, da Allemanha contra a França?

— A Allemanha, como dizia Heine, é toda mysticismo e brutalidade. Ella é a ultima nação medieval encalhada no seio do progresso social moderno. Se o seu desenvolvimento economico e scientifico a colloca na primeira plaina das nações, o seu espirito ficou, no fundo, o da Santa Alliança. O que o Kaiser odiava na França era a Revolução Franceza, fonte de todo o progresso social contemporaneo. E' da Revolução que vem a constancia da inimizade allemã contra a França e os francezes. A Republica Allemã continúa, por força da velocidade adquirida, o odio imperial. Eis tudo.

O Namorado Elle anda muito mal vestido e parece que soffre varias necessidades. Entretanto, passa todo o dia pela minha porta, para namorar a filha do meu visinho, negociantes de vinhos e vinagres, menina formosa, que o espera risonha e taful, debruçada á varanda. O dia morre, quando elle passa e ella, aproveitando a falta de luz, deixa quasi sempre cahir uma flor sobre o passeio, que elle soffregamente apanha e, se não vê ninguem, beija.

Esse namorado de roupas usadas e sapatos cambaios, coitado! faz-me lembrar o Julio Branciforte da «Abbadessa de Castro» de Stendhal e estou a apostar que, se o velho commerciante descobre a cousa, chamal-o-á á ordem com as mesmas palavras do pae de Helena de Campireali:

— «Como ousas passar assim, incessantemente, pela minha porta, lançando olhares impertinentes ás janellas do aposento de minha filha, quando não tens nem roupa para vestir? Se eu não receasse que o meu acto fôsse mal interpretado pelos visinhos, dar-te-ia tres sequins de ouro, afim de poderes ir a Roma comprar uma tunica decente. Pelo menos minha vista e os olhos de minha filha não seriam incommodados pelo aspecto dos teus molambos...»

Mangin e a Africa Lendo num jornal francez que o general Mangin, antes de regressar á sua querida e immortal França, quiz primeiro revêr os plainos tostados da Africa, onde se desenrolou grande parte da sua vida militar, pensei um pouco no alto valor do esforço francez no Continente Negro, onde elle tem levantado um immenso e maravilhoso imperio colonial. E' necessario conhecer a organisação franceza da Africa para bem se comprehender que Mangin, como Marchand e Brazza, Barriére e Lyautey, profundamente a ame. A França prepara alli para o futuro talvez a definitiva emancipação da raça que mais tem soffrido no universo, sob a sua poderosa egide moral. E a plena sciencia desse facto faz a gente recordar os versos prophetico s de Racine:

« Quelle France nouvelle
Sort du fund du désert brillante de clartés
Et perte sur le front une morque immortelle!»

Parece até que o divino poeta de *Athalie* vira por admiravel pre ciencia os milagres do Congo, do Niger, do Sudan e do Senegal.

OS HEROES DA POLONIA

Desde que começou a guerra européa, os polonos souberam bater-se como heróes pela causa da Civilisação. Elles, apezar de estar a sua gloriosa patria injustamente tripartida pela Austria, Russia e Allemanha, accorreram sob as bandeiras dos alliados, especialmente á sombra do pavilhão tricolor, com o mesmo ardor e a mesma coragem dos hussares alados de Sobieski e os lanceiros de Poniatonski.

Regavam a frente franceza com [illegible] angue [illegible]eroso e, quando a sua [illegible]ação resu[illegible]io com a derrota dos Imperios Centraes, logo o seu exercito teve de encarar o primeiro arremeço bolschevista contra o mundo occidental. Deteve-o sob o commando do grande Pilsudski e repellio-o para as suas steppes geladas.

Foi nessa campanha que pagou forte tributo de sangue. Seus filhos pereceram, combatendo heroicamente, na terra e nos ares. As azas tradicionaes dos seus hussares celebres transformaram-se nas azas espalmadas dos aviões. Obraram prodigios de audacia e aureolaram de Gloria o pendão magestoso da Aguia Branca.

Nossas gravuras representam duas grandes scenas de heroismo da Polonia moderna e do almejado sacrificio dos seus filhos. Numa se vê no cemiterio de Leopol, capital da Gallicia, que os allemães chamam Lemberg, a parte reservada aos martyres da aviação durante a Guerra. São dezenas de valentes tombados em defeza da patria estremecida. As madeiras das cruzes de suas sepulturas christãs foram tiradas dos destroços dos seus aeroplanos fragmentados pela quéda ou pela metralha inimiga. E em muitas dessas cruzes se agita ao vento a helice do avião desapparecido.

Na outra, o chefe do Estado Polono, o presidente de Republica da Polonia, o bravo, glorioso e eminente Marechal Pilsudski, heróe da batalha do Vistula, condecora, em faulhante *prise d'armes*, os grandes feridos na ultima guerra.

O Marechal Pilsudski. chefe da nação Polona, condecora officiaes e soldados que fôram gravemente feridos na ultima campanha.

"Fon-Fon" 14-1-922

Os cysnes Sobre a face tranquilla do lago, que os primeiros véus da noite começavam a esmaecer, os cysnes brancos boiavam lentamente impellidos por uma aragem subtil. Todo o grande jardim silencioso preparava se para dormir. E o perfume das magnolias se espalhava no ar fino.

Começamos a subir por uma rampa avelludada pelo gramado basto, devagarinho. Escurecêra de todo. Ella encostára a cabeça loura ao meu peito, silenciosamente. E eu, vendo nas aguas, agora negras de todo o vulto claro dos cysnes, repeti-lhe o que Ludovico o Mouro dissera uma noite a Leonardo da Vinci deante dum tanque onde nadavam cysnes:

— Na minha vida trevosa e triste, tu és um cysne branco que passa...

Divisa Falava-se de divisas naquella roda elegante. E cada um dos interlocutores repetia aquellas que achava mais interessantes. Umas eram velhos gritos de guerra, outras explosões de filaucia, outras bravatas de valentia. Raras as que demonstravam algum espirito de verdade.

Um rapaz magro, versado em coisas heraldicas, disse que a mais curiosa divisa de familia que elle conhecia era a dos fidalgos da casa franceza de Cygnes, que versava assim:

«C'est la valeur insigne des preux des Cygnes qui valut a leur cygne le signe de leur roi!»

E todos, apezar de a acharem longa demais, não lhe negaram espirito, graça e completa propriedade.

"Fon-Fon" 31-12-921

A França Eterna Naquella roda elegante commentava-se a politica internacional, Falou-se da Conferencia do Desarmamento e da admiravel attitude que nella assumio a delegação franceza, sobretudo Aristides Briand. E alguem concluio:

— Em verdade, nunca é demasiado repetir que a França gloriosa é eterna no seu esplendor.

Um velho diplomata accrescentou:

— Quando cuidam apagada a sua luz, como a da Grecia e a de Roma se apagaram, sob a alluvião dos barbaros, ella reapparece mais viva ainda.

Houve da parte dos presentes uma interrogação repentina:

— Mas porque a França será então o unico paiz eterno?

E o velho diplomata respondeu-lhe sorridente:

— Porque, conforme o affirma Marcel Barriére, não ha duvida de que o povo francez é absolutamente—e a historia o demonstra de mãos dadas com os mais recentes factos — o *povo necessario!*

"Fon-Fon" 14-1-922

O outro lado da vida Este o suggestivo titulo do ultimo e encantador livro de Alvaro Moreyra, publicado por Pimenta de Mello & C.

E' um volume singelo e attrahente de philosophia intima, escripto com uma limpidez crystallina, com suave emoção e tranquilla ironia. Um livro em que as facetas irisadas do espirito superior de Alvaro Moreyra reluzem tocadas de luz nova e nos deixam uma subtil e penetrante impressão de arte.

«O outro lado da vida» não é um livro para agradar a todo mundo; mas para agradar a almas escolhidas. E não lhe poderiamos, do verdadeiro ponto de vista artistico, fazer-lhe melhor nem maior elogio do que esse.

A Justiça Em recuadissimos tempos, na India longinqua e mysteriosa, o bemaventurado Vyasa, inspirado por Brahma, escreven o grande poema da vida do Krischna, o «Baghavata Puruna». E nelle, ao terminar o primeiro capitulo, perguntou:

«E agora que Krischna, o senhor do Yoga, o amigo dos Brahmanes, o defensor do Direito, reentrou na sua propria substancia, dizei-nos em que asylo se refugiou a Justiça?»

Os exemplos quotidianos da nossa vida nos tempos que correm demonstram-nos que até hoje a pergunta indiscreta do bemaventurado Vyasa vae ficando sem resposta. E é bem provavel que eternamente ficará...

Telegrapho sem fio Nada mais rapido do que a *vox populi* nos lugares do interior. O pequeno facto que occorre numa fazenda ou logarejo e ao qual se não dá a menor importancia horas depois está espalhado a leguas e leguas de distancia, inexplicavelmente, embora nas cercanias não haja telegrapho, telephone ou caminho de ferro.

"Fiz esta obervação no sertão nordestino e agora, lendo o «Acções e Reacções» de Rudyard Kipling verifico que esse *telegrapho sem fio* existe igualmente no campo europeu. Não é privativo do nosso interior. Falando da rapidez com que novas e boatos se espalham no campo, o escriptor inglez diz que existe uma telegraphia das fazendas e herdades, muito mais antiga e mais segura que a do Marconi...

"Fon-Fon" 14-Jan°-1922

O Fico Foi no feriado municipal do Fico, outro dia, que este caso se passou. Regressava num bonde muita gente que assistira a commemoração da frase lançada por Pedro I, á nação, da setima sacada do antigo Paço Imperial, hoje Repartição dos Telegraphos.

Num grupo de rapazes, um delles repetio algumas vezes a famigerada decisão historica do Principe Regente: »Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.»

Ao terminar a terceira repetição, um dos companheiros exclamou com profunda maldade:

— Doido para ficar estava elle?

Não pude, onvindo isso, conter uma gargalhada.

"Revista da Semana"
14-janeiro-1922

Gustavo Barrozo

O sr. Gustavo Barroso, depois de louvado pela critica como escultptor da Terra de Sol, como ourives da Ronda dos Seculos, como creador de outras obras tão encantadoras pela observação como pela phantasia e pelo estylo, trouxe recentemente ás Lettras uma valiosa contribuição historica, ana'ysando no livro "Ao som da viola" varias preciosidades esquecidas do folk-lore brasileiro, e é com taes titulos de nobreza que se apresenta ao torneio academico.

OS CANDIDATOS A' IMMORTALIDADE

Com o desapparecimento de Paulo Barreto e Pedro Lessa, que occupam os dois quadros do centro, abriram-se duas vagas no Syllogeu. Inscreveram-se para as mesmas os escriptores acima, o nosso brilhante collaborador Gustavo Barroso (João do Norte), no medalhão; Constancio Alves, o primeiro a partir da direita; Claudio de Sousa, o segundo; Carlos Portocarrero, o terceiro; Heitor Lima, o quarto; José Maria Bello, o quinto, e Eduardo Ramos, o sexto.

A QUAL DELLES CABERA' O SORRISO DE PALLAS?

"Correio Paulistano" - 18-janeiro-1922

"Vozes de Petropolis" 16-janeiro-1922

Ao Som da Viola — GUSTAVO BARROSO (João do Norte) Livraria Editora Leite Ribeiro — 1921.

A Livraria Editora Leite Ribeiro tem hoje uma das melhores installações que se possam ter, occupando um amplo edificio, em ponto central do Rio de Janeiro. Com uma perfeita intelligencia do commercio a que se entregam os seus proprietarios, organizaram um estabelecimento não só digno da Capital da Republica, como da attenção e favor do publico que se interessa pela vida intellectual. Especialissimo commercio é esse do livro, em que as responsabilidades da offerta do genero anda sempre em colisão com as exigencias dos compradores. A uma e outra os proprietarios vão attendendo satisfactoriamente, já provendo a casa do que de mais moderno ha, como dispondo cuidadosamente os livros de modo a que certos assumptos fiquem decentemente guardados de exhibição inutil.

Cumprindo o programma que se impuzeram os proprietarios da Livraria, vêm lançando a publico edições de varias obras de autores nacionaes. Agora chega-nos o ultimo livro de Gustavo Barroso, que dá titulo a estas linhas. E' um volume interessante em cujas paginas se fixa bem uma feição de nossa vida popular. Dando em uma divisão de largos traços a origem e a explicação da poesia popular, o autor reune, no volume, os cantos dos folgares do povo com as caracteristicas das rodas e com as modalidades das épocas em que appareceram. Certo não ha nem parece que o autor quizesse fazer um estudo social de cada um dos integrantes do nosso povo na manifestação poetica que singularizou cada factor. Ha sim uma copiosa collecção de cantos caracteristicos que deixam claro, ao estudo futuro, o traço, a physionomia do povo nacional quando do operar se a combinação dos seus elementos formadores.

Nisso está o merito da obra e esse já não é pequeno. O livro do sr. Gustavo Barroso figurará como indispensavel a quem se der ao estudo desse aspecto interessantissimo da vida brasileira que é o da integração dos elementos que formam o povo do paiz, elementos que se pódem apreciar pelas manifestações que a obra colleciona. — **Aristo.**

"O Jornal" - 19 - janeiro - 1922

MULAS SEM CABEÇA

A proposito do meu desvalioso estudo "Mula Peperit" publicado nestas calumnas, recebi de amavel e culta pessoa que se esconde á sombra das iniciaes M. M., a seguinte carta:

"Meu caro João do Norte. "Mula parit..." eis a conclusão a que chegei em 1913 — agora recordada ao lêr a sua interessante chronica de 14 de dezembro, no "O JORNAL". Mas, vamos ao caso: estudava, eu, então, por "blague" e dilettantismo, o etymo litigioso do substantivo "mulato"; a solução achada não importa, porém, me proporcionou occasião de profundar a semantica de mula, raiz indiscutivel do termo cuja origem procurava. Foi esse, creio, o unico resultado positivo da minha incursão nos dominios obscuros da etymologia, pois me permittiu interpretar realmente o sentido da conhecida historia da "Mula sem cabeça", até então mal ou insufficientemente explicada. Eu approximei, no momento, a historia do nosso folk-lore da conhecida historia provençal "A Mula do Papa", encontrada no delicioso livro "Cartas do meu moinho", de Alph. Daudet, e, ajudado pela accepção do substantivo "mula", na tação verdadeira do nosso conto popular. A "mula papal" era, "mutatis, mutandis", a "mula cicorial" da historia do nosso folk-lore — ambas eram "mulas sem cabeça", isto é, mulheres sem juizo (mula, na accepção popular significa, como sabe, amasia, prostituta, isto é, mulheres sem cabeça, sem juizo) e sacrilegas, que a imaginação do povo transformava em monstros diabolicos a penar os seus peccados. O lycanthropismo é coisa trivial nos folk-lores e o povo é mais symbolista do que geralmente se julga. Seja, porém, como fôr, ao lêr o seu curioso trabalho sobre a significação folklorica de mula animal e a raridade de seus partos — rarida-

de que os latinos consubstanciaram na expressão "quam mula peperit", applicavel ás promessas para as calendas gregas — veiu-me á idéa o que nestas tiras ligeiramente lhe narro, subsidio, creio, utilisavel nos seus estudos. Venha, pois, mais um trabalho seu sobre literatura popular comparada e queira restringir o seu "mula peperit", em bem da verdade. Do amº. e ador. — M. M."

Esta missiva põe em fóco a lenda popular muito nossa, das "mulas sêm cabeça" e vejamos se sobre o assumpto as hypotheses que faz têm razão de subsistir. Em primeiro logar, resumamos a crendice do povo a que alludimos: Affirma elle que as mulheres que viveram com sacerdotes, "teudas e manteudas", ou simplesmente — como amantes, quando morrem, viram "mulas sem cabeça". Em certas regiões até o seu appellido é mais explicito; elle está contido nesta quadra popular:

Pulseira de bêsta é peia,
Lençol de barro é "cangaia",
Burra de Padre é "visagem",
Cabra safado é "canaia".

"Burra de Padre", eis ahi o nome mais commumente dado no interior do Ceará ás amasias dos padres. Essa expressão é ali muito mais generalizada do que a de "mula sem cabeça".

Quando uma dessas criaturas morre, sua alma fica a penar sobre a terra, apresentando-se como uma "visagem" de assombração horrivel. Em certas noites, o sertanejo ouve um tropel de animal corredor, cujos cascos batem apressadamente sobre o barro duro dos caminhos. Atrás, delle, a cachorrada dos arredores corre, latindo terrivelmente. O homem se encolhe no fundo da sua rêde, fazendo o signal da cruz e rezando o Credo ou a Magnificat: é a Burra de Padre que vae passando!...

Qual a fórma que a imaginação popular dá a essa avantesma? A que decorre da sua propria appellação: a de uma grande mula bravia, negra como a noite e sem cabeça.

No folk-lore europeu, de onde veiu quasi todas as manifestações da nossa literatura popular, nunca encontrei vestigios de tal crença e parece, portanto, que a fantazia do povo a tirou das palavras que designam a mulher que amou um sacerdote. Não creio que haja a menor relação, como lembra o missivista, entre a nossa "mula sem cabeça" e aquella da narrativa subtil de Daudet. Na mula papal da Provença de feminino sómente vejo o rancor que lhe fez reservar um coice largos annos, e mais nada.

Não havendo onde ir buscar os racontos antecessores da lenda da Burra de Padre, nos folk-lores mais velhos do que o nosso, só uma explicação é plausivel: a de que ella se originou das designações "Mula sem cabeça" ou "Burra de Padre", avultando na credula imaginação do vulgo com o tempo até tomar a fórma apontada pelas expressões verbaes. Assim tem sido o "processus" de creação de muitas manifestações folkloricas.

De onde e por que os appellidos "Mula sem cabeça" e "Burra de Padre"? Ha ahi, segundo parece, uma associação intima entre o nome do animal e o da mulher de "máa vida" e de máao preço", para empregar a linguagem dos velhos foraes portuguezes. De muito longe vem a mania de dar ás mulheres livres nomes de animaes. Se os gregos, que tiveram hetairas e Auletridas, não os conheceram, os romanos os applicavam aos degráos mais baixos da hierarchia da sua prostituição. No alto, punham as Preciosas, Maravilhosas e Famosas; em baixo, depois das Fellatrices, as Lupas, porque ellas rondavam os quarteirãos como lobos. Já na Persia antiga, segundo o testemunho de Herodoto, a mulher da ordem da que amamentára Cyro era Spaco, a cadella.

Os espectros de mulheres que assombram de noite os campos do Japão, segundo Lafcadio Hearn, são as "arhigaru" — mulheres-raposas ou então as mulheres-serpentes, as mulheres-dragão e as mulheres-rãs. As "peleiades" ou sacerdotizas-pombas de Strabão eram velhas enrugadas. E toda a fabula antiga está cheia de mulheres transformadas, em vida ou após a morte, em bichos: Callista, a ursa; Philomela, Procué e Alcyona, aves.

Não é de admirar, pois, que a imaginação sertaneja transmude em mulas as moças dos sacerdotes.

A nossa lingua tem rica synonimia para designar as mulheres de vida airada e solta. Entre esses synonimos, ha nuanças de significação verdadeiramente curiosas. Aquellas que servem de intermediarias amorosas são as Alcofas, Alcovetas ou Alcovitas, Alcaiotas e Alcoviteiras. A que vive com um homem casado é a Comborça. A Concubina é a que mora com um homem solteiro e a Barregã, segundo Viterbo, é a que "procura filhos fóra do matrimo-

nio"" Esses filhos, quando nascem de mães conhecidas, são nos velhos documentos denominados "filhos de barreguice"; quando nascem de ligações vagas, são "filhos de Ganga". Assim, entre a Barregã e a Gança ha uma differença difficilmente apreciavel.

A civilização antiga legou á lingua, para a alta prostituição, os nomes de Cortezã, Meretriz e Messalina, este por extensão. De um modo geral, as concubinas ou comborças são Amantes, Amasias ou Amigas.

Ainda ha a Manceba, Mundanaria ou Manceba Solteira, amasia que não é inteiramente "teuda e mantenda" pelo homem e que o Codigo Affonsino, no livro I, titulo 12, paragrapho 1, mandava castigar, obrigando-a a varrer a sala de audiencias do juiz. E as simples prostitutas, com differenças quasi imperceptiveis de palavra a palavra, são Rascôas, Zabaneiras, Bagaxas, Marafonas, Ribaldas, Moraxas e Rameiras, além de outros nomes que se não podem repetir em publico... Mais tarde, surgiu na lingua, para a companheira dos tarimbeiros, a palavra China, e, entre a plebe, os "titulos" de Mulher Perdida, Mulher-a-tôa e Mulher Dama, que o sertanejo diz Muié Dama. Tambem ha, paralellamente o appellido Moça.

Ora, entre tantas fórmas de apontar uma unica profissão, nada mais facil do que apparecer um termo novo para as mulheres dos curas e vigarios. E, como ha em todos os povos inclinação para dar nomes de animaes a essa gente, nada mais logico do que o de Mula.

Talvez até venha esse appellido de serem as mulas de quatro pés montavies, especialmente preferidas pelos clerigos e as primeiras que lhes foi dado obter. Diz isto Frei Viterbo no seu "Elucidario": "Os Prelados, e pessoas condecóradas, os Fidalgos, os Ecclesiasticos, e os Monges foram os primeiros a quem os nossos Monarchas facultaram o andarem em "bestas muares" com freios, e sellas." Essas mulas para montas eram tão do peito dos seus donos que se chamavam "mulas do corpo; mulam corporis mei", diz um documento do seculo XIII e outro, testamento em latim barbaro da mesma procedencia: "Meo soprino meam mulam, in qua ego ambulo."

Esta origem calha bem á expressão Burra de Padre.

A' Mula sem cabeça ficará melhor a de "mulher" ou mula sem juizo", sem cabeça, portanto, conforme

aventa M. M. Entretanto, tudo isto não passa de supposições e nada tem de verdadeiramente fixo ou seguro.

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon" - 21-jan°-922

As bandeiras

Aquelle homem magro e grisalho, que caminhava ao meu lado, pela rua do Ouvidor, tocou me no braço e, apontando me as bandeiras, ou melhor, os lambrequins de panno, dependurados d'uma casa para outra, no dia da festa do Fico, disse me:

— Veja o senhor que vergonha! Juro que isso não foi feito por brasileiro! Devem ter encarregado da ornamentação qualquer artista extrangeiro. E' um desaforo!

Estupefacto, perguntei:

— Por que?

— Ora, por que, meu caro senhor? Porque sim! Olhe estes galhardetes. Em conjuncto, parecem ter as nossas côres nacionaes, devido a uns serem verdes e outros amarellos. Mas esmiuce os e verá que tenho toda a razão. Veja, os amarellos têm franjas vermelhas: côres hespanholas! Os verdes as têm encarnadas: côres lusitanas. E ha ainda uns mais hespanhoes: rubros com bordas côr de ouro. E' uma pilheria de mau gosto contra o nosso nacionalismo: onde o nosso verde e o amarello conjugados? Onde o nosso azul?

O homem fallava alto. Começava a juntar gente. Eu afastei me prudentemente.

Sósinho?

O seu automovel parára na esquina daquella rua deserta, em cujo asphalto molhado pela chuva que cahira as columnas de luz das lampadas electricas se perfilavam como que do chão adentro... Eu desci. Ainda vi a sua cabeça loura, para fóra da coberta do carro, num ultimo olhar de adeus... E caminhei sósinho, mais sósinho do que nunca, rua afóra, silencioso, mas mentalmente recitando os versos do «Dentro da Noite» de Bilac:

«E vou sósinho, pensando
No teu amor, a sonhar,
No ouvido e no olhar levando
Tua voz e teu olhar.»

Foi quando verifiquei que não ia, em verdade, sósinho, porque levava commigo a saudade della...

FON-FON - 28 - jan° - 1922

Os Espiritos

O outro dia fui assistir a uma sessão espirita em casa dum amigo intimo. Invocado pelos directores da sessão, o espirito dum medico celebre começou a dizer asneiras de toda a sorte sobre medecina. Então, me lembrei do que conta Anatole France a proposito duma invocação de São Luiz, rei de França, por meio duma mesa, cujo pé dava os signaes convencionados pelo medium.

Falaram ao Rei Santo de Damietta, de Tunis, das Cruzadas, da ponte de Taillebourg. Elle ignorava toda a historia do seu reinado e só dizia tolices. O autor da «Vie Littéraire» affirma que nunca vio pé de mesa mais imbecil... Emfim, todo o mundo ficou enojado da tal invocação. E alguem perguntou se o espirito era mesmo de S. Luiz.

— Sim! assegurou o pé de mesa.

Foi quando *a bout de ressources* um dos espiritas presentes lembrou que poderia ser São Luiz Gonzaga...

"Seleta" - 21 Janeiro - 1922

OS MARTYRES DE PTUJ

Ha mais de treze annos, no dia 20 de Setembro de 1908, pela primeira vez fortemente se exprimiram em publico os desejos do povo da Slovenia de se libertar do jugo austro hungaro, de ir de encontro ao imperialismo germanico.

Monumento aos Martyres de Ptuj.

Nesse dia, os protestos publicos contra o extrangeiro encheram de movimento e de barulho as quietas ruas de Ljubljana, capital da Slovenia. Já no dia 18. em Ptuj, localidade da Styria, tinha havido disturbios causados pela attitude dos habitantes slavos contra os desmandos allemães, por occasião duma assembléa geral da «Associação Escolar Slovena».

O povo de Ptuj, enfurecido, atacara o Casino allemão, destruindo todos os lettreiros, taboletas, dísticos e inscripções escriptos em lingua germanica. A reacção da tyrannia governamental veio dois dias mais tarde. A soldadesca austriaca veio a Ptuj e cevou seus odios na população desarmada, matando o typographo Rudolf Lunder e o joven estudante Ivan Adamié, ferindo gravemente umas quatorze pessoas.

Surgio, então, nos circulos officiaes austriacos e na imprensa germanica, pela primeira vez, a suspeita de que esse espirito de opposição estava intimamente ligado á grande propaganda panservia.

A população quiz erigir um monumento a essas victimas da prepotencia austro-hungara. Fez-se uma subscripção popular e conseguio se a somma necessaria. No emtanto, o governo imperial não consentio que elle fosse alevantado. Mas agora, que a liberdade cobrio com o seu luminoso manto as terras slavas do sul, vae ser inaugurado em Ptuj a estatua evocadora dos martyres de 1908, em cujo pedestal será gravada esta phrase:

« — Gritamos do nosso tumulo aos slovenos: defendei os vossos direitos! »

Livros para creanças

Quiz um destes dias dar a um menino, filho de um amigo intimo, endiabrado garoto de sete annos de idade um livro illustrado de historias para creanças. Percorri todas as livrarias e só os achei em francez! Nenhum em portuguez, nenhum sobre cousas do Brasil. Todos versavam a respeito de Joanna d'Arc, do Tambor de Saragoça e quejandos episodios de além mar.

Então, pensei que bem podiam os nossos escriptores escrever alguns contos para creanças, fazendo os illustrar por artistas nossos e publicando-os, afim de termos livros verdadeiramente nossos para os nossos petizes. Monteiro Lobato tenta isso com vantagens em S. Paulo. E o exemplo que Anatole France deu, escrevendo os livros para creanças da livraria Hachette, bem poderia frutificar entre nós

"Fon-Fon" - 28 - jan.º - 1922

A organisação Hellenica da Asia Menor

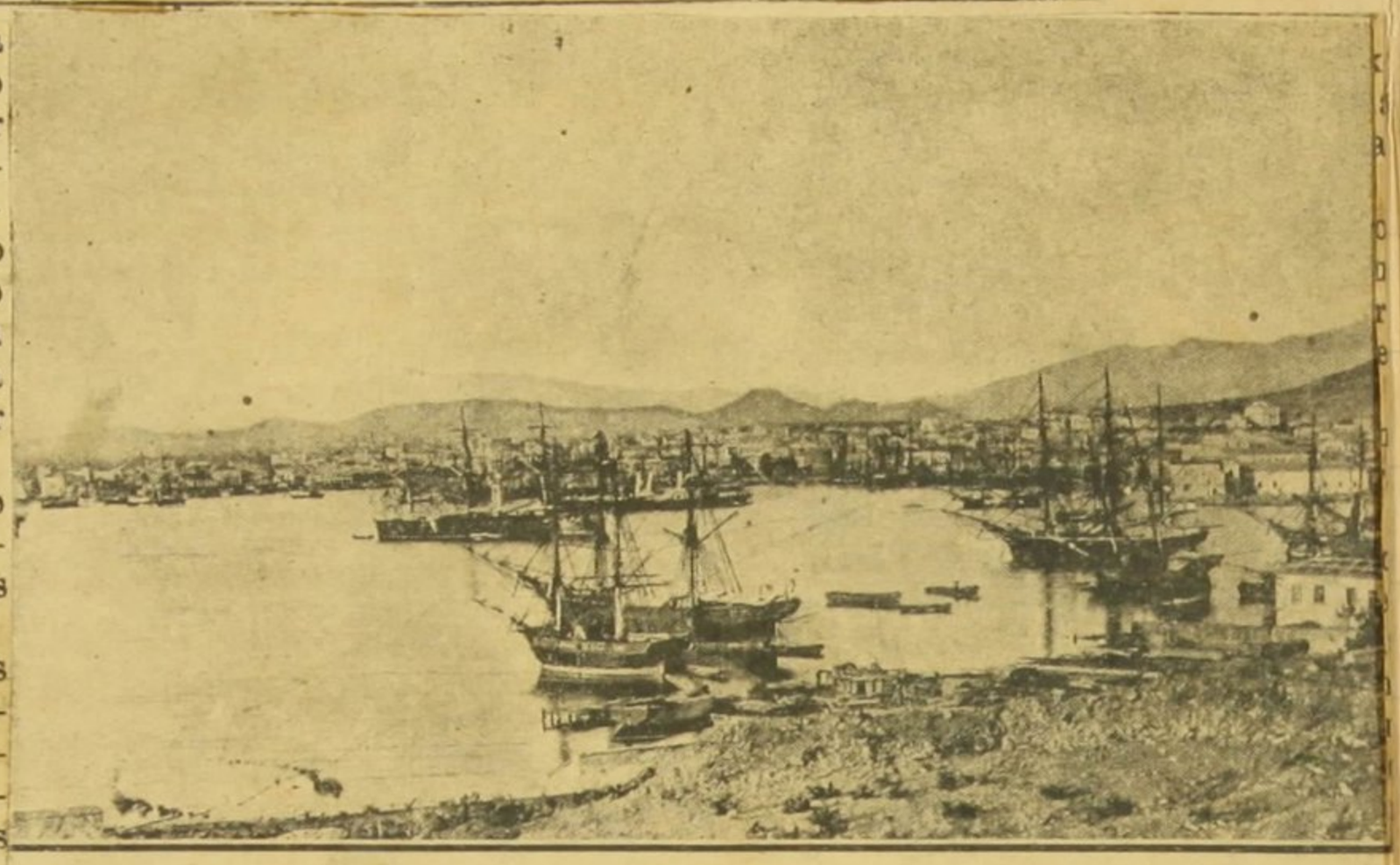
Uma noticia ha tempos publicada pelos jornaes, dizendo que o primeiro trem directo de Eskissehir a Smyrna, chegára a esta ultima cidade, passou despercebida. Entretanto, ella devia chamar a attenção publica para a obra de organização reconstructora que a nação grega está realizando nas regiões da Asia Menor, libertadas do poder oppressor dos turcos.

O mais notavel n'essa obra é que ella foi realizada emquanto o exercito hellenico sustentava terriveis combates contra os Kemalistas.

Obrigado a aproveitar os recursos do territorio occupado pelas suas tropas, o governo real grego tinha ademais de olhar pelos interesses extrangeiros da região, onde os capitaes inglezes e francezes estavam largamente empregados. Havia ahi linhas ferreas pertencentes a sociedades francezas e allemãs. Estas ultimas estavam ás mãos dos inglezes. Além d'isso, havia mais os serviços de dizimas e outros impostos englobados na administracção da Divida Publica Ottomana, na qual a maioria dos capitaes era franceza.

Apezar d'essas e de outras mais fortes complexidades de interesses diversos, dos Kemalistas se terem apoderado do material ferroviario rodante, antes da occupação grega e destruido quasi todas as pontes, deixando sómente intactas as officinas de Eskissehir; de todo o ramal de Ismidt haver sido destruido e de nas estações não restar o menor vestigio de contabilidade, o governo hellenico resolveu reconstruir tudo.

Para isso, enviou á Asia o sr. Vlangalis, director da Estrada de Ferro de Athenas ao Pireu, como consultor technico do Estado-Maior em questões ferroviarias. Desde sua chegada, esse alto funccionario tomou a direcção das vias-ferreas dos territorios occupados e pôz-se activamente a trabalhar para a restauração de tudo o que fôra reduzido á expressão mais simples. Em menos de um mez, fazia reparar mais de cem vagões de carga e seis locomotivas, reconstruindo as pontes e outras obras de arte. D'esta sorte se restabeleceu a circulação de Karakeny a Eskissehir, n'uma extensão de 70 kilometros, e de Eskissehir a Angora. A 2 de Setembro, os trens militares chegavam a Saghdjilar, na confluencia do Purchak e do Sangarios.



Vista geral do Pireu, porto de Athenas, cujas aguas azues embalaram as triremes das edades classicas e encantaram os olhos de Socrates e de Xenophonte.

Ao mesmo tempo, restabelecia-se o trafego até Kiutaia, emquanto que, com material grego transportado de Salonica, vinte kilometros de trilhos arrancados pelos turcos entre Tulon-Bunar e Afium-Kara-Hissar eram substituidos. Mantinha-se em serviço o antigo pessoal e refazia-se toda a contabilidade. O representante dos capitalistas extrangeiros approvava enthusiasticamente a obra realizada.

Assim, desde o mez de Setembro, um ramal de mais de 600 kilometros de extensão, estava entregue ao trafego. E as despezas foram minimas: gastaram se 600 000 drachmas para reconstruir o que custaria aos turcos 25 milhões!

Essa obra assombrosa de reconstrucção foi a prova solida das altas qualidades administrativas da nação hellenica, do seu valor, da sua economia e da sua sollicitude para com os interesses extrangeiros que lhes são confiados.

A Torre de Babel

Madame, tendo contado ao seu filho Flavio todas as historias para creanças que sabia e insistindo o pirralho por novas narrações, não teve remedio senão recorrer á historia sa-

OS SLAVOS MERIDIONAES

Um dos caracteristicos mais interessantes do nosso seculo é a resurreição das nações que as tyrannias das grandes potencias militares tinham esquartejado ou sujeitado aos seus destinos. Vemos presentemente o resurgimento de pequenos Estados, apoiados na Justiça immamente de sua causa, olhando para esplendido futuro — symptoma duma grande evolução moral da humanidade. Porque todos os povos têm o incontestavel direito de se governarem a si proprios. E que todos os imperialismos desappareçam da face da terra para que a vida sorria aos paizes que por causa delles têm soffrido tanto!

Entre elles, não se póde esquecer a heroica Servia de Marko Kraliewitch e de Pedro Karageorgewitch, o pequeno povo de leões que primeiro desembainhou sua espada contra a ferocidade ottomana, que primeiro se insurgio contra a oppressão austriaca e que mostrou ao mundo a maior raça de soldados da historia. Porque os heróes de Prilep são os filhos legitimos dos heróes da Bregalnitza e estes os netos dos lendarios combatentes de Kossovo!

Antes da Grande Guerra, chamavam-se Yugo-Slavos ou Slavos do Sul áquelles povos de raça slava que se haviam estabelecido na peninsula Balkanica, no tempo do Imperio Byzantino, no VII° seculo da éra christã, desde a costa do Adriatico á do Mar Negro, da margem direita do Danubio ás encostas de Stara Planina. São elles, portanto, os Servios, os Croatas e os Slovenos.

A Yugo-Slavia é formada por um triangulo rectangulo, cujo lado septentrional segue o curso do Drave e vae até o massiço oriental do Banat. O segundo lado perlonga as montanhas do Banat, e desce, pelo Silo e pela bacia do Strunistza, até Salonica.

Nessa região vasta, os diversos grupos ethnicos de origem slava soffrêram influencias varias. No littoral do Adriatico estiveram em continuo contacto com a Italia atravéz de Veneza. Ao sul, a acção greco-byzantina se fez sentir durante seculos. Ao norte, o germanismo os attingio. E a conquista turca deixou entre elles alguns traços. Entretanto, essas influencias nuuca attingiram a alma do povo. Se ainda hoje, por causa dellas, os croatas são catholicos, os servios orthodoxos e os bosniacos musulmanos, essas divergencias religiosas não agiram sobre a unidade nacional. Esta se conservou viva e palpitante atravéz os seculos e as oppressões, os massacres e os martyrios, as guerras e os desesperos, desde a época heroica dos Grandes Jupans da Grande Servia até os dias actuaes do Reino dos Servios-Croatas-Slovenos.

Difficilmente, pelas paginas da Historia além, os servios e o croatas-slovenos, os dois mais fortes nucleos da nacionalidade, defenderam intrepidamente seus direitos contra a conquista ottomana, a tyrannia dos magyares e o despotismo dos Habsburgos. Apezar dos doze milhões de slavos do sul terem sido sujeitos a seis regimens differentes, a sua força de união foi e é tão grande que elles se apresentam hoje unidos á face

---

grada, cujos episodio mais interessantes servem para as crianças de cinco a cincoenta annos. E narrou ao filho o Diluvio e a entrada dos bichos na Arca de Noé, o sacrificio de Isaac e a construcção da Torres de Babel.

Mezes depois, passeiando com o petiz pela Avenida Atlantica, este parou deante dum hotel balneario que lá estão construindo e perguntou com uma carinha maliciosa, apontando para os altos e complicados andaimes que avistava:

— Mamãe, estarão construindo de novo a Torre de Babel?

do mundo, ostentando uma coragem de viver e uma resignação no soffrimento dignos dos maiores elogios.

E a nação servia que, de armas na mão se oppôz á Austria-Hungria em 1914; que soffreu a invasão germano-bulgara; que supportou todas as torturas moraes e physicas, contempla desasombradamente o futuro, porque ella sabe luctar e soffrer, porque ella é uma nação heroica entre as mais heroicas, porque ella tem á sua frente hoje em dia um principe educado na escola da adversidade, soldado, administrador e patriota enthusiasta, o joven e sympathico rei Alexandre I, filho dum grande soberano que foi Pedro Karageorgewitch.

J. N.

"Fon-Fon" - 28-Janeiro-1921

A' noite Saltando do seu automovel, ella veio caminhando silenciosamente atraz de mim e seguiu-me no braço. Voltei-me com espanto e com um grito de agradavel surpreza.

— E's tu?

— Sim, sou eu! Vim passear nesta avenida deserta, respirar o odôr do mar e sentir a frescura da noite. E tu, que fazias, a pé, tão distrahido.

Sorri e disse-lhe versos de Bilac:

«Ia sosinho, pensando
No teu amor, a sonhar...»

Ella soltou uma gargalhada argentina, toda resonante de incredulidade. Olhei-a de face. O vento brincava nos seus cabellos de ouro sob as abas curtas do chapeu negro. E repeti os mesmos versos.

Ella apertou-me o braço com força e não rio mais. Então, caminhamos sósinhos, sem dar uma palavra, muito tempo.

E o automovel della nos seguia devagarinho, silenciosamente.

Um poeta O soneto ora aqui divulgado, é de uma alma que se foi para outro mundo em plena mocidade: Nicanor de Toledo Sanches.

Bacharel em Direito aos dezenove annos, intelligencia lucida, alma lyrica ensombrada de tristeza, Nicanor teve o seu ultimo dia em certa manhã de Dezembro — tres annos já — quando o seu temperamento e sua cultura lhe poderiam dar radiosos dias de felicidade.

Entre os seus papeis foi encontrado o soneto abaixo: é o unico que legou

"Fon-Fon" - 21-Janeiro-1922

No "Reveillon" Como nos frescos e deliciosos versos de Graccho Silveira:

«Pelo vasto salão engalanado
Num arranco de gôso e agonia
Desfallecendo, arfando no teclado,
A ultima valsa, languida, morria.»

Ainda como nos maravilhosos versos do mesmo poeta

«Como um vago sonho ennevoado
Atravez da cortina resplendia
O prestigio somnambulo e esverdeado
Do teu olhar, que ao meu olhar sorria.»

Isso foi num *reveillon* elegante, em que os olhos das mulheres faiscavam de inveja quando ella passava e, quando ella passava, loura e elegante, os olhos dos homens afusilavam de gula...

Eu, escondido por traz da multidão, olhava-a anciosamente, para não perder nenhum de seus gestos admiraveis, dizendo entre dentes versos ainda do mesmo cantor.

«E era tão linda, suave e silenciosa,
Que parece que a valsa dolorosa
Se desmanchava em teu olhar risonho

E a Realidade, em lyrica surdina
Punha na transparencia da cortina
Toda a belleza emocional de um sonho».

Paris Falava-se de Paris, numa roda de amigos, que, todos, lá tinham *vivido* algum tempo. (Vivido está em gripho, porque, segundo a maioria desses mesmos amigos, só em Paris se vive). Um dizia que gostava do parque Monceau, por causa do seu perfume de aristocracia morta. Outro affirmava adorar os quarteirões novos, aceiados e bellos da «Etoile». Ainda outro admirava o «Quartier Latin», a «Rive Gunche», querida de Muger, onde as livrarias e a Sorbonne o tentavam. O quarto era amador incondicional de Montmartre, dos seus bailes e *cabarets*. O quinto apreciava somente os *boulevards* movimentados. E o ultimo assegurou que tinha verdadeira paixão por Montparnasse, a rua Vandamme, parte da de Rennes, a rua da Gaité, a avenida do Observatorio.

Todos perguntamos com espanto:

— Por que?

E em côro:

— Que logares horriveis!

Elle replicou com toda a calma:

— Para lêr ao vivo as paginas das «Sœurs Vatard» de Joris Karl Huysmans. Para vêr ao vivo os desenhos maravilhosos de Rafaëlli.

E todos calaram a bôca.

ás letras, mas é o bastante para lhe dar direito a um registro, pela sua belleza encantada.

Nelle se reflecte, como num espelho, a alma melancolica do poeta e a tortura infinda do seu espirito.

AVE MARIA

Pela alameda tristemente linda
Vae passo a passo, pela estrada em fóra
Sae divagando... e, alem, no espaço ainda
Voluça a Ave Maria... A tarde chora...

E, hoje, ainda percebo, escuto ainda
Esse som triste pela tarde em fóra,
Essa harmonia dolorosa, infinda,
Essa dôr que crepita e me devora...

O teu vulto, subtil, envolto em gaze
Vejo no espaço. Feito espuma quasi
No meio da alameda se dissolve...

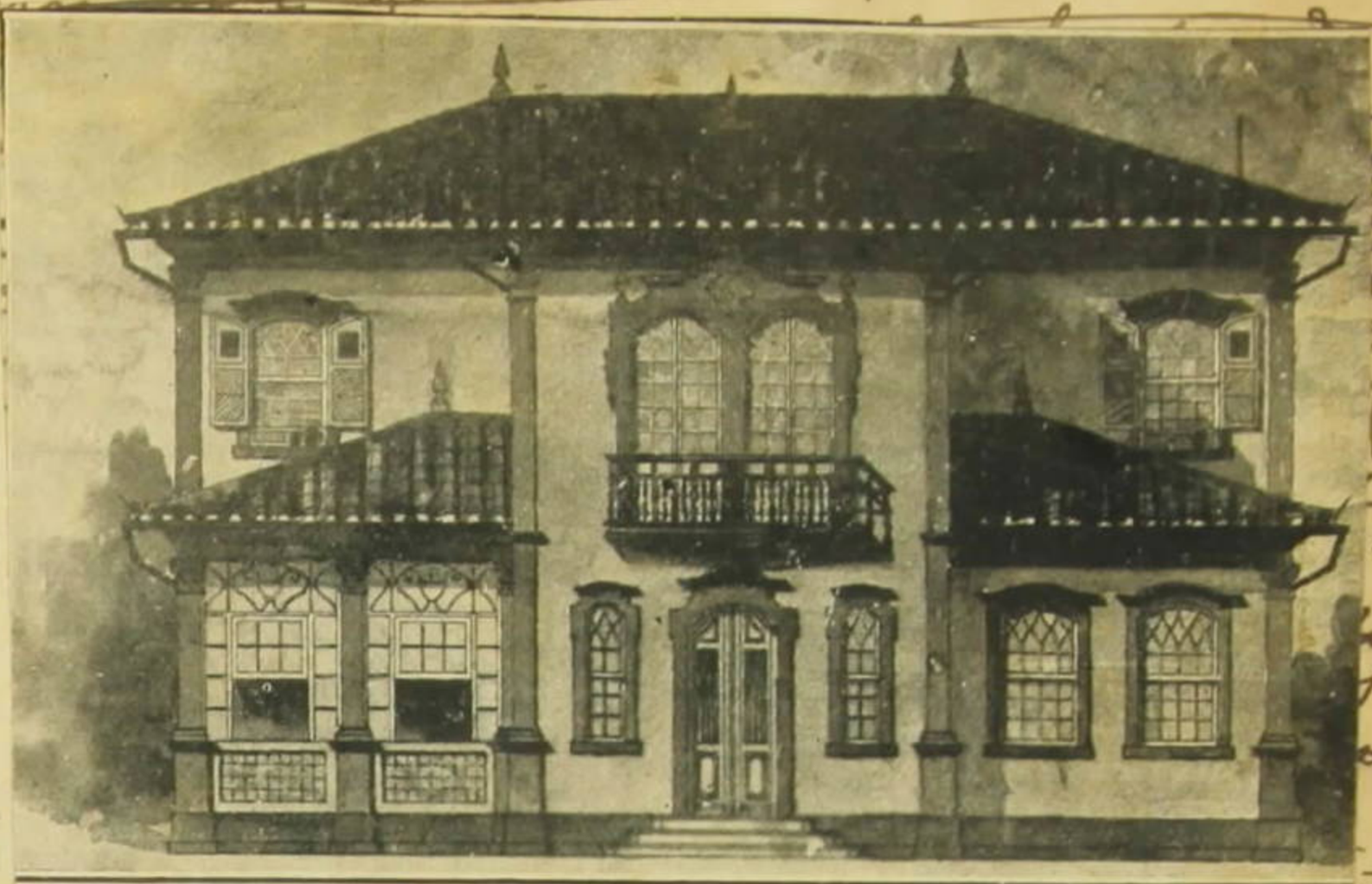
Som de violino, lentamente escorre
A êsmo, (ôa... tristemente morre
Na tristez da tarde que me envolve...

Nicanor de Toledo Sanches

A CASA BRASILEIRA

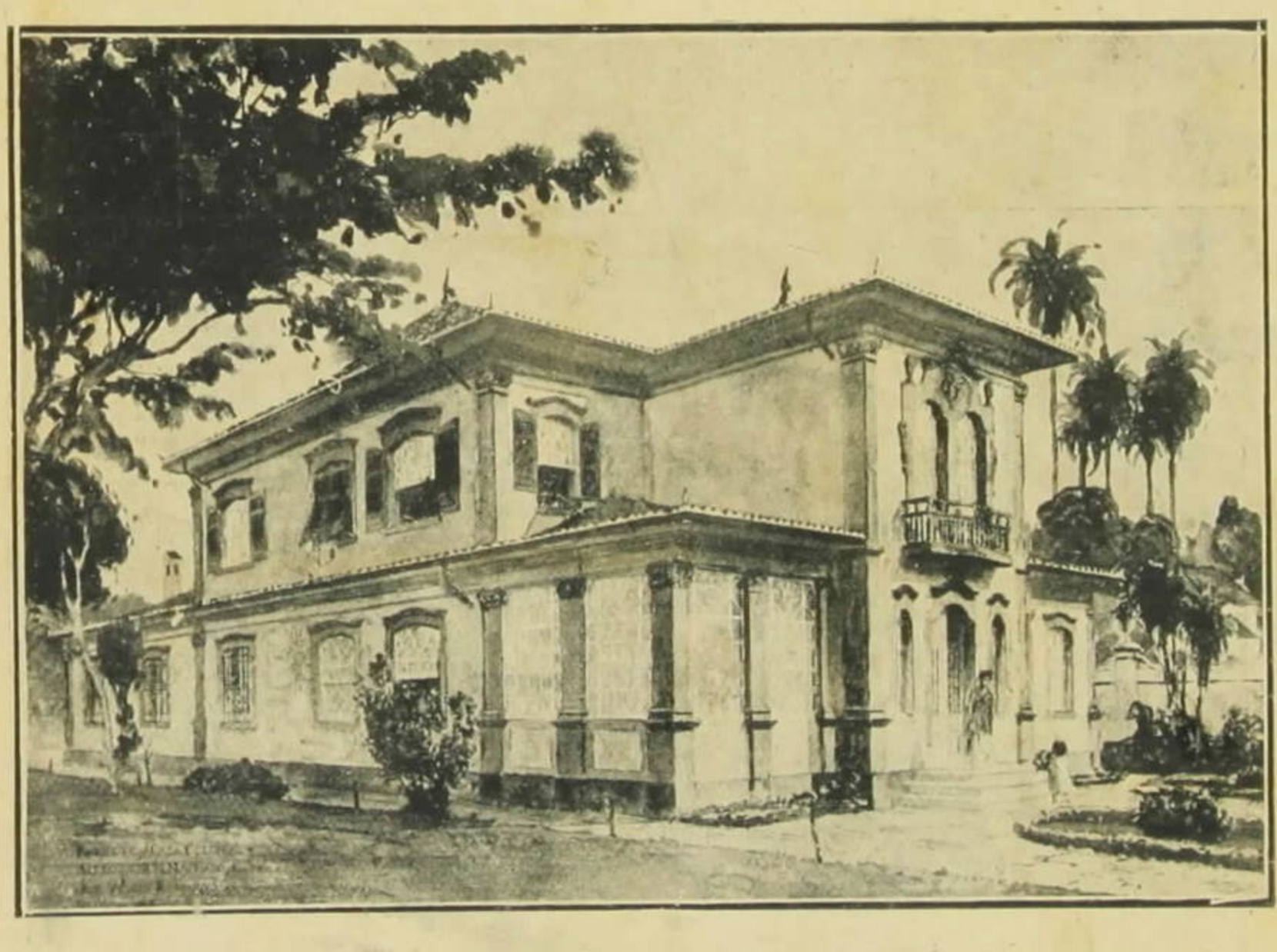
Desenha-se agora na nossa vida artistica em geral um forte movimento tradicionalista, palpitante de aspirações nacionaes. Cançados de copiar o que fazem os extrangeiros, chegamos á conclusão de que é necessario qualquer coisa de accôrdo com a historia, a raça e a alma da nação, em todas as nossas manifestações artisticas. D'ahi o movimento, a cuja frente se pôz José Marianno Filho, para restabelecer, pondo-os de accôrdo com as exigencias do progresso moderno, os velhos caracteristicos da architectura colonial adaptada aos ares do Brasil, por aquelles a quem devemos a força da nossa cohesão nacional e o profundo sentimento de nossa personalidade como povo.

Entretanto, os tropeços para a realização d'essas idéas, não são pequenos, pois nem todos comprehendem o alto valor d'essas tentativas e os seus olhos se prendem mais ás europenizações refulgentes e ôcas do que áquillo que é o sagrado patrimonio do nosso passado e da nossa cultura.



A Casa Brasileira: fachada.

No ultimo concurso effectuado para a concessão do premio Heitor de Mello, instituido pelo sr. José Marianno, para os melhores typos architectonicos tradicionaes brasileiros, sem querermos entrar na analyse do julgamento da commissão encarregada de conferir o mesmo, destacamos (o nosso gosto é aqui o unico juiz) o projecto apresentado sob o pseudonymo de Emboaba, da autoria dos srs. Alexandre Machado e Washt Rodrigues, que não logrou classificação alguma, porém que é, ao nosso ver, o unico que apresenta os verdadeiros caracteristicos da casa brasileira.



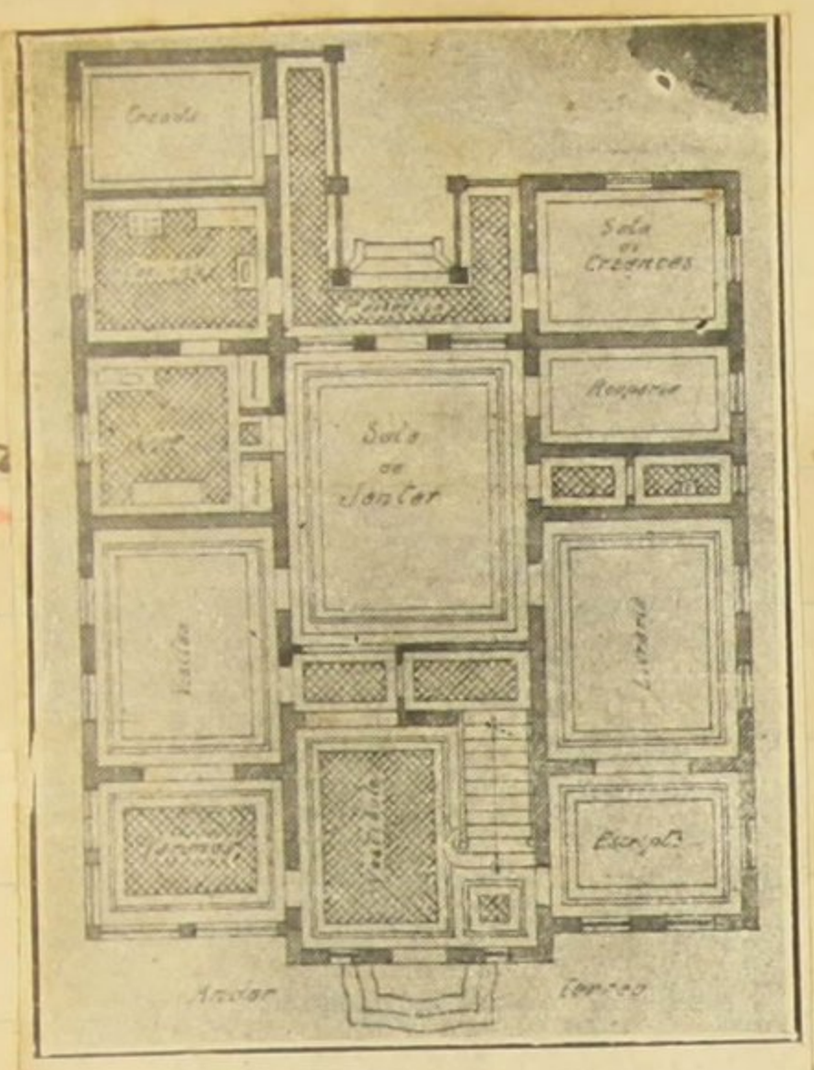
Projecto dos Snrs. A. Machado e W. Rodrigues para a Casa Brasileira (estylo colonial), vista do conjunto.

Dos menores detalhes das suas portas, janellas, molduras, gradis, vidraças, telhados e balcões, se vê quanta fidelidade guardaram os autores do projecto ao estylo da Renascença Portugueza, diffundido entre nós pelos jesuitas, o estylo D. João V, em que ás fórmas architectonicas européas se entremeiam leves reminiscencias das architecturas vistas pelos navegadores lusos na India e na China. No projecto em questão, palpita toda a alma luso-brasileira do seculo XVIII, adaptada ás conveniencias de hoje.

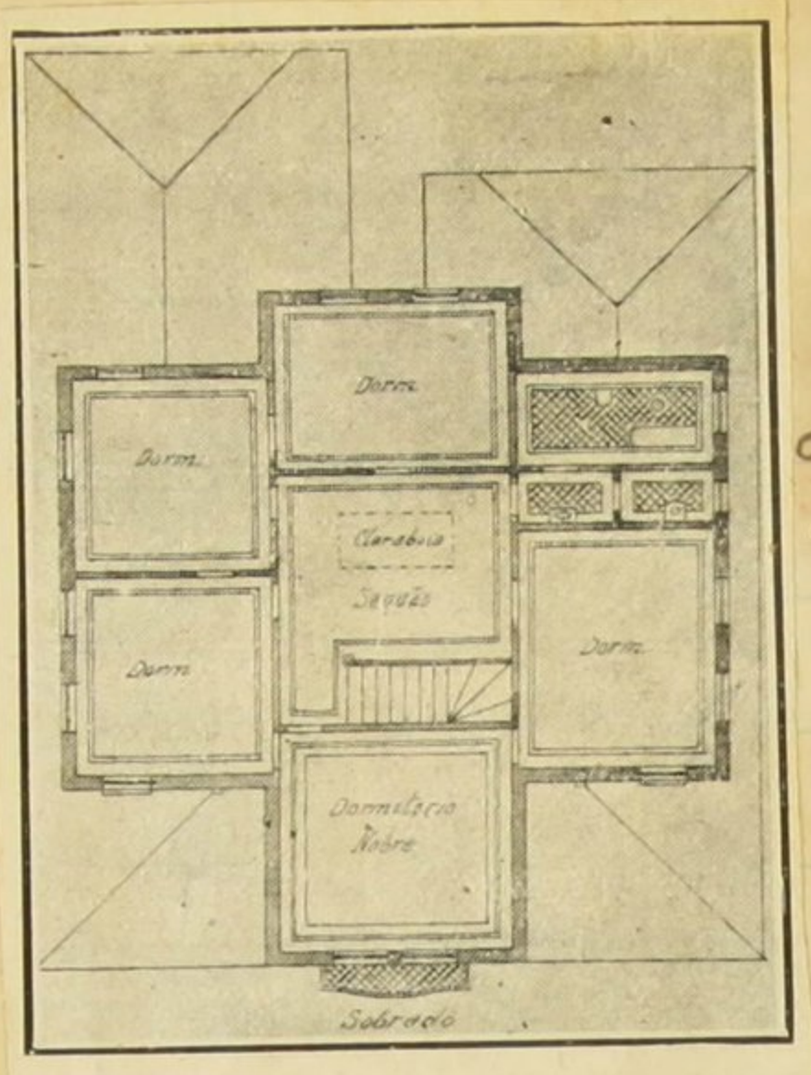
antigas, não agradou to
Das photographias do t
terior e dos detalhes d'esse
jecto, não ha duvidas que
ser elle, pela sua simplic
sua verdade e pela sua be
verdadeira Casa Brasilei

Jotaenne

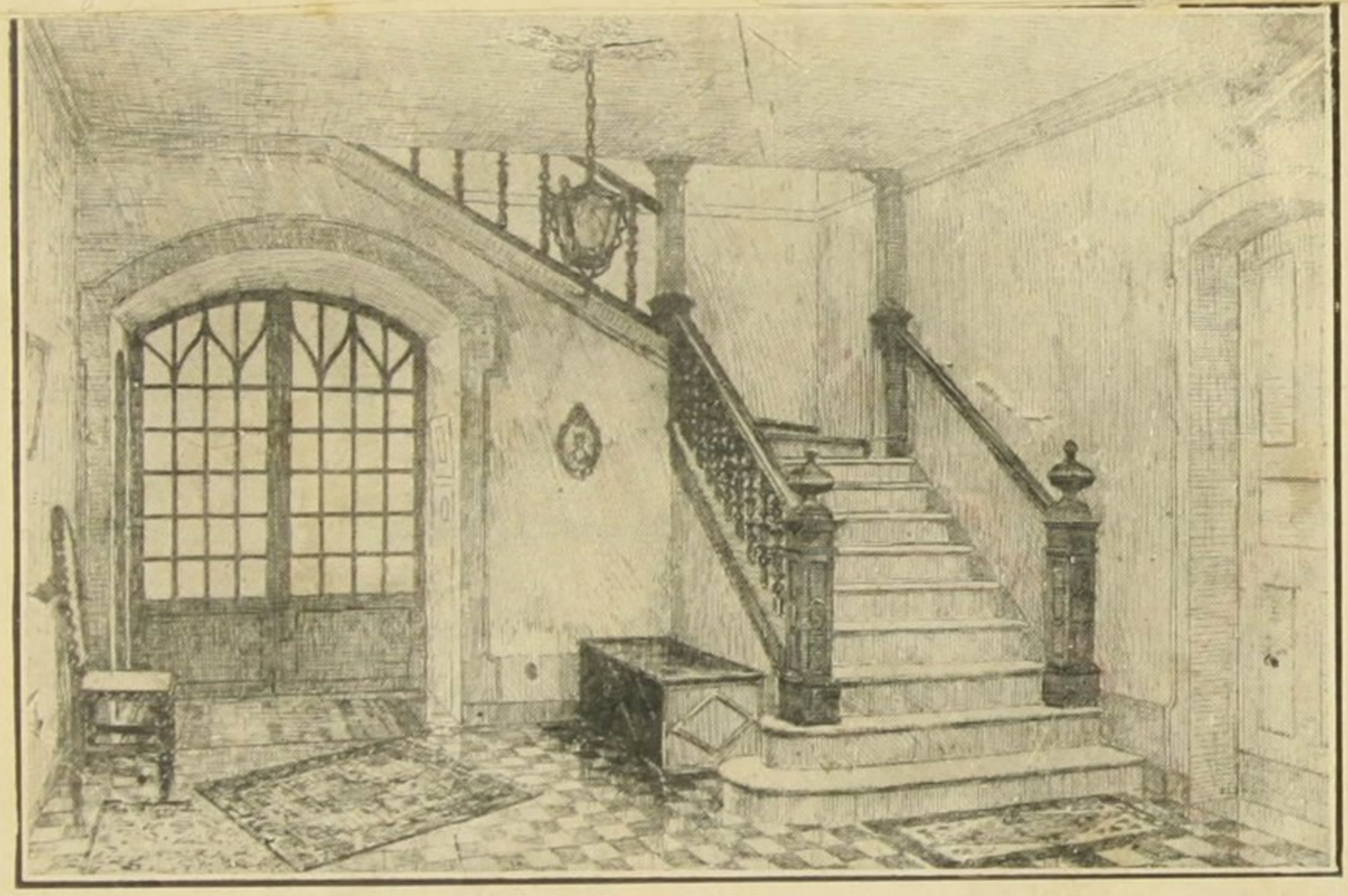
A casa projectada pelos dois artistas é, verdadeiramente, a *casa brasileira*. Vendo-a, todos nós temos a impressão de n'ella termos morado, de n'ella termos vivido. Ella tem muito das nossas velhas moradias solarengas dos nossos avós. Mas, como ella encobrissem a verdade, mesmo tirando a pureza das linhas



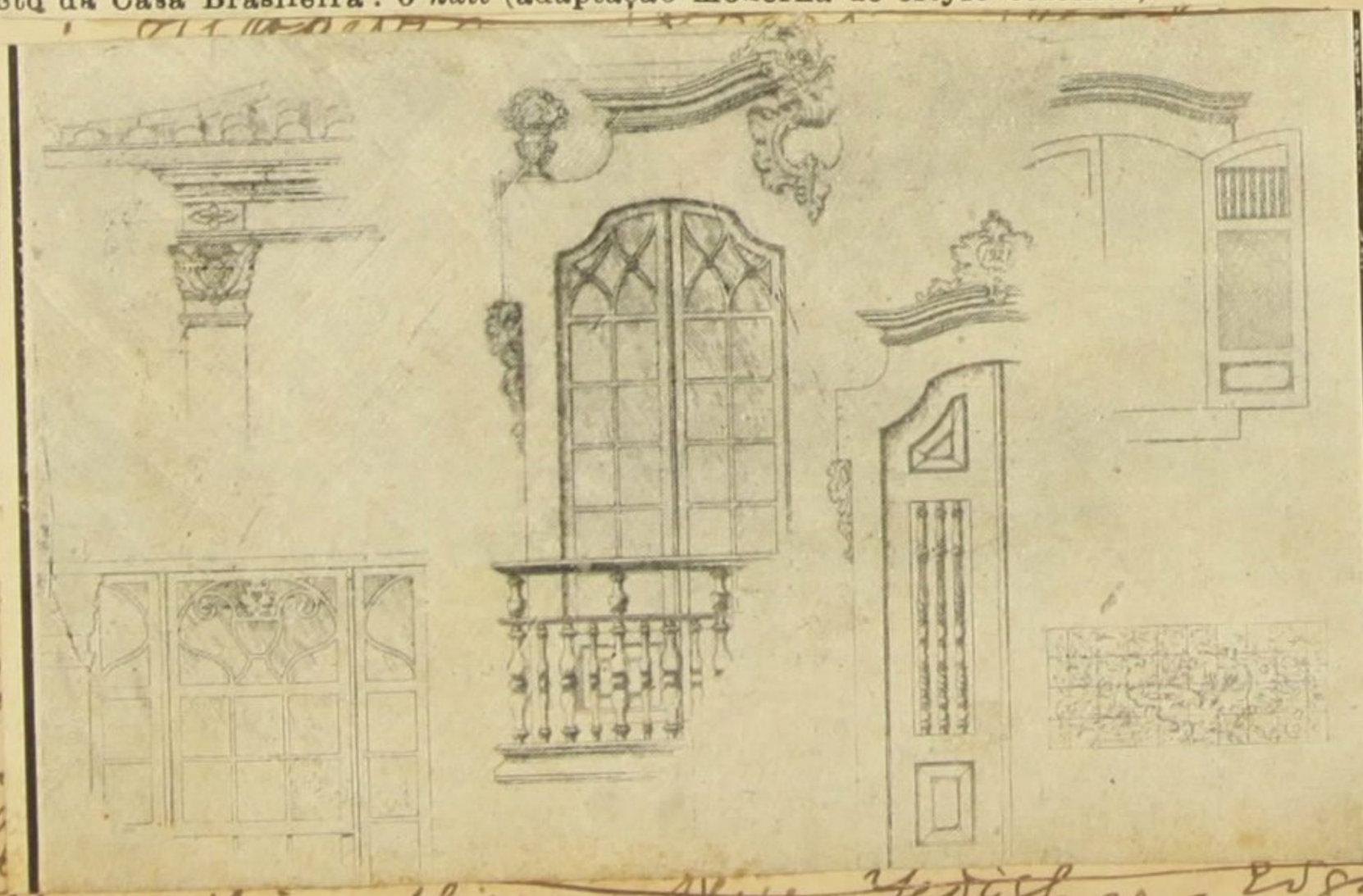
Planta do Andar terreo.



Planta do Sobrado.



Projecto da Casa Brasileira: o *hall* (adaptação moderna de estylo colonial).



Projecto da Casa Brasileira: detalhes da fachada (adaptação moderna de estylo colonial).

"Illustração Brasileira" Janeiro 1922 p. 136

Os Mahadéos do Sertão

por Gustavo Barroso

"*Le monde est plus ancien et il y a plus de continuité dans les choses humaines qu'on a l'air de le supposer d'ordinaire*".

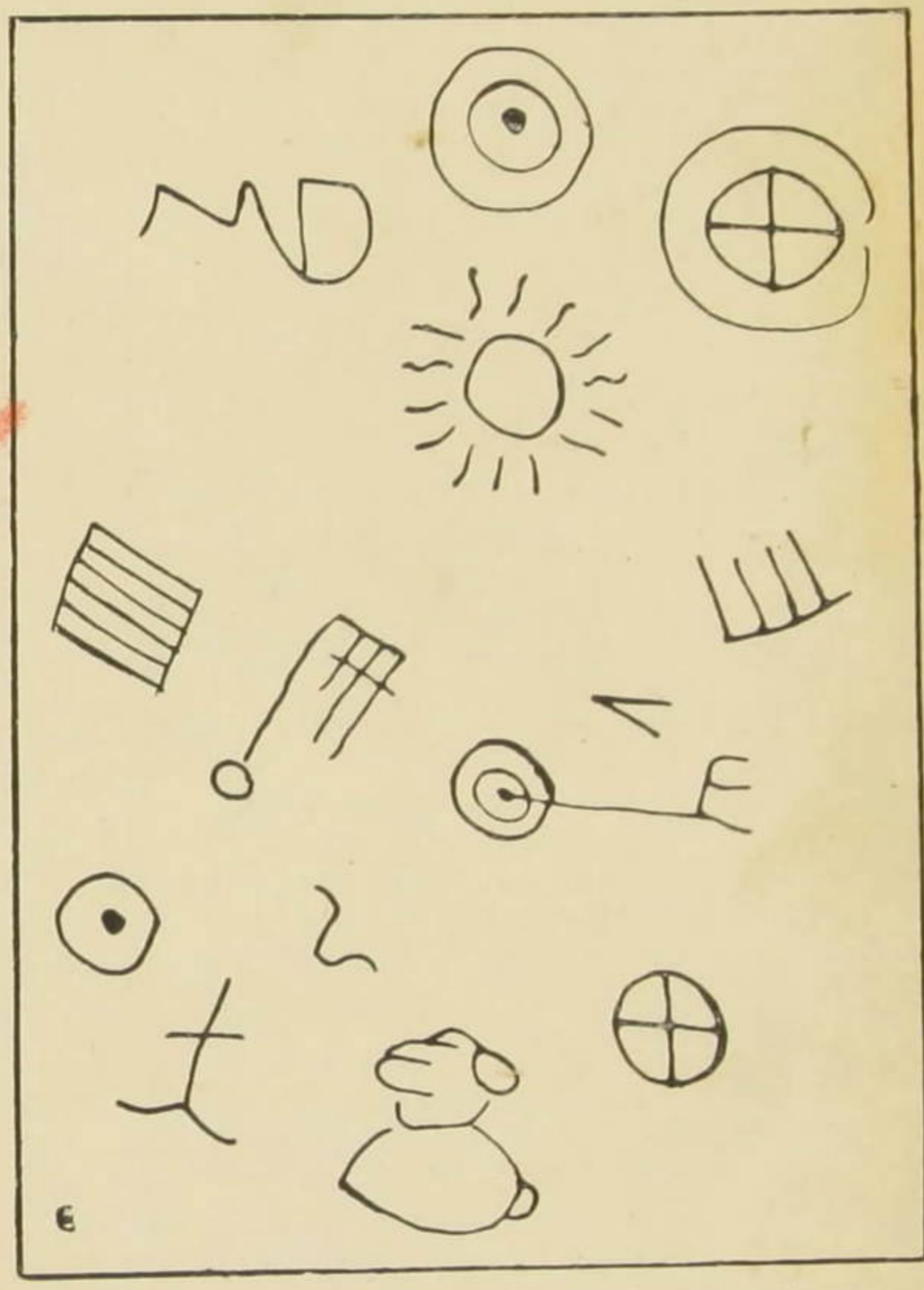
(Michel Bréal — "*De quelques divinités italiques*" — *Lcyde* — 1895).

Em todos os sertões de Nordeste se encontram, nos talhados de pedra das serrotas ou nas rochas á beira dos rios, inscripções estranhas, profundamente gravadas, revelando a existencia de uma pictographia indigena anterior á colonisação, ate hoje ainda não estudada de modo completo e efficaz.

O inglez Henry Koster, que de 1809 a 1815 viajou entre Pernambuco e Maranhão, conta no seu curioso livro "Voyages dans la partie septentrionale du Brésil" (1) ter visto ás mãos de um padre copias de caractéres e figuras que o mesmo encontrára em pedras á margem de um rio, no interior da Parahyba. Os habitantes da redondeza do local onde esse sacerdote achára as inscripções em questão lhe haviam dado informações sobre a existencia de innumeras lapides com desenhos semelhantes, cuja origem e significação por completo desconheciam.

Em todo o vasto, resequido sertão que se estende da Bahia ao Piauhy, em pedroucos e rochas, á margem de riachos e rios, nas penedias insuladas como menhirs naturaes, nos mocósaes e nos fraguedos, lá estão as gravuras estranhas, desafiando a curiosidade dos espiritos mais esclarecidos que por ali passem. Umas sómente se aprofundam na rude face dos granitos e dos syenitos; outras logo chamam a attenção pela berrante côr vermelha do "enduit" com que as entupiram. Nivelando a profundez dos traços com a superficie rugosa das pedras ha uma especie de rebôco encarnado, feito de urucú misturado a outras substancias, de tão forte coloração que a chuva e o sol não conseguem fazer desbotar; tão duro que á ponta de faca mal se conseguem arrancar diminutas parcellas.

Os sertanejos não sabem explicar quem fez essas inscripções. Nas suas tradições oraes nada ficou a respeito dellas. Ellas nada lembram da colonisação e parece que nada têm a ver com o roteiro das bandeiras aventurosas. E só podiam ter sido executadas anteriormente á chegada dos portuguezes.



GRAVURAS DAS ROCHAS DO WEST KILPATRICK, NA ESCOSSIA.

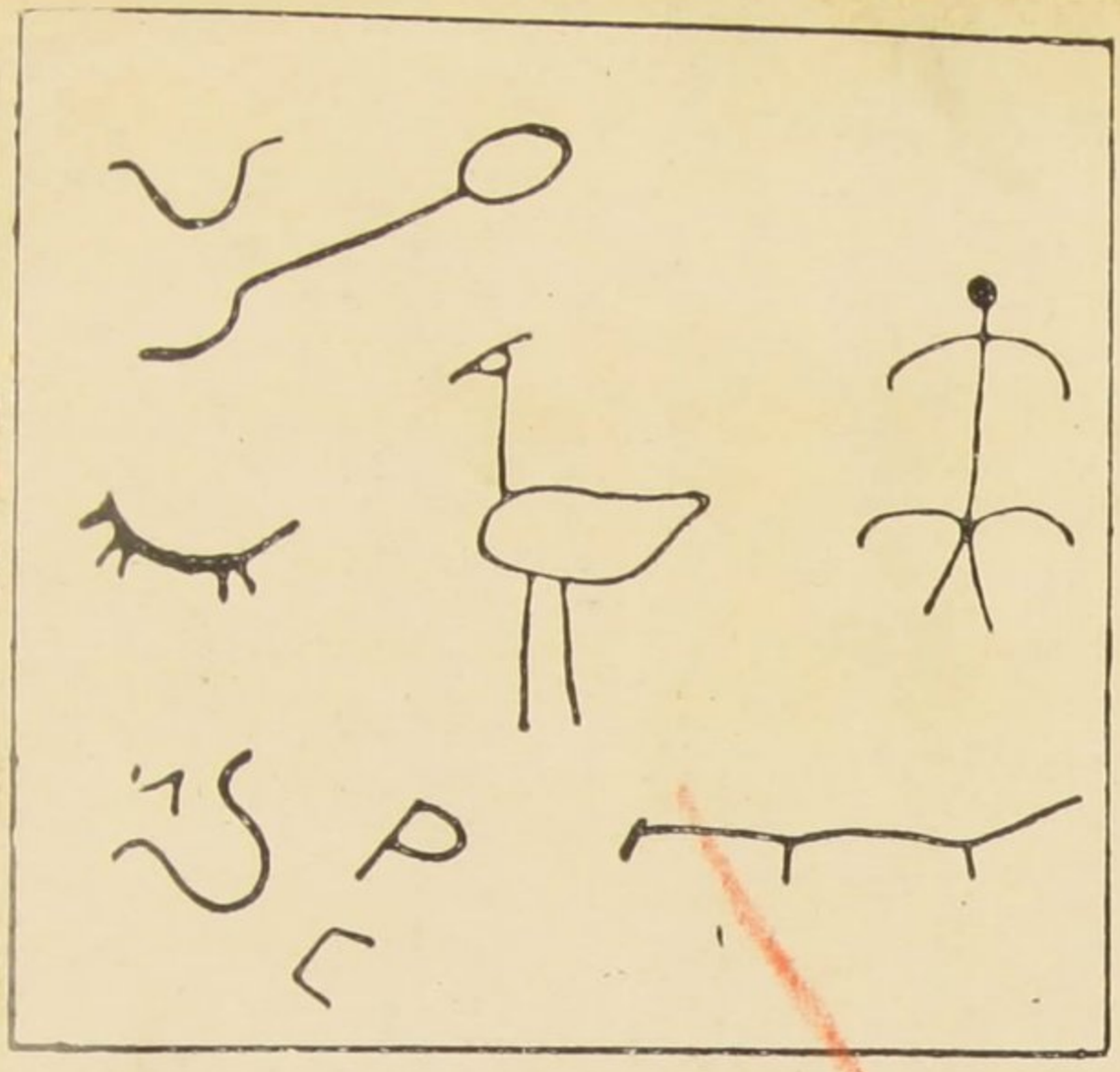
(*Apud. A. Bertrand* — "*Religion des Gaulois*")

Ao luar... Fazia luar. Eu me fôra deitar, sósinho com os meus pensamentos, na areia clara da praia sobre a qual o velho mar rolava o seu queixume secular entre a prata liquida das espumas. As lampadas electricas num rosario de fogo marcavam a immensa fileira curva das casas. Vultos abraçados passavam ao lado da minha solidão. De repente, avistei ao longe uma cabeça toucada de ouro a que os nossos classicos chamariam "cabellos de claro sol", e como o Dante, no canto XXV do *Paraiso*, murmurei:

O dona... sola per cui
l'umana spezie eccede ogni contente!

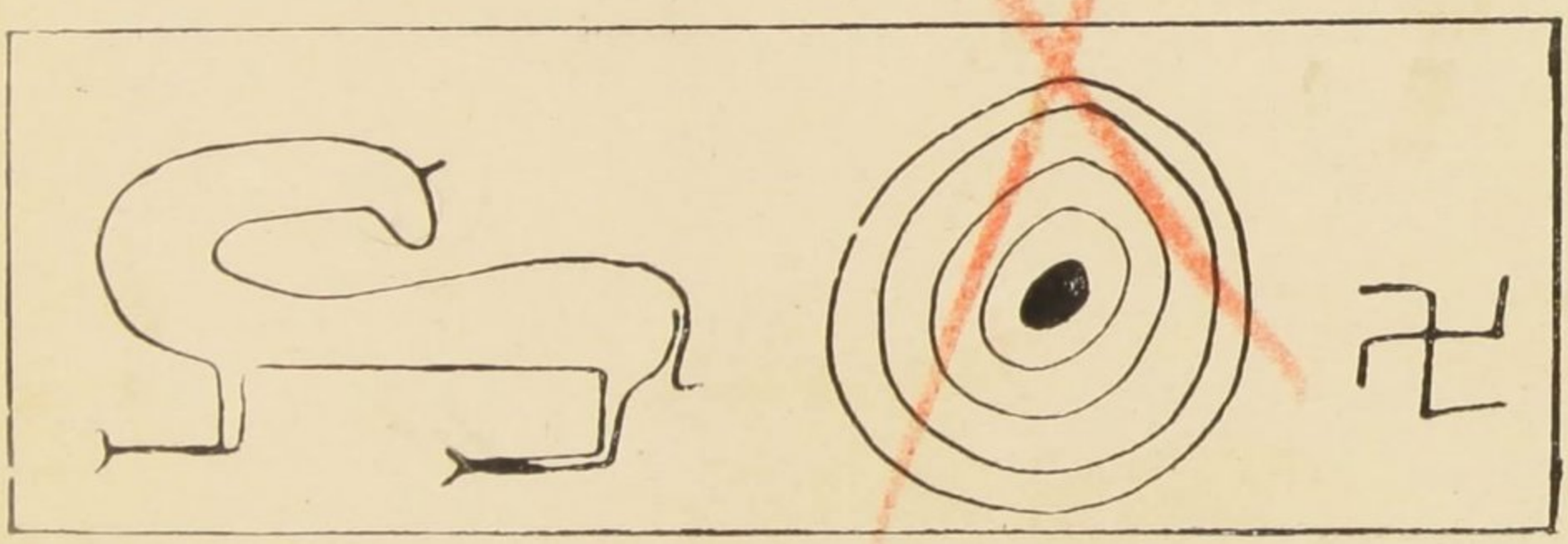
Ao longe se perdia no clarão electrico das luzes o claro sol daquelles cabellos...

"Fon-Fon" 28 Jan° 1922



INSCRIPÇÃO NOS ROCHEDOS DO VALLE DE CALINGOSTA, REP. ARGENTINA, DE ACCORDO COM A PHOTOGRAPHIA PUBLICADA PELO SR. REGINALDO LLOYD.

Houve já quem num jornal, algures, tratando do achado de inscripções semelhantes no sertão, lembrasse serem taes signaes marcas de gado, gravadas assim, segundo o velho habito sertanejo, em logares bem visiveis, para guia dos vaqueiros que procuravam animaes fugidos ou roubados. O costume de guardar essas marcas ainda subsiste; porém são desenhadas ou *queimadas* nas portas das casas ou em troncos de arvores, ao meio das varzeas. Nesses registros ao ar livre se encont... das as marcas do gado que perambula na ribeira. O vaqueiro que anda *campeando* rezes perdidas ou fugidas lê ali se ellas estão nas proximidades. Se estão, pega-as e leva-as para a sua fazenda, cancellando os signaes das mesmas que viu na porta duma casa ou no tronco duma arvore. Se por acaso avistou rezes, cujo "ferro" ainda não está naquelles registros, grava-o immediatamente com a ponta da "pagehú". A pedra não offerecia essa facilidade de cancelar e gravar. Por isso, as rochas nunca serviram para tal fim. Ha pelo sertão logares denominados Páo dos Ferros, nunca houve chamados Pedra dos Ferros...



PEDRA GRAVADA DE ROBERNIER, FRANÇA
(*"Religion des Gaulois" — A. Bertrand*)

Gravar as marcas dos gados tresmalhados no granito bruto não seria tão simples quanto esculpil-as ou "queimal-as" na madeira. O uso consagrou o ultimo systema e do primeiro, se é que existiu, nem na memoria dos habitantes nem na sua acção ficou o menor vestigio. Um simples olhar, de qualquer pessoa que conheça os sertões, para a forma e tamanho das inscripções, basta afim de mostrar que nunca foram "ferros" de gado. Na maioria se compõem de signaes tão complicados e tão grandes que queimariam toda a anca duma rez. Os vaqueiros têm antiga e profunda ogeriza ás marcas de "muito fogo", isto é, ás que maltratam sem necessidade o gado de "ferra".

Embora a formosa theoria de von Ihering, tão bem discutida por elle proprio, de que a escripta nasceu das marcas do gado, accrescendo até que a pelle do boi morto deu origem, em Pergamo, ao pergaminho, avô do papel, a razão humana tem mostrado que povos nunca pastores, inteiramente des-

O calor Queixei-me vastamente do calor carioca, o outro dia, a um dos meus amigos, que é um sceptico benevolente, optimista e sincero. E terminei, exclamando:

— Tomara levar a bréca e que as metempsychoses me leven a morar em Venus, por exemplo, que deve ser menos quente do que a Terra!

O meu amigo sorrio levemente e introduzio na minha alma a desesperação com estas sabias palavras:

— Não desejes desilusões. Venus, como Marte, como os outros planetas do nosso systema, gyra em redor do sol e está inclinada sobre o seu eixo, de modo que o seu destino é igual ao da pobre Terra: épocas de frio intenso e épocas de intenso calor. Seus habitantes gelam e torram. Contra o calor não ha refugio nem nos astros...

— Infelizmente!...

As cruzes Fui na tempos a uma festa e, entre as mulheres formosas e as casacas elegantes, vi um cavalheiro que usava no peito largo a cruz aurifulgente duma ordem honorifica estrangeira. Ao sahir do saráu tomei um automovel em companhia dum amigo. Discreteamos pelo caminho e eu me referi ao notavel individuo crucigiado. O meu amigo contou me, então, que elle era immensamente rico e descreveu-me pormenorisadamente a origem curvilinea da sua fortuna. A' guiza de commentario, murmurei sómente este velho e conhecido epigramma:

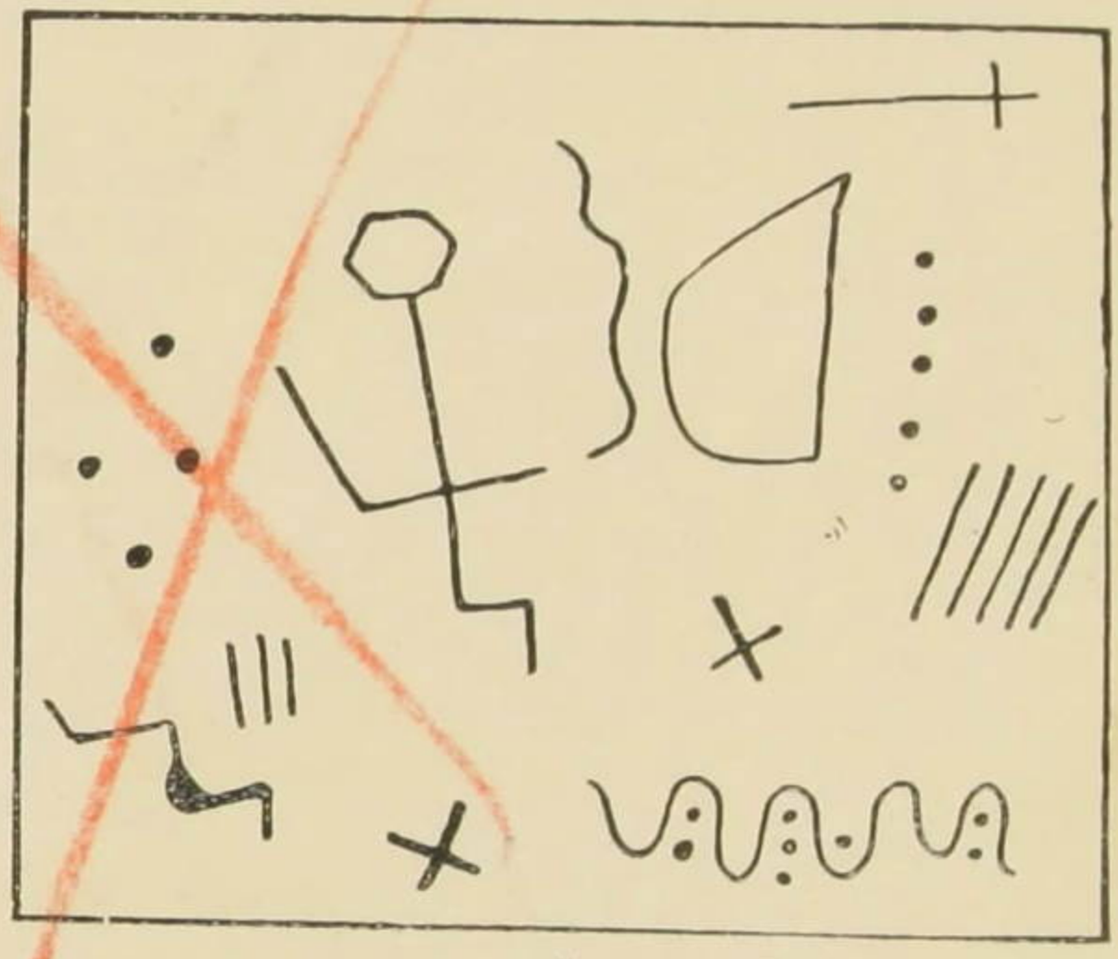
Quando barbaras leis nos governavam,
Nas cruzes os ladrões se penduravam;
Hoje, que estamos no seculo das luzes,
Pendentes dos ladrões andam as cruzes...

O meu amigo deu uma risada tão forte, que o chauffeur espantado se voltou, abandonando quasi a direcção do carro...

conhecendo a pecuaria e seus methodos, possuiram escripta gravada em pedras ou tijolos, ideographica e rudimentar. Antes de curtir as pelles, já os homens das primeiras idades esculpiam as placas dos chifres e as omoplatas das rennas. Antes de preparar os couros dos animaes para nelles escrever, os homens primitivos tinham creado os ornatos barbaros da ceramica inicial. Suas retinas, cansadas das parallelas que circumdavam os vasos, exigira o traçado de verticaes equidistantes e inventara-se desta sorte a primeira grega ornamental.

Segundo a lição de Quatrefages, (2) a escripta sahiu da pictographia primitiva. Essa arte rudimentar existiu até entre os indigenas americanos da mais baixa condição, diz o grande sabio. Schoolcraft estudou-a profundamente entre os pelles-vermelhas septentrionaes. A pictographia assemelha-se completamente aos enigmas. Ella tem sido encontrada fartamente na Siberia, na America do Norte, na Patagonia e na bacia do Orenoco, na Venezuela. Não é, portanto, estranho que a vejamos no Nordeste brasileiro.

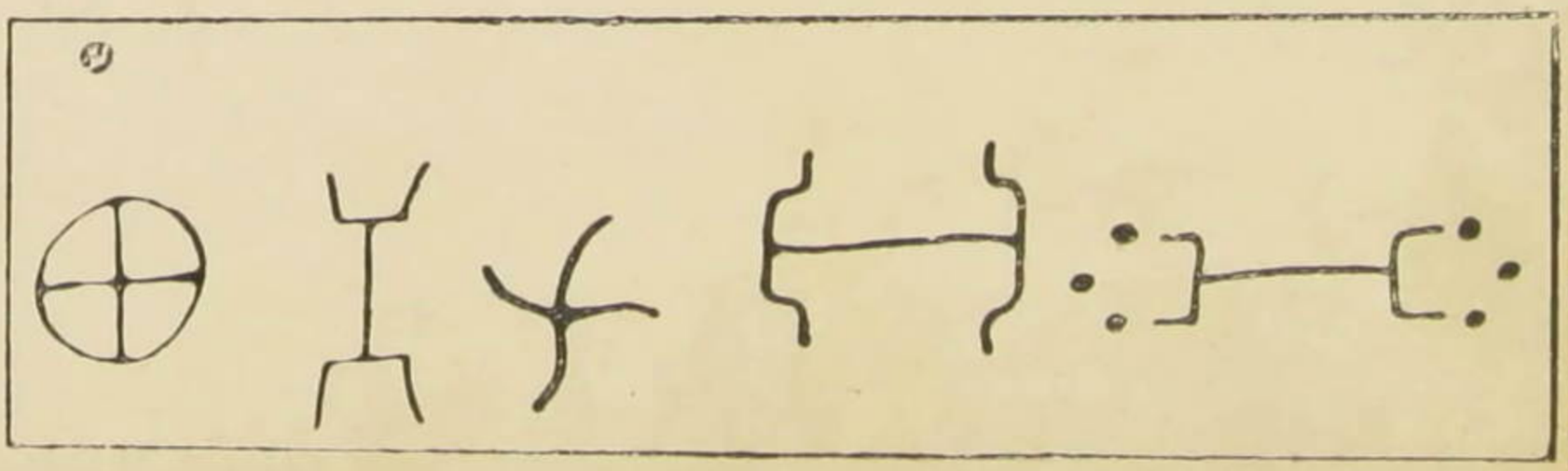
Diz Quatrefages: "Lorsque le symbolisme s'introduit dans la pictographie, il semble qu'il y ait un pas de fait, bien que des graves erreurs puissent être la suite de cette maniére de representer les evénements, lorsque le sens du symbole s'oublie. Les Virginiens avaient figuré "un cygne blanc vomissant du feu" pour représenter les Européens, leurs vaisseaux et les armes. Il y avait évidemment lá le germe de quelque légende. Cette observation á elle seule permet de comprendre et d'interpreter quelques-unes des traditions, fabuleuses dans la forme, tres réeles au fond, qui ont eté recueillies sur le passé de certains tribus américaines. Toutefois le symbolisme a l'avantage d'habituer l'esprit á se detacher de la reproduction materielle des objects. Plus tard on passe assez aisément á la reduction graphique du symbole, puis au "signe idéographique". Enfin, l'aiguillon de la necessité aidant, on arrive au "signe phonétique".



CAVIDADES E FIGURAS DO "TUMULO" DE RENONGART, EM PLOVAN, NA BRETANHA
(*A. Bertrand — "Religion des Gaulois"*)

Um exemplo por demais interessante dessa transformação se encontra na China. A letra que significa hoje em dia felicidade compõe-se de cinco

(1) Edição de Delaunay — Paris — 1818.
(2) "L'Espéce Humaine" — 15ª edição — Felix Alcan, Paris — 1911 — Pags 327, etc.



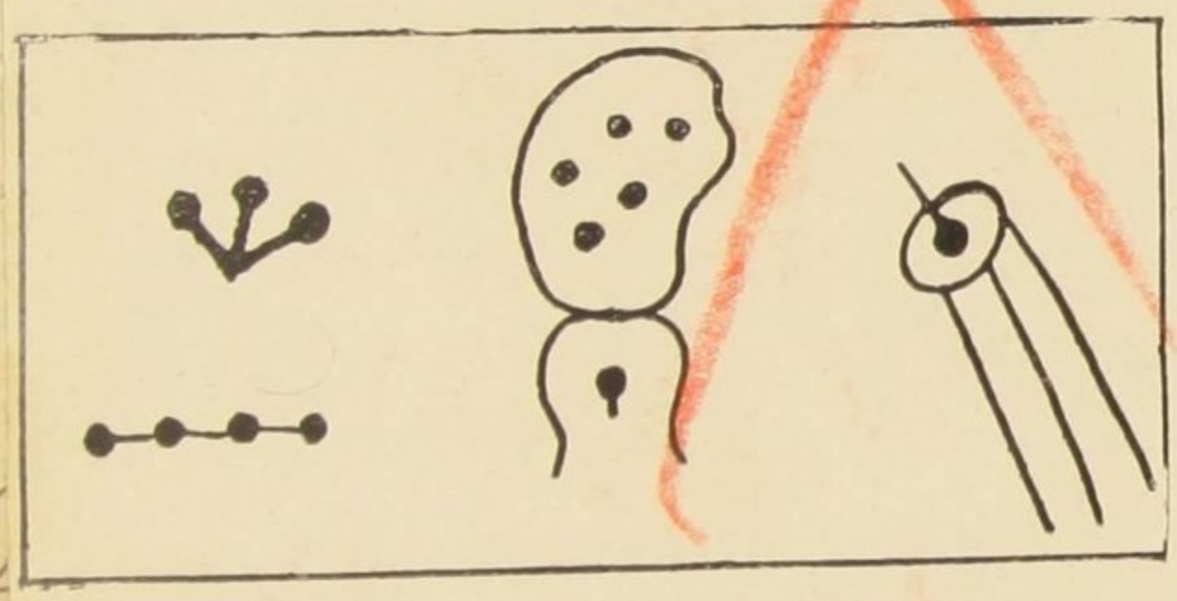
SYMBOLOS SOLARES DOS MONUMENTOS ANTIGOS, SEGUNDO ALEX. BERTRAND

traços unidos pelas extremidades ao alto e afastando-se como raios, de entre os quaes sáe uma fileira de pontos que vae terminar na abertura dum angulo recto formado por duas pequenas linhas. Outr'ora, no tempo dos caractéres inteiramente pictographicos, esse signal assim simplificado era uma mão aberta, atirando a uma bocca um punhado de arroz !...

Entre outros povos a escripta ficou a meio caminho de sua evolução total. Os symbolos cuneiformes são uma mistura de signaes syllabicos e ideographicos. Os caractéres chinezes estão entre a ideographia e o alphabeto. Os coreanos e os japonezes attingiram sómente o syllabismo. As inscripções aztecas são ideographicas, syllabicas e phoneticas ao mesmo tempo. E a apparencia das que se acham no nosso interior é de uma escripta rudimentarmente ideographica, mesclada de symbolos lithurgicos communs a quasi todas as religiões primitivas da humanidade.

No municipio de Quixeramobim, no coração do Ceará, são communs as inscripções indigenas nas rochas á beira dos cursos d'agua. Num logarejo denominado Giqui vi, em 1907, grande numero de caractéres estranhos esculpidos nos rochedos isolados pelo meio do matto, todos betuminados de vermelhão.

Infelizmente, nessa occasião não levava commigo lapis e papel, não os copiando. Nas terras das fazendas "Cruxatú" e "Condado", pertencentes ao coronel Antonio Leal de Miranda, todo o curso do pequeno rio Fonseca está cheio de inscripções á face das penedias que o orlam. Percorri diariamente essa região, durante algumas semanas, em 1907, e examinei com vagar essas pedras gravadas, ora na margem direita, ora na esquerda do referido rio, desde as suas nascentes até sua confluencia com o Banabuiú. E copiei-as quasi todas. Ha pequena quantidade de signaes simples. Quasi todos são complexos. Constam alguns de linhas horizontaes, cortadas por grande numero de traços verticaes pequenos, como se alguem



SIGNAES GRAVADOS EM PEDRAS NA ESCOSSIA
(*Segundo J. Y. Simpson*)

tivesse contado dias, semanas, mezes ou unidades de qualquer cousa, dando um risco a cada uma e depois cancellando-as todas de uma vez.

Muitos são verdadeiros labyrinthos de curvas e rectas embrulhadas. Varios se compõem de polygonos reunidos a outros ou a circulos, dos quaes sáem raios ou patas, lembrando figuras de animaes, corpos estranhos com partes decepadas.

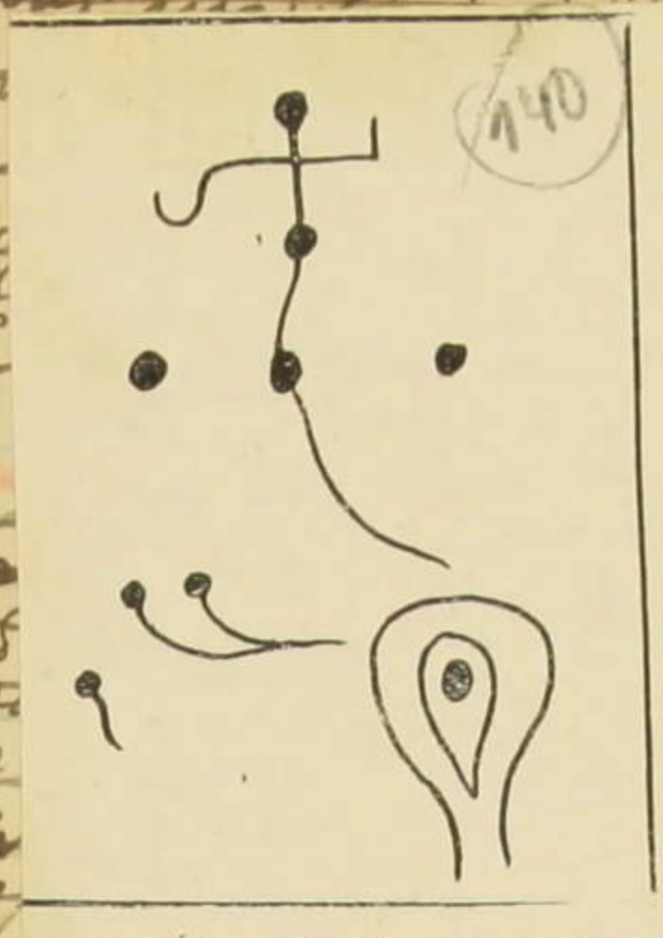
Ha cruzes, semi-circulos, circulos e gregas, signaes esses que Elyseu Reclus assegura se acharem nas inscripções primitivas de todos os povos do mundo. Uns dão a impressão de ideogrammas motonymicos ou metaphoricos, sendo o aspecto da cousa representada desfigurado pela grosseria do instrumento, a dureza da pedra e a inhabilidade do tracejador.

Um signal é repetido amiudadamente : o chamado "pé de gallinha", que os chinezes denominaram "garra de passaro" e se encontra nos artefactos dos pelles-vermelhas, na tenda de couro dos patagões, nos monumentos aztecas, nos paredões de Cuzco, na ornamentação de todos os povos do Oriente antigo.

Vêem-se mais nas pedras sertanejas circumferencias cortadas por um diametro, quadrilateros diversos, angulos variados, taes quaes os que estão nas pedras tumulares hymiaritas e Carlos Mauch notou nos moveis primitivos dos cafres. Os circulos atravessados por grandes linhas verticaes e horizontaes, os triangulos, os ZZ, os BB invertidos, os TT, as grelhas, as forquilhas, as aves, os lagartos, os machados de pedra, tudo isso está nessas rochas sertanejas como nos alphabetos archaicos do Thera, dos Etruscos, dos Lycios e dos Campanios. Ha mais todos os velhos signaes dos primitivos cultos solares : as rodas, os raios, o triskele, a cruz e a swastika.

Ninguem, infelizmente, até hoje se propoz estudar e esclarecer os milhares de inscripções identicas que mysteriosamente enchem o *hinterland* brasileiro e que talvez guardem muitos segredos das raças indianas desapparecidas.

Não só no interior do Brasil pullulam taes gravuras. O Sr. Reginaldo Lloyd, no seu bello livro "Impresio-



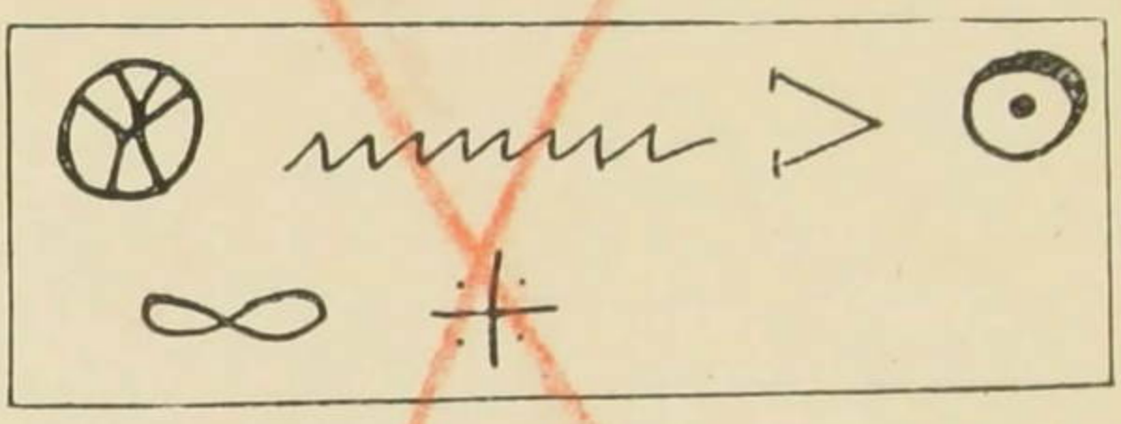
MAHADÉOS DE CHANDESHWAR, NA INDIA
(*Segundo Rivett-Carnac*)

nes de la Republica Argentina en el siglo XX", publica photographias de pedras gravadas do valle de Calvigosta, absolutamente identicas, pelo estylo, e pela maneira de gravar pelos caractéres esculpidos e pela posição á margem de aguas correntes, ás do sertão de Quixeramobim.

Aliás, taes signos são de todos os povos primitivos. As mesmas figuras que citamos se vêem nas pedras gravadas da Bretanha. Eis como Riviére (1) as descreve: "lignes droites, courbes, ondulées, parfois enchevetrés, d'autrefois au contraire réunies par groupes du même aspect. Sont-ils de simples ornements oú des signes? un motif de décoration ou des caractéres d'écriture? Personne n'en sait rien et toutes les suppositions sont permises. Certains signes se rapprochent singuliérement des caractéres chaldéens; d'autres, qu'on ne peut comparer á ceux daucune langue connue, semblent avoir une autre destination que de servir de motifs décoratifs".

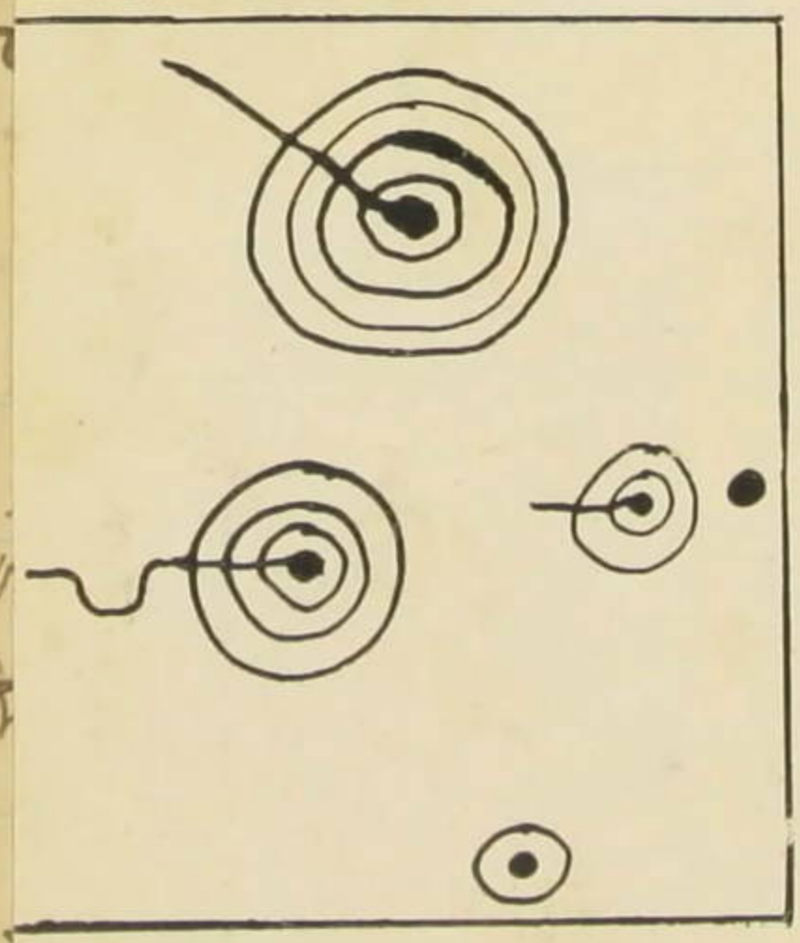
Antes, o mesmo autor dissera isto: "Les dolmens du Morbihan offrent de curieuses gravures sur leurs parois de granit. La hache de pierre y est trés souvent figurée, trés reconnaissable, mais d'un dessin grossier qui n'atteint jamais la valeur artistique des plus mediocres gravures magdaléniennes".

Um olhar attento descobre, facilmente, entre as figuras cavadas nas pedras do rio Fonseca, de Quixeramobim, a forma rude das achas de pedra. Além desses machados primitivos, as rochas sertanejas apresentam uma cousa muito interessante. São os buracos regularmente concavos na extremidade das cruzes e das outras figuras ou simplesmente isolados. Os scientistas modernos, especialistas no assumpto, denominam taes cavidades *cupules*, *bassins* ou *écuelles*.



SYMBOLOS SOLARES GAULEZES TIRADOS DE MONUMENTOS E MOEDAS

Rochedos com esses signos e essas pequeninas cavidades têm sido achados pelo mundo inteiro: em grande parte da França, especialmente na Bretanha; na Escossia, Irlanda, Inglaterra e Paiz de Galles; na Escandinavia, Finlandia, Dinamarca e Islandia; na Allemanha Septentrional, na Suissa e na India. Os camponezes europeus acreditam que em torno delles se fazem os sabbats, que as fadas os visitam e que o diabo anda sempre ali por perto.

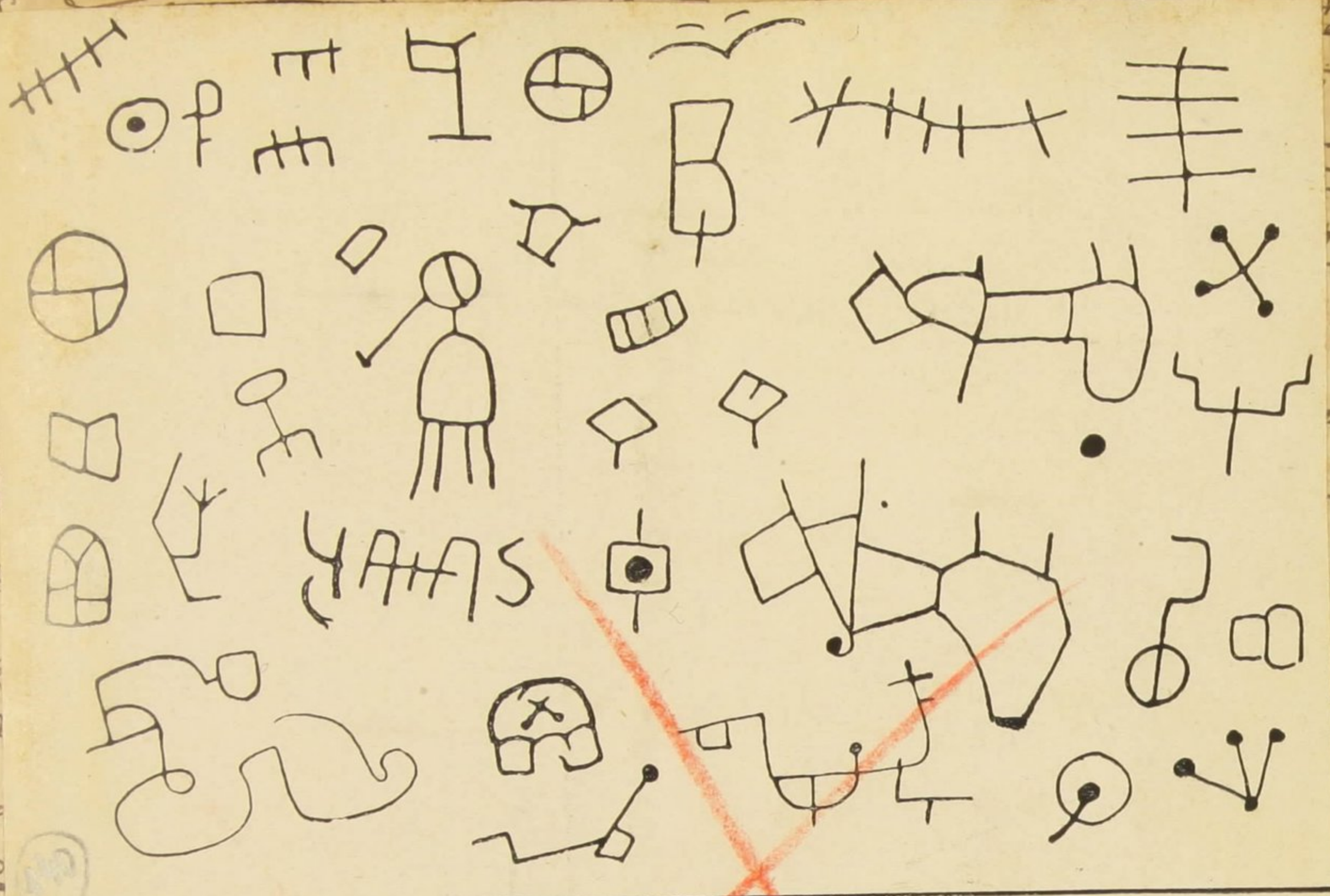


SYMBOLOS SOLARES EM PEDRAS, AUCHNABREACH, ARGYLESHIRE, INGLATERRA
(*Apud. Alex. Bertrand — "Religion des Gaulois"*)

Chamam-n'as nuns logares *pedras das fadas;* noutros, *pedras dos sacrificios, pedras dos feiticeiros, pedras dos pagãos;* na Suecia, *pedras dos elfos.* (2) No sertão nordestino, o habitante não lhes presta attenção e nada conta a seu respeito. Elle perdeu, com a mestigagem, a lembrança das tradições da raça que vivia no paiz e que desappareceu deante do portuguez.

Na India chamam a essas pedras gravadas Mahadéos, segundo o official inglez Rivett Carnac, porque as mais curiosas, em torno das quaes vão orar numerosos peregrinos, estão situadas numa garganta de montanhas, na provincia de Benarés, onde existe um templo consagrado a Mahadéo ou a Mahadéco, o grande deus Siva, o Destruidor.

De accordo com os profundos estudos de Alexandre Bertrand, (3) essas cavidades, bem como outros signos das referidas pedras, se prendem a um culto solar e nas suas *cupolas* se deixavam offerendas de cereaes e oleos. Dahi talvez os restos do urucú dos Mahadéos do sertão. E, de mãos dadas com o archeologo Désor, o mesmo sabio assegura que essas pedras com figuras e *bassins* se prendem



GRAVURAS ENCONTRADAS EM PEDRAS MARGINAES DO RIO FONSECA, MUNICIPIO DE QUIXERAMOBIM, CEARÁ.
(*Croquis de João do Norte, "d'aprés nature"*)

ás mesmas idéas religiosas, que fizeram erigir os menhirs e os dolmens. E o geologo Symard quer que nesses vetustos monumentos se reconheçam, na Europa, vestigios dum culto anterior aos dos druidas.

As circumferencias concentricas ou cortadas de diametros e raios, symbolos inilludiveis dos velhos cultos solares, fazem parte, como as cavidades, do systema de gravuras das pedras do nosso sertão. As nossas illustrações mostrarão ao leitor, melhor do que as nossas palavras, as similitudes que apontamos. Faltando-nos competencia precisa para chegarmos a uma conclusão a proposito dessas inscripções mysteriosas, encontradas com os mesmos caracteristicos por toda a parte, estamos, com o Sr. Alexandre Bertrand, que ellas absolutamente não são fantasias pessoaes dum gravador qualquer, mas symbolos resultantes duma concepção religiosa ou simplesmente ideographica, para cuja decifração infelizmente não possuimos a chave.

(1) Georges Riviére — "L'age de la pierre" —Schleicher Fréres, Paris, 1902. (Pag. 164).

(2) Désor — "Les pierres á ecuelles" — Genéve, 1878.

(3) "Religion des Gaulois" — Ernest Leroux, editeur, Paris, 1897.

O Calunga

Uma linda senhora, conversando outro dia com uma amiga, na casa de chá, ás cinco horas, contava-lhe o seguinte:

— Não imagina, minho amiga, como os chauffeurs do Rio de Janeiro são desaforados! Uma noite destas, estando sosinha e triste, telephonei a Fulaninho para darmos um passeio de automovel. Chovia. Encontramos-nos junto ao Passeio Publico, fomos ao Leblon e, na volta, elle saltou do carro no largo da Carioca. O chauffeur levou-me até em casa. Subi e mandei pagar-lhe pela creada. Pois o descarado disse assim para ella:

— Tome cuidado, moça! Qualquer destes dias a sua ama foge, não volta mais para casa... Ella arranjou um calunga...

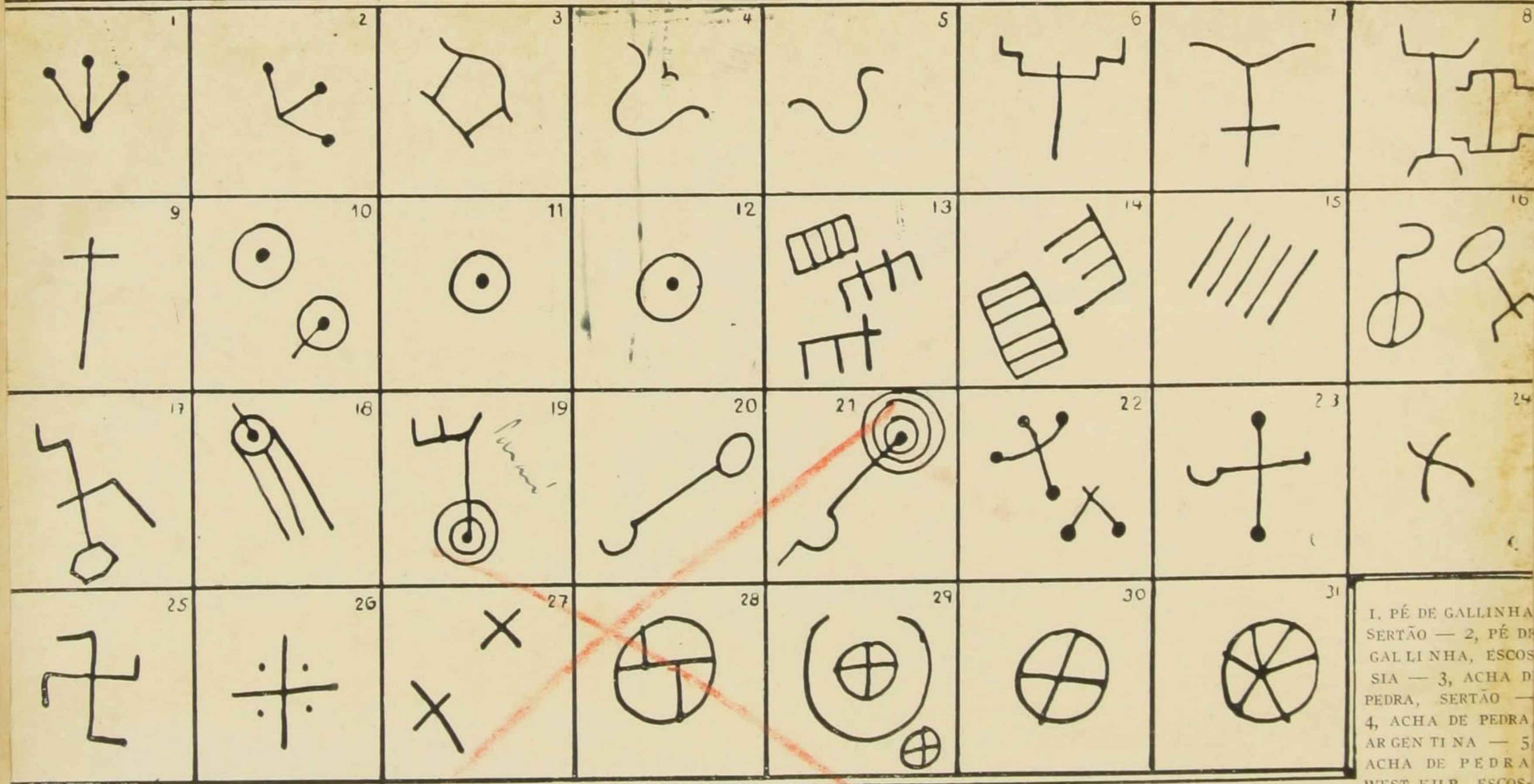
A empregada nada respondeu, mas contou-me o facto. Ora, já se vio que desafôro: chamar o Fulaninho de calunga!

E a linda senhora ficou rubra de raiva...

Nós, que, affectando distracção, ouviamos a conversa, murmuramos:

— Esses chauffeurs sabem de cousas!...

Quadro comparativo de inscripções



1, PÉ DE GALLINHA SERTÃO — 2, PÉ DE GALLINHA, ESCOSSIA — 3, ACHA DE PEDRA, SERTÃO — 4, ACHA DE PEDRA, ARGENTINA — 5, ACHA DE PEDRA WEST-KILP, ESCOSSIA — 6, SYMBOLOS DOS RAIOS SOLARES, SERTÃO — 7, SYMBOLOS DOS RAIOS SOLARES, ESCOSSIA — 8, SYMBOLOS DOS RAIOS SOLARES, MONUMENTOS ANTIGOS — 9, SYMBOLOS DOS RAIOS SOLARES, BRETANHA — 10, RODAS SOLARES SIMPLES, SERTÃO — 11, RODA SOLAR SIMPLES, MOEDA GAULEZA — 12, RODA SOLAR SIMPLES, WEST-KILP., ESCOSSIA, E ARGYLESHIRE, INGLATERRA — 13, GRELHAS SERTANEJAS — 14 GRELHAS WEST-KILPATRICK, ESCOSSIA — 15, GRELHA INCOMPLETA, PLOVAN, BRETANHA — 16, RODA SOLAR COM RAIOS SALIENTES, SERTÃO — 17, RODA SOLAR COM RAIOS SALIENTES, INDIA — 18, RODA SOLAR COM RAIOS SALIENTES, ESCOSSIA — 19, RODA SOLAR COM RAIOS SALIENTES, ESCOSSIA — 20, RODA SOLAR COM RAIOS SALIENTES, ARGENTINA — 21, RODA SOLAR COM RAIOS SALIENTES, INGLATERRA — 22, CRUZ SERTANEJA — 23, CRUZ SWASTIKADA, INDÚ — 24, CRUZ SWASTIKADA, MONUMENTOS ANTIGOS — 25, CRUZ SWASTIKADA, PEDRA DE ROBERNIER, FRANÇA — 26, CRUZ GAULEZA, VELHAS MOEDAS — 27, CRUZES BRETÃS, DE PLOVAN — 28, RODA SOLAR COM RAIOS INTERNOS, SERTÃO — 29, RODA SOLAR COM RAIOS INTERNOS, WEST-KILP., ESCOSSIA — 30, RODA SOLAR COM RAIOS INTERNOS, MONUMENTOS ANTIGOS — 31, RODA SOLAR COM RAIOS INTERNOS, MONUMENTOS GAULEZES

UNIVERSIDADES POLONAS

A Polonia foi nos seus aureos tempos um paiz de alta cultura intellectual, que mereceu o appellido de França do Norte. Ainda agora, mal acaba de sahir da oppressão secular de tres potencias tyrannicas, affirma a sua intelligencia num movimento assombroso de renovação artistica e litteraria.

O Professor Dr. João Kochanowski, Reitor da Universidade de Varsovia, em grande costume tradicional de ceremonia.

Quando viveu independente e gloriosa, vendo á sombra do seu progresso desenvolver-se a sua extraordinaria mentalidade, que mesmo sob o dominio austro-prusso-moscovita teve lampejos gloriosos, os dois principaes centros de sua cultura intensa fôram as esplendidas e tradicionaes universidades de Cracovia e de Varsovia, para as quaes accorriam estudantes de toda a Europa, especialmente dos paizes allemães ou slavos da visinhança, todos desejosos de beber os ensinamentos dos grandes mestres que nellas pontificavam.

Essas admiraveis escolas subsistiram através os seculos, máu grado os obstaculos creados pelo dominio estrangeiro sem entranhas, conservando no seu seio e acrisolando no cadinho das suas lições notaveis o patrimonio mental e artistico da grande nação dos Casimiros e de Soliesk.

Ainda nos dias que correm os seus reitores vestem a béca orlada de arminho, põem á cabeça o capello doutoral, enfiam no dedo minimo, enluvado em camurça, o annel com o sinete universitario, ornam o pescoço com o grande collar de ouro e esmalte e presidem as solennidades tendo na mão o baculo aureo encimado pela aguia nacional — tudo como na época das Dietas de antanho e dos dias de maior gloria da nação polona.

Offerecemos aos nossos leitores, evocando a historia gloriosa desses nobres estabelecimentos de ensino publico, abertos a todos os estrangeiros e acolhedores de todos os que desejem estudar, as photographias das duas grandes universidades polonas.

Ellas guardam intactas o prestigio dos tempos e as tradições dum passado coberto de glorias.

O Imperador

A' mesa do almoço, entre amigos, o illustre diplomata contava anecdotas da *carrière*. Entre ellas esta:

— Havia numa capital européa uma senhora de diplomata, que, quando no seu salão os assumptos de conversa escasseavam, só achava um meio de atiçar a palestra: levantava-se e perguntava em voz alta:

— Comment va l'Empereur?

Ora, como nessa época havia ainda o Imperador da China, o do Brasil, o da Allemanha, o da Austria, o da Russia, além do do Japão, unico que resta de todos esses, sempre estavam presentes pessoas de caracter diplomatico ou official desses paizes. E cada um delles falava da saúde e da vida do seu Imperador.

Fatalmente se reanimava a palestra moribunda.

Mulheres gregas Contam os jornaes actos heroicos de resistencia das mulheres de raça grega da Asia Menor, perseguidas pela bestialidade dos turcos. Ellas salvam assim, pela sua resistencia aos barbaros, o espirito nacional do seu povo. Aliás, ás mulheres gregas se deve a salvação do patrimonio hellenico na lingua, que ensinaram sempre á sua prole, na raça, que souberam manter pura, e nas tradições, que souberam zelar.

Durante seculos foi essa a sua acção admiravel. Quando os ottomanos se derramaram pelas terras helladicas, após a queda de Byzancio, as mulheres de Zalugo, no Epiro, dansavam a borda dum precipicio e nelle se atiravam para se não entregarem aos conquistadores! E ainda hoje essas mulheres, guardando no fundo do coração o odio aos osmanlis, cantam uma significativa canção popular que diz:

—«Prefiro que meu corpo apodreça na terra escura a vêr os meus olhos beijados por um turco!»

Este pedacinho de folk lore feminino grego é sobremodo expressivo!

Horrivel! Entre as atrocidades pavorosas que os turcos têm commettido na Asia Menor e das quaes a Liga das Nações já tomou pleno conhecimento, estão as deportações em massa das populações christãs gregas ou armenias, acompanhadas de crueldades monstruosas. Os barbaros conquistadores do Imperio Byzantino não têm trepidado deante de nenhuma violencia e chegam ao ponto de obrigar os filhos dos christãos, cruelmente separados de seus paes, a negar a sua origem, affirmando-se musulmanos.

Taes ameaças lhes faziam os turcos que esses pobres infantes não se atreviam a declarar mais que eram christãos, nem mesmo aos membros da commissão de inquerito da Liga das Nações que os interrogavam. Eis o que diz um documento internacional a respeito:

«On a appris à des enfants de tout âge á dire qu'ils étaient musulmans, et dans beaucoup de cas ils n'ont trahi leur origine que quand ils n'étaient plus sur leurs gardes.»

Os Progressos da Tripolitania

A regencia barbaresca de Tripoli, que foi outr'ora um terrivel ninho de piratas e um afamado mercado de escravos, que ultimamente era uma atrazada região tributaria da Turquia, tem melhorado extraordinariamente de sorte com a colonisação italiana. A grande Nação latina do Mediterraneo fez soprar sobre a velha Cyrenaica um sôpro rejuvenescedor de progresso, dotando-a com todas as conquistas da civilisação moderna e administrando-a da maneira mais liberal e mais efficiente possivel.

Desta sorte, a Tripolitania de hoje possue estradas de ferro e de rodagem, linhas directas de navegação para varios paizes da Europa, hygiene e conforto nas cidades, portos e obras saneadoras, machinismos agricolas e reservatorios de agua, tudo emfim quanto uma nação activa e intelligente como a Italia lhe pode com facilidade fornecer.

Cada governador que o governo italiano nomeia para a sua bella colonia lhe imprime novo impulso progressista e vivificador em todos os ramos administrativos. Entre esses proconsules africanos da moderna Roma não podemos deixar de lembrar o Commendador Mercatelli, que, depois de haver habilmente governado a Tripolitania, está de novo entre nós, neste Brasil que elle estima e que muito o quer, como Embaixador de sua Magestade o Rei de Italia.

O Embaixador Mercatelli deixou naquella curiosa e interessante terra africana uma duradoura lembrança do seu governo, que foi um dos mais beneficos que ella tem tido. Elle fez alli ingentes esforços em prol dos melhoramentos tanto das cidades como dos campos, construindo edificios modernos para séde das repartições officiaes, impulsionando os varios serviços publicos e desenvolvendo a industria, a pecuaria e a agricultura.

Nossas photographias mostram aspectos da Tripoli actual e do seu explendido progresso: uma rua asseiada e bem construida, e o bello e typico edificio dos Correios e Telegraphos, da autoria do engenheiro G. C. Montias, que foi construido ao tempo do actual Embaixador Mercatelli.

"Fon-Fon" 28 Janeiro 1922

Tantalos Naquella manhã, á esquina de uma das mais miseraveis ruas centraes da cidade, o dono da casa de cambio a que ella pertence expõe tulhas de moedas de ouro de todas as nações, enfiadas e pacotes de notas de dollars, francos, liras, florins, pesos, pesetas, escudos, libras, mesmo de corôas e marcos desvalorisados. E ha uma quantidade de gente pobre que alli vem olhar avidamente aquelle dinheiro todo!

Defronte, uma casa de pasto amostra numa vidraça chouriços e cos elletas, paios e entrecotes, legumes e queijos, deante dos quaes os olhos dos famintos desmesuradamente se abrem!

Toda a vez que passo nessa esquina, vejo esse supplicio de Tantalo e vou andando a pensar, como Lucien Descaves, que deviam ser prohibidos nos logares frequentados pelas pessoas pobres essas *etalages* de dinheiro e de viveres caros, que geram invejas, desejos incontidos, palavras de revolta desesperos e talvez mesmo crimes com a influencia irradiante da sua tantalização.

Fadiga na attenção E' do jo ven, intelligente e fu uroso medico Alci do Sodré, laureado pela Faculdade de Medicina, a curiosa, interessante e erudita these «Sobre um aspecto da fadiga na attenção — Subsidio ao estudo da hygiene no trabalho».

Esse livro, digno de acurada leitura, especialmente pelos intellectuaes, que são justamente aquelles que nos hygiene professam nos seus habitos de trabalho, é um estudo completo do *motor* humano em relação aos esforços que deve despender e ao trabalho que deve produzir. Elle nos mostra todo o *processus* da physiologia deante do trabalho individual e nos ensina os meios de impedir que o nosso organismo seja minado pela exhaustão por falta de methodo scientifico na acção que delle se exige.

E o maior elogio da these está talvez em affirmar que um leigo em coisas de medicina a póde lêr com encarto *sem a menor fadiga, na attenção* que ella desperta.

O Presidente Vitalicio... Todo o mundo sabe que nenhum chefe de Estado, mesmo monarchico, reune em suas mãos maior somma de poder do que os Presidentes dos Estados Unidos e do Brasil. São verdadeiros autocratas. Um soberano europeu a proposito dessa sua força governativa teve uma feita um estupendo dito.

Foi o Rei da Dinamarca. Sua Magestade, sendo apresentado ao Presidente Wilson, disse-lhe com o melhor dos seus sorrisos:

— Vossa Excellencia é um homem extraordinariamente feliz. E' Imperador do seu paiz durante quatro annos. Eu, pobre de mim! sou Presidente da Republica na Dinamarca por toda a vida...

Dizem que o Presidente Wilson encabulou...

Com effeito, as democracias americanas só têm de democratico o rotulo e muito mais democraticos do que ellas são as monarchias constitucionaes da velha Europa.

"Jornal do Commercio" 3-2-922

ACADEMIA BRASILEIRA

A ELEIÇÃO PARA O PREENCHIMENTO DA VAGA DE PEDRO LESSA — QUATRO ESCRUTINIOS SEM RESULTADO — A ABERTURA DE NOVA INSCRIPÇÃO

A' sessão de hontem da Academia Brasileira de Lettras compareceram os Srs. Carlos de Laet, Ataulpho de Paiva, Goulart de Andrade, Aloysio de Castro, Alberto Faria, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Alcides Maya, Augusto de Lima, Coelho Netto, Felix Pacheco, Filinto de Almeida, Graça Aranha, Humberto de Campos, João Ribeiro, Lauro Müller, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Osorio Duque Estrada, Rodrigo Octavio e Silva Ramos (22).

Iniciados os escrutinios para a eleição do substituto de Pedro Lessa, foram apresentados os votos remettidos pelos academicos ausentes Srs. Vicente de Carvalho, Domicio da Gama, Amadeu Amaral, Helio Lobo, Magalhães de Azeredo, Luiz Guimarães Filho, D. Silverio Gomes Pimenta, Xavier Marques, Alfredo Pujol, Dantas Barreto, Alberto de Oliveira, Antonio Austregesilo e Luiz Mudat (13).

Foi o seguinte o resultado:

1º escrutinio — Claudio de Souza, 15; Gustavo Barroso, 10; José Maria Bello, 3; Carlos Porto Carreiro, 2; Mario Barreto, 2; Heitor Lima, 1; Hermes Fontes, 1; Lima Campos, 1.

2º escrutinio — Gustavo Barroso, 14; Claudio de Souza, 11; Monteiro Lobato, 4; Mario Barreto, 3; Hermes Fontes, 2; José Maria Bello, 1.

3º escrutinio — Claudio de Souza, 13; Gustavo Barroso, 10; Hermes Fontes, 5; Mario Barreto, 3; José Maria Bello, 2; Monteiro Lobato, 1, e um voto em branco.

4º e ultimo escrutinio — Gustavo Barroso, 14; Claudio de Souza, 13; Monteiro Lobato, 2; José Maria Bello, 1; Mario Barreto, 1; Heitor Lima, 1; Hermes Fontes, 1, e um voto em branco.

Nenhum dos candidatos tendo obtido a necessaria maioria, foi adiada a eleição e aberta nova inscripção, pelo prazo de tres mezes.

Poderão concorrer os mesmos candidatos ou outros quaesquer.

Entre os outros livros de que desejava occupar-me, estão varios de "folk-lore". E' um genero na moda, e que positivamente está apaixonando o Brasil.

Estudando nossas "Lendas e Tradições", ainda hontem o Sr. Alberto Faria contou, num formoso artigo, a deliciosa historia dos "Tatús Brancos".

Como o primoroso autor das "Accendalhas", que é um mestre consummado em quaesquer pesquizas literarias, outros escriptores, tambem com talento, se têm aprofundado em estudos especiaes da literatura do povo.

Usando de um titulo simples e pittoresco: "Ao som da viola", publicou Gustavo Barroso um livro valioso, submettido aos methodos europeus mais modernos, dividindo a critica em tres aspectos: a empirica, a artistica e a scientifica.

Creio que é a primeira tentativa assim levada a cabo com caracter rigoroso e systematico, subdividida em cyclos, e perfeitamente delineada, com classificações as mais justas.

Graças ao talento do autor, a obra sahiu tão interessante, com um tão consideravel estudo das populações do Nordeste, que se chega a lamentar não houvesse recebido um titulo mais á altura do seu valor.

Ao trabalho do Sr. Leonardo Motta: "Cantadores", a esse fica bem o titulo. Elle percorreu os Estados do norte, apanhando em flagrante os "cantadôres" dos sertões, e lhes registrou os versos, reunidos agora num grosso volume, que deve encher de delicias a todos os nortistas exilados aqui na Capital, e saudosos da bonhomia rustica das festas de suas terras.

Foi Sylvio Romero quem primeiro se deu ao trabalho de colligir e estudar os contos, as fabulas, as composições poeticas e até as simples quadrinhas de inspiração popular.

Depois tivemos Alberto Faria e João Ribeiro. Agora a elles se junta o Sr. Gustavo Barroso. E todos esses escriptores chegam, por fim, á mesma conclusão: as producções populares são quasi as mesmas por toda parte, em todos os povos, e são antiquissimas, o que leva á supposição de uma origem commum, apezar da infinita diversidade de accessorios nas variantes de logar para logar.

Essa critica comparativa, sufficientemente prolongada, deve aproveitar aos ethnologos que sustentam o principio da unidade primitiva das raças. Realmente, os homens pertencem a uma só grande familia. E talvez seja por isso que elles brigam tanto...

Miguel Mello

"A Noticia" 3 Fevereiro 1922

Academia de Letras

A vaga do Sr. Pedro Lessa

Realisou-se hontem, á tarde, na Academia de Letras, a eleição para o preenchimento da vaga de Pedro Lessa, tendo comparecido os academicos Carlos de Laet, Ataulpho de Paiva, Goulart de Andrade, Aloysio de Castro, Alberto Faria, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Alcides Maya, Augusto de Lima, Coelho Netto, Felix Pacheco, Felinto de Almeida, Graça Aranha, Humberto de Campos, João Ribeiro, Lauro Muller, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Osorio Duque Estrada, Rodrigo Octavio, Silva Ramos e Mario de Alencar.

Iniciados os escrutinios, foram apresentados os votos remettidos pelos academicos ausentes, Srs. Vicente de Carvalho, Domicio da Gama, Amadeu Amaral, Helio Lobo, Magalhães Azeredo, Luiz Guimarães Filho, D. Silverio Pimenta, Xavier Marques, Alfredo Pujol, Dantas Barreto, Alberto de Oliveira, Antonio Austregesilo e Luiz Murat.

Foram feitos quatro escrutinios, tendo no primeiro o Sr. Claudio de Souza 15 votos; no segundo o Sr. Gustavo Barroso, 14; no terceiro, o Sr. Claudio de Souza, 13 votos e no quarto, Gustavo Barroso, 14 votos.

Ainda foram apurados votos para os candidatos Monteiro Lobato, Hermes Fontes, José Maria Bello, Mario Barreto, Heitor Lima e Lima Campos.

Não tendo nenhum dos candidatos obtido maioria, foi adiada a eleição e aberta nova inscripção pelo prazo de tres mezes.

"O Jornal" - 1 de Fevereiro de 1922

ASINUS EGREGIUS

No livro VII das suas "Metamorphoses", Apulen põe á bocca do seu principal personagem, transformado em burro por artes magicas, estas imprecações: "Ego, denique quem sœvissimus ejus impetus in bestiam, et extremæ sortis quadrupedem deduxerat..."

Quasi todos os eruditos commentadores do velho classico lybico-latino têm protestado contra a classificação do burro como o ultimo dos quadrupedes. Entretanto, ella exprime a opinião geral a respeito desse animal paciente e teimoso, com o qual se comparam todos aquelles que a Natureza privou de intelligencia. Tal privação não é, pelo menos parece, o maior presente que a um mortal os deuses podem fazer. Ella lhes traz uma grande felicidade nesta e na outra vida. Dos pobres de espirito é o reino da terra e será o reino dos céus...

O illustre senhor do Buffon lavrou calorosamente o panegyrico do burro e muitos daquelles que o têm lido ou pensam como elle acham que é até insulto fazer desse intelligente quadrupede o symbolo da estupidez. Quero crer que tenham razão.

Se a sua historia não é gloriosa e rutilante, como a do cavallo, tem pelo menos alguns traços de luz. Na sua obscuridade, o burro tambem tem recebido alguns raios da gloria que cerca os grandes typos da humanidade. Alexandre Magno repetia com prazer o proverbio de que só eram inexpugnaveis as cidades onde se não podia fazer penetrar um burro carregado de ouro.

Não consta que tivesse dito uma só vez — um cavallo. Uma feita, um oraculo lhe disse que, para se livrar de má sorte, mandasse matar a primeira creatura que avistasse. O conquistador olhou a estrada por onde ia (narra o facto Valerio Maximo no "De vafre dictis aut factis") e avistou um camponez tangendo um burro. Mandou supplicial-o. O homem perguntou por que o condemnavam assim á morte. Alexandre narrou-lhe o conselho oracular. O desgraçado então, respondeu: "O' rei, quem tu avistaste primeiro foi o meu burro, que caminhava á minha frente!" O filho de Philippe mandou matar o burro. Se este falasse, que diria da saida do seu dono?...

Outro burro que penetrou na historia foi o que serviu a Napoleão para a travessia dos Alpes. Mas os annalistas, mesmo o sr. Frederico Masson, que sabe tudo quanto diz respeito a Napoleão, esqueceram o seu nome...

O burro, apezar da guerra que geralmente lhe movem, tem conseguido entrar não só na historia, mas tambem na fabula, na mythologia, na literatura e na religião. Não é absolutamente despresivel a sua celebridade.

O velho Sileno andava sobre um asno e na mesma montaria os byzantinos passeiavam pelas aldeias a sua deusa popular Dindymena. Para Ammiano Marcellino, o maior prodigio occorrido no Imperio Romano foi o dum burro, na cidade de Pistoia, que subiu á tribuna do Forum e começou a zurrar ensurdecedoramente; "... asinus tribunali adescenso audiebatur destinatius rugiens", diz o historiador latino, e accrescenta: "et stupefactis amnibus!" Nós no Brasil estamos tão habituados a ouvir burros zurrarem nas tribunas forenses e principalmente nas parlamentares que não ficamos mais estupefactos. Em Roma ou em Pistoia, era a falta de costume que produziu esse assombro.

Segundo velhas lendas arabes o espirito infernal Schaik deu ao magico Aswad, vice-rei do Yemen, um burro milagroso.

A Biblia conta-nos da Burra prophetisa de Balaão e, segundo os livros dos Rabbinos, ella faz parte das dez creaturas que Deus julgou a proposito crear no sexto dia do Genesis. Teve tres encarnações: na primeira, serviu para no seu dorso Abrahão carregar a lenha do sacrificio de Isaac; na segunda, transportou a mulher de Moysés, Zippora, e seu filho através do deserto do Sinai, e, na terceira, foi o animal em que Christo entrou triumphalmente sob o esvoaçar das palmas verdes, em Jerusalem.

o asno o animal que serve a Lucio de Patras para a sua deliciosa fabula do burro, da qual Luciano de Samosata tirou o seu "Lucio ou o Burro", Apulen desenvolveu o romance aventuroso das "Metamorphoses", Machiavel fez o "Asino d'Oro" e Lesage arranjou um dos

melhores episodios do "Gil Blas". Na vida de Don Quixote, a philosophia silenciosa e ironica do burro de Sancho Pansa é maior do que as acções do cavalleiro-andante, o incessante falar do escudeiro e os soffrimentos do Rocinante...

A religião catholica dá ao burro grande logar entre os seus animaes hagiographicos. O burro de S. José está ao lado do presepio e figura na fuga para o Egypto. Santo Ignacio e São Celestino têm burros milagrentos. Dahi a crendice medieval de que o diabo não póde fazer mal algum a quem tiver um burrico junto de si.

Na Idade Media, o asno gosava da maior consideração possivel. Esculpiam a sua face nos porticos das cathedraes gothicas, como em Chartres. E faziam nas egrejas a grande festa annual do burro. Paul Lacroix conta-a no seu livro "Sciences et letres au Moyan Agê".

Escolhia-se um lindo burro e o povo o levava em procissão á egreja pelas ruas tapetadas. O clero vinha, cantando, recebel-o á porta. Entrava o bicho no templo e era collocado em frente ao altar, do lado do Evangelho. Celebrava-se, então, a Grande Missa. O "introibo" o "kyrie", o "gloria in excelsis" terminavam com um coro que imitava o zurrar do burro: "hin! han! hin! han!"

No livro dum anonymo "Curiosités theologiques", ed. Garnier está mesmo escripto que o padre, ao se voltar para os fieis, no fim do sacrificio, não dizia "Ite, missa est", porém gritava tres vezes: "hin! han!" E o povo, em logar de responder "Deo gratias", repetia outras tres vezes o mesmo zurro.

Na Bibliotheca de Sens existe um manuscripto de Pierre de Corbeil contendo a musica de cantochão e os versos do acompanhamento da missa da celebre festa do burro. E' um documento do decimo terceiro seculo. Nelle se acham estes versos sobre o asno glorificado pela religião:

"Orientis partibus
Adventarit asinus,
Pulcher et fortissimus
Sarcinis aptinimus.
Lentus erat pedibus
Nisi foret baculus
Et cum in cunibus
Pungeret aculeus.
Hic in collibus dichem
Jam nutritus sub Ruben
Transiit per Jordanem
Saliit in Bethleem.
Ecce magnis auribus,
Subjugalis filius,
Asinus egregius,
Asinorum Dominus.
Saltu vincit hinnulos
Dumas et cupreolos,
Super dromedarios
Velox Madianeos.
Aurum de Arabia
Thus et myrrham de Sab
Tullit in Ecclesia
Virtus asinaria.
Deum trabit vehicula
Multa cum sarcinula
Ilius mandibula
Dura terit pabula
Cum aristis hordeum
Comedit et carduum
Triticum a palea
Segregat in area.
Amen, dicas, asine,
Iam satur de gramine,
Amen, amen, itera,
Aspernare vetera."

Deixemos de parte qualquer commentario sobre esta longa ladainha louvaminheira da Virtude Asinaria (pois estamos no paiz em que mais se têm glorifado os burros) e chamemos a attenção do leitor para os ultimos versos em que se diz que, além da cevada, do trigo e da palha, o burro, sabe ou pode comer cardeiros: "hordeum, triticum, palea et carduum". Esta virtude ou especialidade asinina está documentada na observação sertaneja do Nordeste brasileiro.

Dizem os vaqueiros cearenses que, em tempo de secca, só escapam "duas nações de gente" padre-cercedote e jumento". Explicam que o "padre-cercedote" se salva da miseria, porque todos o ajudam a atravessar sem soffrimento o máo passo e porque, quasi sempre, elle é a pessoa de maiores cabedaes do local

---

assolado pelo flagello; o burro salva-se, porque não come sómente capim e ramas, como o boi ou o cavallo: é um "bicho damnado", que cava o chão e arranca as raizes succulentas do capim-gengiba morto, róe casca de arvores, devora folhas seccas, molambos, papeis velhos e sobretudo sabe, sem se ferir, comer os cardeiros da toda a especie — mandaçaru's, xiques-xiques, faxeiros, palmatorias ou corôas de frade.

A observação da ladainha medieval, que refloresce assim no nosso sertão, é a mesma que Saint Hilaire registra na sua "Voyage dans les prismas do Rio de Janeiro et de Minas Geraes" (edição de Gimbert et Dorez, Paris, 1830). Affirma o illustre viajante francez que os ju-

mentos das catingas do S. Francisco cavam o solo, nos tempos de penuria, pondo a descoberto raizes com que se alimentam. Dessa intelligencia em salvar-se da fome e sede um burro deu excellente prova que Humboldt narra na sua obra. O scientista allemão viu-o limpar de espinhos habilmente em "melocactus" e sugar avidamente o seu liquido refrescante. Deve desta sorte o burro a si proprio saber defender a sua vida no sertão resequido e infernal Por isto, o sertanejo o põe entre as "nações de gente" capazes de escapar á secca e a ladainha medieval o appellida: "Asinus egregius!"

Que as bençãos de Deus se derramem sobre todos os Asnos Egregios do Brasil!...

João do NORTE.

«Fm.Fm"-4-Fev.-1922

O BRASIL NA SUISSA

Sylvio Rangel de Castro tem-se tornado notavel entre os nossos jovens diplomatas pelo seu infatigavel labor, fazendo no estrangeiro, onde quer que os deveres do seu cargo o conduzam, uma bella propaganda do seu paiz. Ainda não ha muito tempo aqui nos referimos minuciosamente ás suas conferencias sobre a intellectualidade e a riqueza brasileiras na Republica Argentina. Vemos agora, pelos jornaes que chegam da Suissa, onde o illustre diplomata, secretario de Embaixada, serve na nossa delegação á Liga das Nações, que em Genebra elle continua a obra meritoria de Buenos-Aires.

Na Universidade de Genebra, como na nossa Bibliotheca Nacional, ha todos os annos uma serie de conferencias officiaes sobre viagens, litteratura, commercio, industria e sciencia, na qual tomam parte nomes da maior reputação da Confederação Helvetica. No programma desses cursos publicos gratuitos, organisado pelo Departamento da Instrucção Publica, foi incluida na segunda-feira 2 de Dezembro uma palestra de Sylvio Rangel, cujo summario publicado pela Universidade de Genebra é o seguinte: « O Brasil Moderno — Através do passado — A evolução politica—Da Independencia á Republica—O Imperador D. Pedro II e sua Obra — Nossas grandes riquezas naturaes — A agricultura e a industria — As lições da guerra — Novos horizontes economicos — O papel do Novo Mundo na Vida Universal. »

O conferencista iniciou o seu trabalho, aliás elogiado pela imprensa genebreza, especialmente pelo *La Suisse* e pelo *Le Courier de Genéve*, fazendo o elogio historico da heroica cidade calvinista e agradecendo ás autoridades helveticas a sua benevola acolhida. Fallou de modo geral da diplomacia economica e fez notar o papel dos suissos na vida economica brasileira. Lembrou com prazer a sentença arbitral do Conselho Federal helvetico na celebre questão do Amapá. Historiou a formação politica do seu paiz desde os seus primeiros passos como nação livre até á proclamação da Republica, em 1888. Passou em revista os factos principaes da nacionalidade, expôz as suas glorias e os seus esforços, mostrou o seu progresso e estudou as suas possibilidades de futuro.

Um dos mais importantes orgãos suissos assim se referio ao nosso infatigavel patricio:

« Le nombreux auditoire qui eut le plaisir d'apprendre à connaître le Brésil par la voix autorisée de son distingué représentant ne menagea pas ses applaudissements au conférencier clair et concis que fut Monsieur Rangel de Castro. »

Aranhas

Araignée du matin, chagrin; araignée du soir, espoir! Os francezes costumam dizer uma ou outra d'essas duas phrases, conforme avistam aranhas de manhã ou de tarde. Eu vejo-as sempre em qualquer d'essas duas divisões do dia, porque no terraço onde me sento para ler, deliciando-me com as caricias matutinas do sol ou vespertinas da brisa marinha, ellas andam para lá e para cá, nos seus fios tenues e crueis, entre os festões das trepadeiras floridas. Entretanto, avistando-as, minha alma não tem nenhum terror superstitioso, nem se emociona a pensar em presagios felizes. Sorrio lentamente e, instinctivamente, recordo os versos curiosos de Zamacoïs:

« Gigantesque rien du tout,
Vain sur de longues échasses,
Il paraît bati surtout
Pour dévorer... des espaces! »

NOTAS LITTERARIAS

O Elogio do Amigo é o titulo do novo e formoso livro que Nestor Victor acaba de publicar, titulo sonoro e attrahente que parece logo á primeira vista mostrar aberto e franco o grande coração do autor Escripto em linguagem admiravel, cuja maior belleza é a sua simplicidade, aqui, alli ataviado de erudição elegante, este volume nos fala da amizade com tal clareza, tanto rigor e tanta verdade que ao lêl-o se fica mais amigo do autor do que se era dantes.

Nestor Victor, além de artista, é um pensador amavel e dôce, cujos olhos passeiam sobre essa eterna illusão das cousas com paciente bondade. E dahi o seu prazer de elogiar a amizade, espelho no qual se mira a sua grande alma suave.

O Elogio do Amigo é um grande livro, sobretudo do ponto de vista moral. Nestes tempos de utilitarismo grosseiro elle conforta e, confortando, ajuda a carregar o duro fardo da vida. Com elle Nestor Victor mostra que nos dias interesseiros de hoje ainda ha almas desinteressadas e que a amizade é uma gloria.

Os Tres Mosqueteiros

Ao passar pela porta de um dos cinemas da Avenida, vejo o meu amigo Claudio França, comprando o seu bilhete de entrada. Tomei-lhe do braço e perguntei-lhe:

— Que vaes ver?

— *Os Tres Mosqueteiros* de Alexandre Dumas.

— *Os Tres Mosqueteiros*, é bôa!

E larguei uma gargalhada.

— Por que motivo ris? Por que é um velho romance de aventuras?

— Por tudo isso e mais por que é coisa que só póde agradar a meninos.

Sorrindo bondosamente, Claudio bateu-me nas costas, dizendo:

— E' justamente por isso que vou ver a fita. Vendo-a, durante uma hora recordo a minha mais agradavel leitura aos quatorze annos e tenho a deliciosa impressão de ter essa idade.

Poivre et Sel

E' este o titulo significativo do pequeno livro de versos em francez, que acaba de publicar o delicado poeta L. Prado. Lemol-o com prazer e, para mostrarmos a alma das suas paginas, melhor do que fazendo uma critica insulsa, bastanos transcrever aqui as tres expressivas, bem feitas, ageis e alegres quadras do seu vestibulo, sob a rubrica *Au lecteur*:

En poésie on peut tout dire,
Le rêve et la réalité;
Les pleurs aussi bien que le rire,
Sont sa matière en verité.

La poésie a des caprices,
Car le poète est souverain,
Mais sans subir les maléfices
Dont se noirci le cœur humain.

Il ne saurait jamais vous taire,
Aucun amour, aucun souci,
Mais bien avant que de vous plaire,
Il faudra bien lui plaire aussi

Renuncia

Disse-me um amigo que ama profundamente uma linda mulher loura, que a ama mais que a propria vida e que está certo mesmo de amal-a no outro mundo, como Paulo Malatesta á Francesca dos tercetos dantescos. Entretanto, confessou-me elle que ella o tortura, fugindo sempre que póde ao seu amor.

— Que fazer? perguntou-me.

Recitei-lhe em resposta estes quatorze versos dum soneto do joven poeta alagoano Povina Cavalcanti:

Não te sacies nunca da ventura
De qualquer gôzo que te fôr propicio,
Ama a renuncia, faze a prematura,
Custe-te, embora, um grande sacrificio!

Quanto mais cara a vida se afigura,
Maior indifferença no artificio...
Não te vás seduzir pela doçura
Do amor que degenera em tôrpe vicio.

Governa os teus instinctos com prudencia.
Não esgotes a taça de ambrosia
Com que os Deuses te afagam a existencia.

Aprende a renunciar, que está no fundo
Daquella taça — nova todo o dia —
O gozo mais completo deste mundo.

O meu amigo afastou-se pela rua silenciosa e êrma onde nos encontraramos. Ia devagar, olhando para o chão. E eu ouvia-o murmurar baixinho:

— Aprende a renunciar! Aprende a renunciar!...

O tsarewitch

Li o outro dia num jornal estrangeiro antigo, por acaso, uma nota acerca do filho malaventurado do infeliz Czar de todas as Russias que o rubro explodir do Bolschevismo ceifou deste mundo, cruelmente. Elle era Grande Commendador de varias ordens imperiaes, Principe de varios paizes, tres vezes Grande pela nobreza do Sangue e Ataman General dos Cossacos do Imperio. Entretanto, morreu miseravelmente, em circumstancias tragicas talvez peores que as do pobre Delphim de França, Luiz XVII, filho do desgraçado Luiz XVI, ás mãos do sapateiro Simão.

Murmurei com tristeza:

— «Sic transit gloria mundi».

De que lhe valeu ser Ataman General dos Cossacos para perecer dessa maneira!...

Um amigo que me ouvia disse sorridente:

— Sempre é melhor morrer, embora dolorosa e tragicamente. tendo sido tudo isso e mais Ataman General dos Cossacos, um titulo tão bonito, do que morrer tão dolorosa e tão tragicamente, como muitos meninos da pobreza têm morrido sem que ninguem saiba, sem terem sido nada no mundo e sem deixarem ao menos a noticia da sua morte para fazer piedade ao coração dos homens. Pense em quantos pequenos martyres obscuros e ignorados ha pela vida afóra...

Eu pensei e achei que o meu amigo tinha razão.

"Fon-Fon" - 4 - Fevereiro - 1922

"Ao som da viola"

Nosso companheiro Gustavo Barroso (João do Norte) recebeu a proposito do seu ultimo livro «Ao som da viola» a seguinte carta do grande escriptor inglez R. B Cunnighame Graham, autor das notaveis obras «A Brazilian Mystic», «Cartagena das Indias» e «Moghreb el Aksa»:

«Meu caro amigo e collega. Acabo de lêr «Ao som da viola». E' realmente uma joia! Li-o com enthusiasmo. Os versos, lendas, proverbios, «cabocladas», todos são interessantissimos. Cada qual é o melhor. Despertou-me grande attenção o *fandango* da Náo Catharineta. Certamente você tem razão no que diz da adaptação dessa xácara lusitana no sertão. Nunca pensei que o folk-lore brasileiro fôsse tão curioso e tão copioso. A sua bella patria tem riquissimo acervo de tradições, costumes, ditos, adagios e festas. E' uma riqueza verdadeiramente assombrosa. A linguagem dessas cousas está tão cheia de palavras africanas e indigenas que ao principio se fica um pouco «extasiado»: porém isso dá mais encanto ao pinturesco do estylo popular. As cantigas populares contidas no seu livro têm rasgos de espirito e graça, verdadeiramente deliciosos. Conhecia, por exemplo, São Pedro como pescador, espadachim, homem casado, apostolo e martyr, porém como violeiro ainda não... Sinto muito confessar-lhe que aqui na Inglaterra as cousas brasileiras são totalmente desconhecidas. Ignora-se tudo o que diz respeito á America do Sul e quanto ao Brasil em particular é uma vergonha! E' claro que os commerciantes da City sabem os preços do café, do assucar, do algodão e dos demais productos tropicaes. Os engenheiros estão de olhos abertos para explorar minas ou construir caminhos de ferro. Mas quanto á alma do povo, a essa alma tão intelligentemente interpretada por João do Norte, ninguem sabe nada! Mando-lhe meus agradecimentos pelo seu interessante e rico livro. Aqui fico ao seu dispôr. Seu amigo affectuosissimo *Roberto B. Cunnighame-Graham.*

O preço das mulheres

Li alhures que na ilha Formosa, pertencente ao Japão, onde as mulheres não são nada formosas, os homens que querem casar, comparm as suas mulheres. O preço d'uma jovem bem educada, era de uns dois mil *yens*, mais ou menos uns nove contos de réis. Póde-se em verdade affirmar que não é lá muito caro.

Contei esta lembrança de leitura distrahida de revistas, ha dias, a um amigo, que me disse com a maior perversidade:

— Vou aconselhar a Fulano (e disse com todas as lettras o nome d'um camarada nosso conhecido!) que vá para a ilha Formosa, e depressa! Elle dá por mez áquella *coisinha*, que bem sabes, nove contos e o automovel. Na ilha Formosa, sae-lhe mais barato. Os mesmos nove contos, sem o *phaeton*, dão-lhe direito a uma *unidade* mensal...

Um epitaphio

Ninguem mais do que eu admira o vulto nobre e generoso do Visconde de Taunay, soldado glorioso e escriptor cheio de glorias, cuja vida é uma das mais bellas que têm sido dadas aos homens para viver. Eu, como todo o Brasil, adoro o épico e singelo tracejador de *Malaris* de Laguna, e o dedicado e sincero paysagista de terras e almas de *Innocencia* E é justamente por isso que fico horripilado ao ler n'uma revista o epitaphio que compuzeram para esse grande brasileiro. Eil-o:

« Aqui jaz o autor de duas obras,
Que alcançaram renome valioso:
De Innocencia *a historia sertaneja*
E da Laguna *o feito glorioso. »*

Francamente, o grande Visconde não merecia a injuria dessa chatice! Antes, imitando os antigos, no seu tumulo digno tivessem escripto: « Taunay, vive! »

Sim, porque Taunay não morreu, elle vive e viverá sempre, emquanto viver no mundo um brasileiro!

Balnearios

Em todas as praias do mundo, frequentadas por gente elegante ou não, existem, além das commodas barracas dos banhistas, as pequenas poltronas de vime com toldos, onde a gente pode lêr livros ou jornaes, aspirando o iodo do mar e olhando o movimento dos que passeiam ou se banham. Aqui ha uma praia linda e admiravel, frequentada pela melhor sociedade, cujo gózo só é permittido a quem mora nas proximidades. Porque quem não reside alli não encontra em seis kilometros de praia um banco para sentar-se ou uma barraca para mudar a roupa e tomar um banho refrescante, daquellas sobre rodas tão communs nas praias da Europa e Norte America.

E' verdade que agora existem umas seis de panno listado, mas essas, pobre da freguezia! são tão pequeninas e tão sem conforto que é melhor não tentar o seu uso.

Que falta fazem áquella praia esplendida os estabelecimentos balnearios!

"Fon-Fon" 11 - Fevº - 1922

O papagaio pensador

Um cavalheiro que vinha do Norte para o Rio, num vapor do Lloyd Brasileiro, tinha grande desejo de possuir um papagaio fallador e, vendo um na próa, pertencente a um dos marinheiros de bordo, propôz compral-o. Entretanto, indagou primeiro se o bicho falava. O dono respondeu-lhe com estas duas palavras:

— E' um bicho!

O passageiro adquirio-o e levou-o, com licença do commandante, para o seu camarote. Até Cabo Frio, porém, o papagaio não deu uma palavra. Passava dias inteiros, meditabundo, olhando a ondulada toalha do mar.

Antes de desembarcar no Rio, o comprador chamou o seu antigo dono e disse-lhe, furioso por ter sido logrado:

— Você não disse que este papagaio era o bicho?

— Disse, sim senhor!

— E, então, como é que elle não fala?

O marinheiro sorrio maliciosamente e explicou:

— Elle é o bicho, com effeito, seu moço, mas é o bicho para pensar...

"O Jornal" - 9 - Fevereiro - 1922

151

O MODERNO PALEOLOGO

Quando a Grecia definitivamente se libertou da oppressão ottomana, escolheu para seu soberano constitucional o principe Otto de Wittelsboch. Esse membro da familia reinante da Baviera occupou o throno hellenico até 1862, sendo então destronado.

Não havia odios nem mesmo queixas dos hellenos contra o seu chefe de Estado e elle só não permaneceu no throno porque não tinha herdeiros a quem o legar. Em 1863, a coroa foi offerecida ao principe Jorge, filho do rei Christiano IX da Dinamarca e neto do duque Guilherme de Sleswig-Holstein. O rei Jorge foi um soberano eminente, que deu á Grecia uma éra de paz e de progresso, e que morreu assassinado de modo brutal em Salonica. Succedeu-lhe no throno o seu filho Constantino, actual rei dos hellenos, cujo nome prophetico annuncia a retomada de Constantinopla, a resurreição de Byzancio, fundada por um Constantino, perdida por outro Constantino e que a lenda assegura será restaurada por um terceiro Constantino.

O espirito nacional hellenico volta-se com a maior attenção para esse assumpto e o prestigio popular que aureola a figura varonil do actual rei dos hellenos mais alicerça no coração dos seus subditos a crença de que elle entrará triumphalmente na antiga capital dos Basileis. Agora, uma descoberta genealogica, curiosa, interessante e com visos de verdade, vem augmentar mais ainda o halo de predestinação historica que se forma em torno da corôa do soberano actual.

A publicação do estudo genealogico, que faz o rei Constantino descendente do ultimo Paleologo e que é a curiosa descoberta a que nos referimos, foi feita por um jornal de Smyrna, o "Kosmos". Procuraremos resumil-a e explical-a, de accordo com o que a proposito saiu no orgão da colonia grega de Nova York, o "Atlantis" de 16 de outubro do anno findo.

Em primeiro logar, o jornal referido pergunta se os gregos que offereceram a corôa de seu paiz ao filho do soberano dinamarquez conheciam ou não a linhagem secular que o prendia á ultima familia imperial byzantina. Deixa o caso em duvida: talvez sim, talvez não. Ou, quem sabe, a Divina Providencia não arranjára as coisas dessa maneira, visando os seus fins ignorados pelos mortaes? Entra, depois dessas indagações dubitativas, no assumpto.

O certo é que os historiadores gregos C. Papalegopulos (vo. E. pags. 36-62) e S. Lampros vol. ET. pgs. 906-908) escrevem que Constantino Paleologo, o Dragasés, que pereceu defendendo Byzancio dos turcos em 1453, após a morte de suas duas mulheres — Theodora Toccos e Catharina Cateluzos, não tendo filhos e desejando um herdeiro do seu throno, pensou em casar-se pela terceira vez. Para isso, enviou o seu amigo e cortezão, o alto dignitario Frantzis, o chronista que emocionadamente haveria de descrever a agonio do Imperio, contratar seu casamento com a filha do Despota ou Principe Jorge, soberano da Iberia, que é a Georgia de hoje.

A imponente ceremonia do matrimonio imperial deveria ser celebrada na primavera do anno de 1452; mas os graves acontecimentos que então se precipitaram com a marcha atacante dos ottomanos pela Thracia, aquem de Andrinopla, que

ja lhes pertencia, impediram a sua realização. Frantzis voltou a Constantinopla sem a bella noiva georgiana e assistiu os adeuses do Basileus aos seus officiaes na hora augusta e formidavel do ultimo combate.

Constantino Paleologo morreu, portanto, viuvo, sem deixar herdeiros legitimos. Entretanto, no velho mosteiro de Batopéde, no cimo maravilhoso do monte Athos, existe um manuscripto, do qual Bartholomeu Cutlumusianos, professor da Escola de Theologia de Chalke, publicou uma copia em 854, que diz ter o ultimo imperador deixado descendentes, embora não officialmente reconhecidos. Affirma esse vetusto documento que Constantino Paleologo tivera duma mulher com quem vivera, chamada Domna, dois filhos — Anna e João. A Egreja Orthodoxa, porém, está escripto no velho infolio, não os reconheceu.

Antes da quéda de Constantinopla, o Basileus, que enviára ao seu irmão Thomaz, Despota de Mistra, o seu filho João, ainda menino, fez este voltar á capital e entregou-o á sua mãe, Domna. Esta desejava que elle seguisse a carreira das armas e mandou-o estudar em Veneza a arte militar em companhia de Iréne Dukas. Sua mãe dera-lhe o nome de Christianos, afim de evitar que soubessem sua alta origem, puzera-lhe ao pescoço um pequeno relicario de ebano, contendo um segredo que lhe dizia respeito, e pedira-lhe que occultasse o seu nascimento e o seu appellido até a edade de trinta annos.

Quando a cidade do Bosphoro caiu ás mãos ferozes e indignas dos Omanlis, Christianos passou de Veneza para Vienna, onde estava a côrte de Frederico III, imperador da Allemanha, o qual reinou de 1440 a 1493.

Não se tendo dado bem na capital do Imperio Romano Germanico, ao qual os turcos faziam guerra de morte nas fronteiras da Transylvania, o filho natural do Paleologo rumou para a França, onde então se desenrolavam os ultimos capitulos da horrivel guerra dos Cem Annos. Já a Pucella de Orleans morrera queimada pelos inglezes em Ruão e se fizera o seu primeiro processo de rehabilitação. A guerra, porém, ainda continuava. O joven byzantino com o ardor dos seus vinte annos tomou parte em alguns combates e num delles de tão grande bravura deu provas que o rei Carlos VII o convidou para fazer parte do seu sequito.

Accrescentou mais o tal manuscripto que, nessa época, o soberano da Dinamarca visitou a côrte de França e sympathizou com o moço cavalleiro, cujas virtudes militares o rei e os fidalgos lhe gabaram.

Convidou-o a acompanhal-o ao seu paiz, promettendo-lhe optimo emprego em sua côrte. João Christianos foi e chegou ás mais altas posições de commando na guerra entre a Dinamarca e a Suecia.

O bello aspecto do guerreiro, seu garbo, sua valentia chamaram a attenção da princeza Maria, filha do soberano dinamarquez, e, como nos contos de fadas e nas narrações de aventuras, ella loucamente se apaixonou por elle. Encontravam-se á noite, nos jardins do palacio real, e uma feita ella descobriu o pequenino relicario de ebano que elle trazia ao pescoço. Curiosamente o abriu, apezar da resistencia do byzantino, encontrando dentro o annel imperial de Constantino Dragasés e um pergaminho bulado com o seu sinete, explicando a genealogia de João Christianos. Aquelle simples guerreiro era um Paleologo!

Cheia de alegria, a princeza correu aos aposentos da rainha sua mãe e contou-lhe tudo. A rainha narrou o caso ao rei, que, já desconfiado das relações entre a princeza e o joven official, ordenára o afastamento do mesmo para longe. Ambos meditaram sobre o caso, mandaram examinar o documento do relicario, afim de bem verificar sua authenticidade, e por fim consentiram no casamento. Por morte do rei, João Christianos subiu ao throno dinamarquez e por sua causa a maioria dos soberanos da sua linhagem conservaram o nome ancestral.

E' desta sorte que um jornal hellenico, baseado em velho manuscripto conservado no cartulario dum dos magnificos mosteiros do celebre monte Athos, affirma que o actual rei Constantino I, filho de Jorge I da Grecia e neto de Constantino IX da Dinamarca, descende directamente de Constantino Paleologo, o ultimo Basileus de Byzancio.

João do NORTE.

Casa em que todos mandam

Diz o povo que nas casas de pouco pão todos mandam e nenhum tem razão; diz tambem mais que nenhum tem razão nas casas em que muitos ou todos mandam, embora sem pouco pão. Parece que tudo isto é verdade, pois ha dias uma senhora de meu conhecimento queixou-se de ter muita gente mandona em casa, o que lhe não dava descanso e lhe trazia aborrecimentos por demais. A' guiza de consolação, eu lhe murmurei quasi ao ouvido um preceito da antiga sabedoria dos livros sagrados indús:

— "Muita gente numa casa briga; duas pessôas mesmo discutem: o melhor, portanto, é ser só como um bracelete de donzella....

"A Folha" 12 Janeiro 1922

153

LIVROS NOVOS

Ao som da viola

POR

Gustavo Barroso

O livro de Gustavo Barroso, intitulado "Ao som da viola", é um dos melhores livros de folk-lore, que tem apparecido entre nós. Póde-se mesmo dizer que depois das duas grandes collecções de Sylvio Romero é o mais systematico e bem ordenado.

O folk-lore não é mais hoje uma simples colecção de contos e versinhos, agrupados mais ou menos pitorescamente. E' sobretudo um capitulo de etnographia.

Nesta, duas correntes disputam os estudiosos.

Certos costumes, como certas manifestações de arte popular, mostram-se identicos em povos muito diversos, ás vezes separados por formidaveis extensões territoriaes. Ha, por exemplo, contribuições ao folk-lore que são as mesmas na Asia e na America. Os colonizadores desta já acharam aqui essas manifestações.

Ora, sempre que isso occorre, uns tem a tendencia a attribuir a identidade de manifestações a identidade de origem: acreditam que a idéa appareceu em um ponto e d'ahi irradiou. E' a escola chamada dos diffusionistas. Outros admittem que muitas identidades se explicam pela identidade psychologica da humanidade e si se encontra a mesma manifestação literaria, artistica, ou de costumes em mais de um ponto, é porque ella corresponde a sentimentos universaes e brotou expontaneamente em varios lugares.

Classificar as contribuições do folk-lore de accordo com uma ou outra dessas orientações é um trabalho interessantissimo.

Sylvio Romero dividiu os versos e contos que colligiu pela origem, que lhes attribuiu: a das tres raças que constituem a nossa nacionalidade.

Gustavo Barroso preferiu o systema dos cyclos — distribuição essencialmente psychologica, sem muita indagação de origens.

Mas toda esta erudição não impede o livro de ser encantador. A maioria dos leitores o que pede aos cantos e contos populares é que sejam pittorescos. Os que Gustavo Barroso reuniu estão bem nesse caso. Nelles está a alma dos nossos sertanejos, com todas as suas bellas e nobres qualidades.

"Ao som da viola" — é um livro delicioso.

"Fon Fon" - 11 Fevereiro 1922

A paysagem carioca

Da minha janella, ao acordar aos primeiros raios do sol, eu via a silhuêta graciosa da collina da Gloria, o dorso denteado do Castello e os tufos verdes entre velhas casas do morro de Santo Antonio. Da minha janella perdida numa alta ponta do monte de Santa Thereza estava eu acostumado a vêr tudo isso. E já se gravára a paysagem familiar no meu coração,

Agora, para qualquer um desses pontos que a minha vista se dirija espera-a a desolação. Na linha elegante da Gloria plantaram um arranha-céu monstruosamente quadrado; um formigueiro de operarios e carroças decepa as curvas femininas das lombadas do cerro de Santo Antonio; e as bagunças, a hydraulica, as minas, as enxadas, as pás, os cavadores mecanicos dilaceram os flancos rubros do morro do Castello.

Como a paysagem lhe era amavel e querida a minha alma se exaspera e todas as manhãs eu digo á face do céu impassivel, deante do mar sorridente, uma serie de imprecações, ferozes como sentimento, innocentes como acção, contra todos os que attentam contra a sagrada belleza da paysagem carioca...

Vandalos!

No nosso querido Rio de Janeiro o poder publico se desinteressa da esthetica urbana. Não temos uma energica commissão de monumentos publicos, que zele pela conservação das tradições e pela belleza dos edificios, composta de artistas, de architectos, de escriptores e de criticos de arte, como as grandes capitaes européas possúem. E dahi os nossos olhos espavoridos contemplarem quasi diariamente lavagens de estatuas ou raspagens de fachadas que o tempo suavemente patinára.

Agora mesmo os jornaes andam, cobertos de razão, a gritar contra a horrivel limpeza da linda fachada barrôca de lioz, que os annos haviam dourado, da egreja do Carmo, que desalmados e ignorantes mandam polir..

Vandalos!

154 "Fon-Fon" - 11-Fev°.-1922

BRASIL-MEXICO

II

Não resta a menor duvida que, na epoca actual, o nosso querido paiz marcha á frente do continente sul americano como a sua nação mais representativa, internacionalmente. Dão ao Brasil essa situação admiravel a sua cultura e a sua probidade nas relações com os outros paizes, a sua desassombrada atitude ao lado da bôa causa na Guerra Européa, quando elle protestou—unico e primeiro no mundo — contra a violação da neutralidade belga, as suas riquezas e o seu progresso, a sua população e o seu territorio, os maiores do continente meridional, a sua posição geographica sobre o Atlantico, ponto obrigatorio de pousada para os que procurem outras terras e outros mares mais ao sul. Dão lhe direito a essa posição digna de inveja o seu longo passado de honestidade e de paz, o seu credito illimitado, a sua politica americana de fraternidade sincera, sem máus desejos, sem designios occultos contra ninguem. E não se pode mais hoje negar que, por esses e muitos outros fortes motivos, de facto nos pertence na America a hegemonia moral.

Dia a dia os povos amigos nos dão uma prova sincera do seu affecto e da sua alta donsideração politica, mostrando que comprehendem qual o papel que estamos, quer queiram ou não queiram os homens, pela propria força das circumstancias, destinados a representar. As mais poderosas potencias do globo — Estados Unidos, Inglaterra, França, Italia — mandam nos Embaixadores. O mesmo fazem os pequeninos paizes que pela gloria da sua vida passada ou pela nobreza dos seus actos historicos podem ser enfileirados ao lado das grandes nações. como Portugal e a Belgica. E por fim as proprias nacionalidades hispano-americanas comprehendem que entre ellas, seu irmão, embora falando outra lingua, *que é quasi a mesma*, o Brasil é aquelle a quem o destino cégo deu os maiores favores, aquelle cujo passado, cujos presente, cuja direcção politica, cujo prestigio e cujo desejos de paz e fraternidade põem necessariamente á frente do continente inteiro, como a personalidade internacional representativa das suas aspirações e do seu valor, como o seu guia leal e o seu sincero defensor.

Foi baseado nesta politica que o actual governo mexicano resolveu dar ao Brasil uma alta prova de seu apreço politico e apertar mais os laços de amizade que unem o paiz de Hidalgo ao de José Bonifacio. Assim, os Estados Unidos do Mexico elevaram o seu representante diplomatico nos Estado Unidos do Brasil á categoria de Embaixador. O nosso paiz saberá retribuir o grande gesto de gentileza do nobre povo irmão e todelle recebeu com o maior jubilo essa alta demonstrçã de estima nacional, especialmente porque foi provido n novo cargo de Embaixador do Mexico no Rio de Janeir

S. Exa. o Sr. Dr. Alvaro Torre Diaz, Primeiro Embaixador do Mexico no Brasil.

S. Ex. o sr. dr. Alvaro Torre Diaz, amigo sincero do nosso paiz, intelligencia luminosa, servida por fina educação e immensa gentileza, personalidade que toda a sociedade brasileira profundamente estima e vivamente admira.

J. N.

"Selecta" 11 - Fevereiro - 1922

155

A JUSTIÇA DOS INCAS

Um grande movimento nacionalista, nobre e fecundo, agita as ramarias fortes da litteratura peruana. Os olhos dos seus joveus escriptores voltam-se para o grande e aureo passado da raça. E elles vão buscar inspiração nos fontes admiraveis da civilisação incaica desapparecida. Ainda ha pouco tempo aqui publicamos uma forte e emocionante pagina em verso de Enrique Bustamante e Ballivian, nessa mesma ordem de idéas, e agora temos o prazer de offerecer aos leitores a traducção do episodio final da magnifica novella de Augusto Aguirre Morales «La Justicia de Huaina Capac». E' uma sonora e brilhante ressurreição de edades mortas á maneira luminosa de Flaubert.

Sobre o alto cerro a cujos pés dorme a cidade, a fortaleza de Sacsahuaman levanta a soberba dos seus muros pardos, firme sustentaculo do Imperio dos Andes. Vinte metros mais abaixo, o antigo paço de Manco Capac, se estende diante d'uma pequena praça, que domina Cuzco. A muralha exterior do palacio, rude e forte, corre sobre um aterro alto e n'ella, em trechos equidistantes, abrem-se nichos estreitos, onde vigiam immoveis sentinellas. Cada soldado é, assim, com a sua colorida indumentaria, dentro da atalaia rectangular, uma viva pincelada sobre a escura face dos granitos.

Do alto d'aquella praça póde-se observar bem a paz augusta da cidade. Sob a irradiação solar, templos e palacios de severa uniformidade cinzenta dormem o seu magestoso somno de pedra.

Sacerdotes e nobres passam tranquillamente pelas ruas estreitas. Nenhum vulto n'aquella arena, em cujo centro o altar sagrado está occulto por um fino tapiz doirado que suavemente resplandece á caricia ardente do sol. Sobre as fachadas pesadas dos paços ondulam graciosas as serpentes ornamentaes ou se distinguem as cabeças hieraticas dos pumas.

Alli, na praça sempre deserta, alinham se cravados no sólo as quatro lages chatas dos tormentos. Alli, sómente entre nobres de sangue, ia expiar tragicamente o seu crime, para desagravar a honra do Pae Sol, com o tributo da sua vida, o trahidor e roubador da honra imperial.

Ao meio do dia, os soldados de Cuzco, que desciam da fortaleza, emmolduravam a praça com as suas fileiras. Brilhavam ouros e plumas ao sol e as lanças de ponta radiosa formavam um quadrado de raios, firmes nas destras fortes.

N'aquelle instante viu-se Uillac Uma subir da cidade, seguido de pequena comitiva sacerdotal. Seu throno ondulava aos hombros dos servos, devolvendo tenazmente ao sol seus raios brilhantes com a sua aurea refulgencia incrustada de pedrarias. As andas vieram em gracioso rythmo, assim, até á praça.

Sobre a escadaria do palacio descansou a sédia imperial em fôfos tapetes transbordantes. Uma brisa suave agitava os tecidos vaporosos e as plumas leves que ensombravam o throno. Logo, appareceram á porta da mansão real, quatro homens da guarda, que avançaram com rigidez mechanica até ficar atraz da poltrona do rei. Sahiram após elles os franzinos rapazes de Huailas, alimpando o caminho.

A comitiva brilhante dos Incas alinhou-se no terreiro, aos lados do throno. O ultimo d'elles conduzia o estandarte do Filho do Sol.

N'aquelle momento, rasgaram o silencio as trombêtas triumphaes. Tambôres, maracás e flautas entoaram a marcha solemne dos Imperadores. E na ampla porta surgiu a figura de Huaina Capac, contrastando

Augusto Aguirre Morales.

a sua tragica lividez de bronze com a sua brilhante tunica, tão fragil e suave como a flôr do *texado*. Com passo magestoso, empunhando o sceptro de ouro, avançou galhardamente e sentou se na cadeira de granito, faulhante de ouros.

Uillac Uma veio até o throno. Fez grande reverencia ao estrado em que Huaina Capac e seu acompanhamento pousavam. Uma harmonia de fazendas claras brotou, então, na porta do paço. Atraz do Grande Capitão Manco, que se collocou á direita do Inca, sahiram as *nustas*, rodeando a divina Kenti. trahidora de seu sangue e das leis do Imperio, a do pé de flôr, mais suave que o suave tecido de *cuychicuychi-illa*, de olhos negros mais luminosos que as esmeraldas do seu collo, mais bella que o seu nome.

Todos os olhos se voltaram para a grande criminosa. As princezas detiveram se junto á multidão solarenga. Kenti parecia não ver o que em redor d'ella se passava. Possuida pelo obscuro mysterio da morte, olhava para além das cousas, para mais longe do que os paços do seu pae, para o lugar onde eternamente ficaria unida ao seu Huaronka.

. . . . . .

Um calefrio percorre a multidão. Todos os olhares se voltam para um dos angulos da praça. Sómente o Imperador fica impassivel. Huaronka o terrivel, o possuido por Supay, acaba de apparecer e se adianta pelo caminho dos soldados que vêm da fortaleza. Marcha erecto entre os mais ageis *guaraqueros*, que o prenderam na vespera.

Sua attitude é tão decidida como no dia em que o Inca Huaina Capac lhe arrebatou o seu senhorio, derrotando as suas hostes e vencendo a sua *macuna*. Gesto firme, corpo aprumado, o mesmo andar magestoso do tempo em que, como chefe, era senhor de longinqua e perdida terra.

Aos olhos dos proprios Incas. em cujos regozijos e aventuras amorosas mais de uma vez se misturára. appareceu como um novo e extranho individuo, o audaz e musculoso guerreiro que tão terrivel façanha acabava de realizar. Os homens o olharam com máo parecer e as *nustas* o acharam bello como um filho do sol.

Huaronka avançou até o centro da praça, no meio da sua guarda. Sem armas, sem plumas, a cabeça soberbamente exposta ao sol. as negras melenas brilhando sob os raios ardentes; despojado dos braceletes, sómente tinha escura e rôta tunica de vicunha, que lhe cobria o corpo vigoroso.

Os sacerdotes apresentaram ao Pontifice o *guanaco* do desaggravo. O Summo Sacerdote levantou o fragil animalzinho e voltou-lhe a cabeça para o sol. Os timidos olhos do bicho cerraram se cégos pela luz: era o signal de que *Apunchao* acceitava o sacrificio e achava bom o tormento. Os *tarpuntaes* rodearam o Grande Sacerdote. Entre as suas mãos o pequeno animal. morto por asphyxia, deixou pender a cabeça. Dentro em pouco o fumo do sacrificio elevava se, da preciosa ara de Nazca, deante da qual, hieraticamente, rezavam os ministros.

Uillac Uma voltou com solemnidade ao seu throno. Os sacerdotes alinharam se aos lados do docel. Do altar continuava a ascender para o céo uma espiral de fumo.

Cessaram as musicas. Reinou um tragico silencio. Huaina Capac ergueu a mão e Huaronka, rodeado pela sua guarda, marchou para a pedra do supplicio, mais proxima do andôr real.

Pela primeira vez, desde que subira á praça, pareceu que Kenti estremecia. Pelos seus olhos passou uma sombra de angustia e alçou os braços clamorosos, que logo deixou cahir, vencida pelo irremediavel. Seu orgulho ardente de Filha do Sol emmudeceu-lhe os labios e petrificou-lhe a attitude.

Antes que os soldados o estendessem no chão, Huaronka olhou bem para o Norte, na direcção da terra perdida que nunca mais tornaria a ver. E, sem permittir que lhe tocassem os verdugos, estirou se no sólo, de bocca para baixo, introduzindo o pescoço até á elegante cabeça no circulo que ao rez da terra se abria de lado a lado na chata e alta lage quadrangular. Essa abertura sobre que repousava abria-se em uma cavidade vertical, dividida em cruz, de cujos traços ao circulo havia apenas vinte centimetros.

O collo moreno do orgulhoso guerreiro descansava no duro granito e a sua cabeça, com a face, quasi raspando a terra, sahia pelo lado opposto. Despojaram-n'o das algemas; logo lhe seguraram as pernas e os joelhos quatro homens vigorosos, que começaram a curvar-lhe o rijo corpo para traz, levando os pés até á mesma pedra que lhe prendia a cabeça. A multidão olhava, anhelante. Os negros olhos enlouquecidos de Kenti se fecharam.

O corpo do justiçado, cedendo á pressão, ia dobrando-se em arco. Só se ouvia o rumor produzido pelas sandalias dos carrascos. Todos os peitos respiravam ao mesmo tempo, anciosamente. Os musculos do homem atormentado deram de si todo o possivel sem que os pés chegassem a tocar a pedra.

Então, os soldados puzeram os hombros sob os joelhos do martyr e empurraram com força. Um violento golpe de ar fugiu das narinas de Huaronka, levantando a poeira do sólo, junto de sua face. Os soldados renovaram o esforço. Os braços musculosos do sentenciado abraçaram se com desespero á pedra em que os pés já tocavam. Da parte opposta, dois fortes guerreiros introduziram as mãos pelos braços da cruz e, colhendo os pés do homem curvado em arco, puxaram com violencia, emquanto os outros empurravam do outro lado.

Huaronka deteve em meio um gemido em que parecia fugir a sua alma. Kenti ergueu-se estremecendo. Os guerreiros suavam, tentando introduzir os pés na cruz, imprimindo a violencia d'uma ellipse ao corpo que resistia convulso. Huaronka soltou um grito rouco: um pé acabava de entrar na abertura; depois, o outro pé entrou... Kenti, louca de dôr, passou em atropello por entre as *nustas* e os Incas, atirando-se aos pés de Huaina Capac:

— Perdão! Perdão, *Sapan* Inca! Pae! Pae, perdão!...

O Imperador, o queixo apoiado na mão esquerda, nem a olhou siquer. Fez um gesto, e cem mãos cahindo aos hombros de Kenti, arrastaram-n'a para o meio das princezas. A fragil creatura começou a soluçar.

Entretanto, o torturado corpo de Huaronka palpitava dolorosamente. Os soldados começaram a empurrar os pés para baixo, para a cabeça. Dois d'elles deitaram-se violentamente aos joelhos do suppliciado. Um grito mais rouco que o rugido d'um puma sahiu do destroçado peito. Os soldados renovaram o vigoroso empuxão; os pés começaram a descer sob a pressão energica: ouviu se um horrendo estalar de ossos desarticulados e de nervos partidos. Da pedra sahiu um aulido que aos poucos foi diminuindo até parecer um vagido de creança enferma. Os pés resvalaram definitivamente para a cabeça, e o corpo, que a morte começava a beijar, estremecia dobrado em dois. Poucos instantes viveu ainda aquella carne tragica e dolorosa. Depois, os soldados a arrancaram d'alli e a atiraram na praça como um grande frangalho ensanguentado.

Então, occorreu espantosa e nunca vista scena. Kenti, enfurecida de dôr, lançou se ao throno, segurou a fimbria das vestes reaes e bradou com a sua voz rouca e forte como um som de clarim:

— *Supay*, demonio, *Supay*, mão espirito, não és meu pae nem meu rei, *supay... supay!...*

Um arrepio de horror sacrilego agitou a multidão. Huaina Capac ergueu se violento, rubro de emoção.

— *Supay, Supay*, não és meu pae!

A voz do Imperador vibrou como uma trombêta:

— Mata-a, Manco, mata-a!

O capitão levantou a sua grande *macana* de pedra, cujas pontas de ouro brilharam ao sol e atirou-a, violentamente, como um raio, á cabeça de Kenti. O craneo partiu se em mil pedaços; pelles e ossos voaram em revolta confusão, manchando as roupagens imperiaes; e o corpo da *nusta*, coberto de sangue, tombou do andôr até á praça, rodando para perto da pedra fatal, com os braços estendidos para os restos informes do amante...

A multidão começou a dissolver se. Baixou para Cuzco o throno brilhante e gracioso de Villac Uma. Huaina Capac despediu os Incas. Desappareceram as princezas. Os esquadrões desfilaram. E o Imperador, seguido de Manco, foi encerrar-se na fortaleza. Os dois cadaveres ficaram abandonados na praça. O sol brilhava.

Augusto Aguirre Morales

Ensaios philosophicos

Castro e Silva possúe entre nós um raro senso philosophico. Emquanto os escriptores de sua idade se perdem em coisas futeis ou passageiras, elle se embrenhou na emmaranhada floresta dos credos philosophicos, procurando nas cogitações dos mestres a finalidade universal.

Assim, Castro e Silva se tem sempre mostrado um notavel ensaista e os seus trabalhos aprasentam um valioso cunho de cultura e de valor intrinseco. Agora, neste novo volume, elle nos fala da Morte e do Idealismo, em relação á Sciencia Contemporanea, de Schopenhauer e da Objectividade do Mundo, do Espaço e da Forma e do Pensamento, da Mulher e do Amor, da Philosophia e da Metaphysica. Termina o livro um bello capitulo de Estudos Americanos.

Releva notar que se encontram nessas paginas interessantes e profundas de Castro e Silva qualidades litterarias que as amenizam e tornam agradaveis á leitura, mesmo daquelles cujo espirito não tem pendores philosophicos, o que é raro em obras dessa qualidade. Este é mais um elogio sincera a juntar aos que o livro em verdade merece.

Rito Pagão

Este titulo sonoro é o do lindo livro de versos da illustre poetisa Rosalina Coelho Lisbôa, que os immortaes da Academia corôaram de myrto e de loureiro. E atravéz as suas paginas, em que o ouro do nosso sol e o incenso do oriente tecem uma trama subtil de imagens, vê-se a alma bizarra e curiosa da poetisa «sotto il velame degli versi strani.»

A alma poetica de Rosalina Coelho Lisbôa é, nas suas scintillações, no seu amor das cousas raras, como a de Omar Khayyan, o vate do «Rubaiyat», um caravanserail por onde passam as pompas portentosas dos sultões, como a de Albert Samain «une infante en robe de parade.»

Mas, ao mesmo tempo que no seu verso terso a poetisa entôa o pecus dos guerreiros e das civilisações antigas, consagra as affeições do lar, cultua a terra mãe e celebra os grandes vultos da sua raça.

"Illustração Brasileira" - Numero de Natal - Dez.º 1921

A alma das cathedraes

por Gustavo Barroso

A predicção de Heine quasi se realiza por completo. O martello de Thor estragou varias cathedraes gothicas, destruiu outras. Soissons e Beauvais pereceram. Reims ficou semi-destruida. Amiens e Chalons não escaparam intactas. Não só as cathedraes soffreram; outros edificios gothicos foram anniquilados. Restam somente escombros das "halles" de Ypres e de muitos castellos da Belgica e da França. A guerra não respeitou essa arte que não é patrimonio francez nem flamengo, nem tudesco, nem britannico, mas sim patrimonio da humanidade, pelo esforço, pela intelligencia, pela idade, pelo valor que representa.

Percorri na França, em 1919, os caminhos da gloria, as vias sacras do heroismo, visitando as cidades varridas pela metralha —dezenas de Pompéas, de Herculanums, de Stabias, de Palmyras, que enchiam a suave paizagem européa com a desolação de suas ruinas. E vi uma a uma as grandes egrejas ogivaes feridas, moribundas ou mortas.

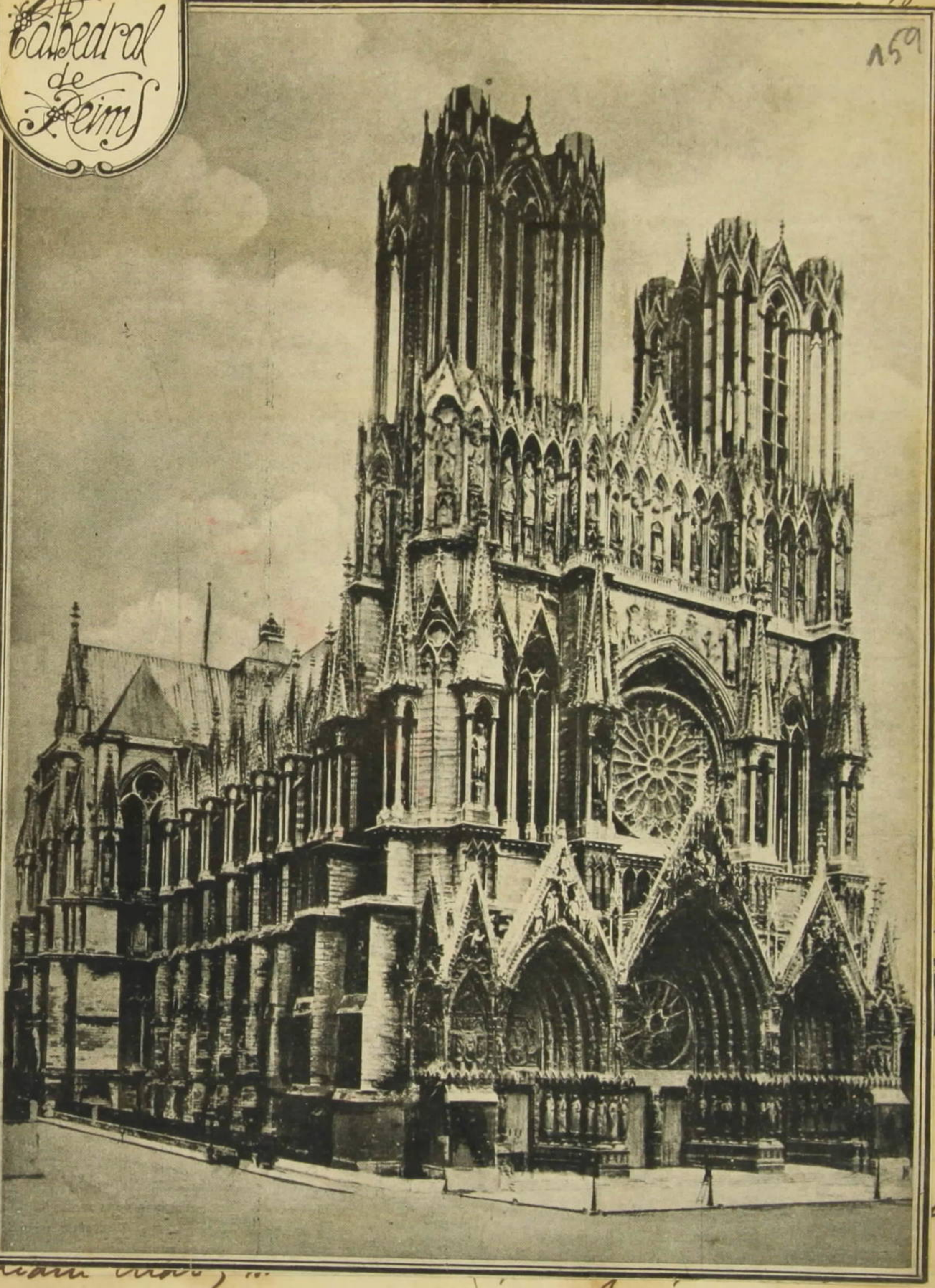
A profunda significação da architectura religiosa, monarchica e feudal, communal e popular, que encheu os primeiros seculos da Idade-Media, de ha muito chamára a attenção do meu espirito. A visão das cathedraes alcançadas pelo martello do deus germanico da destruição implacavel, nas antigas linhas de combate, deu-me o desejo incontido de estudar cada uma das mais bellas egrejas mediévas da França. Fiz uma longa, pausada, recolhida peregrinação. Visitei Notre-Dame desde as torres ao thesouro subterraneo, desde a galeria da fachada com as estatuas de vinte e oito reis da Judéa á garupa da ábside rodeada de arcobotantes, murmurando phrases de Victor Hugo naquelle assombroso capitulo «Ceci tuera cela», que me tilintavam na memoria. Visitei Chartres de olhos fitos na sua nobre figura de São Jorge, levando na mão «La Cathedral» de Huysmans. Visitei Amiens com a alma impregnada das paginas de Ruskin, verificando que Viollet le Duc tinha razão em denominal-a «egreja ogival por excellencia, sem influencia romana e sem influencia arabe», contemplando a sua vida de São Firmino em quadros de pedra e passmando deante da assombrosa obra de talha das suas cento e vinte sédias do côro, lavradas de busios, cardos, gryphos e bestiães. Visitei Reims, a Maravilhosa, commovidamente, evocando, guiado pelos estudos de Brehier, o seu glorioso passado e as sombras dos apostolos da sua grande rosacea. Visitei Sens para olhar os Sciapodos de Plinio em baixo-relevo, antepassados dos nossos Sacys Pererês; Malezais arruinada ha seculos; Coutances, gothico-normanda; Narbona, fortificada contra os arabes e contra os albigenses; Bourges, a cathedral dos espinhe ros, com os signos do Zodiaco na grande rosa central, circulando a Virgem Maria; Beauvais, desmantelada, cujo côro é o «Parthenon da architectura gothica». E visitei Rouen, parando horas defronte do Julgamento Final, no portico de São Maclou, subindo á torre de Manteiga para ver o sino do cardeal Jorge de Amboise.

Deante desses aspectos veneraveis, o meu espirito invocou da penumbra dos centenarios toda a grandeza dessa architectura que foi o unico e esplendido fructo artistico duma época semi-barbara, nascido do ideal religioso, amadurecido nas almas que careciam de uma sahida para a prodigiosa expansão do seu genio original, algemado pelo feudalismo, pelos preconceitos e pelos dogmas, monumento eterno alevantado pela fé com todo o seu rendilhamento de pedra de obragem e com todo o seu luxo de cantaria martyrisada a cinzel.

Percorri com os olhos do corpo e com os da alma, uma por uma, as linhas das velhas basilicas, examinei-lhes os mais intimos pormenores, estudei-lhes a delicadeza dos coruchéos, a pureza das ogivas, o aranhol das rosaceas, a altura dos botaréus, a perfeição das silharias, e quasi lhes beijei o mugre dos arcos, pátina doirada do passar de seis, de sete, de oito e de nove seculos!

Quanta paixão, quanta emoção e quanto esforço ergueram essas canções de gesta escriptas em pedra, tão populares na vida medieval quanto os versos dos troveiros, dos trovistas e dos trovadores! Toda essa architectura é uma exaltação de sentimentos, pela qual os artistas medievos legaram aos pósteros não sómente o seu espirito e o seu coração, mas o espirito e o coração do seu tempo. Toda essa architectura nada mais é do que o dom precioso da acção de uma sociedade inteira, para a obtenção da mais alta expressão de belleza, afim de mostrar a Deus o sacrificio em pról de sua gloria, ostentando ao mesmo tempo a grandeza honesta e livre da virtuosidade technica, do trabalho

Catedral de Reims

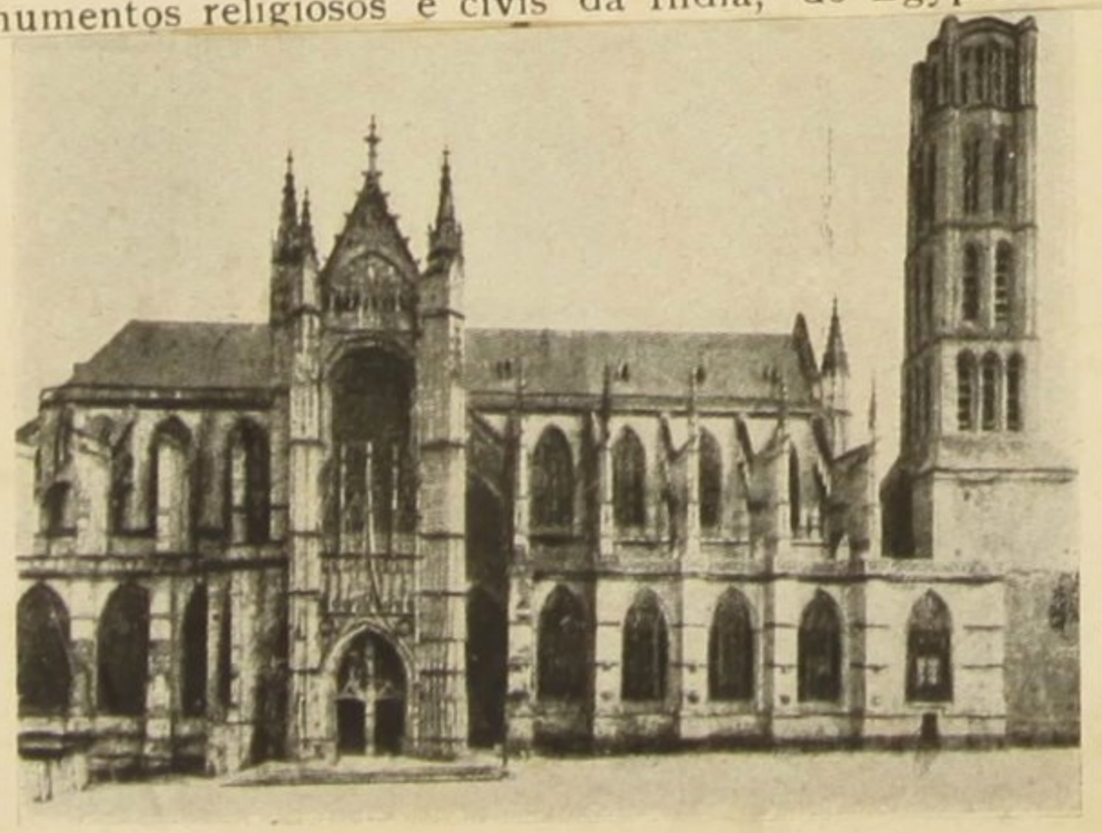


manual sem machinismos. Vendo as cathedraes, eu sentia deante de mim, deante da minha vista e deante do meu coração, como que o proprio passado petrificado! A minha alma se enchia das mais mysteriosas suggestões. E' tão mutavel, tão diversa, tão variada, tão cheia de encantos e de imprevistos, de liberdade e de audacia, dentro da sua constante, immensa, admiravel harmonia, a arte que as produziu, que me parecia uma vida especial animava aquellas florações de pedra cujos autores já os seculos reduziram a pó. Expressão dos sentimentos mais profundos que uma geração humana quiz perpetuar e—porque toda e qualquer architectura nobre e verdadeira só póde ser o expoente da vida e do caracter de um povo—encarnação palpitante e florida da sociedade medieval na arte, na politica, na religião, nos vicios e nas virtudes, a sua ascenção gigantesca, immovel e apaixonada me dizia e me provava o quanto a fé tinha sido poderosa e quaes os milagres que o seu sopro inflammado e vibrante podia realisar, o quanto esse estylo sumptuoso, perfeito e elevado exprimia o christianismo.

Arte gothica — alma duma civilisação! Porque num tempo em que não havia tribuna, nem imprensa, nem pintura, nem theatro, nenhum dos meios que a antiguidade conhecera e nenhum dos que nós conhecemos de exprimir o pensamento livremente, este só se podia manifestar pela architectura, que comprehendia todas as artes e todas as sciencias contemporaneas. Cada edificio gothico é, pois, uma synthese do pensamento nacional, do pensamento religioso, do pensamento politico e do pensamento artistico da sua epoca. Quando ainda se não sabia comprehender a sua verdadeira significação, quando ainda Hugo não escrevera aquellas paginas em que o seu genio advinhou a alma do gothico, quando ainda se não dava credito aos velhos livros de symbolica christã, quando ainda Viollet le Duc não apparecera, esses edificios eram incomprehendidos, desprezados e até mesmo condemnados. Ruskin affirmou que só uma grande religião produz uma grande architectura. Assim, a religião de Minerva e do Saber deu-nos o Parthenon; a de Christo, da Virgem, da Esperança e da Fé, as Cathedraes; e a do Bello, da Voluptuosidade e do Prazer, o Vaticano e Versalhes. Pois bem, no tempo em que a voluptuosidade dominava e Versalhes refulgia, amava-se ainda a religião que creara o Parthenon, porém esquecera-se a que elevara os munumentos que Bouxin chamara «Mysterios de Pedra». Esqueceram-na completamente. Tanto assim que Montesquieu no seu «Essai sur le gôut» affirma: «Un bâtiment d'ordre gothique est une espece d'enigme pour l'oeil qui le voit, et l'âme reste embarrassée comme quand on lui présente un poéme obscur».

Esses poemas obscuros, esses enigmas foram decifrados pelo sentimento de muitos que os estudaram e sobretudo os amaram. Primeiro que outros, Chateubriand sentiu a grandeza do gothico e expoz no «Genie du Christianisme» a sua origem romantica: a cathedral sahira da floresta, a ogiva nascera das arvores entrelaçadas. Depois, Hugo escreveu que ella viera do Oriente com o retorno dos romeiros e dos cruzados. Quicherat negou que o gothico se caracterisasse pela ogiva, mostrando que ella era contemporanea do arco nas cathedraes de Avinhão, de Frejus, de Arles, do Mans, de Vezelay e de São Ladro de Autun. As opiniões dividiram-se sobre as origens difficeis. E começou-se com Viollet le Duc a estudar profundamente a questão. Taes estudos trouxeram a decifração desses enigmas de que impensadamente falou Montesquieu, a leitura desses poemas obscuros que são as joias de pedra mais bem cinzeladas á face da terra, para a obtenção das quaes a humanidade, segundo Ruskin, teve de religiosamente accender sete lampadas; a do Sacrificio e a da Verdade, a da Belleza e a da Vida, a da Obediencia, a da Fé e a da Recordação. Esta a mais necessaria de todas, porque—como ainda diz o grande critico inglez—podemos viver sem a architectura, adorar sem ella, mas sem ella não podemos recordar.

Com os estudos modernos, a opinião de Montesquieu foi destruida por completo. Comprehendeu-se a profunda significação da arte gothica, da sua recordação, tudo quanto exprimiu e tudo quanto ainda exprime. Ruskin meditou e escreveu longamente sobre ella. Huysmans glorificou-a. Peladan achou-a então sublime que não admittiu que as mulheres a entendessem e assegurou que essa architectura, consciencia duma época, era uma arte austera e admiravel — «a philosophia da forma». Saint Yves d'Alveydre veiu mostrar como sahiu das grandes corporações secretas de pedreiros, das grandes maçonarias, como de collectividades semelhantes nasceram os monumentos religiosos e civis da India, do Egypto e o



LIMOGES

MILÃO

templo de Salomão. O christianismo fizera brotar em todo o Imperio Romano as corporações de artes e de officios. Sómente a disciplina, a obediencia, a hierarchica organisação dessas associações poderiam crear um estylo architectural tão forte, porque só essas condições o têm creado no mundo. Desapparecidas as sociedades secretas, morta a architectura. E' pelo menos o que actualmente vemos.

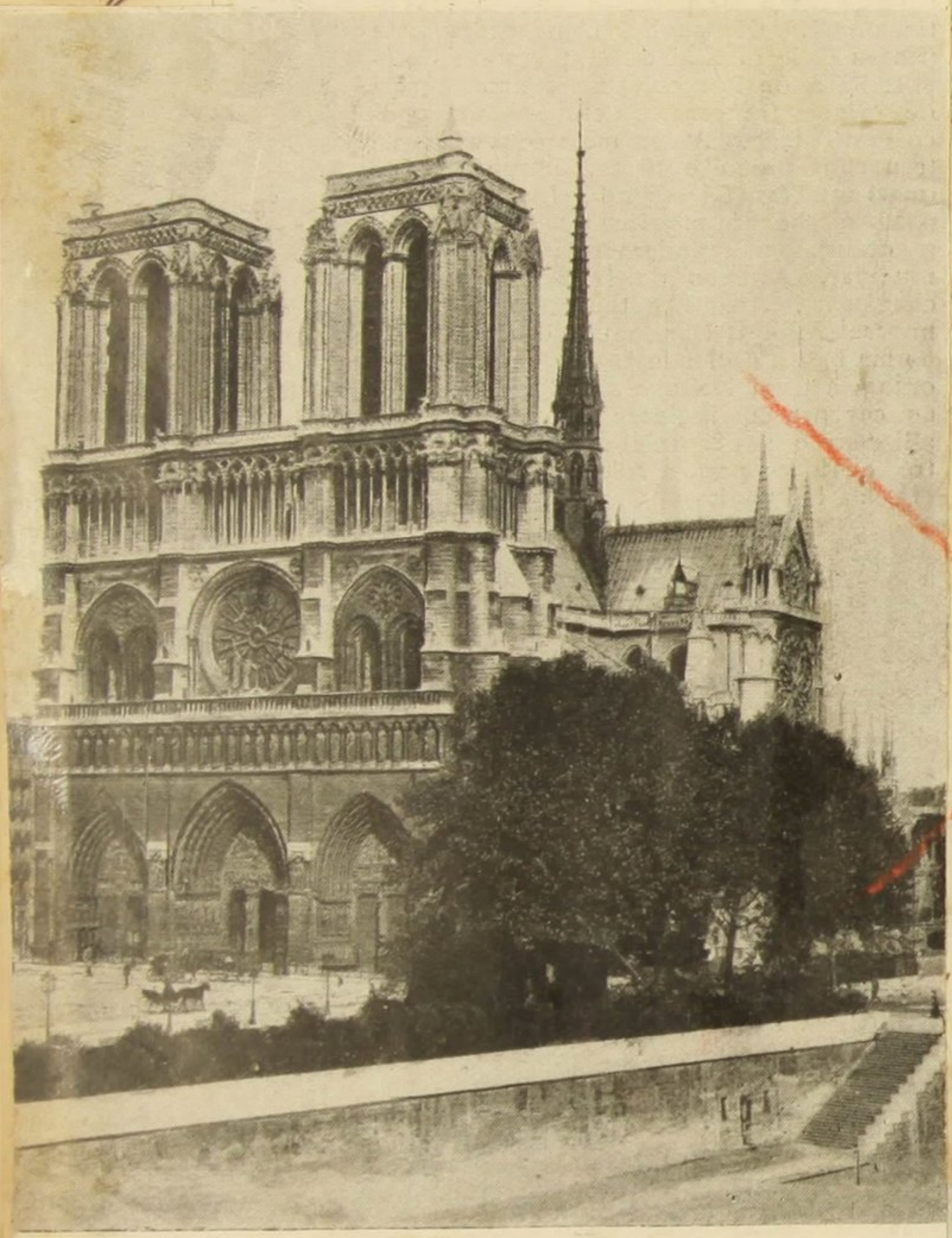
Eis o que diz o citado escriptor na «Mission des Juifs», á pagina 862 : « Os unicos centros chritãos de reflexão e de estudo que se occupavam scientificamente da reforma da direcção agnostica eram a Ordem dos Templarios e a dos Architectos pythagoricos e kabbalisticos, que constituiam a Maçonaria primitiva e deram origem ao estylo gothico. «E á pagina n. 864: «A antiga maçonaria architectural tinha tres ordens symbolicas: aprendizes, companheiros e mestres, unindo por uma triplice cadeia de solidariedade as corporações de Officios, Artes e Sciencias, sob o sello da iniaciação, desde o quarto seculo. Foi a essa filiação de que Anthemo de Tralles e Isidoro de Mileto foram os renovadores que os differentes generos de architectura do Christianismo e do Islamismo devem sua origem. E se esses typos architecturaes variaram, segundo os tempos e os meios, é que os sabios pythagoricos que os desenharam empregaram a Morphologia Qualitativa de accordo com a Symbolica dos Numeros hoje em dia perdida. » Tudo no symbolismo christão das cathedraes demonstra que os cyclos completos ou incompletos das suas representações biblicas, evangelicas ou leigas foram producto da Escolastica combinada com o Néo-Pythiogaricismo e o seu valor moral dos numeros.

Reside certamente no segredo das corporações a difficuldade em que se encontra o estudioso para determinar qual o autor desta ou daquella cathedral, duma «halle» nas Flandres, dum burgo na Baviera ou duma crasta em Portugal. Mesmo quando se sabe o nome dum dos planejadores desses edificios sabe-se que não foi o unico. Desenhou, por exemplo, o plano geral, como João d'Arbois em Reims, Roberto Luzarches em Amiens, João d'Andely em Rouen ; porém os vitraes fôram doutro mestre, as marcenarias doutro, as esculpturas doutro e as modificações com o correr dos tempos doutro. Como a construcção durava seculos, o mestre que a planejava nunca lhe via o fim. Nesse tempo, não havia a pressa de hoje e não se faziam as coisas para gaudio e gozo proprios. Tinha-se menor egoismo e mais fé no futuro. Construiam-se egrejas para os netos nellas rezarem. Em Strasburgo, só a fachada é de Erwin de Steinbach; o resto não se sabe de quem. Brehier faz notar que cada mestre de obra marcou a sua originalidade na interpretação do thema geral. E nada mais interessante do que essa encantadora variedade de planos.

SANTA CAPELLA — PARIS

As corporações de alvaneis e de mestres da Ilha de França enviam architectos para os outros paizes, porquanto ahi é que nasceu o estylo quasi impropriamente chamado ogival e mais do que impropriamente chamado gothico, estylo em cujas folhagens ar-

ripiadas, que se abrem e se fecham e novamente se abrem, desabrochando no espaço, tanto se póde palpar a influencia dos gelos pontudos do Norte como a inspiração bebida nas mattas de ábetos e de pinheiros ou nas florestas ogivaes dè Jumièges. A primeira transformação natural e coherente do romano em gothico se observa, conforme os estudos de Luiz Gonse na sua «Art Gothique», no antigo côro de São Diniz e na ábside de Morienval. Necessitando ampliar as egrejas



PARIS

e evitando a abobada romana em arco, sujeita a frequentes desabamentos, racionalmente se chegou, depois de muitas experiencias, á applicação das ogivas conjugadas e das nervuras. E' talvez a mais logica e acceitavel origem do gothico. As referidas corporações mandam, em 1175, Guilherme de Sens reconstruir a cathedral de Cantuaria e Godofredo de Noyers fazer o côro da de Lincoln, e elles lhes imprimem essa feição especial do gothico inglez, cuja ultima etapa foi o estylo Tudor, de ogivas abaixadas, como a ultima fórma do gothico francez foi o estylo flammejante, do qual é expoente a Santa Capella do Palacio de Justiça de Paris. Béde, o Veneravel, mostra na sua chronica os artistas francezes chamados á Inglaterra, para fazerem os vitraes das abbadias britannicas. Mandam Estevam de Bonneuil construir a matriz de Upsal, na Suecia, creando o gothico septentrional; Martinho Ravegy levantar a de Santa Isabel, em Marburgo, na Hungria, onde já estivera erguendo edificações Villard de Honnecourt. São ainda mestres francezes que constróem as bellas egrejas de Chypre, os raros edificios gothicos da Grecia feudal, conquistada pelos cruzados latinos. E são ainda mestres francezes, pertencentes ás sociedades maçonicas, os que fazem parte da côrte de Frederico II, como Philippe Chinard, architecto, da côrte de Mangu-Khan, imperador mongol, como Guilherme Boucher, ourives.

Ruskin tambem acha que na França central, Ilha de França e Champagne surgiu esse grande estylo. Com effeito, estudando-se as suas variações nos outros paizes, acaba-se por verificar que todas se prendem ao estylo francez. Não falando das egrejas já citadas, construidas por mestres gaulezes, póde-se affirmar que, na Inglaterra, a de York é analoga á de Clermont; na Belgica, a de São Martinho de Ypres, na Suissa, a de Lausanne, são de origem franceza; na Allemanha, as de Magdeburgo, de Bamberg e de Limburgo reproduzem a de Laon, a nave de Strasburgo é franceza, o côro da de Colonia assemelha-se ao da de Amiens; e Reims influenciou os planos da de Praga e da de Neuweiler. Ainda mais: São Gereão de Colonia e Santa Maria de Lubeck são plagios da de Soissons, e Ratisbona é plagio da de Santo Urbano de Troyes.

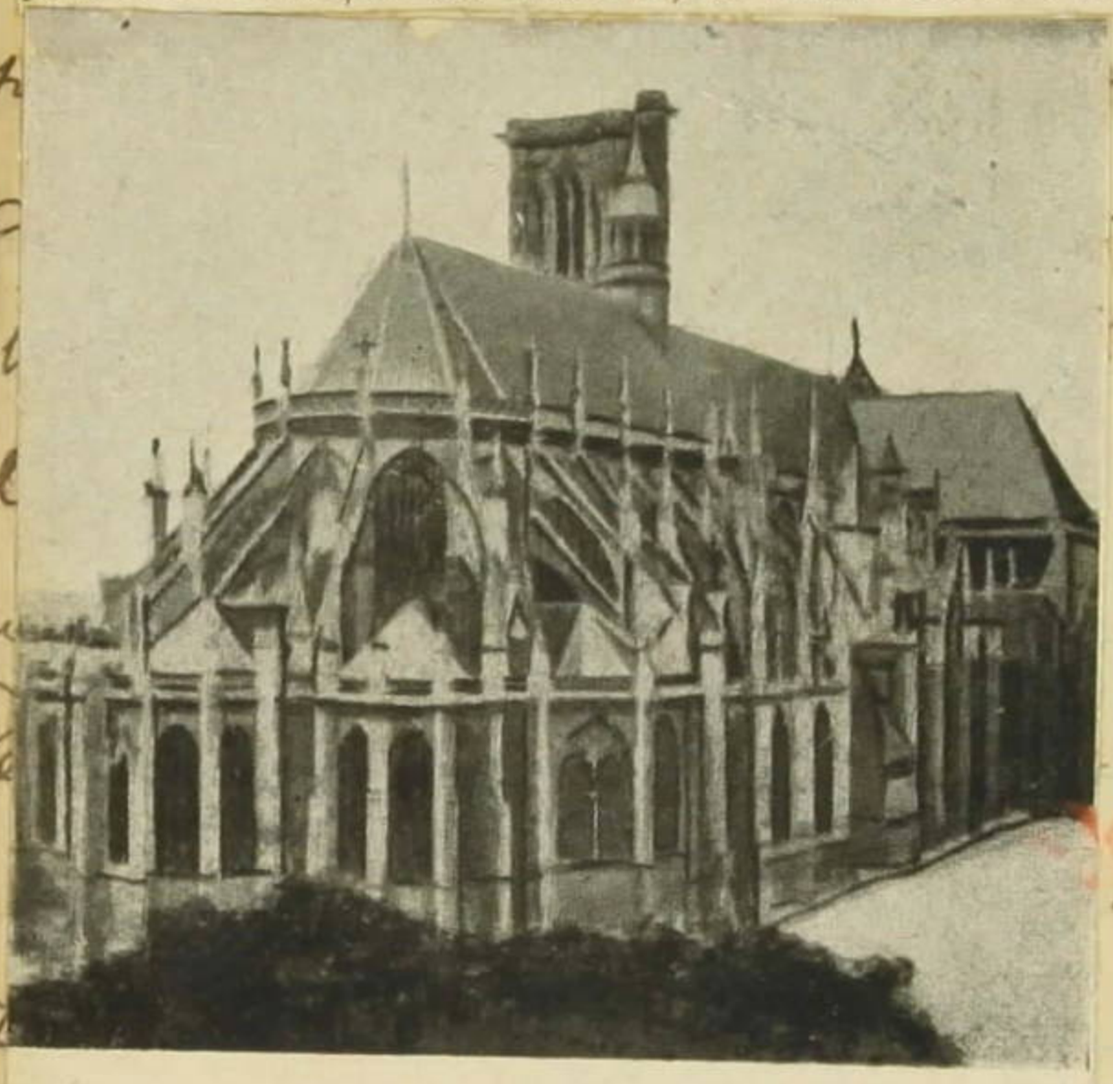
Na Europa meridional, o gothico encontrou mais difficuldades em penetrar. Nunca influenciou definitivamente as almas populares. Nunca passou das altas classes, que fôram quasi as unicas a estimal-o. Na Italia, misturou-se em Veneza ao bysantino, dando-nos as «Pedras» que tanto maravilharam o velho Ruskin; ajudou a produzir a doirada e luxuosa asymetria do Palazzo Ducale.

Em Milão, encontrou os primeiros albôres do Renascimeuto e deu origem a esse portentoso Duomo, em cuja fachada florida, rendilhada, ricamente entalhada de todos os ornatos caracteristicos do gothico e coroada por um povo de estatuas, se abrem portas e janellas quadradas e severas como as portas e janellas do Vaticano. Na Hespanha, com difficuldade passou da cathedral de Santiago de Compostella á de Burgos, que é uma egreja

LE MANS (ABSIDE)

de origem franceza, e deteve-se um pouco em Toledo. Assim mesmo teve de se tornar jesuitico e triste, inquisitorial e quasi nú. Não foi adiante. Impediu-lhe o passo a esbelteza moirisca das construcções granadinas, a grandeza nobre do estylo mudejar. Atravez da influencia ingleza chegou a Portugal. Estou certo de que o mestre Affonso Domingues de Herculano é uma figura de lenda e que os edificios gothicos que ornam a terra lusitana são devidos a mestres filiados ás corporações inglezas e francezas, mandados para alli com o fim especial de construil-os, como os mestres enviados para a Allemanha, a Hungria, a Suecia, a Hespanha e Chypre. Dentre elles um dos raros de quem se fala é aquelle David Ouguet calumniado pelas «Lendas e Narrativas!»

Frei Luiz de Souza, frade de São Domingos, que habitou o convento da Batalha e certamente conheceu os alfarrabios e pergaminhos dos seus archivos e cartularios, diz que o rei mandou buscar no estrangeiro, para a construcção do mosteiro, os mais celebres ar-



NEVERS (ABSIDE)

chitectos. E' talvez desses mestres, se não de outros vindos anteriormente, que provêm os monumentos em velho gothico no estylo do Carmo ou da Sé de Guimarães. Contesta ao monge dominicano frei Francisco de São Luiz, sem provas, como o faz notar Ramalho Ortigão no «Culto da Arte em Portugal», dando origem á lenda de Affonso Domingues. James Murphy, citado tambem por Ortigão, affirma que o architecto da Batalha foi o inglez Stephan Stephenson, filiado ás «free and accepted masons» ou maçonarias, ou ainda melhor corporações livres da época. Não ha duvida que o gothico portuguez sahiu do inglez. Rackzynski estabeleceu perfeitamente num livro a analogia entre a Batalha e a cathedral de York. E uma das caracteristicas do gothico portuguez, cuja derradeira forma foi o Manuelino, gothico nascido, note-se bem quando era rainha de Portugal a ingleza Dona Philippa de Lancaster, é a ogiva abaixada das abbadias da Inglaterra, que mais tarde serviria para determinar completamente o chamado estylo Tudor.

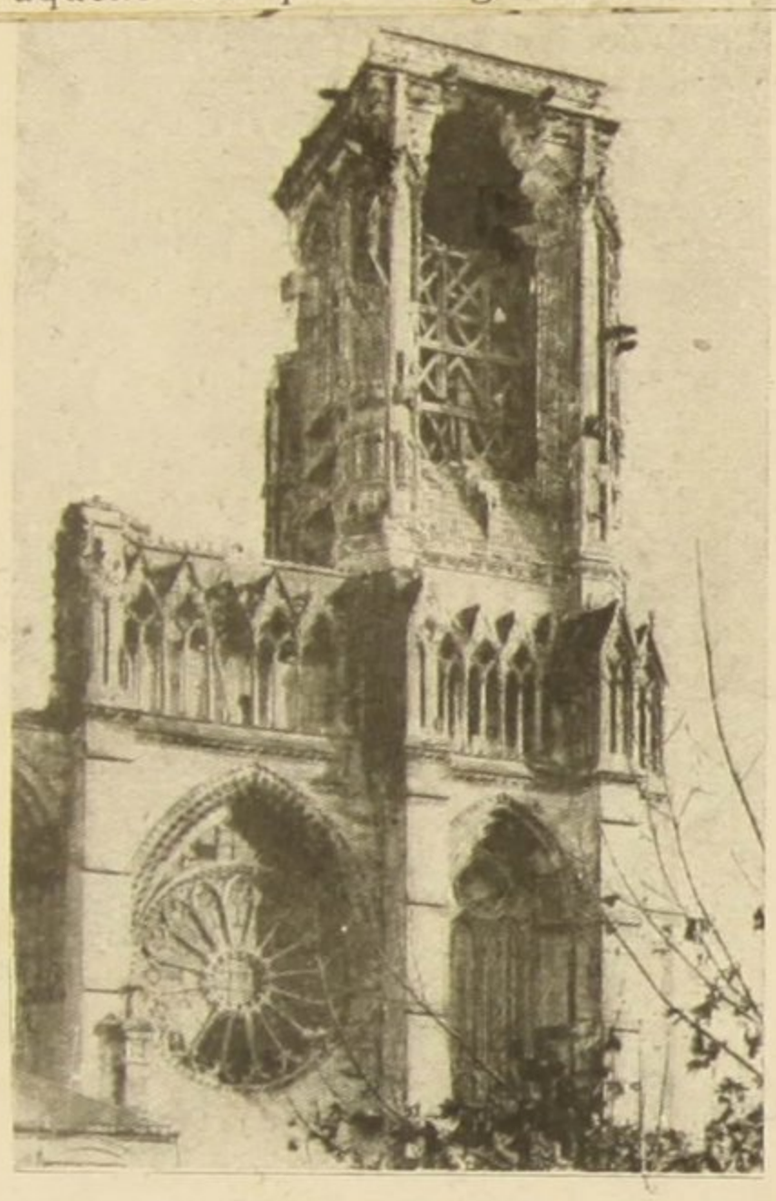
Emquanto em Hespanha, Suecia e Hungria o gothico pára na sua evolução e se fossilisa em monumentos de excepção sem caractisticas locaes, como flôres que desabrocharam e não deram semente, o gothico portuguez se transforma de accôrdo com o meio, evolve e decae. Na sua decadencia é que verdadeiramente se nacionalisa e flammeja e rutila, produzindo esse estylo Manuelino, original e livre, diante do qual quem somente conhece a pureza de linhas das cathedraes francezas ou dos edificios municipaes flamengos fica perplexo e maravilhado. E' um gothico eivado de bysantinismo, mesclado de veneziano, cujas abobadas dominam fachadas rendadas, onde se abrem os furos das esponjas e os ramos dos polipeiros, onde a ornamentação é a que podia produzir um povo de marinheiros, de descobridores e de bandeirantes. Ha nessa architectura reminiscencias dos pagodes da India, de onde vinha o oiro com que se pagavam os artifices da pedra; de envolta com as cruzes de Christo e dos Templarios, e com as espheras armillares de D. Manoel, as espadas dos combates e as vieras ou conchas dos peregrinos; ha cabos de marear que se enrolam em fustes fingindo troncos de sobreiro ou de palmeiras africanas, mastros, vergas, cevadeiras, ondas que espumam de encoutro a patas de ancoras, bojos de velas que palpitam, rostros de caravellas que surgem, brazões que se enfileiram, e correntes, e rosaceas que são como rodas de lemes. Sobre tudo um que de moirisco. E é esse estylo nacional, adaptado ás condições do clima, á alma do povo, á propria paizagem, que nos offerecem á vista satisfeita o claustro dos Jeronymos, a torre de Belem e o convento de Christo, cuja celebre janella da Casa do Capitulo mereceu um hymno em prosa de Ramalho Ortigão.

Se cada parte de um edificio gothico, segundo vimos, tomou a forma do genio architectural que a creou ou dirigiu sua execução, cada nação elevou os monumentos correspondentes aos seus desejos, ás suas aspirações e á sua vida nacional, sempre obedecendo aos tres grandes postulados que Cellini formulou no seu «Discurso sobre a Architectura» e que muito antes delle já conheciam e applicavam os mestres medievaes: Belleza para obrigar os olhos a demorarem na fachada, clara affirmação do fim a que se destina a construcção e obediencia ás regras estabelecidas pela arte. Ninguem pode negar essas qualidades á architectura ogival. Isso e a sua adaptação ao genio de cada paiz, genio physico e genio moral, fizeram com que o gothico de França se expandisse em cathedraes admiraveis, porque a região era uma região de fé, cujo povo o espirito religioso dominava, a christianissima França do Rei Christianissimo, que na phrase feliz do chronista monacal Raul Glabet, se cobriu com «um manto branco de egrejas», a mesma «robe de pierre» de que fala Anatole France. Dahi a immensidade de cathedraes, de egrejas, de capellas, que sahiram da terra e sorriram ao sol sobre a face da França: Amiens e Evreux, Chartres e Laon, Saint Germain l'Auxerrois e Notre Dame, Auxerre e Sillerry, Orleans e Saint Quentin, Beauvais e Lyon, Abbeville e Candebec, Nevers e Limoges, Bourges e Mirepoix, Clermont Ferrand e Nantes, Meaux e Coutances, Le Mans e Maillezais, Narbonne e Soissons, Rouen e Saint Ouen, além de monumentos como o Mont-Saint-Michel.

Nas Flandres, onde o poder do commercio e a autonomia do municipio exprimiam toda a existencia nacional, que produziu a architectura gothica? Os mercados e os paços concelhios (hotels de ville): as Halles de Ypres, as casas da municipalidade de Bruxellas e de Louvain, e muitos outros edificios municipaes interessantes, como por exemplo os Beffrois. Raras egrejas: Santa Gudula, em Bruxellas, severa e lisa como uma batina de Jesuita, trahindo a influencia hespanhola;

São Martinho de Ypres, de origem franceza; as cathedraes de Malines e de Antuerpia.

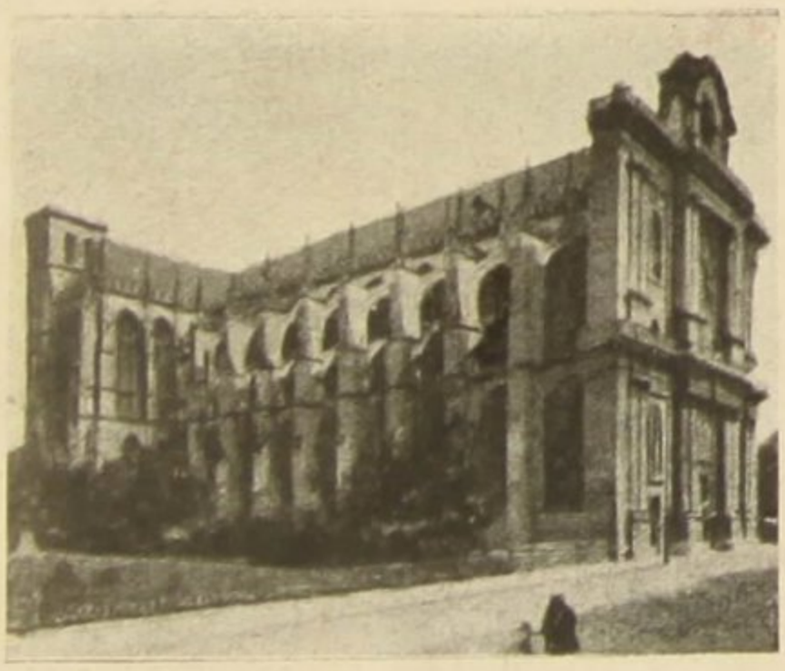
Na Inglaterra é outro o aspecto dessa architectura exuberante e inesgotavel nas suas formas e expansões. Paiz de aristocracia ecclesiastica e de puritanismo religioso, a sua arte de construir é simples e digna. Está cheia de abbadias historicas. Vem de longe a nobreza de seus padres. Já Henghist, Horsa e Kerdik, chefes saxões barbaros, diz Augustin Thierry, quando christianisados, amavam elevar mosteiros para o estudo e para a oração. Para elles o melhor dia era aquelle em que consagravam mais um



SOISSONS

convento. Do estudo e da meditação nessas casas religiosas sahiram Alcuino e Alfredo o Grande; da oração e do estudo São Thomaz de Cantuaria. As principaes dessas abbadias foram: Canterbury, Lincoln, Salisbury e York.

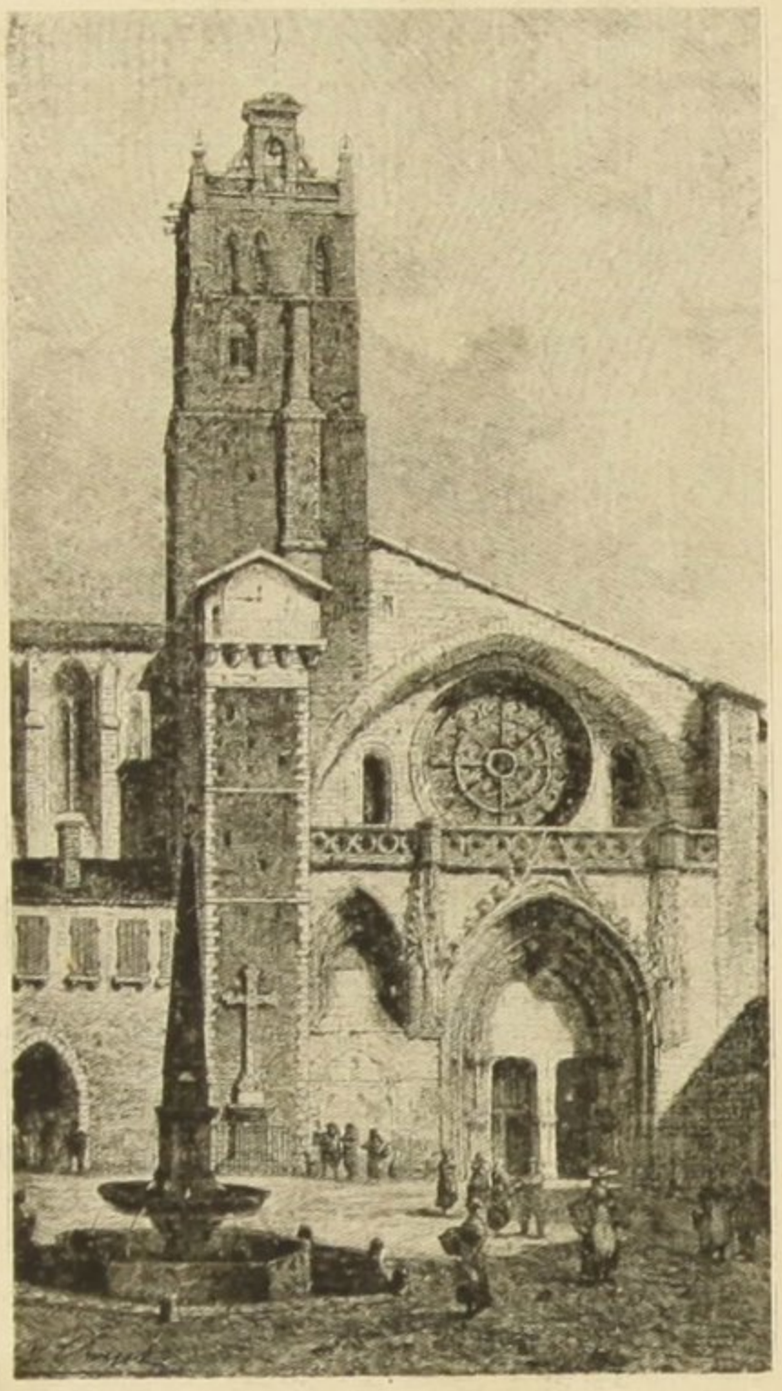
A Allemanha guerreira e feudal constróe cathedraes pelos modelos francezes. Poucas. Entre ellas, Colonia, mais moderna que as de França. O que ergue com abundancia e gosto são os grandes castellos roqueiros, symbolos do feudalismo e do poder militar: o



CHALONS

Wartburg, o Hohen-Neufen, o Rheinfeld, o Hohenzollern e o Hohenschwangau.

O Mediterraneo oriental recebe tambem a influencia gothica como a receberam a Hungria, a Bohemia, a Baviera, onde em Nuremberg o Portico dos Casados é uma verdadeira joia. Brotam em Chypre pequenas egrejas cinzelladas como a de São Jorge de Famagusta. E, emquanto a ilha christã se povôa de templos, a Achaia feudal, latinisada pela força, se enche de castellos.



TOULOUSE

Na Italia, o gothico bysantinisado e florentinisado acompanha a religião e a politica: ao lado da basilica o palacio, ao lado do «duomo» a «senhoria».

Em Hespanha, cifra-se ao espirito religioso sêcco do clericalismo, á austeridade do jesuita e do dominicano, á pobreza dos ideaes populares e morre aos poucos, alisando-se, perdendo a ornamentação, emquanto na França, pelo contrario, morre no «flamboyant», por se enfeitar demais.

E, por fim, em Portugal, serve para commemorar batalhas e descobrimentos, albergando frades. Não podia exprimir melhor terra e povo. Dahi o mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, o convento de Christo em Thomar, a Torre de Belem e o claustro dos Jeronymos. A Batalha perpetua Aljubarrota; a Torre, o descobrimento do roteiro maritimo das Indias; os Jeronymos, o achado do Brasil; e o convento de Thomar guarda no seu seio, embalsamada no manto da ordem de Christo, a gloriosa e esplendida tradição dos Templarios. Acima de todas as outras lampadas o gothico portuguez accendeu a da Recordação, a da Saudade.

A architectura gothica tinha essa vasta liberdade de concepção e de execução, porque nunca foi uma arte ecclesiastica. Foi sempre, aliás, uma arte essencialmente religiosa, que nasceu como a arte christã em geral fóra da religião. Ella sahia da fidalguia e do povo, para os quaes construia o edificio. Não sahia da Egreja.

Cada cathedral obedece aos grandes principios da esthetica no seu conjuncto formidavel, no seu rendilhamento prodigioso e nas proporções harmoniosas entre os pinaculos cinzelados pelos Frays Juans e Benvenutos da pedra e as flechas que parece curvarem-se ao vento como a de Amiens, tão fina e denteada é; entre as flechas coroadas de grimpas de ferro batido e as torres «trouées comme des éponges»; mas cada

cathedral é um thesouro de beldade artistica, na sua profusão ornamental e na ousadia de sua execução.

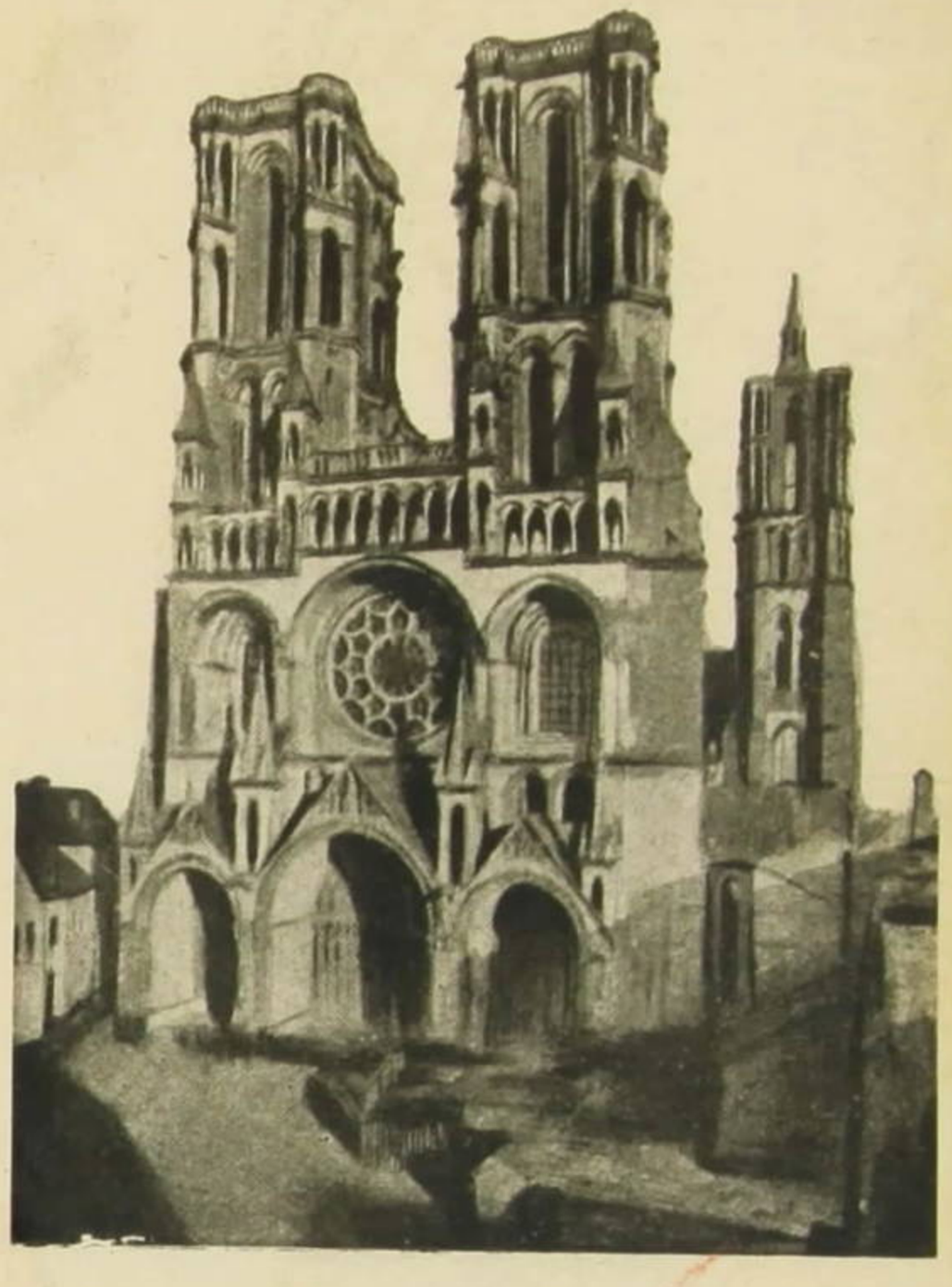
Por isso não ha limite para a sua fantasia, desde o esplendor decorativo de Reims á simplicidade granitica de Saint-Omer. Até parece que, com os cruzados e os romeiros, veiu, através de Bysancio e de Veneza, a imaginação brilhante do Oriente. Veiu mesmo, pois que as influencias de Constantinopla e de Alexandria, da Syria e da Persia, da India e da propria China se sentem ás vezes aqui e alli.

SAINT'OMER

Nos vemos hoje em dia as cathedraes, todas sem excepção, sem terem sido concluidas, faltando-lhes as torres lateraes, a grande flecha central, e num quadro muito differente daquelle para que foram construidas, quando eram, além dum meio de ensinamento profano e theologico, o edificio publico religioso e civil mais bello e mais completo da cidade, onde se baptisavam, se confessavam, se casavam e se enterravam todos, onde se reuniam os cabidos, as assembléas da nobreza ou da arraia-miuda, onde se ensinava e se davam fes-

BEAUVAIS

tas, onde se sagravam os reis e se ungiam os bispos, onde se ordenavam os padres e se elegiam os papas dos loucos, onde se faziam os sermões e se representavam os autos. Vemol-as agora entre casas modernas, solitarias, não correspondendo mais nem ao estylo da cidade, nem ás aspirações das gentes, nem á moda das roupas. E' preciso, para bem comprehendel-as, imaginal-as na idade-média, a frontaria magestosa num esforço imprevisto de elevar-se dominando o casario gothico tambem, riscado de madeiros grossos, o adro

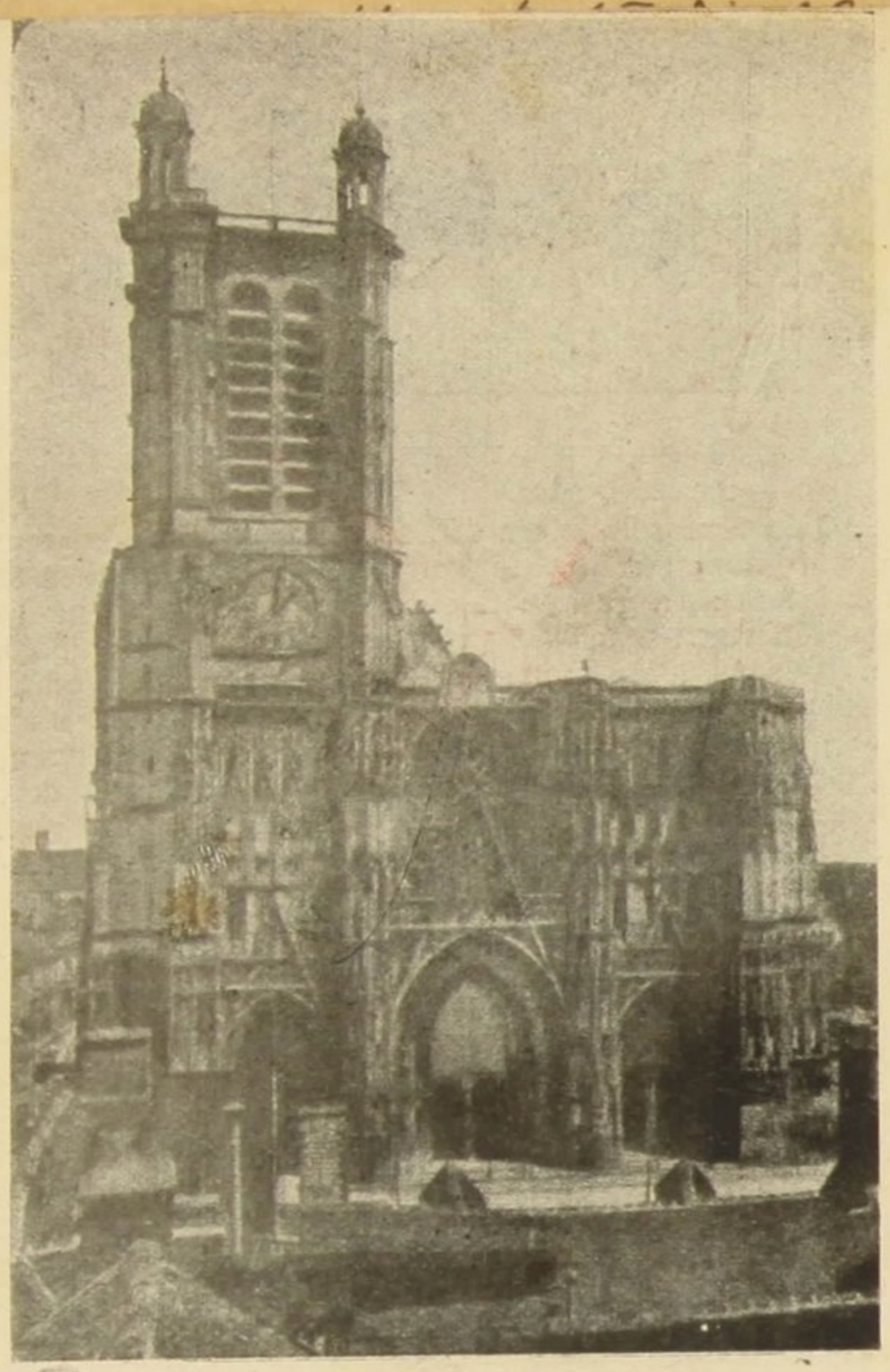


LAON

onde desembocavam as viellas e congostas, tendo— porque a architectura, arte principal, os tinha nessa epoca como a pintura, seus effeitos de luz e de sombra, tirados no exterior das saliencias e reentrancias, das esculpturas e dos contrafortes, das galarias e das empenas, dos embasamentos e dos vãos; tirados no interior do mysterio sombrio das abobadas e dos raios de sol das frestas e frestões, das tapeçarias e dos vidramentos, da penumbra violeta das arcadas e da luminosidade colorida das rosaceas.

Se não ha limites para essa fantasia no jogo da luz e da sombra, muito menos na ornamentação externa e interna, em que se aproveitam e se applicam todas as fórmas da flora e da fauna, associando a belleza inferior das linhas vegetaes e animaes á belleza superior das linhas humanas.

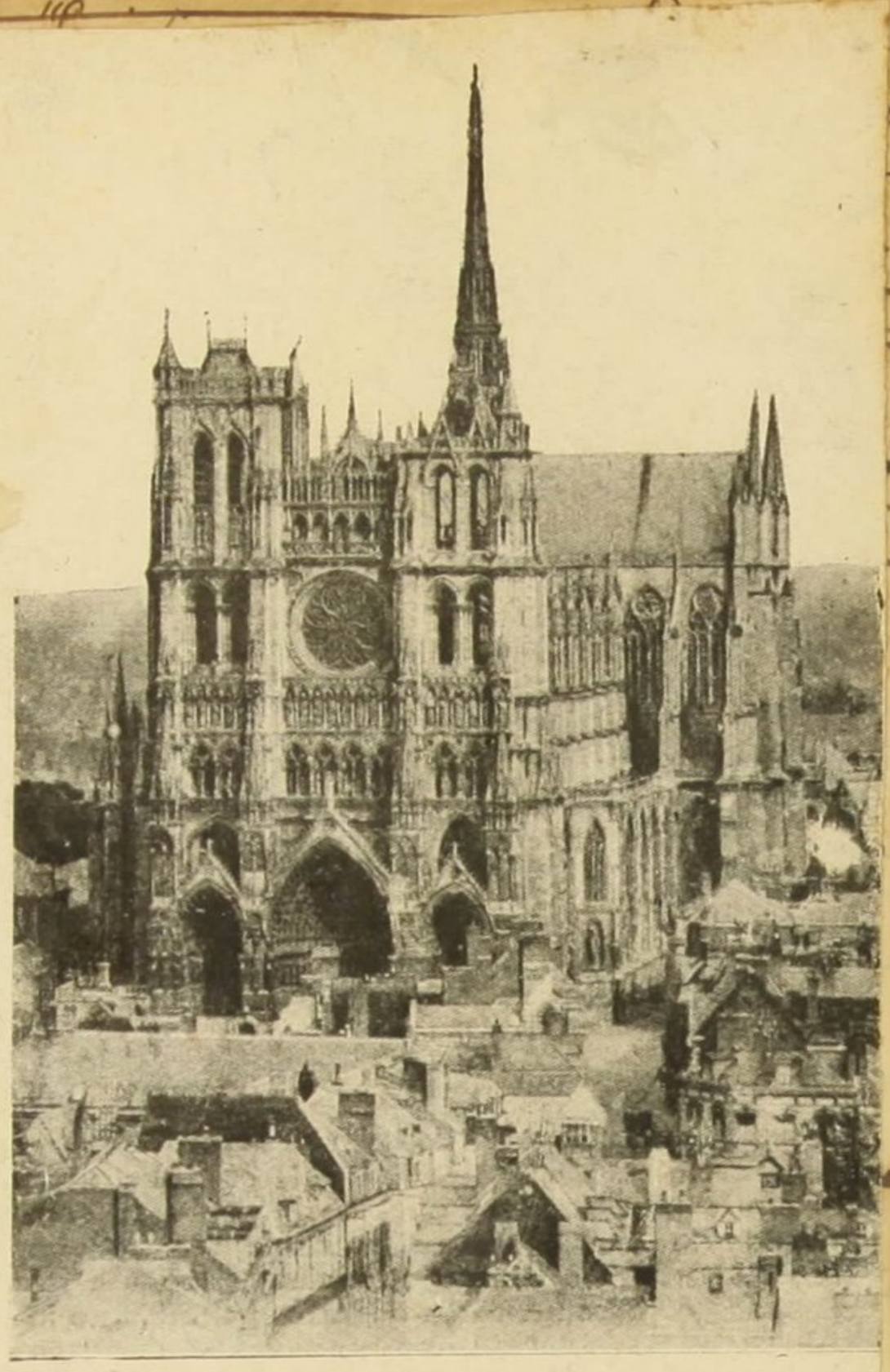
Ha uma infinita variedade de folhas estrelladas pontudas, de folhas ogivaes, entre as quaes as ogivas parecem folhas enormes. Toda uma vegetação grimpa pelas curvas dos arcos e pelas hombreiras, enche ribetes, frisos e capiteis, corre pelas cornijas e platibandas, ennastra os columnêlos, atufa os listeis e os entablamentos, como que se agita ao vento nas cimalhas, emmaranha-se nas architraves, enrola-se nos boceis, corta a aguda esquadria dos corucheus e até se pendura das arvores de pedra das altas fenestrações. Copiaram-na das flores regionaes. Ramos de sycomoro e



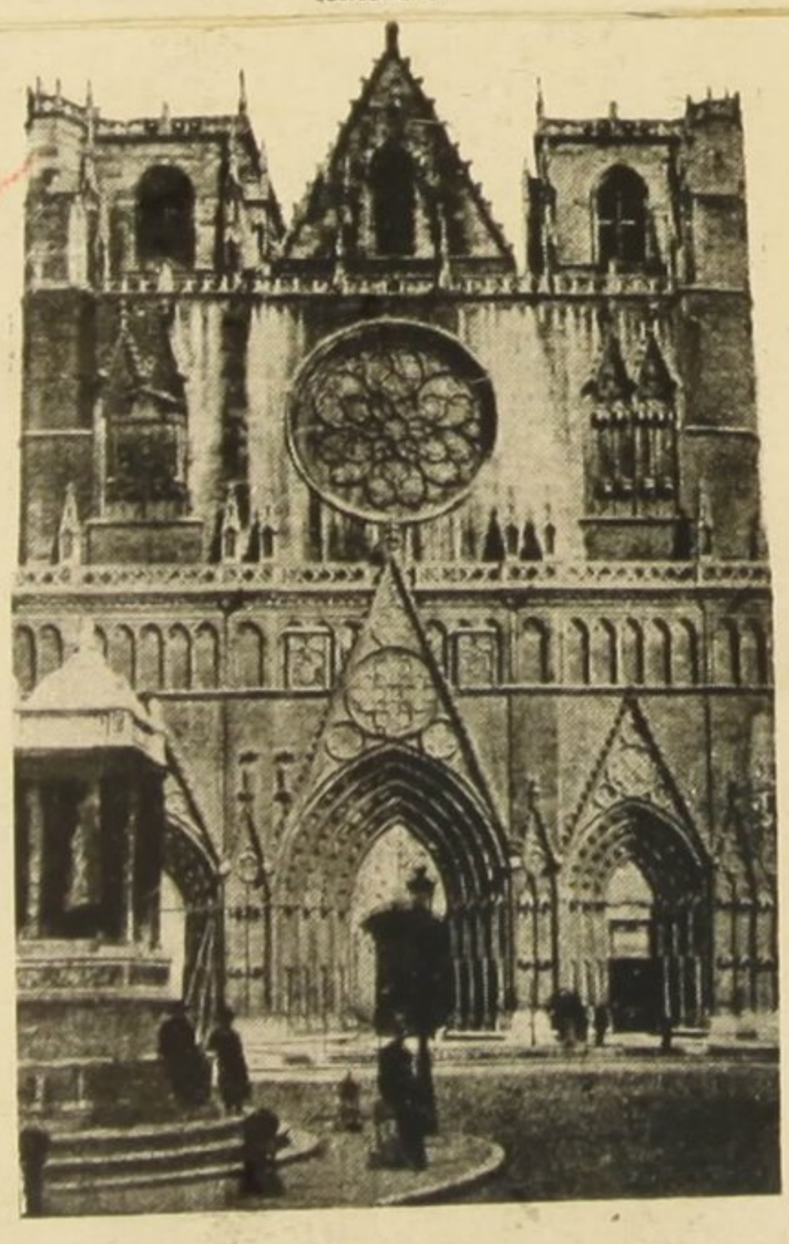
TROYES

de morangueiro encruzam-se com os rainunculos e os nenufares. O feto miudo se une ás touceiras de cardo maninho. Os lyrios da pureza misturam-se ás rosas mysticas. O lup lo, o azevinho e os brotos de carvalho se retorcem entre sarças, silvados e espinheiros. A sorveira, o arum, a aquilegia, a chelidonia e os teixos fazem companhia ao trevo, do quatrifolio da felicidade, aos florões de aipo que coroam os reis, ao lichen, ao musgo humilde e ao proprio acantho grego. Tufos de vinha co rem agaricos. Pampanos envolvem se a folhas de couve. Cada cathedral é desta sorte um jardim de figueiras e de roseiras, de fructos, de ramagens e de flores.

As formas animaes são tantas, tão variadas e interessantes quanto as vegetaes. Vêem-se os peixes das inscripções das catacumbas de Roma, que foram o signal de reconhecimento dos antigos martyres, porque as suas lettras em grego dão as iniciaes do nome todo do Christo, as pombas da Arca de Noé e do Espirito Santo, e os dôces cordeiros pascaes. Nos capiteis, reminiscencias dos estyl s do Oriente—aves e quadrupedes defrontando-se como nos estofos assyrios, ás vezes aguias substituindo volutas. Uma fauna de pesadelo: bichos de duas cabeças, dois corpos, duas caudas, passaros de cara de gente, de seio de mulher, nascidos todos da f ntasia oriental e das visões apocalypticas de Pathmos, outros que os Physiologus e Bestiarios medievos perpetuaram. Por toda a parte o symbolismo das formas hybridas: crocottas, catopléas, centauras, hydras, licornes, dragos e chimeras. Toda uma historia natural bizarra que faz pensar em Plinio e em Eliano. E' a «menagerie» que Huysmans viu e que eu tambem vi em Saint Germain L'Auxerrois; hippopotamos vomitando selvagens nús, macacos, grifos, ursos amordaçados, porcas aleitando ninhadas de bácoros, ratos sah ndo de dentro da bola do mundo e esperados por gatos famintos.



AMIENS

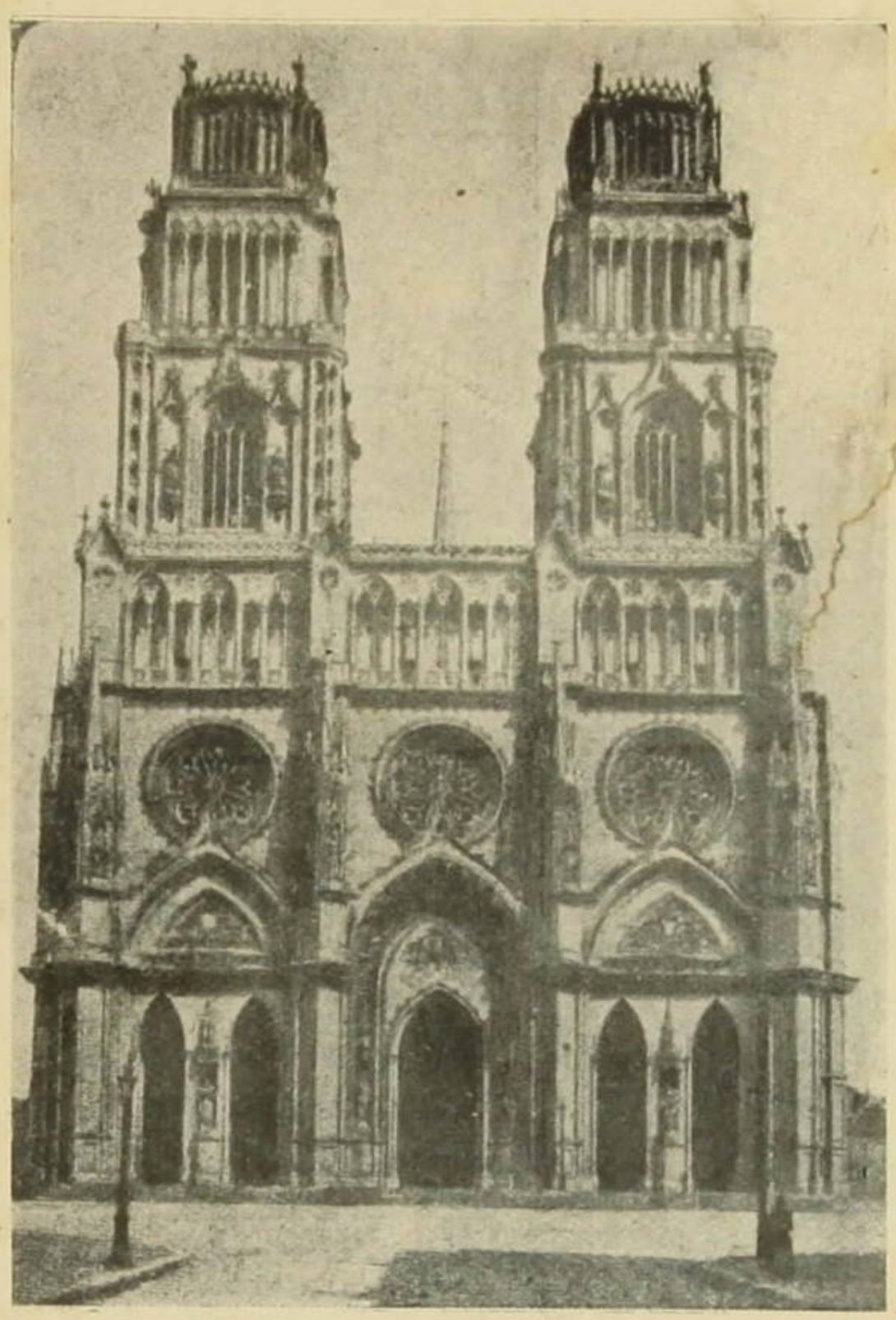


LYON

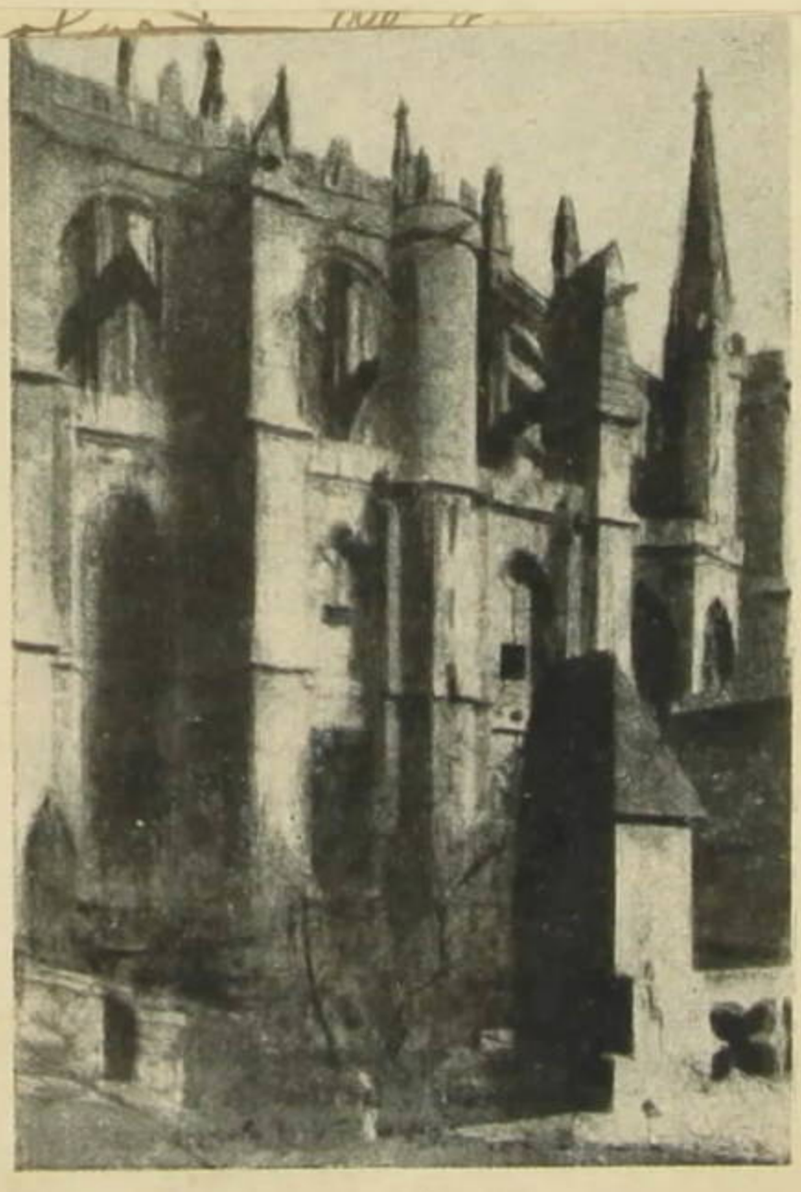
Fugindo das folhagens dos capiteis, escondendo-se na ramaria dos consólos, servindo de cariatides ou de pendurol de lampadas, monstros, passaros exquisitos, esquilos e lagartos. Quasi sempre essas esculpturas são caric turas ou lições de moral como a de-se gato esperando o rato que sahe do mun lo ou aquelle leão dum capitel celebre de Reims, que viola um b de deante do sorridente demonio da Luxuria.

Mesmo em certos focinhos de animaes ou no terrivel grotesco de certos gárgulas se reconhecem traços pessôas de quem o artista medieval quiz tirar dur- doura vingan- a.

O espirito ironico da idade-média desabrocha po- toda a parte. No claustro de Tarragona ha esculpid- um engraçado enterro de ratos. Na crypta de São Ze- non, as gallinhas levam ao tumulo o cadaver da ra- posa. Em muitas cathedraes, Nantes e Chartres po-



ORLÉANS



NARBONNE

exemplo, burros tocam harpa. Noutras, os monges apparecem nos baixo-relevos com cara de asno e com cara de lobo.

Dentro da egreja, o estylo gothico martyrisa em acanthos os frisos das pilastras, as molduras dos retabulos, dos diptycos, triptycos e poliptycos; modela como se fosse argilla as madeiras das marcenarias flammejantes dos córos, das estallas, dos gradis e dos maneis, tornando o carvalho antigo «mais cheio de folhas do que uma floresta e mais cheio de historia do que um livro». Erra pelos collateraes e no côro fechado um velho odor de cirios apagados. Feixes de columnas, cada qual com um capitel differente e luxuosamente arrendado ou historiado, cada qual com o seu fuste diverso— cinzelado em finas nervuras como as conchas marinhas, riscado de canneluras ou enrolado em delicadas laçarias, mostram, unindo-os, entrelaços subtis de pedra trabalhada. Não existe um astragálo, uma scotia, um listeto de cornija, um ábaco, um samél, uma presa, um stylobato, uma sanca que se não enflore de relevos. Os resaltos são profusamente enfeitados. As volutas levemente se enroscam no ar e os alisares mostram ornatos e medalhões gravados. As sombras cahem dos fechos e chaves dos arcos profundos do corporal, da nave, da archinave, das naves lateraes, dos transeptos, melancolicas, vagarosas e pausadas como um canto religioso! E a arte

STRASBOURG (lateral)

medieval chega ao ponto de alterar o prumo das linhas verticaes, afim de que o olhar não visse, por causa da perspectiva, todas essas linhas procurando se encontrar no alto. Goodyear, architecto norte-americano, medindo varias partes das cathedraes gothicas, verificou que o prumo das paredes e columnas só é mantido até á altura dos capiteis, acima dos quaes as linhas todas se afastam para corrigir o erro visual.

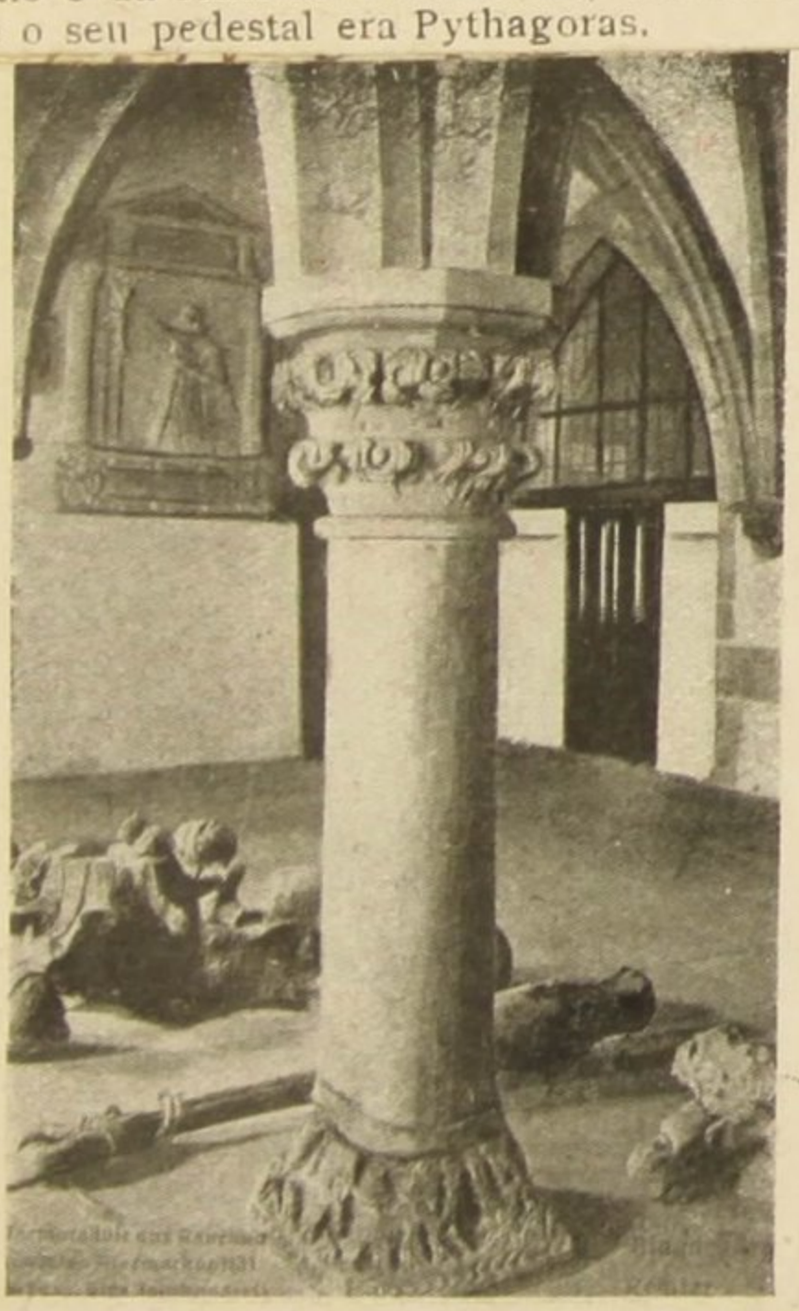
No exterior do edificio, a fauna ainda está representada nas gárgulas monstruosas, apocalypticas ou simplesmente caricaturaes, pelas quaes se faz o escoamento das aguas; e, debruçados dos peitoris abalaustrados, ferozes e sinistros, gryphos, chimeras, tarascas e demonios presidem mudamente o concilio de furias, de reis, de santos e de anjos de pedra.

Concilio? Não. Mundo. Porque é um verdadeiro mundo o formigar de estatuas duma cathedral; um povo de santos, revoadas de anjos, sequitos de apostolos, grupos de prophetas, filas de reis, theorias de peccadores, legiões de diabos, gerações de homens. As santas têm expressões admiravelmente copiadas da na-

tureza nos seus rostos alongados como as ogivas. Ha Virgens de Misericordia, de olhos amendoados empunhando lizes ou phylacteros; Sãos Mauricios, armados e imberbes, que mais tarde seriam confundidos com Joanna d'Arc; Sãos Jorges lanceando o dragão, que lembram os Horus vencedores dos monstros; os tres Archanjos e os tres Reis magos; a rainha Pedauca, arregaçando a saia para amostrar seus pés de pato; a rainha Clotilde e a rainha Radegunda; o Bom Pastor com o anho ao hombro, que é a ultima encarnação do Hermes Crióphoro, symbolo condemnado outrora por Tertuliano e São Clemente; Madonas calmas e reaes; Nossas Senhoras Douradas como a do portico de Santo Honorato; os reis da arvore de Jessé, antepassados de Maria, e Christos radiosos como o Bello Deus de Amiens. Umas alinham-se nos porticos, outras apoiam-se nos entrecortes esquinaes, algumas pousam em pilaretes e muitas se aninham nos nichos esculpturados.

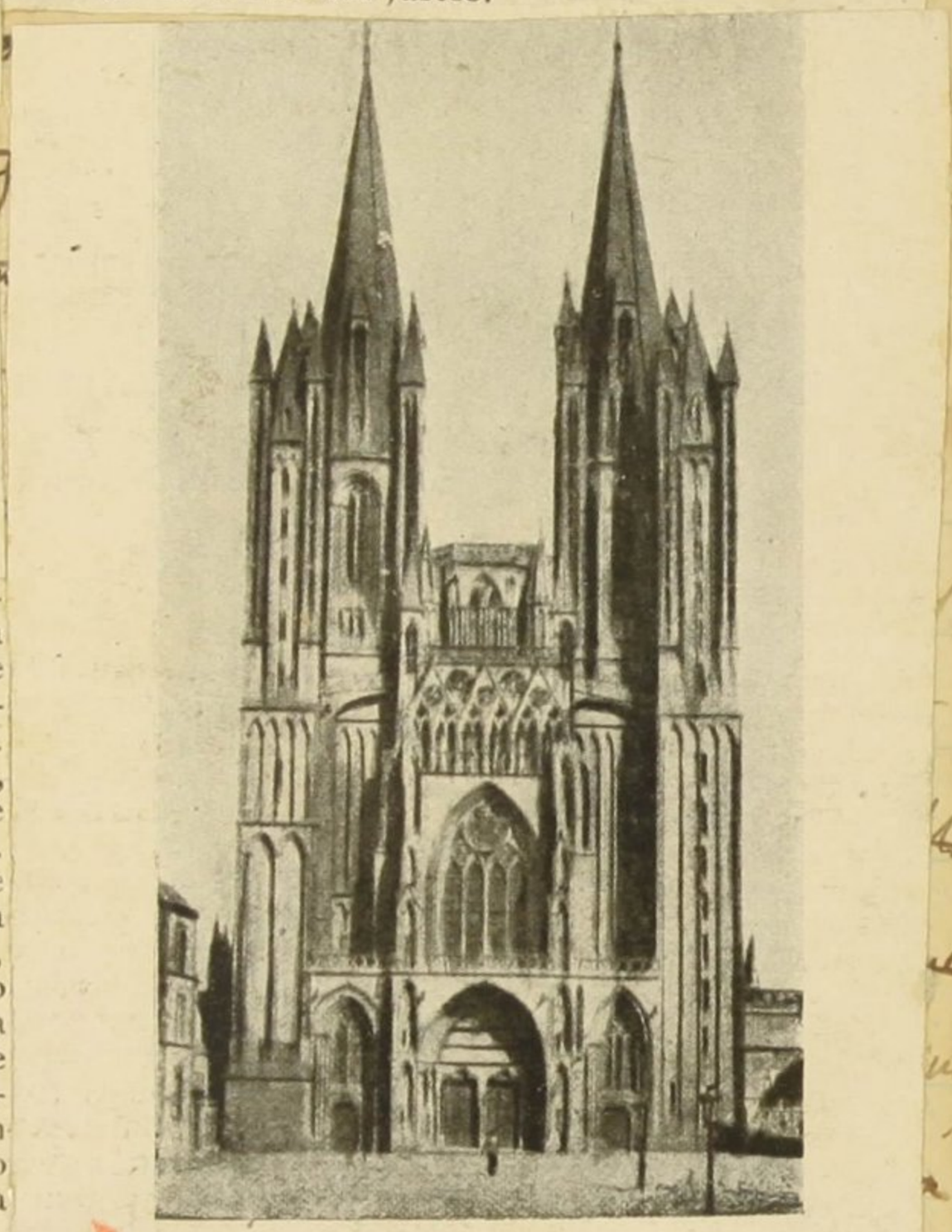
Entre ellas, as doze sibyllas, cuja indumentaria está no livro de Barbier de Montault «Iconographie des Sibylles, que predisseram a vinda do Messias e que existiram, segundo o affirmam os maiores doutores da Egreja: Origenes, Lactancio, Justino, Santo Agostinho, São Jeronymo e São Clemente de Alexandria. Ellas são, como os prophetas, uma das lembranças dos povos pagãos anteriores ao christianismo, que não conheceram o Christo, mas estavam impregnados do espirito de Deus. A Persica traz uma lanterna; a Libyca, uma tocha. A Aggrippina, a Européa e a Erythréa brandem gladios. A Phrygia leva uma cruz pascal. A Hellespontina aspira o cheiro duma roseira florida. A Cumana embala um berço. A Delphica conduz uma corôa de espinhos; a Samiense, um sceptro de canna; a Tiburtina, um feixe de vergastas; e a Cimmeriana, uma cruz.

Tambem as figuras do Trivium e do Quadrivium, que formavam as sete artes liberaes antigas, bases e degraus para se chegar mais perto da Fé e de Deus. A Grammatica empunhava uma ferula e estava sobre Donato. A Dialectica, sobre Aristoteles, trazia uma serpe de oiro nas dobras da tunica. A Rhetorica, apoiada em Cicero, apresentava-se armada de ponto em branco. A Arithmetica, encimando Boecio, passava os dedos pelas bolas de um contador. A Geometria, de compasso em punho, dominava Euclydes. A Astronomia estava em companhia de Ptolomeu e mostrava um molho de trigo, porque por ella é que se sabe o tempo do plantio e da colheita. Finalmente, a Musica tangia a harpa e o seu pedestal era Pythagoras.



MAGDBURGO (interior)

Não são somente esses os attributos das estatuas. O Christo repousa sempre sobre David, tronco de sua familia, e está sempre acima das figuras que o rodeiam. As Virgens Sabias trazem nas mãos anémonas, margaridas e açucenas; as Virgens Loucas, ramos de ancólias. O pedestal de Abrahão é sempre o carneiro do sacrificio de Isaac; o de São Jorge, o dragão do milagre; o de Santa Martha, a tarasca que ella aprisionou; o da Rainha de Sabá, o negro escravo; o de São Nicolau, as tres creanças salvas da salgadeira; e o de São Firmino, a muralha. A imagem da Egreja traz sempre os olhos abertos; a da Synagoga, sempre os olhos vendados. E os Patriarchas recebem sempre no seio de sua toga as almas dos justos.



COUTANCES

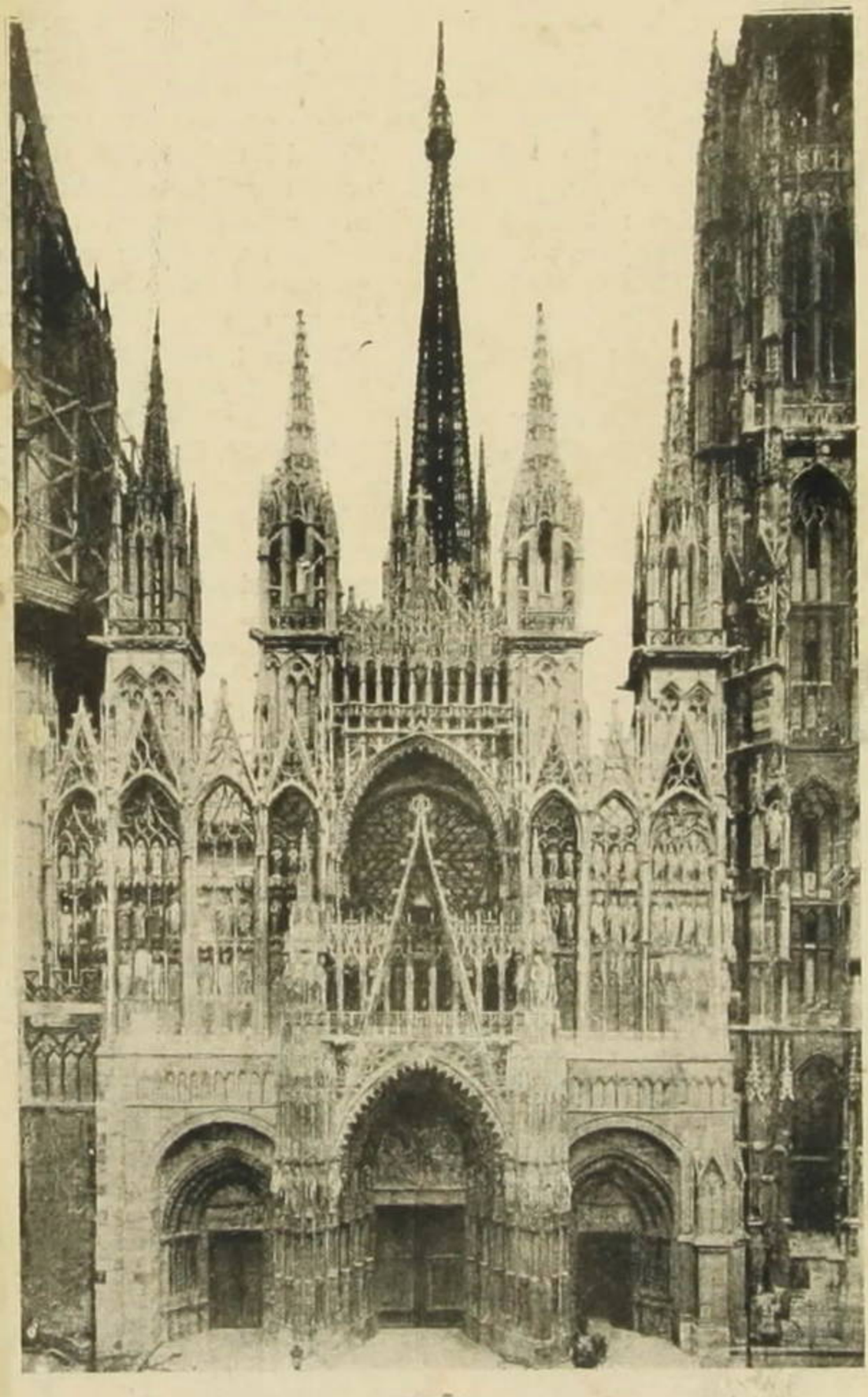
Alisares, cunhaes, cantos, pedras biseladas, portelos, cogoilos, misulas e peitoris fenestraes, tudo é esculpturado e cada um dos motivos de esculptura tem a sua significação lithurgica, religiosa, moral ou social. Aqui os demonios carregam um avarento para o inferno. Alli os sapos roem o peito dos luxuriosos. Ora se vêem nos porticos, em baixo relevo, os santos locaes, os trabalhos dos mezes, os signos do Zodiaco ou longa luta diaria do homem para ganhar a vida: a semeadura, a plantação da vinha, a matança do gado, a ceifa, a mésse, a batida do trigo na eira, a colheita dos fructos, o pisar da vindima, a educação, o treino e a alimentação dos cães e dos falcões de caça; ora, illustrações do Apocalypse: o Poço do Abysmo, os Anjos Exterminadores, as Bestas monstruosas e os Flagellos de Deus.

Construida com o lioz doirado da Champagne, com o calcareo do Somme, com a lava de Clermont ou com o granito da Bretanha, cada cathedral, desde a mais simples á mais esplendorosa, é uma summula theologica tão grande quanto a que São Thomaz de Aquino escreveu. Para isso se combinam todas as partes do edificio—vitraes, esculpturas, janellas geminadas, columnas e columnatas, umas illustrando o dogma, outras glorificando a moral, representando os capitulos principaes da Vida e Paixão do Senhor, da vida da Virgem e da vida da egreja, da Encarnação, da segunda vinda do Messias, da Virtude, da Graça, do Julgamento Final e da Egreja Triumphante. Cada coisa material duma egreja gothica traduz, assim, uma verdade theologica. Ha, portanto, quem as chame com razão «Biblia da Pedra» ou «Alphabetos e Epitomes

christãos». Biblia de arte magnifica! Alphabetos de Pedra, de vidro, de cores e de formas!

Hysmans diz que cada uma é «um livro de orações, um missal enluminado, encadernado em alabastro em vez de pergaminho». E precisa ser lido com religiosidade e com respeito, afim de se poder comprehender o sentimento que exprime e que a ergueu. Biblia e Evangelho, uma cathedral é tambem uma feeria de pedra trabalhada, que contem um mundo de pensamentos, um mundo de fé, um mundo de aspirações, um mundo ainda maior de symbolismo, como se ella fôra uma theogonia de ophite, de lioz ou de granito.

A Symbolica, que é a propria alma da Egreja e que creou a sua admiravel liturgia, foi a idéa mãe da arte medieval. Da arte medieval, isto é, da architectura, porque na idade-media foi a unica arte: ella,



RUÃO

contendo em si o germen de muitas, absorveu todas as outras. E no seu tempo se exaggeraram de tal forma as applicações do symbolismo que São Militão affirmava serem symbolicos os proprios membros do corpo humano, desde a lingua até os pés.

Em primeiro logar, a cathedral é a belleza que surge da terra escura e peccadora, ainda informe e pesada na sua base, aligeirando-se pouco a pouco, na ancia de elevar-se, rendilhando-se em seguida, e, depois, subindo, espiritualisada e leve, graciosa e aerea, para o céu azul, em audacio-a apotheose. Esse esforço de ascensão está todo elle nas linhas verticaes. As ogivas, os arcos trilobados, as flexas, as vegetações bizarras subindo pelos angulos dos nichos, os corucheus pontudos, o impulso dos arcos-botantes, os columnelos de diademas florejados, tudo representa a elevação para o firmamento, para Deus.

ÉVREUX

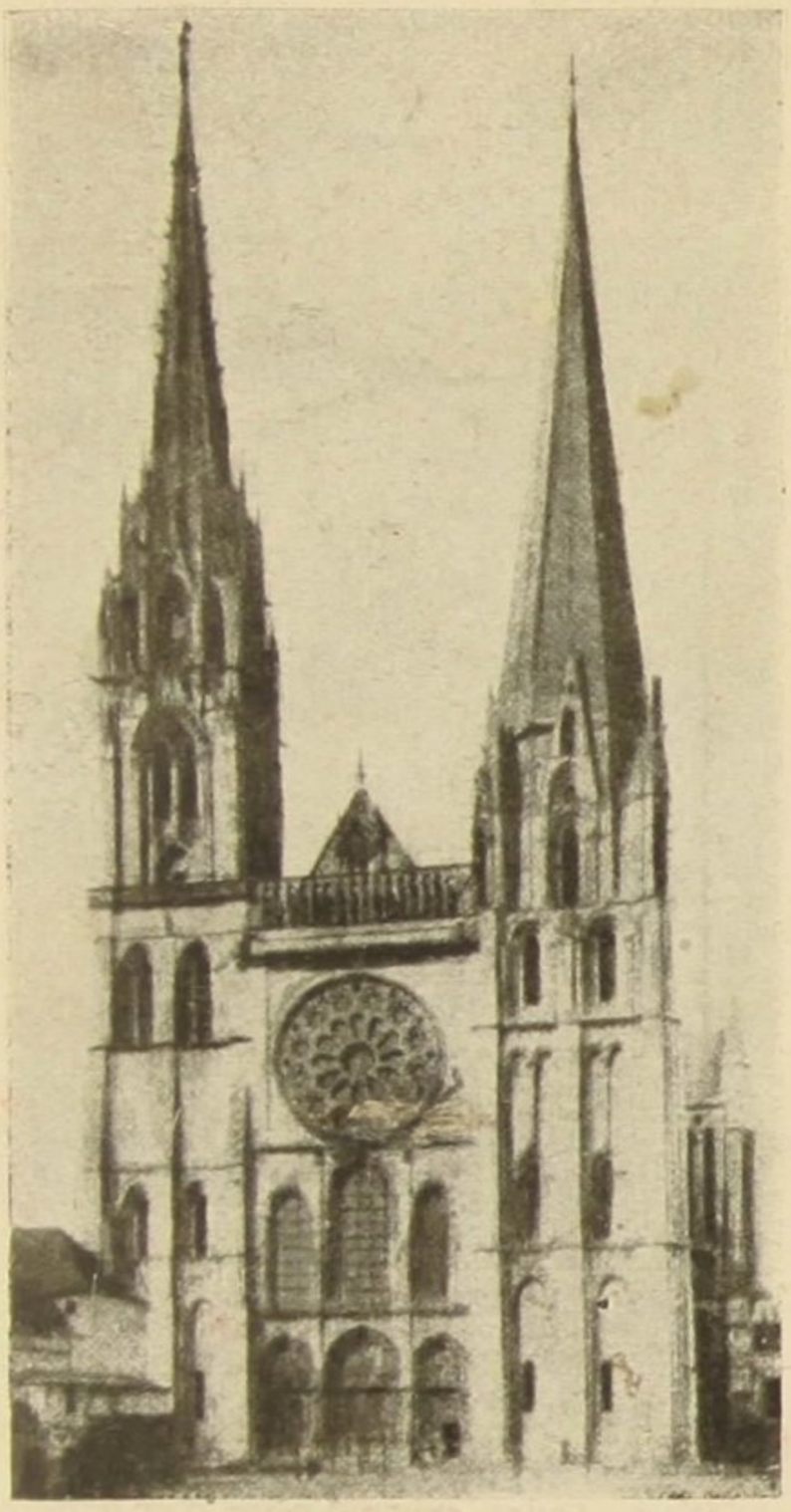
A base da cathedral, segundo se vê da sua planta, é uma cruz, cuja haste a grande nave forma e cujos braços são formados pelo transepto. Adiante do cruzamento da nave e do transepto fica a ábside, circular e semi-inclinada para um lado, toda rodeada de ousias, de pequenas capellas. A base mystica de todo o symbolismo da egreja gothica é essa cruz, representando a ábside a cabeça do Salvador, inclinada para um lado, e a série de capellinhas absidaes a corôa de espinhos.

A elevação do edificio é symbolicamente dividida em tres partes, que lembram a Santissima Trindade. E na parte basica devem estar os prophetas que predisseram-o Messias, como na parte superior os apostolos que o proclamaram. A cathedral deve ser uma historia completa de Jesus, desde o berço á crucificação, cuja representação significa uma victoria sobre o Docetismo, alcançando mesmo os episodios de sua infancia e da vida de sua familia, contidos nos autores apocryphos, as prophecias que o precederam, e o Apocalypse, que traça a sua segunda vinda e o julgamento final. Este está sempre esculpido no tremó do portico central, entre a scena do Golgotha e a Annunciação de Maria ou o Triumpho da Egreja.

No vasto symbolismo gothico se enquadram as maiores metaphoras evangelicas: a vinha, que é o Christo, com os ramos, que são os Apostolos; o peixe sobre a ancora, que é o fiel agarrado á salvação; David vencendo Goliath, que é, segundo as glosas, Jesus triumphando do demonio; e os dois ladrões, que são — o bom os christãos — o mau os judeus.

Todas as proporções e distancias obedecem a um mysticismo symbolico á velha sciencia pythagorica dos Numeros. Nellas só se encontram os numeros tres, cinco, sete, dez e doze, com sua significação correspondente biblica, lithurgica ou evangelica. E representam as sete artes liberaes, os quatro pontos cardeaes, os doze signos do Zodiaco, os quatro rios do Paraiso, os quatro Evangelistas, as quatro estações do anno, os quatro prophetas, os dozes mezes, as cinco especies de tentações, os cinco sentidos ou os sete pe-

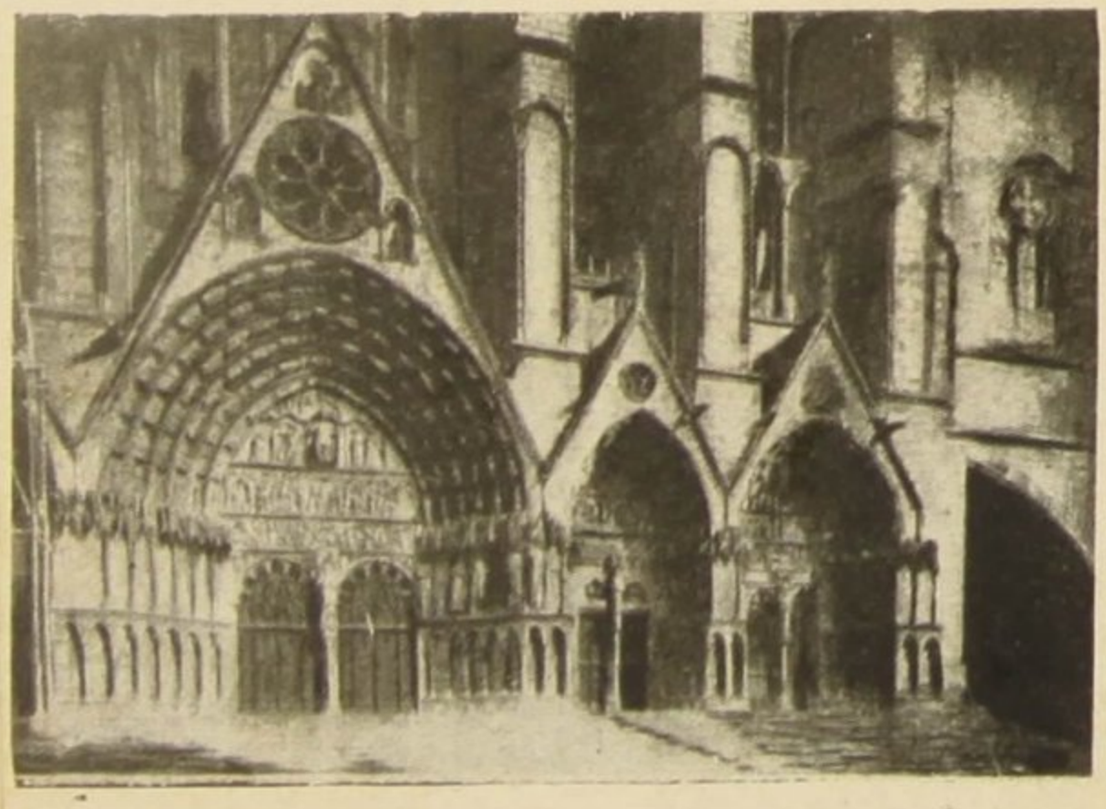
ccados mortaes e as tres virtudes theologaes. Convem dizer que a symbolica dos numeros data dos mysterios architecturaes da mais alta antiguidade; dos templos indús e egypcios, e dos de Ninive e de Babylonia, segundo Deodoro de Sicilia. As combinações mysticas dos numeros sagrados representavam grande papel nas construcções religiosas dos povos antigos,



CHARTRES

que empregavam especialmente sete, trinta e trezentos e sessenta e cinco, para symbolisar a semana, o mez e o anno.

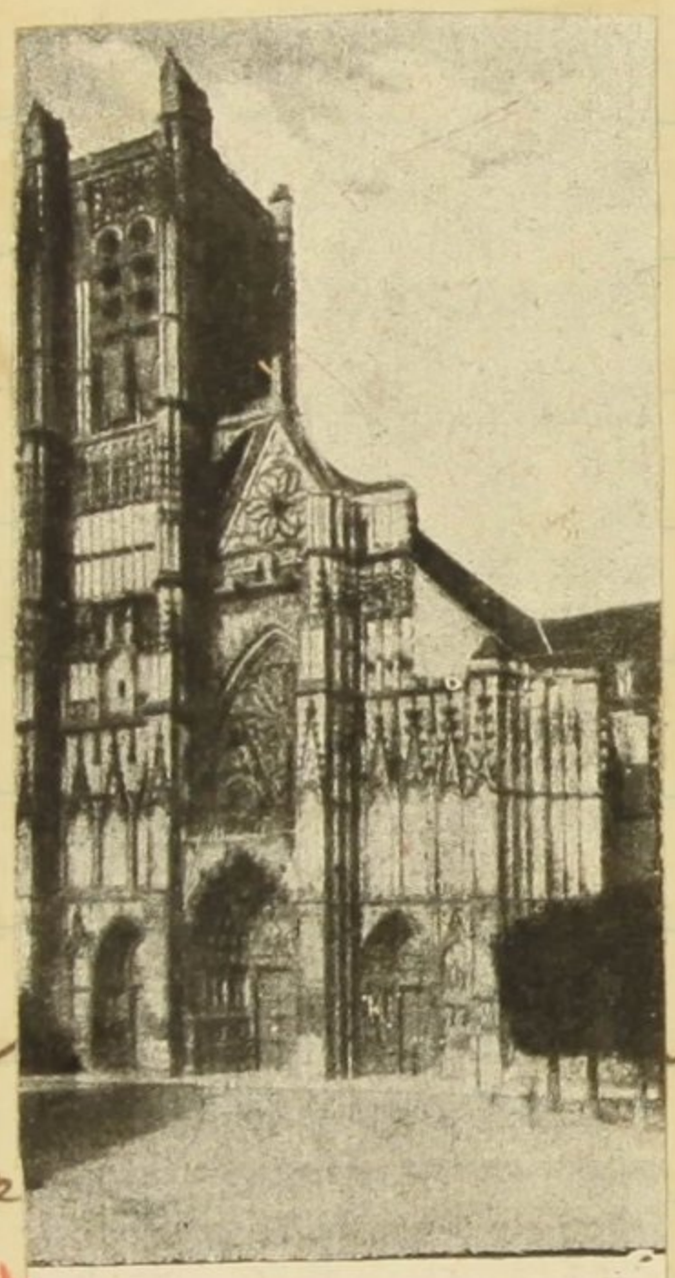
As ogivas são duas mãos postas em oração, entre as quaes reluz o sangue, refulge o azul e rebrilha o oiro dos vitraes. Estes allegorisam a vida interior: escuros do lado de fóra da egreja, com as suas rêdes de malha de chumbo que lembram a cóta, o perpunto, a loriga dos cavalleiros, são esplendidamente luminosos do lado de dentro. A alma deve ser assim—sómente



BOURGES

illuminada por dentro. Os pequenos tectos facetados das absidíolas recordam as cabeças dos cravos que pregaram Jesus. As rosaceas são as rosas mysticas, e os demonios das gotteiras e das balaustradas, os peccados que nos espreitam. As portas lateraes são as chagas das mãos do Crucificado; as principaes, as chagas dos pés. E as tres rosaceas da fachada, uma grande ao meio de duas menores, o presbytero entre o diacono e o subdiacono.

As duas torres, obrigatoriamente differentes, significam os dois grandes poderes da Egreja. A's vezes, essa differença é completa como em Strasburgo, onde uma morreu diante da outra; ás vezes, é muito apparente como em Amiens; ás vezes, é imperceptivel como em Reims e como em Norte-Dame. Mas existe sempre. Ademais, a grande belleza do gothico está justamente na sua asymetria, que os olhos mal percebem na maioria dos casos. Não ha numa cathedral duas rosaceas, duas janellas, dois ornatos iguaes. E todos parece que o são.



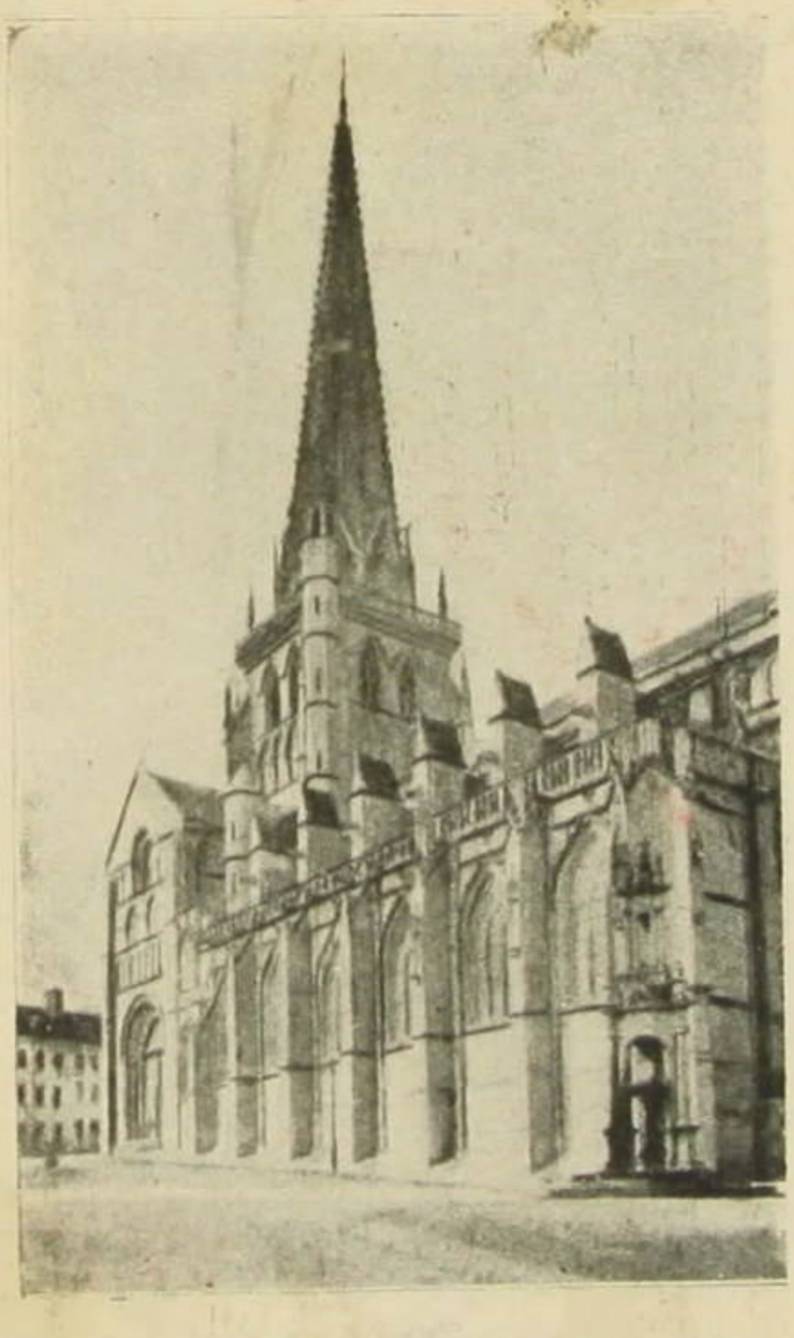
AUXERRE

A torre menor é a da Encyclica— representa o poder temporal. A torre maior é a do Evangelico — representa o poder espiritual. Ambas lembram as duas columnas do Bem e do Mal, que havia diante dos sanctuarios antigos; as columnas de Hercules; a de oiro e a de esmeralda, uma a luz, outra o abysmo, uma o sol, outra o mar, no portico de Melkarth, em Tyro; as mesmas que Salomão, cujos architectos eram phenicios, collocou á entrada de seu templo, denominando-as Jakin e Booz; as mesmas dos templos egypcios—uma que era vermelha e consubstanciava a ascenção do espirito para a luz, outra que era negra e indicava o captiveiro do espirito na materia; as mesmas que ainda hoje se encontram em qualquer loja maçonica. E esse symbolismo das torres, semelhante ao dos obeliscos e dos minaretes, ia muito mais longe do que parecia aos espiritos não iniciados.

O contraste do bem e do mal ou de sentimentos contrarios e profundos está em todas as cathedraes. Nos portaes, vê-se o combate das Virtudes e dos Vicios; Eva olha Maria—a Falta e a Redempção. Maria apparece em toda a parte, sempre triumphando, ora só, ora defrontando Eva ou Sant'Anna, ora representada pela Sarça, pela Arca da Alliança e pela Porta do Céu. Herodes, que expulsou a Virgem para o Egypto, está sempre em frente de Salomão, que acolheu hospitaleiramente a Rainha de Sabá. Diante da expulsão de Adão e Eva do Paraiso, a recepção do Bom Ladrão no Reino de Deus. As Virgens Sabias, que subirão á Gloria, contemplam as Virgens Loucas, que descerão ao inferno. Perante a Torre de Babel os Apostolos recebem o dom de falar todas as linguas. A Egreja volta-se para a Synagoga. Ao lado de capiteis pejados de hydras de linguas bifidas, de javalis peçonhentos, de demos grotescos, de beguinos emborrachados, florescem outros com a Ceia, com quadros de milagres—a multiplicação dos pães ou a ressurreição de Lazaro, com azas de seraphins e rosas mysticas entre corôas de espinhos.

TOURS

Por todos os lados, esculpturas significativas. Aqui, um leopardo, que quer dizer coragem; um tordo, que quer dizer covardia, ou o pavão, que quer dizer immortalidade, pois delle escreveu Santo Agostinho: «carni pavonis mortui ne putrescere». Alli, um camello, que é o symbolo da obediencia ou um leão, que é o da perseverança. Acolá, o cordeiro, que è



AUTUN

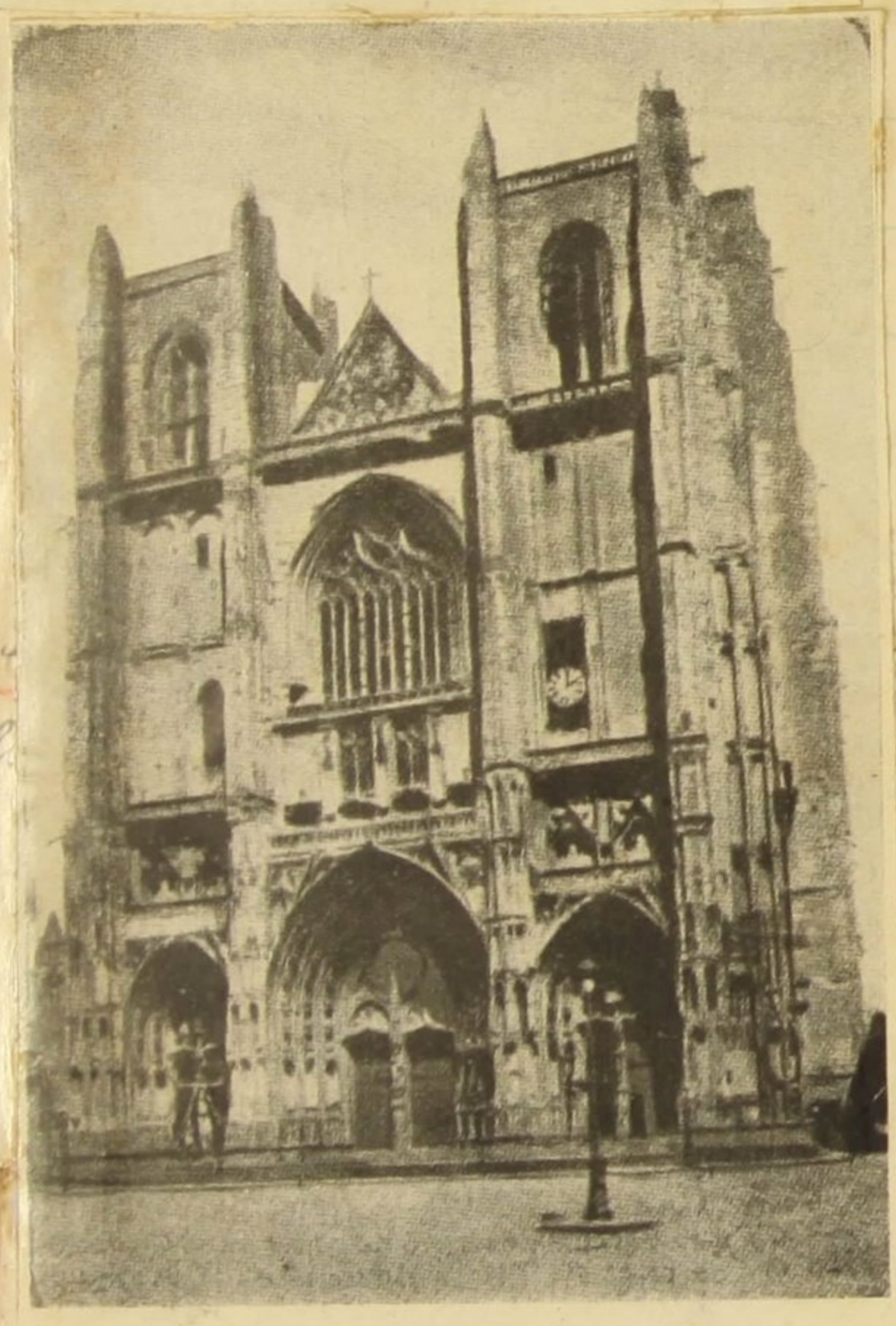
TOUL

doçura; a pomba que é humildade, e o phenix, que é resurreição e castidade ao mesmo tempo, porque vive só no mundo e renasce não do peccado, mas das proprias cinzas. Um homem descalço representa o infiel. Uma virgem domando um leão, a força. Uma mulher enraivecida, a colera. Um cavalleiro abandonando a espada, o medo. Uma donzella de mãos postas olhando para o ceu, a esperança. Um infeliz apunhalando-se, o desespero. E, conforme as celebres palavras do psalmo, o peccado carnal do homem é representado pelo leão e o peccado espiritual do anjo pelo dragão; a incredulidade do orgulho pelo basilisco com seu corpo de féra e seus seios de comborça, e a incredulidade da morte pelo áspide. E' o que diz Honorio de Autun, inspirador dos artistas medievaes segundo Emile Mâle, a respeito do áspide: O áspide é uma especie de dragão que se póde amansar cantando. Mas elle se defende dos que o querem amansar e, quando os ouve, colla uma das orelhas ao chão e tapa a outra com a cauda, de maneira que nada póde ouvir e escapa». E', assim, a imagem do peccador endurecido, que fecha os ouvidos a qualquer exhortação.

A serpente enrolada sobre si propria é a eternidade—velho symbolo oriental. Outro velho symbolo é o da serpe enroscada ao tronco da macieira paradisiaca—dragão guardando os pomos de oiro do jardim das Hespérides. Sapos, rãs e principalmente lagartos são, de accôrdo com a opinião de Pierius, a imperfeição e o impudor, pois na idade-media se acreditava que os lagartos nasciam dos cadaveres e que as viboras eram lagartos degenerados. Um dragão calcando um homem é a natureza humana vencida pelos instinctos bestiaes, o triumpho da materialidade grosseira sobre a espiritualidade. As quatorze Beatitudes celestes, esculpidas nas cancas dos arcos ou nos capiteis, cobrem-se com escudos symbolicos: no da Belleza ha quatro rosas; no da Liberdade, duas corôas; no da Concordia, dois casaes de pombos.

Olhemos ainda algumas das imagens das frisas, dos silhares, dos cantos e dos portaes: José vendido por seus irmãos, a traição de Judas, os vinte e quatro

SENS



NANTES

ARLES

velhos do Apocalypse, os quatro prophetas—Isaias, Jeremias, Daniel e Ezechiel sustentando os quatro Evangelistas. E' a velha lei que apoia a lei nova, o Antigo Testamento que forma base do Novo. Cada um dos apostolos é um symbolo: S. Paulo da Fé, S. Jacob Maior da Esperança, S. Philippe da Caridade, S. Bartholomeu da Castidade, S. Thomé da Sabedoria, S. Judas da Humildade, S. Pedro da Coragem, S. André da Paciencia, S. Jacob Menor da Doçura, S. Matheus da Obediencia e S. Simão da Perseverança.

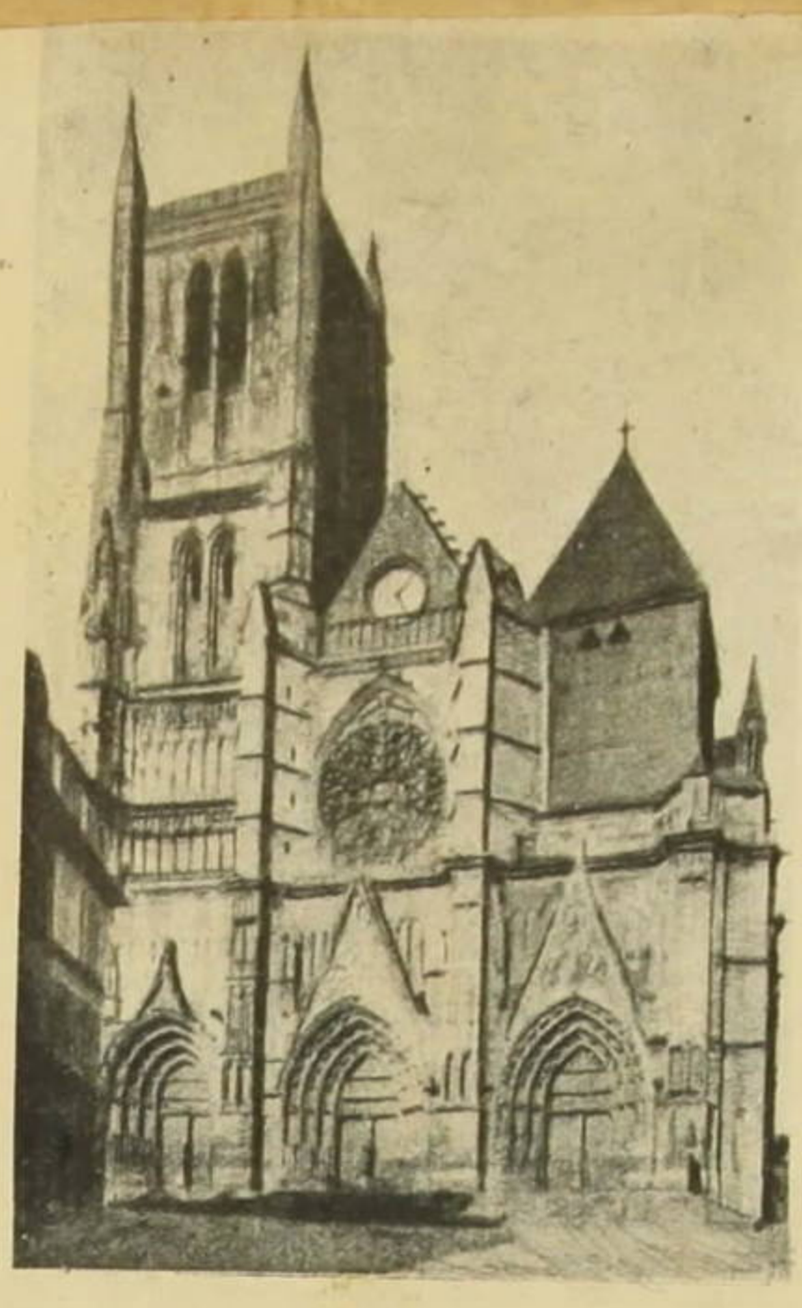
Entremos numa cathedral. O côro representa o ceu e a nave a terra. Nos mosaicos do chão ha labyrinthos, que são segredos maçonicos, e scenas religiosas e profanas. No transepto estão, por assim dizer, os braços do Salvador, e ao longo da nave as suas pernas. O altar é o antigo tumulo christão crucigiado sob o arcosolio das catacumbas de Roma e está no logar symbolico da cabeça de Jesus. Nos vitraes rubros dos trifolios, o sangue do Senhor; e nos vidros dos quatrifolios, as figuras do tetramorpho: os quatro animaes dos Evangelistas, da Arca da Alliança e da visão de Ezechiel—o touro, o leão, a aguia e o homem, emplumados.

As quatro columnas da archinave são os quatro Evangelistas, as sete capellas, os Sacramentos; as sete janellas do côro, os Dons do Espirito; as sete arcadas, os peccados mortaes; e as quatorze columnas do côro os doze Apostolos, o Divino Mestre e a Virgem.

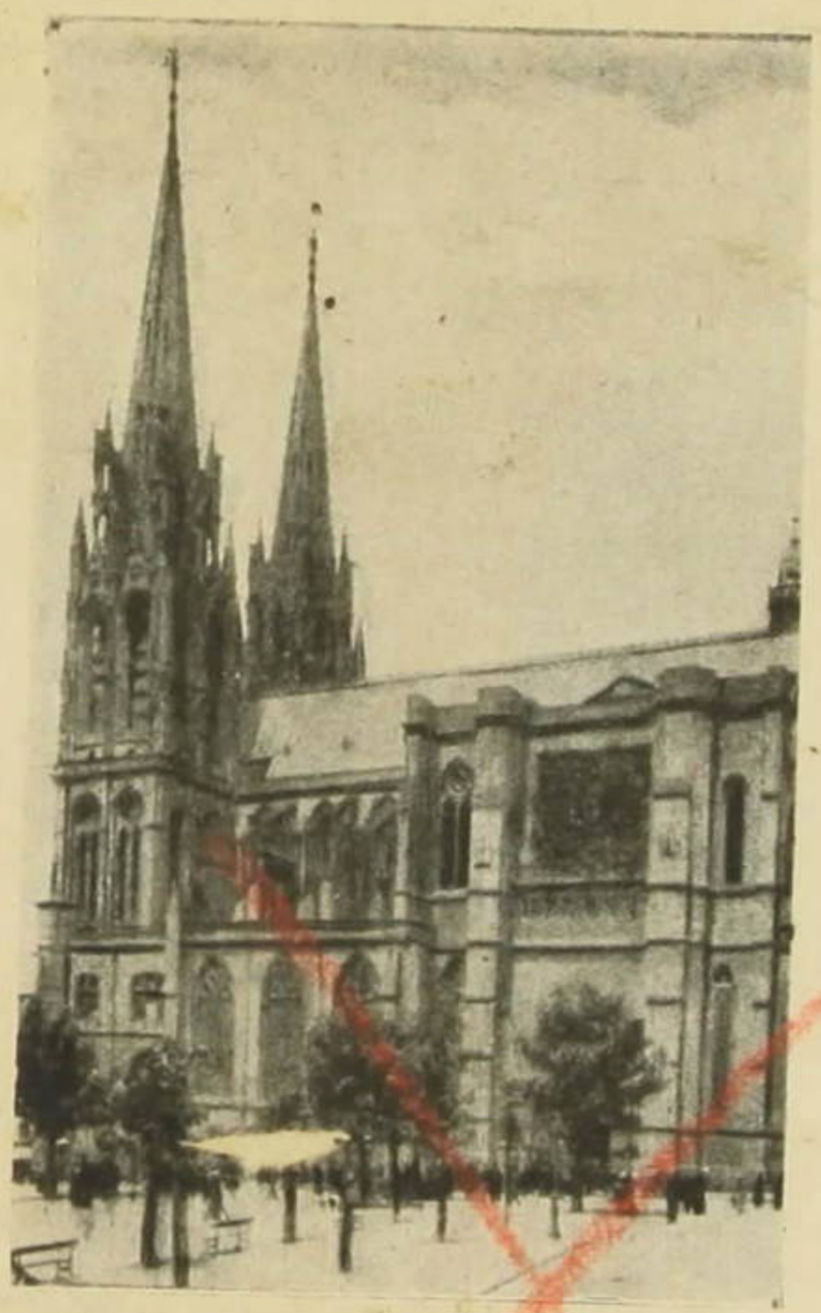
Durand de Mende vae ainda mais longe na descripção desse symbolismo. Assegura que os capiteis são as palavras da Escriptura; o chão, a humildade; o pulpito, a montanha em que Christo fez o sermão; os degraus do altar, os graus de perfeição; e os dois côros liturgicos que se alternam, o dos anjos e o dos justos.

Nunca mais a arte religiosa nem a arte leiga conseguiram produzir nada que pudesse igualar em belleza e em força de expressão esses monumentos unicos, que se não podem copiar nem imitar, perfumados de fé, feitos de amor, de trabalho honesto e de religião, que são uma das maiores riquezas do patrimonio moral e espiritual da humanidade. Delles disse Paul Desjardins:

"Fon-Fon" - 18-Fev-1922



MEAUX



CLEMONT-FERRAND

«quando as crenças desertaram dos corações, as pedras continuaram juntas».

Felizmente, para os que amam, o Bello e o Passado ainda continuam, e os insultos do tempo, e as furias do raio, e a pontaria dos artilheiros não conseguiram desunil-as. Contra ellas, seculares, sagradas, symbolicas e serenas, o Mal não prevaleceu de todo e nem de todo prevalecerá.

Selecta 25-2-922

NOTAS LITTERARIAS

Diz Anatole France que a critica é a mais moderna de todas as formas litterarias. Representa, portanto, o ultimo termo duma grande evolução. Sómente uma sociedade aliçerçada num longo e rico passado, tendo produzido grandes cousas em

arte attinge o periodo da critica. Estas considerações tóscamente tiradas do subtil autor da *Vie Litterarie* podem bem ser applicas á evolução espiritual dum dos mais interessantes escriptores do Nordeste do Brasil. E elle Luiz da Camara Cascudo, alma enthusiasta, ardente e generosa, que que no silencio delicioso do seu Estado natal, o Rio Grande do Norte, tem bem percorrido nos livros os melhores capitulos da vida dos homens. Seus estudos abraçam quasi todas as manifestações da Arte immortal. Graças a elles sua cultura é hoje uma das mais originaes, vastas e variadas

que conhecemos. No fim dessa admiravel evolução da sua intelligencia, o jóven escriptor deu á publicidade um bello livro de critica Ltteraria.

Seu espirito aperfeiçoado começou por essa forma litteraria regimentada, por onde as litteraturas acabam. Em paginas estylisadas, sobrias ás vezes, outras esplendorosas, do seu recente livro *Alma Patricia* estudou a alma dos autores e a alma das obras mais notaveis dos ultimos tempos no seu

Arlequinada...

As mulheres não quizeram consentir que aos homens somente coubessem os disfarces comicos do Pierrot e do Arlequim, embora desde a Comedia Italiana e desde os bufões do tempo de Horacio elles fôssem exclusivamente masculinos. E crearam as Pierrettes e as Arlequinas. Aqui está uma destas ultimas a falar, sorrindo, com o seu sceptro florido de fitas e encimado por uma cara de polichinello. Esta scena carnavalesca é um verdadeiro symbolo: quem de nós homens não é um eterno boneco ás mãos divinas das mulheres! E, lembrando Pierre Louys, podemos dizer que aqui estão «la femme et le pantin...»

"Fon-Fon" 18-Fevereiro-1922

Narciso «Paira, desde a rude infancia, sobre a humanidade, como luz intangivel e eterna, a imagem augusta da belleza. Sem ella, o homem habitaria ainda a caverna solitaria, fechado á ronda dos instinctos, no seio hostil da Natureza, Foi decerto o sentimento do Bello que abrio, na noite da Historia, a senda luminosa da Perfeição.»

Com estas palavras inspiradas Fléxa Ribeiro, que é fino estheta, abre as portas de ouro do seu ultimo livro «Narciso», em cujas paginas perpassa um sópro alegre de amor á Vida pela propria Vida e em que rebrilham as facetas do seu culto espirito.

E' um volume de linguagem sobria e elegante, cheio de tonalidades raras e de pepitas aureas, que a gente acha, mira e remira com prazer. Todo elle se atavia de conceitos estheticos, subtis ou paradoxaes, que dão bem a medida do espirito attico do seu autor.

O heróe Passou por mim na rua um velho de longas barbas brancas, com uma farda kaki sergido em varios logares, um boné desbotado a cabeça, as iniciaes I. P., invalido da patria, na gola, coxeando. Respeïtosamente o olhei e tirei-lhe o meu chapéu.

— Pobre velho! disse em voz baixa um individuo gordo que esperava o bonde, encostado ao poste.

Fiquei intimamente indignado contra essa insolita e desnecessaria piedade, de que aquelle modesto heróe não carecia nem pedia. E murmurei, para consolar-me, os versos duma grande poetisa franceza:

"Vous me repousseriez si, devant vos blessures,
Je gémissais plaintive, et d'un coeur affaibli,
Non! á votre vertu je me hausse et mesure,
Selon votre grandeur celle de mon pays!"

"O Jornal" — 16 - Fevereiro - 1922

A ERA DAS EMBAIXADAS

Quando Mahomet no anno de 630 tomou a cidade sagrada de Meca, vencendo a ultima resistencia dos coreishitas, dezenas de deputações enviadas pelas tribus arabes que ainda não haviam abraçado o seu partido vieram offerecer-lhe a submissão dos seus cheiks e guerreiros. As chronicas do Islam, querendo mostrar que esse anno foi o do verdadeiro triumpho do apostolo arabe e da nova religião, appellidam-n'o a Era das Embaixadas. Com effeito, a chegada consecutiva de tantos embaixadores das velhas tribus livres do Yemen, do Hedjaz, do deserto, da peninsula do Sinai, da Peréa, da Mesopotamia, de mais longe ainda, aureolou a cidade do Kaaba com um prestigio immenso no Oriente fanatico. E é facil verificar que não ha povo ou nação, envoltos pela victoria, pela riqueza ou por uma influencia forte qualquer, que se não veja logo rodear por embaixadas, como no celebre anno de 630 o primeiro Commendador dos Crentes.

De algum tempo a esta parte raiou para o Brasil a sua Era das Embaixadas. A despeito de nossos erros politicos, de nossos crimes administrativos, de nossas asneiras economicas e de nossas faltas financeiras, em verdade não se póde negar que nos ultimos annos subiu muito nosso prestigio internacional.

A Europa nos viu ao seu lado nos dias difficeis da guerra, justamente quando maiores probabilidades de ganho de causa sorriam aos Imperios Centraes. A Europa viveu bastante do que lhe fornecemos. Nossa amizade pelos Estados Unidos não se tinha desmentido quando elle entrára na luta. A nossa riqueza crescera, a nossa força e o nosso prestigio no concerto das nações augmentára. Todo o mundo sentira que eramos e somos, naturalmente, embora não o queiram uns ou outros, pela nossa posição geographica, pela nossa população e pela nossa superficie florescida de riquezas naturaes, o paiz "leader" da America do Sul. E moralmente nós podemos deter a hegemonia do continente, porque não somos imperialistas, não alimentamos desejos de conquista e nem guardamos pela violencia territorios de ninguem.

Quando cresceramos bastante na sua amizade de irmãos, Portugal e os Estados Unidos nos enviaram embaixadores. A Santa Sé já o tinha na sua antiga nunciatura do Brasil. Quando formámos nas fileiras dos que defendiam o patrimonio da civilização mediterranea contra o asiatico arremesso dos germanos, as velhas potencias européas ciosas das suas pragmaticas protocollares e dos

seus altos favores diplomaticos crearam logo embaixadas no Rio de Janeiro. A visita real de Alberto I trouxe a troca de embaixadas com a Belgica. Começára e continuava para nós, como na Hegira mahometana, a Era das Embaixadas. E sómente nos faltava para completal-a o mesmo gesto partindo das irmãs de sangue, embora não de lingua, do continente.

Coube ao Mexico heroico romper a marcha. O paiz de Hidalgo e de Juarez comprehendeu quão despida de interesse mesquinho é a nossa politica na America, soube ver que só desejamos congraçamento e paz, que, se as circumstancias do momento e os factores naturaes impõem de certo modo a nossa proeminencia, ella não vive de alardear-se nem ameaça ninguem. Dahi a nobreza cavalheiresca do seu gesto, rendendo-nos uma homenagem que nos veiu cair directamente no coração e que, estou certo, o Brasil saberá condignamente retribuir. Entretanto, não precisa unicamente retribuir; deve guardar preciosamente a lembrança de que o Mexico foi o primeiro paiz da America Latina que, com toda a confiança e toda a galhardia, nos estendeu os braços leaes. E, dadas as condições difficeis da sua politica internacional na America, pois o valente povo de Anahuac não consegue descanso devido aos tropeços de toda a sorte que lhe créa perigoso e poderoso vizinho, sendo, como dizia em mensagem o general Carranza, um "paiz atropelado", a significação desse gesto é muito maior do que á primeira vista possa parecer.

Desde antes do general Sant'Anna e da sua famosa guerra, que o Mexico se debate contra influencias estrangeiras. Desse ponto de vista nenhuma nação americana tem soffrido mais do que a Patria de Amado Nervo. A França de Napoleão III lhe fez guerra para lhe impor um imperador austriaco. Os Estados Unidos lhe tem roido insidiosa e continuamente as fronteiras septentrionaes, enfeitando a sua nomenclatura geographica com termos mexicanos: California, Texas, Nevada, Nuevo Mexico... A sua situação distante da America Latina não lhe permittiu formar com ella um blóco mais ou menos concreto, como o das republicas que olham o Atlantico ou se miram no Pacifico. Com vista sobre os dois mares, viu erguer-se sobre sua cabeça o colosso yankee e para apoiar os pés só achou as pequeninas e tumultuarias democracias da America Central. Longe estavam as irmãs de sangue, raça e lingua que o podiam soccorrer ou pelo menos moralmente amparar das investidas injustas. Mas o sentimento da sua solidão não deu desanimo aos descendentes dos Toltecas, dos Aztecas e dos conquistadores de Fernão Cortez. Antes lhes fez crescer a coragem soberba. O Mexico fez trabalhosamente a sua independencia e trabalhosamente a tem conservado, repellindo francezes e americanos, embora muitas vezes dilacerado por lutas intestinas, fomentadas na maioria pelos interessados externos numa anarchia interna, embora calumniado universalmente pelo telegrapho.

Nomeando seu primeiro embaixador nos Estados Unidos do Brasil o illustre sr. dr. Torre Diaz, que já era seu ministro plenipotenciario e chegára a gosar do maior prestigio no nosso meio official pelos seus merecimentos proprios, os Estados Unidos do Mexico deram o primeiro passo para uma approximação maior e mais util entre as duas grandes republicas. Pode dizer-se mesmo que deram um grande passo para maior união de toda a America Latina. Porque a creação da Embaixada Mexicana aqui é uma semente que frutificará. Já o Chile cogita da mesma colsa e as maiores nações sul-americanas seguirão por certo o exemplo dos descendentes de Montezuma. E o Brasil verá com honra e gaudio encerrar-se pela mão da America com chave de ouro o brilhante cyclo da sua Era das Embaixadas.

João do NORTE.

"Fon-Fon" 18-Fevereiro-1922

A Idade Kali

Lamentei a degradação moral dos homens na época interesseira em que vivemos. O cavalheirismo e a lealdade desapparecêram e só o egoismo infrene predomina. Claudio França que me escutava sorridente disse:

— E' a idade kali.

— Que vem a ser isso?

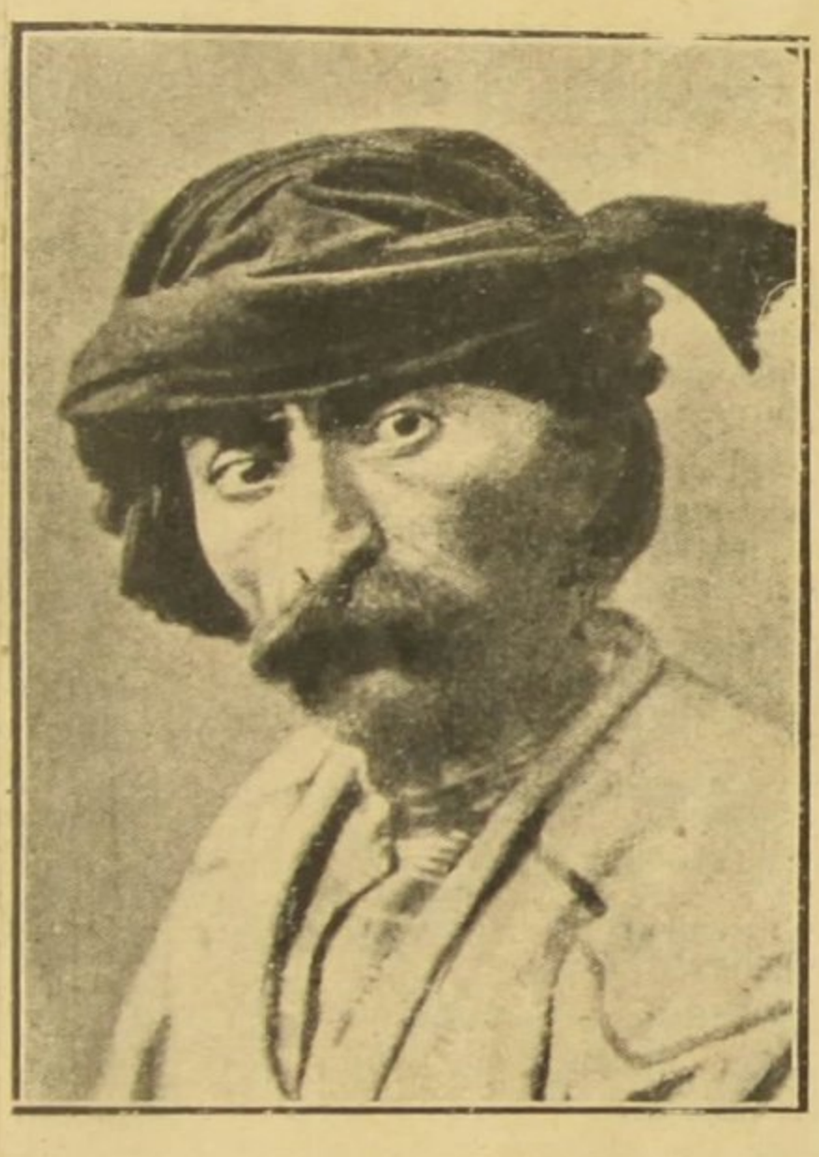
— Cousa muito simples. Todos os antigos acreditavam na Idade de Ouro, época ideal que houvera na terra. A crença é profundamente oriental, é indú. Mas, ao lado dessa éra, os indús criam noutra que viria no futuro. Os seus livros sagrados chamam-n'a Kali e assim a descrevem: "dia a dia, com o tempo, desapparecerão o Dever, a Verdade, a Pureza, a Paciencia, a Compaixão, a Vida, a Força e a Saudade. E na Idade Kali a riqueza vantajosamente substituirá entre os homens a nobreza de origem, a virtude, o merito. O direito será a força. No casamento não se procurará a prole, mas o prazer; nos negocios dominará a astucia; nos sexos sómente viverá a voluptuosidade"... Estamos ou não estamos na Idade Kali?

Eu fiz tristemente que sim, com a cabeça...

O MARTYRIO DOS GREGOS

Todo o mundo conhece a velha e inesgotavel crueldade dos turcos contra as populações gregas das terras asiaticas e europeas que esses barbaros occupam. Recentemente, exasperados com a guerra que lhes movem as heroicas tropas do Rei Constantino, os descendentes das hordas de Othoman procuram martyrizar de todas as maneiras as populações helladicas das regiões que devastam, matando as, roubando-as ou deportando-as. Eis aqui algumas palavras da exposição que o Sr. Deudramis fez sobre o martyrio das populações deportadas na Quinta Commissão da Liga das Nações.

Se na Turquia as deportações de armenios sobrelevam em quantidade de infelizes ás de gregos, estas foram organisadas em vasta escala, pois da declaração de guerra ao armisticio mais de seiscentos mil hellenos foram arran-



Typo de turco matador de christãos gregos da Asia Menor.

cados dos seus lares e transportados para os confins da Anatolia.

Embora julgue inopportuno fazer aqui exhibição de algarismos, acho não ser de todo inutil tomar emprestado ao Patriarchado Ecumenico uma recapitulação da Estatistica Geral das deportações que esse organisou, diocese por diocese, localidade por localidade, mesmo até familia por familia.

O numero total de deportados gregos, que approximativamente indiquei ha pouco, divide-se desta maneira:

Provincias:

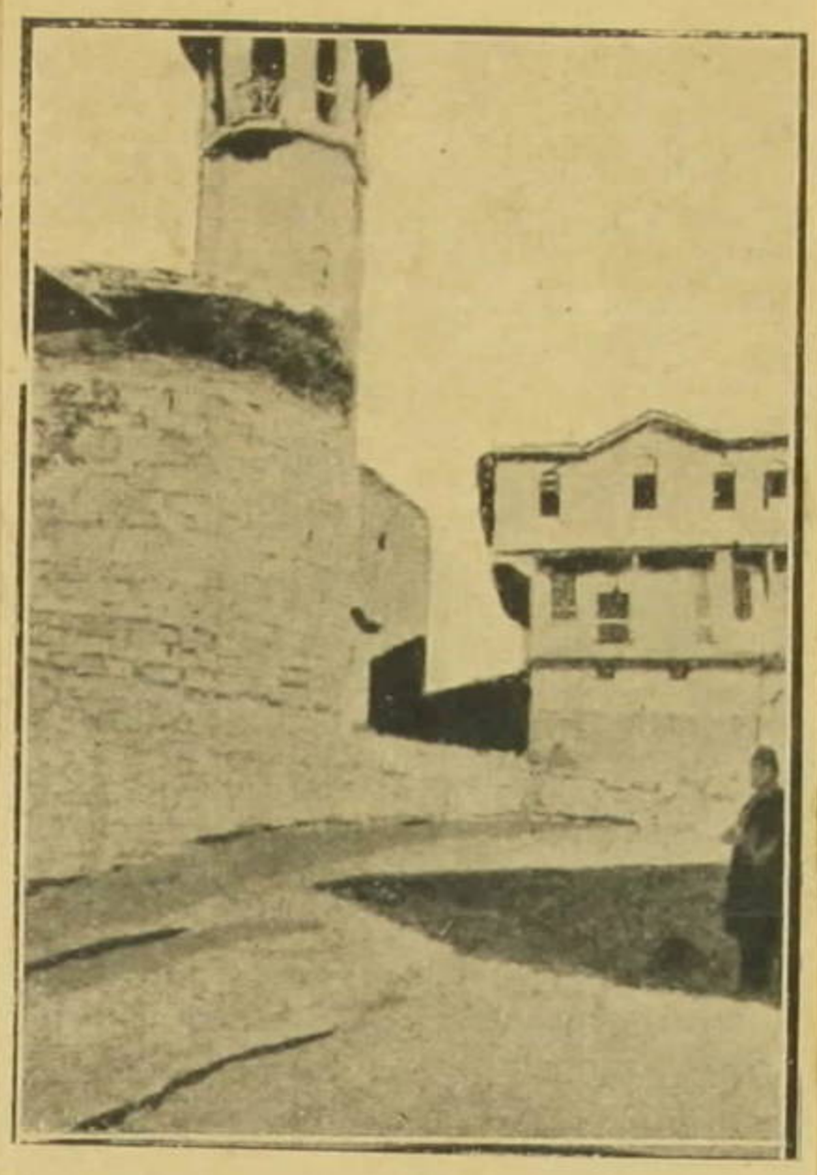
Thracia Oriental	252.276
Constantinopla	18.872
Dardanellos	25.430
Balikesser	43.815
Ismid	8.336
Brussa	12.076
Koniah	1.270
Kastamuni	14.143
Sivas	21.448
Trebizonda	231.579
Total	628.945

Trebizonda, cidade grega, a antiga e celebre Trapezunte, cuja população foi quasi totalmente chacinada pelos turcos.

Se se tomar em consideração o facto de que antes da guerra a população dessas provincias era de 1.725.929 habitantes de raça e lingua gregas, verifica-se que mais

dum terço dessa cifra foi deportado durante a guerra.

Esse novo modo de perseguição' inaugurado de proposito firme pelo governo constitucional da Turquia,



Uma vista de Angora, com uma torre de atalaia sobre a rua.

apresenta a aggravante de ter sido dictado, não pelas considerações estrategicas, como alguns quizeram fazer acreditar, o que em rigor poderia ser defensavel, porém sómente por considerações de ordem meramente politica. Basta, para se ficar convencido disto citar o trecho duma ordem reservada de Talaat Bey, Ministro do Interior, datada de 14 de Maio de 1914, isto é, antes mesmo da declaração de guerra:

« E' urgente, em virtude de razões de ordem politica, que os gregos habitantes das costas da Asia Menor sejam obrigados a evacuar suas aldeias para installar-se nos *vilayets* de Erzerum e da Chaldéa. »

O total dos deportados gregos que pereceram eleva-se sómente na provincia da Tracia a 50 mil! Das regiões de Constantinopla, Dardanellos e Brussa os mortos sobem a mais 15 e 20 %; nas de Koniah, Kastamuni, Sivas e Trebizonda, a mais de cem mil!

Logo após o armisticio, os sobreviventes foram autorisados a voltar aos seus lares, porém ahi encontraram destruido e roubado tudo quanto haviam obtido com trabalho tenaz e paciente. Nas cidades, as casas dos deportados, seus moveis e estabelecimentos commerciaes estavam ás mãos dos habitantes musulmanos ou dos immigrantes trazidos pelo governo turco.

Nas aldeias, a situação era peior: industrias prosperas como a da seda, desenvolvida pelos camponezes christãos, com o auxilio da administração européa, tinham sido inteiramente destruidos.

Mau grado essa situação difficil, as autoridades britannicas, procurando conciliar sua politica de clemencia tradicional para com os turcos e sua solicitude contras as victimas christãs, tentaram resolver amigavelmente o problema das restituições e repatriamento dos deportados.

Creou-se um Conselho na Embaixada ingleza, em Constantinopla,

Vista da cidade grega de Kerassus, cujos habitantes fôram na maioria mortos pelos turcos.

encarregado de receber as queixas dos Patriarchados grego e armenio relativas ás difficuldades encontradas na reinstallação dos exilados, recuperação dos orphãos e restituição dos bens illegalmente tomados. Officiaes inglezes receberam a missão de inspeccionar as zonas de repatriamento e de aplanar as divergencias, não havendo duvidas que, se forem interrogados, poderão contar quanto sabem da conducta dos espoliadores musulmanos e dos funccionarios turcos contra os queixosos christãos. Apezar de tudo, se os repatriados puderam recuperar parte de seus bens, devem isso ao assiduo e dedicado trabalho da secção armeno-grega da Embaixada ingleza e á philanthropia de seus membros, todos elles militares britannicos, como o general Drieds, os coroneis Graves e Binns, o major Smith, o Inspector Hadkinson, os capitães Persings, Hurst, Slade, cujos esforços foram incançaveis.

Embora no agglomerado humano dos exilados não haja estatistica especial, separada, de mulheres e de creanças, póde-se, no emtanto, affirmar que só estes são em numero superior a 300.000!!

"Correio Paulistano" 22 Janeiro 1928

OS CIGANOS

Entre os povos que habitam a terra, nenhum tem despertado mais viva curiosidade e provocado maiores discussões, a respeito de sua origem, do que os ciganos.

Desde muitos seculos elles vagueiam pelo mundo inteiro, passando por entre as outras raças sem se misturarem, conservando mais ou menos a sua lingua, os seus habitos e os seus costumes curiosos.

Homens e mulheres, ou Roms e Juwas, como elles se chamam, professam profundo desdém pelo resto da humanidade e carregam sob os seus farrapos multicores mais pretenção do que um rei debaixo do seu manto de purpura.

Não se sabe de onde vêm, nem para onde vão. Seu berço e sua finalidade entre os povos são mysterios indecifraveis. Nunca se soube o que queriam, o que desejavam. Passam, e ás vezes voltam. Não têm destino certo e desconcertam quem os observa e os estuda pelo segredo immenso que os envolve.

Para Jean Aicard, essa grei selvagem e primitiva apparece entre os civilizados como estes eram em longinquo passado. E o illustre escriptor do **Roi de Camargue** exclama: "Os ciganos são os phantasmas de nós mesmos!"

Conforme as terras que atravessam e as linguas com que têm contacto, chamam-lhes bohemios, gitanos, zincali, zingari, zigeuner, zinganes, tziganes, ciganos, gypsios, romani, romichals.

Para alguns autores, vêm do Egypto; para outros, da India. As suas tradições falam do seu antepassado Çudra, vencedor do dragão. Çudra é o servo indu'. E, assim, parece que essas tribus sahiram da ultima casta do Hindostão.

Seu primeiro apparecimento, na Europa, segundo parece, fez-se pelo valle do Danubio. Xenopol, o historiador celebre dos romenos da Dacia Trajana, regista a sua existencia nas regiões moldo-valachas, dessa época e posteriores, como um como escravos, sujeitos a um regimen de ferro. Varios documentos dessa época e posteriores, como um chrysobulo de Estevam Duchan, rei dos servios, que dava a um mosteiro varias familias zingaras escravas, provam as asserções do historiographo. E sómente em 1785 o "sobornicexul-chrysov", decreto de bulla de ouro, de Alexandre Maurocordato, melhorara a sorte desses infelizes.

João Bento Scherer, que foi jurisconsulto do Collegio Imperial de Justiça de S. Petersburgo, e publicou em 1777 o seu curioso volume "Recherches historiques et geographiques sur le Nouveau Monde" (edição de Brunet — Paris — mesma data), annotou uma origem diversa para os ciganos, com visos de verdade e curiosissima. Diz elle, em resumo, que todos os povos comprehendidos sob a designação geral de esclavões: polonos, vendes, croatas, bosniacos, dalmatas e russos, deram a si proprios o titulo de slavos, palavra originaria da velha lingua esclavonica, que quer dizer gloria ou bravura. Anteriormente, porém, seu appellido era Czighi e elles habitavam o Caucaso.

De todos esses povos, descendentes de um tronco commum, unicamente os bohemios conservaram o nome primitivo, modificado em Czechi ou Tcheque.

Delles, affirma Scherer, sahiram os nomades, que os francezes denominam bohemios, os allemães zigeuner, os italianos zingari e os hespanhóes gitanos.

O escriptor judeu Benjamin de Tudela, citado por Scherer, diz que os esclavões das regiões danubianas vendiam grande numero de seus filhos aos povos vizinhos. Saladino, o grande sultão do Egypto querendo, no seculo XII, fundar uma milicia semelhante aos Janizaros da Turquia, comprou muitas dessas crianças, que mandou educar na religião mahometana. Depois, deu-lhes excellente instrucção militar, formando com elles a sua guarda. O povo appellidou-os, no Egypto, Mamelucos, o que significa **escravo comprado**, do verbo **malak**, comprar, adquirir, apropriar-se.

Esses Mamelucos, continúa Scherer, eram desta sorte verdadeiros czighi ou czechi ou tchegues. A sua influencia deu-lhes grande poder no Egypto, de onde, muitos, conforme o que asseguram Bergeron, no seu "Abregé de l'histoire des Sarrasis", e Etienne Pasquier, nas suas "Recherches sur la France", emigraram para o occidente europeu, especialmente após a perseguição que no seculo XVI lhes moveu o sultão Selim.

E, da sua alcunha gentilica de Czichi ou Czechi, vieram os termos **zigeuner, zingari, tzigane**. Da significação verdadeira dessa palavra Czighi sahiu a expressão **bohemios**; e da corruptela do egypcio, a de **gypsios**.

Apesar dessas **recherches** de Scherer e das de outros muitos sabios e eruditos, a opinião mais geral é ainda a que affirma a origem indu' dessa gente errante, baseada sobretudo na sua lingua.

O grande linguista austriaco Miklosich estudou profundamente o dialecto dos ciganos e chegou á conclusão de que, retirando-lhe os termos adquiridos na convivencia com outros povos, o seu fundo glottologico é, em verdade, um prakrito muito corrompido.

Ora, o prakrito é a lingua mais directamente derivada do sanskrito, isto é, não passa de um sanskrito vulgar, estando para o latim puro como o latim barbaro.

Jacolliot, no seu eminente livro "Traditions Indo Européennes", diz o seguinte: "Pendant longtemps on a fait venir de l'Egypte ces bandes errantes appelées en France tsiganes ou bohémiens, en Angleterre gypsies, en Suéde et en Danemark, tartares, en Espagne gitanos, en Allemagne zigeuner, en Italie et en Turquie zingari, mais l'etuds de leur langage les a rattachés á la grande famille indone; il a même eté possible, en examinant l'état présente de leur lexique au point dé me des élements étrangers qui s'y rencontrent, de tracer la route qu'elles ont parcourue de l'Inde en Europe".

Segundo os especialistas no assumpto, esse caminho foi o seguinte: partindo da India pelo Indus, atravessaram a Persia, a Armenia, a Asia Menor, a Grecia, a Romania, a Hungria, a Bohemia, a Moravia, a Allemanha, a Polonia, a Lithuania, a Russia, a Scandinavia, a França, a Italia, a Inglaterra, a Escocia, os paizes baixos, a Hespanha e Portugal.

Dahi passaram para o Brasil, especialmente para o Ceará, onde varias de suas tribus foram desterradas por ordens regias.

João do NORTE

"Fon-Fon" 25-Fevereiro 1922

Na Tijuca O nosso automovel ia de vagar pela magestosa floresta da Tijuca. A gloria do sol atravessava as ramarias rumorosas e vinha espalhar-se na areia clara das aléas em myriades de moedas de ouro. Cantavam cigarras, pipilavam passaros nos montes, zumbiam insectos, mil ruidos fugiam das folhagens — como se elles fôssem as galhardas falante do carvalho de Dodoma. Um augusto encanto nos envolvia todos na sua rede dourada. Silenciosamente, ella pousára no meu hombro a sua cabeça loura, mais bella e mais gloriosa e mais rica que a luz do sol, murmurando:

— *Berce-moi, forêt, berce-moi!*

Eu acompanhei as suas palavras com o mesmo estribilho:

— *Berce-moi, forêt, berce-moi!*

"Selecta" — 18 - Fevereiro - 1922

OS RIOS DA POLONIA

É famosa no mundo a pinturesca belleza dos rios da Polonia. Entre elles, o Vistula, o Odra, que os allemães chamam Oder, e o Moltava, que os mesmos denominam Moldau, levam a palma a todos os outros. Ha nas suas bordas paysagens curiosas e encantadoras.

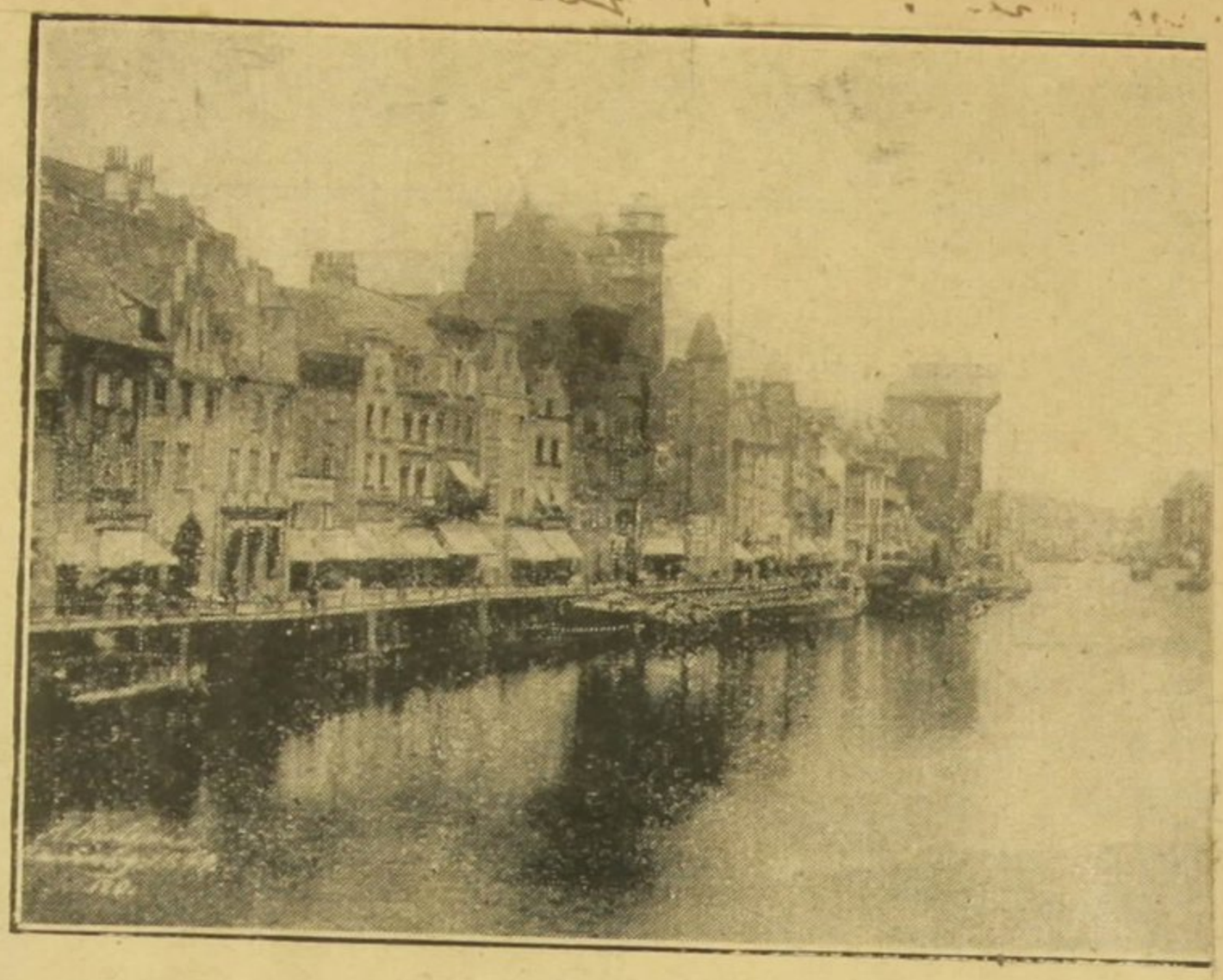
Acompanhando esta nota, damos delles algumas vistas, afim de mostrar aos leitores que effectivamente, ha motivos de sobra para se gabar o encanto dos rios que correm através os territorios ferteis da nobre Republica Polona.

O Vistula, que banha a capital do paiz, a heroica cidade de Varsovia, é o principal delles todos. A's suas margens Pilsudski venceu a formidavel offensiva bolschevista. Apresentamol-o dentro da graciosa moldura dum arco de ponte, banhando tranquillamente um dos arrabaldes de Varsovia, o suburbio de Praga.

Mostramos o Moltava ou Moldau em Danzig, reflectindo os mastros dos navios e as fachadas denteadas das casas, a lembrar uma vista de canal flamengo.

Apresentamos o Odra ou Oder, cortando as terras ricas e disputadas da Alta Silesia, orlado de vegetações esplendidas, com as aguas luminosas cortadas pelas carenas dos grandes barcos que o descem ou remontam.

Por fim, publicamos uma vista em que casas antigas se miram na face calma e transparente do Bydgoszcz, relembrando as illustrações a agua forte de Leon Lebégue para a descripção do curso do Bièvre de Huysmans.



POLONIA — O rio Moltava em Danzig.

POLONIA — O Vistula no bairro de Praga, em Varsovia.

"Fon-Fon" 25-Fev.1922

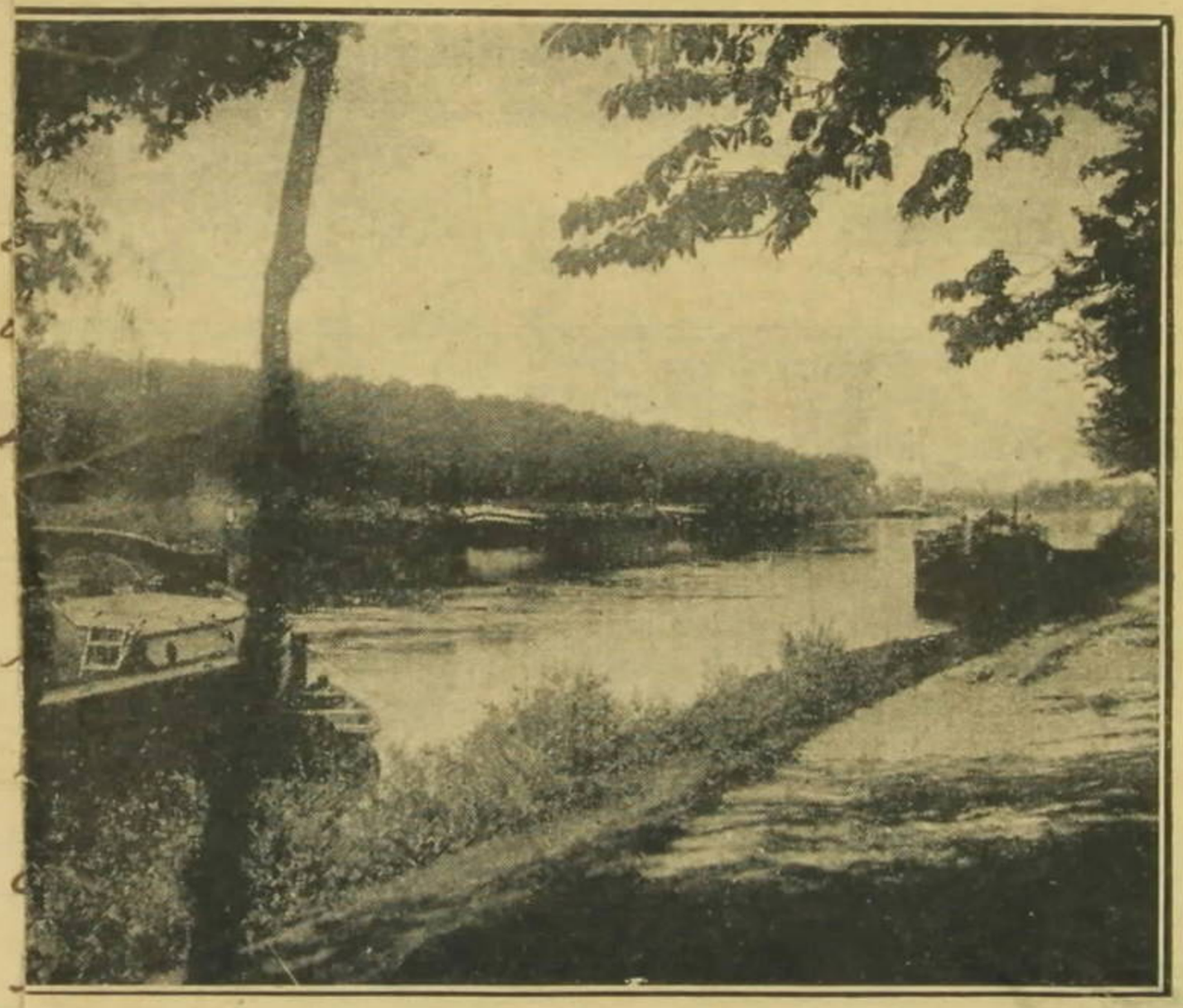
O azinhavre Ha tempos, um amigo deu-me de presente uma velha moeda de Dionysio de Syracusa, cujo perfil os seculos roeram e cujo bronze antigo o azinhavre mosqueou de verde. Mandei com ella fazer um alfinete de gravata que ás vezes uso.

Outro dia, na minha barbearia, acabava de pôr o casaco, após me ter barbeado, quando o official que me servia disse:

— Doutor, porque o senhor não manda limpar a sua moeda. Está tão sujinha!

Sorri sem responder e sahi dalli pensando que a maioria da gente de nossa cidade é inimiga do azinhavre das velhas moedas, da pátina das estatuas e do mugre dos edificios. Porque a maioria pensa como o meu barbeiro é que se alimpa mesmo aqui as velhas fachadas e a municipalidade manda de tempos em tempos ensaboar e duchar os monumentos...

POLONIA — Uma das margens do rio Bydgoszcz.



POLONIA — O rio Oder ou Odra, na Alta Silesia.

cavallos que o rei quando pequeno recebeu de presente de Natal e que, velho, elle mostrava aos seus cortezãos. O mechanismo interior fazia rodar o coche muito bem; o cocheiro estalava o chicote; os cavallos levantavam os pés marchando.

E como todos se extasiavam diante da conservação do brinquedo:

— E' que — dizia o rei — nunca brinquei com elle. Era esplendido demais, os meus preceptores não me permitiam lhe tocar...

Creio que o mesmo deve acontecer com a boneca de Los Angeles e o maravilhoso caminho de ferro do pequenito de Philadelphia. Esses brinquedos são mais para divertir os grandes que os pequenos. Para estes ultimos, brinquedos menos extraordinarios melhor os divertem.

Uma creança qualquer puxando o seu carrinho fazendo de cavallo, ou imitando o som da trompa do automovel ou o silvo de uma locomotiva, imagina com o modesto carrinho, possuir uma locomotiva, um automovel, um carro atrelado de cavallos.

Quando a creança brinca não precisa que os brinquedos sejam extraordinarios; o essencial é que lhes desperte a phantasia. Para que o mechanismo no interior de uma boneca para fazel-a fallar?... A pequenita encarrega-se de a fazer fallar muito melhor do que todos os mechanismos possiveis; e quanto ao rapazinho, certamente admirará o seu brinquedo scientifico, mas prefirirá os brinquedos que se quebram á vontade.

O mais bello brinquedo do mundo não é o do pequeno milhardario de Philadelphia ou de Chicago, é o que a creança pobre improvisa, graças á faculdade creadora que ella possue em supremo grau: a imaginação.

Anecdota bolschevista

Quando Lenine, o actual czar bolschevista da Russia, mandou prender o Sr. Diamanti, ministro da Romenia em Moscou, todo o corpo diplomatico estrangeiro protestou contra a violencia. O Sr. Noulens, embaixador da França, decano da representação diplomatica alli, fez sentir ao governo dos soviets que não se attenta contra as immunidades dos diplomatas. Mesmo quando se rompem as relações com um paiz dão-se ao seu representante os passaportes, mas ninguem o mette na cadeia. Como a reclamação foi energica, Lenine mandou por Diamanti em liberdade.

Na occasião de ser solto, o ministro romeno exaltou-se e dirigio improperios aos membros do soviet presentes ao acto. Chamou-lhes bandidos, canalhas, despreziveis, merecedores de cusparadas na cara! Querendo evitar um conflicto, o Embaixador francez procurou intervir. Então, um dos do soviet exclamou:

— Deixai-o falar, senhor embaixador, nós preferimos ouvir as suas palavras francas do que a vossa hypocrisia diplomatica...

UM NOIVADO REAL

Resumimos para os nossos leitores uma bella pagina do Ministro Tcheco-slovaco F. Veverka, em Bucarest, sob o noivado do Rei da Servia e da princeza Maria da Romenia. E' um resumo curioso e bem feito da politica slavo-romena dos Balkans, que interessa e que suggestiona.

O noivado do rei Alexandre da Servia com a princeza Maria da Romenia foi já ha algum tempo officialmente annunciado. Esse acontecimento tem maior alcance do que á primeira vista parece. Tem maior valor do que geralmente o têm as allianças dynasticas. Não interessa unicamente os dois paizes a que pertencem os seus noivos; porém a toda a politica internacional da Europa Central.

Armas da Servia, que hoje é governada pelo joven e heroico rei Alexandre Karageorgewitch.

O factor dynastico representa nos paizes da Europa sul-oriental um papel ás mais das vezes decisivo. A união pelo matrimonio das duas grandes casas reinantes nas duas nações amigas e alliadas notavelmente contribue para a segurança reciproca e para a consolidação do grupo de jovens patrias da Europa Central reunidas sob o rotulo de «Pequena-Entente».

O mais alto reprezentante do mundo slavo de sudeste esposa a representante do mundo romeno. E' uma grande união de yugo-slavos e latinos-balkanicos.

A dynastia romena adaptou-se á Moldo-Valachia de modo completo. Pela educação dada aos seus principes, ella inteiramente se nacionalizou. E hoje em dia encarna perfeitamente todos os elementos da alma nacional.

Com a decisão tomada em Bucarest, ultimamente, parece que se vae abrir nova era na missão dos povos balkanicos, missão a que elles estão destinados pela sua natureza e pela sua historia. A politica inaugurada pela Romenia durante a guerra prova que ella soube comprehender o seu papel importantissimo de intermediaria entre o Oriente e o Occidente, entre o mundo slavo e o mundo latino. Condições naturaes identicas e relações seculares com o mundo slavo crearam o actual typo romeno com seus varios caracteristicos slavos. As indagações glottologicas mostram na sua lingua grande percentagem de palavras e locuções slavas. Do mesmo modo, o uso dos caractéres alphabeticos cyrillicos até bem pouco tempo e o espirito do folk-lore demonstram indiscutivel e accentuada influencia slava.

A princeza Maria da Romenia, noiva do Rei Alexandre da Servia.

A organização de vida e a religião provam a similitude da mentalidade dos dois povos. Não ha paradoxo em dizer que, por certos phenomenos intellectuaes e sociaes, a mentalidade romena se aprezenta, apezar da sua grande base latina, mais proxima dos Servios e dos Russos do que dos slavos occidentaes: tchéques e polonos.

Os dirigentes actuaes da politica romena comprehenderam com razão que não têm que temer nada do apregoado «perigo slavo». Por isso, crearam com os povos slavos visinhos um systema de tratados defensivos e leaes, rodeando-se de alliados sinceros. Pela continuação

logica dessa habil politica com a Russia, a Romenia será em futuro proximo para esse paiz um intermediario admiravel e não uma barreira intransponivel. Os slavos jamais poderão subverter o caracter latino da Romenia, cuja base nacional é forte como uma rocha, cuja consciencia nacional póde resistir a quaesquer influencias circumdantes. A Romenia será, assim, um elemento moderador e constructivo, indispensavel na vida européa.

A união dynastica com a Servia é a primeira manifestação dessa promissora orientação politica.

Por isso, só se póde applaudir o noivado real de Sua Magestade Alexandre Karageorgewitch e de Sua Alteza Maria da Romania.

Hispano-America

Vae brevemente apparecer em Caracas; capital da republica amiga de Venezuela, uma interessante revista sob a direcção dos illustres e cultos homens de lettras daquelle bello paiz — Terrero Aticuza e Gutierrez Alfaro, destinada a bater-se pela mais intima união dos povos latino-americanos. Os objectivos espirituaes dessa revista tenderão para a realisação do maior aperfeiçoamento social possivel. Ella procurará crystalizar na consciencia da raça o verdadeiro Evangelho da America, afim de nortear a sua acção para o Porvir.

Como o continente é uno na sua origem e no seu espirito geral, o intimo conhecimento reciproco dos seus valores e dos seus problemas é mais do que uma necessidade espiritual, pois é um verdadeiro imperativo categorico. No nosso continente a força do progresso torna a vida das suas nações uma continua renovação de ordem ascendente e é preciso despertar os seus povos jovens para uma obra civilisadora que substitua a das raças envelhecidas. A America virgem e fecunda carece de conquistar a sua finalidade.

E é a actuação desse labor que pretende fazer a *Hispano-America*. Por isso será recebida do Mexico á Patagonia de braços abertos, sob o agitar das palmas verdes do triumpho.

Violadores de Constituição

Houve tempo em que a nossa guarda-civil foi uma corporação de escól. Hoje já não é mais assim. As funcções delicadas e nobres de policiar as ruas dessa capital estão nas mãos de ignorantes e malcreados. Por isso, a menor opposição por palavras, gestos ou simples olhares que se faça a uma grosseira ou estulta ordem dum simples guarda, ouve logo as phrases taes:

— Esteja preso!

— Vamos até á delegacia do Districto.

Ora, a nossa Constituição é taxativa nas suas garantias individuaes. Ninguem póde ser preso ou detido á tôa por simples vontade ou prazer dum agente inferior da autoridade. De maneira que é necessario pôr um côbro a esse abuso constante, reduzindo os guardas-civis das suas fumaças de Violadores da Constituição ao seu papel de simples policiadores...

Wagner

Ouvira uns trechos maravilhosos do *Parsifal* e ficara numa poltrona, immovel, envolto no mysterio immenso dessa musica sobrenatural. Era como um sonho. A mão de Wagner guiava-me pelos esplendores de sua obra magestosa e perfeita. Eu sentia que só a potencialidade desse genio poderia varrer a sujeira deixada no intellectualismo moderno pelo naturalismo grosseiro. De subito, um amigo chamou-me. Levantei-me e caminhei meio tropego, como tanto de vêr bellezas. E' que eu sahia da assombrosa cathedral gothica de musica...

Sinite parvulos...

Um dos meus amigos ha dias, falando da actual situação politica, me disse, furioso:

— Imagine você que essa luta para a presidencia da Republica já me invadio até o lar! E' um horror! Minha mulher, antes de tratar dos seus afazeres domesticos, espera o jornaleiro para ler as noticias apaixonadas e os artigos de propaganda. E os commenta com minha sogra, sempre em campo opposto ao das minhas proprias opiniões! Até meu filho, um pirralho de cinco annos e pico, uma destas tardes, após ter brincado numa roda de creanças visinha no jardim, entra-me pelo escriptorio adentro e me perguntou:

— Papaesinho, que é que você acha que eu deva ser: Nilo ou Bernardes!

Outróra, elle iria a discutir com os outros se era Botafogo, Fluminense ou Flamengo, comprazendo-se em *torcer* no *foot-ball*. Respondi-lhe:

— Deves ser de preferencia Fluminense.

O pequeno sahio calado e pensativo. Ouvio-o depois murmurar no corredor:

— Acho que Papaesino está ficando maluco...

Onorate l'Altissimo Poeta

Na phalange erudita dos que ajudaram a glorificar no Brasil o sexto centenario do poeta magno em cuja obra puzeram a mão o céu e a terra, é necessario escrever o nome por muitos titulos illustre do professor, humanista e politico Floriano de Brito.

A sua esplendida conferencia sobre Dante Alighieri, pronunciada no Collegio Santa Rosa, em Nictheroy, publicada em folheto com illustrações, é uma prova da sua grande cultura exegetica da obra colossal do exilado de Ravenna. Nella elle faz a historia do nobre prior guelfo de Florença, do martyrologio da sua vida, em que elle passou todas as dôres, mesmo o amargo pão do exilio. Conta da sua morte na cidade dos Polenta generosos, do seu angelico e eterno amor por Beatriz e realiza de maneira eminente e sagaz a diffil esthopsychologia da *Divina Comedia* e do seu divino autor.

Floriano de Brito termina a sua magnifica e maravilhosa conferencia com a Apotheose do Poeta sem igual, daquelle que até hoje não teve rival maior nem mesmo semelhante, o Excelso, o Unico.

1º Fon-Fon" 25-Fev-922

Fon-Fon 4 Mars 1922

O Barata Ha mais de vinte annos houve no Ceará um individuo que ficou louco chamado Barata e logo se celebrisou pela feição curiosa da sua maluquice. A sua loucura ficou, assim, afamada e desde esse tempo, quando qualquer pessôa começa a fazer asneiras se lhe applica o dictado popular:

— O Barata começou assim...

Ora, ha dias estava eu numa roda, na redacção de uma das nossas mais brilhantes revistas, quando um dos redactores principiou a tirar dos cabides os casacos e chapéus que nelles descançavam sem necessidade, para mudal-os de logar. Todos os presentes o olharam espantados e, lembrando-me da meninice no Ceará longinquo, murmurei:

— O Barata começou assim...

O futurismo Anda a gente nova na mania de forçar a attenção publica com as escolas da decadencia, ignorancia e modernismo que não conseguiram o suffragio da intellectualidade na Europa, morrendo quasi ao nascedouro. Esquecem os que apregôam o dadaismo, o tachismo, o futurismo *e outros esterquilinios em ismo*, como diria Guerra Junqueiro, as leis maravilhosas da esthetica prégadas pela clara intelligencia dos Remy de Gourmont e dos Peladans.

O futurismo entre nós só póde ser *blague* maior do que em outra qualquer parte...

"O Jornal" 1º de Março de 1922

UM LABYRINTHO DE ARTE

Conta Hesiodo na sua "Theogonia" que Dionysos desposou a loura Ariadne, filha de Minos, na flôr de sua juventude, tendo-a Zeus posto ao abrigo da velhice, dando-lhe a immortalidade. Theodoro de Banville evocou essa divina mulher dos cabellos de sol neste soneto das "Princesses":

Dans Naxos, ou les fleurs ouvrent (leurs grands calices
Et que la douce mer baise avec des (sanglots,
Dans l'ile fortunée, enchantement (des flots,
Le divin Iacchos apporte ses delices.

Entouré des lions, des panthéres, des (lices,
Le Dieu songe, les yeux voilés et de- (mi clos;
Les Thyades au loin charment les (verts ilots
Et de ses raisins noirs ornent leurs (cheveux lisses.

Assise sur un tigre amené d'Orient,
Ariane triomphe, indolente, et riant
Aux lieu même ou pleura son amour (meprisée.

Elle va, nue et folle et les cheveux (épars,
Et, songeant comme en réve á son (vainquer Thesée,
Admire la douceur des fauves léo- (pards.

Mais modernamente, Heredia dedicou quatorze versos de marmore á esposa immortal de Dionysos:

Au chose clair et vibrant des cymba- (les d'airain.
Nue, allongée au dos d'un grand ti- (gre, la Reine)
Regarde, avec l'Orgie immense qu il (entraine,
Iacchos s'avancer sur le sable marin.

Et le monstre royal, ployant son lar- (ge rein,
Sous le poids adoré foule la blonde (aréne,
Et, frolé par la main d'ou pend l'er- (rante rêne,
En rugissant d'amour mord les fleurs (de son frein.

Laissant sa chevelure á son flanc qui (se cambre
Parmi les noirs raisins rouler ses (grappes d'ambre,
L'Epouse n'entend par le sourd ru- (gissement,

Et sa bouche éperdue, cire enfin (d'ambroisie
Oubliant ses longs oris vers l'infidéle (amant,
Rit au baiser prochain du Dompteur (de l'Asie.

A maravilhosa figura da filha de Minos cantada pelos grandes poetas da antiguidade, desde o divino Hesiodo, se não foi esquecida pelos poetas da época moderna, tambem não foi olvidada pelos dos nossos dias. Ainda agora mesmo, um dos nossos grandes poetas, Magalhães de Azeredo acaba de evocar Ariadne no vestibulo do bello livro de prosa a que o seu nome serve de titulo. Elle lembra o seu amor por Theseu e a sua morte desesperada no abys-

mo esmeraldino do mar, que pelo cuidado dos deuses se transmudou em immortalidade. Elle lembra o seu papel de guia do labyrintho celebre de Creta e, confiado na sua vida divina,pede á dôce e formosa semi-deusa, guarda de todos os nossos labyrinthos, que o guie pelo pequeno labyrintho do seu livro, "recompondo através a diversidade dos casos a unidade da alma e revelando áquelles que não tiveram a felicidade de entender que aquillo tudo ainda é poesia".

Magalhães de Azeredo tem razão: o seu livro é, em verdade, um livro todo de poesia. De tal maneira a poesia vive na sua alma que lhe é impossivel quasi escrever sem ella. E dahi o encanto de "Ariadne", cujas paginas nos prendem e nos enchem de multiplas suggestões. Até parece que a esposa de Baccho nos conduz pessoalmente pela mão através um labyrintho de maravilhas.

Um homem que vivia nas cidades, mas que era fundamentalmente um homem dos sertões, Affonso Arinos, escreveu uma feita, uma pagina evocadora de suprema belleza, que ha de eternamente viver na literatura brasileira: "Burity Perdido". E' um hymno a essa frondosa palmeira solitaria, isolada nos vargêdos sem fim, contemporanea das tribus errantes e testemunha das bandeiras heroicas. Magalhães de Azeredo é um fino homem das cidades, diplomata acostumado ás subtilezas das côrtes, extraordinariamente culto e viajado, cuja vida admiravel tem decorrido pelas mais bellas e mais nobres cidades do mundo. Elle, por isso, escreveu o seu hymno sentimental a um lampeão solitario, perdido num canto miseravel da viella, illuminando com a sua claridade generosa a indifferença apressada de quem passa, o mysterio das congostas por onde se esgueira o crime e a miseria, ás vezes mesmo o sangue dos assassinos, as scenas tôrvas de rufiões, bandalhos e zabaneiras. E, assim, através o labyrintho das idéas, os dois grandes escriptores, o da cidade e o do sertão, se defrontam, sorrindo, a glorificar os vultos mais proeminentes do seu meio: a palmeira selvagem dos geraes e o lempeão isolado dos bêccos.

Mas a poesia profunda do espirito de Magalhães de Azeredo arranca-o das visões nocturnas da cidade para o amor immenso da natureza. E' digno de notar-se o carinho com que elle nos pinta a luta duma aranha, que construiu a sua teia, contra o aguaceiro e a ventania; a sua perfeita sensação de jubilo, no dia seguinte pela manhã, ao verificar que saira vencedor da tempestade furibunda esse pequeno animal que Zamacois nos descreve assim:

Gigantesque rien du tout,
Vain sur des longues echasses,
Il parait bati surtout
Pour dévorer... des espace!!

A delicadeza da alma de artista de Magalhães de Azeredo, a sua subtileza de pensamento e de evocação, macia como um frouxel, tendo qualquer coisa no seu modernismo da finura directa de Marivaux, se palpa e se sente em "Um retrato", na "Carta a uma amiga", nas "Palavras a um velho relogio", no "Lago", no "Os teus labios", em "Um sonho", na "Pagina relida" e sobretudo na "Aza do Tempo", em que as frases têm transparencias de gaze e relumbros de sêdas ieves. Ao lêr esses pequenos capitulos, eu sorria e murmurava quaesquer coisas dos "Jeux de l'Amour et du Hasard". Com effeito, nelles havia o acaso das viagens, dos ambientes e das paysagens, o amor tambem, não sabendo eu qual dos dois enviar para o outro: acaso ou amor. Porém, certo da existencia absoluta de ambos.

Seu pantheismo victorioso olha com olhos amigos para todas as coisas animadas e inanimadas: bem o mostram as "Affinidades e Dissonancias". Como a sua alma se encheu de alegria vendo a aranha, o "rien du tout" escapo á tormenta nocturna, guardou com interesse um episodio amoroso entre pombos, que nos conta com leveza e elegancia sob o titulo "Historia Authentica". E dessa curiosidade pela vida intima e amorosa dos passaros, que maravilharia o sr. de Buffon em que podia sorrir de prazer o sr. de La Fontaine, que se sentava no chão do parque de Versalhes para ver as formigas trabalhando, Magalhães de Azeredo passa a extasiar-se diante d'uma "Venus Negra", fazendo ouvir o seu "Cantico dos Canticos" ás fórmas divinas das mulheres perfeitas.

"A caçada" é uma pagina que nos emociona profundamente. As dôres d'um pobre cervo sacrificado á elegancia cynegetica européa conseguem encher a nossa alma de repugnancia pelo sangue dos animaes innocentes estupidamente assassinados. E as suas palavras têm o condão até de nos fazer esquecer o bem que da caça disseram Gratius Faliscus, o Imperador Frederico II, Gace de la Bigne, capellão do rei João o Bom, João de Franciéres, grande prior da Aquitania, o Mestre de Aviz e o proprio papa Enéas Sylvio.

Onde, porém, sua esthesia nos dá a justa medida da sua alta cultura, do seu poder vocal e da sua capacidade de comprehensão de todas as coisas, é na "Quasi Parábola". Ahi elle nos pinta em poucas palavras o que foi a cathedral, a architectura gothica, essa mais alta expressão do christianismo, no lióz e no granito, que assombrou Gonse e Ruskin, Victor Hugo e Bréhier, Huysmans e Saint Yves, essa "philosophia da forma", segundo Peladan, essa Biblia, Alphabeto e Epitome christã de pedra trabalhada, "trouée comme une eponge", alma d'uma civilização, patrimonio da edade-média, expressão mais formidavel da maior religião do mundo. E o seu amor dos seres vivos envolve ainda a elevação rendilhada das cathedraes e o culto solemne dos castellos roqueiros numa revoada alegre de tuti-negras.

De philosophia e de erudição Magalhães de Azeredo teceu o seu "Hermes de Andros", evocando a belleza grega e as fabulas da edade de ouro para mostrar que em todos os climas, tempos e greis humanas, a vida sempre foi um simples labyrintho de males e de bens, de mais males e menos bens para uns, de mais bens e menos males para outros. E o unico véu triste desse faulhante e encantador livro é o que cobre as paginas de "Pesar Seculo". Mas essas paginas de tristeza mais relevo dão a toda luminosidade dos outros: unica sombra entre tantos claros.

Que Ariadne, immortalizada pelos Deuses, cantada por Hesiodo, por Bauville e por Heredia, não se esqueça de mais algumas vezes pedir a Magalhães de Azeredo para que elle nos deixe passar, guiados pela sua mão divina, por entre os maravilhosos thesouros do labyrintho da sua grande alma de artista.

João do NORTE.

"Fon-Fon"
11 - Março - 1922

Os novos-ricos

Todos os jornaes parisienses estão cheios de satyras e anecdotas a respeito da numerosa classe ou casta dos novos-ricos. Aqui entre nós tambem abunda essa gente ignara e pretenciosa, que tolamente arrota os seus milhões ruas afóra nos theatros e salões a dentro.

Mas o curioso é verificar que tal gente não é absolutamente producto do seculo em que vivemos. Em todas as épocas, depois das guerras ou durante ellas, quando as probabilidades de enriquecer depressa são muitas, ella tem apparecido D'Argenson diz o seguinte nas suas «Memorias», datadas de 1751: «Em Paris só se vêm ricaços recentes. Pelas ruas passám continuamente carruagens cheias de individuos desconhecidos que ostentam sua fortuna. São fornecedores de viveres, de forragens, de hospitaes e de outras cousas militares, nas quaes ganharam rios de dinheiro.»

Acabaram nessa época as guerras de Luiz XIV e de Luiz XV.

E', portanto, o caso de repetir: «Plus ça change, plus c'est la même chose...»

O Crepusculo

Caminho rapidamente para os quarenta annos e. como sei que nelles se põe o radioso sol da mocidade, fico muitas vezes triste.

Estava num desses momentos de melancolia, quando me perguntaram a razão desse estado anormal de espirito.

— Estou no crepusculo, conclui.

— Ora, meu caro, tornaram-me, você ainda tem muito que viver. O seu crepusculo será depois dos sessenta.

Sorri a está estultice e repliquei:

— Mais triste que o crepusculo da vida é o crepusculo da mocidade. Nesse é que eu estou. E penso como um dos maiores escriptores francezes contemporaneos: «le crepuscule de la jeunesse est l'heure la plus mélancolique de la vie. Il faut du courage pour le passer»...

"Correio Paulistano" 8 março 1922

187

Venus

Notas de Folk-Lore

p. 49.

COM LICENÇA DA PALAVRA...

O sertanejo brasileiro não é capaz de dizer uma phrase ou um vocabulo que se prestem a sentido dubio, que pareçam indecentes, sem a competente desculpa "com licença da palavra". Ha mesmo de sua parte um certo exaggero nisso. Por exemplo, nenhum matuto chama ao porco sinão "cabeça baixa", por pensar que a palavra porco é suja e não deve ser dita. E muito homem do sertão, quando fala do "cabeça baixa" a um da cidade e este não sabe o que é, accrescenta: — "com licença da palavra, porco".

Esse habito é commum ao homem do campo, de susceptibilidade moral mais fina do que o das cidades em toda a parte, embora as affirmações falsas dos Zolas. Na França, o camponez tem o mesmo costume do nosso sertanejo. Até a sua formula é quasi identica. No seu estudo sobre "La Terre" de Zola, publicado no primeiro volume da "Vie Litteraire", Anatole France insere uma carta curiosa do doutor A. Fournier sobre os camponios, na qual esse medico diz, textualmente: "... le paysan n'est jamais sale em paroles. Toujours quand il est amené á dire quelque chose de risqué, il emploie la formule "sauf votre respect".

Desses pequenos nadas se infere que as almas dos povos, no fundo, são quasi gemeas. E estou certo de que se encontrarão, procurando com paciencia, expressões equivalentes entre os camponezes dos outros paizes europeus e mesmo de regiões doutros continentes.

OLHO DE SE'CCA PIMENTEIRO

Para bem pintar de modo original aquelles que lançam mau olhado aos homens, aos bichos e ás plantas, a gente do Nordeste emprega a expressão "olho de sécca pimenteiro". Esta é oriunda do seguinte: cada casa possu'e no seu quintalejo uma ou mais de uma pimenteira, malaguêta ou de cheiro, que lhe fornece condimento á comida. A's vezes, um **jettatore,** um homem ou mulher de mau olhado chega e olha a pimenteira, gabando-a. No outro dia, o pobre arbusto amanhece sêcco, como si o fogo ou o sol o tivessem estorricado.

O mau olhado não sécca sómente as pimenteiras, os roçados viçosos, o gado farto; elle sécca tambem as pessoas, torna-as como velho couro engelhado. Uma cousa horrivel!

Mas, para fazer seccar os inimigos, conhecem-se no sertão processos melhores: o mais infallivel é poser a bocca dum sapo e enterral-o com fórmulas magicas, em intenção da victima distante.

O sapo irá seccando aos poucos o individuo que elle representa tambem. Já ouvi falar, no sertão, numa missa de seccar gente, que se diz ás avessas, de trás para deante.

Não me souberam explicar bem como.

Esta maneira se prende á tradição da que é usada na Europa para o mesmo fim. J. F. Bladé lembrou-a nos seus "Contes populaires de la Gascogne". Chama-se a missa de São Seccario.

Anatole France fala della na "Vie littéraire".

Celebram-na numa egreja em ruinas ou em logar profanado. Ao som das badaladas de onze horas da noite, o celebrante approxima-se do altor, acolytado por uma mulher de má vida, e diz o latinorio a começar pelo fim.

E' digno de nota o valor magico, sobrenatural, que dá o povo ás orações ditas ao avesso.

O sertanejo acredita piamente que rezar o Credo ou fazer o Pelo Signal de trás para deante é o meio melhor de afugentar as almas penadas e o diabo.

A CHAVE DAS PARTURIENTES

E' uso muito espalhado nos sertões cearenses e viiznhos o de dar uma chave ás mulheres em trabalho de parto ou pol-a ao menos no leito de dores da paciente.

Que a chave tem poder sobrenatural é cousa sabida e antiga. Pega-se numa chave para evitar o mau olhado. Ella isola, como nenhum outro talisman, o individuo das emanações perigosas dos sêres maleficos.

Mas a chave-amuleto de parturientes veiu para a nossa gente dos latinos, através da civilização iberipa que nos amammentou. Nós encontramos essa superstição guardada na obra de Pompeius Festus, abreviador de Verrius, "De Significatione Verborum", que Paulo Diacono ora resumiu, ora interpolou, como bem lhe pareceu. Eis o que nessa obra se lê: "**Clavim** — consuetudo erat mulieribus donare ob significandam partus facilitatem." Isto é: "Chave — era costume dar uma chave ás mulheres, como symbolo da facilidade do parto."

Do symbolo, aliás bem applicado, nasceu certamente a superstição nas almas da arraia-miuda que o não comprehenderam intelralmente.

OS JUDAS

Em todo o interior do Brasil e especialmente no Nordeste, onde mais vivas se conservam as tradições todas, é inveterado costume justiçar um Judas no sabbado da Alleluia. Na manhã desse dia, á porta de todas as casas apparece enforcado numa vara ou num galho de arvore um bonéco de panno, grande ou pequeno, conforme as posses dos seus habitantes. Nas fazendas mais abastadas ou nas povoações, fazem-se Judas de tamanho natural e arranja-se divertida festa para tocar-lhe fogo. Organiza-se um jury para julgal-o, presidido por pessoa respeitavel. Dois moços dos mais intelligentes fazem de promotor e advogado do réo, que é sempre condemnado á forca e á fogueira. Após a leitura da sentença, o escrivão lê tambem o testamento do traidor. E' uma peça em verso, na qual o Judas deixa legados mordazes a todos os presentes — motivo para bulir com todos os conhecidos e amigos. Esses testamentos em verso dariam por si sós um grande e interessante capitulo folk-lorico. Após o enforcamento e queima do bonéco, ha danças, cantigas e comes e bebes.

O cearense emigrado para a Amazonia levou para lá o seu Judas. Mas não o enforcou mais: largou-o numa balsa ao sabor das aguas do rio — como symbolo talvez do seu destino errante. Com esse admiravel thema, Euclydes da Cunha escreveu aquelle poema do "Judas Ashvérus".

Nessa festa popular da execução de Judas, não se deve sómente vêr a repulsa de todas as almas á traição infame do apostolo vendido, o castigo cruel e continuo através dos millenios do sinistro guia dos Nethenius do Templo, que beijou trêdamente a face pura de Jesus, no Horto das Oliveiras. Não, nella se é obrigado a verificar mais uma vez a immensa e subtil habilidade

da Egreja no aproveitamento em seu favor, na adaptação em seu proveito de todos os habitos inveteradamente creados pelo paganismo e que seria loucura querer destruir. Ah! nesse eclectismo sabio o catholicismo foi admiravel.

Os nossos Judas sertanejos vêm através da tradição ecclesiastica, das festas Compitales romanas, em linha recta. Basta unicamente lêr o que diz Pompeius Festus no "De significatione Verborum" (Ed. Panckoncke, Paris, 1846, 2.o vol.): "Pilae et Effigies — viriles et muliebres ex lana Compitalibus suspendebantur in compitis, quoi hunc diem festum esse deorum inferorum, quos vocant Lares, putarent, quibus tot pilae, quot capita servorum; tot effiges, quot essent liberi, ponebantur, ut vivis parcérent, et essent his pilis et simulacris contenti". O que tudo se traduz assim: "Nas festas Compitales, suspendiam-se nas encruzilhadas, manequins e effigies de homens e de mulher, feitos de lã, porque, segundo a opinião em voga, esse dia era consagrado aos deuses infernaes que se chamam Lares. Offereciam-lhes tantos manequins quantas cabeças de escravos se possuiam e tantas effigies quantos homens livres vivessem no local, afim desses deuses ficarem contentes com esses simples simulacros, poupando os vivos que elles representavam".

Assim, nasceram os Judas.

João do NORTE

"Fon-Fon" 25 março 1922

189

O enterro Vinha ha dias pelo campo de S. Christovam quando começou a chover. Abriguei-me no modesto botequim duma esquina e quando a chuva era mais forte vi passar sob ella, ao trote magro dos cavallos do côche singelo, um enterro pobre. E, sem querer, pensei nos versos de Alberto Glatigny:

...Que l'on m'enterre un matin
De soleil, pour que nul n'essuie,
Suivant mon cortège incertain,
De vent, ne bourrasque et de pluie;
Car n'ayant jamais fait de mal
A quiconque ici, je desire,
Quand mon cadavre sépulcral
Aura la paleur de la cire,
Ne pas, en m'en allant, occire
Des suites d'un rhume facheux
Quelque pauvre devoué sire
Qui suivra mon corps de faucheux.„

Eu tambem desejaria ser enterrado numa manhã de muito, de muito sol e não numa tarde de chuva assim tão humilde e tão triste...

"Fon-Fon" - 11 março - 1922

A Paixão O grande autor do *Jardim do Epicuro*, que nos seus ultimos dias acaba de receber a glorificação universal do premio Nobel, é dos maiores philosophos do amor que temos lido. Anatole France deve ter amado muito para conhecer, tão bem como conhece, esse sentimento que enche a vida da humanidade toda.

Elle affirmou que a virtude duma grande paixão é não deixar um minuto de repouso e por isso não consentio que, durante ella, nós nos escutemos viver. E' como uma embriaguez admiravel. E só se tem uma paixão, accresценta elle, quando não se sabe porque e como ella de nós se apoderou.

Parece que quem amou ou quem ama com paixão não terá coragem de desmentir o escriptor do *Crime de Sylvestre Bonnard*...

O Carnaval Nestes odiosos dias de Carnaval, escondo-me em casa. Nem o nariz ponho á janella. Tenho horror á essa balburdia tumultuaria das ruas em que se não ouve uma pilheria espirituosa, uma cantiga cheia de graça.

O nosso Carnaval è uma verdadeira festa africana. Se, por acaso, durante esses dias de loucura collectiva sou obrigado a atravessar as vias publicas, tenho a impressão de haver sido transportado a uma grande aringa da Guiné, do Senegal ou de Mombaça, no dia solenne da coroação dum novo sóba, taes os guinchos de gaitas rudes, o estrugir de maracás selvagens e a monotona zoada dos tans-tans barbaros que me enche os ouvidos...

Ter razão Ia outro dia calmamente para casa, quando junto a mim se sentaram, no bonde, um velho e um moço, parecendo pae e filho. Conversavam e, occupado na leitura do meu jornal vespertino, não lhes dei a menor attenção. Mas acabada a minha leitura, como elles fallassem em voz alta, não pude deixar de ouvir o que diziam, embora sem indiscreção.

O moço queixava-se duma punição injusta que lhe impuzera o chefe da sua repartição e, conforme assegurava com visos de verdade, do seu lado estava toda a razão da causa. O velho ouvia-o em silencio. Ao findar a sua exposição, disse-lhe com carinho:

— Meu filho, sirva-te para toda a tua vida a lição. O que é mais perigoso na vida, para com os seus superiores, é ter razão.

E eu pensei que o ancião era um verdadeiro oraculo.

"O Jornal" - 7 Março 1922

A exegése da lenda de São Julião

Marcel Schwob fez com uma notavel erudição a exegése das fontes do "São Julião Hospitalario" do Gustavo Flaubert.

Este seu trabalho foi sómente publicado na precisa e rarissima edição desse conto do mestre effectuada em Paris pela casa A. Ferraud, em 1895. Illustrou-a Luc Olivier Merson e gravou a agua forte as illustrações Gery Richard. A tiragem foi de quinhentos exemplares numerados e authenticados pelo editor, em papel velino. O meu volume traz o numero 184, com duas phases ou estados da cada gravura, isto é o "avant la lettre" tendo a competente "remarque" e a gravura no texto, em papel velino, in 8° Jesus, impresso em Paris na casa Chamerot e Renonard.

Não me parece que Marcel Schwob tenha escripto muitas paginas melhores do que esse admiravel prefacio. Na primeira parte do mesmo, elle estuda a lenda de São Julião segundo a tradição religiosa escripta, de accordo com Ferrarius no seu "Catalogo dos Santos da Italia", com Santo Antonino, com Domeneccus na "Historia dos Santos da Catalunha", com Vicente do Beauvais, inspirador da theogonia de pedra da cathedral de Charles, no seu "Speculum Historiale", com Petrus no "De Natalibus", com Maurolycus e com o bondoso Jacques de Voragine na "Legenda Aurea".

Todos esses velhos autores, discrepando quanto aos logares onde viveu o santo, onde penou e onde obrou obras santas, são mais ou menos accordes em narrar a sua vida. De todos os doutos autores que Schwob cita infelizmente só possuo o Jacques de Voragine, na sua melhor traducção em francez, a do erudito Theodoro de Wyzewa, obra coroada pela Academia Franceza, edição de Perrin & C., Paris, 1913. Eis o que diz o bemaventurado Arcebispo de Genova e que é, com subtilissimas differenças, o que narraram Petrus, Santo Antonino e os outros citados:

"São Julião era de familia nobre e na sua mocidade estava um dia a caçar, perseguindo um veado, quando, de repente, obedecendo a Deus, o animal se voltou para elle e disse-lhe: — como ousas me perseguir, tu que assassinarás teu pae e tua mãe! — O joven ficou assombrado com aquella predicção e, afim de evitar que se realizasse, fugiu secretamente, atravessou vastas regiões e chegou a um reino, onde se alistou ao serviço do monarcha. Conduziu-se na guerra com tanta bravura que, quando se fez a paz, o rei o armou cavalleiro e lhe deu por mulher a viuva dum grande senhor. Entretanto seus paes, desolados pelo seu desapparecimento, andavam pelo mundo afóra em sua procura. Um dia chegaram ao castello de Julião. Este, por acaso, estava ausente, e sua mulher recebeu os dois velhos peregrinos. Quando lhe contaram sua historia, comprehendeu que eram os paes do marido, porque este varias vezes lhe falára delles. Assim, acolheu-os carinhosamente e installou-os no seu proprio leito.

Ao amanhecer, emquanto fôra á egreja, Julião chegou em casa. Approximou-se da cama para despertar a esposa e, vendo duas pessoas sob os lençóes, pensou que ella dormisse com um amante. Nada disse, arrancou da espada e matou ambos. Saindo do aposento, encontrou a mulher, que tornava da missa, e, então, perquntou estupefacto quem eram as pessoas que dormiam no seu leito conjugal. E ella respondeu:

— São teus paes, que longamente te procuraram, e fui eu quem os accommodou no nosso leito! — Ouvindo isso, Julião quasi morreu de dor.

Derramando lagrimas, exclamava:

— Que será de mim, tão miseravel?! Matei meus queridos paes! Realizei a predicção do cervo, querendo fugir-lhe! Adeus, portanto, minha querida irmã, porque só quero repousar quando Deus me tiver perdoado pelo meu arrependimento! — A esposa falou: — Não creias, meu querido irmão, que te deixe partir sosinho! Já que gozei as tuas alegrias, participarei das tuas dores! — Fugiram juntos e foram habitar perto dum grande rio, cuja travessia era extremamente perigosa. Fazendo penitencia, transportavam duma margem para a ourta todos os que que-

riam atravessar o rio, hospedando-os numa casa que construiram. Muito tempo mais tarde, numa noite gélida, Julião, que se deitára fatigadissimo, ouviu a voz queixosa dum estranho que lhe pedia para atravessar o rio. Logo se levantou e foi ao encontro do desconhecido transido de frio. Trouxe-o para casa e accendeu grande fogo para aquecêl-o. Depois, sentindo-o cada vez mais gelado, deitou-o no seu proprio leito e cobriu-o cuidadosamente. E, então, esse individuo, roido pela lepra e de repugnante aspecto, transformou-se num anjo de luz, começando a elevar-se nos ares e dizendo ao seu hospede: — Julião, o senhor me enviou para annunciar-te que teu arrependimento te purificou e que em breve tu e tua mulher repousareis no seio de Deus! — O anjo desappareceu e pouco tempo após Julião e sua companheira adormeceram para sempre na bemaventurança, cobertos pelo manto das suas boas obras."

Eis ahi o resumo da lenda christã, com pequenas variantes que lhe não transmudam o fundo, mais ou menos tal qual se acha nos autores ecclesiasticos ou leigos e nos vitraes das cathedras gothicas. Foi sobre essa base encantadora que Flaubert erigiu o seu sumptuoso conto de ouro e marmore, buscando, no emtanto, para melhor o ornar outros elementos. Vejamos quaes.

Na segunda parte do seu alludido prefacio, Schwob estuda o raconto popular, folklorico, de São Julião, para melhor precisar o ambiente e a feitura da narração flanberteana, pois que a lenda christã hagiographica nada precisa acerca do santo, nem localidade, nem acção, nem mesmo sentimentos. Partindo do principio de que, em geral, a vida dos santos é composta de elementos estranhos á hagiographia, como as de São Barlaam e de São Josaphat, constantes do "Speculum Historiale" e da "Legenda Aurea", conforme estudos de Laboulaye e Max Muller, não passam duma adaptação da vida de Siddartha ou de Budha, elle procura na lenda juliana os elementos e caracteristicos absolutamente populares.

No conto maravilhoso de Flaubert não ha unicamente a historia que transladamos aqui "apud" Jacques de Voragine. Ha nelle um cyclo de episodios diversos, vindos de varias procedencias e é isso o que Marcel Schwob brilhantemente estuda. O thema geral é o vetusto thema do bispo grego, do Agib, das "Mil e uma noites", e mesmo d[illegible]talidade da predicção do fuso na "Bella Adormecida no Bosque".

O primeiro episodio, o do cervo que prediz o parricidio, esse é o thema inverso daquelles que os folkloristas chamam "Themas dos animaes gratos". Ahi será, segundo Schwob, dos "themas dos animaes vingativos". Esses promanam de totemismos ancestraes da humanidade a vêm das doutrinas orientaes da metempsychose, que prohibiam as matanças inuteis de animaes. Neste ponto, a exegése de Schwob se enfraquece. Elle limita-se a indicar a influencia duma tradição indu' nessa parte do relato. Quasi todos os antigos livros religiosos da India aconselham "compaixão para todos os seres vivos."

Abramos, por exemplo, o "Bhágavata-Purana", na traducção esplendida em francez de Eugéne Burnouf, edicão da Imprensa Real de Paris, 1844, in-4°, no tomo II, livro 5° cap. XXVI, "Descripção dos Infernos", parag. 13: "O homem cruel, sem piedade que privou da vida quadrupedes ou aves, será assaltado no outro mundo pelas exprobrações dos proprios Rakchas e torturado pelos asseclas de Yama num forno de oleiro cheio de azeite fervente". Entre parenthesis: esse forno cheio de azeite em ebullição é certamente o mais antigo antepassado do nosso popular caldeirão de Pero Botelho.

Em todo o "Bhagavata Purana" os matadores de bichos, os grandes caçadores são duramente castigados. Na maioria dos povos primitivos, a caça era uma profissão gloriosa. Na India, não, porque á matança se oppunham a theoria profunda da metempsychose. E a lenda de São Julião nada mais é do que o castigo terrivel dum caçador endiabrado.

Continuemos a folhear o "Bhagavata Purana". Eis o episodio de Puramdjana, cap. XXVI, liv. IV, paragrapho 4, 5, etc.: "Esse monarcha orgulhoso, de arco e flecha em punho, percorria a floresta, caçando, esquecendo, no seu ardor de perseguir os animaes selvagens, sua propria mulher, que não merecia esse despreso.

Entregue de corpo e alma ás praticas dos Asuras, cruel, sem piedade, chacinava ás frechadas todos os bichos do matto!" A sua loucura por causa do ciume da esposa foi o castigo desse Nemrod indostanico. No mesmo livro, cap. XIII, está o episodio de "Agga mendigo". Paragraphos 39, 40 e 41: "Essa creança, embora muito pequenina, já inteiramente se parecia com seu avô materno Mrityn, que nascera duma porção de Adharma; por isso, teve inclinação

para violar a justiça. Apaixonado pela caça, percorria as florestas, de arco armado, matando cruelmente os pobres animaes. Avistando-o o povo exclamava, chorando: — E' Vena que chega! Esse menino cruel, apanhava violentamente as creanças da sua edade onde as achava brincando e matava-as sem piedade, como matava os bichos do matto!" Tendo feito tudo para corrigil-o sem nada conseguir o rei seu pae abandonou, desgostoso, o palacio e se fez mendigo. O reino caiu ás mãos do cruel Vena que nelle semeou a maior desolação.

E os Richis se revoltaram contra elle, matando-o por artes magicas, vingando os animaes degolados e os povos opprimidos. E', por certo, desse Vena, pelo Sanskrito, que até nós veio o nome de venabulo, lança curta de matar caça, e o appellido da arte de caçar, arte Venatoria...

Na ultima parte da sua vida, o São Julião de Flaubert que faz Jesus Christo sob a figura do leproso atravessar o rio, e nos seus braços sobe para o céo, é identico, positivamente, ao Christophoro grego ou carregador do Christo, ao São Christovam gigante dos "Contes Populaires, de la Gascogne" de J. F. Bladé, que vem em linha recta do episodio narrado por Jehan du Vignay, que o publicou em 1554.

A terceira parte do prefacio monumental de Schwob é dedicada á "Legenda" de Flaubert. Nella, elle mostra como o cinzelador da "Salammbo" transformou genialmente numa obra prima os episodios errantes de varias procedencias, tecendo de subtilezas de psychologia, de estylo perfeito, de palavras coloridas e de vivas, esplendorosas imagens a tapeçaria inimitavel do seu "Saint Julien".

João do NORTE

Anecdota canadense

Os canadenses ou canadianos, quer de origem franceza, quer de origem ingleza, são um povo de notaveis qualidades pessoaes, especialmente de grande bravura cavalheiresca, que sobejamente provaram na guerra européa. Deixaram mesmo nos annaes das trincheiras uma tradição de mosqueteiros. Contam que uma noite uma de suas sentinellas, avistando vultos que marginavam um *boyau* de communicação, gritára:

— Quem vem lá?!

Silencio. Repetira, armando o ferrolho do fusil:

— Quem vem lá?!

— Occupe-se com a sua vida e deixe a dos outros em paz! responderam.

O soldado descansou a arma, sorrindo e dizendo:

— Ah! são canadenses; podem passar...

"O Jornal" - 20 - Abril - 1922

Homenagem a um escriptor brasileiro

O dr. Gustavo Barroso (João do Norte), nosso collega de imprensa, recebeu do dr. Diego de Carbonell, ministro plenipotenciario de Venezuela no nosso paiz, a seguinte communicação: "Señor. Con esta nota envio a usted el diploma de la Orden del Libertador con que el gobierno de Venezuela ha querido premiar su brillante actividade de escritor cuya pluma siempre ha estado al servicio de aquellas causas que, como la epopeya sur americana, cuya personalidad culminante fué Simon Bolivar, simbolizam el culto al grandioso ideal de la emancipación. Aprovecho esta ocasión para felicitar a usted por tan merecida distinción. — **Diego de Carbonell.**"

Acompanhava a este officio a seguinte carta do ministro das Relações Exteriores de Venezuela: "Tengo la honra de participar a usted que por disposición del ciudadone presidente provicional de la Republica, prévio el voto favorable del Consejo de la Orden del Libertador y por resolución de este Ministerio fechada el 13 febrero ultimo, se ha conferido a usted la condecoración de la misma orden; y espero que usted apreciará en todo su valor esta distincción con que Venezuela premia los servicios y meritos sobresalientes. Me es grato valer-me de esta oportunidad para ofrecer a usted las seguridads de mi distinguida consideración. — **P. Santiago C.**"

O diploma, assignado pelo presidente da Republica e referendado pelo citado ministro, está concebido nestes termos: "El Presidente de los Estados Unidos de Venezuela, previo el voto favorable del Consejo de la Orden, confiere la condecoración de la Orden del Libertador al señor Gustavo Barroso. Esta Orden, instituida en memoria del Heróe fundador de cinco Republicas de la America del Sur, és el honor mas preciado que la Patria acuerda a sus servidores distinguidos, asi como a aquellos que siendo o no venezuelanos se hacen dignos de ese honor por su merito sobresaliente o por los servicios que han prestado o presten a la humanidad".

"Fon-Fon" - 4 - Março - 1922

"O Jornal" 17 Março 1922

193

PARENTESCO MORTO

A existencia vertiginosa que no mundo têm creado a electricidade, o automovel e o tango, conseguiu, por multiplas circumstancias daquillo que se convencionou chamar geralmente vida pratica, diminuir o menos possivel todos os laços de parentesco. Hoje em dia, por toda a parte e no Brasil sobretudo, os membros da familia considerados verdadeiramente como taes estão reduzidos a avós, paes, filhos e, ás vezes tios. Passou dahi o paresteco ninguem pensa mais nelle. E dia virá que no maximo se conhecerão mães e filhos....

Que differença da familia noutras éras de mais nobres pensamentos e sentimentos, de fidalga patriarchalidade! Que differença! Todos se orgulhavam dos laços de consanguinidade, de affinidade ou de affecto que os uniam no seio duma mesma familia. E, mesmo no Brasil monarchico, era costume chamar aos primos segundos mais velhos **meu tio** ou **minha tia**, meio delicado de provar-lhes respeito affectuoso, ao mesmo tempo demonstrando que se desejava cada vez mais tornar mais intimos os laços de sangue. Nos dias que correm, com a palavra primo ou prima se mascaram os conhecidos de cinema e, quanto aos affins, já se esqueceram as suas denominações typicas, tradicionaes. Ao envéz de **meu cunhado** se diz "o marido de minha irmã"; em logar de **meu tio**, "o marido de minha tia"; mesmo os paes não são mais **papae** e **mamãe**, porém sim "os velhos", "o velho" e "a velha"!

Dindinho, tão suave, tão meniaeiro, tão antigo, apagou-se e deu logar á esta coisa: "o velhão".

Nem ao menos subsistiu o **vovô**. Todos os respeitos da hierarchia sagrada do lar se perderam, em consequencia de se haverem já perdido os ultimos resquicios do respeito devido á hierarchia necessaria da sociedade. E as idéas falsas que destruiram a religião e a ordem, sob o pseudonymo de democracia, prepararam-se para acabar de vez com os ultimos resquicios de disciplina, sob a capa de uma porção de nomes feios que terminam sempre em **ismo**.

Dizem que essa decadencia da cohesão e da força da familia é o resultado duma evolução, cujo coroamento será a extincção completa dessa creação social secular. Talvez tenha razão quem pensa assim; mas eu prefiro pensar de outra maneira.

Nós herdamos a nossa organização familiar da latinidade e em tempo algum e em parte alguma outro povo elevou mais alto o culto da familia do que o romano. A sua **gens** é uma creação hieratica, vigorosa e serena, que causa inveja. E o seu ambito se alarga com liberalidade hospitaleira e protectora, no seio da sociedade. Della fazem parte, não só os que o sangue e as affinidades unem ao tronco principal, como os escravos, os libertos e os clientes.

Os deuses Lares a protegem, portas a dentro, e o direito civil garantia-lhe aos membros prerogativas publicas e privadas. As matronas usavam a estola: "quibus stola habendi jus erat". Havia condições juridicas especiaes, "sine qua non", para se ser denominado "pater-familiæ". Depois que o chefe duma casa era assim classificado, sua esposa podia usar o titulo illustrissi-

mo do "mater-familiœ", que se não dava a nenhuma viuva e a nenhuma mulher sem filhos. Numa mesma familia, só um unico individuo podia ser o "pae de familia" e não se podia chamar "mãe de familia" senão a uma unica mulher.

Num curioso livro latino que o professor Savagner traduziu para ser editado em 1846, na collecção de classicos, hoje rarissima, de C. L. F. Panckoucke, em Paris, se encontram as curiosas designações do complicado e solenne parentesco morto da "gens" romana. Essa obra é o "De significatione verborum" de Sextus Pompeius Festus, cujo manuscripto principal foi achado na Illyria no seculo XVI e pertenceu a Aldo Manucio. O trabalho de Festus sobre a significação das palavras não é original. Elle não passa duma abreviação dos livros sobre o assumpto, infelizmente perdidos, de Verrius ou Veranius Flaccus, contemporaneo de Cesar e de Augusto, do qual Suetonio nos fala, e que morreu no reinado de Tiberio. O que Pompeius Festus fez á obra de Flaccus, obreviando-o, Paulo Diacono fez ao seu resumo, diminuindo-o nuns pontos e interpolando-lhe glozas, noutros. Esse Paulo Diacono parece ter sido bispo e seguramente foi contemporaneo de Carlos Magno, a quem dirigiu uma celebre carta, offerecendo-lhe o seu resumo, com esta dedicatoria: "Divinœ largitatis munere sapientia potentiaque præfulgido domino regi Carolo, regum sublimissimo, Paulus, ultimus servulus".

Por felicidade, a obra de Festus, sem valor estylistico ou scientifico, mas excellente como documentação, escapou ás destruições do tempo e ás interpolações ou abreviações dos autorés barbaros e chegou, com pequenas feridas, até nossos dias, permittindo a edição basica feita em Leipzig, em 1839, pelo erudito Karl Ottfried Müller, sob a epigraphe: "Sexti Pompei Festi de verborum significatione quæ supersunt, cum Pauli Epitome".

O parentesco juridico romano constante das paginas de Pompeius Festus é sobremaneira curioso e nos ensina, desse ponto de vista, uma porção de termos e designações que geralmente se desconhecem. Na ordem dos ascendentes consanguineos, nos dá o **avus**, o pae do pae ou o pae da mãe. De accordo com o systema usual dos etymologistas de todos os tempos, embrulha as origens varias dessa palavra: enraiza-a em dois termos gregos, um dos quaes quer dizer grande, e prende-a tambem ao "aduum" latino, para significar que o avô foi ajuntado ao pae... Acima delle, vêm o "atavus" ou bisavô e o "abavus" ou trisavô. Se nessa ordem ascendente param ahi suas informações, ellas nos dão os termos juridicos appellativos dos parentes que vulgarmente denominamos tios. O **avunculus** é o irmão da mãe, o tio materno. Nome curioso, diminutivo de **avus**. Porque o tio materno é o avôsinho? Porque, como o avô, diz o livro, é o terceiro a partir do individuo e porque, moral e legalmente, lhe compete o logar do avô, devendo proteger, como esse, o filho de sua irmã: "quod avi locum obtineat et proximitate tucatur sororis filiam".

A tia paterna é, por sua vez, designada por **amita**, pela mesma razão que o tio materno, quanto ao afastamento em terceiro grão, e porque o pae a amou, visto como

sempre os individuos gostam mais das irmãs do que dos irmãos, por causa da differença de pessoas e porque entre irmãos e irmãs ha menos divergencias e rivalidades do que entre irmãos sós: "videlicet propter dissimilitudinem personarum, quæ ideo minus æmulationis".

Passemos por outros gráos de parentesco sem grande originalidade, como a **fratria** ou cunhada e vejamos esta curiosa etymologia de **frater**, irmão: de "fere alter", **quasi um outro eu mesmo.**

Os que vulgarmente chamamos tios-avôs e tias-avós são mais complicadamente determinados: **matertera**, tia avó pelo lado materno, que vem de **mater altera**, outra mãe; **patruus**, tio-avô pelo lado paterno: **major patruus**, tio-bisavô pelo lado paterno; **major avunculus**, tio-bisavô pelo lado materno; e **major amita**, tia-bisavó pelo lado materno.

A serie desses maiores ainda mais se complica com o **major Socer**, bisavó da mulher do individuo, e a **major socrus**, bisavó da mesma. Se hoje já é tão difficil aturar os simples sogros e especialmente as simples sogras, o que não seria no tempo em que havia ademais os sôgros maiores!... Entre esses sôgros maiores e os sôgros de verdade, existiam mais os grandes sôgros, avôs e avós da mulher: **magnus socer** e **magna socrus.** Não ha duvida que, desse ponto de vista, foi a maior das felicidades, para os que se casam, a morte do parentesco romano...

Tambem a descendencia por affinidade não se acabava cedo. Após o genro e a nora, os sôgros tinham que aguentar com a **pronurus**, mulher do neto, ou com o **progener**, marido da neta.

Os primos tomam parte importantissima na feição curiosa e solemne da **gens** latina. Nas suas denominações se palpa o mesmo desejo de augmentar o parentesco e não de diminuil-o, que fazia, nas nossas fazendas antigas, chamar ao primo segundo mais idoso **meu tio.** Em Roma, chamava-se o primo segundo mais moço **meu sobrinho.** Diz o "De significatione verborum".

"PROPIUS SOBRINO — mihi est consobrini mei filius et patris mei consobrinus". E mais: "SOBRINUS — est patris mei consobrini filius et matris meæ consobrinæ filius". et matris meæ consobrinæ filius."

Muito mais curiosos, no emtanto, são os appellidos legalissimos de varios parentescos ou condições domesticas e civis relativas, no seio digno da familia: **nothus** é o bastardo, do grego "nothos"; **orba** é a mulher que perdeu pae ou filhos, porque ficou como se perdera a luz — "lumen amisit"; **opiter** é o indivuo que morreu, tendo ainda o avô vivo, — de "obitu patris"; **proculus** é o filho de pae ausente ou de pae muito idoso, de ambas as sortes filho, ás vezes, mais ou menos suspeito; **pater patrimus** é o homem que, sendo pae, tem ainda pae vivo.

Seria infindavel a serie de termos technicos de parentesco que se poderiam pescar na obra de Festus e noutras. Os que citámos são, parece, bastantes para mostrar de que organização familiar formidavel a nossa **gens**, hoje em decadencia nas cidades, porém ainda energica e civil nos sertões, se originou. A maioria dessas relações já foram abolidas pelo tempo e o pouco que resta desse parentesco morto está destinado a perecer nos braços do chamado urbanismo moderno, ao som do tango e das buzinas de automoveis. Se escapar disto, será fatalmente um dia varrido, como velho lixo historico, pela cega vassourada do bolschevismo, destruidor implacavel dos poucos vestigios de dignidade humana que resistem ainda ás ondas de lama...

João do NORTE.

"Jornal" 4 Janeiro 1922

Anecdota italiana O professor de direito Carrara foi uma das celebridades da Italia contemporanea. Era um homem simples, de costumes plebeus, que nenhuma importancia ligava ás pompas sociaes deste mundo. Uma Universidade germanica, maravilhada pelos seus altos trabalhos juridicos, concedeu-lhe o gráu de doutor *ad honorem* e mandou levar-lhe o diploma por uma commissão de professores. Estes dirigiram-se solemnemente para a sua residencia, em Lucca, numa carruagem de gala, envergando bécas e sobrepelizes, de capellos doutoraes á cabeça. Ao chegarem á sebe do pomar do jurisconsulto, viram os doutos allemães um velhinho em mangas de camisa, que tratava das suas parreiras. Perguntaram-lhe:

— E' aqui que mora o notavel professor Carrara?

— Sim, replicou o ancião, e fel-os entrar na sua modesta casa. Na propria sala, envergando um velho casaco, deante do espanto da commissão, concluio:

— E o professor Carrara sou eu!...

"O Jornal" 24 Março 1922

O MILAGRE DO VINHÉIS

Peregrinando através as paginas de velhos livros hoje quasi desprezados, ás vezes encontro pontos de contacto curiosissimos entre o que escreveram autores eminentes e o que me contaram rudes sertanejos no interior do Ceará. E eu que verifico serem no fundo identicas quasi, por tradição vetusta ou coincidencia accidental, as almas das literaturas populares, não me posso furtar ao desejo de registrar as semelhanças que mais me chamam a attenção.

Mais ou menos ha dezoito annos, conheci no sitio Jurucutucca, no municipio de Mecejana, a menos de tres leguas da capital do Ceará, um mestiço de branco e indio, espadaúdo e alto, forte e desempenado, de cuja facundia me lembro com grande saudade e que accumulava ás suas arduas funcções de carpinteiro da roça as de mézinheiro e curandeiro por meio de orações fortes.

Esse homem chamava-se Luiz Bóde ou Luiz Vinhéis, era de bom parecer e de bom coração, e assegurava saber orações extraordinarias para curar doenças de gente, surna de cachorro, bicheiras de animaes, pestes de gado, pragas de mandiocal; para encontrar agua, quando se cavam cacimbas, e se acharem objectos perdidos; para descobrir o paradeiro de coisas roubadas ou bichos fugidos; para apagar o rasto, quando se anda em fuga, ou o fogo das queimadas; o mesmo para fazer chover e não chover!

Das suas aptidões nessa maravilhosa sciencia contava coisas verdadeiramente formidaveis. Ouvil-o era o mesmo que escutar as gabolices dos Doze Pares de França, em volta de Carlos Magno, após o jantar e a vinhaça, na grande sala redonda e abobadada do Imperador de Constantinopla, segundo a canção medieval reconstituida por Gastão Paris, da qual Anatole France tirou o primeiro conto do "Jacques Tournebroche". Eu tinha, então, quinze annos e arregalava os olhos ao ouvil-o, meio abalançado no meu precoce scepticismo pelo seu tom seguro e convincente.

Entre as historias que repetia a miude, lembro-me bem desta. Elle tangia uns burros carregados de saccos de farinha de mandioca de primeira qualidade por pessimos caminhos, em companhia do seu patrão. Ao escurecer, ainda estavam longe do rancho onde se deviam aboletar para passar a noite e o tempo ameaçava grande chuva. Apressaram os animaes, sentindo as primeiras gottas pesadas e espaçadas de agua. O céo das serranias respondia ao longe ao rolar do trovão. Corria, no ar denso, rapidas, luminosas vibrações electricas. O dono da farinha poz as mãos á cabeça. Seu prejuizo seria total. Não trouxera saccos velhos de estopa nem couros para cobrir as cargas de farinha e a chuva estragal-a-ia toda.

O Vinhéis sorriu superiormente e disse-lhe:

— Não tenha susto, meu amo. Eu arranjo tudo.

E accrescentava com superioridade:

— Fiz uma das minhas orações fortes, "seu" moço, quando a chuva começou. Foi um chuvão nunca visto, mas a farinha do patrão não se molhou! Continuamos a viagem. Chovia adiante das cargas, chovia atraz, chovia do lado direito e chovia do lado esquerdo; porém na farinha não chovia!

Passaram-se muitos annos e venho achar em plena barbaria merovingia da Franç o relato do Vinheis. Tenho á mão a "Historia Ecclesiastica dos Francos" de São Gregorio, bispo de Tours, traduzida do latim em francez por Henri Bordier, edição de Firmin Didot, Paris, 1859. Seus editores fizeram-n'a preceder da vida do Santo, escripta no seculo decimo por Odon, abbade do mosteiro de Cluny. Nessas paginas hagiographicas, o monge cluniesiense conta varios milagres do santo episcopo. E entre elles este:

"Uma feita, ia elle da Borgonha para a Auvernia, quando começou o céo a se preparar para violenta tempestade. Nuvens espessas enchiam o ar. O céo rebrilhava de clarões repetidos e retinia ao rumor da trovoada. Todo o mundo empallidecia do medo diante daquelles perigos. Mas Gregorio, tranquillamente, tira do peito as reliquias de santos, que sempre trazia penduradas ao pescoço, e nas mãos as eleva para o céo tempestuoso. Logo, as nuvens carregadas se afastam para um e outro lado, offerecendo-lhe um caminho livre entre o fustigar lateral da chuva".

Eis ahi como são profundas na ascendencia européa as raizes das menores manifestações do folk-lore nordestino.

A historia, entretanto, ainda é mais velha. O proprio S. Gregorio, indicado pelo abbade de Cluny como autor do milagre que o Luiz Vinhéis do Ceará tambem se attribuia, narra uma variante do mesmo no capitulo XXXIV do livro IV da sua obra citada. Diz o facto como acontecido com um humilde monge de Bordéos, encarregado de vigiar o trigo conventual exposto ao sol, na eira:

"Emquanto os outros repousavam e elle guardava o trigo, subitamente o céo se cobriu de nuvens negras e uma chuva terrivel, acompanhada de ululante ventania, com a maior velocidade se approximava da tulha de grãos. Vendo isso, o monge não sabia o que fazer, não sabia que resolução tomar; mas, reflectindo que, se chamasse os outros, esses não teriam tempo bastante para recolher tão grande quantidade de grãos ao celleiro, abandonou todo e qualquer pensamento de ordem material, caiu de joelhos orando, supplicando a Deus não permittisse cair sobre o trigo do convento uma unica gota de agua. E, quando, prosternado, rezava assim, logo a nuvem carregada se dividiu, a chuva abundante circulou o montão de cereal, sem que um unico pingo sobre elle caisse".

Todos os frades desse mosteiro burdigalense viram o prodigio e muito se maravilharam. Mas o abbade não esteve pelos autos e, temendo que essa obra santa enchesse de orgulho o coração do pobre freire que a obtivera com a sua oração, mandou vergastal-o fortemente e mettel-o no calabouço sete dias a pão e agua. Não consta na "Historia Ecclesiastica dos Francos" que elle conseguisse o milagre das chicotadas se afastarem do seu corpo como os fios liquidos e prateados da chuva. Mais feliz que o frade de Bordéos em tão priscas éras, foi o Vinhéis do livre sertão cearense.

Não lhe foram ao pêllo por ter salvado da chuva a farinha do seu patrão e, segundo a sua autorizada palavra, para mim tão autorizada do ponto de vista do folk-lore quanto a de Gregorio de Tours, o amo dera-lhe um fato completo de algodãozinho e um chapéo de couro, como recompensa da sua oração forte tão opportunamente feita.

João do NORTE.

Dansarinas orientaes

Eu me lembrei outro dia do Eça de Queiroz...

Lia num jornal inglez o que contava um correspondente seu que acompanhou as tropas britannicas á Asia Menor. Elle entrou no sotão duma pocilga, onde se annunciavam dansas arabes por donzellas em flôr, pensando achar-se num ambiente feerico das *Mil e uma noites*, em luzes, côres, perfumes e olhos ardentes do serralho. Em vez disso, uma desilusão! Raparigas frageis dansando numa sala suja.

E eu não pude deixar de pensar naquella scena da *Reliquia* em que Topsius e D. Raposo se acham na mesma situação.

Parece que para os intellectuaes o Oriente visto de perto é sómente desillusão.

"A Liga das Nações" de Otto Prazeres 1922

"Fon-Fon" 25 Março 1922

Os indesejaveis

Mais ou menos moldado na lei norte-americana, o deputado cearense Sr. Gustavo Barroso apresentou na Camara Brasileira, na sessão de 1917, um projecto de lei que prohibe a entrada de estrangeiros sem determinadas condições.

Diante do que diz a nossa Constituição, que estabelece a livre entrada sem condição alguma, pensavamos que o projecto fosse recusado pela douta commissão de Constiuição e Justiça; mas, ao contrario disso, foi (felizmente) acceito, tendo como relator o illustrado Sr. Mello Franco, que elaborou um substitutivo, alterando bastante o trabalho do Sr. Gustavo Barroso.

Todavia, e isto é o principal, o direito de expulsão, como o de prohibição de entrada, mais uma vez ficou de pé, embora o projecto do Sr. Mello Franco, acceito pela commissão, num impulso liberal commum a todos os legisladores brasileiros, tivesse estabelecido um processo judiciario para o acto da expulsão e dado recursos legaes aos prejudicados.

O principio ficou, porém, de pé: foi reconhecido que é util a limitação dos direitos das estrangeiros em bem da communhão nacional. Mais um passo e chegaremos a reconhecer a necessidade de que é preciso limitar os direitos de todos os cidadãos pertencentes a um paiz que violou as leis de paz. . .

A Morte Dizem que se não deve pensar na morte. Acho o contrario. Pensar nella é o unico meio de se acostumar a não temel-a. Ella, de certo, é tão util, tão necessaria, tão bôa! Ensinou-nos a gostar della o poeta Jules Tellier:

" Fantôme qui nous dois dans la tombe enfermer,
Mort dont le nom repugne et dont l'image effraie,
Mais qu'à force de crainte on finit par aimer,
Puisque la vie est vaine et que toi seule est vraie;
O mort, qui fais qu'on vit saus but et qu'on est las,
Et qu'on rejette au loin la coupe non goûtée,
Mort qu'on maudit d'abord et dont on ne veut pas,
Mais qu'on appelle enfin quand on a meditée. "

Se alguem me pergunta se a chamo como o grande poeta francez, dir-lhe-ei que sim, que á força de meditar sobre a morte lhe tenho achado encantos que outros lhe não acharão e que ella promette um repou-so, uma tranquillidade invejavel e eterna, que, se fôr illusão, então será o peor conto do vigario passado naquelles a quem — sem sua audiencia — foi dada esta vida cheia de prós e de percalços.

"Fon-Fon"

1 Abril

1922

Caxambusadas Noite de festa no grande salão do Hotel Avenida. Commemorava-se o anniversario dum caniche elegante...

Depois duma conferencia litteraria, havia recitativos. Um delles era feito por um grupo de moças que representavam as pedras preciosas, vestidas a caracter. Cada uma disse seus versos successivamente. Falaram com as suas vozes juvenis, frescas e mimosas a Saphyra, a Amethysta, a Esmeralda, a Perola. Desempenhava o papel de Escrinio dessas jo as um cavalheiro elegante, advogado nas horas vagas. Após o chilrear precioso das moças, um trovão rolou pela sala. Todos se entreolharam pallidos: terremoto? Tempestade? Nada disso, era simplesmente a voz poderosa do cavalhe ro, exclamando:

— Eu sou coração humano!

— Pois seja! murmurou em voz baixa um antigo director do Lloyd. . .

C. F.

"Fon-Fon" 4 Março 1922

Mascottes Vendo passar outro outro dia entre os soldados duma de nossas bandas de musica regimentaes, um elegante carneiro ataviado de guizos, pensei na superstição que os soldados sempre tiveram e têm por essas *mascottes* interessantes. Os romanos possuiam nas suas legiões gazellas familiares. Os australianos levaram para a ultima guerra européa os seus kangurús mansos. Os batalhões inglezes têm bodes e cabritos. Os couraçados americanos e britannicos possuem gatos, cães e ratos brancos, gallinhas, patos e cameleões. E um celebre aviador francez só voava acompanhado pelo seu papagaio.

O soldado sem familia e vivendo no meio de perigos, além de precisar dum ente para lhe dar carinho, torna-se supersticioso.

"O Jornal" 6.2 Abril 1922

199

DEMONOLOGIA

I

O propheta suave que entre os humildes andou pela Judéa e pela Galiléa, baseava seus ensinamentos divinos no amor puro e sublime. "Amai-vos uns aos outros" foi o alicerce do christianismo primitivo, o lemma que reuniu nas catacumbas e armou de estoicismo no circo, os perseguidos de Roma Imperial. Essa religião de paz e amor, de perdão e misericordia espalhou-se á face do mundo que soffria como um balsamo consolador. Curava a ferida dos máos tratos, bania o odio dos corações, matava os fermentos do desespero e enchia as almas com uma esperança nova.

Mas as visões sombrias, posteriores á morte do mestre, que povoaram o cerebro do Discipulo-Amado, em Pathmos, suas vigilias tumultuantes de pesadelos e os seus escriptos prepararam para essa doce religião uma nova éra. E mais tarde, quando já poderosamente se constituia a Egreja, o Apocalypse assombrou as almas christãs. A maioria dos seus grandes symbolos foi vulgarmente tomada pela rama e o pavor do fim do mundo achou guarida em todos os corações.

O delicado São João, sobre cujo seio amigo Christo repousára a cabeça, o apostolo querido a quem o Filho de Deus recommendára sua mãe, legára á humanidade a predicção do acabamento da "cidade terrestre" e do advento da "cidade de Deus", após um tremendo Julgamento Final e mil annos depois do nascimento do Messias

Então, um apprehensivo horror abalou as populações christãs ao approximar-se o anno 1000 e delle nasceu o grande terror do demonio, que se preparava para arrastar as almas peccadoras, aos montões, até suas lugubres e ardentes cavernas.

A demonologia já existia no universo. Ella nascêra nos dogmas vetustos da opposição dos dois grandes principios que regem a vida, bem e mal, e da quéda dos anjos, genios ou espiritos que primeiro se rebellaram contra o seu creador. O dogma dos principios hostis já estava nos primeiros clycos cosmogonicos de lendas indostanicas. Moysés desconhecêra o dogma da quéda, mas elle foi trazido pelos rabbinos de Babylonia, tirado da Theogonia de Zoroastro. No velho Egypto, os demonios dominavam o mundo inferior e os philosophos subtis da Grecia, segundo Apuleu, acreditavam em demonios auxiliares, como o de Socrates, e que o ar fervilhava desses genios, da mesma maneira que o fogo, na opinião de Aristoteles, fervilhava de Salamandras. Para o classico latino, os demonios deviam ter um corpo especial, nem muito leve, para não subirem demasiado na atmosphera, nem muito pesado, afim de não descerem completamente á superficie da terra.

Mas o verdadeiro reinado do demonio foi a edade-média. O medo do diabo dominou os seus primeiros seculos. Os frades pregavam que elle vivia por toda a parte e em tudo se emboscava. Corriam os relatos da maneira insidiosa e perseverante com que tentava os maiores santos, assoprando a luxuria a Santo Antonio, assoprando o orgulho a Santo Onofre. O anjo maldito assenhoreou-se integralmente da vida social. Cavalleiro de armas negras, castellão luxuoso, fidalgo faceiro, pagem lindo, trovador e troveiro, mendigo e beguino, aventureiro e goliardo, rufião e navegante, lagarto, morcego, sapo, mulher encantadora, tudo elle foi para em toda a parte penetrar. Succubo emmagrecia os rapazes pouco castos. Incubo espalhava filhos, mysteriosamente, pelo mundo. Philippe Mousket, autor antiquissimo, chega a affirmar sob juramento, na sua "Chronica", que Satanaz, revestindo as lindas formas duma mulher admiravel, seduziu o duque da Aquitania, nascendo desse connubio a celebre princeza Eleonora de Guyenna!

O diabo crepitou no athanor afogueado de Alfredo o Grande e até no gabinete de alchimia e de magia do papa Sylvestre II. Suas relações com o Papado não ficaram somente nisso.

O cardeal São Pedro Damiano chamava o papa Gregorio VII—São Satanaz! De encontro ao tumulo de Cecilia Metella, o demonio, furioso quebrou uma noite a cabeça do summo pontifice João XXII!

Raptava donzellas na garupa do seu cavallo negro. Dansava a chacoina e a frólgranada. Era a dama-pé-de-cabra das lendas peninsulares e o corvo negro das lendas allemãs. Revestiu, nos dez ou doze seculos que medearam entre a coroação de Odoacro e a resurreição dos deuses no Vaticano, todas as apparecencias imaginaveis. O diabo foi verdadeiramente Satan-Pantheu.

Unicamente as suas formas variadas e mutaveis permittiram ao padre Tambourini fazer uma obra celebre: "De forma diaboli" (UBERA MATERIA LACTENTES A DEMONIO CORRIPIANTUR). Todas as divindades antigas, mesmo as informes e as ignoradas, foram outros tantos avatars de Satanaz. Dil-o de modo completo o "Mallens Maleficorum". Elle foi o arrojo dos architectos gothicos e dos grandes fundidores de sinos.

Luthero, na sua cella solitaria do Wartburgo, dizia discutir á noite com elle idéas singulares. Ambrosio Paré affirmou acreditar na possessão demoniaca, o que não é de admirar quando se sabe que, numa carta a Paula, o grande São Jeronymo fala de crianças de peito possessas... Theodosio, rei godo de Ravenna, segundo João de Verona, era seu filho... E invocaram-n'o mesmo para curar Carlos II da Hespanha!

Origenes, nos primeiros tempos do christianismo, assegurára que o espirito do mal podia revestir as formas de varias bêstas, mesmo as de peixe e de rã. No local onde uma rã infernal fôra encontrada, se elevou a celebre basilica de São João de Latrão: UBI LATET RANA, Lateranus, Latrão. Vasari diz que o demonio apparece como um porco espinho preto e fedorento. O chronista monacal Raul Glaber viu-o como um cão escuro, de pescoço fino, cara magra, olhos negros, fronte estreita e enrugada, nariz chato, bocca enorme, labios inflammados, orelhas direitas e pontudas, queixo curto, cabellos asperos e dentes de cão! Santo Ignacio avistou-o feito serpente luminosa. Santo Antonio encontrou-o num corredor do convento, em dia de jejum, vestido de mulher, trazendo nas mãos um cesto de frutas. Santa Margarida pisou uma vibora que era elle. São Clemente encadeou-o e afogou-o no Rheno, deante de Metz, no corpo da serpente Graoully. O Santo Padre Alexandre Borgia esconjurou-o em forma de macaco. Nos sabbats das feiticeiras, era o Companheiro de Brenghel, o Bóde Chavelhudo, o Hircus Nocturnus. No Danubio, remava uma barca carregada de anões. Conforme a opinião de varios autores, tentára o Imperador Juliano o Apostata disfarçado em Maximo o Encantador. E muita gente o viu no corpo dum burro vermelho, como o Seth-Typhon egypcio.

João o Negro denominavam-n'o os feiticeiros, e os grandes philosophos e os grandes doutores da Egreja commentavam-n'o. Tertulliano assegurava que elle perturbava tanto o corpo das suas victimas como a alma. Cyrillo affirmava no seu "Itinerarium Hierosolomitani" ter visto o subterraneo onde Salomão prendia os demonios e os torturava: "Est ibi et crypta ubi Salomon dœmones torquebat". Psellos, baseado na opinião de Origenes, de São Basilio, no seu "Liber de Spiritu Sancto", de Damasceno, nas suas obras "Fide Orthodoxa" e "De Angelis", julga que os demonios só têm corpo para apparecer e agir. Plotino ia mais além, dando-lhes memoria e sensações. Jamblico no "De mysteriis liber" confirma a sua existencia, e a curiosa demonologia euchita acreditava o ar, a terra e a agua cheios de demonios: igneos, aereos, terrestres, aquaticos, subterraneos e tenebrosos. Tão cheio andava o mundo de genios infernaes que os magicos recitavam esta oração demoniaca, o Credo do Inferno: "Credo in Deum Patrem Luciferum, qui creavit cœlum et terram, et in filium ejus Belzebuth!" E peor ainda fôra a famigerada oração da seita dos cainitas: "Bemditos os insubmissos a Deus: Caim, Cham, Judas! Bemdito o seu irmão, Anjo do Infinito e das Trevas!"

A arte se inspira na Demonologia e as cathedraes gothicas ascendem para o céu num rythmo elevado, pejadas de demos ferozes e de todos os animaes que representam o espirito da tréva, segundo Pierius. Os diabos de azas nas nadegas, de caretas no ventre e no

posterior do portico do narthex de Bourges são os ascendentes dos demonios de Holbein, de Orcagna, dos de cabeça de touro de Boticcelli, e dos grotescos de Teniers e de Callot.

Pullularam os estudos a seu respeito, as demonologias e demonomanias dos demonologos e demonómanos. Todos procuraram sem descanço qualificar e corporizar o principio do mal, isso que metaphysicamente se chama ERRO e psychicamente se chama EGOISMO, isso que é tão somente, como está em Gœthe, o espirito de duvida, o espirito de negação, que se mostra no "Kaleidoscopio obscuro das almas fracas e timoratas".

Os mais celebres demonios medievos são os que nasceram da Kabbala magica e que representam os contactos do homem com as intelligencias invisiveis da terra e do céu: Ariel, o chefe de todos; Damalech, Taynor e Sayanon, governadores de espiritos; Guabarel, Torquaret e Rablanica, espiritos superiores; Nanael, detentor das sciencias divinas; Jerathael, das sciencias terrenas; Mikael, demonio da politica, Jeliel, dos animaes. Dividiam-se de modo geral em estries ou estryges, diabos estranguladores, e luitons, espiritos metallicos. Quantos eram? Impossivel saber. Cornelio Agrippa registrou seis mil nomes e não os contou todos!

A Biblia foi uma seara que forneceu aos demonologistas abundante cópia de nomes de sabor infernal. Veiu em primeiro logar o Sabaoth do "Levitico" e veiu depois o demonio Nahash, ao qual Moysés se referiu. Satan ou Shatan é um espirito de oitava categoria que apparece á primeira vez no livro de Job. Entre outros, ainda Asmodeu o Coxo, que amou a bella Sara filha de Raquel, parenta de Tobias, matando-lhe os maridos na noite de nupcias; Cédon, Uriel, Aborym, Azayel, Dagon, Magog, Gog, Magon, Isacharum, Accaron, Orphaxat e Beherit.

A seita dos manicheus fôra aquella que mais demonios apanhára nas tradições dos povos conhecidos e, achando no christianismo o terreno preparado pelo Apocalypse, semeara-o. Dahi a profusão de espiritos infernaes de que falam os grandes demonologos como Boguet, Debrio, Lancre e Bodin, cuja "Demonomania" traz a data de 1587. Taes espiritos pullulam em todas as manifestações artisticas do tempo. E João Wier, no seu interessantissimo tratado "De Lamiis", chega até a crear uma hierarchia infernal que vae dos principes e embaixadores aos mestres de ceremonia e intendentes dos prazeres!

Na sua grande maioria, os povos só têm, cada um, um unico diabo. O dos mongóes é Tchutgur. O dos slavos, Ljeschi, que mugia como boi, latia como cão e relinchava como cavallo. Os pretos do Sudão, Fan; os do Gabu', Ototolan; os do Niger, Esu'. Os indigenas do Brasil, Anhangá, embora João de Léry, que o denomina Aygnam, fale tambem dos Kangerês. Os siamezes, Phipop. A gente da peninsula de Malacca, Penyadni, mistura de crocodilo e de cachorro. Os pelles-vermelhas, Holomsk, causador de doenças. Na Birmania, Ná. Na Indo-China, a serpe Lupantó. Entre os caraibas, Maboya; entre os malaios, Putry, que, segundo Godinho de Eredia se encarnou na viuva do rei Permicuri. Mesmo os avós dos romanos os primitivos povos do Lacio só conheceram um — Virbio.

Menor numero de povos possuiam dois ou tres, no maximo: os egypcios Typhon e a serpe Apap, os cafres Mulumo e Prepo, os hungaros Ordog e Mano; os Ostyaks, Lus e Konderguen; os australianos, os tres Wanfues — Koin, Potoyan e Malonga. O occidente medieval europeu teve alluviões. Bem respondera a Jesus aquelle demonio que foi precipitado das rochas ao rio em corpos de bácoros: — "Chamo-me Legião!"

Verdadeira legião de demonios saira, com effeito, da Biblia. Belial, o demonio da desobediencia, que tinha a figura dum elephante mosqueado. Semexiah, chefe dos anjos rebeldes, segundo o livro de Enoch, filho de Caim. Adramelech, de tres chifres. Dallés, o rei da miseria. Sacar, que tentou Salomão. Azvael, que amou uma das filhas de Caim. Belzebuth, o Belzebuth de São Jeronymo, da cara de boi, Belphegor, o dos cabellos verdes, e Astaroth, a serpente que andava perfilada sobre a ponta da cauda, todos deuses dos povos inimigos: Baal-Phegor, Baal-Zabub, Achtoreth. E mais: Abdiel, Nisroth, Orichel, Rogyel, Potichel, Berith, Dathan, Sbyan, Riech, Aschmedai, Danhasch, Schamburasch, Cashcash e Azrafyel.

Na manifestação do principio do mal ainda havia a corporização de Behemot ou Bophomet, que os hebreus diziam comer feno como um

boi e que os juizes de Phlippe o Bello affirmaram ser o idolo dos Templarios.

Maior demonologia do que a hebraica só a indu'. Da India veiu toda a lenda da quéda dos anjos rebeldes, e os seus deuses tiveram de combater os demonios. Segundo os "Baghavatas", estes são os Rakshasas, inimigos de homens e deuses, os Piçatchos famelicos, devoradores de carne, Svarbhahu', que come a lua e produz eclypses, Mosasor, o principe dos rebellados a que se refere o "Autorashata", Bala e Bali Mara, que tentou o proprio Budha; Ruru', o cannibal, Baka e Baki, Çambara, Agha o poderoso, Arichta o bufalo, Ulkramuka e Hiranyaksha. Indra matou dois, narram os "Puranas": Vala e Vritra. Vichnu' matou um: Kalanemi o Grande. E o "Ramayana" canta o Ravana de Ceylão, que tinha o pello doirado como as gazellas mansas e tentou uma feita a virtuosa Sita.

Quasi tão antiga quanto a da India é a demonologia dos chaldeus, e mais curiosa. Os povos da Mesopotamia chamavam aos demonios "biles de Deus", attestam baixos relevos e inscripções cuneiformes em tijolos cosidos, e tinham um para presidir cada parte do corpo humano: Asakku' dominava a cabeça, Mantaru' a garganta, Utukku' o pescoço, Alu' o peito, Edimnu' o tronco, Galbu' a mão e Illu' o pé. Adar-Assur chefiava o bando todo.

João do NORTE.

1 Abril 1922

Prazer e peccado — Tenho um amigo elegante e culto, que é catholico praticante, o que não o impede de amar quanto póde as mulheres que merecem ser amadas. Mas o curioso é que elle gosta de iniciar os seus namoros nas missas e de marcar encontros, para conversas discretas, nas egrejas.

Uma vez pedi-lhe a explicação dessa interessante mania, tratando-se sobretudo de pessôa religiosa.

Elle sorriu e explicou-me com a maior franqueza:

— Sou como os finos gentishomens da antiga Veneza. Amo a voluptuosidade, quer dizer o prazer unido ao peccado.

— E no outro mundo?

— Serei perdoado, como a Magdalena, pelo muito que neste amei..

"Fonfon" 25 Março 1922

Anecdota espanhola — Contam que o rei Affonso XIII de Hespanha soube nas corridas, onde estava, que um submarino allemão detido num dos portos do seu paiz, sob palavra da officialidade, tinha fugido. Logo se dirigio ao principe de Ratibor, embaixador da Allemanha, furioso, perguntando-lhe se era verdade o facto.

— Sim, sire, respondeu o diplomata.

— E' impossivel, senhor Embaixador!

— E' verdade, sire!

— Como é verdade?! Os officiaes não deram a sua palavra de que não fugiriam?

— Sire, na Allemanha só vale a palavra de honra. A simples palavra nada vale.

— Pois, senhor Embaixador, nós na Espanha só temos uma palavra e é de honra sempre!

Dialogo — Por que a amo?

— Sim, porque?

— Não te sei dizer amigo.

— Has de ter alguma razão para esse grande amor, por força!

— Não tenho nenhuma e tenho todas.

— Como assim?

— Meu caro, não sei o que ella tem de mais que todas as outras na sua attitude, na sua voz, no seu gesto, nos seus cabellos de ouro, na sua bôcca vermelha, na sua maneira de ser. Não sei nem procuro saber. O que é certo, o que sinto é que é differente de todo o mundo. Ella é ella tão sómente.

— E?...

— E a amo porque não se parece com ninguem.

Anedocta franceza — Contam em Paris que, estando em Londres antes da guerra, quando estiveram tensas as relações entre a Inglaterra e a Allemanha, Clemenceau foi convidado a jantar no paço real. A' mesa, entre decotes lindos, crystaes, joias, uniformes e flôres, falou-se por acaso da guerra provavel. Clemenceau disse ao rei Jorge, sorrindo:

— Mas o Kaiser, Magestade, é vosso parente...

O soberano inglez respondeu:

— Sim, em terceiro gráu...

Então, sorrindo mais ainda, o estadista francez concluio:

— Abaixo de zero, sem duvida...

Houve em toda a grande mesa do banquete um silencio profundo...

4 Março 1922

Italia — E' mais do que curiosa a etymologia do nome Italia, que se encontra no primeiro volume do "De Significatione Verborum„ de Pompeius Festus. Eil-a: "Italia dicta, quod magnos italos, hoc est boves, habeat. Vituli etenim ab Italis itali sunt dicti. Italia ab Italo rege. Eadem ab Atte Lydo Attya putatur appellata.„ Eis aqui a traducção: "Italia. Este nome vem do facto desse paiz produzir bois de grande altura. Com effeito, os italianos chamam os vitellos *itali*. A Italia, segundo outros, foi assim chamada por causa do rei Italus. Julga-se que esse mesmo paiz teve o nome de Attya do lydio Attis.„

DEMONOLOGIA

II

Buscaram-se em todos os livros antigos provas da existencia dos demonios e não foi difficil achal-as. Hesiodo dizia que o homem sabio, depois da morte, entrava na posse de mais alta sabedoria e se tornava um demonio. Esta palavra grega vinha doutra, que significava saber. O demonio era um genio ou uma intelligencia. Era essa, ademais, a opinião dos platonicos. Apuleu dava aos demonios corpos de ar. Porphyro dividia-os em bons e máos, aconselhando que se deveria ter um delles como amigo, para que ajudasse a subida da alma para o Ether. Todas essas opiniões preoccuparam os doutores da Egreja e sobre ellas os escolasticos bordaram uma variedade infinita de themas.

Santo Agostinho queria que os demonios se queimassem, para poderem queimar, e diz que elles podem ter uma especie de corpo, formado por um ar espesso e humido, que o vento faz vibrar ("oere crasso atque humido, cujus impulsus vento flante sentire"). E' ainda o autor da "Civitatis Dei" quem affirma que os diabos enganaram Numa Pompilio por meio da hydromancia.

Baseados nessas e noutras opiniões semelhantes, os demonólogos augmentaram os ridiculos do principe das trevas e decuplicaram o numero de seus comparsas. "Diabolo pleno", diziam os exorcismadores da Edade Media, dos possessos e toda essa época foi plena de diabos.

A demonologia japoneza antiga enumerava sete demonios para as enfermidades: Taifu', Jinzu', Taiyô, Gwaishu', Yuki, Kanjô e Ringtsu'. A dos assyrios tinha o diabo Utuk, dono do deserto; o Mas, da montanha; o Telal, da cidade; o Namtar, da peste; o Gelal, o Kulgelal e o Idpa, sem attribuições definidas, e o Sigim, errante.

Os germanos haviam possuido, sob a chefia suprema de Svadilfari, Loki, o vento frio do Septentrião, o lobo Fenrir, a serpente Midgardh e a deusa infernal Hell. E os arabes povoaram o mundo de demonios: Lelis, o principe negro; Zulbayan, o lubrico, seu filho; Dulhan, que vive em redor das mesquitas; Musbut, o mentiroso; Haret, com quem Eva conversou antes da serpente apparecer; Schaik, pouco notavel; Scheidu e Marsikin, que vivem no ar; Maimun e Dindim passeando a sua estroinice pelas paginas das "Mil e Uma noites".

Mas nunca o numero de diabos fôra tão grande e tão curioso como nos seculos medievaes. Os sabbats das feiticeiras eram presididos por Leonardo, o bode fedorento, o "hircus", que celebrava a missa negra. Mammon era louco pela luz e somente andava por onde houvesse luminarias. Sidragassum fazia dansar mulheres nuas, no alto dos comoros, por noites de lua cheia. Nas fortalezas e castellos, assombrando as sentinellas, que coxilavam nos miradouros, surgia Sabnac, fardado de archeiro, com cabeça de leão. Nos cemiterios vagava um velho demonio grego, todo azul, Eurynomos, que comia cadaveres. Urian fazia pactos com os monges para construir egrejas e rachava com um ponta-pé os sinos dos campanarios. Cacodemonio ou Cacus, geria o limbo. Pluto e Alecto assenhoreavam-se das riquezas. Rasis era o mensageiro de confiança de Satanaz, para tentar as freiras. Rahnart andava com um cêsto de trapeiro ás costas. Mephistopheles, Mephistophilis ou Mephistopholus inquietava a razão dos mortaes. Nlybbers era saltimbanco. Abdelores nascera duma união de Eva e do Satan, ainda á sombra das arvores do Paraiso. Saclusdeno havia pertencido á seita dos manicheus. Dominavam o côro infernal Lucifer e Lusbel ou Luciabel. Os copistas e escribas eram atormentados por Titivillus; os campos, varejados por Paphos, montado no seu cavallo cégo; as charnecas, percorridas por Auherahn, que tinha fórma de gallo. Até sob o aspecto de meninos andavam Assiabel e Marbuel, tentando meninos.

Por toda a parte, diabos de toda especie e de todas as cores. Entravam nas casas pelas chaminés Aliboron e Ferrebiu'. Sentavam-se ás mesas, nas refeições, Gilgoth e Penthagruel. O velho Sabaoth judeu balançava a sua cabeça de burro acima das panasqueiras, quando o crepusculo caia. Demogorgon e Rappallus cabrfolavam no adro musgoso das egrejas ou entravam no corpo dos camponios. Upior era o pae de todos os vampiros. E, nas guerras sanguinolentas, sibilando torpezas ao ouvido dos soldados, á sombra esvoaçante das bandeiras, sorria no meio das pelejas a boca putrida de Rifflart.

E não só esses. A "Lenda de Fausto", de Vidman, fala de Anna-

203
O Jornal
11
Abril
1922

bry, que tinha ca[illegible]eça de cachor[illegible]; de Dythican, do corpo de perdiz; e [illegible] Drac, que andava de quatro pés. Os mattos estavam inçados de lobishomens, de homens-veados e de homens-porcos, assim como de pequenos espiritos levados da bréca como Rothonago e Vandeval, cuja existencia era affirmada por Luiz Guyon. Ademais, Dante appellidava no "Inferno" um batalhão delles: Alichino, Calcabrina, Cagnazzo, Barbariccia, Libicocco, Draghinazzo, Cirialto, Graffiacane, Farfarello e Rubicante. E os seus demonios ridiculos se approximaram no feitio dos de Rabelais.

Os livros talmudicos muito collaboraram na creação da raça demoniaca. Elles traziam a genealogia de Samael, filho de Leviathan e marido de Lilith, a primeira mulher de Adão, tão falada nos Breviarios de magia negra. Leviathan encarnava o principio do mal; Samael era a sua parte masculina e Lilith a sua parte feminina.

Os esquimós, como os judeus, dividiram o mal da mesma maneira: Vittikka é o seu demonio; Sedna, a sua demonia. Mas na demonologia hebraica ha outras diabas, esposas posteriores de Samael, como Aggarath, Nahemah e Mochlath. E' dellas, talvez, que procede a lenda da celebre diaba branca da Renascença. E todas essas coisas se iam perder no fundo obscuro das theogonias asiaticas, de onde tinham vindo, emigrando da India para a Persia e dahi, por Babylonia, para a Judéa, o dogma da quéda dos anjos.

Desde essa época até á raiz dos tempos modernos, através dos infolios e dos livros, vem a celebração do espirito maligno. A justiça delle se occupa: um "podestá" de Florença condemna á morte um corvo em que elle se corporizára. As canções o embalsamam. As agiographias o perpetuam. As obras de magia o eternizam. Dante esculpe Geryon, Rabelais pinta Rappallus, Goethe apodera-se de Mephistopheles, Heine guarda Masiabel, Victor Hugo descreve Paphos, Lesage aproveita Asmodeu e Anatole France resurge Titivillus. Elle passa por varias encarnações. Deixa de ser o dragão, o reptil, o corvo, pa[illegible] metter-se no couro das ave[illegible]reiras [illegible]nja Alferes ou [illegible]ona Maria Pacheco, de Coimbra. [illegible]o tempo faustoso e corrompido de D. João V, uma freira do convento de Santo Eloy vomita-o em forma de alfinetes...

A sua decadencia, dia a dia, ao a[illegible]oximar-se do nosso [illegible]mpo, se accentuou. Suas pr[illegible]as apparições como homem, [illegible] edade-media, foram como cavalheiro d[illegible] vizeira erguida ou donzél de olhar ardente. Já ao tempo dos milagres de São Frei Gil anda de capa curta, como os estudantes, sendo nessa figura que Oscar Wilde o introduz no con[illegible] "O Peccador e Sua Alma". Heine achava que a sua fórma mais horrorosa era a de homem. Com ella se aburguezou e morreu. Dahi a verdade destas palavras de Oliveira Martins: "O d[illegible]onio é um Deus, e os deusas acabam no dia em que attingem a physionomia de homens". Aburguezando-se nas maneiras e nas roupas, perdeu cento por cento das suas qualidades e[illegible]geiramente, caminhou para o tum[illegible]. Não é mais o pagem languido e lubrico, nem mesmo o estudante [illegible]ageiro que torra com os pés a herv[illegible] dos caminhos. Deixou de ser o menestrel que se apoderava, após uma serenata, da alma e do corpo das castellãs sensuaes. Apresenta-se raramente, feio e taciturno, de chapéo alto, luvas escuras, sutambaque e cartola, como nos contos de Gautier e nas paginas do Eça. A morrer de fome e de medo da policia, se encolhe nos versos de Guerra Junqueiro.

Pelas aldeias portuguezas, os seareiros só lhe dão alcunhas de zombaria. Mófam delle os labregos e as ceifeiras. E' o Cornudo, o Unha-Revolta, o Tição Negro, o Barzabú, o Fusco, o Zarapêlho, o Coisa-Má, o Pedro Malas-artes, o Tisnado, o Macanito, o Mafarrico, o Carôcho e o Galhardo. Toda a gloria de Satanaz sossobra ao bater desses appellidos. Cada um vale por certeira pedrada. E os que lhe dão os sertanejos do Nordeste do Brasil são peores: Esmulambado e Mulambudo; Cambito, Cão, Dêbo, Moleque, Fute; Pé-de-peia, Pé-de-pato e Pé-preto; Futrico, Figura, Bode, Capa-Verde, Gato-preto, Malin[illegible] Sa[illegible]caio, Pero Botelho e Bicho, Ra[illegible], Tinhoso, Capêta, Capiroto, Côxo, Coisa, Sujo, Maioral. Elle, [illegible]ito, Demo, Cafute e Droga. Já os a[illegible]bes o haviam alcunhado por Lapidado e nenhuma creação sobrenatural da humanidade tem sido mais lapidada pelos seus creadores do que o pobre diabo...

São Francisco de A[illegible]is, [illegible] clara como um céo de verã[illegible] [illegible] dos primeiros a fazer p[illegible] onde matal-o. A grande revolução [illegible]eligio[illegible] que encabeçou sem o [illegible]ntir, fez [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] mess[illegible] [illegible] proxi[illegible] que o gran-

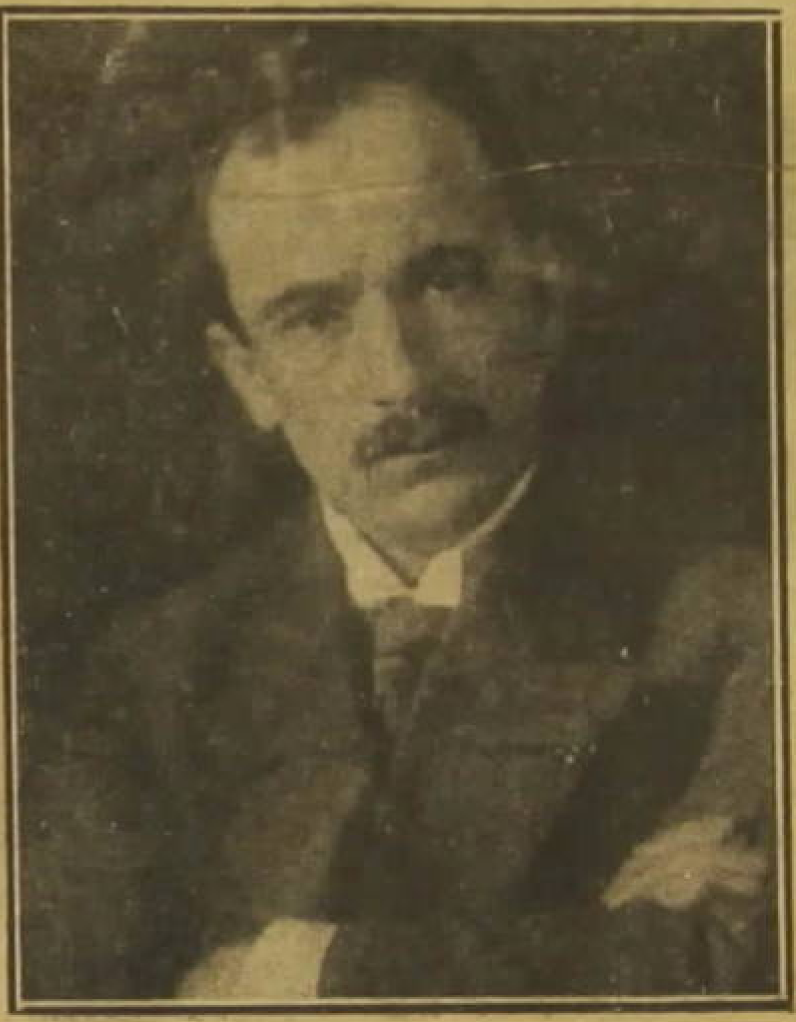
O [illegible]HANCELLER DA BOHEMIA

Quando estourou a guerra européa, o sr. Eduardo Benés, professor [illegible] Academia de Commercio e [illegible] Universidade de Praga, tinha sómente trinta annos; mas já o seu paiz se honrava com os conhecimentos politicos e sociologicos. Jamais participára da vida publica sob o guante oppressor da Austria, era inimigo de palavreados ôcos, não tinha protectores e era suspeito ao governo, por causa de suas idéas avançadas. Gozava da mesma impopularidade nos meios austro-hungaros que o seu professor Masaryk. E era a alma do grupo de homens resolutos que preparava a patria tcheque para a sua resurreição.

Quando veio a guerra, evadiu-se da Austria e foi juntar-se no exilio ao seu mestre Masaryk, do qual foi o confidente e o auxiliar directo em todos os emprehendimentos. E foi feito ministro das Relações Exteriores da Republica Tcheco-Slovaca, logo que os alliados reconheceram a sua existencia, embora ella ainda não estivesse definitivamente formada.

A' frente da chancellaria da Bohemia, o sr. Benés se tem revelado desde o Tratado de Paz, um verdadeiro diplomata, profundo conhecedor dos homens e das questões internacionaes, disposto a todos os esforços para guiar o seu paiz pela senda do progresso.

Ligam-n'o ao professor Masaryk, actual presidente da Republica, os mais intimos laços. Este deposita no seu auxiliar a maxima confiança e o dr. Benés lhe corresponde com dedicação filial. O primeiro é um homem de gabinete, um homem de estudo e de pensamento que com a sua curiosidade de espirito e a sua vasta erudição procura os problemas e os expõe com clareza. O dr. Benés, joven e activo politico, age para resolvel-os. Assim, os dois temperamentos se completam.



O Dr. Eduardo Benès, actual ministro do Exterior da Tcheco-Slovaquia.

A proposito d'esses dois grandes homens, escreveu o seu biographo Luiz Eisenmann:

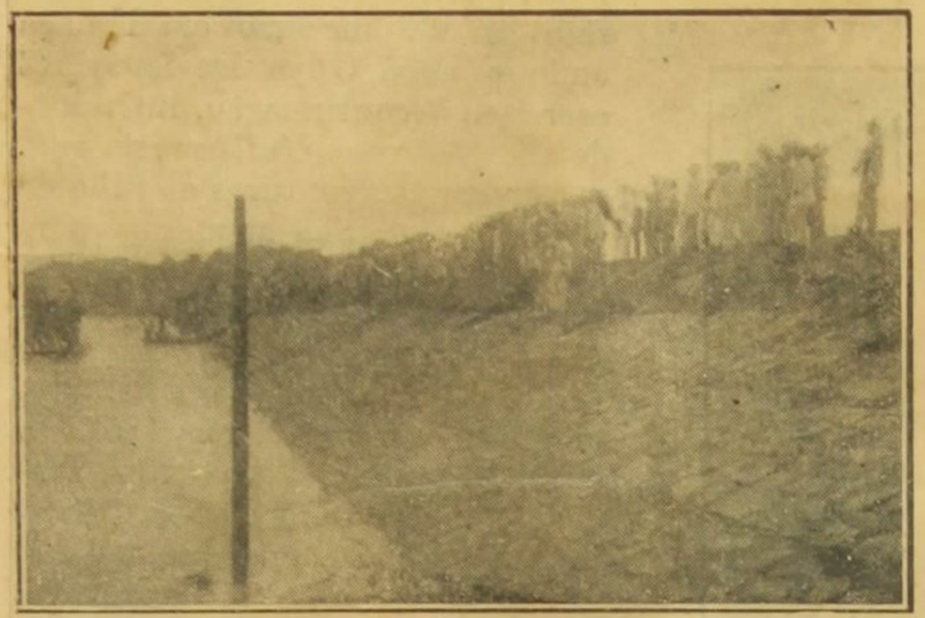
«Das meditações de sua consciencia e do estudo do passado de seu povo, o sr. Masaryk tirou a sua philosophia da historia tcheque, que se resume na formula: nacionalidade e humanidade. Se a nação tcheque aspira a desenvolver-se na plenitude de sua vida nacional, não o faz sómente por instincto de conservação e egoismo natural de todo organismo vivo; mas porque necessita de garantir sua existencia, livre de qualquer entrave, garantida outra qualquer ameaça, certo do seu futuro, para poder consagrar-se inteiramente á missão que lhe deram seus maiores pensadores e que ella assumiu com Huss, os irmãos Bohemios e Komensk, a de ser arauto e campeão da civilização, da fraternidade e da humanidade inteira. O povo que tem esse ideal póde ser profundamente nacionalista sem estreiteza. Na vida internacional representa preciso elemento de concordia e prosperidade; merece a confiança universal, e sua posição entre os povos se mede não sómente pela sua força material, mas por sua grandeza moral.

O discipulo mais fiel do sr. Masaryk, o dr. Benés, inteiramente impregnado d'essa doutrina historica e moral, regula por ella a sua politica. Igualmente afastado d'um nacionalismo intolerante e d'um humanitarismo hypocrita, reivindicou e defendeu tudo o que legitimamente pertencia ao seu paiz; mas nunca reclamou demasiado, affastou as tentações perigosas e por vezes fez mesmo á cos[illegible] internacional apreciaveis sacrificios [illegible] grandes idéas domin[illegible]: a solidari[illegible] de slava e a fidelidade inquebr[illegible]vel da Tcheco-Slovaquia para os seus alliados occidentaes.

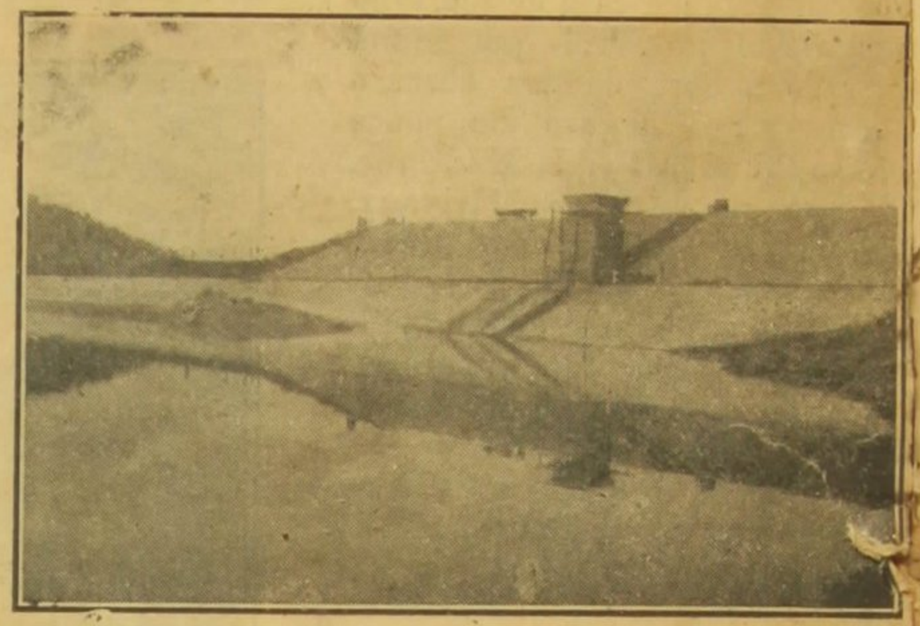
Essa politica larga e fecunda, lumi[illegible]osa mesmo é o maior titulo de gloria do Chanceller da Bohemia.

C. F.

AS OBRAS DO NORDESTE

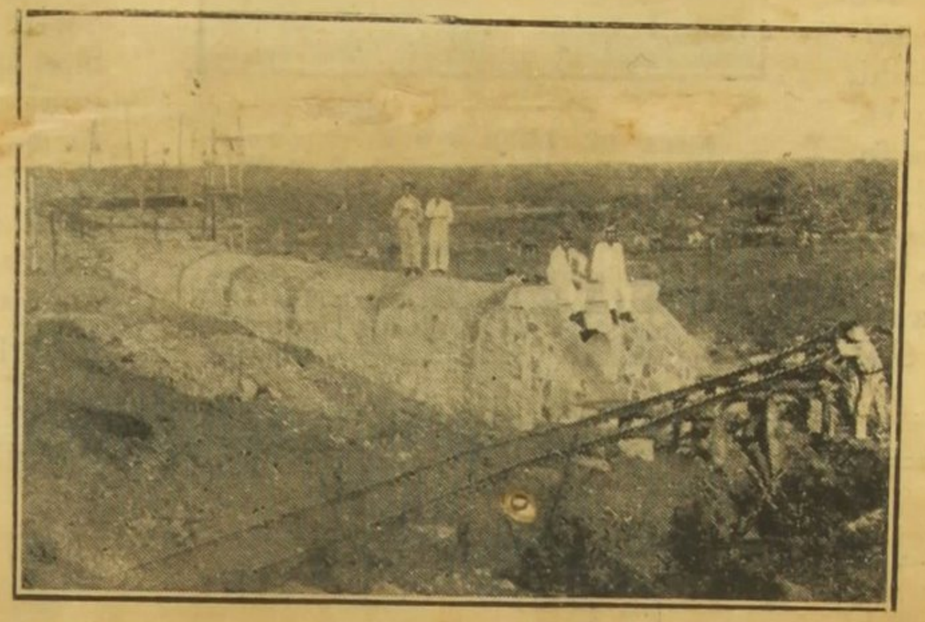


A população do Riacho do Sangue, contemplando a euchente do açude do mesmo nome, em pleno coração do Ceará.



O lençol de agua do açude Riacho do Sangue, no Ceará.

As nossas photographias representam varios aspectos dos trabalhos, quando em via de finalisação, do grande açude do Riacho do Sangue, municipio de Cachoeira, no sertão do Ceará, iniciado pelo governo federal durante a calamitosa sêcca de 1915. Durante o inverno deste anno, esse grande reservatorio esteve a pique de ser arrombado, por causa de um defeito da parede. Foi, porem, milagrosamente concertado a tempo.



Galeria do Açude Santo de Russos, em construcção. O dito açude fica situado a 30 kilometros da cidade para o poente.
(Photographia mandada pelo juiz Eusebio de Souza).

Estas photographias nos foram enviadas pela illustre Dr. Euzebio de Souza, digno magistrado em S. Bernardo das Russas, naquella região. Esse bello lençol de agua é um bem inestimavel para toda a zona circumjacente, onde o habitante é dos que mais trabalha, se esforça e progride no Ceará.

O consolo do livro Dizia-me outro dia um amigo intimo:

— Meu caro, tenho sido e deixado de ser varias vezes na vida deputado e ministro. No emtanto, quando perco uma das posições politicas, não fico abalado. Sei que continuo jornalista e escriptor. Sei que tenho uma penna capaz — desculpe a immodestia — de fazer bons artigos e produzir bons livros. Por isso fico consolado. Nunca deixo de ser o que sou. E tenho uma profunda, immensa piedade dos pobres homens que são sómente politicos! Ah! meu amigo, que pena me fazem esses pobres personagens quando o acaso lhes despe na praça publica a libré da Camara, do Senado ou duma Secretaria de Estado. Que pena delles, coitadinhos, meu amigo! E eram tão enfatuadinhos, os pobres de espirito!

Acabando de dizer essas ultimas ironias, o meu bom amigo despediu-se e foi tomar chá...

25-3-922

... apostolo ... como a lei b... sua b... sua alegria, su... reoccupa... somente fazer o bem sem pensar no peccado e no mal, deram fundo golpe no poder e fama de Satanaz. Essa grande claridade de sentir e de amar illuminou as lobregas almas medievas que os medos escureciam e os dogmas aferrolhavam. O diabo fugiu. E, por isso, a Bôa Nova dos irmãos franciscanos ...brilhou á face da Italia como um ...rande lago tranquillo á luz do sol.

"Cada qual fez sua egreja e sua religião dentro de si proprio. Sobre todos velava a misericordia divina. Que todos se amassem, se ajudassem e se arrependessem. Deus perdoaria suas faltas. A esmola resgatava peccados. Essa doutrina matava aos poucos o terror secular do ...onio, vindo o Apocalypse, alicerçado nas theogonias orientaes, espalhado pelos manicheus e mantido pelos dirigentes de Roma.

A humanidade caminhou muito e um a um os infelizes diabos fôram morrendo. Hoje, delles mal resta uma pallida lembrança. E a demonologia é simplesmente uma curiosa e bizarra sciencia morta.

João do NORTE.

antiga Para mostrar quão antiga era a nobreza de sua familia, con... que exagerado e tartarinesco como todos os gas... que seus paes ainda pagavam os juros da dihida pelos ancestres para visitar no presepio ... Menino-Deus!

... um dos nossos almofadinhas, mostrando-me a ...rmas do seu annel de cornalina, falava espa...mente da fidalguia de sua raça, provinda de familias italianas, espanholas e portuguezas, caldeadas na época colonial.

E eu fiquei a pensar que se a sua familia tivesse de pagar alguns juros seria ainda do dinheiro que um dos seus avós pedira talvez emprestado para pagar ao seu senhor o quanto por elle dera ao capitão do bergantim que o trouxéra da Guiné...

A venda da mulher Houve entre as leis medievaes inglezas uma que permittia ao marido descontente de sua mulher vendêl-a em hasta publica. As chronicas do Reino Unido referem varios casos concretos da applicação da mesma.

No Brasil, os maridos desgostosos com as suas mulheres, preferem matal-as barbaramente a faca ou a tiro.

Quasi todos os dias os nossos jornaes registram desses crimes ou noticiam a absolvição dum desses uxoricidas. Os poderes publicos olham indifferentemente para esse oceano de crimes rubros. Não seria melhor que providenciassem de maneira á pôr em pratica entre nós a vetusta lei ingleza? Se assim fôsse, muitos de nossos ferozes criminosos se tornariam pacificos leiloeiros ou negociantes...

1-Abril-922

1 Abril 1922

A estação em Caxambú

O nosso companheiro Claudio França passou este mez uma semana na elegante cidade de aguas mineira de Caxambú, e trouxe na sua carteira de viagem alguns esboços ligeiros dos aspectos sociaes daquella vida distante e diversa da do Rio, embora levada pela mesma gente. Arrancamos dessa carteira algumas fôlhas e as publicamos todas neste numero em homenagem a Caxambú.

Caxambusadas Ha no parque das aguas de Caxambú uma fonte um tanto sulfurosa que é denominada, sem motivo algum certo, a Fonte da Belleza. Rodeiam-n'a gramados verdes e canteiros floridos, e perto della sussurram vicejantes touceiras de capim.

Varias pessôas a quem perguntei porque motivo deram tão especial titulo áquella fonte responderam-me affirmando que as suas propriedades chimicas quando muito poderiam fazer algum bem a pelle, em applicações externas, por causa do enxôfre. No emtanto, eram de opinião que de nada valia.

O certo é que a lenda de que tal fonte dá belleza existe e continuará a existir por muito tempo ainda. E eu mesmo presenciei um facto oriundo do seu prestigio.

Era de manhã muito cedo e como não me tivessem ainda trazido o cavallo em que deveria ir a Baependy resolvi dar umas voltas no bello parque de Caxambú. Perto das touceiras de bambú de que falei, sentei-me num balanço de madeira e fiquei a respirar o ar puro de manhã. Nisto, um vulto de mulher, de *tailleur* escuro, rôsto coberto por espesso véu branco, adeanta por uma alameda em direcção á fonte mara... Não me viu, porque os bambús me occultaram. Não reconheci, porque ... mais grosso que o de uma dama turca que vae ao bazar. Desceu os degraus do kiosque da fonte e nella demoradamente lavou as mãos e mais demoradamente o rôsto.

Até o ultimo dia que passei em Caxambú não consegui reconhecer a visitante embuçada, que um guarda do parque me disse daquelle geito todas as manhãs.

C. F.

Caxambusadas

Curiosa a roda da ro... no Club Central de ... Muito curiosa ... a gente di... servação. Gen... copria terra, gente ... Paulo e sobretudo ... do Rio. Moços e ...elhos e velhas. ...de smocking e ... pessoal sem ...g e sem decote. ...ando no pan... uas eo... u su... ses todos fo... as e ...hu...

da montanha. Gorda e com cinco queixos. Nas orelhas um par de bichas enormes, argolas negras, de ebano, de onyx, não sei de que materia preciosa côr da noite, umas argolas como as que os selvagens da Africa carregam no nariz. E por causa desses ar...lões pretos du... outro lado do ...sto, pendentes das orelhas, um *croupier* ...rioso appellidou-a: ...*Double-Zero!* ...lla soubesse!...

C. F.